JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 29 de outubro de 1978 — Ano LXXXVIII — N.º 204

TEMPO

Nublado sujeito a instabilidade principalmente pela madrugada melhorando no período. Ventos: Sul/Este fracos. Temperatura: estável. Máx.: 34.5 (Bangu). Mín.: 18.8 (Sta. Teresa). (Mapas na pág. 20)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 120 páginas em quatro cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Caderno de Quadrinhos.**

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$ 5,00
Domingos . . . Cr$ 6,00

Outros Estados:

Dias úteis . . . Cr$ 10,00
Domingos . . . Cr$ 11,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807:

3 meses . . . Cr$ 420,00
6 meses . . . Cr$ 730,00

São Paulo — (CAPITAL)

3 meses . . . Cr$ 600,00
6 meses . . . Cr$ 1 200,00

Postal, via terrestre em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$ 460,00
6 meses . . . Cr$ 800,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$ 550,00
6 meses . . . Cr$ 990,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 207.00
6 meses . . . US$ 414.00
1 ano . . . . US$ 829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$ 150.00
6 meses . . . US$ 300.00
1 ano . . . . US$ 600.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 304.00
6 meses . . . US$ 608.00
1 ano . . . . US$ 1 216.00

VIA MARÍTIMA: América, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 41.00
6 meses . . . US$ 82.00
1 ano . . . . US$ 164.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 58.00
6 meses . . . US$ 116.00
1 ano . . . . US$ 232.00

São Paulo

Sadat faz como Carter quer e mantém reunião

Depois de um apelo do Presidente Jimmy Carter, o Presidente Anwar Sadat concordou em cancelar uma ordem para que sua delegação às conversações de paz com Israel retornasse ao Cairo, oficialmente, para consultas, na prática, porque ficara agastado com a decisão israelense de expandir as colônias judaicas na Cisjordânia.

Menahem Begin, que concordou em discutir o problema das colônias esta semana com Carter, telefonou a Sadat, para o cumprimentar pelo Prêmio Nobel que ambos ganharam. Begin recebeu-o como "uma grande honra", mas ressaltou que "a verdadeira alegria só virá quando a paz for assinada". (Pág. 16)

Ludwig garante clima de paz até às eleições

Um dia depois de o Governador Paulo Egydio Martins ter dito que há um clima de agitação em São Paulo, o porta-voz do Governo, Coronel Rubem Ludwig, garantiu que o país está tranqüilo e, por todas as informações de que dispõe, assim continuará até às eleições de 15 de novembro. Disse, ainda, que não haverá alterações à Lei de Segurança Nacional.

Na inauguração da Rodovia dos Bandeirantes, o Presidente Ernesto Geisel criticou os que põem em dúvida a sua honestidade: "Esses são poucos e estou certo de que ficarão à margem e continuarão a clamar", respondeu o Presidente. Disse acreditar que a História lhe fará justiça. (Página 7)

O ex-Presidente Jânio Quadros voltou ontem à Vila Maria, um bairro paulista de classe média, onde começou sua carreira política como candidato a vereador, na década de 50, acompanhado do Deputado Dias Meneses, do MDB, a quem resolveu apoiar. Sem as irreverências do passado, mas ainda um crítico obstinado aos que favorecem as práticas de corrupção no país, o ex-Presidente comandou passeata pelas ruas do bairro, vassoura à mão. Na presente campanha, Jânio Quadros não pretende participar de comícios e grandes concentrações políticas. Mas fará campanha, de porta em porta, em favor do Sr Meneses, o parlamentar que, através de emenda à Constituição, lhe garantiu pensão vitalícia da União, na condição de ex-Presidente. (Pág. 4)

Freira banida em março de 70 quer voltar

Banida em março de 1970, quando seu nome foi incluído na lista dos 48 presos políticos trocados pelo Cônsul japonês então seqüestrado, a Irmã Maurina Borges da Silveira — embarcada, sob protestos, para o México — está tendo a revisão do seu caso pedida. Ela quer voltar ao Brasil, aceita responder a processo, mas não quer ser presa de novo.

A Irmã Maurina foi presa em Ribeirão Preto com um grupo acusado de atividades subversivas. Foi torturada e seus torturadores excomungados; insistiu sempre em sua inocência. Em 1971, o Conselho da 2a. Auditoria Militar decidiu, por unanimidade, que ela poderia voltar ao país, considerando que sua inclusão na lista dos presos foi "insidiosa manobra". (Página 18)

Faria Lima faz "o Governo que governa"

Governador unicamente com base no método de planejamento para executar foi o estilo de administração adotado pelo Governador Faria Lima e que lhe permitiu realizar 4 mil 358 projetos que vão desde a abertura de uma escola rural em Porciúncula à construção de 17km de pré-metrô e 19km de metrô, entre outras obras.

Com esse novo estilo de governar, o novo Estado do Rio de Janeiro investiu num só quadriênio — sem aumentar ou criar tributos — três vezes em obras públicas (descontada a inflação) do que os antigos Estados da Guanabara e do Rio juntos: Cr$ 32 bilhões contra pouco mais de Cr$ 3 bilhões pelos dois Estados extintos. (Página 28)

Metalúrgicos não conseguem mais que 56%

Dirigentes de 22 sindicatos patronais paulistas, dos ramos de metalurgia e material elétrico, insistiram ontem, após reunião de mais de cinco horas, na sua proposta de aumento salarial de até 56%, considerando precipitada a decisão dos metalúrgicos da Capital, Osasco e Guarulhos de convocar greve para amanhã antes de esgotadas as negociações. Os trabalhadores querem 70%.

O ex-presidente da Ford Brasil e novo diretor para a América Latina da Ford Corporation, Joseph O'Neil, afirmou que deixa o Brasil "com a certeza de que as legislações sindical e trabalhista devem ser modificadas", porque "no momento em que patrões e trabalhadores deixam de respeitar as legislações em vigor não tem sentido elas continuarem". (Páginas 32 e 33)

"Caderno Especial"

- *Distribuição de Renda e Pobreza no Brasil* traz recomendações de política do Banco Mundial.
- Após visita à Argentina e ao Chile, o repórter Luiz Barbosa escreve *Beagle, a Guerra Prometida.*
- *Igreja e Dissidência na Polônia*, da enviada especial Arlette Chabrol.
- Os economistas Sebastião M. Vital e Otávio Gouvêa de Bulhões Fº relacionam *Crédito Subsidiado, Dívida Pública e Distribuição de Renda.*
- *EUA—Brasil, um Confronto Institucional*, Ismael do Prado.
- *Sociedade Democrática e Ensino Jurídico*. Vicente Barreto.
- *Segurança de Quem?*, Fábio Konder Comparato.

"Caderno B"

- Motorista, trocador e passageiro falam do ônibus, um transporte falido.
- Nem no Museu Nacional o índio tem seu espaço.
- Um roteiro para o comércio fechado do Leblon.
- A violência *punk* termina em assassínio.
- O teatro infantil amadurece em Curitiba.
- Carlos Eduardo Novaes e a preparação do povo para o voto.
- José Carlos de Oliveira, *O Teco-Teco.*
- Zózimo traz Ana Maria Berenguer, modelo brasileiro em Paris.

Estrangeiros têm mais terra do que podem

Dos 9 milhões 764 mil 342 hectares de terras no Brasil em mão de estrangeiros, o INCRA só autorizou 324 mil 598 hectares, de acordo com os limites estabelecidos por lei em 1969. Levantamento encomendado ao Serpro descobriu que 990 estrangeiros têm áreas acima do limite fixado, e 19 municípios têm mais de um quarto de sua área ocupada por estrangeiros.

A partir dos dados levantados, o INCRA investigará se as aquisições foram feitas já na vigência da lei e se tiveram autorização especial da Presidência da República; caso contrário, os contratos terão de ser refeitos. O Projeto Jari, do americano Daniel Ludwig, ocupa 11% da área em poder de estrangeiros, ou seja mais de 1 milhão de hectares. (Pág. 24)

A Associação dos Supermercados anunciou que as filas para comprar carne acabarão na próxima semana, porque, a partir de amanhã, o Governo aumentará a cota do produto congelado de 2 mil 400 t semanais para 3 mil (Pág. 23)

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 29 de outubro de 1978 — Ano LXXXVIII — N.º 204

TEMPO

Nublado sujeito a instabilidade principalmente pela madrugada melhorando no período. Ventos: Sul/Este fracos. Temperatura: estável. Máx.: 34.5 (Bangu). Mín.: 18.8 (S. Teresa). (Mapas na pág. 20)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 120 páginas em quatro cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos,** mais **Revista do Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$	5,00
Domingos . . . Cr$	6,00

Outros Estados:

Dias úteis . . . Cr$	10,00
Domingos . . . Cr$	11,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807:

3 meses . . . Cr$	420,00
6 meses . . . Cr$	730,00

São Paulo — (CAPITAL)

3 meses . . . Cr$	690,00
6 meses . . . Cr$	1 200,00

Postal, via terrestre em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$	460,00
6 meses . . . Cr$	800,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$	550,00
6 meses . . . Cr$	990,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$	207.00
6 meses . . . US$	414.00
1 ano . . . US$	829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$	150.00
6 meses . . . US$	300.00
1 ano . . . . US$	600.00

Demais países:

3 meses . . . US$	304.00
6 meses . . . US$	608.00
1 ano . . . . US$	1 216.00

VIA MARÍTIMA: América, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$	41.00
6 meses . . . US$	82.00
1 ano . . . . US$	164.00

Demais países:

3 meses . . . US$	58.00
6 meses . . . US$	116.00
1 ano . . . . US$	232.00

São Paulo

O ex-Presidente Jânio Quadros voltou ontem a Vila Maria, um bairro paulista de classe média, onde começou sua carreira política como candidato a vereador, na década de 50, acompanhado do Deputado Dias Meneses, do MDB, a quem resolveu apoiar. Sem as irreverências do passado, mas ainda um crítico obstinado aos que favorecem as práticas de corrupção no país, o ex-Presidente comandou passeata pelas ruas do bairro, vassoura à mão. Na presente campanha, Jânio Quadros não pretende participar de comícios e grandes concentrações políticas. Mas fará campanha, de porta em porta, em favor do Sr Meneses, o parlamentar que, através de emenda à Constituição, lhe garantiu pensão vitalícia da União, na condição de ex-Presidente. *(Pág. 4)*

Sadat faz como Carter quer e mantém reunião

Depois de um apelo do Presidente Jimmy Carter, o Presidente Anwar Sadat concordou em cancelar uma ordem para que sua delegação às conversações de paz com Israel retornasse ao Cairo, oficialmente, para consultas, na prática, porque ficara agastado com a decisão israelense de expandir as colônias judaicas na Cisjordânia.

Menahem Begin, que concordou em discutir o problema das colônias esta semana com Carter, telefonou a Sadat, para o cumprimentar pelo Prêmio Nobel que ambos ganharam. Begin recebeu-o como "uma grande honra", mas ressaltou que "a verdadeira alegria só virá quando a paz for assinada". (Pág. 16)

Ludwig garante clima de paz até às eleições

Um dia depois de o Governador Paulo Egydio Martins ter dito que há um clima de agitação em São Paulo, o porta-voz do Governo, Coronel Rubem Ludwig, garantiu que o país está tranquilo e, por todas as informações de que dispõe, assim continuará até às eleições de 15 de novembro. Disse, ainda, que não haverá alterações à Lei de Segurança Nacional.

Na inauguração da Rodovia dos Bandeirantes, o Presidente Ernesto Geisel criticou os que põem em dúvida a sua honestidade: "Esses são poucos e estou certo de que ficarão à margem e continuarão a clamar", respondeu o Presidente. Disse acreditar que a História lhe fará justiça. (Página 7)

Freira banida em março de 70 quer voltar

Banida em março de 1970, quando seu nome foi incluído na lista dos 48 presos políticos trocados pelo Cônsul japonês então sequestrado, a Irmã Maurina Borges da Silveira — embarcada, sob protestos, para o México — está tendo a revisão do seu caso pedida. Ela quer voltar ao Brasil, aceita responder a processo, mas não quer ser presa de novo.

A Irmã Maurina foi presa em Ribeirão Preto com um grupo acusado de atividades subversivas. Foi torturada e seus torturadores excomungados; insistiu sempre em sua inocência. Em 1971, o Conselho da 2a. Auditoria Militar decidiu, por unanimidade, que ela poderia voltar ao país, considerando que sua inclusão na lista dos presos foi "insidiosa manobra". (Página 18)

Faria Lima faz "o Governo que governa"

Governador unicamente com base no método de planejamento para executar foi o estilo de administração adotado pelo Governador Faria Lima e que lhe permitiu realizar 4 mil 358 projetos que vão desde a abertura de uma escola rural em Porciúncula à construção de 17km de pré-metrô e 19km de metrô, entre outras obras.

Com esse novo estilo de governar, o novo Estado do Rio de Janeiro investiu num só quadriênio — sem aumentar ou criar tributos — três vezes em obras públicas (descontada a inflação) do que os antigos Estados da Guanabara e do Rio juntos: Cr$ 32 bilhões contra pouco mais de Cr$ 3 bilhões pelos dois Estados extintos. (Página 23)

Metalúrgicos não conseguem mais que 56%

Dirigentes de 22 sindicatos patronais paulistas, dos ramos de metalurgia e material elétrico, insistiram ontem, após reunião de mais de cinco horas, na sua proposta de aumento salarial de até 56%, considerando precipitada a decisão dos metalúrgicos da Capital, Osasco e Guarulhos de convocar greve para amanhã antes de esgotadas as negociações. Os trabalhadores querem 70%.

O ex-presidente da Ford Brasil e novo diretor para a América Latina da Ford Corporation, Joseph O'Neil, afirmou que deixa o Brasil "com a certeza de que as legislações sindical e trabalhista devem ser modificadas", porque "no momento em que patrões e trabalhadores deixam de respeitar as legislações em vigor não tem sentido elas continuarem". (Paginas 32 e 33)

"Caderno Especial"

- *Distribuição de Renda e Pobreza no Brasil* traz recomendações de política do Banco Mundial.
- Após visita à Argentina e ao Chile, o repórter Luiz Barbosa escreve *Beagle, a Guerra Prometida.*
- *Igreja e Dissidência na Polônia*, da enviada especial Arlette Chabrol.
- Os economistas Sebastião M. Vital e Otávio Gouvêa de Bulhões Fº relacionam *Crédito Subsidiado, Dívida Pública e Distribuição de Renda.*
- *EUA—Brasil, um Confronto Institucional,* Ismael do Prado.
- *Sociedade Democrática e Ensino Jurídico,* Vicente Barreto.
- *Segurança de Quem?*, Fabio Konder Comparato.

"Caderno B"

- Motorista, trocador e passageiro falam do ônibus, um transporte falido.
- Nem no Museu Nacional o índio tem seu espaço.
- Um roteiro para o comércio fechado do Leblon.
- A violência *punk* termina em assassinio.
- O teatro infantil amadurece em Curitiba.
- Carlos Eduardo Novaes e a preparação do povo para o voto.
- José Carlos de Oliveira, *O Teco-Teco.*
- Zózimo traz Ana Maria Berenguer, modelo brasileiro em Paris.

"Revista do Domingo"

- Viagem ao topo do mundo, as cores e o exotismo do Nepal.
- O cardápio completo de um jantar das Arabias.
- A Alice de Lewis Carrol deixou o diário de uma viagem de férias.
- Cursos livres de teatro criam a ilusão do estrelato e exploram a moda de ser ator.
- *Desgraças de uma Criança*, de Martins Pena, vira filme como *O Grande Desbun.*
- O Embaixador Jaime de Barros mostra seu museu particular.
- Luis Fernando Verissimo, *Futebol na Terra dos Príncipes.*

A Associação dos Supermercados anunciou que as filas para comprar carne acabarão na próxima semana, porque, a partir de amanhã, o Governo aumentará a cota do produto congelado de 2 mil 400 t semanais para 3 mil (Pág. 23)

010 ACHADOS PERDIDOS

PERDEU-SE — Plaqueta de Identificação do Chassis nº 5N15EEB121830 de Chevrolet Caravan licença ZX/2369. Quem encontrar favor ligar p/ 275-3101.

200 EMPREGOS

210 DOMÉSTICOS

ARRUMADEIRA-COPEIRA — C/ prática e referências. Tratar Rua Bogari, 104 — Lagoa. Tel. 266-7476 e 226-3680.

A MOÇA OU SENHORA c/ ref pago 4 000,00 p/ cozinhar outra 3.000,00 p/ arrumar apto. casal s/ filhos. Folga todo domingo. Av. Copacabana, 583 ap. 806.

AGENCIA MINEIRA — Dispõe de empregados domésticos c/ refer. sólidas. Damos prazo de adaptação e contr. Garant. ficarem 6 meses. Tel. 236-1891 256-9526.

ARRUMADEIRA — Precisa-se c/ experiência e ref. Paga-se bem. Tr. Av. Epitácio Pessoa, 2094/202. Lagoa/ Ipanema.

A COZINHEIRA — Precisa-se p/ família de fino trato, paga-se bem, Rua Golf Club, 46, perto H. Nacional. Tel. 399-1181.

ADMITO EMPREGADA — Boa aparência, até 30 anos, muito instruída, para cuidar de apto. e trabalhar como secretária. R. Barão de Ipanema, 94 apto. 1104. Copa.

A UNIÃO ADVENTISTA ofer. domésticas p/ cozinha, copa, babás práticas e especializ., enfermos, caseiros e chauffers, etc. Todos c/ refer. sólidas, damos prazo de adaptação, e contr. que garanta ficarem 6 meses esperando substitutos se precisar. 255-3688, 255-8948.

ARRUMADEIRA COPEIRA — p/ casal s/filhos em São Conrado, paga-se bem, exige-se refs. mais 1 ano. Necessário saber ler/escrever e ter mais 28 anos. Tr. 399-0074.

ARRUMADEIRA — Precisa-se com referência. Ordenado 2.300,00. Av. Delfim Moreira, 130/401. Tel.: 227-2657. Leblon.

A EMPREGADA — Prática cozinha, 3 pessoas, dorme fora. 2a. e 6a. feira. Referências. 287-2489.

A COZINHEIRA — Precisa-se c/ prática e refs. trivial simples, paga-se bem, folga 15 x 15. Tr. dom. e 2a.-feira. R. Gal. San Martin, 654 Cobertura.

ARRUMADEIRA/COPEIRA — Preciso ord. 2.000 cada uma. Tel.: D. Sônia 227-1749 — Av. Vieira Souto 402 ap. 201.

A MISSÃO SOCIAL oferece ótimas domésticas de Minas e do Rio. Com doc. e referência. Tel.: 232-9381.

A COZINHEIRA — Trivial variado, passar roupa somente salário base Cr$ 2.400,00 folga a combinar. Trazer referências e docum. R. Cesario Alvim, 56/502 Bloco A Humaitá.

AGENCIA AMIGA DO LAR — Empregadas caprichosas p/ todos os serviços, babás carinhosas, cozinh. gabaritadas, acomp. e enfermeiras compet., motorista, caseiros, etc. Damos prazo de adaptação e contrato garant. ficarem 6 meses. Tel.: 255-5444, 255-3311.

ARRUMADEIRA — Precisa-se c/ prática e ref. Salário 3.000,00. Sta. Clara, 50/304.

ARRUMADEIRA — Precisa-se, com referência. Salário Cr$ 1.800,00. Jardim Botânico. Telef.: 246-1372.

ARRUMADEIRA — Q. cozinhe 3.000, preciso p/casal que trab. fora, folga sem. Avenida Copa, 610 s/loja 205.

ARR. E 2 COZINHEIRAS — P/ [illegible] 1 casal folga 1 sem. Dou INPS, 130 c/ ref. Av. Copacabana, 361 ap. 911. D. Maria. Esq. Const. Ramos. (Até 4 mil).

A AGENCIA Riachuelo que desde 1934 vem servindo a R.J., oferece cop-arr., coz. babá e diaristas a partir Cr$ 2.000,00 t. 231-3191/ 224-7485 R. Joaquim Silva, 128, Lapa.

COZINHEIRA / ARRUMADEIRA c/ prática p/ 3 pessoas. Dorme, refer. 1 ano dorme. Sal. 3.000 R. Chapot Prevost, 351 Freguesia. I. Gov. Tel.: 396-0265.

COZINHANDO VARIADO — Fazendo serviços leves de 2 senhoras, pago Cr$ 4.000,00 folga todo domingo. Quarto c/ TV. Av. Copacabana, 583/806.

COPEIRA/ARRUMADEIRA — C/ experiência e referências mínimas 1 ano. Dorme emprego. Cr$ 2.000. Tel.: 267-9181.

COZINHEIRA — Precisa-se c/ ref. p/ trivial fino. Sal. 4.000,00. Trivial variado 3.000,00. Sta. Clara, 50/304.

COZINHEIRA(O) — Precisa-se trivial variado, c/ muita prática, folgas semanais, INPS integral. 3 mil. Tr. R. Macedo Sobrinho, 8. Humaitá, 2a. f.

COPEIRA E ARRUMADEIRA — Precisa-se que durma no emprego, folga cada 15 dias — Ordenado a combinar — tratar 2a.-feira no horário de 9:30 às 18:00 — na Av. Nilo Peçanha, 50 — Sala 1002.

COZINHEIRA TRIVIAL VARIADO — Pago 5.000,00 cozinhar e lavar na máquina apto. casal estrangeiro, folga domingo Av. Copacabana, 583 ap. 806.

COPEIRA — Precisa-se c/ experiência e ref. Paga-se bem. Tr. Av. Epitácio Pessoa, 2094/202. Lagoa/ Ipanema.

COPEIRA/ARRUMADEIRA, também passa roupa casal. Prática servir à francesa. Folga 15/15 dias mais 1 tarde p/ semana. Exige-se referências. — Ord. 3.000,00. Tel.: 237-7770 Copacabana.

COZINHEIRA — Casa pequena família. Dorme no emprego Saída de 15 em 15 dias Rua Alexandre Stockler 106 Gávea.

COZINHEIRA — Precisa trivial fino p/ senhor só, perto do Marquês de S. Vicente, Gávea, folga semanal, ord. 3.500,00. Tratar Av. Atlântica, 672/301 Tel. 275-4301 c/ documentos e refs.

COZINHEIRA trivial variado pago Cr$ 4.000,00 cozinhar e lavar na máquina apto. casal estrangeiro folga domingo Av. Copacabana 1.085 ap. 416.

COZINHEIRA — Que arrume casa, de 3 pessoas, precisa-se Rua Xavier Silveira 95 apto. 704.

COZINHEIRA — Cr$ 3.500, preciso que lave p/ casal que trabalhe fora, folgas semanais. Av. Copa. 610 s/loja 205.

COZINHAR E ARRUMAR — Apto. de 3 pessoas adultas de tratamento. Folga aos domingos. Exige-se referências e documentos. Ordenado inicial. Cr$ 3.000,00. Corte do Cantagalo, 83 apto. 5.101, Copacabana. Fone. 237-0059.

COZINHEIRA — Precisa-se, trivial variado. Salário 2.500. Documentos e referências. R. Laranjeiras, 83 apto. 1001.

COZINHEIRA — Precisa-se forno e fogão — Paga-se bem — Tratar à Rua Rego Lopes, 30 — c/ 26 — Tijuca.

COZINHEIRA — Precisa-se de pessoa competente para família de tratamento. Paga-se bem. Exige-se documentos e referências. Tratar 2a. feira entre 14 hs. e 18 hs. Rua Joaquim Campos Porto, 441, Jardim Botânico.

COZINHEIRA — Preciso c/ refs. e doctos., dorme emprego, pago bem. Av. Rui Barbosa, 500/1202, Botafogo. Tel. 225-3177.

COZINHEIRA — Precisa-se para trabalhar na Zona Sul. Trivial Fino Variado. Com referências. Procurar D. Ligia, Av. 13 de Maio, 45/ 39 andar. S. 1. 3.500,00.

COZINHEIRA — Casal precisa para trivial fino e variado com referências. Paga-se bem. Tratar Rua Visconde de Albuquerque, 570/ 401, 2a.-feira a partir das 08,00 hs.

Coluna do Castello

O preço das eleições

O voto distrital está chegando ao país com o patrocínio da Lei Falcão. Depois de resistir tantas décadas aos arrazoados metódicos de parlamentares como o Senador Gustavo Capanema, sua adoção virá, com a primeira reforma eleitoral que passar pelo Congresso, no regaço de um argumento constrangedor, mas eficaz: o balanço financeiro da campanha deste ano. A pudicícia oficial continua, é claro, a declarar valores discretos para os gastos de candidatos. Mas a lamúria dos próprios políticos — mais plausível — revela que os mandatos são disputados a preços de mercado negro.

Exceto, talvez, pelas eleições de 1962, que o IBAD salpicou de dólares, estas são "as mais corruptas da História da República", segundo quem administra essa questão para o MDB, o Deputado Thales Ramalho, secretário-geral do Partido. Por exigência do ofício, é em seu gabinete que baixam as queixas, denúncias e, presumivelmente, também as confissões dos candidatos. Seu diagnóstico: "Foi nisso que deu a imaginação eleitoral do regime, com a Lei Falcão, a Lei Etelvino, o bipartidarismo, tudo que veio moralizar o voto". Um sintoma: o próprio ex-Deputado Etelvino Lins, que em 1974 criou a lei do transporte gratuito de eleitores para compensar a influência do poder econômico, há meses abandonou o projeto de uma candidatura em Pernambuco, queixando-se de seu custo e anunciando que devolvia as contribuições recebidas.

Eis, portanto, um propósito político do Governo Geisel que saiu pela culatra do pacote de abril. Em 1974, às vésperas da vitória do MDB nas urnas do Senado, ele anunciava a arenistas reunidos no Palácio da Alvorada o advento do ideal dos cadetes de 22: o sistema eleitoral "livre de vícios de qualquer natureza". E disse: "A partir de agora, o transporte e a alimentação de eleitores da Zona Rural ficarão a cargo da Justiça, opondo-se, dessa forma, obstáculos definitivos aos abusos econômicos nas eleições. Do mesmo modo, ao se aprimorar o direito dos Partidos ao acesso gratuito às estações de rádio e televisão, proibiu-se a propaganda onerosa que favorecia os candidatos de maiores possibilidades financeiras".

Quatro anos depois, essa frase está revogada em condições lastimáveis. Pela primeira vez, afirmam os emedebistas, o dinheiro contaminou a campanha no Rio Grande do Sul, malbaratando uma preparação de ano e meio feita pelo candidato do Partido ao Senado, Sr Pedro Simon. Na Região do Norte fluminense, os cabos eleitorais foram leiloados entre a Arena e o MDB. No Rio de Janeiro, um só candidato admite, em surdina, despesas de Cr$ 600 mil mensais, só em gasolina, para manter rodando sua frota de Kombi. Em São Paulo, graças às divisões da Arena, várias empresas foram visitadas por arrecadadores de fundos para a campanha, em nome do mesmo governismo, mas estendendo diferentes cuias suplicantes.

Num cenário desses, o realejo da Lei Falcão toca para não ser ouvido. Esta semana, a suspensão de seus programas no Rio e em Pernambuco pela Justiça Eleitoral escancarou para a opinião pública o ridículo da sua intimidade. Arena e MDB sequer se interessaram em refazer as gravações, por falta de rentabilidade política. Mas o rol de infrações que os TREs divulgaram, amparando a decisão, mostrava muito mais o descaso das direções partidárias por esse tipo de propaganda do que, propriamente, evidências de burla intencional e deliberada. Em 1974, ainda se gastava energia para escapar à censura da Lei Falcão. Hoje, ela não merece nem isso.

Sem o rádio e a TV, cobrir os desmedidos territórios das eleições proporcionais é desafio que os candidatos enfrentam com orçamentos imensos e, a rigor, ilegais. A elefantíase das cifras desta campanha já estava, camuflada, por trás da partilha das vagas de senadores biônicos. Depois, a crença de que o General João Baptista de Figueiredo vai compor seu Governo de olho nos mapas eleitorais espicaçou políticos a se credenciarem nas urnas, dourando-se em grandes votações, para um posto no futuro mandarinato. Essa emulação não chegou a produzir — como poderia — uma campanha de verdade, porque em grande parte a Lei Falcão não deixou. Mas trouxe a inflação para a política brasileira e levou à falência o sistema das eleições proporcionais talvez definitivamente. Pelo menos, disso se convencem dia após dia os candidatos que, das bancadas que vierem a formar com um lastro de dívida, tratarão de introduzir o voto distrital no país. Com ele, pelo menos, o contato direto com os eleitores, em áreas restritas, dispensa orçamentos como os de 1978.

Marcos Sá Corrêa
Redator-substituto

Advogado denuncia arenista

Recife — O advogado Sérgio Longman denunciou o desvio de alimentação do restaurante da Universidade Federal de Pernambuco para um comitê distrital da campanha eleitoral dos candidatos Cid Sampaio, que concorre a uma cadeira no Senado, e Sebastião Barreto Campelo, ex-pró-Reitor da Universidade que disputa um mandato de deputado federal.

A denúncia foi feita baseada em documentos internos da Universidade, nos quais dois diretores solicitam o fornecimento de 72 refeições e indicam o Comitê Eleitoral como lugar de entrega, informando que elas se destinam ao "pessoal que participará do encontro comunitário desta pró-Reitoria".

Candidato a senador recusa prestígio de Figueiredo e Geisel

Cuiabá — "Não emprestarei prestígio nem de Geisel nem de Figueiredo para minha campanha política; para me eleger senador por Mato Grosso eu tenho prestígio próprio e o apoio do povo, que sempre acreditou em mim" — assim reagiu o ex-Governador Garcia Neto, candidato ao Senado, diante das notícias de que o General Figueiredo estaria recomendando a candidatura de Benedito Canellas, seu concorrente, na chapa A da Arena, a pessoas influentes na vida política do Estado.

"Não tenho dinheiro do povo para manipular na minha campanha, não tenho carros e funcionários públicos à minha disposição; a disparidade de recursos é muito grande, e Garcia Neto está fazendo da sua campanha uma continuação do seu Governo, com mentiras e corrupções. A luta é desigual, e portanto eu busco apoio do General Figueiredo, que é meu amigo pessoal", justificou o Sr Benedito Canellas para os líderes emedebistas que o rotularam de "representante oficial da ditadura em Mato Grosso".

César Cals desengasga osso de galinha e volta a fazer campanha da Arena no Ceará

Fortaleza — O Senador *biônico* do Ceará, engenheiro César Cals de Oliveira Filho, já está fora de perigo, depois de engasgar-se com um pedaço de osso de galinha, durante almoço arenista, sexta-feira, no distrito de Brotas, Município de Itapipoca, 90 quilômetros a Oeste de Fortaleza. Ontem, ele já podia falar e alimentar-se normalmente, depois de uma intervenção cirúrgica que exigiu até anestesia geral.

O ex-Governador cearense estava pedindo votos para o candidato da Arena ao Senado, José Lins Albuquerque, quando enfrentou o problema do osso de galinha, que se alojou no esôfago, obrigando a intervenção cirúrgica, a qual não teve nenhuma consequência grave. Ontem, conversando com jornalistas, o Sr César Cals dizia: "não será um osso de galinha que impedirá que José Lins se eleja Senador da República."

APOSTAS

A disputa senatorial entre o candidato da Arena, José Lins Albuquerque e o seu adversário do MDB, Chagas Vasconcelos, tem motivado grandes apostas em Fortaleza. Ontem, por exemplo, um dos mais importantes empresários do Ceará apostou com o ex-Deputado arenista Edival Távora na vitória do candidato do MDB, Deputado Chagas Vasconcelos, por uma diferença superior a 10 mil votos.

Mas há outras apostas: outro empresário importante de Fortaleza apostou "a minha alma" na vitória do engenheiro José Lins ao Senado. As apostas envolvem, sempre, caixas de uísques escoceses.

O ex-Prefeito de Fortaleza, Evandro Ayres de Moura, um advogado paraibano que conseguiu se integrar à política e aos políticos locais, apostou Cr$ 100 mil na vitória do candidato da Arena ao Senado com uma maioria superior a 100 mil votos. Dirigentes do MDB aceitaram a aposta com a promessa de que o seu candidato se elegerá com uma diferença superior a 100 mil votos sobre o seu adversário arenista.

Ontem, uma parte da população de Fortaleza pôde ler a mensagem do Deputado Antônio Morais, do MDB, impressa em várias faixas colocadas no eixo de algumas avenidas desta Capital. As faixas diziam: "O professor Morais está morando a 203 metros daqui, bem ali." A inscrição é uma mensagem subliminar, porque o parlamentar oposicionista cearense está registrado no TRE sob o número 203, o mesmo que lhe garantiu a vitória nas eleições de 1974.

Há quatro anos, o professor Morais, tirando proveito da propaganda eleitoral ao vivo pela TV e pelo rádio, ganhou mais de 25 mil votos declamando poesias, cantando e até chorando — e às vezes dançando — diante da câmara de televisão. Agora, sem poder utilizar a chamada Lei Falcão, o Deputado Antônio Morais usa a sua camioneta Veraneio, toda desenhada com corações, no meio dos quais há inscrito o número 203, para ganhar novos votos.

Dilermando prepara a mudança

Brasília — Dentro de duas semanas, o General Dilermando Gomes Monteiro transferirá o Comando do II Exército para poder dedicar-se à mudança definitiva de sua família para o Distrito Federal, preparando-se para a posse no Superior Tribunal Militar, marcada em princípio para o dia 15 de dezembro, mas que poderá ser antecipada para que o Ministro do Exército possa comparecer.

No dia 15 de dezembro, o Ministro do Exército deverá comparecer a uma formatura no Rio de Janeiro; por isso, para que ele possa assistir à investidura do General Dilermando Gomes Monteiro no Superior Tribunal Militar, a data terá que ser outra, provavelmente dia 6 ou 8 de dezembro.

Candidato condena radicais

Brasília — O Deputado Túlio Vargas, candidato da Arena ao Senado, pelo Paraná, afirmou que o processo de normalização da vida político-institucional exige de todos os seus participantes uma atitude de alta responsabilidade. "Por isso" — disse — "essa atitude é rigorosamente incompatível com qualquer posição radical, fruto do desespero ou da imaturidade".

Convencido de que sairá vitorioso na disputa pelo Senado em seu Estado, o Sr Túlio Vargas disse que "ambos os radicais, de direita e de esquerda, se unem contra os verdadeiros democratas, os liberais, os tolerantes, os defensores do diálogo e da diversidade de opiniões". Acusou os radicais de serem totalmente incompatíveis "com a normalidade da vida brasileira".

Emedebistas são demitidos em Natal

Natal — Preocupado com o que considera "coação acima de todos os precedentes", citando, entre outros fatos, demissões de funcionários públicos e ameaças do futuro Governador, Lavoisier Maia, o Senador Agenor Maria está fazendo denúncias à direção nacional do MDB, ao mesmo tempo que revela o temor de que "isso possa terminar em mortes".

"Esse povo do Governo perdeu a vergonha, está certo do insucesso eleitoral e parte para todo o tipo de pressão. Ele tem um compromisso tão violento com o Governo federal para eleger o senador e agora, dentro de uma realidade que não tinha percebido antes, começa a pressionar, mas não sei até onde o povo vai suportar isso".

Arena no Paraná arma esquema

Curitiba — Considerando que "eleição se ganha no dia", o Diretório Regional da Arena está articulando um forte dispositivo para o transporte de eleitores no próximo dia 15 de novembro, com a utilização de 5 mil carros, somente em Curitiba. Em outras grandes cidades do Estado, como Maringá, Londrina, Cascavel, Ponta Grossa e Apucarana, esquemas semelhantes estão sendo montados pelas lideranças arenistas, que esperam eleger o Sr Túlio Vargas para o Senado e bancadas majoritárias na Assembléia Legislativa e Câmara federal.

O otimismo é justificado porque todas as sondagens de opinião realizadas até aqui indicam uma forte inclinação do eleitorado paranaense para os candidatos oficiais, ao contrário do que ocorreu em 1974, quando o MDB obteve o seu maior êxito, elegendo o Sr Leite Chaves para o Senado.

Vereadores em Congresso pedem que Geisel prorrogue seus mandatos com o AI-5

Belo Horizonte — Mais de 1 mil vereadores, que participam do 5º Congresso Estadual da Classe, a ser encerrado hoje, sugeriram ontem ao Presidente da República que use as atribuições a ele conferidas pelo AI-5, "antes que ele acabe", para reformular, a Emenda Constitucional nº 8 o *pacote* de abril, prorrogando até 1982 o mandato atual dos prefeitos e vereadores.

A proposição, apresentada durante palestra do professor Mayr Godoy, do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, foi aplaudida em plenário, tendo os vereadores protestado contra o mandato-tampão, classificando-o de "fajuto e mesquinho, pois a classe não pode continuar como cobaia e tubo de ensaio da política brasileira."

VOTO DISTRITAL

O professor Mayr Godoy ressaltou, em sua conferência, que o país precisa de uma escola política a iniciar-se com o mandato municipal, "mas o Governo desconhece os problemas dos municípios pela sua má formação política". Disse que "a coincidência das eleições em todo o país é uma faca de dois gumes, pois permite a valorização do vereador nas dobradinhas com deputados, mas impede que ele possa fazer carreira política".

— Estamos lutando para adoção do voto distrital, a única maneira capaz de fortalecer realmente o sistema municipal. O mandato-tampão de dois anos não leva a nada e ninguem vai entrar em campanha para trabalhar apenas neste período, diante das despesas pré-eleitorais.

Salientou ainda que o mandato-tampão é um perigo para o aparecimento de "candidatos ousados e conturbados, já que os melhores homens públicos não disputariam cargos de dois anos para Prefeituras e Camaras municipais". Considerou que, para o próprio Governo, a prorrogação é a melhor solução:

— A prorrogação é um fato revolucionário e o próprio Governo reconhece que ninguém pode cumprir mandato tão curto a ponto de prorrogar o mandato do futuro Presidente para seis anos. O mandato de dois anos é um contra-senso.

O professor Mayr Godoy afirmou que "a redução do mandato dos vereadores e prefeitos foi uma falha da legislação revolucionária, feita da noite para o dia, contra a lógica do próprio espírito revolucionário". Acrescentou que o Governo tem interesse em prorrogar o mandato dos vereadores, "pois sabe que as bases conservadoras do interior garantem a vitória do Partido governamental".

Durante o encontro, os vereadores foram informados de que o Presidente eleito, General João Baptista de Figueiredo, está preocupado com a situação e já determinou que sua assessoria estudasse a fundo o *pacote* de abril, de modo a revogar algumas de suas instituições. No encerramento do Congresso, a ser realizado hoje pelo futuro Governador, Deputado Francelino Pereira, os vereadores deverão divulgar "a Carta Mineira", com as principais reivindicações da classe.

Emedebista considera engodo empréstimo no exterior para reforçar orçamento do Finor

Recife — "O empréstimo que será contraido pela Sudene junto a bancos internacionais, com base na exposição de motivos dos Ministros do Interior, Fazenda e Planejamento, para reforço do orçamento do Finor, representa mais um engodo que é vendido ao Nordeste em vésperas de eleições e se constituirá em grande prejuízo para a região".

A afirmação é do candidato ao Senado pelo MDB, Deputado Jarbas Vasconcelos, que acha que "ao invés de se querer levar a Sudene a uma corrida de obstáculos na busca de recursos financeiros em fontes bancárias do exterior, o que o Governo federal deveria fazer era, isto sim, restituir ao Nordeste e à Sudene suas fontes originais e essenciais de financiamento".

PRESTEZA

"E' interessante ver" — prosseguiu o parlamentar emedebista — "a grande presteza do Governo em socorrer com recursos superiores aos que a Sudene necessita, sociedades financeiras quebradas, dirigidas normalmente por pessoas simpáticas às áreas palacianas, ou ainda para atender a grupos como o Lutfalla, que hoje tem um dos seus consagrados pelo Planalto e promovido à liderança dentro do Partido governista".

Frisou ainda o Sr Jarbas Vasconcelos que "é lamentável ver como no Nordeste tudo é difícil, e mais difícil ainda no caso de Pernambuco. Lembre-se o caso do hospital universitário da Universidade Federal de Pernambuco, que permaneceu mais de 20 anos inacabado e somente teve continuidade com recursos contratados, a duras penas, junto a bancos internacionais. E' lamentável que o Finor, principal fundo de investimento para o desenvolvimento do Nordeste, apresente-se hoje totalmente deficitário. No ano passado, a Sudene enviou a Brasília orçamento prevendo a necessidade de Cr$ 14 bilhões para o hospital. Isso foi sendo reduzido e hoje está em Cr$ 7 bilhões 300 mil".

Chefe do Estado-Maior da França visita Brasil e pode comprar aviões

Brasília — Atendendo convite do Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, Brigadeiro Paglioli de Lucena, chega hoje ao Rio, às 16h, o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea francesa, General Maurice Pierre Saint Cricq. Amanhã o militar francês irá a Brasília e quarta-feira a São José dos Campos.

Embora, oficialmente, não conste qualquer entendimento a respeito da compra de aviões brasileiros, sobretudo Bandeirante ou Xingu, aventou-se a possibilidade de o General Saint Cricq levar a termo uma negociação com a Embraer envolvendo 45 aparelhos brasileiros. O Bandeirante seria utilizado no treinamento de pilotos e o Xingu no transporte de autoridades civis e militares.

Programação

Em Brasília, a chegada do General está prevista para as 12h20m de segunda-feira. Neste mesmo dia, o Chefe do Estado-Maior da FAF visitará o Brigadeiro Paglioli de Lucena, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, visitando, no dia seguinte o Cindacta — Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo, embarcando ao meio-dia para Anápolis, onde se encontra sediada a Base de Mirage, aviões franceses comprados pelo Brasil em 1972.

Na quarta-feira, o General Saint Cricq viajará para São José dos Campos onde visitará as instalações da Embraer, embarcando quinta-feira para o Rio, de onde tomará o avião, às 22h30m de volta a Paris.

"Frotista" pede volta da UNE

Aracaju — O candidato ao Senado pela Arena Deputado Heráclito Rollemberg, irmão do Deputado federal Francisco Rollemberg, um dos ex-integrantes do grupo frotista, pediu ontem a volta da UNE, "pois os estudantes não podem continuar à margem do processo de desenvolvimento político do país e devem rearticular o funcionamento de um organismo de classe, de âmbito nacional".

Para o candidato arenista, "não é justo se considerar comunista, e até subversivo, um grupo de estudantes que luta, apenas, pelo direito de opinar, de participar livremente, democraticamente, na formação específica do homem do futuro, pois as infiltrações são sempre descobertas e, via de regra, rejeitadas imediatamente pelos próprios estudantes".

JORNAL DO BRASIL □ Domingo, 29/10/78 □ 1º Caderno

Jânio volta à política e reedita mito da vassoura

São Paulo — Sob aplausos e gritos de populares, como "viva Janio, o nosso Presidente", "Janio precisa voltar", o ex-Presidente da República, Janio Quadros, retornou oficialmente à politica ontem, depois de um afastamento de 14 anos, realizando uma visita aos cabos eleitorais na Vila Maria, onde desfilou pelas principais avenidas do bairro, debaixo de um intenso foguetório. E em meio a vassouras empunhadas, que sempre foi seu simbolo politico.

Bastante gordo e dizendo aos amigos que "estou assim por causa dos bons tratos da dona Eloá (sua mulher)", Janio Quadros chegou à ponte da Vila Maria por volta das 11h, onde os cabos eleitorais do Deputado federal Dias Menezes (que tenta a reeleição) o esperavam com muitos fogos, fotógrafos contratados e equipes de cinegrafistas para documentarem o acontecimento. Deu muitos abraços e esteve sempre rodeado do povo, no seu tradicional estilo de fazer politica, sempre com o cabelo despenteado e gesticulando, como reeditando suas antigas atitudes carismáticas.

"Estou voltando ao meu bairro: demorei, mas voltei", disse Janio Quadros aos populares que o receberam na ponte. Ao ver uma enorme faixa, "o povo de Vila Maria saúda seu grande Presidente", comentou: "E' um grande presentão para mim". Com os braços para fora do Maverick que o conduzia — era dirigido por seu secretário Mário Freitas e nele viajava também o Deputado Dias Menezes — Janio acenava para todos e agradecia aos pedidos dos populares, que afirmavam que ele precisa voltar.

Entre buzinas e foguetes, logo surgiram as vassouras, uma delas empunhada por um de seus antigos cabos eleitorais, José Patricio. A vassoura foi o seu simbolo politico. Janio, antes de 1964, quando foi punido pela Revolução, usava as vassouras em seus comicios e campanhas, fazendo alusão à varredura da corrupção, especialmente quando combatia implacavelmente o seu rival no populismo paulista, o falecido Governador Adhemar de Barros.

Ao chegar no Auto-Elétrico Centenário, para visitar outro antigo cabo eleitoral, Antônio Verrastro — "pelo Janio faço qualquer coisa" — centenas de pessoas rodearam o ex-Presidente, que dizia: "Tudo isso me faz lembrar um pedaço de minha vida e de minha familia". Para inflamar o povo, que o aplaudiu, fez um vaticinio: "De 10 votos da Vila Maria, nove serão protestos, serão votos do povo contra a situação reinante, contra os governadores aclamados em pequenos circulos e senadores indicados sem o povo ser ouvido."

O Sr Janio Quadros abraçou amigos e beijou senhoritas, senhoras e crianças e uma mulher aleijada que o cumprimentou. Depois, dirigiu-se aos fundos do Auto-Elétrico centenário, onde havia uma surpresa para ele: muita caipirinha. Bebeu com os amigos, ouviu um discurso do cabo eleitoral Pernambuco Bezerra, elogiando-o e ao Deputado Dias Menezes. Com seu jeitão descontraido, continuou uma verdadeira via sacra pelo bairro da Vila Maria. Almoçou na residência do cabo eleitoral, Nilo Azevedo, e visitou outros companheiros.

Foi na Vila Maria onde Janio Quadros se lançou na politica, na década de 50. Por aquele bairro se candidatou, inicialmente, a vereador. Depois foi deputado, prefeito, governador, deputado pelo Paraná, chegou à Camara federal e, finalmente, à Presidência da República.

Sempre seu maior reduto popular, Vila Maria foi em todas as suas campanhas a sua base politica. Janio Quadros se popularizou através de seu carisma, mas também por outros meios, como o tradicional boné, que tirado de um conhecido motorneiro — na época havia os bondes — sempre vinha parar em sua cabeça. Mais tarde, os jornalistas comparando fotografias, descobriram que o boné sempre tinha o mesmo número e que aquele gesto era premeditado.

Vila Maria é um bairro nitidamente operário que se transforma, com o progresso, num centro de classe media, embora ainda existam diversas favelas como a do Parque Edu Chaves, Parque Novo Mundo e Parque da Vila Maria. Entre a população existe também uma concentração da colônia portuguesa.

São Paulo e Arquivo

Um Jânio mais velho ressurgiu no bairro paulista de Vila Maria, onde começou sua carreira na década de 50, com uma vassoura mais nova

Na entrevista, votos de êxito a Figueiredo

O ex-presidente Janio Quadros desejou ontem "um bom Governo" ao General João Baptista de Figueiredo, ao retornar às atividades politicas na Vila Maria, mas ressaltou: "não posso julgá-lo porque não o conheço". E perguntou ao repórter: "O Sr o conhece?"

O Sr Janio Quadros disse que "nunca deixou a vida pública", apesar de ter permanecido num silêncio de 14 anos por força da cassação revolucionária. "Já paguei com quatro meses na prisão pela minha presença na vida pública, e, no pais, só um outro homem, o jornalista Hélio Fernandes, também esteve confinado".

O CAMINHO

Ao dizer que observa atentamente as tendências do povo e que "os trabalhadores ainda estão perplexos e confusos", o Sr Janio Quadros argumentou que "tenho notado o surgimento de figuras excepcionais, como é o caso do Lula, por exemplo, um dirigente sindical livre, corajoso, capaz e que não pertence a nenhum Partido politico. O Partido dele é o seu Sindicato, o seu trabalhador. No momento em que essa politização chegar a todos nós, a democracia plena será possivel".

O ex-Presidente defendeu o voto distrital e o voto do analfabeto, afirmando que "no Brasil não há mais analfabetos e que todos os brasileiros estão se politizando. O que precisa é o eleitor conhecer o candidato, na área onde ele vota. E' necessário também se conhecer as tendências". Com relação à situação politica no pais, comentou: "Vejo-a como todos os brasileiros, a distancia. Não sou consultado e o povo também não o é".

AS RAIZES

Sobre o Partido Socialista, disse que existem possibilidades de ele vir a ser criado no Brasil, como outros. "Acho um pouco prematuro se falar em Partidos sem que se tenham sabido bem as tendências do povo. O próximo Partido deve incorporar o povo. O que até hoje ainda não aconteceu. Tivemos a grande figura de Getúlio Vargas. Ele não tinha nenhum Partido. Depois apareci eu, quase ao mesmo tempo, e tinha a presença e o apoio de Getúlio".

No momento — comentou — se se fundarem novos Partidos, haverá a necessidade expressa de se conhecer as tendências do povo, seus anseios, para que eles venham a ter raizes populares". Disse ainda que não sabe se um futuro Partido a que venha pertencer será o Trabalhista ou o Socialista. "Não sei ainda, só sei que me sinto rodeado pelo povo".

Quanto às suas declarações no programa **Pinga Fogo**, levado ao ar na televisão paulista, o Sr Janio Quadros esclareceu que "nunca afirmei que defendia a permanência do Presidente Geisel no cargo, disse apenas que ela não me desagradava". Sobre seu futuro politico, o Sr Janio Quadros nada quis adiantar. Uma repórter disse-lhe que, pelas suas afirmações, ele demonstrava pretender ser candidato a governador ou a presidente. "E' uma conclusão sua, mas eu não costumo contrariar moças bonitas", comentou sorrindo.

A PENSAO

Com relação à pensão que receberá por ter sido Presidente da República, o Sr Janio Quadros justificou: "Os generais e marechais que foram presidentes vêm recebendo pensões. Outro exemplo é o Governador Brizola, do Rio Grande do Sul. Houve quem dissesse que eu devo ao Deputado Dias Menezes a pensão. Mas ele foi o único candidato da Oposição que se levantou e assinou o projeto do Governo. Por isso o apoio".

Dias Menezes feia com espólio em Vila Maria

O Deputado federal Dias Menezes — candidato à reeleição nas próximas eleições — fez questão de afirmar, antes da chegada do ex-Presidente Janio Quadros a Vila Maria, que "ele não fará nenhum comicio, nenhuma concentração politica. Trata-se de uma concentração de amigos e uma visita do ex-Presidente a seus cabos eleitorais. Trata-se também de seu reinicio na atividade politica".

Disse que "o Janio Quadros é um candidato a governador ou a Presidente da República imbativel. Se ele disputar as próximas eleições, aposto nele, embora não seja rico, tudo o que eu tenho. Ele afirmou que tem como ponto de honra minha reeleição. E se mostra indignado com as infamias que foram ditas contra mim, por ter sido de minha autoria a emenda que o beneficia com uma pensão".

Arena esconde resultado de prévia que favorece o MDB

Porto Alegre — A Arena gaúcha manteve em segredo pesquisa do Ibope em 90 cidades do Estado porque "o candidato preferido da direção do Partido, Sr Mariano da Rocha (um dos três arenistas que disputam o Senado junto com o emedebista Pedro Simon) ficou em terceiro lugar", revelou ontem o Deputado Romildo Bolzan, secretário-geral do MDB local.

Segundo a pesquisa, O Sr Pedro Simon tem 51% da preferencia dos eleitores e os três arenistas, juntos, somam 43%, assim divididos: Mário Ramos, 23%; Mariano da Rocha (candidato preferido do Senador Tarso Dutra, presidente da Arena gaúcha), 15% e Gay da Fonseca, 5%. A percentagem de indecisos ficou em 6%.

Briga arenista

O sigilo na divulgação da pesquisa, que no lado arenista dá a vantagem do ex-Secretário de Turismo, Sr Mário Ramos, sobre o Sr Mariano da Rocha, é mais uma etapa da luta entre os dois candidatos desde que foram indicados: na convenção que escolheu o Sr Amaral de Souza, os Srs Mário Ramos e Mariano da Rocha (ex-Reitor da Universidade de Santa Maria) empataram em número de votos para obterem a primeira sublegenda da Arena, e a colocação de seus nomes na cédula eleitoral só foi decidida em sorteio, na semana passada, realizada no TRE e vencida por Mário Ramos.

As divergências na Arena, quanto à vaga direta ao Senado, começaram bem antes, pois o Presidente Geisel em sua primeira visita ao Estado após a escolha do Sr Amaral de Souza para Governador, numa da Base Aérea de Canoas, pediu ao Deputado Nélson Marchezan (Arena-RS) — candidato derrotado na escolha para Governador — para que fosse o candidato arenista a enfrentar o único candidato do MDB, Pedro Simon.

O secretário-geral da Arena pediu tempo para pensar, mas depois recusou o convite. Alguns de seus assessores revelaram, posteriormente, que o principal motivo para a recusa seria o pouco apoio dado pelo Senador Tarso Dutra à sua candidatura.

Não pertencendo ao antigo PSD, do qual participaram o Sr Tarso Dutra, os futuros Governador e Vice, Amaral de Souza e Otávio Germano, o Deputado Nélson Marchezan não teria o apoio total da direção regional.

Espora forte

Mesmo assim, além de obter os cargos de futuro Governador e Vice, os antigos membros do PSD também receberam a senatoria **biônica**, dada ao próprio Senador Tarso Dutra, apoiado pela maioria do Partido no Estado, e contra a posição do Palácio do Planalto, que pretendia, como senador indireto, o Senador Daniel Krieger.

Depois da escolha dos três candidatos arenistas, em sublegenda, ao Senado — a terceira vaga ficou com o suplente de Senador Gay da Fonseca (um dos ex-coordenadores, no Estado, da campanha presidencial do Senador Magalhães Pinto), começou uma disputa interna, onde o Sr Mário Ramos, reiteradas vezes, em conversas informais com a imprensa, reclamou da falta de apoio à sua candidatura, por parte do Diretório Regional do Partido.

Esse isolamento provocou, inclusive, charges nos jornais locais, sobre a situação do Sr Mário Ramos, jornalista, ex-Prefeito de Caxias do Sul, ex-Secretário de Turismo e auto-apelidado o **Galo da Espora Forte**. O Diretório Regional da Arena divulgou, algumas vezes, comunicados oficiais, assegurando que dava o mesmo tratamento aos três candidatos arenistas, mas, a verdade é que vários arenistas reclamaram da "preferência" dada pelo Sr Tarso Dutra ao Sr Mariano da Rocha, que foi fundador e primeiro Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, e que divulga, nos espaços gratuitos da televisão, no seu currículo, o fato de ter recebido "a Comenda do Vaticano, Ordem Nacional do Mérito, Grã-Cruz da Alemanha, Grã-Cruz da Áustria, Grã-Cruz de Portugal e Palmas da Academia da França".

Oposição baiana entra em crise

Salvador — Faltando apenas 18 dias para as eleições de 15 de novembro, o Diretório Regional do MDB da Bahia ainda não tem nenhuma certeza quanto ao número de candidatos com que vai concorrer ao pleito. Uma manobra engendrada pelo Sr Clemens Sampaio, que teve o seu nome vetado pela Convenção do Partido, originou toda a confusão, apesar de a cédula da Oposição já ter sido encaminhada ao TSE.

Sentindo-se prejudicados com a decisão da Convenção do MDB de não colocar os seus nomes entre os candidatos às próximas eleições, os Srs Clemens Sampaio, José Oduque Teixeira e Raimundo Urbano uniram-se para pedir a anulação da Convenção, o que conseguiram junto ao TRE. Mas esse mesmo Tribunal, julgando um recurso do MDB, decidiu pela aceitação da lista de candidatos elaborada pela Comissão Executiva do Partido, com a inclusão dos três nomes vetados anteriormente.

Dúvida

Entre os dirigentes e candidatos do MDB existe muita dúvida quanto ao real objetivo do Sr Clemens Sampaio — ex-Deputado e candidato ao Senado derrotado em 1974. Para a maioria, no entanto, o que ele quer mesmo é prejudicar o Partido, fazendo-o concorrer apenas com os considerados candidatos natos, isto é, os atuais deputados federais e estaduais, em número de 14.

O secretário-geral do MDB da Bahia, Dionizio Azevedo, explica que, se o objetivo do Sr Clemens Sampaio fosse apenas o de concorrer às eleições, ele deveria sentir-se satisfeito com a inclusão de seu nome na lista de candidatos. No entanto, interpôs recurso junto ao TSE protestando contra a decisão do TRE de aceitar as candidaturas indicadas pela Comissão Executiva do MDB, com a inclusão do seu nome e dos seus companheiros José Oduque e Raimundo Urbano.

Desses três, o único que demonstrou o desejo de realmente concorrer ao pleito foi o Sr Raimundo Urbano. Eleito Vereador em 1976 e guindado ao posto de Presidente da Camara de Vereadores, bastou que o Tribunal Regional Eleitoral incluisse seu nome entre os candidatos emedebistas para que começasse no dia seguinte a sua campanha eleitoral através de serviços de alto-falantes, a distribuição de cartazes e a realização de comícios.

TRE do Rio proíbe passeata de Senador oposicionista e de Deputado arenista

O Coordenador da Propaganda Eleitoral no Rio, Juiz Paulo Roberto de Azevedo Freitas, indeferiu ontem dois pedidos para a realização de passeatas, um do Senador Nelson Carneiro (MDB), e a outra do Deputado estadual Ítalo Bruno (Arena). O Senador pretendia distribuir volantes de propaganda na Avenida Rio Branco e o Deputado queria promover uma passeata de automóveis em ruas da Zona Norte.

No primeiro despacho, o representante do TRE indeferiu o pedido do Senador do MDB, alegando que a passeata contrariava a orientação do próprio Partido. Quanto à solicitação do Deputado da Arena, a Secretaria de Segurança Pública opinou contra a sua realização.

MOTIVOS ALEGADOS

Na quarta-feira, o delegado do MDB e candidato a deputado federal, Manuel Franco, deu entrada na Coordenação de Propaganda Eleitoral a um pedido para que ele e o Senador realizassem uma passeata, com cartazes em tamanho permitido por lei, que começaria às 13h do dia 31, na Praça Mauá, indo até a Cinelandia.

Na sexta-feira, eles deram entrada a novo pedido, solicitando permissão para uma caminhada ao longo da Avenida Rio Branco, pelas calçadas, de 50 pessoas, incluindo o Senador, distribuindo volantes de propaganda. Mas, no mesmo dia, outro requerimento, desta vez do delegado do MDB, Flávio Pareto Jr., chegou à Coordenação, dando conta de que aqueles pedidos contrariavam as instruções da Comissão Executiva Estadual do Partido.

O delegado solicitava o indeferimento dos referidos pedidos, citando o Artigo 241 do Código Eleitoral, segundo o qual toda propaganda deve ser realizada sob a responsabilidade do Partido, motivo pelo qual era imperiosa a expressa concordancia do MDB, através de delegado especialmente credenciado para esse fim, o que não era o caso do Sr Manuel Franco.

Informe JB

A dimensão histórica

Na tarde de sexta-feira, dia 27 de outubro de 1978, o Juiz federal substituto Márcio José de Moraes, de 32 anos, deu sentença responsabilizando a União pela morte do jornalista Wladimir Herzog, três anos antes, nas dependências do DOI-CODI de São Paulo.

Muitas serão as datas demarcatórias da agonia do regime instaurado em 1968. A Sentença Herzog, sem dúvida, será uma delas e talvez a mais corajosa, bem como a mais institucional, pois ela parece ser indicativa do renascimento do aparelho legal do país.

* * *

O jovem Juiz formou-se pela Faculdade do Largo de São Francisco. Saiu das Arcadas com seu diploma numa época em que a Faculdade onde lhe ensinavam o valor das leis oferecia ao país quadros como os Srs Luís Antônio da Gama e Silva, redator do AI-5, e Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, seu sucessor na Pasta, e Manoel Gonçalves Ferreira Filho, secretário-geral do Ministério e redator das atas do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana.

Tinha 14 anos o Juiz Márcio José de Moraes quando foi deposto o Sr João Goulart. Faz parte de uma geração que viveu um regime esdrúxulo sem ter participado da briga que o provocou. E' desta geração que parte o brado do fim desse mesmo regime. São pessoas que querem ser deixadas em paz, e não se sentem obrigadas a herdar preconceitos das brigas de décadas passadas.

* * *

A Sentença Herzog passará agora a cumprir um ritual lento que só lhe aumentará a carga histórica. Irá ao Tribunal Federal de Recursos, onde dificilmente será julgada em menos de dois anos. De lá, segue para o Supremo e, desde já, sabe-se que a tarde de seu julgamento no STF será um novo dia memorável na história do Judiciário nacional.

Santo no Detran

Conduzido pelo Governador Faria Lima, baixou um espírito de moralidade no serviço de emplacamento do Detran.

Já fez sete vítimas. Acredita-se que possa fazer mais, para o bom andamento dos serviços.

Denúncias

O Ministro Rangel Reis visitou ontem as obras da Indústria Carboquímica Catarinense. Recebeu longas explicações técnicas, mas não lhe disseram que são muitas as dúvidas a rondar a cabeça de alguns engenheiros da empresa.

O número de soldas que se revelam ineptas é alto.

A assistência técnica japonesa acaba em dezembro e não se sabe ainda se o contrato será renovado.

Os lavadores de pirita não querem trabalhar a preços baixos e isso pode aumentar o preço de compra da matéria-prima.

A água de Imbituba é impura e prejudica a lavagem.

O porto para o escoamento da produção está atrasado.

Economês

O jargão econômico tomou conta da mais antiga atividade monetária do Rio, o jogo do bicho. O ponto que funciona na Rua da Quitanda faz jogos em folhas de bloco amarelo onde se lê, ao lado do popular "vale o que está escrito", *Invest Beira-Mar*.

Fim do tampão

Centenas de vereadores estão reunidos num Congresso em Belo Horizonte. Pedem, como sempre, a prorrogação dos seus próprios mandatos.

Desta vez, querem que o Governo extinga o mandato tampão de dois anos criado pelo *pacote* de abril, que previu a eleição municipal de 1980, provocando a coincidência com os mandatos gerais de 1982.

* * *

Em abril do ano passado, a prorrogação não foi feita, apesar de ser reconhecidamente mais simples, porque ela provocaria a desmobilização dos 3 mil prefeitos arenistas na campanha deste ano.

De fato, político com mandato prorrogado não trabalha pela eleição dos outros.

* * *

Até novembro, o Governo não admitirá a possibilidade da prorrogação por dois anos para os vereadores e prefeitos. Depois, tudo indica que a providência será tomada.

A urna da bilheteria

Tudo indica que o filme *Tudo Bem*, do cineasta Arnaldo Jabor, fecha sua primeira semana de exibição com a marca de Cr$ 1 milhão de arrecadação batida.

Desde *Toda Nudez Será Castigada*, Jabor demonstra que o cinema brasileiro, com uma linguagem nacional, pode ser bom, eficiente e rentável.

Custo e benefício

O MDB do Rio de Janeiro não tomará qualquer providência para devolver ao ar o desfile de seus candidatos, sob o patrocínio da Lei Falcão.

Alega que o esforço não compensa porque a gravação de novos programas, sem as infrações que o TRE registrou ao suspendê-los, custaria aos cofres partidários cerca de Cr$ 1 milhão.

* * *

Fora a despesa, seria preciso também reunir os candidatos para recolher biografias expurgadas dos erros anteriores. Isso é difícil, num período em que a campanha os dispersou pelo Estado.

Enfim, a transmissão da propaganda por rádio e TV cessa, legalmente, no próximo dia 5. A gravação dos *tapes* tomaria muito tempo e ficariam poucas horas no ar.

* * *

Acima de toda essa contabilidade, a direção partidária está intimamente convencida de que a presença nos horários gratuitos do rádio e da TV afugenta eleitores.

O Partido mestre

Sejam quais forem as características da reorganização partidária, a linha mestra da nova situação será traçada pelo aparecimento de um grande Partido governista, baseado na política de grandes eleitores.

Será o Partido dos Srs Tarso Dutra, Konder Reis, Ney Braga, Chagas Freitas, José Sarney e Antônio Carlos Magalhães, além de outros políticos com arsenal de votos.

* * *

Esse Partido poderá herdar a máquina da Arena, já que as siglas desaparecerão. A partir de seu nascimento, estarão geradas as condições que determinarão o aparecimento de outros.

Pretende-se que ele seja simultaneamente forte e excludente. Assim, procurará quem tem votos, mas baterá a porta na cara de quem, hoje, não os tem e atrapalha a Arena.

* * *

Como já se admite a possibilidade do aparecimento de mais três Partidos, começa-se a suspeitar de que pelo menos um será sério e pequeno. Possivelmente, terá como função dar abrigo aos liberais da Arena e a alguns conservadores do MDB. Tudo indica que esse Partido, se aparecer, será fraco de votos e bom de Ministério.

Lance-livre

• O Deputado Ulysses Guimarães, presidente do MDB, marcou para Osasco, em São Paulo, no dia 12, o encerramento da campanha nacional do Partido para as eleições do dia 15. O MDB convidará o General Euler Bentes Monteiro para participar da concentração.

• **Chega hoje ao Rio o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea Francesa, General Maurice Pierre Saint-Criq. Irá amanhã para Brasília a fim de visitar a Base Aérea de Anápolis, onde estão os Mirage. Irá ainda à Embraer em São José dos Campos, para os primeiros contatos visando à compra de aviões Bandeirante.**

• Muitos postos de gasolina no Grande Rio mudaram de posição e estão aceitando, novamente, cheques. O prejuízo com cheques sem fundo, em muitos casos, é bem menor do que a perda de dinheiro vivo nos assaltos.

• **O Presidente do Congresso, Senador Petrônio Portella, visitará amanhã o presidente do INAMPS, Almirante Gérson Coutinho. Vai discutir problemas de assistência médica na área da previdência social. Na parte da tarde, o Senador vai se reunir com a direção da Arena fluminense.**

• Concluídos os estudos do metrô para permitir, a partir de 79, a viagem de pré-metrô/metrô/ônibus da CTC com a emissão de um único bilhete.

• **Para a plena execução do Plano Nacional do Álcool será necessária a instalação de 3 mil minidestilarias em todo o país. Cada uma terá capacidade para produzir 20 mil litros diários de álcool.**

• No dia 31, o General João Baptista de Figueiredo estará em Blumenau cumprindo uma programação que inclui um comício da Arena, a inauguração de um centro social urbano e a visita à Indústria Têxtil Hering.

• **E se a assessoria do General João Baptista de Figueiredo mantiver, até a eleição do dia 15 de novembro, uma programação idêntica à que ele teve sexta-feira no Rio, o Presidente eleito emagrecerá vários quilos. Das 9h até as 18h ele teve tempo para comer apenas um bife enquanto esperou, por 30 minutos, a chegada, no Aeroporto Santos Dumont, do Presidente Geisel. Se o Presidente chegasse na hora prevista, não haveria tempo nem para isso.**

• O General Rondon de Oliveira Guimarães assume amanhã o comando da 13a. Brigada de Infantaria, em Mato Grosso do Norte. Com a divisão do Estado, o Exército criou mais uma Brigada em Mato Grosso, subordinada também ao II Exército.

• **Este ano, 759 universitários, de todo o país, já participaram de estágio na Camada dos Deputados. As áreas que tiveram maior número de estudantes foram Direito, Administração e Economia.**

• Em janeiro será conhecido o novo Estatuto do Índio. O atual está sendo revisto.

• **A Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul vai tentar obter no exterior um financiamento de 130 milhões de dólares. Os recursos destinam-se ao término das obras da Usina termelétrica Presidente Médici, em Candiota, no Município de Bagé.**

• O Governo do Paraná criou o seu Centro de Desenvolvimento Industrial. Pretende adotar uma política agressiva para atrair investimentos industriais.

• **No dia 13, a Funarte inaugura em sua sede, no Rio, uma exposição de tapeçaria com a participação de 14 artistas.**

• Este ano, a Camara dos Deputados lança o segundo volume que registra as **Consultas da Seção de Negócios Estrangeiros do Conselho de Estado Imperial**. O livro será editado em convênio com o Itamarati.

• **A Açominas (Aço Minas Gerais) assinou um convênio com a Rede Ferroviária Federal para a construção de um ramal de acesso à sua usina em Ouro Preto. A ligação ferroviária, com custo previsto de Cr$ 520 milhões, estará concluída em 1979, pouco antes da entrada em operação da usina de Ouro Branco, com produção inicial de 2 milhões de toneladas de aço anuais.**

• O vão central da Ponte Rio—Niterói, recentemente recapeado pelo DNER, voltou a apresentar rachaduras.

Posições de Dutra surpreendem escritor

Arquivo/1960

Dutra sempre quis democracia sem adjetivos

Em 1945, enquanto ainda acreditava que seria o candidato de Getúlio Vargas a um Governo de transição do Estado Novo para a democracia, o Marechal Eurico Gaspar Dutra assumiu em sua plataforma todos os compromissos liberais — da anistia ampla e irrestrita à legalização do Partido Comunista. A deposição do ditador praticamente não mudou seu programa.

O Ministro da Guerra de Vargas se comprometera em defender uma democracia sem adjetivo, mas com advérbio — a "democracia mesmo", conforme deixou em suas memórias — e a sinceridade dessa posição surpreendeu seu biógrafo, professor Osvaldo Trigueiro do Vale, que há um ano e meio começou a escrever sobre o ex-Presidente, por encomenda, sem maior interesse pelo personagem.

Convênio

O livro do Sr Osvaldo Trigueiro do Vale — **O General Dutra e a Redemocratização de 45** — é o primeiro de uma série programada pela Universidade de Mato Grosso, em convênio com o CNPq para as comemorações do centenário do nascimento de Eurico Dutra, em 1983. Será publicado este mês, sucedido no próximo ano por um volume sobre o Governo Dutra.

O centenário do ex-Presidente ainda está longe. Mas o biógrafo confessa que se deixou seduzir pela comparação entre o processo político que levou ao fim do Estado Novo e a mudança do regime de 1968 para o estado de direito. Ambos se misturam à sucessão presidencial e as reivindicações oposicionistas frequentemente se repetem.

A participação dos militares na redemocratização é uma dessas constantes. A questão já transparece do discurso de Ano Novo do Ministro Eurico Dutra, quando a Força Expedicionária Brasileira ainda lutava na Europa, e os reflexos internos da derrota do fascismo começava a preocupar os oficiais:

"Quero exaltar", dizia a mensagem do Marechal, "o concurso dos cidadãos em armas, que se estão batendo nos campos de batalha dos Alpes, vertendo o sangue e dando a vida, não por uma ordem material, que se alcança facilmente, mas por uma ordem íntima e de consciência, que só se obtém através da segurança dos instrumentos do direito".

As pesquisas do professor Osvaldo Trigueiro incluem trechos inéditos de um diário que o Marechal manteve ao longo de toda a sua vida pública e hoje faz parte de um arquivo pessoal, dividido entre os genros Mauro Renault Leite e Luiz Novelli Júnior. Das anotações consta esse relato do encontro com Vargas, no dia em que voltou de uma visita a FEB, em outubro de 1944:

"Aproveitamos essa oportunidade para externar nossa opinião sobre a situação política do Brasil, que a nosso ver não correspondia mais às transformações por que o mundo estava passando. Seu principal colaborador na implantação do Estado Novo e na sua manutenção, declaramos-lhe, cabia-nos o dever de alertá-lo no sentido de orientar a sua política em novos rumos, ou mais claramente no sentido da redemocratização do Brasil. Era para acabar definitivamente com o regime de governo pessoal".

Teses liberais

Quando Vargas começa a implantar seu programa de reformas políticas graduais e apóia, a princípio, a candidatura Dutra à própria sucessão, O Ministro da Guerra passa a exercer — segundo o professor Osvaldo Trigueiro — dentro do Governo a liderança da campanha pela redemocratização. Em 28 de fevereiro, Vargas apresenta finalmente suas reformas. O biógrafo de Dutra as analisa:

"A nova Lei Constitucional, que se legitimava nos próprios preceitos constitucionais da Carta de 37, seria um grande avanço, dentro daqueles oito últimos anos de obscurantismo, mas naquele momento, quando já se respirava a euforia pela quebra da censura à imprensa e do lançamento da candidatura oposicionista, parece ter chegado tarde, insuficiente e até módica.

Personagem

Autor de um livro, preparado originalmente como tese para Fundação Getúlio Vargas, sobre o papel político do STF, o professor e escritor paraibano Osvaldo Trigueiro do Vale jamais conheceu pessoalmente o Marechal Dutra. Quando recebeu o convite para lhe escrever a biografia, feito pela Universidade de Mato Grosso, lamentou a escolha da personagem.

Seu entusiasmo cresceu quando passou a deparar com semelhanças entre a situação de 1945 e a atual: em ambas um regime fechado procura controlar o processo de transição para a democracia. Além das entrevistas com os contemporâneos do Marechal Dutra ainda vivos, e de cerca de cinco meses de visitas diárias à Biblioteca Nacional, onde releu todos os principais jornais da época, ele encontrou com a família do ex-Presidente extenso material de fonte primária, parcialmente inédito. Há, por exemplo, os bilhetes que, no Ministério da Guerra como depois no Governo, Dutra mandava regularmente a seus auxiliares.

Geisel critica quem põe em dúvida sua honestidade

São Paulo — O Presidente Geisel criticou ontem, em discurso na inauguração da Rodovia dos Bandeirantes, aqueles que põem em dúvida "a nossa honestidade, denegrindo tudo que se faz e nos culpando pelos males que subsistem". E acrescentou: "Esses são poucos e, estou certo, eles ficarão à margem e continuarão a clamar".

O Presidente da República ressaltou, ainda, que tem esperança de que "algum dia a consciência lhes seja iluminada e vejam num retrospecto do passado o que se fez e afinal nos venham a fazer justiça". Em seu discurso, ele defendeu a Revolução de 1964, "que nos uniu em torno de um ideal e estabeleceu um vinculo com o povo, porque é pelo povo e para o povo que nós trabalhamos".

O discurso

Depois de destacar o vulto e o benefício econômico e social que a Rodovia dos Bandeirantes proporcionará, o Presidente Geisel disse:

"Desejo, nesta oportunidade, lembrar que esta obra, como tantas outras, representa a capacidade construtiva de nossa Revolução. A Revolução de 64 na sua continuidade e no seu desdobramento deve ser caracterizada pelo que ela constrói, pelo que ela faz neste país em benefício do homem brasileiro".

"Essa estrada é bem uma demonstração desse valor construtivo. Como essa estrada, muitas outras se realizaram no país, não tão portentosas, mas também úteis e necessárias, como estradas; se fizeram ferrovias, se fizeram portos e aeroportos. Mas, também se atenderam, em grande parte, aos problemas sociais, se construíram hospitais e escolas, se deu assistência à população, em todos os sentidos, particularmente na previdência, criação de empregos, novas indústrias, novas fábricas que se ergueram em todos os recantos do país".

"E o Brasil de hoje, se se quiser fazer simples comparações, é bem outro daquele que herdamos há 14 anos passados. Cada dia que passa o Brasil cresce, se desenvolve em todos os campos e todas as áreas, desde o Acre, Roraima, até o Sul do país. Em todos os recantos há trabalho. Em todos os cantos há um brasileiro que pensa e sonha com o crescimento deste país".

"Isto é obra da Revolução. E' a Revolução que nos uniu em torno de um ideal, uniu os Governos dos Estados e o Governo Federal e estabeleceu um vínculo com o povo, porque é pelo povo e para o povo que todos nós trabalhamos".

"Muitos há que não querem reconhecer essa obra, vivem no eterno derrotismo, desenvolvendo a capacidade negativa, denegrindo tudo que faz e nos culpando pelos males que subsistem, e pondo em dúvida a nossa honestidade. Mas, esses são poucos e estou certo que eles ficarão à margem e continuarão a clamar. Mas tenho esperança que algum dia a consciência lhes seja iluminada e vejam num retrospecto do passado o que se fez e afinal nos venham a fazer justiça".

"Mas esses não nos importam: o que nos importa, realmente é o povo; que este saiba o que fazemos; que este confie em nós; que este nos ajude a levar a bom termo essa grande tarefa em que nós estamos todos empenhados".

Figueiredo muda de opinião

Ao participar ontem das cerimônias de inauguração da Rodovia dos Bandeirantes, o futuro Presidente da República, General João Baptista de Figueiredo, assegurou que a Arena ganhará as eleições de 15 de novembro próximo em São Paulo. Na visita que fez ao Nordeste no início da semana passada, o General Figueiredo dissera que a Arena seria derrotada em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

—Nós vamos ganhar. E bem. É difícil mas nós vamos ganhar", respondeu o General Figueiredo ao repórter que lhe perguntou se sua declaração proferida no Nordeste significa que ele considera perdidas para a Arena as eleições em São Paulo.

Sem entrevista

O General Figueiredo foi reconhecido ontem pelos populares ao chegar ao quilômetro 99 da Rodovia dos Bandeirantes para participar da inauguração. Aos populares que gritavam "é o João", o General Figueiredo sorriu e distribuiu cumprimentos.

Em outro trecho da Rodovia, quando a comitiva parou para novas solenidades, o General Figueiredo foi interpelado pela imprensa mas se negou a conceder entrevista. "Eu já disse que não vou conceder entrevista e vocês continuam com esses gravadores aí" — observou o General diante dos jornalistas que queriam saber se em seu Governo daria prioridade ao setor rodoviário.

O Coronel Paiva Chaves, da Assessoria do General Figueiredo, negando-se a chamar o futuro Presidente para um contato com a imprensa, explicou que ontem o General Figueiredo não tinha nada a falar "porque a festa é do Presidente Ernesto Geisel".

Sem dizer uma palavra e limitando-se a encarar os repórteres com o semblante fechado, o General Figueiredo negou-se a fazer considerações sobre a sentença em que o Juiz Márcio José de Moraes responsabilizou a União pela prisão e morte de Wladimir Herzog.

Ludwig garante calma até novembro

O porta-voz do Palácio do Planalto, Coronel Rubem Ludwig, informou ontem que o Governo federal só teve conhecimento das tentativas de agitação em São Paulo pelas declarações do Governador Paulo Egidio à imprensa. Garantiu que o país está tranquilo e frisou que todas as informações de que dispõe indicam que esse clima será mantido, sem alterações, até o dia 15 de novembro.

O Coronel Rubem Ludwig não quis fazer muitos comentários sobre a sentença em que o Juiz Márcio José Moraes responsabilizou a união pela prisão e morte do jornalista Wladimir Herzog, no Doi-Codi. Ele insistiu que o problema é do Judiciário e que toda a tramitação se dará nessa área. Chegou a lamentar não poder fazer maiores comentários, argumentando que "a senteça foi proferida ontem (sexta-feira). Nós viajamos hoje e não deu para analisar melhor".

Desengajamento

Considerou "importante" o discurso em que o General Antônio Carlos Andrade Serpa manifestou-se contra o desengajamento dos militares da política, mas também adiantou que não faria maiores comentários, porque não examinara o pronunciamento.

Chuva atrapalha festa e dispersa populares

A chuva forte que caiu às 19 horas acabou dispersando cerca de 3 mil pessoas que assistiam à última etapa da inauguração da Rodovia dos Bandeirantes — que liga São Paulo a Campinas, feita no Governo Geisel. Meia hora depois, enquanto transcorria um espetáculo pirotécnico, os populares voltaram a reagrupar-se e aplaudiram o Presidente Geisel e o Presidente eleito, General João Baptista de Figueiredo, que os saudaram, protegidos por guarda-chuvas.

A festa começou às 15 horas, no quilômetro 99, com o corte da fita. Depois a comitiva se deslocou até o Km 44,5, onde o Presidente descerrou placa e ouviu a orquestra sinfônica de Campinas e discursos de saudação.

Ali se concentravam cerca de 5 mil pessoas, que foram transportadas em ônibus especiais. Precisamente às 19h, começou no Km 14 a cerimônia principal, quando a chuva forte dispersou os populares concentrados defronte ao palanque, sob o olhar constrangido do Governador Paulo Egydio Martins. Meia hora depois, sob um chuvisco fino, a comitiva se retirou sob aplausos dos populares que tinham voltado para o local. Por volta das 20 horas, a comitiva do Presidente Geisel embarcou para Brasília, no Aeroporto de Congonhas.

Governadores atuais e futuros divergem em campanha

Confirmados em setembro pelo voto indireto, mas comprometidos com a vitória eleitoral do Partido, os futuros Governadores estão aproveitando a participação na campanha da Arena para acentuar as diferenças que os separam de seus antecessores e, assim, afirmar a própria fisionomia política diante de uma população que não os escolheu.

Em Pernambuco, o contraste natural entre o estilo contido do Deputado Marco Maciel e a agressividade do ex-Governador Moura Cavalcante foi ampliado pelo trabalho junto às lideranças partidárias: um está tentando unir com promessas a Arena que, com ameaças, o outro dividiu durante quatro anos. E isso foi notado até pelos dissidentes no Estado.

POPULARIDADE

Rivais, o próximo Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, e o atual, Roberto Santos, jamais se encontram em comícios. Mas o Sr Antônio Carlos que está trabalhando pela "maior vitória da Arena em todo o país", tira juros em popularidade da própria inexperiência política do Sr Roberto Santos, professor que, em 1974, ao ser escolhido Governador diretamente no Conselho Federal de Cultura, custou a abandonar a linguagem de magistério.

Essas diferenças ocorrem, em maior ou menor grau, em todo o país, mas em alguns Estados se tornam mais marcantes. Em São Paulo, as explosões temperamentais do Sr Paulo Egydio Martins foram substituídas pelo bom humor inalterável do Sr Paulo Salim Maluf, que não perde o sorriso mesmo diante das mais duras críticas pessoais feitas pela Oposição. Em Sergipe, o milionário Augusto Franco transformou a própria casa em comitê eleitoral da Arena, ao contrário do antecessor, Sr José Rollemberg Leite, que, em 1974, mal se interessou pela campanha. No Rio Grande do Sul, a imagem jovem e entusiástica que o Governador Sinval Guazelli oferecia aos comícios arenistas em 1974 foi trocada pela frieza com que o Sr Amaral de Souza se dedica à interminável visitação de municípios do interior, que sempre caracterizou sua carreira. Em Minas Gerais, por outro lado, a campanha é praticamente a mesma: os Srs Aureliano Chaves e Francelino Pereira ainda não fizeram a partilha da política estadual.

Antônio Carlos x Roberto Santos

Salvador — Sorriso fácil e constante, sucessivos sinais de "positivo" com o polegar da mão direita, abraços apertados e demorados, tapinhas nas costas nem sempre fracos e um jeito bem particular de fazer promessas e exigir votos para os candidatos da Arena. Assim pode ser definido o estilo do futuro Governador da Bahia, Sr Antônio Carlos Magalhães, empenhado na campanha eleitoral para assegurar "a maior vitória da Arena em todo o Brasil".

Saído da presidência do Conselho Federal de Educação, escolhido pelo Palácio do Planalto como uma pessoa capaz de unificar o Partido do Governo na Bahia, então dividido em várias facções, o atual Governador Roberto Santos tinha "o mal de não ser político", como observa o candidato da Arena ao Senado, Sr Lomanto Júnior, que em 1974 contou com o seu apoio na campanha para eleger-se Deputado Federal. Nos comícios a que comparecia, deixava transparecer certa dificuldade no contato direto com o público, e a linguagem que usava, considerada muito técnica, não conseguia arrancar aplausos facilmente.

Comparação

O que existe de similar entre o atual e o futuro Governador baiano é que, ao final da campanha, terão percorrido quase o mesmo número de municípios onde a Arena promove comícios. Assim como o Sr Roberto Santos procedeu em 1974, o Sr Antônio Carlos Magalhães garante que até às vésperas das eleições de 15 de novembro terá visitado todas as sedes das regiões administrativas do Estado, dedicando maior atenção aos redutos mais fortes do MDB, sem desprezar lugares onde a Arena domina.

Sintomaticamente, o futuro Governador encerrará a campanha em Feira de Santana, onde a Arena foi derrotada no pleito de 1976, apesar do empenho do Presidente Geisel em tomar a prefeitura do MDB.

Maluf x Egídio x Natel

São Paulo — O otimismo do Sr Paulo Maluf, futuro Governador de São Paulo, parece à prova de dissabores. Nesta campanha, aguenta os mais duros ataques do MDB, que o escolheu para alvo central da pregação partidária, sem as reações de impaciência que sempre caracterizaram o antecessor, Paulo Egídio Martins, em situações comparáveis.

"Deixá-lo administrar os bens do Estado, quando seus próprios bens estão bloqueados", disse recentemente, num comício, um candidato da Oposição, aludindo ao caso Lutfalla, "é o mesmo que deixar um cabrito tomando conta de um roçado". Esse discurso, em Sertãozinho, foi amplamente divulgado. Nem por isso, o Sr Maluf reagiu com impaciência.

Conciliador

Empenhado em aparecer, na política paulista, como o conciliador da Arena e o sedutor de algumas lideranças do MDB — manobra que mal esconde o propósito da criação de um novo Estado — o Sr Maluf também não cultivou, como o Sr Paulo Egídio, os mesmos ressentimentos pessoais. O adversário de ambos — na sucessão de 1974 e agora — Sr Laudo Natel, tem recebido todas as homenagens do futuro Governador, que o derrotou na convenção arenista. Em vão: "Perdi a convenção, não perdi a dignidade", tem sido a resposta amuada do Sr Natel.

Em 1974, o Sr Natel, Governador em fim de mandato, deixou que a Arena, deliberadamente, marchasse para a derrota eleitoral sem a sua participação na campanha. Era o protesto contra a escolha do Sr Paulo Egídio para sucedê-lo. Este ano, a atitude do Sr Paulo Egídio é diferente: ele faz campanha pelo Partido, mas não em companhia do Sr Paulo Maluf. E, em outra faixa, também independente, trabalha o Sr Natel, que prometeu ao General João Baptista de Figueiredo ajudar a conter, no Estado, a vitória praticamente inevitável do MDB.

Os três, como são

O Sr Paulo Maluf é um político audacioso, diferente do Sr Paulo Egídio que, antes de tomar uma iniciativa, procura saber se o Presidente Geisel vai gostar ou não. O Sr Maluf não tem esse tipo de compromisso. Deve o mandato, como gosta de dizer, aos 571 municípios do Estado. É uma referência aos convencionais da Arena que o elegeram. Todos sabem que foi eleito contra a vontade do General Figueiredo.

Prova de que rompe qualquer obstáculo foi dada em Cubatão, quando, sem ser convidado, sentou-se à mesa do Presidente Geisel e almoçou em sua companhia. Muitos dias depois de sua eleição, não conseguia ser recebido pelo futuro Presidente da República, mas recentemente alguns jornais estamparam fotografia do General Figueiredo acendendo o seu cigarro.

O tipo de campanha do Sr Paulo Egídio é diferente. Aproveita momentos solenes para divulgar a Arena. Neste ano, o Governador está inaugurando várias obras, principalmente rodoviárias, e está trazendo a São Paulo, quando quer, o Presidente Geisel. O Sr Egídio Martins não mergulhou na campanha, mas mesmo assim, continua praticando arranhões e provocando polêmicas. Em Presidente Prudente, ao subir em palanque juntamente com candidatos da Arena, pediu votos para outros candidatos que nem estavam lá, citando-os nominalmente. Os que estavam presente, só não desceram do palanque por interferência de terceiros.

Amaral ou Guazelli

Porto Alegre — Para usar de um clichê, muito comum nesta campanha, a Arena gaúcha chegará a 15 de novembro "de cabeça erguida, convicta do dever cumprido". Caso a abertura das urnas frustre o esforço realizado e fraude as expectativas de dividendos eleitorais, ao contrário do que ocorreu em 74, entre os arenistas do Rio Grande do Sul, não se registrarão cenas de penitência por acomodações, nem recriminações por omissões ou deserções. O insucesso não poderá ser debitado nem a falhas mecanicas, nem a faltas humanas, da estrutura partidária.

A começar pelo Governador eleito, Amaral de Souza, a Arena mobilizou para a presente campanha eleitoral todos os recursos disponíveis e os acionou num trabalho, realmente, eficiente, porque prestigiado pelo apoio logístico oficial de todas as áreas administrativas, da federal às municipais, onde o Partido detenha as prefeituras. A ponto da Oposição reagir com a ameaça de uma denúncia pública, ora em fase de documentação, de uso e abuso do poder governamental e econômico no processo eleitoral.

Pessedismo

O empenho com que a Arena disputa os 3 milhões 500 mil votos gaúchos tem suas raizes na solução dada ao problema sucessório estadual, que foi tipicamente pessedista. Tanto o futuro Governador, Sr Amaral de Souza, como seu Vice, Sr Otávio Germano, como o Senador *biônico*, Sr Tarso Dutra, são oriundos do antigo PSD. Eles constituem as principais lideranças da Arena, detêm o controle das bases e, por isso, estão motivados a consolidar sua hegemonia. A motivação é mais estimulante quando se considera a possibilidade de uma revisão no *statu quo* partidário. Com isso, o pessedismo gaúcho, que já constitui o mais numeroso e homogêneo núcleo da Arena, serviria de base para a criação de um novo Partido.

Na fase das escaramuças nos bastidores do poder central, circulou a versão de que a candidatura do Sr Amaral de Souza se impunha com o argumento de que, contando com o consenso da cúpula e a preferência das bases partidárias, ela seria capaz de virar as tendências do quadro pré-eleitoral favorável à Oposição. Embora na primeira entrevista após sua eleição o Sr Amaral de Souza tenha negado enfaticamente que a sua indicação ao Governo tivesse como penhor a promessa de uma vitória arenista nas eleições de novembro, ele tem se empenhado na campanha eleitoral com uma dedicação inexcedível. Em pouco mais de dois meses, já percorreu todo o Estado, participando de comícios eleitorais de promoção ds candidatos ao Senado e nos 30 dias que antecedem a eleição retornará ao interior para repassar os municípios-pólos.

Disciplinado, o Sr Amaral de Souza acomodou facilmente seu estilo à estratégia global da Arena, que busca, tanto quanto possível, municipalizar o debate político-eleitoral. Tudo gira em torno das reivindicações comunitárias, para cujo atendimento se acena, desde que o futuro Governo estadual alcance a maioria na Assembléia Legislativa. Provido pela sua assessoria, ele se apresenta no interior com um discurso escrito, no qual aborda a problemática socioeconômica local: o problema do minifúndio, em Venancio Aires, o do turismo, em Iraí, o da soja, em Palmeira das Missões. E assim por diante.

Sistematicamente, sua fala termina por uma exortação aos correligionários à união e ao trabalho em favor das candidaturas partidárias. "Aqui (Município de Santo Augusto, em 16 de setembro) estamos para concitar o povo e as lideranças a comparecer com seu voto, com seu empenho e apoiar, nas teses e nos candidatos arenistas, as bases da reconstrução revolucionária em que o Brasil está empenhado." Em outro município, Santa Rosa, em 12 de junho, classificou a vitória eleitoral da Arena como necessária "ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, para consolidar as conquistas já alcançadas e garantir num futuro de maiores realizações".

O mesmo apelo, às vezes, busca estimular os brios regionalistas. "A vitória dos candidatos arenistas será uma eloquente reafirmação da presença e do prestígio do Rio Grande no cenário nacional" no Município de Cacequi, em 13 de agosto).

REINAUGURAÇÃO DA RUA URUGUAIANA COM PREÇOS DA RUA DA VALA.

TV. PHILIPS À CORES Mod. K-220. 26" - 66 cm. Com controle Digital. **15.950,** à vista

PRODUZIDO ZONA FRANCA MANAUS

TV. SANYO À CORES Mod. 6704. 20" - 51 cm. Cor, Som e Imagem perfeitos. **14.450,** à vista

GELADEIRA CONSUL GRAN LUXO Mod. 3513 - 340 litros. Todas cores. **6.270,** à vista

GELADEIRA FRIGIDAIRE Mod. CL-360 com 2 portas Em todas cores. **9.640,** à vista

GELADEIRA BRASTEMP Mod. 36-L - 360 litros. Todas cores. **6.720,** à vista

TV. TELEFUNKEN À CORES Mod. 361 - 14" - 36 cm. Cinescópio Black-Matrix. **10.045,** à vista

PRODUTOS WALITA

- LIQUIDIFICADOR LS-200 Ultra-rápido ... 595,
- SECADOR DE CABELOS Portátil c/ bico direcional ... 470,
- BATEDEIRA DE BOLO CANDY Portátil Lindas cores ... 535,
- CENTRIFUGA Extrai suco em segundos ... 995,
- ASPIRADOR DE PÓ LUXO Portátil. Leve e prático ... 1.205,
- ENCERADEIRA 400 - T 3 escovas. Esmaltada ... 1.460,
- DEPILADOR LUXO O carinhoso ... 585,

MÁQUINA OLIVETTI Letera 31. Portátil com estojo. **2.320,** à vista

DIVERSOS

- CONJUNTO MARMICOC Copacabana com 5 peças ... 425,
- FERRO GENERAL ELECTRIC Automático. Ultra leve ... 285,
- BATEDEIRA GENERAL ELETRIC Portátil com 3 velocidades ... 910,
- RÁDIO PHILIPS 073 Portátil. Ondas médias ... 250,
- ELETROFONE PHILIPS GF. 133 Portátil. Pilha e corrente ... 1.370,
- GRAVADOR PHILIPS 2208 Portátil c/ micro embutido ... 2.030,
- SINTONIZADOR PHILIPS RH-745 saída para 4 caixas ... 3.860,
- BARBEADOR PHILIPS - 1126 Com 3 cortadores ... 965,
- REGULADOR DE VOLTAGEM Veta-Color. Para Tv à cores ... 1.000.
- GRAVADOR TRANSICORDER Portátil. Pilha e corrente ... 1.360,
- CONJUNTO GRUNDIG 135 Estéreo com 2 caixas ... 2.150,
- ELETROFONE TELEFUNKEN Liftomat com caixas ... 2.150,
- ASPIRADOR ELECTROLUX Alta sucção. Doméstico ... 1.950,

VENTILADORES

- ARNO JUNIOR 20cm em várias cores ... 210,
- WALITA MOD. V07 20cm. Leve e prático ... 285,
- ELETROMAR MOD. V-25 Metálico e giratório ... 550,
- FAET MOD. 1035 25cm. Oscilante - reclinável ... 685,
- GENERAL ELETRIC - 12 30cm. Giratório ... 1.080,
- BOM CLIMA LUNIK Circulador c/grades direcionais. 1.745,

LAVADORA BRASTEMP Mod. 61 - L. Totalmente automática. **6.800,** à vista

BICICLETAS MONARK

- MONARETA MIRIM Várias cores ... 1.680,
- MONARETA ADULTO Especial ... 1.990,
- ARO 28 BARRA CIRCULAR Para Homem ... 2.040,

A VENDA NAS LOJAS: ALFÂNDEGA, BUENOS AIRES, 7 DE SETEMBRO, MEIER, CAMPO GRANDE E NOVA IGUAÇÚ

AR CONDICIONADO G. ELECTRIC Mod. 5010 - 10.000 BTU. 2.500 Kcal/h 1 HP. 110 v. **6.790,** à vista

REFRIGERADOR SPRINGER ADMIRAL Mod. 5 R TT **3.770,** à vista

MÁQUINA SINGER PONTO DE OURO Mod. 660/527. Com gabinete **3.320,** à vista

FOGÃO SEMER RIVIERA 4 bocas para gaz de rua ou garrafa, Todas cores. **1.470,** à vista

AR CONDICIONADO BRASTEMP Mod. 17 F20 7.000 BTU. 1.750 Kcal/h. **4.335,** à vista

TV. PHILIPS MOD. T-600 12" - 31 cm. Portátil em lindas cores. **3.350,** à vista

FOGÃO BRASIL ALPINE Com Multforno e giromágic. Construido em aço inx. **11.200,** à vista

PRODUTOS ARNO

- LIQUIDIFICADOR Com jarro plástico e medidor ... 470,
- ESPREMEDOR DE FRUTAS Portátil, leve de fácil manejo ... 515,
- SECADOR DE CABELOS Junior. Portátil ... 375,
- ASPIRADOR DE PÓ Portátil com cabo intermediário ... 1.015,
- BATEDEIRA DE BOLO Portátil c/ hastes de aço ... 490,
- ENCERADEIRA 1 HASTE Carcaça pintada ... 1.025,

AR CONDICIONADO SPRINGER ADMIRAL Mod. 14 R 23 - 2HP 14.000 BTU. 3.500 Kcal/h. **10.300,** à vista

ENCERADEIRA ELECTROLUX B-30 com super escova. **1.495,** à vista

ENCERADEIRA G. ELECTRIC Com 2 escovas. Cromada. **1.290,** à vista

TV. TELEFUNKEN MOD. 443 17" - 44 cm. com controles deslizantes. **3.750,** à vista

AR CONDICIONADO CONSUL mod. 3812 - 15.200 BTU. 3.800 Kcal/h - 1,5 HP. **7.850,** à vista

TV. PHILIPS MOD. T-661 24" - 61 cm. Som frontal máxima confiabilidade. **3.990,** à vista

VEJA OS ANÚNCIOS DE PRODUTOS PHILCO E COMPRE MAIS BARATO EM TELE-RIO. TIMES SQUARE

Tele-Rio

- CENTRO - RUA URUGUAIANA, 13
- CENTRO - RUA URUGUAIANA, 46/48
- CENTRO - RUA URUGUAIANA, 114/116
- CENTRO - RUA DO ROSARIO, 174
- CENTRO - RUA DA ALFANDEGA, 261
- CENTRO - RUA BUENOS AIRES, 294
- CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO, 183 e 187
- CINELÂNDIA - RUA SEN. DANTAS, 28/36
- COPACABANA - RUA SANTA CLARA, 26A e B
- COPACABANA - AV. N. S. COPACABANA, 807
- TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM, 597-A
- MEIER - RUA DIAS DA CRUZ, 213
- MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA, 263
- CAMPO GRANDE - RUA CORONEL AGOSTINHO,
- BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇOES, 394-A
- NOVA IGUAÇU - AV. AMARAL PEIXOTO, 400-406

LOJAS TIMES SQUARE

MATRIZ E ATACADO - RUA ENG. ARTHUR MOURA, 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822 ZONA NORTE (PBX) 283-9002 CENTRO E ZONA SUL

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1978

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito — Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro — Diretor: Bernard da Costa Campos

Editor: Walter Fontoura — Diretor: Lywal Salles

Consciência da Transição

Com a responsabilidade que sente ampliada pelo momento nacional e com a autoridade de uma isenção que a distancia por igual de todas as posições políticas, a CNBB propõe à reflexão dos brasileiros um documento em que ressalta a dificuldade existente em toda passagem do estado de exceção para a normalidade. E lembra que quanto mais áspera tiver sido a excepcionalidade, mais difícil será a transição.

As considerações feitas pela CNBB têm a dupla oportunidade de atender às necessidades de uma fase eleitoral já no seu apogeu, pelos indícios de exacerbação incontrolada na disputa, e de servir para balizar toda a etapa de uma abertura a que vem faltando o apoio de um debate sem as necessárias condições para a reflexão. Ao assumir a posição de severa advertência, a entidade que se expressa pela Igreja em nosso país declara a sua convicção de estar prestando um serviço à nação.

Por isso a CNBB usa de franqueza também em convocar o Governo à responsabilidade de abdicar do ímpeto de outorga com que se lança à elaboração de textos de amplo alcance político e social, como nos casos das leis sobre greves, Segurança Nacional e a emancipação dos índios. Proclama desnecessário e destituído de razão o açodamento que procura evitar ou restringir o debate, quando na verdade a discussão deve ser o elemento estabilizador dos instrumentos a se constituírem em peças funcionais do progresso e da justiça social.

A severidade do tom alcança também, no plano imediato, as correntes políticas em campanha eleitoral, quando a CNBB declara que "não admite que suas palavras sejam instrumentalizadas para fins eleitorais por nenhum Partido político". Fica explícita a disposição de contribuir para que se desarmem os espíritos na hora da transição em que as *forças reprimidas* e as *frustrações contidas* emergem naturalmente com toda a carga de energia acumulada pela marginalização prolongada. Têm sentido apropriados e servem a todos as recomendações de lealdade, serenidade e ponderação. Pois só através dessas qualidades afins é que se produzirá a lucidez pedida e a altura recomendada, a fim de "não se sacrificar o permanente ao transitório".

Declara ainda a CNBB, em seu importante documento de definições, que a Igreja assumiu, nas bases, a responsabilidade pela formação da consciência política a partir de *exigências cristãs* indispensáveis, no seu entendimento, a uma ordem política digna dos sentimentos do nosso povo.

Em seu final o documento reflete o sentimento que também aguça na sociedade brasileira a sede de ver esclarecidas todas as suspeitas. "A nação está escandalizada" diante de uma sequência de indícios de comportamento administrativo insensível aos valores de probidade. Mas entende que essa indignação também não pode ser utilizada apenas como recurso de campanha eleitoral. Há necessidade, por parte do Governo, da efetiva disposição de apurar as suspeitas para efeito moralizador dos costumes.

A transição à normalidade implica a plena garantia ao indispensável debate sobre cada uma das propostas já feitas pelo Executivo. A Lei de Segurança Nacional — que mantém "a segurança mais como um privilégio do Estado do que um direito da nação" — cerceia, inibe e intimida o indispensável debate no próprio artigo que retém no Executivo um dispositivo arbitrário de censura.

O debate nacional poderia ampliar-se e intensificar-se tendo como roteiro o documento da CNBB que alinha todos os aspectos essenciais e contempla os angulos suficientes para iluminarem-se as consciências chamadas à responsabilidade da hora grave da transição.

É um gesto franco e leal, digno de consideração isenta do Governo e da sociedade.

Ameaça Potencial

O estabelecimento de uma nova ordem internacional de informação e comunicações é o objetivo pretendido pela proposta de criação, em exame na UNESCO, de uma agência noticiosa do chamado Terceiro Mundo. Ou, como alternativa, um *pool* de agências desses países. O ponto de partida implica, obviamente, a verificação prévia de que, pelo menos para os Governos dessas nações, o fluxo do noticiário se constitui numa ordem insatisfatória.

A partir de tal posição, é procedente o temor de que, por trás de uma idéia aparentemente sugerida para somar esforços dispersos, identifica-se um propósito mais político que propriamente noticioso. Pois a verdade é que a ordem estabelecida através do desenvolvimento natural da imprensa e dos meios de informação serve-se com competência da liberdade de recolher dados e difundi-los.

O sistema noticioso praticado nos países industrializados obedeceu a uma evolução acompanhada pelo desenvolvimento da técnica. Mas foi sobretudo a liberdade de informação e de opinião o grande propulsor da difusão noticiosa que tornou o mundo compactado. Com a moderna tecnologia que opera através de satélites, as emissoras de televisão, as estações de rádio e os jornais beneficiaram-se todos de uma velocidade de comunicações, cujos efeitos podem ser medidos também em números. As agências noticiosas funcionam em mais de uma centena de países, embora nem todos com a mesma infra-estrutura técnica suficiente para manter o fluxo de informações na velocidade e na quantidade necessárias. Em segundo lugar — e daí um certo ressentimento nacional também emergente nesses países, quase sempre dotados de Governos fortes ou governantes autoritários — toda notícia se destina a um mercado consumidor, que é muito maior nas nações desenvolvidas. Logo é preciso considerar que os veículos de notícias têm de orientar-se pelo seu público, cujas inclinações é seu dever atender, sob pena de perdê-lo para os concorrentes num mercado eminentemente competitivo.

Ao lado das cinco maiores agências e de outras menores, que trabalham numa visão de empresa privada, funcionam outras também de presença internacional mas que são entidades governamentais, como a Tass, soviética, ou outras com menor raio de ação. Todas, no entanto, disputam, em regime de liberdade, o mercado noticioso tendo em vista os públicos a que servem. Não há melhor estímulo à criação de agências, oficiais ou não, que a garantia do acesso às fontes de informação e a liberdade de trabalho. E é aí que deveria a UNESCO, que faz em Paris mais uma rodada de debates, centralizar o interesse da questão. Pois a verdade é que, se há uma insuficiência na ordem internacional de informação e comunicações, ela diz respeito às limitações políticas que sufocam o livre fluxo noticioso e uma deficiência técnica na velocidade das transmissões.

As maiores restrições ao livre exercício da informação são observados nos regimes fechados dos países comunistas, também considerados o Segundo Mundo, e nas nações que se aglomeram sob a denominação de Terceiro Mundo. Não é, aliás, por acaso que, reconhecendo-se atrasadas e aplicando-se em esforço de desenvolvimento, elas dispõem de maiores deficiências técnicas. É compreensível a aspiração de figurarem com maior frequência e intensidade no volume das notícias, mas o meio que elegem é ilegítimo porque acabará por determinar restrições ao trabalho informativo.

Desde que a análise não se fundamente sobre a necessidade de preservar o acesso às fontes, torna-se previsível que a própria situação desigual para competir levará essas agências ou o seu *pool* a ceder às tentações de fechar as fronteiras. O único angulo democrático tem de contemplar a utilização do noticiário como matéria da competência exclusiva do veículo.

As primeiras manifestações na Assembléia-Geral da UNESCO indicam a sobrevivência de fortes receios no tocante às consequências que o projeto possa implicar no campo da liberdade de informação.

O grau de desacordo reinante nas reuniões anteriores confere prioridade ao entendimento prévio, antes que o projeto seja submetido a uma decisão de múltiplas e prolongadas consequências. E ainda falta muito para ser vencida a distancia que separa as duas concepções antagônicas no que diz respeito ao fluxo noticioso. Não haverá progresso substancial, no entanto, enquanto não for possível oferecer plenas garantias à liberdade de informar e ao direito de acesso às fontes. Pois uma vez rompido o impasse pela imposição, seria inevitável o retrocesso no mundo da informação e da comunicação. E, como declara o chefe da delegação brasileira à Conferência da UNESCO em Paris, o Ministro da Educação, Sr Euro Brandão, o texto atual ainda não oferece as garantias necessárias à multiplicidade de fontes de informação e corre o risco de estatizar uma área que precisa ser defendida contra todas as formas de controle político. Daí resulta a posição de discordancia brasileira, até mesmo como consequência natural do reencontro com a liberdade de informação, desde que caiu a censura à imprensa com os seus efeitos benéficos que desde logo se fizeram sentir no aperfeiçoamento social e político.

Lan

— *Você viu? Vem aí o calor e com ele os turistas.*
— *Ah! Eu prefiro o produto nacional mesmo.*

Cartas

Catolicismo e marxismo

A minha longa peregrinação por este vale de lágrimas levou-me a conhecer muitos dos mais destacados membros da hierarquia da Igreja católica nos diversos e mais longínquos pontos do globo, onde a presença efetiva portuguesa se verificava até há poucos anos.

Com muitos desses bispos, arcebispos e até cardeais, convivi, discuti, discordei e concordei, mas nunca encontrei nenhum, por mais **progressista** que fosse, que se declarasse marxista ou que desse como exemplo a ser seguido qualquer país de regime totalitário comunista. Isto acontecia porque, certamente, obedeciam à orientação que recebiam de Roma e também por que ainda acreditavam em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tenho assistido, aqui no Brasil, à tomada de posições de determinadas figuras da Igreja, nitidamente contestatórias do chamado sistema, mas que sempre rebateram, prontamente, e muito bem, todas as insinuações que as colocavam ao serviço ou sob a influência das teorias marxistas. A Igreja deve estar sempre junto dos que sofrem e junto da verdade, doa a quem doer, mas a orientação a seguir é a do breve Papa do sorriso bom, "não há verdade na afirmativa de que **ubi Lênin ibi Jerusalém**", ou seja, "não há verdade na afirmativa de que onde está Lênine está Jerusalém". E se assim é, e embora isso pese a muitos amigos que tenho, haverá que distinguir em termos de fé.

Mas o que pensarão os católicos que para mais não são possuidores de coisa alguma, como é o meu caso, dos ensinamentos do Arcebispo de João Pessoa, Dom José Maria Pires, a acreditar na notícia que acabei de ler no **Estado de Minas**, de 28 de setembro findo.

Com efeito, Sua Excelência Reverendíssima, ao pregar na igreja de Nossa Senhora da Conceição de João Pessoa, citou "Cuba como um exemplo de justiça social" e afirmou que "o direito de propriedade é uma violência contra a doutrina cristã".

Referiu ainda à Constituição de **um país da América Latina** e o seu artigo primeiro que determina "que todas as casas alugadas ou cedidas por empréstimo passam a pertencer aos que nelas residem". Interrompido por um dos fiéis que, certamente acuado pela lei da denúncia vazia, se via não só perante a resolução definitiva do seu problema habitacional como também vislumbrava a sua rápida passagem a proprietário sem desembolso de qualquer espécie, queria saber o nome "desse paraíso terrestre", o ilustre prelado respondeu: "Cuba, e eu ia revelar o nome desse país mais adiante em meu sermão".

Confesso que, neste momento, o meu já abalado espírito se conturbou ainda mais. Terei vivido num ledo e doce engano? Ainda verei canonizado São Fidel de Castro, cujas barbas já anunciavam afinal o Apóstolo? Stálin teria sido um Santo Varão, Pai de todas as Rússias, cuja memória foi miseravelmente denegrida pela tenebrosa CIA, apesar da valorosa oposição dos ingênuos meninos de coro do KGB?.

Minha Santa Ana da minha devoção, se acaso não fostes apeada dos altares, ajudai-me neste transe, pois preciso da Vossa constante presença para me convencer a rever todos os ensinamentos de que fui, parece, abusivamente imbuído, durante dezenas de anos, por uma Igreja que, vejo agora pela palavra do ilustre Arcebispo de João Pessoa, era retrógrada ultrapassada, equivocada e, sabe Deus, se herética. **José Luiz de Sampayo Torres Fevereiro — Rio de Janeiro**

Rubens Paiva

Incrível a confissão, com sete anos de atraso, do Dr Benjamin Albagli a respeito do chamado caso Rubens Paiva. Ele alega que "sob pressão de uma figura de projeção e um general reformado" votou contra a sua consciência, a favor do arquivamento do processo que apurava o desaparecimento do ex-Deputado federal, que se encontrava preso sob a tutela do I Exército. E' triste se ver que pessoas, até mesmo aparentemente bem intencionadas como o Dr Albagli, se acovardam e cedem diante de ameaças e sufocam as suas consciências, mesmo diante de dramas tão pungentes como o da família do infeliz Deputado.

Pessoalmente sinto-me decepcionado e triste, porque o mesmo Dr Albagli, há um ano atrás, foi o relator de uma comissão de médicos do SASSE — Serviço de Assistência Social e Saúde dos Economiários — encarregada de apurar a morte misteriosa de meu inesquecível filho Edenir, então com 16 anos, numa cirurgia de clavícula, na Casa de Saúde de São Sebastião. Nunca, nem eu, nem meu advogado, Dr Carlos Accioli, tivemos acesso ao relatório da tal comissão. Fico preocupado. Será que o Dr Albagli também deu parecer contra a sua consciência, pressionado pela ética, pelas autoridades médicas e outras? Será? **Edir de Abreu — Rio de Janeiro.**

Proibido proibir

No Parque do Flamengo não há sequer uma placa de "é proibido" para qualquer assunto que seja. Então, tudo é permitido: carros em alta velocidade, rituais de macumba, garrafas quebradas, árvores depredadas, assaltos, distribuição de tóxicos. Torna-se então proibido à população gozar do Parque pelo qual paga através de impostos. **Manoel Mendonça Filho — Rio de Janeiro.**

Niterói abandonada

Exorcizado há longo tempo do apetite eleitoral e impressionado pela correspondência demagógica do Sr Moreira Franco, candidato vitorioso pelo MDB à Prefeitura de Niterói, concorri ingenuamente para sua eleição. O que me tem valido um mórbido arrependimento. Passados dois anos, vê-se o engodo em que os eleitores entraram. Abandonada, reflexo da incapacidade e da omissão administrativa, Niterói, atualmente, se comparada aos escombros de Beirute, talvez fique em situação inferior. Para a cidade sumir do mapa basta que suas 600 mil almas acionem simultaneamente as descargas. Seria o autêntico cataclisma escatológico proposto por Salvador Dali... Quero meu voto de volta. **Nelson de Oliveira Vianna — Niterói. (RJ)**

Revolução húngara

Passados 22 anos da data da revolução húngara de 23 de outubro de 1956, já poucos se recordam dela, sendo que, neste ano, nem a imprensa o fez.

Nesta data, para os que dela não se lembram, o povo húngaro se revoltou contra o jugo russo que lhe fora imposto desde a II Guerra Mundial, e que em 11 anos de existência se revelou ser insuportável, por suas características de ocupação.

Não posso perder a oportunidade de escrever esta carta, pois, se a data de 23 de outubro passou esquecida, a de 3 de novembro não o poderá, pois foi nesse dia, em 1956, que após uma situação de trégua, onde a revolução aparentava ter sido vitoriosa, as tropas soviéticas desfecharam um covarde ataque contra Budapeste, com centenas de tanques, milhares de soldados, apoiados por sua força aérea, bem no seu estilo de domínio totalitário. Em conluio com o Presidente destituído pela revolução, Matyas Rákosi, os russos atraíram o Presidente Imre Nagy (eleito pelo povo revolucionário) para parlamentar sobre a paz e o assassinaram.

Na retomada de Budapeste morreram milhares de patriotas húngaros, mortos em luta desigual, de **coquetéis Molotov** contra artilharia pesada dos tanques soviéticos. Esta tentativa de libertação do povo húngaro não deve ser esquecida pela geração que nasceu e se criou nestes 22 anos passados. **Gabor Pal Geszti — Rio de Janeiro.**

Ótica realista

Quero apresentar minhas congratulações pelo magnífico editorial **Envenenamento Político**, publicado, dia 22. De fato, o fenômeno da febre de denúncias que de repente atacou e domina agora uma grande parte de pseudos "varões de Plutarco", nesta nossa incipiente democracia, quando analisado com isenção de animo e sob uma ótica realista do nosso momento político, como o faz o brilhante editorialista, revela em suas origens motivações bastante distanciadas de propósitos verdadeiros de moralização do trato da coisa pública. O tumulto provocado pela falsa indignação moralista não serve aos honestos propósitos de autêntica abertura de que estão imbuídos os brasileiros verdadeiramente democratas e ansiosos por um regime político que atenda aos legítimos interesses do país. **Carlos da Fonseca — Rio de Janeiro.**

DASP

Li no JORNAL DO BRASIL de 24 do corrente mais uma notícia que envolve o professor e campeão de acumulação de cargos, Coronel Darcy Siqueira, que, na administração do DASP — uma das piores — conseguiu o título de inimigo número um do funcionalismo público. Tantas são as falhas do Coronel Darcy Siqueira que o Governo determinou que todos os seus atos sejam previamente examinados por um consultor jurídico, que deve estar com grande dificuldade para encontrar uma forma jurídica de apoio a tanto absurdo. Por isso, o Coronel Darcy Siqueira se diz perseguido pela Justiça, pelo consultor jurídico do DASP e, agora, pelo consultor jurídico nomeado pela Presidência da República. O grande Presidente Figueiredo vai ter dificuldade em escolher um diretor do DASP que desmanche os nós que o Coronel Darcy Siqueira vem dando na corda do funcionalismo público civil. **Antônio da Silva Ribeiro — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP-20940. Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráficos. JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

Assinaturas: Tel.: 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — A. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. — Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207 — Loja 103. Telefone: 722-2030.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi Tel.: 24-8783.

Porto Alegre — Av. Borges — de Medeiros, 915, 4º andar. Tel.: Redação: 21-8714, Setor Comercial: 21-3547.

Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro s/nº (Bairro de Pernambués). Tel.: 244-3133.

Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Los Angeles, Tóquio, Madri, Buenos Aires, Bonn e Jerusalém.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, A, AFP, ANSA, DPA, Reuters, e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist.

Confronto de prontuários

Barbosa Lima Sobrinho

TEM razão o JORNAL DO BRASIL quando admite que a propaganda gratuita, tal como a organiza o Tribunal Eleitoral, dentro dos preceitos da Lei Falcão, não oculta seu intuito de desmoralização da democracia. Não sei de ninguém que não corra a desligar a televisão quando aparece a primeira fotografia da fileira dos candidatos, movido por um sentimento de irritação semelhante ao que irrompe quando aparece no vídeo o moço que vem lamentar que não existam mais sogras como antigamente. Ou desligar de vez o aparelho ou apenas lhe tirar o som, quando se espera, em continuação, um programa que se vem seguindo, para evitar sensaborias cuja repetição não pode deixar de enervar o cidadão tranquilo que está sentado diante da televisão.

Os telespectadores que tiverem memória recordarão a campanha magnífica de 1974, em que se começou também com o desligamento do aparelho e, pouco a pouco, o debate político acabou conquistando de tal forma todo o público que os programas de propaganda gratuita começaram também a dar IBOPE, à medida que crescia o interesse pelos candidatos que faziam a crítica, ou o louvor (que não era proibido) do regime vigente. O desfile atual da fotografia dos candidatos, com o respectivo prontuário, transforma o pleito de novembro numa sessão secreta dos serviços de identificação, em que só falta, realmente, a ficha dactiloscópica. É triste assistir ao desfile dos candidatos, necessariamente calados, forçando, não raro, um sorriso convencional, parecendo mais um desfile de condenados do que uma apresentação de candidatos a mandatos eletivos de tanta importancia. Na verdade, talvez não passem de réus, réus da Lei Falcão, passando diante de um Presidente da República que lhes impõe silêncio, com um gesto autoritário que lhe não deve custar muito.

Confesso que às vezes consigo vencer o impeto que me leva a desligar a televisão, ou a lhe tirar o som, para escutar a leitura do prontuário dos candidatos ou a folha corrida que mereceu a aprovação do Serviço Nacional de Informações. Posso testemunhar, depois disso, que me parece que a Arena está levando alguma vantagem, nesse tipo de propaganda. É que os seus candidatos, que já exerceram funções públicas, podem mencionar serviços prestados. Enquanto os do MDB, não tendo calçamentos a mencionar, nem serviços de abastecimento de água ou melhoramentos de qualquer natureza, se vêem forçados a substituir com promessas as realizações que não fizeram. E como é sempre mais fácil a promessa do que a realização, a imaginação os arrebata e não há mais medida no prometer, como nababos distribuindo brindes ou como um Papai Noel fora de horas a carregar nas costas um saco imenso, tamanho do mundo. Uma verdadeira orgia demagógica. Verdade que também a Arena incide no mesmo delírio de promessas quando fala, por exemplo na denuncia vazia, que promete extinguir quando sabe que foi uma criação de seu Partido ou dos Governos a que serviu. As promessas do MDB são realmente promessas, não raro puramente demagógicas. Mas as da Arena nem chegam a ser promessas. Parecem mais imprudência, temeridade ou hipocrisia.

Acredito que a propaganda gratuita está sendo influenciada pelo interesse dos candidatos. Suponho que ficam deslumbrados quando aparece o seu retrato e começa a ser desfiado o seu rápido prontuário. Admitem que basta isso para que estejam eleitos e ofereceriam resistência a qualquer esforço para terminar aquele triste espetáculo da democracia policial, que organiza aquele desfile de candidatos calados. Mas será que o MDB precisa mesmo daqueles prontuários? Não seria mais significativo que em vez dos sinais de identificação dos candidatos e das promessas demagógicas se fizesse a propaganda do programa do Partido? Se existe a fidelidade partidária, não significa coisa alguma a promessa do candidato. O que vale realmente é o compromisso do Partido, consubstanciado no seu programa. Por que, pois, não se limitar a propaganda a recordar os artigos desse programa? A luta contra a desvirtuação da propaganda gratuita dos Partidos políticos? O empenho em que se restitua ao povo o direito de escolher o Presidente da República, o governador do Estado, os senadores, os prefeitos nos municípios que foram cassados? Esses colégios eleitorais, criados para assegurarem a maioria do Partido que o Governo considera seu, embora os dois Partidos tenham sido credenciados pela própria chamada Revolução de 31 de março, já revelaram que são piores, nas suas escolhas, que o eleitorado popular, que não pode ser acusado de haver optado pelo nome do Coronel Peracchi Barcelos em lugar da grande figura do eminente homem público que era o Sr Rui Cirne Lima, um dos homens mais eminentes e mais honrados do Rio Grande do Sul. E quantos mandatos estaduais cassados para forçar a eleição do candidato do Marechal Castello Branco!

Não creio que o Tribunal Eleitoral viesse a proibir essa substituição da propaganda individual pela propaganda partidária, tanto mais quando, em face da lei de fidelidade partidária, são os compromissos dessas agremiações os que podem significar alguma coisa para o eleitorado brasileiro.

É pena que tudo isso aconteça como resultado de uma chamada revolução que se destinava a concorrer para a melhoria dos costumes políticos do país. A propaganda gratuita foi uma das grandes reformas introduzidas à custa de esforços imensos do Poder Legislativo. Seu destino era contrabalançar a influência do poder econômico, que tanto havia feito, através do famoso IBAD, para favorecer a vitória dos candidatos que houvessem merecido as bênçãos das multinacionais. Valia, também, para a revelação de oradores e de homens públicos habilitados para o exercício dos cargos a que se candidatavam. A Lei Falcão coloca no mesmo plano um grande orador como o Sr Paulo Brossard e o Sr Marcos Freire e homens cultos como o Sr Flexa Ribeiro e o Sr Célio Borja, ao lado de candidatos sem qualquer significação. Será isso um esforço em prol da cultura política do Brasil? Não sei, por tudo isso, senão teria sido infinitamente mais significativo que o MDB se limitasse, no horário gratuito que lhe é proporcionado, a apresentar ele próprio seus candidatos, tão-somente com o número correspondente, para o cumprimento de um programa partidário que deseja devolver ao povo o direito de eleger os seus governantes, tudo sucintamente, para não gastar todo tempo que lhe fosse proporcionado. O que lhe permitiria declarar que desistia do tempo restante em homenagem ao povo brasileiro que, na verdade, não merece o espetáculo que lhe vem sendo oferecido, através da execução fiel da Lei Falcão. Como se a vida política do Brasil se houvesse transformado num confronto de prontuários.

Cabeça trocada

Fernando Pedreira

VALE a pena reler o que escrevia, há 12 anos, o General Humberto Peregrino, antigo diretor do SAPS e da Biblioteca do Exército, e teórico da Escola Superior de Guerra. Dizia ele: "Somos da área da guerra total, essa guerra que se converteu num jogo desesperadamente complexo, cujos dados são a economia política, a psicologia social, a geografia geral e as últimas conquistas da física nuclear. Ora, neste quadro, as instituições militares serão órgãos de planejamento e de direção das operações, pois que a guerra total solicita a nação inteiriça, no pleno exercício de todas as suas faculdades coordenadas para um objetivo superior e único. Vem daí a intransigente subordinação das atividades básicas da nação aos interesses da sua segurança. E torna-se mister, à margem desse rigido princípio diretor da moderna concepção de segurança nacional, equacionar os problemas fundamentais da nação e aparelhar, no trato deles, equipes de homens superiormente dotados. E' o que compete, no Brasil, à Escola Superior de Guerra".

Leram? Escolhi este parágrafo do General Humberto Peregrino porque ele é um dos exemplos menos obscuros desse tipo de literatura. Quem quiser dar-se ao trabalho da pesquisa, entretanto, pode procurar os livros do General Golbery, os escritos do General Meira Mattos ou os textos de qualquer outro dos doutores da segurança nacional abrangente: encontrará sempre a mesma algaravia embrulhada, nebulosa e obscurantista. E, no entanto, esta é a doutrina que, ainda agora, serve de fundamento intelectual para o novo projeto de Lei de Segurança, para a Lei de Imprensa e para essa triste colcha de retalhos que acabou nos sendo imposta como Constituição, ao longo dos anos de regime militar.

Os nossos generais e coronéis iludem a si mesmos (e aos outros), acreditando que essa teoria imprecisa e mal definida de Segurança pode não ter a elegancia e a clareza das teses liberais, mas é pelo menos nossa, brasileira, criada pela ESG para atender às inimitáveis peculiaridades verde-amarelas. Mas, não. Essa doutrina nebulosa e obscurantista é importada. Veio dos Estados Unidos e o seu principal criador foi o Coronel George Lincoln, professor e *guru* militar de West Point, com quem eu mesmo estive, em 1966, levado pelo cientista político Ronald Schneider, que então ensinava na Universidade de Columbia.

O nome em inglês da doutrina-base da ESG é *counter-insurgency*, contra-insurreição, e há sobre ela vários, inúmeros livros publicados, entre os quais talvez o melhor seja o do professor Neal Ronning, também de Columbia. A doutrina da contra-insurreição foi criada como resposta ao desafio que o poder norte-americano enfrentava no Sudeste asiático e em diversas áreas subdesenvolvidas. Mais tarde, com o terrível e custoso malogro das operações no Vietnam, a doutrina desacreditou-se nos meios militares e acadêmicos dos próprios Estados Unidos e foi oficialmente abandonada. Mas, os seus restos continuaram flutuando pelo mundo e inspirando movimentos militares que, em muitos casos, acabaram se voltando contra os próprios norte-americanos, como não está longe de acontecer entre nós.

O fundamento da teoria da contra-insurreição é simples e os estudiosos norte-americanos, como é do seu hábito, não o escondem. Para os brasileiros, entretanto, esse fundamento é difícil de confessar e é isto o que explica boa parte da nebulosidade dos textos nacionais sobre a matéria. Parte a teoria do pressuposto de que, nos países atrasados, pobres, a ignorancia e a miséria tornam a população nativa altamente vulnerável à penetração comunista. O inimigo, alimentado e municiado do exterior, penetra entre o povo, confunde-se com ele e conquista frequentemente setores inteiros da população, comunidades, distritos, prefeituras, assembléias eleitas.

Nesses casos, não haveria outra maneira de prevenir o perigo ou de combatê-lo efetivamente, senão criando uma elite imune à penetração inimiga e entregando a ela o monopólio do Poder ou, quando menos, das suas alavancas essenciais. De acordo com o Coronel Lincoln e seus colegas, as corporações militares, nos países atrasados, desprovidos de instituições civis confiáveis, estavam naturalmente indicadas para exercer esse mandato patriótico, o qual teria de durar até que o desenvolvimento econômico criasse, entre o povo, bases sociais confiáveis para a democracia.

E' bem sabido o que custou esta nefanda teoria, durante a década de 60, aos países e populações que lhe serviram de cobaias, especialmente na Ásia e na África. Sua aplicação favoreceu em muitos casos, em vez de impedir, a mais rapida penetração popular do comunismo e do antiamericanismo. Já no fim da década, os comunistas estavam em condições de inverter a doutrina, isto é, de aplicá-la em seu próprio benefício, como fizeram no Peru, em Portugal e na Etiópia, países em que usaram a *via militar* para o comunismo, graças a Deus nem sempre com êxito...

E o Brasil? Nem o próprio Coronel Lincoln seria capaz de confundir-nos com o Camboja ou a Etiópia. Mas, embora a grande maioria do país civil não o soubesse, a verdade é que, já em 1964, a doutrina da contra-insurreição estava em grande moda não só na ESG, mas sobretudo na ECEME, que o General Castello comandara durante tantos anos. Eram tempos confusos e tumultuados, aqueles. Tempos de Fidel Castro, Janio Quadros, Goulart. E, entretanto, se fosse preciso demonstrar ao Coronel Lincoln que éramos, apesar de tudo, uma nação saudável e capaz de cuidar de si mesma, bastaria ver a própria Revolução de 1964.

A Revolução não foi feita por nenhuma corporação militar isolada do povo e nem o povo levantou um dedo que fosse, em parte alguma, para defender Goulart e seus amigos. Não houve greves. Houve, sim, resistências, hesitações, negociações e alguma expectativa entre corporações e comandos militares, cuja disposição era duvidosa. A Revolução foi na verdade feita pela grande imprensa; pelos Governos da Guanabara, Minas, S. Paulo e Rio Grande; pela maioria do Congresso que resistiu como pôde, anos a fio, às investidas de Goulart e seus generais "do povo"; pela opinião pública civil e militar, donas-de-casa, comerciantes, profissionais liberais que, ao menos em S. Paulo e no Rio, chegaram a organizar-se e a armar-se.

Não. Se a algum país se puderam algum dia aplicar as premissas da contra-insurreição, se alguma sociedade mostrou-se incapaz de reagir ela mesma à penetração comunista, este país não foi o Brasil e esta sociedade não era a nossa. E, no entanto, derrubado Goulart, vitorioso o movimento e reunida a imensa maioria do país em torno dos chefes vencedores, a Revolução começou apesar de tudo a fechar-se inexoravelmente sobre si mesma, como o diafragma de uma velha máquina fotográfica. Os "duros" do novo regime queriam ir até o fim, e foram. Aos trancos e barrancos, chegamos ao golpe militar de 13 de dezembro de 1968 e ao AI-5, que completa agora os seus 10 anos redondos.

Foi um longo processo catártico, durante o qual a nação puniu-se duramente, e que certamente não se pode imputar à conta exclusiva dos militares. Por trás dele, estavam sentimentos generalizados, nascidos do período anterior, e nem sempre bonitos de ver: o medo e o ódio, ressentimentos antigos, desejo de desforra. Era o fígado da Revolução, e a verdade é que não há revolução sem fígado. Quanto à *cabeça* do processo revolucionário, esta, à medida que eram postos à margem os principais líderes revolucionários liberais, foi cada vez mais dominada pelos teóricos da contra-insurreição e pelos doutrinários da ESG — para os quais era preciso isolar o povo do poder político, era preciso transformar as corporações militares num escudo, numa barreira fechada, entre a população civil e os manipuladores das alavancas do Governo.

O regime da contra-insurreição — eis o que tivemos todos esses anos. E, ainda agora, quando começamos a dar passos mais largos no caminho da liberdade, não se pode dizer que o pesadelo se tenha dissipado. Aí estão os novos projetos de leis de exceção; o *pacote* de abril; a Constituição de 1969, reforçada pelas *reformas* geiselianas.

O General João Baptista de Figueiredo fala hoje em conciliação e ninguém duvidará da sua sinceridade. Mas, a conciliação que é agora necessária, nem sequer é a paz com os adversários de ontem. E', antes, a reconciliação com a pura e limpa doutrina democrática; é a reconciliação com a memória dos líderes liberais que fizeram a Revolução e que foram sumariamente afastados; é a reconciliação, enfim, com o país no que ele tem de livre e de digno. E isto o Governo não pode fazer enquanto continuar amarrado às idéias do Coronel George Lincoln; enquanto continuar acreditando que a instituição militar deve interpor-se entre o poder político e suas fontes legítimas, civis. O resto é consequência.

Teng encerra excursão turística

Tóquio — Teng Hsiao-ping, Vice-Primeiro-Ministro da República Popular da China, concluiu ontem a parte turística de sua permanência no Japão, com a visita à histórica cidade de Nara, antiga Capital e berço da literatura japonesa. À tarde, Teng visitou algumas das grandes instalações industriais de Osaka e amanhã regressará a seu país. O presidente do Partido Comunista Japonês, Zemmei Matsumoto, declarou ontem que o apoio dado por Teng ao tratado de segurança entre os Estados Unidos e o Japão constitui interferência nos assuntos internos japoneses e flagrante violação dos princípios do socialismo.

Mulheres, sinal da nova política

Hong-Kong — Outro indício do gradual relaxamento que vem ocorrendo na política chinesa foi o fato de as mulheres de quatro importantes líderes terem acompanhado seus maridos ao Japão, esta semana, na comitiva do Primeiro-Ministro Teng Hsiao-ping.

E' a primeira vez desde 1966, no início da revolução cultural, que mulheres chinesas acompanharam seus maridos numa visita de Estado no exterior.

A frente das quatro mulheres está a mulher de Teng, Cho Lin, de 64 anos, designada recentemente para chefiar o importante departamento do Governo encarregado de responder cartas dos cidadãos chineses.

A última mulher chinesa a participar de uma missão diplomática com seu marido foi Wang Kuang-mei, mulher de Liu Shao-chi, ex-Chefe de Estado caído em desgraça na revolução cultural.

Nos últimos anos, após a morte de Wang Kuang-mei, só muito raramente foram vistas em público as mulheres de líderes chineses.

Esse esforço para evitar críticas contra as mulheres de autoridades, e talvez contra os próprios líderes, chegou a um tal extremo que até hoje a imprensa chinesa não revelou o nome ou a posição da mulher de Hua Kuo-feng, presidente do Partido Comunista chinês.

O "panda" que moderniza a China

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — Duas frases atraíram para Teng Hsiao-ping a atenção da imprensa ocidental: "Ganho 400 yuans (cerca de Cr$ 6 mil 400 por mês). Apenas 100 pessoas em toda a China ganham tanto"; e "Não importa a cor do gato, desde que ele cace ratos". Afinal, que melhor aríete para romper da cortina de bambu e ridicularizar — como é costume — ante os democráticos e bem sucedidos olhos do Ocidente, o socialismo mambembe, pobretão, que a tranca do bambual mal encobria, do que um comunista chinês boquirroto e com tendências pragmáticas?

Errou a propaganda orquestrada. Teng é apenas franco e diz o que pensa e seu pensamento — agora começa a ter-se evidência palpável disto, vale ouro para a reconstrução da China. Num outro país socialista, seria um dissidente. No manicômio lhe seria reservada uma camisa de força. Em seu próprio país isso foi tentado duas vezes. Duas vezes ele caiu e outras tantas recuperou-se. Para seu caso, a expressão — tão do gosto dos comunistas — "reabilitar-se" perde sentido. Teng se impôs.

Paciência chinesa

Teng não compareceu ante o Presidium do Comitê Central para bater no peito, a cabeça baixa, confessar que errou, aceitar a absolvição e ir cumprir penitência, com a subserviência dos reabilitados. Teng Hsiao-ping simplesmente manteve suas idéias através do tempo. Teve a paciência de esperar desde 1920, quando ingressou ainda estudante, na França, no Partido Comunista, a oportunidade de dar à sua pátria, já sem oposições de caráter ideológico, o programa que dela fará uma potência socialista, num cronograma de 22 anos.

À Revolução Cultural que, um dia, o condenou, ele opõe a Revolução Econômica, tão mais necessária. Ao radicalismo, ele opõe aberturas até há pouco inacreditáveis. Os donos da Revolução Cultural e do radicalismo já não existem, política ou fisicamente. E já nem há a obrigatoriedade de reverências a um ídolo esclorosado, que pensava alimentar 850 milhões de pessoas com conceitos bíblico-ideológicos.

Teng soube ser leal e até submisso a Mao Tsé-tung e Chu En-lai. Afinado com o segundo desde os tempos universitários em Paris, com ele comungou a idéia revolucionária de abrir a China, por entender que esse era o passo de que o país necessitava para tornar-se moderno. A primeira tentativa foi com os Estados Unidos, mas apenas um homem em Washington viu que nas relações com a China estava a luz próxima do fim do túnel. Injunções de caráter ideológico e arraigados compromissos econômicos com Formosa não permitiram que Henry Kissinger fosse além de um pseudo-reatamento, muito pouco para o que pretendiam os chineses.

Sagacidade nipônica

Mais sagazes foram os japoneses que, na mesma época em que Chu En-lai e Nixon trocavam brindes e sorrisos por uma reaproximação que, na realidade, não se concretizou totalmente, souberam entender que, se de Pequim partia um convite ao pragmatismo, por que não aceitá-lo em Tóquio? Para o Japão não existem pudores políticos que impeçam um bom negócio e o da China, sempre se disse e agora se vê que é verdade, ainda é o melhor de todos.

Japão e China reataram relações diplomáticas em 1972, com Kakuei Tanaka e Chu En-lai à frente de seus Governos, e desde então se prometeram um tratado de paz e amizade. Possivelmente contidos pela hesitação americana, os japoneses esfriaram os ânimos e esperaram até agosto passado para concretizá-lo, e isto só ocorreu depois que, mais importante do que as juras de paz e amizade eternas, foi firmado um acordo comercial no valor de 20 bilhões de dólares (Cr$ 400 bilhões), num período de oito anos, agora já quadruplicado em valor e prorrogado por mais cinco anos. Os dois países, inimigos em duas guerras num passado recente, mas com relações que datam de 2 mil 500 anos, integram-se, com o tratado político e o acordo comercial, a um nível jamais visto. A China tem todos os recursos que o Japão não tem e este se dispõe a transmitir-lhe toda a sua experiência nas várias áreas de tecnologia. E' difícil dizer que numa análise, mesmo ligeira, do alcance desta aproximação mostra uma ponta do *iceberg* que, inversamente, se forma de cima para baixo, com a parte encoberta correspondendo ao que está por vir.

Diplomatas ocidentais, notadamente europeus — e não apenas os soviéticos — já falam que está em formação o *eixo amarelo*. Não está em formação, está formado. Possivelmente não no sentido dos eixos da última grande guerra, valendo como aliança para fins bélicos. Mas, a partir de agora, Tóquio e Pequim terão tantos interesses comuns, tantos investimentos e necessidades por satisfazer, que não surpreenderia se as ligações de agora evoluíssem para uma aliança, num momento em que algum país ameaçasse pôr em risco este *status* bilateral. E não se pode esquecer que a União Soviética é a inimiga da China, ao mesmo tempo em que permite uma degradação perigosa de suas relações com Tóquio.

Sob o ponto-de-vista da segurança, tendo-se a União Soviética na mira, talvez os Estados Unidos fossem mais importantes para a China. Mas a timidez americana, ou seus pudores, ou quem sabe, a previsão de que não valia a pena criar um novo ponto de atrito com Moscou, levaram Pequim a concluir que mais curto é o caminho para Tóquio. Agora existe uma sólida ponte cruzando os mares da China e do Japão, no dizer de Fukuda. Sabe-se o que passará por esta ponte agora, pois está escrito no tratado e no acordo. Não é o momento, porém, para especular sobre vaticínios.

O Japão tem dito e reafirmou agora a Teng Hsiao-ping que está pronto a colaborar com a modernização da agricultura, da indústria e da ciência e tecnologia da China, mas nada fará em favor de seu sistema de defesa. A China já sabia disso e tem buscado na França e na Alemanha Ocidental as modernas armas de que necessita. E sabe, também, que a posição do Governo de Tóquio não é tão inflexível como parece. O Japão vem pedindo à Comissão de Controle das Exportações para os Países Comunistas (COCOM) a retirada de grande número de itens estratégicos do index das proibições. E que fará amanhã, quando uma grande empresa japonesa decidir que já é hora de vender armas aos chineses?

Obstinada franqueza

A Teng se pode atribuir toda a projeção de uma China poderosa e rica. E' dele o olho clínico que viu no Japão o parceiro ideal para seu país. Um seguidor do pragmatismo de Chu En-lai, de quem imprimia artigos no jornalzinho que fundaram em Paris. Morto seu líder, Teng caiu com ele, voltando ao ostracismo e arquivando seu plano de tornar seu país potência. Voltou há 18 meses e, neste período, acelerou a concretização de seu projeto, de tal modo que o tornou irreversível.

Franqueza e obstinação são características de Teng, filho único de um proprietário de terras. Teve três irmãs. E' comunista há 57 anos. Participou da Longa Marcha. Foi soldado da 19a. Divisão do 8.º Exército Vermelho que combateu os invasores japoneses e o Kuomintang. Criada a República Popular da China, foi chamado a Pequim. Em 1952, já era um dos vices-primeiros-ministros, trabalhando na redação da Constituição e da Lei Eleitoral. No ano seguinte, assumia o Ministério das Finanças e elaborava o Primeiro Plano Econômico Quinquenal da China.

Já como secretário do Comitê Central e membro do Comitê Permanente do Politburo teve um célebre encontro, em 1963, com Mihail Suslov, teórico do Partido Comunista Soviético, marco do rompimento ideológico entre os dois países. Mas, três anos depois, era afastado por força da Revolução Cultural, que não lhe perdoava a origem: filho de burguês, um capitalista, portanto. A volta ocorreu com a ascensão de seu velho amigo Chu En-lai, em 1973, mas só durou três anos. Seu último ato público foi o discurso de despedida ao amigo morto. Em março daquele ano, sofreu a afronta de ser acusado de revisionista pelos alunos da Universidade de Tsinshua, em Pequim. "Sou um homem velho, não posso ouvir bem o que vocês dizem. Não me metam em política novamente", respondeu e voltou a eclipsar-se, para só ressurgir em julho do ano passado, com o afastamento de Chiang Ching, viúva de Mao, e seu Grupo dos Quatro.

Voltou com toda força e disposto a executar, de vez, seu projeto de modernização da China. Há quem o acuse de ter mandado matar muitos de seus antigos inimigos. Não se pode confirmar isso, por enquanto. O certo é que colocou gente de sua confiança em postos-chave, no Partido, no Governo e nas Forças Armadas. Lá estão agora os fiéis Hu Yao-pang, no Departamento de Organização do Comitê Central; Chang Ping-hua, no Departamento de Propaganda; Chao Tsang-pi, no Ministério de Segurança Pública; e Wei Kuo-ching, no Departamento Político do Exército Popular de Libertação. E, mais recentemente, conseguiu afastar o Prefeito de Pequim, Wu Teh, responsável pela repressão no incidente da Praça da Paz Celestial, por ocasião da morte de Chu En-lai.

E' a era de Teng na China. Líderes estrangeiros, que com ele negociaram em Pequim, dizem-se enojados com a frequência com que usa a escarradeira, sempre a seu lado, mas confessaram que dificilmente encontrarão um negociador mais cativante, pelo bom humor, pela franqueza, pela inteligência. Foi assim que se comportou em Tóquio. Alegre, bem humorado, incisivo, independente. Veio com um objetivo e o cumpriu. Se pretendia falar que o Japão deve manter seu tratado de segurança com os Estados Unidos, falou. As reações dos Partidos japoneses de oposição não lhe causaram preocupações. Nem se importou de conversar amigavelmente com o Imperador Hiroito. E não deixou de visitar seu amigo Kakuei Tanaka, afastado do Governo por corrupção. Fez piadas e rompendo com uma tradição dos orientais, exibiu sua terceira mulher, Chou Lin, formada em Física e intelectual. Ela própria uma bandeira da modernização que o marido defende, ao vestir-se com estampadas túnicas de seda, para compor o uniforme *à la Mao*, acrescentando-lhe uma robusta bolsa de couro de crocodilo.

Teng deixou em Tóquio a impressão de que ali está mais um gigante das lideranças chinesas, como os ursos pandas de sua província natal, Szechnam. E não lhe coube a culpa pela única nota destoante de sua visita: mais uma vez fracassaram as tentativas dos funcionários do Jardim Zoológico de Ueno, em Tóquio, de conseguir que o casal de pandas, doados pela China ao Japão em 1972, reproduzisse. E a culpa também não foi do panda Can Can. Foi Lan Lan que abortou. Os japoneses estão decepcionados.

Vietnam e EUA negociam

Henry Kamm
The New York Times

Bancoc, Tailândia — As negociações entre os Estados Unidos e o Vietnam para o estabelecimento de relações diplomáticas chegaram ao estágio em que os principais pontos em discussão são o prazo e o procedimento para se alcançar um relacionamento normal.

Como os Estados Unidos estão simultaneamente procurando estabelecer plenas relações diplomáticas com a China, numa hora em que Pequim e Hanói demonstram franca hostilidade mútua a reaproximação formal entre Estados Unidos e Vietnam se tornou uma questão delicada.

O Presidente Carter ainda não tomou uma decisão final quanto à troca de Embaixadas com Hanói, segundo uma fonte bem informada, mas o Subsecretário de Estado para Questões do Leste Asiático e Pacífico, Richard Holbrooke, declarou que continuavam os encontros informais entre autoridades norte-americanas e chinesas. Essas reuniões foram iniciadas mês passado pelo próprio Holbrooke, que por duas vezes se reuniu com o Vice-Ministro do Exterior, Nguyen Co Thach.

A China não teria externado uma oposição aberta às negociações americano-vietnamitas, mas não perdeu tempo em apresentar os vienamitas a Washington como inteiramente dependentes da União Soviética. Uma das principais razões do interesse americano em manter relações diplomáticas com o Vietnam é a esperança de impedir que Hanói ceda à pressão soviética.

Ignora-se a reação chinesa à possibilidade de uma troca de Embaixadas entre Washington e Hanói, bem como a atitude que Carter tomaria caso Pequim o colocasse na posição de escolher entre estabelecer plenas relações diplomáticas com a China ou o Vietnam. Washington acredita que Pequim não se oporá a que o Vietnam normalize suas relações com os Estados Unidos.

Um elemento imponderável é a possibilidade de de uma ação vietnamita contra o Camboja, com o qual está em guerra.

"Linha de frente" se reúne

Dar Es-Salaam, Salisbury, Maputo — Reúnem-se hoje em Dar Es-Salaam os Presidentes dos cinco paises da "linha de frente" contra a Rodesia — Angola, Botswana, Moçambique, Tanzania e Zambia — para discutir medidas militares que evitem a repetição dos ataques rodesianos a seus territórios e recentes decisões que criaram divergências entre o grupo.

A agenda da reunião, preparada pelo lider tanzaniano Julius Nyerere, não inclui a discussão de novo plano anglo-americano para Rodésia, apresentado semana passada. A "linha de frente" acha que não há o que discutir, pois a versão original do plano já foi aceita por ela, pela ONU e pela OUA, estando portanto ainda em vigor.

Durante o encontro, os Presidentes deverão tentar solucionar as divergências surgidas com a decisão da Zambia de reabrir sua fronteira com a Rodésia, medida muito criticada pela Tanzania e Moçambique.

Também deverão ser pedidos esclarecimentos ao Governo zambiano sobre o papel da Kaunda na promoção de um encontro secreto realizado em Lusaka entre o Primeiro-Ministro rodesiano Ian Smith e um dos lideres da Frente Patriótica, Joshua N'Komo.

O problema do reforço militar deverá ser um dos principais pontos das discussões. Apesar de declarações sobre compromissos para uma defesa conjunta, até agora só houve um resultado prático: o envio de algumas centenas de soldados tanzanianos à região fronteiriça entre Moçambique e Rodésia.

Recentemente, a Frente Patriótica lançou ataque com granadas contra Umtali, cidade fronteiriça da Rodésia, onde o Bispo Abel Muzorewa realizava um comicio. Os guerrilheiros também destruiram várias pontes e setores ferroviários, afirmou comunicado, no qual Robert Mugabe anuncia que sua ação pode passar agora às áreas urbanas.

O comando militar da Rodésia, por sua vez, informou que 32 pessoas morreram nas últimas 48 horas em consequência da guerra no pais, inclusive um norte-americano alistado no Exército rodesiano.

Gorgan, Irã/UPI

Gorgan, uma cidade arrasada pela luta entre policiais e muçulmanos

Líder do Irã prevê guerra civil pela democratização

Teerã — A possibilidade de uma guerra civil para a instalação de uma democracia islamica no Irã foi ontem aventada pelo *ayotollah scita* Chariat Madari, ante o prosseguimento das manifestações e subelevações contra o regime do Xainxá em todo o pais, as quais resultaram ontem em pelo menos mais 15 mortos e muitos feridos.

Enquanto as manifestações antiocidentais vão constituindo um novo perfil para o descontentamento que remonta a meses, falando o *Teheran Journal* de um "inicio de psicose" entre a comunidade estrangeira, a Capital viveu ontem um dia agitado, com confrontos entre milhares de universitários e colegiais, em sua maioria menores, e numeroso contingente policial e militar.

Estudantes

Os professores universitários continuam em greve — como funcionários de bancos e outras categorias — e deram inicio ontem a uma Semana de Solidariedade Nacional. Antes que as tropas ocupassem duas universidades em Teerã, fechando-as, os estudantes sairam às ruas, enfrentando bombas de gás lacrimogêneo e a presença ostensiva de dois tanques e três autometralhadoras blindadas.

Veiculos blindados foram enviados também a Hamadan e Kabutarahange, localidades próximas no Norte do pais, onde os conflitos foram mais violentos. Em Hamadan, cinco pessoas foram mortas a tiros depois que um grupo tentou apoderar-se das armas de uma unidade de defesa civil. Em Kabutarahange, a manifestação foi pacifica e os soldados tinham ordens para não atirar, mas apesar disso, segundo o jornal *Kayhan*, atingiram mortalmente cinco pessoas e feriram outras 18.

Em Ispahan, os manifestantes pediam a expulsão do pais de técnicos e especialistas ocidentais, dando lugar ao comentário do *Teheran Journal* de que o movimento, se assim pode ser chamado, assume cada vez mais conotações nacionalistas e antiestrangeiras. Encontram-se atualmente em Teerã dois altos funcionários norte-americanos — o Secretário-Adjunto de Defesa Charles Duncan e o Subsecretário de Economia Richard Cooper — além do Ministro da Economia da Alemanha Ocidental, Otto Lambsdorf.

São 45 mil os norte-americanos que vivem no pais, e a eles a Embaixada endereçou ontem um apelo para que evitem sair de casa. No inicio da semana passada, três microônibus que transportavam turistas britanicos foram incendiados por manifestantes, e na sexta-feira outro grupo quebrou vidraças da Embaixada da Itália, confundindo-a com a da França, pais que acusaram de impor restrições ao *ayatollah* Khomeiny, ali exilado.

Em Paris

Khomeiny se mantém intransigente em sua negativa de negociar com o regime iraniano, recusando-se a voltar ao pais e preferindo dar alento, do exilio, à atual situação de desgaste, com manifestações que sempre invocam o seu nome.

Dizendo-se traumatizado com a situação do pais, onde são comuns invasões de lojas para arrancar retratos do Xainxá (além de saques e incêndios), enquanto muitos ônibus da Capital traziam ontem inscrito o nome de Khomeiny, o chefe oposicionista Karim Sandjabi, da Frente Nacional, viajou para Paris, onde se entrevistará hoje com o lider religioso.

Calma volta a Uganda

Nairóbi — A calma reinava ontem em Uganda, inclusive no Sul do pais, onde, segundo autoridades ugandesas, uma força invasora tanzaniana, com auxilio de cubanos, tomara a cidade fronteiriça de Mutukula na sexta-feira.

A denúncia da invasão foi considerada "totalmente absurda" pelo Governo de Dar-Es-Salaam. Uma testemunha ouvida por telefone algumas horas depois do anúncio, disse que viajara da fronteira até Kampala sem ter notado qualquer atividade militar especial.

Ontem, a Rádio Uganda não mencionou a suposta invasão e reiniciou seus programas normais.

D Evaristo debaterá direitos no Chile

Santiago — Os Cardeais Dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, e Dom François Marty, de Paris, o secretário-geral da Anistia Internacional, Martin Ennals, o presidente da Comissão de Direitos Humanos da OEA, Andrés Aguillar, são alguns participantes de um simpósio internacional sobre direitos humanos a se realizar na última semana de novembro na Capital chilena.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica chilena afirmou, ontem, por um de seus porta-vozes, que estranha o silêncio do Governo do General Augusto Pinochet em relação ao problema das pessoas desaparecidas por motivos políticos, lembrando que há cinco meses o mesmo Governo se prontificara a dar uma resposta oficial "em breve prazo", sob pressão de familiares de presos políticos e desaparecidos que fizeram uma greve de fome até conhecer o paradeiro deles.

O simpósio sobre direitos humanos será realizado na catedral Metropolitana, iniciativa incentivada pelo Vicariato da Solidariedade e com o apoio do único Cardeal chileno, Dom Raul Silva Henriquez.

Além dos Cardeais Arns e Marty, de Martin Ennals e Andrés Aguillar, confirmaram a presença no encontro o representante das Nações Unidas, Theo Van Bowen, o representante do Conselho Mundial de Igrejas, José Miguel Bonino, o secretário-geral da Comissão Internacional de Juristas, Niall MacDermot, e o presidente do Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, William Thompson.

Renúncia de Montes poderá prejudicar posição da Argentina no caso Beagle

Buenos Aires — A renúncia do Vice-Almirante Oscar Montes do cargo de Ministro do Exterior criou um dilema para o Presidente argentino Jorge Rafael Videla, pois se não nomear um sucessor com rapidez o fato poderá trazer prejuízos às negociações efetuadas com o Chile a respeito do canal de Beagle. O Brigadeiro José Maria Klix, Ministro da Defesa, foi o escolhido para ocupar interinamente a Chancelaria.

Uma explicação que os observadores estão dando para a saída de Montes é a de que haveria uma disputa entre as Forças Armadas argentinas por maior influência no Poder, e que em conseqüência dela Videla resolveu tornar o cargo de Chanceler acessível à Força Aérea, depois de ter sido exercido em todo o Governo militar por homens da Marinha, primeiro o Contra-Almirante César Guzzetti, depois o Vice-Almirante Oscar Montes.

MAR E AR

Segundo a UPI, a crise na cúpula argentina é de "alcance ilimitado". A agência registrou que, ao despedir-se do cargo que exerceu durante 17 meses, Oscar Montes seguiu rigorosamente as normas estabelecidas pelo atual regime, consultando não apenas a Presidência da República, a quem deve obediência política, mas também os principais chefes navais, por questão de hierarquia.

Antes da renúncia, que afirma ser irrevogável, Montes esteve com o Comandante da Marinha e integrante da Junta de Governo, Almirante Armando Lambruschini, e com o segundo homem da força naval, o Contra-Almirante Antonio Vanek, Chefe do Estado-Maior Naval.

Encarada no Chile como uma possibilidade de afrouxamento das posições argentinas em relação a questões como Beagle, a renúncia teve explicação oficial de Montes como sendo o resultado de rumores, não desmentidos por Videla, de uma reestruturação geral do Gabinete, exceto algumas Pastas.

E, conforme a UPI, muita coisa vai mudar no Ministério do Exterior argentino, onde não apenas o titular como os principais assessores eram provenientes da Marinha. Haveria, segundo a UPI, uma mudança geral na Chancelaria, com a entrada de militares da Aeronáutica.

A insegurança reinante em virtude dos rumores foi o motivo que a agência norte-americana aponta como responsável pelo silêncio de suas habituais fontes de informação nos círculos militares. Essas fontes reconheceram apenas que estão preocupadas com o futuro da política externa argentina e sobretudo com seu futuro imediato, "no qual a diplomacia poderia correr o risco de perder suas formas atuais, enquanto se realizam as adaptações que o momento impõe".

Recorde-se que também no Chile o Ministério do Exterior é exercido por oficiais da Marinha. As dificuldades de Beagle atingiram o auge com o Contra-Almirante Oscar Montes, do lado argentino, e o Vice-Almirante Patricio Carvajal, do lado chileno. Carvajal renunciou no cargo há meses e em seu lugar assumiu Hernán Cubillos, também da Marinha.

Chilenos acreditam que agora haverá um acordo

Santiago e *Buenos Aires* — Porta-vozes do Ministério das Relações Exteriores do Chile deram importância extraordinária à renúncia do Chanceler argentino Oscar Montes, a quem responsabilizaram, indiretamente, pelo fracasso até agora das negociações entre os dois países acerca da posse de três ilhas do canal de Beagle.

Os jornais *El Mercúrio* e *Últimas Noticias*, fiéis na reprodução do pensamento do Governo de Santiago, afirmaram que os porta-vozes, que falaram extra-oficialmente, não justificaram seu otimismo, no sentido de que a partir de agora, com Montes de fora, haveria "maior aproximação".

NADA A DECLARAR

Oficialmente, os chilenos reagiram com discrição. Segundo o chefe da delegação do Chile na comissão mista nº 2, "não há nada a declarar". Os observadores, entretanto, acham que o afastamento de Oscar Montes e a explosão de uma bomba em frente à Embaixada argentina no Chile "alteraram a marcha das conversações".

Decreto da Junta permite eleições sindicais no Chile com sérias restrições

Santiago — Com o propósito de "promover uma nova geração de dirigentes trabalhistas despolitizados", o Governo militar chileno decidiu ontem oficializar as eleições nos sindicatos do país e marcou para terça-feira a votação de todas as categorias, exceto as ligadas ao setor público.

O anúncio foi feito ontem à noite, pela televisão, através do Ministro do Trabalho, Vasco Costa, que atribuiu o fim da proibição "ao progresso dos últimos cinco anos". Para ser eleito líder sindical, contudo, é necessário preencher uma série de requisitos e prestar um juramento solene, no qual o candidato se compromete a não desenvolver quaisquer atividades políticas.

LIMITAÇÕES

Só os sindicatos de setores privados poderão ter eleições; cada diretoria deve ter três pessoas, mesmo que o sindicato seja representativo de milhares de trabalhadores; os atuais dirigentes não podem se candidatar; quem exerceu qualquer atividade partidária no passado também é inelegível — essas são algumas das restrições impostas pelo regime do General Pinochet, que no entanto assegura que as eleições serão "livres, diretas e secretas".

Não podem ter eleições sindicatos como os de funcionários públicos, empregados de empresas estatais, mineiros de cobre, operários da indústria siderúrgica, trabalhadores do setor petrolífero e naval, além de uma série de outras categorias. Segundo o Governo, a medida vai beneficiar cerca de 1 milhão de trabalhadores com direito a voto.

O juramento do novo dirigente sindical no Chile tem o seguinte texto: "Juro reunir os requisitos legais para desempenhar o cargo de diretor sindical e que não participo e nem participarei de quaisquer atividades ou movimentos políticos enquanto desempenhá-lo".

Sindicalistas atacam Guarda em Masaya

Manágua — Guerrilheiros da Frente Sandinista atacaram ontem um posto da Guarda Nacional em Masaya, matando três soldados, no primeiro incidente com vítimas fatais desde o fim da guerra civil na Nicarágua, mês passado — informou ontem o Governo Somoza.

Os incidentes sem vítimas continuam e só nas últimas 24 horas o correspondente da UPI em Manágua diz ter ouvido pelo menos 15 explosões, além de tiros esporádicos. Pessoas que estão sintonizadas com a freqüência de rádio da Guarda Nacional avisaram que na sexta-feira à noite os militares estavam de prontidão.

Além do atentado em Masaya, outros guerrilheiros assaltaram uma camioneta do Bank of America, ontem, em Manágua subtraindo uma quantia não revelada.

Alunni é condenado outra vez

Roma, Milão — Corrado Alunni, um dos principais chefes operacionais das Brigadas Vermelhas, foi condenado a sete anos e um mês de prisão com relação a atentados terroristas realizados em 1975, entre eles o ataque armado que libertou Renato Curcio, líder brigadista, da penitenciária.

Um tribunal de Milão, no mesmo julgamento, condenou ainda Attilio Casletti a nove anos e nove meses, Pierluigi Zuffada a nove anos e seis meses, Fabrizio Pelli a três anos e quatro meses, Paolo Bususchio a três anos e Susanna Ronconi a dois anos e quatro meses.

O julgamento começou no último dia 12. O tribunal chegou à decisão sobre as penas em cinco horas. As acusações são consideradas relativamente leves e se destinam principalmente a manter Alunni e os outros terroristas na prisão, enquanto são preparados processos mais sérios.

Alunni foi preso em Milão a 13 de setembro passado. Entre os processos a que deverá responder está o de sua participação no assassínio do ex-Primeiro-Ministro Aldo Moro.

Três desconhecidos balearam um policial em Roma quando este ia para seu posto de guarda, em frente à residência do embaixador iraniano. O policial está fora de perigo.

Em Milão, uma explosão causou prejuízos num escritório de uma companhia de seguros e, em Nápoles, uma bomba danificou uma loja de laticínios.

Choques no Alentejo ferem 50

Lisboa — Violentos choques entre a Guarda Nacional e agricultores foram registrados sexta-feira na região de Portel, entre Évora e Beja, deixando cerca de 50 feridos.

A Guarda Nacional tentava fazer respeitar uma decisão governamental de devolver aos proprietários terras expropriadas no Alentejo. Os agricultores, expulsos pela manhã, voltaram à tarde, quando se iniciaram os conflitos.

Os responsáveis pelas unidades coletivas de produção afirmaram que a política do Ministério de Agricultura do Gabinete demissionário de Nobre da Costa "compromete o plantio recém-iniciado e põe em perigo a estabilidade democrática de Portugal".

PS belga sofre cisão

Bruxelas — O Partido Socialista belga, um dos mais influentes e mais antigos do mundo, cindiu-se ontem em dois grupos, em conseqüência das divergências entre valões e flamengos. A divisão do PS belga, fundado em 1885 e que sempre desenvolveu uma política conjunta entre valões e flamengos, está sendo vista pelos observadores como mais um passo no sentido da divisão política do país. Diante de 500 delegados de língua francesa, o dirigente socialista belga André Cools criticou os socialistas flamengos de se terem tornado demasiadamente *flamengos* e terem formado uma frente com os Partidos burgueses.

Papa recebe pela 1.ª vez um chanceler alemão oriental

Cidade do Vaticano, Varsóvia — Pela primeira vez um representante da Alemanha Oriental, Chanceler Oskar Fischer, foi recebido pelo Papa João Paulo II, em entrevista de uma hora e 45 minutos. A Alemanha Oriental não tem relações diplomáticas com a Santa Sé, mas melhorou seus contatos nos últimos seis anos.

Houve uma confusão ontem no Vaticano. A princípio informou-se que João Paulo II recebera também o Ministro do Interior da Alemanha Ocidental, Baum. Soube-se depois que se tratava do Cardeal William Baum, Arcebispo de Washington.

IGREJA E BERLIM

As relações entre a Santa Sé e o Governo de Berlim começaram a melhorar em 1972-73, quando o Papa Paulo VI reconheceu a fronteira alemã-polonesa ao nomear, para a Alemanha Oriental, bispos nas dioceses que, canonicamente, dependem dos prelados da Alemanha Ocidental, e recomendou a Democracia Cristã alemã a votar a ratificação dos tratados entre Bonn, Varsóvia e Berlim.

Em 1973, Monsenhor Achille Silvestrini, adjunto de Casaroli, Chanceler da Santa Sé, entrevistou-se na conferência de Helsinqui com o antecessor de Fischer, Otto Winzer. Em 1974 o Vaticano outorgou estatuto especial ao Cardeal Alfred Bengsch, Arcebispo de Berlim, apesar dos protestos dos católicos alemães ocidentais.

A 26 de outubro de 1976 o Vaticano constituiu praticamente o Episcopado alemão oriental em conferência episcopal independente da Alemanha Ocidental.

Existem um milhão e meio de católicos na Alemanha Oriental. Oito por cento da população.

VIAGEM A POLÔNIA

Novamente João Paulo II manifestou desejo de visitar seu país, a Polônia, em maio próximo, por ocasião da comemoração do 900.º aniversário do martírio de São Estanislau, patrono polonês.

Em mensagem aos poloneses, o Papa sublinha sua vinculação ao país, acrescentando que o amor à pátria une todos os poloneses e deve uni-los acima de todas as diferenças, sem que isso tenha a ver com chauvinismos ou nacionalismos estreitos.

O Governo de Varsóvia assegurou que o novo Pontífice, se deseja visitar a Polônia, pode estar seguro de que receberá caloroso tratamento.

Um peso maior na balança política

Paul Hofmann
The New York Times

Roma — *Um embaixador ocidental acreditado na Santa Sé comentou há dias em tom jactancioso que sua missão era mais importante para seu Governo do que a realizada junto à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em Bruxelas.*

"Não tenho adido militar nem comercial", comentou o diplomata, "mas meu trabalho é muito mais significativo do que o de muitas de nossas embaixadas".

INTERESSE RENOVADO

"Vocês devem estar lembrados", prosseguiu, "de como Stalin se referiu em tom sarcástico ao número de divisões que o Papa tinha. Pois bem, agora Moscou talvez descubra que elas existem realmente: na Polônia, Hungria, Tcheco-Eslováquia, talvez na Lituania e Ucrania, em qualquer parte da Europa Oriental onde os católicos se sintam oprimidos por um regime comunista".

O Embaixador pode ter exagerado quanto ao peso do Vaticano nas relações entre Leste e Oeste e nas questões mundiais de um modo geral, mas a verdade é que muitos Governos estão atualmente reforçando a qualidade de suas missões diplomáticas na Santa Sé.

Uma Embaixada no Vaticano costumava ser uma sinecura para um embaixador prestes a se aposentar ou um posto para diplomatas menos talentosos. Bastava comparecer a poucas cerimônias pontificais na Basílica de São Pedro, a conferências ocasionais com polidos prelados da Secretaria de Estado papal, e escrever de vez em quando um relatório, reproduzindo em código o que os jornais italianos diziam sobre o Vaticano, e que um funcionário do Ministério do Exterior de seu país leria negligentemente e em seguida arquivaria.

Uma embaixada luxuosa, quase sempre situada numa elegante área romana, vinha junto com o posto, e o chefe da missão tinha de dar algumas festas formais durante o ano para cardeais e seus colegas.

Este ano, porém, houve uma mudança radical. A morte inesperada do Papa Paulo VI, a 6 de agosto, e o conclave para a eleição de seu sucessor obrigaram muitos embaixadores junto à Santa Sé e seus funcionários a adiarem suas férias de verão. Até mesmo Governos que dispensavam às questões vaticanas uma atenção indiferente, quiseram ser informados da mudança na cúpula da Igreja Católica Romana.

Diplomatas que haviam começado suas férias atrasadas, depois do início do pontificado de João Paulo I, foram chamados de volta a Roma quando o "Papa sorridente" morreu, depois de apenas 33 dias de reinado.

Um subchefe de missão que tirou apenas uma semana de férias em setembro e tem direito a mais quatro semanas em 1978 disse que não podia tirá-las porque com "o novo Papa ninguém sabe o que ele vai fazer e o que vai acontecer no Vaticano.

LIGAÇÕES ESTREITAS

As embaixadas na Santa Sé têm enviado grossos relatórios diários a seus Governos desde que João Paulo II subiu ao trono de São Pedro. Até mesmo potências que não mantêm relações diplomáticas formais com o Vaticano, como a União Soviética, passaram a demonstrar um súbito interesse. Moscou não apenas instruiu seu Embaixador em Roma a comparecer oficialmente à sagração do novo Pontífice, como se acredita ter ordenado um levantamento mais apurado das questões e atividades vaticanas.

Segunda-feira, o Papa João Paulo II recebeu as missões especiais que representaram seus Governos na cerimônia de domingo, na Praça de São Pedro. O Embaixador soviético fazia parte do grupo.

Após um discurso formal, o Papa conversou em particular com cada chefe de missão e notou-se que o Embaixador soviético Nikita Ryjov permaneceu bastante tempo ao seu lado. Como comentou um diplomata do Leste europeu, "bem que gostaria de ler o relatório que meu colega soviético vai mandar para Moscou logo mais à noite".

Os Estados Unidos também estão reforçando sua representação junto à Santa Sé. Washington não mantém uma embaixada no Vaticano, mas o Presidente Carter designou o ex-Prefeito de Nova Iorque, Roberto Wagner, como seu enviado pessoal junto ao Papa. Um funcionário do Ministério do Exterior que há anos vem seguindo de perto as questões vaticanas, Peter Sarros, foi recentemente designado vice de Wagner. Washington quer manter uma estreita ligação com o Vaticano, agora que o Papado está novamente fazendo história.

João Paulo II mantém Baggio e Poma

Cidade do Vaticano — Apesar dos rumores de que o novo Papa introduziria drásticas reformas na Cúria romana, a tendência de João Paulo II de não fazer grandes mudanças foi confirmada ontem com a manutenção, em seus cargos, dos Cardeais Sebastiano Baggio e Antonio Poma.

Baggio, ex-Núncio Apostólico no Brasil, foi confirmado no cargo de Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos, considerado um dos mais importantes do Vaticano por suas implicações políticas. Sua função é acompanhar os trabalhos das hierarquias episcopais nacionais e das conferências episcopais regionais da Igreja.

Antonio Poma, Arcebispo de Bolonha, continua como presidente da Conferência Episcopal Italiana.

AS DECISÕES

Quarta-feira passada, João Paulo II confirmou o Secretário de Estado Jean Villot. Como a confirmação foi em caráter temporário, os rumores de importantes modificações na Cúria continuaram. Assegura-se que dentro de seis meses o novo Papa nomeará um Secretário de Estado italiano.

Os rumores aumentaram um dia depois, quando o Cardeal Pericle Felici foi confirmado como Prefeito do Tribunal de Recursos e presidente da Comissão de Direito Canônico, mas afastado da presidência da Comissão de Interpretação das Resoluções do Concílio Vaticano II.

Terroristas se enfrentam na Guatemala

Guatemala — A polícia guatemalteca atribuiu a um confronto entre terroristas de direita e esquerda o aparecimento de sete corpos de pessoas às quais foram infligidas torturas tão bárbaras que não puderam ser reconhecidas. Pelo menos 50 corpos nesse estado foram encontrados esse ano e a explicação tem sido a mesma.

Na semana passada, uma nova organização radical de direita, o Exército Anticomunista, divulgou uma lista de 38 pessoas — entre políticos, militares e dirigentes sindicais — prometendo eliminá-las uma por uma, como parte de sua "luta para erradicar o comunismo do país".

Da lista negra figura o nome do Ministro da Defesa, General Otto Spiegler, que na sexta-feira fez um discurso pedindo ao Governo militar guatemalteco para desarmar todos os grupos paramilitares que operam ilegalmente.

Carter convence Sadat a não retirar delegação

Washington — Atendendo a um apelo pessoal do Presidente Jimmy Carter, o líder egípcio Anwar Sadat concordou em cancelar uma ordem para que os dirigentes de sua delegação às negociações de paz com Israel, em Washington, voltassem ao Cairo para consultas, o que significaria uma interrupção do diálogo por quase uma semana.

Por sua vez, o Primeiro-Ministro Menahem Begin pretende se reunir esta semana com Carter, para esclarecer o problema causado por sua decisão de expandir as colônias judaicas na Cisjordânia. Begin irá aos Estados Unidos para receber o prêmio *Família do Homem*, concedido pelo Conselho das Igrejas de Nova Iorque.

PONTO DE TENSAO

Depois de uma noite de reflexão, Sadat deu esta manhã sua aprovação ao pedido de Carter, que pôde assim anunciar orgulhosamente, durante um discurso eleitoral em Buffalo, Nova Iorque, que as conversações não seriam suspensas.

Falando num comício do Governador do Estado Hugh Carey, que busca a reeleição, Carter declarou: "Estamos caminhando para a paz no Oriente Médio. E' um caminho lento, tedioso e ainda não temos certeza do sucesso".

E prosseguiu: "Tivemos problemas, nas últimas horas, com a questão das colônias israelenses na Cisjordânia. Os egípcios decidiram retirar seus negociadores. Entrei em contato com o Presidente Sadat e ele então me respondeu: farei o que meu amigo Jimmy Carter me pede."

A decisão israelense de expandir as colônias provocou tensão nas relações com os Estados Unidos, pondo em destaque as diferenças de interpretação quanto a determinados pontos dos acordos de Camp David.

Enquanto o Chanceler Moshé Dayan dizia que tudo pode ser resolvido "com boa-vontade" e preferiu enfatizar a continuação dos entendimentos sobre o tratado com o Egito, os Estados Unidos se manifestavam "profundamente preocupados" e chegaram a cancelar uma das reuniões entre as delegações, em Washington.

E' que, desde Camp David, o Cairo insiste na existência de uma ligação entre a normalização de relações com Israel e a transição para alguma forma de autonomia palestina na Cisjordânia e Gaza. Os israelenses, por seu turno, preferem tratar as duas questões separadamente.

Washington fez ontem uma advertência indireta a Israel, quando o Secretário de Estado Cyrus Vance censurou as críticas formuladas ao seu assistente para assuntos do Oriente Médio, Harold Saunders, por ter mantido reuniões com dirigentes árabes dos territórios ocupados (Cisjordânia e Gaza) durante recente visita a Israel. As críticas partiram de círculos ligados ao Governo israelense.

Jordânia vai endurecer na cúpula de Bagdá

Amã — A Jordânia tentará fazer prevalecer uma atitude firme na próxima reunião de cúpula árabe de Bagdá, esta semana, à semelhança da posição assumida pelo Rei Hussein em relação aos acordos de Camp David, informaram círculos políticos de Amã.

O Chanceler Hassan Ibrahim viaja hoje para a Capital iraquiana, para a reunião preparatória da cúpula. A Jordânia vai propor um programa divulgado em abril por Hussein, preconizando a criação de um comando militar unificado árabe e a organização do auxílio à resistência palestina.

União sírio-iraquiana complica a situação

Nova Iorque — A decisão da Síria e do Iraque de estabelecer "completa união militar" contra Israel adicionou um novo e potencialmente perigoso elemento à complexa situação do Oriente Médio. A reconciliação entre os dois Governos solidificará a Frente de Rejeição à assinatura de um acordo de paz em separado entre Israel e Egito.

A conclusão do tratado parece ter sido adiada pela intenção israelense de expandir suas colônias na Cisjordânia.

A OLP — que combate a existência dessas colônias — será fortalecida com os contigentes militares que se juntarão à Frente de Rejeição após a aproximação entre Damasco e Bagdá.

ALIANÇA PODEROSA

Observadores familiarizados com a região destacam que houve outras tentativas infrutíferas para reduzir o fosso entre os dois Governos, há muito separados por questões ideológicas e políticas, mas a maioria das informações frisa que o atual parece ser um passo mais sério que os anteriores.

As consequências políticas da cooperação entre Bagdá e Damasco deverão aparecer pela primeira vez na conferência árabe de cúpula, marcada para quinta-feira, na Capital iraquiana. A expectativa é que sírios e iraquianos, com o apoio da Líbia e de outros Estados árabes radicais, pressionarão o Rei Hussein a colocar a Jordânia ao lado dos que rejeitam o tratado entre Israel e Egito.

Diante de um eixo sírio-iraquiano, a posição militar da Jordânia torna-se vulnerável. Hussein precisará levar em conta agora dois vizinhos mais poderosos, que pressionam pela rejeição do pacto egípcio-israelense e pela adoção de uma atitude mais belicosa para com o Estado judeu.

Uma aliança militar entre a Síria e o Iraque criaria problemas para Israel mesmo com a assinatura de um tratado de paz com o Egito. Os dois países dispõem, antes da mobilização, de um total de 380 mil soldados, 4 mil 500 tanques e aproximadamente 750 aviões de combate. O Exército iraquiano tem 250 mil reservistas; o sírio, 100 mil.

A atitude usual dos especialistas militares, em Washington e outras Capitais da OTAN, atribui às forças israelenses uma superioridade qualitativa sobre qualquer combinação de forças árabes. Fontes militares acham, contudo, que uma íntima cooperação entre Síria e Iraque pode reduzir essa vantagem.

Os suprimentos militares soviéticos aos dois países cresceram tanto em quantidade como em qualidade desde a conferência de Camp David. O interesse de Moscou é demonstrar que aliados de confiança não são esquecidos e estabelecer uma poderosa frente de países árabes contrários ao tratado de paz e receptivos à política soviética.

Critério do prêmio divide europeus

Roma e Bruxelas — A outorga do Prêmio Nobel da Paz a Anwar Sadat e Menahem Begin gerou reações contraditórias e, enquanto o Presidente italiano, Sandro Pertini, enviava congratulações aos dois estadistas, a imprensa belga destaca a ironia da distinção chegar no momento em que as negociações entre Israel e Egito enfrentam sérias dificuldades.

O Times, de Londres, opinou que o Presidente egípcio fez mais por merecer a láurea do que o Primeiro-Ministro israelense. "Ninguém pode ficar surpreso com a premiação de Sadat", escreveu, ressalvando que, "ao dividir o prêmio com Begin, a Comissão Nobel retirou boa parte de seu valor".

O Chanceler alemão ocidental, Helmut Schmidt enviou mensagem a Sadat afirmando que sua viagem a Jerusalém "abriu um diálogo sem paralelos e escreveu a Begin qualificando o prêmio como um "adequado reconhecimento".

Já Pierre Elliot Trudeau, **Premier** canadense, pediu a Deus que lhe proporcione "sabedoria e dedicação para coroar este começo com êxito final". Mas a imprensa espanhola pensa diferente e registrou a concessão do "prêmio de paz para dois especialistas em guerra". **Diario 16** acusou Oslo de "ter um conceito especialíssimo de paz e de ter alarmado o mundo, em 1973, com a atribuição do Nobel a Henry Kissinger".

Jerusalém/UPI

Begin (E) festejou o Nobel com o pianista Artur Rubinstein

Conversa desanuviou a tensão

Mário Chimanovitch
Correspondente

Jerusalém — O Presidente Anwar Sadat prometeu ontem ao Primeiro-Ministro Menahem Begin que as negociações de paz entre Egito e Israel deverão ser reiniciadas imediatamente em Washington, e que a delegação egípcia que se encontra em Blair House não será mais reconvocada ao Cairo como estava previsto.

O Primeiro-Ministro Begin telefonou ontem à noite ao Presidente Sadat para cumprimentá-lo em razão da co-atribuição do Prêmio Nobel da Paz de 1978 ao líder egípcio. Durante a conversa telefônica que foi registrada por rádio e televisão, os dois se mostraram bastante cordiais, fazendo votos no sentido de que todas as dificuldades sejam vencidas e o tratado de paz entre Egito e Israel assinado dentro em breve.

Emoção

Foi somente no começo da noite de ontem, depois de receber os cumprimentos do pianista Arthur Rubinstein, que o Premier Begin pronunciou-se acerca da láurea que lhe foi co-outorgada. Ele não pôde fazê-lo na sexta-feira passada, pois, como judeu religioso, observava o Shabath. Emocionado, e discursando à multidão de populares e jornalistas que se concentravam frente à sua casa em Jerusalém, o Primeiro-Ministro disse que o Prêmio Nobel tinha sido outorgado, não a si propriamente, mas a todo o povo de Israel. E sublinhou: "Ninguém no mundo mais do que o povo de Israel deseja a paz."

A conversa telefônica mantida com o Presidente Anwar Sadat colocará fim, por outro lado, a uma série de incertezas que pesavam sobre a continuidade das negociações egípcio-israelenses em Washington. Até a noite de ontem, antes do telefonema de Begin a Sadat, tinha-se como praticamente certo que a delegação egípcia seria reconvocada ao Cairo, "para consultas". E muito embora os porta-vozes governamentais egípcios insistam em que essa reconvocação não passaria de "mera formalidade", sabia-se que ela estava essencialmente ligada à decisão tomada pelo Governo israelense no sentido de expandir as colônias judaicas implantadas na Cisjordânia ocupada e, possivelmente, transferir a sede do Gabinete e do Ministério de Relações Exteriores para o setor oriental de Jerusalém. A decisão israelense havia provocado reações iradas em Washington, a ponto de o Presidente Jimmy Carter enviar mensagens urgentes a Menahem Begin, exortando-o a "mudar de idéia", pois as negociações com o Egito poderiam vir a ser "seriamente comprometidas".

O telefonema

Foi o seguinte o diálogo telefônico mantido por Begin com Sadat:

Begin — Boa-tarde, Sr Presidente. Felicito-o pelo Prêmio.

Sadat — Sr Primeiro-Ministro, congratulo-me com o senhor.

Begin — Sr Presidente: lembra-se quando, em Ismailia, disse-lhe que Beersheba (em Israel) fica no caminho de Estocolmo? O senhor riu muito, muito. Agora, Sr Presidente, deixe nossas delegações reiniciarem as conversações, de modo que possamos concluir o tratado de paz, assiná-lo e convidar o Presidente Carter.

Sadat — Sim, o Vice-Presidente (do Egito) já instruiu nossa delegação para recomeçar as negociações com os israelenses.

Begin — Maravilhoso. Convidaremos o Presidente Carter, é claro, quando chegarmos a um acordo e pudermos assiná-lo.

Sadat — Sim, claro. O Presidente Carter é o soldado desconhecido nesse processo.

Begin — Sim. Ele o merece, definitivamente. Espero encontrá-lo na assinatura do tratado de paz. O prêmio real é a própria paz.

Sadat — Concordo totalmente com o senhor.

Begin — Boa noite, Sr Presidente.

Sadat — Boa noite, Sr Primeiro-Ministro.

Cairo/UPI

Ontem Sadat (D) discutiu com seus Ministros o acordo com Israel

Sadat credita Nobel aos egípcios

Cairo — O Presidente Anwar Sadat acha que o mérito do Prêmio Nobel da Paz, que lhe foi concedido, "é do povo egípcio, com sua luta e paciência" e considera que a honraria "também deveria ter recaído sobre o Presidente Jimmy Carter".

Segundo o **Premier** egípcio Mustafá Khalil, Sadat "está muito feliz" por ter ganho o Prêmio e não se ressentiu em dividi-lo com o Primeiro-Ministro israelense Menahem Begin. A Rádio Luxemburgo informou que Sadat irá a Oslo no próximo dia 10 de dezembro para receber a distinção. O Presidente egípcio prometeu doar a quantia em dinheiro à sua cidade natal, Mit Abul Kom.

Gromyko encara como piada escolha de Begin e Sadat para Prêmio Nobel da Paz

Paris — Para o Chanceler soviético Andrei Gromwko, a concessão do Nobel da Paz ao Presidente egípcio Anwar Sadat e ao Primeiro-Ministro israelense Menahem Begin é algo "como uma piada". Ele, no entanto, ao terminar uma visita oficial de três dias à França, não criticou diretamente as negociações entre Egito e Israel.

Com relação ao Oriente Médio, Gromyko disse ainda que os pontos-de-vista de Moscou e Paris eram "muito próximos". Em entrevista coletiva, deu mais destaque às conversações SALT com os Estados Unidos, repetindo o interesse soviético em se conseguir um acordo "rapidamente". Recusou-se a dar detalhes dos obstáculos ao tratado, lembrando: "São precisos dois lados para se acelerar uma solução".

BRANDO E INDULGENTE

No geral, as declarações de Gromyko foram brandas e indulgentes, mesmo ao responder à pergunta se havia se oposto aos planos franceses de vender armas à China. Driblou a questão das armas, declarando bem-humorado:

"A política chinesa é bem ampla. Os chineses disseram que se estavam preparando para a guerra e que a guerra era inevitável. Mas agora dizem que ela pode ser adiada e que, quando vier, acontecerá na Euorpa. Antes diziam que seria na Ásia ante uma agressão soviética. O ziguezague na posição chinesa é extremado e absurdo, mas não surpreendente".

Esperava-se que o líder soviético advertisse energicamente a França com relação à venda de armas aos chineses. Paris já havia declarado, antecipadamente, que venderá apenas "armas defensivas" a Pequim.

A atmosfera da entrevista coletiva foi semelhante a de suas conversações com líderes franceses, "amigável e de negócios". Em resposta a uma proposta da França de realização de uma conferência no Chifre da África, disse apenas que seria necessário verificar os pontos-de-vista de vários outros países.

Diplomatas informaram que o ponto principal de sua visita à França foi a própria visita. Mostrar que Moscou não mais está *irritado* com a França e quer restabelecer as relações normais. Gromyko deveria ter ido a Paris em junho último, mas a viagem foi cancelada repentinamente ante a oposição soviética à intervenção militar francesa no Zaire, após a invasão de Shaba.

Agora, numa demonstração de boa amizade, levou um convite ao Presidente Valery Giscard d'Estaing para visitar Moscou no próximo ano. O convite foi aceito.

Depois de suas conversações oficiais na sexta-feira, Gromyko recebeu Charles Fitterman, membro do Politburo do Partido Comunista Francês. Tanto os comunistas franceses quanto os diplomatas soviéticos recusaram-se a explicar por que Marchais, que está em Paris, não conferenciou com o Ministro soviético.

De acordo com analistas políticos, Marchais vem sendo muito criticado em seu Partido tanto pela facção que deseja vínculos mais estreitos com os soviéticos, quanto pela que defende maior crítica ao sistema soviético. A firmeza da liderança de Marchais no PCF, no entanto, é clara.

Fontes italianas revelaram que no recente encontro entre Marchais e Enrico Berlinguer o líder francês reclamou da frieza de Moscou, apesar da posição do PCF de apoio à política externa soviética, principalmente no que diz respeito a Pequim e Vietnam.

Soviéticos atribuem a Carter fracasso da SALT

Daniel Vernet
Le Monde

Moscou — Os comentaristas soviéticos deixam entender, e cada vez mais abertamente, que a decisão do Presidente Carter de autorizar a fabricação dos elementos essenciais à produção da bomba de nêutrons está dificultando as negociações sobre a limitação das armas nucleares (SALT).

Por ocasião de seu encontro com o Secretário de Estado Cyrus Vance, o Presidente Leonid Brejnev chamou-lhe atenção sobre "certos aspectos negativos do relacionamento soviético-americano". Afinal que o comunicado da agência Tass tenha omitido qualquer outro detalhe esclarecedor, não é difícil adivinhar que a decisão de Carter entra nessa categoria.

Dois editoriais, um no *Izvestia* de quarta-feira e outro no *Pravda* de ontem, confirmam essa ligação entre a bomba de nêutrons e as últimas dificuldades que impedem a conclusão do acordo SALT-II. Depois de ter ressaltado que as negociações giram agora em torno "de um número relativamente restrito de pontos" e que um "novo reencontro de posições" foi constatado durante as recentes conversações Vance-Gromyko em Moscou, o *Izvestia* porta-voz do Governo, disse que são necessários "novos contatos". Acrescentou que estes se tornaram necessários não apenas pela complexidade dos problemas abordados, mas pela atitude de "certos meios americanos" que "ligam artificialmente as negociações SALT-II a outros aspectos das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética".

O **Pravda**, órgão do PC Soviético, por sua vez, indicou claramente que, quando se fala de "certos meios americanos", pensa-se de fato no próprio Carter. O jornal de refere em termos muito vivos à decisão do chefe do executivo norte-americano, "em contradição flagrante com a política de distensão e de cooperação internacional, política que os dirigentes dos Estados Unidos preconizam em palavras.

Para o **Pravda**, a produção dos elementos necessários à fabricação da bomba de nêutrons é uma "chantagem maldisfarçada": ou a União Soviética faz concessões no plano das negociações SALT ou os Estados Unidos irão construir a bomba de nêutrons. "Mas pretender fazer pressão sobre a União Soviética é uma causa sem esperança", afirma o jornal, acrescentando que "no momento, infelizmente, a corrida às armas anda mais depressa do que as negociações sobre o desarmamento".

Enquanto os norte-americanos se mostram muito avaros de informações a respeito das últimas conversações Gromyko-Vance, essa apresentação dos fatos oferece pelo menos uma vantagem aos soviéticos: transfere para os Estados Unidos a responsabilidade do prolongamento das negociações, e, o que é mais, por uma razão externa ao tema central das discussões.

Dissidente troca Praga pelos palcos de Viena

Viena — O comediógrafo tcheco-eslovaco Pavel Kohout, destacado ativista dos direitos humanos, deixou ontem seu país para residir em Viena, onde vai colaborar em um dos teatros da Capital austríaca. Kohout, de 50 anos, é um dos signatários da Carta-77, documento em que se exige do regime de Praga o cumprimento dos direitos humanos.

Estava condenado ao silêncio em seu país, em consequência de sua militância política. Entre suas obras mais conhecidas estão **Pobres Assassinos** e **Agosto, Agosto, Agosto.** Em 1977, recebeu o Prêmio Austríaco de Literatura Européia, outorgado pelo Governo de Viena, mas não chegou a recebê-lo oficialmente, porque a partir de 1974 teve cancelado seu visto de saída do país.

UNESCO quer reequilíbrio da informação

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — A exemplo dos chefes de Estado que vêm tentando, no quadro do diálogo Norte-Sul, estabelecer uma nova ordem econômica mundial, especialistas da comunicação ligados à UNESCO procuram agora instaurar uma nova ordem mundial da informação.

Na opinião deles, o desequilíbrio a nível planetário em matéria de informação é pelo menos tão grande quanto em matéria econômica. A questão será debatida na 20a. sessão da conferência geral desta instituição internacional, instalada esta semana em Paris, e vai-se tentar encontrar soluçoes.

O RELATÓRIO MACBRIDE

Como ponto de partida, os delegados dos 144 países membros da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) trabalharão sobre o relatório de uma comissão presidida por Sean MacBride. Este irlandês, co-fundador da Anistia Internacional, dirigiu o estudo dos problemas de comunicação no mundo, daí tirando um documento apaixonante de cerca de 100 páginas, cujas conclusões mostram que há muito a fazer para reequilibrar a situação.

"A mais alta prioridade deve ser concedida a medidas visando reduzir a defasagem existente no terreno da informação entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento e alcançar uma circulação internacional da informação mais livre e melhor equilibrada", afirma inicialmente o relatório.

Os meios de comunicação de massa (agências noticiosas, jornais, rádios e televisão), constata Sean MacBride, estão prática e essencialmente nas mãos das grandes potências. Ele insiste especialmente no papel das grandes agências de imprensa, que são frequentemente "a fonte principal da informação fornecida e transmitida no interior dos países e entre eles". Ora, observa, quais são as agências que podem manter escritórios em todo o mundo, ou quase, e difundir informações 24 horas por dia na maioria dos países do planeta? Elas são cinco: AFP (França), AP e UPI (Estados Unidos), Reuter (Grã-Bretanha) e Tass (União Soviética). "Elas coletam centenas de milhares de palavras por dia", diz o relatório, "e, incluindo a distribuição nacional, emitem milhões".

"Entretanto", prossegue o texto, "cerca de 35 países, dos quais 18 têm população superior a 1 milhão, não têm agência de imprensa". E' este o caso de 18 países na África e de sete na América Latina. "À exceção do México e do Chile; cujas agências mantêm um pequeno número de correspondentes estrangeiros, todos os países são inteiramente tributários, para as notícias estrangeiras, das agências mundiais".

Em suma, a tendência a "canalizar no sentido Norte-Sul a circulação de notícias e a esterilizar o desenvolvimento das trocas entre os países em desenvolvimento" é ainda hoje muito acentuada, conclui Sean MacBride em seu estudo. E' necessário, portanto, "libertar os sistemas de informação de seu estado de dependência".

Além da criação de agências de imprensa nacional, o documento propõe "medidas necessárias para prevenir as restrições à circulação da informação" e a melhoria e desenvolvimento da cooperação entre os países do Terceiro Mundo.

No que diz respeito à imprensa escrita, aliás, o relatório da UNESCO constata que o equilíbrio também não é a regra. Se a tiragem mundial dos jornais é de mais de 400 milhões de exemplares por dia (dados de 1976), tendo crescido 20% em 10 anos, sabe-se por outro lado que "a tiragem e a leitura dos jornais cresce com menor rapidez que a população, a taxa de alfabetização e o nível de instrução".

Além disso, existe "uma diferença dramática entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento".

MCE estuda igualdade de direitos

Florença, Itália — A discriminação aos cidadãos dos países do Mercado Comum Europeu deve terminar, exigiu ontem o porta-voz da Comissão Jurídica do Parlamento Europeu, Alfons Bayerl, da Alemanha Ocidental, que pediu a aprovação de uma lei que garanta a um cidadão estrangeiro que viva há 10 anos num país da Comunidade o direito de acesso a postos públicos e o de ser eleito sem a necessidade de naturalizar-se.

Em Gymnich, na Alemanha Ocidental, começou ontem a reunião de dois dias dos Chanceleres do MCE, com o objetivo de coordenar e atualizar as diversas políticas exteriores. A ampliacção do MCE, com o ingresso da Espanha, Grécia e Portugal, e a situação na África e Oriente Médio dominaram o primeiro dia de debates.

Os Chanceleres dedicaram particular atenção à série de obstáculos que vêm prejudicando a conclusão de um acordo de paz entre Israel e Egito, especialmente após a decisão israelense de reforçar suas colônias na Cisjordânia.

Hans-Dietrich Genscher, da Alemanha Ocidental, e David Owen, da Grã-Bretanha, relataram os resultados de sua viagem à África do Sul, junto com seus colegas dos EUA e Canadá e o Vice-Chanceler francês, na frustrada tentativa de conseguir a supervisão da ONU nas eleições da Namíbia.

Por sugestão do Presidente francês Giscard d'Estaing, examinou-se as mudanças que poderiam ser feitas no sistema de votação dentro dos organismos comunitários para facilitar o ingresso de Portugal, Grécia e Espanha no MCE.

Irmã Maurina quer voltar do banimento no México

São Paulo — Em março de 1970, a Irmã Maurina Borges da Silveira partia, sob protesto, para o México, banida do país. Um ano e três meses depois, o Conselho Permanente da 2a. Auditoria Militar se manifestava, por unanimidade, pela sua volta, classificando a inclusão de seu nome, na lista de presos a serem trocados pelo Cônsul do Japão, como "insidiosa manobra de guerra psicológica".

Mas, todas as providências tomadas desde o banimento, pelo seu retorno, não tiveram efeito prático, nem mesmo às vésperas da morte de seu pai, há pouco mais de dois anos. Continuando seu trabalho de religiosa, entre os pobres da Cidade do México, a Irmã Maurina não perdeu a esperança de voltar, convicta de sua inocência, que é confirmada por todos que com ela conviveram até novembro de 1969, quando foi presa e torturada na cidade paulista de Ribeirão Preto, o que chegou a provocar a excomunhão de dois delegados locais.

ESPERANÇA

Aos 54 anos, dos quais 36 dedicados à vida religiosa — como membro da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição — Irmã Maurina confirma em sua correspondência, ao longo dos oito anos de banimento, a posição tomada no dia de seu embarque, quando, chorando, assinou uma declaração em que afirmava seu desejo de não sair do país: "não pretendo obter minha liberdade pela forma apresentada pelos elementos que integram o grupo de sequestradores, pois, como já afirmei, sou inocente e não exerço outra atividade que não a religiosa".

A última carta enviada a seu advogado, Sr José Carlos Dias, manifesta, mais uma vez, a esperança pela possibilidade de cassação de seu banimento e de regularização de seu passaporte, quando afirma que "jamais voltaria a tratar deste assunto, não fora a certeza de estar me solidarizando com os nobres e justos anseios de nosso povo, pela anistia aos punidos por ato de exceção; não fora, repito, as saudades de nossa terra, a reverência e carinho agradecido, ante o martírio curtido gratuitamente pela minha extremosa mamãe, os meus familiares e minhas coirmãs, bem como a necessária segurança para meu trabalho junto a este Povo de Deus".

FORMULA

Há algum tempo, o advogado José Carlos Dias estuda uma forma para a volta da Irmã Maurina, que se recusa, entretanto, a ir para a prisão, embora concorde em responder perante a Justiça Militar. Agora, com a extinção da figura do banimento — a partir das reformas institucionais que entram em vigor em janeiro — o advogado já está realizando novos contatos com Irmã Maurina.

"O caso da Irmã Maurina" — afirma o Sr José Carlos Dias — "demonstra a violência que é a imposição de um banimento, praticado sem o direito de defesa e em razão de atos de terceiras pessoas. Há oito anos, a Irmã Maurina cumpre a pena do desterro, porque outras pessoas resolveram praticar um ato de terrorismo. Não houve de sua parte nenhum gesto criminoso que merecesse uma punição, quanto mais o banimento".

Arquivo

D Evaristo Arns foi testemunha do sofrimento da Irmã Maurina, a quem mais tarde visitou no México

São Paulo

Para o Bispo Angélico a prisão foi manobra

São Paulo

No Brasil, as Irmãs Salésia e Maristella continuam lutando pelo regresso da Irmã Maurina

Arquivo

No México, a Irmã Maurina foi acolhida pelas Irmãs de São José e atua na pastoral da família

Arquivo

Torturador, o delegado Soares foi excomungado

O que foi bom para a opinião pública

Embora com prisão preventiva decretada, a Irmã Maurina Borges da Silveira não havia sido denunciada pelo promotor, em março de 1970, quando partiu para o México. Com o banimento, o seu processo ficou sobrestado (suspenso) mas, em julho de 1971, em sessão que se estendeu por três dias, foram julgadas 48 pessoas envolvidas no processo de Ribeirão Preto, sendo absolvidas 30.

Depois de cinco horas de sessão secreta, o Conselho Permanente da 2a. Auditoria Militar deu, no dia 5 de julho de 1971, sua sentença, da qual constou o seguinte tópico:

"O Conselho decide, por unanimidade de votos, manifestar aos poderes competentes a conveniência de ser a Madre Maurina Borges da Silveira autorizada, se quiser, a regressar ao território nacional para responder ao presente processo que se acha sobrestado em relação a ela, em virtude de seu banimento. Provas colhidas em Juízo autorizam a presunção de que Madre Maurina foi incluída na lista de presos a serem trocados pelo Cônsul do Japão por insidiosa manobra da guerra psicológica, por parte dos militantes da subversão. Ela suplicou, até o momento de ser embarcada para o México, que não o fizessem, pois queria dar contas à Justiça Militar. Este direito lhe foi negado e o Governo Brasileiro, posteriormente, o reconheceu a outros presos nas mesmas circunstancias".

O Conselho era composto pelo Major Wilson Mainatti (presidente), Capitães Danilo Rubens Marini, Leomar Vasconcelos de Queiroz e Roberto Pontuska Filho, e pelo Juiz-Auditor Nélson da Silva Machado Guimarães. Apesar da manifestação do Conselho, a Irmã Maurina não foi autorizada a retornar.

A manobra

A manifestação do Conselho Permanente da 2a. Auditoria Militar — de que o nome da Irmã Maurina foi incluído na Lista de presos "por insidiosa manobra de guerra psicológica" — encontra fundamento no depoimento de uma das sequestradoras do Consul japonês, Denise Peres Crispim.

Depois do sequestro, o Cônsul foi levado para a casa de Denise, no bairro de Indianópolis. Em depoimento à 2a. Auditoria Militar, em agosto de 1970 — cinco meses após o sequestro — Denise disse acreditar que a única finalidade da ação "era livrar Mario Japa, e procuraram indicar poucos presos, como garantia de que o pedido fosse atendido. Ela acha que puseram "o nome de uma freira pela repercussão que isso teria".

Em fevereiro de 1971, também na 2a. Auditoria, era interrogado Fernando Kolleritz — francês, naturalizado brasileiro — que não participou do sequestro, mas era amigo de Denise e Ladislau Dobor, outro dos sequestradores. Fernando encontrou Ladislau 15 dias depois do sequestro e, em seu depoimento na Auditoria Militar, consta que "interpelado por Ladislau sobre o que achava de terem incluído na lista de pessoas a serem trocados pelo diplomata japonês o nome de Madre Maurina e de Lucena, com seus dois filhos menores, o interrogando respondeu que, em termos de humanidade, a escolha fora bem-feita, tendo em vista a repercussão favoravel na opinião pública".

A caça às bruxas em Ribeirão Preto

A prisão da Irmã Maurina Borges da Silveira, em novembro de 1969, teve, como motivo oficial, o envolvimento com grupos subversivos de Ribeirão Preto, através de sua ligação com jovens que se reuniam numa das salas do Lar Santana, entidade que dirigia e que é destinada ao abrigo de meninas abandonadas.

Quando assumiu a direção do Lar Santana, no inicio de 1968, Irmã Maurina já encontrou uma das salas do prédio ocupada pelo Movimento Ecumênico de Jovens — que se propunha a obras de caráter social — e permitiu que as reuniões continuassem, concordando que parte dos alimentos, que não era consumida pelas crianças, fosse distribuida por eles entre a população pobre da cidade.

Entre outubro e novembro de 1969, foram presas, em Ribeirão Preto, 140 pessoas e interrogadas mais de 600. Irmã Maurina foi interrogada, pela primeira vez, a 31 de outubro, quando soube que um dos membros do Movimento Ecumênico de Jovens estava envolvido com grupos subversivos.

De volta ao Lar Santana, arrombou a porta da sala onde o grupo se reunia, e encontrou uma mala com panfletos, um vidro de ácido, outro de glicerina e algumas balas de revólver. Queimou os papéis, deu à porteira as balas, que depois foram entregues à policia, levou o vidro de glicerina à farmácia da entidade e enterrou o restante no quintal.

Essa atitude — que lhe valeu, depois, a acusação de conivência com a subversão — foi explicada mais tarde à Irmã Maristella Vanti, que é hoje Provincial, no Brasil, das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição:

"Ela ficou com muito medo quando descobriu o que havia na *sala*", conta a Irmã Maristella. "Passou a noite inteira rezando, pensando no que deveria fazer. As irmãs que trabalhavam na casa eram muito novas, havia as meninas, ela não queria envolver a Congregação. Tomou a atitude que considerou mais prudente, assumiu tudo sozinha, consciente de que teria de responder pelo que fez. E nunca se recusou a isso, pois não tinha nenhuma ligação direta com o trabalho do grupo.

Coordenador de pastoral da Arquidiocese de Ribeirão Preto, o então Cônego Angélico Sandalo Bernardino — hoje Bispo Auxiliar de São Paulo — também foi envolvido no inquérito e interrogado. Segundo ele, "a Irmã Maurina é uma religiosa muito simples, dedicada às crianças e aos pobres, num trabalho que nunca teve uma dimensão politico-partidária".

"Quando sobre Ribeirão Preto se abateu, furioso, o movimento repressivo, muita gente foi presa. E através da prisão de um membro da comunidade, se evidenciou que o grupo não era simplesmente um grupo de jovens, e sim um grupo que se aproveitou da boa-fé e da hospitalidade da Irmã Maurina para propósitos politicos e, inclusive, de subversão", destaca D Angélico.

O Bispo lembra que "Irmã Maurina foi demagogicamente apresentada à população como sendo subversiva. Na época, Ribeirão Preto vivia um verdadeiro clima de histeria, uma verdadeira caça às bruxas, em que todas as pessoas preocupadas com os problemas reais do povo eram vistas como subversivas. A Igreja em Ribeirão, através de um trabalho sério de promoção humana, estava realmente ao lado do povo. Nada de se admirar que a repressão encontrasse, no lamentável equivoco da Irmã Maurina, a ocasião propicia para pretender envolver a Igreja com a *subversão*".

"Sobre a inocência de Irmã Maurina, nunca tive a menor dúvida. Tanto que, se aqueles rapazes tivessem me pedido uma sala para se reunirem em minha casa, eu também teria sido enganado", continuou.

Banimento

Durante um mês, Irmã Maurina ficou presa, incomunicável, em Cravinhos — próximo a Ribeirão Preto — sem que ninguém tivesse noticias da sua localização. Somente depois de sua transferência para o Presidio Tiradentes, em São Paulo, foi que a Irmã Maristella que, na época, era assistente da provincial, conseguiu um contato com ela.

"Ela estava calma, com espirito de fé, e só nos pedia, sempre, que não a abandonássemos, porque ela era inocente", conta.

Irmã Maurina fez um relatório reservado sobre as torturas que sofreu em Ribeirão Preto, negando entretanto, que tivesse sido violentada, uma vez que os boatos que circularam na época diziam, inclusive que ela havia engravidado. Diante das torturas aplicadas à Irmã Maurina e a outros sacerdotes presos na época, o Arcebispo de Ribeirão, D Felicio Cesar da Cunha Vasconcelos, excomungou os dois delegados locais, Renato Soares e Miguel Lamano.

Depois, Irmã Maurina foi conduzida para o Presidio Feminino de Tremembé, no interior paulista, por influência das Irmãs do Bom Pastor, que cuidavam dos presidios de São Paulo e ameaçaram abandonar seu trabalho, caso não fosse permitida a transferência da Irmã Maurina.

Foi em Tremembé — onde podia ocupar uma cela separada e participar da vida religiosa — que Irmã Maurina soube, pela televisão, na noite do dia 13 de março de 1970, da inclusão de seu nome na lista de presos cuja libertação era exigida em troca da vida do Cônsul do Japão, que fora sequestrado.

Na madrugada do dia 14, as Irmãs do Bom Pastor a trouxeram de carro para o Presidio do Carandiru. Às quatro horas da manhã, as Irmãs Maristela e Salésia (suas companheiras de Congregação) a encontraram no presidio. Bispo Auxiliar da Região Norte — área em que se localiza o presidio — D Paulo Evaristo Arns foi chamado e celebrou missa para Irmã Maurina, pedindo que ela tivesse calma.

"Ela chorava muito e, perante o diretor geral do Departamento dos Institutos Penais do Estado, perante D Paulo e outras testemunhas, assinou uma declaração afirmando que não conhecia qualquer dos presos incluidos na lista e que não pretendia viajar para o México, mas aguardar a oportunidade de ser ouvida pela Justiça Militar e provar sua inocência. Foi tentado um contato com Brasilia, mas nada adiantou. Arrumamos algumas roupas emprestadas das Irmãs, aqui em São Paulo, e ficamos com ela até as 13 horas, quando o grupo foi levado para o aeroporto. Sua mãe e seu irmão foram avisados, mas quando chegaram, à tarde, ela já havia ido embora", lembra chorando, Irmã Salésia.

No México

No México, Irmã Maurina foi acolhida pela Congregação das Irmãs de São José de Lyon, uma vez que as irmãs franciscanas não têm uma comunidade naquele país. A provincial Madre Maria Anunciação Aguillar foi buscá-la no hotel e Irmã Maurina passou a trabalhar na livraria da Congregação e na Casa de Retiros.

Em 1971, ela sofreu um acidente, ao descer de um ônibus, recebendo ferimentos graves na cabeça. No fim desse mesmo ano, já como provincial, Irmã Maristella foi pela primeira vez ao México para revê-la:

"Foi uma alegria muito grande, ela chorou muito e, pela primeira vez, pôde contar tudo o que havia passado. Ela mantinha o seu espirito de desprendimento, sempre na esperança de voltar", disse.

Desde o banimento, as Irmãs Maristella e Salésia vêm tentando obter o seu retorno, principalmente a doença de seu pai, que morreu, em Conceição de Alagoas, no interior de Minas, sem que Irmã Maurina pudesse revê-lo.

A última tentativa foi feita em 1976, quando a provincial das Irmãs de São José, no México, enviou uma declaração, assegurando que Irmã Maurina nunca havia deixado o país, ao contrário dos boatos que chegavam ao Brasil. Declaração semelhante foi feita por Dom Paulo Evaristo Arns, que a visitou duas vezes no México, quando constatou "seu firme desejo de retornar ao Brasil e continuar seus trabalhos apostólicos em sua Congregação Religiosa, estando igualmente disposta a responder às autoridades brasileiras sobre suas atividades".

Em abril deste ano, Irmã Maristella voltou ao México e encontrou Irmã Maurina trabalhando com casais pobres, "seguindo sua vocação para trabalhos em obras de assistência social. Ela começou a dar algumas aulas no seminário, para ajudar a se manter. Ela faz um trabalho muito bom com aqueles casais, um trabalho semelhante ao Movimento Familiar Cristão. Mas não perde a esperança de voltar", conforme contou.

Revogação

Desde a prisão de Irmã Maurina, D Angélico Sandalo Bernardino nunca mais a viu, "porque havia suspeita também sobre mim e não tinha possibilidades de acompanhar o caso". Mas destaca que "o banimento de Irmã Maurina é uma iniquidade que pesa sobre a consciência das autoridades desta República. Revogar o seu banimento é uma questão de dignidade, é reparação de injustiça".

As Irmãs Maristella e Salésia também não perdem a esperança: "Temos uma gratidão enorme para com as Irmãs de São José e para com o povo mexicano, que acolheram Irmã Maurina. Mas, apesar de seu desprendimento, de seu idealismo, ela carrega a mágoa pela maneira como foi presa, por tudo de injusto que lhe aconteceu. A sua volta é uma questão de justiça, pois sabemos de sua inocência." Sua mãe, com 82 anos no interior de Minas, ainda espera vê-la de volta ao Brasil".

A outra prisão inesperada

Depois da prisão da Irmã Maurina, a do professor Guilherme Simões Gomes — titular da cadeira de Dentistica Restauradora da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo — foi a que mais surpreendeu a população da cidade.

Hoje, com 64 anos, ainda trabalhando na Universidade, o professor Simões Gomes não consegue evitar as lágrimas quando lembra de sua prisão, a 19 de outubro de 1969, que se estendeu até 19 de abril de 1971, sob a acusação de pertencer ao grupo que preparava uma guerrilha rural na região de Ribeirão Preto.

O professor havia recebido um pedido de uma estudante da Faculdade de Farmácia, para que colaborasse na distribuição de roupas e medicamentos à população pobre da região: "Eu colaborei do mesmo modo que colaboraria hoje, novamente. Num domingo, peguei meu carro, coloquei algumas roupas dentro e fiz a distribuição normalmente. Nunca poderia supor que ficaria preso por causa daquele gesto humanitário".

Antes de ser transferido para São Paulo, o professor Simões Gomes foi torturado com choques e agredido "com violentos socos na cabeça, pelo tal Capitão Coutinho, de São Paulo, que está na lista dos 233 torturadores recentemente publicada". Num desses interrogatórios, acabou assinando um documento comprometedor e nunca mais foi torturado, apenas ameaçado.

Durante todo o tempo em que esteve preso, o professor Simões Gomes esteve com a Irmã Maurina apenas uma vez, no DOPS em São Paulo: "Estive com ela apenas por alguns minutos. Ela me disse que estava bem, mas me pareceu multíssimo deprimida".

O professor sorri quando se fala em plano de guerrilha na região de Ribeirão Preto: "Só se eu fosse muito estúpido é que participaria de uma guerrilha na região. Aqui não havia e não há as mínimas condições para uma guerrilha. Não há montanhas, não há matas. A população rural é formada de chacareiros, sitiantes e fazendeiros. Como uma guerrilha poderia vingar nessas condições?".

O professor Simões Gomes diz que, apesar de tudo, sua prisão lhe deu a oportunidade de frequentar "a mais preciosa de todas as universidades de minha vida. Conheci de perto o marginal condenado a 90 anos de prisão, jovens de 17, 18 anos com quem conversava horas e horas. Conheci o camponês, o operário, inclusive um que escrevia poemas bonitos. Conheci advogados, engenheiros, médicos e tive o privilégio de ficar dois meses na mesma cela com uma das maiores culturas deste país, Caio Prado Júnior. Conheci um sargento da Marinha Brasileira que sabia mais História que qualquer professor, um outro que conhecia Matemática profundamente. Conheci o policial escroque e bandido, como também o policial honrado. Apesar do sofrimento de minha mulher e de meus três filhos, foi para mim uma experiência altamente positiva. Aprendi coisas que já mais sonhei aprender".

São Paulo

Com fatos novos, D Eunice pretende reabrir o caso Rubem Paiva

Cardeal Arns aponta os Herzog como exemplo a outras famílias

São Paulo — "E' hora de todos parentes de pessoas desaparecidas depois de presas iniciarem o mesmo processo para responsabilizar o Estado por aqueles que desapareceram", afirmou ontem o Arcebispo de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, ao comentar a sentença em favor da família do jornalista Wladimir Herzog, morto no DOI-CODI do II Exército em 1975.

"Gostaria de que as lei correspondessem à Justiça e que seus defensores, juízes e advogados tivessem plenissima liberdade, se sentissem sempre apoiados por todos. Porque, se for preciso ser heróico para decidir em favor da verdade, então a nação inteira já mergulhou na covardia, o que ninguém de nós pode aceitar ou tolerar".

A sentença, continuou D Paulo Arns, é "exatamente aquilo que a gente sabia. Corresponde exatamente ao que os jornalistas e toda a multidão reunida na Praça da Sé, no ato ecumênico pela morte de Herzog, já sabiam. E assim mesmo foi importante para que o público todo e alguns que hesitam em aceitar essa conclusão também se convençam".

"Mas acredito, sobretudo, que tenha sido a coragem heróica da Clarice (mulher do jornalista) e de alguns amigos que levaram esse processo a esclarecer a verdade. Também para a História do Brasil, a sentença é de importancia fundamental. Acabei de receber a mãe de um desaparecido há oito anos. E' fundamental que os parentes de pessoas desaparecidas depois de presas façam o mesmo processo, para que não se repitam mais tais coisas na His'orica da Nação".

"Não satisfaz, certamente, a atitude do Executivo e do Legislativo diante da importancia que tem o Judiciário. O Judiciário não é apenas a consciência da nação, mas é, ao mesmo tempo, o equilibrio de todos os poderes dentro dela."

E depois de observar que "o juiz não deve ser julgado pelo Executivo", o Cardeal Arns afirmou: "Sabemos que a sentença corresponde à verdade e acho que ela será confirmada na instancia superior, porque as provas são evidentes. Se houver o mesmo desejo de decidir conforme a verdade e a consciência profissional, o resultado será idêntico."

Instância superior

A sentença do Juiz da 7a. Vara Federal em São Paulo, Márcio José de Moraes, por ser contrária à União, é automaticamente levada ao Tribunal Federal de Recursos, para avaliação final. Dos 19 Ministros do TFR, 10 foram nomeados pelo Presidente Geisel nos últimos dois anos; seis o foram depois de 1964; e só os Srs Armando Rollemberg, Márcio Ribeiro e Amarilio Benjamin estão lá desde antes da Revolução.

Até a Emenda Constitucional nº 7 (do pacote de abril), o TFR tinha 13 ministros, quatro nomeados pelo Presidente Geisel. Depois o total foi elevado para 27, em duas etapas: de imediato, para 19; e as demais nomeacões dentro de um ano mais ou menos, quando estiver em vigor a Lei Orgânica da Magistratura Nacional e forem concluídas as obras do anexo do Tribunal.

Antes da emenda o Presidente Geisel nomeou os Srs José Fernandes Dantas, Justino Ribeiro, Otto Rocha e o Senador Wilson Gonçalves (Arena-CE), que pretende tomar posse dia 22 próximo. Depois da emenda nomeou os Srs Carlos Madeira, Carlos Mário Velloso, Evandro Gueiros, Lauro Leitão Antônio Torreão Braz e Washington Bolivar de Brito.

Os advogados de Clarice, Ivo e André Herzog (mulher e filhos de Wladimir Herzog) informaram que estudam os procedimentos a tomar após a sentença. No Rio, o Sr Sérgio Bermudes, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil e também representante da família, informou que se preparam para responder à contestação da União, que deverá apelar da sentença em ofício ao TFR (ele acha que o recurso só será julgado em 1979).

Em São Paulo, o advogado José Carlos Dias, que atua no caso na área criminal, disse que a sentença abriu novas perspectivas, "conforme ansiávamos". Disse que, "na medida em que me permitiram", acompanhou o IPM realizado pelo II Exército sobre a morte do jornalista (concluindo pelo suicídio), mas não pode assistir ao depoimento da Sra Clarice Herzog.

O advogado, que é o presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, obteve um depoimento do jornalista Rodolfo Konder (esteve preso no DOI-CODI do II Exército quando Vlado morreu) em seu escritório: "Fizemos uma petição em que mostravamos as contradições do IPM, propúnhamos uma série de provas, dávamos muitas pistas para que tudo fosse esclarecido, mas tudo foi desconhecido pelos responsáveis pelo inquérito."

Foi o Sr José Carlos Dias quem encaminhou a representação criminal contra o legista Harry Shibata, sem conseguir resultados: "Fizemos tudo o que era possivel. Agora essa sentença abre uma nova perspectiva e vamos analisar qual a forma de atuação", comentou por fim.

"Tendo exatamente a sua idade, sinto-me orgulhoso da nossa geração. Permita-me beijar, respeitosamente, menos como advogado do caso Herzog, que como cidadão brasileiro, a mão de um justo" — este é o telegrama que o advogado Sérgio Bermudes, 32 anos, enviou ontem ao Juiz Marcio José de Moraes.

O advogado, que tem concentrado sua atuação profissional na defesa de presos e perseguidos politicos, considerou a setença um marco na vida juridica brasileira, que abre caminho para julgamentos de outros casos semelhantes. O juiz, além de responsabilizar a União pela prisão ilegal, torturas e morte do jornalista, em 25 de outubro de 1975, determinou providencias ao Ministério Público para apuração de abuso de autoridade e torturas a presos politicos no DOI—CODI do II Exército.

Em Porto Alegre, o presidente da OAB—RS, Justino Vasconcelos comentou: "Felizmente há juizes em São Paulo, há juizes no Brasil. Podemos continuar confiando na Justiça brasileira. O Ato Institucional nº 5 está em pleno vigor e, mesmo assim, o juiz decide como deve decidir: de acordo com sua consciência. A tese da responsabilidade do Estado pela pessoa mantida legal ou ilegalmente pela sua guarda é absolutamente correta e dela não há quem duvide."

Numa referência direta às declarações dadas pelo General Ednardo de Mello, que comandava o II Exército quando da morte do jornalista, o advogado Justino Vasconcelos declarou: "As consequências de ordem prática ou financeira desta decisão e as demais que lhe seguirão, na certa, não nos importam. Importa manter a lei, defender o direito, realizar a justiça. Felizmente, há muitos chefes militares, oficiais, sargentos e soldados que nada tiveram e nada têm com tais abusos."

Segundo o jornal **O Estado de S Paulo** O General Ednardo de Mello considerou a sentença **um perigoso precedente, porque toda família cujo parente morreu na prisão vai agora querer indenização"**. Mesmo dizendo que não entrava na discussão do mérito da decisão, Ednardo Mello ficou revoltado, porque, segundo ele, Herzog nem era um preso politico: **"Ele era um comunista, isto sim, e daqueles.** Irritado, o general perguntou: **A nação agora vai pagar por todos os presos que morreram nos xadrezes?"**

Para o Juiz do Tribunal de Alçada do Rio Grande do Sul, Celso Gayger, "a decisão abre também a possibilidade de, em caso de morte de presos comuns, em presidios ou em locais de responsabilidade dos Estados e da União, das suas familias pleitearem, também indenização." No seu entender, a sentença do caso Herzog definiu "a responsabilidade objetiva da União sobre o preso, prevista na Constituição, já que o jornalista se encontrava abrigado e recolhido em poder da União."

Já o 1º vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, Ruy Carlos Ostermann, observou que "a sentença do Juiz Márcio José de Moraes, condenando a União pela prisão ilegal, tortura e morte do jornalista Wladimir Herzog, contém a originalidade de uma decisão contra o Estado."

"Mas um dia haveria de surgir esta originalidade numa sentença corajosa. A morte de Wladimir Herzog foi um ato de violência contra um individuo desamparado diante da arbitrariedade e da força policial. Os atos de violência têm se repetido porque estes atos sempre se revestiram de impunidade."

QUANDT NEGA

Em Belo Horizonte, o Ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, contestou a decisão do Juiz Márcio José de Moraes, afirmando duvidar que o Governo tenha responsabilidade no caso. "Não tive ainda oportunidade de ler os jornais de hoje, mas pelo que pude ler na época em que o jornalista foi morto, considero que o Governo não pode ser responsabilizado", afirmou.

Mulher de Rubem Paiva reabre caso

São Paulo — A mulher do ex-Deputado Rubem Paiva, dona Eunice, decidiu reabrir o caso do desaparecimento de seu marido, preso em 30 de janeiro de 1971 em sua casa no Rio de Janeiro, após entendimento com o advogado José Carlos Dias, presidente da Comissão Justiça e Paz.

"No encontro com o advogado", disse D Eunice Paiva, "discutimos e analisamos os novos fatos que dão fundamento juridico e procuramos saber quais seriam as possibilidades juridicas no processo. Não tentamos reabrir antes porque tinha medo de não chegar a nada e de haver alguma repressão. Deve haver um minimo de prova, senão a ação pode ser julgada por seu indeferimento ou arquivamento".

VASSALOS

D Eunice Paiva não quis revelar quais são os novos fatos que, segundo ela, dão fundamento juridico à reabertura do caso, "por questão de tática". Garantiu no entanto que "ninguém acredita na versão oficial, a não ser os vassalos da repressão como o Senador Eurico Rezende. A obrigação" — disse — "teria sido a abertura de um Inquérito Policial Militar, que nunca foi feito".

O ex-Deputado Rubem Paiva, contou sua mulher, foi preso no dia 20 de janeiro de 1971, dentro da casa, "na presença de familiares e empregados, na Avenida Delfim Moreira, 80, Leblon. Nunca mais vi o Rubem, mas vi o carro Opel em que fora levado no pátio do CODI do I Exército, na Barão de Mesquita" Acrescentou que dali "teria sido levado para a Aeronáutica".

Sem revelar nada do que foi acertado com o advogado, no encontro realizado num apartamento do Jardim Paulista, D Eunice Paiva afirma: "Tenho fundamento juridico e não vou fazer nada levianamente".

MAPAS DO TEMPO

Transmitida pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebido entre 8h47m e 10h49m, as partes claras indicam formação de nuvens que podem provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Frente fria localizada no litoral do Estado de São Paulo estendendo-se em dissipação para o Norte do Paraná. Anticiclone polar com centro de 1014 mb, localizado em 31º Sul e 46º Oeste. Frente fria localizada no litoral da Argentina ao Sul do Prata.

NO RIO

Nublado sujeito a instabilidade principalmente pela madrugada melhorando no período. Temperatura: estável. Máxima: 34.5. (Bangu). Mínima: 18.8 (Santa Tereza).

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas — Bom com nebulosidade ocasionalmente nublado instabilidade passageira no período. Temp.: estável. Máx.: 34.2. Mín.: 22.1.

Pará — Bom com nebulosidade ocasionalmente nublado. Instabilidade principalmente no Nordeste, pela manhã. Temp.: estável. Máx.: 31.6. Mín.: 21.0.

Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará — Bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máx.: 29.2. Mín.: 23.4.

Paraíba e Pernambuco — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado instabilidade pela manhã no litoral. Temp.: estável. Máx.: 29.4. Mín.: 22.5.

Alagoas e Sergipe — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máx.: 28.6. Mín.: 20.0.

Bahia — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máx.: 27.0. Mín.: 21.0.

Goiás — Bom com nebulosidade passando a nublado com instabilidade à tarde no Sul. Demais regiões bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máx.: 32.0. Mín.: 20.0.

Brasília — Bom com nebulosidade passando a nublado com instabilidade à atrde. Temp.: estável.

Minas Gerais — Bom com nebulosidade variável instabilidade com trovoadas de caráter local e passageira a partir da tarde no Sul e Triangulo Mineiro. Temp.: estável. Máx.: 31.4. Mín.: 18.8.

São Paulo — Nublado sujeito a instabilidade esparsa pela madrugada melhorando no fim do período. Temp.: estável. Máx.: 27.4. Mín.: 18.6.

Paraná e Santa Catarina — Bom com aumento de nebulosidade sujeito a instabilidade passageira com trovoadas no fim do período. Temp. em elevação. Máx.: 25.4. Mín.: 16.7.

O SOL

Nascer	5h53m
Ocaso	18h02m

A LUA

MING.

De 24 a 30 de outubro

A CHUVA

Chuvas (em mm) recolhidas no posto do Aterro do Flamengo do Departamento Nacional de Meteorologia, Cidade do Rio de Janeiro:

Nas últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	10.0
Normal mensal	74.0
Acumulada este ano	603.9
Normal anual	1 075.8

OS VENTOS

SUL

Sul/Este fracos. Ocasionalmente moderados na madrugada

O MAR

MARÉS

Rio-Niterói — Preamar: 0h49m/1,1m e 13h20m/1,2m. Baixa-mar: 8h01m/0,2m e 20h55m/0,2m. **Cabo Frio** — Preamar: 5h40m/0,9m e 22h 30m/0,9m. Baixa-mar: 1h49m/0,7m e 14h09m/0,4m. **Angra dos Reis** — Preamar: 0h42m/1,5m e 13h06m/1,6m. Baixa-mar: 7h16m/0,4m e 19h 29m/0,4m.

TEMPERATURAS

Dentro da baía	19º
Fora da barra	19º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Amsterdã, 12, nublado — Ancara, 12, bom — Berlim, 11, nublado — Bonn, 11, nublado — Copenhague, 12, nublado — Dublim, 12, encoberto — Genebra, 12, bom — Hong Kong, 18, nublado — Jerusalém, 21, bom — Madri, 18, bom — Manilha, 27 bom — Moscou, 0 nublado — Nova Déli, 30, bom — Oslo, 16, encoberto — Paris, 11, nublado — Pequim, 5, nublado — Roma, 15, bom — Viena, 9, nublado — Parsóvia, 5, nublado.

Luiz Carlos Menezes ou Luiz Carlos de Menezes (foto), que frequentemente se apresenta como jornalista a serviço do JORNAL DO BRASIL, não é e nunca foi empregado desta Empresa. Filho de Francisco da Silva Menezes e de Maria Ceciliana Silva, sua identidade é do Ministério do Exército, nº 2 976 513, CPF — 492921457

Fuga à previsão de calor na Zona Norte engarrafa o trânsito para as praias

Muitos dos que ontem, de manhã, foram da Zona Norte às praias da Zona Sul, fugindo à previsão de mais um dia de intenso calor — o que acabou não acontecendo (em Bangu, máxima 34,5º; no Alto da Boa Vista, 20,5º) — certamente se arrependeram. O engarrafamento de transito ia do acesso ao Elevado Paulo de Frontin à Rua Marquês de São Vicente.

Nem a ação dos guardas de transito melhorou a situação, comum nos fins de semana, mas que ontem excedeu muito as previsões. Irritados com a longa espera e o calor intenso — apesar de que sexta-feira ele foi bem maior, com máxima de 40,3º — os motoristas protestavam com as buzinas dos carros. A Praça Santos Dumont era um inferno de barulho.

O SOL

O Sol apareceu, menos forte que na véspera, e se escondeu cedo, cerca das 14h. A temperatura da água do mar estava convidativa — 19º — e os banhistas invadiram todas as praias da Zona Sul — principalmente Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca — e até a área da Reserva Biológica da Av. Sernambetiba, onde o banho de mar está proibido.

O estacionamento tornou-se difícil, com longas filas de carros esperando uma vaga, o que ainda mais congestionou o transito junto às praias. A Reserva Biológica não foi ocupada apenas por banhistas, pescadores e surfistas — também por automóveis, estacionados na areia, depois de ultrapassada a cerca de arame que, por má conservação, não constitui mesmo um obstáculo.

No Centro de Recuperação de Afogados, na Barra da Tijuca, só um garoto de 14 anos, morador em Marechal Hermes, precisou receber atendimento médico, após ser retirado da água, junto ao quebra-mar, na Barra da Tijuca. Como o mar estava calmo, houve pouco serviço — tão pouco que foi considerado "fora do normal para esta época do ano".

Rural decreta recesso

Em resposta à greve geral que os 4 mil alunos da Universidade Rural do Rio de Janeiro mantêm desde segunda-feira, pelo fim das taxas escolares, fim das jubilações e quatro outras reivindicações, o Conselho Universitário declarou recesso para todas as atividades escolares de 27 de outubro a 18 de novembro.

A decisão foi tomada às 20h30m, após reunião de duas horas: o Conselho discutiu sob a pressão dos alunos, concentrados nos jardins do pavilhão central da Universidade desde 10h. O Reitor, numa reunião com os alunos no dia anterior, concordara com quatro das seis reivindicações.

Logo que souberam da decisão do Conselho Universitário, os estudantes convocaram assembléia-geral para amanhã e enviaram cartas a todas as entidades estudantis no Rio. Segundo os estudantes, o Reitor prometeu responder às suas reivindicações amanhã.

Os membros do Diretório Central dos Estudantes não esperavam a medida do Conselho Universitário, já que na quinta-feira o Reitor Artur Orlando Lopes da Costa participará de reunião com 800 alunos, no auditório da Universidade. O Reitor acatou os pedidos de participação dos alunos nos órgãos colegiados; recuperação da sala de estudos; explicou que a Universidade não mudaria de nome, nem seria transformada em Fundação, o que era outra preocupação dos alunos; mas pediu que enviassem um documento por escrito.

No dia seguinte os alunos entregaram o documento, mas sem assinatura. O Reitor exigiu assinatura e foram colhidas em poucas horas. O documento foi entregue ao Conselho Universitário e os alunos esperaram a resposta. Às 20h30m, quando os alunos já tinham montado um piquenique em frente à porta da Reitoria, o Decano de Assuntos Estudantis anunciou o recesso.

ABRP vai reciclar executivos

A ABRP, Associação Brasileira de Relações Públicas, em convênio com a Associação Comercial do Rio de Janeiro, vai promover de 6 a 30 de novembro um ciclo de palestras sobre A Importancia das Relações Públicas e Humanas para Empresas, com o objetivo de reciclar os conhecimentos de profissionais e líderes do comércio e da indústria.

As palestras serão feitas das 19h às 21h30m no auditório da Associação Comercial e focalizarão os seguintes temas: A Comunicação em Relações Públicas. A Importancia das Relações Publicas e Humanas na Empresa Moderna; Uma Educação Integral e um Brasileiro menos Conhecido; Relações Públicas: Imagem e Lobbyng; O Posicionamento de RP numa Empresa Estatal; e Pesquisa em Relações Públicas.

Capela do Galeão tem 2.º casamento

A capela do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, frequentada principalmente por passageiros e parentes, terá hoje o seu segundo casamento: unem-se Geraldo Mendes Damasceno, técnico de informações aeronaúticas do Sisdacta Sistema de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo, e Veneranda de Moraes, que, depois, seguem em lua-de-mel para o Norte do país.

O capelão Lildo Costa e Silva realizou o primeiro casamento em janeiro e, tal como no que vai realizar hoje, os noivos estavam por qualquer meio ligados à Aeronaútica, mas ele lembra que tal vinculo não é necessário para que alguém se case na capela do Aeroporto Internacional, bastando aos interessados procurar a Administração do Aeroporto.

MEC ajuda rede privada no ensino profissionalizante

As redes particulares, o último e principal obstáculo ao ensino profissionalizante, terão agora um motivo a menos para criticar o projeto proposto pela Lei da Reforma do Ensino em 1971. É isto, pelo menos, o que espera o Ministério da Educação, ao iniciar o programa de concessão à rede privada de recursos de Cr$ 158 milhões para treinamento de professores e compra de equipamento.

Em contrapartida, o MEC espera que as escolas particulares assumam o compromisso de aumentar o número de bolsas-de-estudos e, assim, aliviar as pressões sobre a rede oficial. A execução do programa, entretanto, só começou a ser discutida a partir da semana passada, em seminários realizados em todo o país entre Secretarias de Educação, diretores de escolas particulares e técnicos da Fundação Getúlio Vargas.

Desinformação

Estes seminários (o Rio de Janeiro discutirá o problema amanhã e terça-feira) têm fundamentalmente uma preocupação: esclarecer as escolas particulares do que pretende o MEC com o ensino profissionalizante, e principalmente explicar que a formação de técnicos no segundo grau, conforme previa o parecer 45 do Conselho Federal de Educação, já acabou.

Apesar da modificação das intenções do ensino profissionalizante não ser novidade, já o parecer 76 aprovado em 1975 a sugeria, até agora a idéia não foi assimilada. Três anos depois, em resposta à *perplexidade* dos educadores, principalmente na área do ensino particular, o MEC resolveu reuni-los em seminários e dizer, finalmente, o que é a profissionalização através das chamadas Habilitações Básicas.

O que a maioria das escolas particulares não sabe, e por isto mantém sua posição de crítica intransigente, segundo acredita o MEC, é que, de acordo com o parecer 76, não se quer mais transformar cada aluno do segundo grau em técnico de uma das 130 ocupações relacionadas no extinto parecer 45. Isto era impossível, concordam hoje as autoridades da educação. As 10 Habilitações Básicas têm objetivos mais modestos (e mais reais), porque se limitam a dar informações gerais aos estudantes sobre uma área profissional. A profissionalização só será efetivada no mercado de trabalho.

Melhor do que nada

As críticas à lei criada em 1971, modificada em 1975 e até agora não aplicada integralmente são, segundo a presidenta do Conselho Estadual de Educação, Edília Coelho Garcia, "de quem não conhece a lei". Para ela, no Rio de Janeiro, pelo menos, "a principal resistência está vencida: criou-se uma consciência de que o ensino de segundo grau não pode ser somente um vestíbulo para a Universidade. Por isto, por mais fraca que seja a preparação profissional, é melhor do que nada".

Outra dificuldade, apontada pela Sra Edília Coelho Garcia, é que "no Brasil somos arraigados ao imobilismo, à falta de desejo de mudar". Mas, lembrou, "o nosso jovem não aguenta mais a escola beletrista que não prepara para nada".

O desconhecimento das intenções da lei foi admitida pelo presidente do Sindicato dos Colégios Particulares do Rio de Janeiro, professor Newton Santiago, que encara a realização do seminario para debater o problema com "uma grande curiosidade e esperança de que redunde em algo positivo para esclarecer esta balela de ensino profissionalizante obrigatório".

"A escola particular está passando por uma crise quase institucional, porque se vê na contingência de cumprir a lei e não atender aos anseios dos alunos. Por isto eles saem de nossas escolas e entram em cursinhos para se preparar para o vestibular".

Vestibular

O que atrapalha, e nisso todos concordam, é que o estudante ainda considera a Universidade como única forma de realização profissional. Isto foi verificado pelo Cesgranrio, que em entrevista a 2 mil alunos (1 mil de oitava série do primeiro grau e 1 mil da segunda série do segundo grau) teve a mesma resposta de quase a totalidade deles: o terceiro grau era sua meta.

Mas, pergunta a presidente do Conselho Estadual de Educação, "o que fazer com os milhares de candidatos que tentam o vestibular e não passam?" — o Cesgranrio tem 130 mil candidatos inscritos para as 23 mil vagas do próximo vestibular. Ela acha que, para estes, restará o ingresso imediato no mercado de trabalho. Assim, as Habilitações Básicas dão a eles "informações que lhes permitirão ingressar num campo de trabalho. Ele não sai profissionalizado do segundo grau, mas sai encaminhado para uma determinada área".

A empresa estaria interessada em treinar este indivíduo, complementando em serviço a sua formação? Ela mesma responde: "Claro, a empresa aceita porque se trata de mão-de-obra barata. O estudante ingressa no treinamento sem vínculo empregatício, sem salário. Qual a empresa que vai recusar isto?"

O Laboratório de Currículos da Secretaria Estadual de Educação do Rio, em outro levantamento feito entre alunos e professores, constatou que a maioria dos estudantes, entretanto, está interessada é em obter um diploma. Não quer sair do segundo grau sem um comprovante de que estaria profissionalizado, e por isto revelou querer aumentar o segundo grau para quatro séries. As três primeiras séries continuariam dando, como é hoje, um certificado de conclusão de segundo grau e a última garantiria o diploma de técnico. O Conselho Estadual de Educação estuda a idéia.

Viabilidade

O presidente do Mobral, Arlindo Lopes Correa, entusiasmado com a idéia da participação das empresas no processo de formação profissional dos estudantes, criou o *slogan*: "Empresa: Adote uma Escola".

Para isto, lembrou a Lei 6 297, que permite às empresas que realizem atividades de treinamento profissional gozar de incentivos fiscais vantajosos. "As despesas correspondentes, tanto de investimento quanto de custeio, podem ser deduzidas em dobro do lucro tributável. Essa dedução pode atingir até 10% do lucro tributável em cada exercício financeiro, mas se permite que as despesas excedentes desse limite sejam deduzidas nos três anos fiscais subsequentes".

Disse ainda o Sr Arlindo Lopes Correa que, sendo a taxa de tributação de 30%, "a empresa pode deduzir 60% das despesas realizadas, sendo que algumas delas se referem à construção de prédios, equipamentos e instalações que enriquecem o seu patrimônio".

O presidente do Mobral afirmou também que "é viável que a educação conte com recursos financeiros excepcionalmente elevados, pois se é permitido deduzir o custeio do ensino escolar indispensável à profissionalização, pode-se chegar a um acordo entre a empresa e a escola, vantajoso para ambos: a empresa passaria a pagar a educação escolar de seus empregados aos estabelecimentos de ensino antes de treiná-los e deduzir as quantias correspondentes do seu Imposto de Renda. Por outro lado, a escola poderia prover educação gratuita para os dependentes dos empregados da empresa, como forma de retribuição".

Convênio

O que há de concreto, agora, é a realização dos seminários promovidos pelo MEC, que colocarão frente à frente os diretores de escolas particulares, Secretarias de Educação e técnicos da Fundação Getúlio Vargas, que desde o ano passado trabalham, em convênio de prestação de serviços ao Ministério, na preparação de documentos, currículos e especificação de equipamento.

A Fundação recebeu, para isto, Cr$ 28 milhões, e o MEC destinou ano passado Cr$ 25 milhões para treinamento de pessoal e Cr$ 50 milhõs para compra de equipamentos. Para este ano, que inclui o atendimento às escolas particulares, passaram a ser Cr$ 58 milhões para treinamento e Cr$ 100 milhões para equipamento.

Depois da realização dos seminários, as escolas particulares interessadas em participar do programa indicarão seus professores candidatos aos cursos de treinamento; em seguida serão selecionados pelas oito universidades que organizarão os cursos, a serem iniciados em dezembro. No primeiro estágio serão preparados 1 mil 766 professores de acordo com a orientação das Habilitações Básicas, que receberão o treinamento nas Universidades Federais da Paraíba, Pernambuco, Rural de Pernambuco, Minas Gerais, Viçosa, Rio de Janeiro, Associação do Ensino Unificado do Distrito Federal e PUC do Rio Grande do Sul.

A primeira etapa do curso terá a duração de 600 horas, devendo ser realizado no período de férias escolares e os professores selecionados receberão bolsas-de-estudos de dois tipos: para quem mora distante do local do curso, Cr$ 17 mil, pagos em quatro parcelas, quem viver no mesmo município onde está a Universidade, ou próximo a ela, receberá Cr$ 6 mil, também em quatro etapas.

Através destes professores, as escolas ficarão credenciadas, seguindo convênios próprios a serem firmados com as Secretarias de Educação, a receberem recursos para a compra de equipamentos. A previsão dos técnicos da Fundação Getúlio Vargas é estender estes cursos até 2 mil 595 horas, para a Licenciatura Plena. Assim, haverá professores treinados para dar aulas nas Habitações Básica de Mecanica, Química, Eletricidade, Construção Civil, Eletrônica, Administração, Comércio, Crédito e Finanças, Saúde e Agropecuária.

A vantagem das Habitações Básicas, segundo explicam os técnicos da Fundação Getúlio Vargas, também está na simplificação dos equipamentos exigidos, já que "passam a ter a finalidade apenas de demonstrar princípios e conhecimentos básicos de determinada área de atividade". Por além disso, "a supressão, ou redução, da carga horária destinada à parte operacional das ocupações, permite o reforço do número de horas destinada a conhecimentos tecnológicos, bem como do número de horas destinadas às disciplinas instrumentais que atendem ao duplo propósito de auxiliar a profissionalização e ampliar a educação geral".

DOPS e PM vigiam Custo de Vida hoje

São Paulo — Sob a vigilância do DOPS e da Polícia Militar, o Movimento Custo de Vida realizará, a partir das 16h de hoje, cinco assembléias contra a carestia. Donas-de-casa deverão levar panelas vazias, em protesto pela ausência de resposta do Governo ao documento com 1 milhão 300 mil assinaturas levado a Brasília.

Os coordenadores do Movimento voltaram a contestar que pretendam realizar passeatas — o Governador Paulo Egidio Martins disse que seriam reprimidas — assegurando que as assembléias se realizarão em locais fechados. Segundo o Cardeal Paulo Evaristo Arns, "o movimento prossegue tranquilo, realiza o que planejou e, sobretudo, dá desta vez, como das outras, a prova de que é um movimento responsável e consciente".

AS ASSEMBLÉIAS

As assembléias contra a carestia serão realizadas nos pátios das igrejas de São Miguel Paulista (Região Leste), Santo Antônio (Região Oeste) e da Cidade Dutra (Região Sul), todas na periferia da Capital, no Instituto Coração de Jesus, no Centro de Santo André (região do ABC), e no Colégio V. Edruna, em Campinas.

E' o primeiro protesto público pela ausência de resposta do Governo ao abaixo-assinado pedindo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, abono salarial imediato a todas as categorias de trabalhadores e aumento de salário superior ao aumento do custo de vida.

Surgido, em 1973, nos Clubes de Mães da periferia — ligados às Comunicades Eclesiásticas de Base da Região Sul da Arquidiocese — o Movimento Custo de Vida lançou, oficialmente, seu abaixo-assinado em março. Para entregá-lo às autoridades, o Movimento programou uma manifestação, na Praça da Sé, em 27 de agosto.

AUTENTICIDADE

O Governador proibiu a concentração na Praça, que foi ocupada por policiais com cavalos e cachorros, e a manifestação se realizou na catedral, terminando com incidentes entre a PM e estudantes, que se concentraram nas escadarias da igreja. Como não compareceu nenhuma autoridade, uma comissão do Movimento levou o abaixo-assinado a Brasília, conseguindo apenas que ele fosse protocolado no Palácio do Planalto. Foi solicitada uma resposta oficial até 30 de setembro.

Diante das acusações do Governo de que o documento tinha assinaturas falsas, seus coordenadores explicaram que muitas pessoas assinaram por analfabetos, destacando que "se o Governo duvida da autenticidade do Movimento, que faça uma pesquisa para saber o que todos acham do custo de vida".

Volkswagen garante que respeita lei

Belém — O presidente da Volkswagen do Brasil, Sr Wolfgang Sawer, garantiu, ontem, nesta Capital, que o desmatamento realizado pela Companhia Vale do Rio Cristalino no projeto agropecuário da empresa no Sul do Pará vem obedecendo as normas estabelecidas pelo Governo, acrescentando que metade da área de 140 mil hectares será reservada para a conservação dos recursos naturais.

Sobre às declarações do Secretário do Meio-Ambiente sobre as queimadas na Amazônia, disse que isto não ocorre apenas na Amazônia: no projeto da Volkswagen as queimadas só são realizadas durante o verão. Ele manteve, ontem, encontros com o superintendente da Sudam, Sr Hugo de Almeida, e com o presidente do Banco da Amazônia, Sr Francisco Penha.

FRIGORICO

Sobre o projeto Frigorífico Atlas, também da Volkswagen, o Sr Wolfgang Sawer disse que sua implantação deverá ser iniciada dentro de três meses e concluída num prazo de dois anos, com investimento de Cr$ 1 bilhão, sendo que a maior parte desses recursos será fornecida pela Sudam. O Frigorífico Atlas terá um abate diário de 600 cabeças de gado para atender ao consumo interno e externo.

Servidor de Brasília pede a Geisel correção salarial, 13.º e promoções mais justas

Brasília — A instituição de um regime jurídico único para os servidores, no qual seja assegurado a todos o direito ao 13.º salário; um sistema de promoção mais justo; e a correção do aviltamento e achatamento salarial. Estas são as principais reivindicações que serão encaminhadas ao Presidente da República, pela presidência do 1.º Simpósio dos Servidores Públicos de Brasília, encerrado ontem.

No documento final, lido ontem no encerramento do encontro, que contou apenas com a presença dos participantes do simpósio, os servidores pedem, também, a aposentadoria aos 30 anos de serviço para os homens e aos 25 para as mulheres e para os policiais, professores e trabalhadores sujeitos à insalubridade.

13º SALARIO

O 13º salário, que deve ser incorporado no novo regime jurídico proposto pela classe, é um ponto de que os servidores não vão abrir mão, segundo o presidente da Federação dos Servidores Públicos de Brasília, Sr Aristóteles Gusmão da Silveira.

"Não deve haver diferença entre o tratamento dado ao funcionário estatutário e ao que é regido pela CLT e, para que sejam corrigidas as distorções" — disse — "o novo regime jurídico deve manter todas as vantagens atualmente concedidas ao funcionário público, sem restrições".

O aviltamento salarial também vem preocupando os servidores, que desejam uma correção, o mais breve possível. Esse problema, de acordo com o documento elaborado pela coordenação do simpósio, atinge principalmente os funcionários mais antigos.

Os servidores desejam que o Governo conceda condições salariais compatíveis com o atual mercado de trabalho. Disse o Sr Aristóteles que, atualmente, existem servidores com 30 a 35 anos de serviços que percebem muito menos do que os que estão começando agora, ocupando o mesmo quadro. Como exemplo, citou a situação dos motoristas do quadro permanente, que têm um salário entre Cr$ 2 mil 400 e Cr$ 3 mil 500, enquanto o Governo contrata, a empresas particulares, um motorista por um salário de Cr$ 7 mil, no regime da CLT.

"Com isso" — prosseguiu — "verificamos que não há uma equidade e que o Estado não vem respeitando o princípio de isonomia. Além de estabelecer um quadro de injustiça, o Estado vem deixando os funcionários aposentados do Distrito Federal percebendo menos do que o salário mínimo.

Outra questão para a qual os servidores solicitarão a atenção do Governo é em relação ao achatamento salarial, pois, segundo o Sr Aristóteles, os aumentos concedidos aos servidores quase sempre são inferiores aos índices salariais obtidos por empregados de empresas privadas.

Dentro do problema de classificação de cargos, o tema mais debatido pelos servidores foi o sistema de promoções. Para eles, o atual processo não atende aos interesses dos funcionários e várias injustiças foram e continuam sendo praticadas.

No documento, a classe solicita ao Presidente da República que determine ao diretor-geral do DASP que constitua uma comissão permanente para corrigir tais injustiças. Como exemplo, foi apresentado o caso dos servidores que ocupam cargos de DAI e DAS (Direção e Assessoramento Intermediário e Direção e Assessoramento Superior), que automaticamente têm aumentos salariais por mérito, subindo de referência, enquanto os que não ocupam tais cargos, são preteridos.

Isso, no entender do Sr Aristóteles, gera uma insatisfação muito grande, porque nem sempre os promovidos são os mais competentes.

Os servidores pleitearam, também, a elaboração de um novo estatuto, pois o atual, com 26 anos de existência, não atende aos interesses da classe e a CLT também deixa muito a desejar.

Jesuíta preso no aeroporto de Salvador leva Cardeal a ligar até para o Planalto

Salvador — Só após quatro horas de entendimento, inclusive com o assessor de imprensa da Presidência da República, Coronel Rubem Ludwig, a Polícia Federal soltou o Padre jesuíta Cláudio Perani, um dos diretores do CAES (Centro de Estudos e Ação Social), detido ontem no Aeroporto 2 de Julho ao desembarcar procedente de Roma. Nenhuma explicação consistente foi dada.

O Padre foi detido no início da manhã, quando tentava desembaraçar a bagagem, sob alegação de que estava numa lista de pessoas proibidas de entrar no país. Depois da intervenção do Arcebispo de Salvador e Cardeal-Primaz do Brasil, Avelar Brandão, a razão passou a ser "uma ordem de Brasília". O Cardeal acabou indo ao aeroporto encontrar o diretor regional do DPF, Hélio Romão, e resolver o problema.

MISTÉRIO

Padre Cláudio Perani fora a Roma para uma reunião de avaliação do trabalho dos jesuítas na América Latina, e o avião que o trouxe de volta pousou em Salvador às 5h30m. Padre Dionicio Schiucchitti o esperava e comunicou a prisão ao Cardeal Avelar Brandão, que ligou imediatamente para o delegado Hélio Romão, não o encontrando.

O Cardeal entrou em contato com o Comandante do Comando Costeiro, Major-Brigadeiro Guido Jorge Moassab, que se preparava para viajar até Brasília e prometeu se inteirar do problema no aeroporto. Enquanto esperava, D Avelar ligou para o Ministro da Justiça, Armando Falcão: "Me disseram que ele estava viajando pelo interior do Ceará".

Procurou então o Coronel Rubem Ludwig, que se encarregou de informar o Chefe da Casa Militar da Presidência, pedindo esclarecimentos. O lance seguinte foi dado pelo delegado Hélio Romão, que telefonou para o Cardeal e marcou o encontro no Aeroporto 2 de Julho, depois do qual o Padre foi libertado.

Padre Perani se queixou do fato de não ter recebido explicação alguma por estar relacionado entre pessoas que não podem entrar no país, mas se recusou a especular sobre os motivos. O Cardeal Avelar Brandão evitou o assunto, mas disse suspeitar que a causa da prisão era o trabalho do jesuíta no **Cadernos do CEAS**, publicação mensal que aborda os aspectos sociais dos principais problemas brasileiros.

TV PHILCO B-26 7 - 44cm (17")
Duplo sincronismo de vertical e horizontal.
Totalmente transistorizado.

À VISTA **3.910,**

TV TELEFUNKEN 563 - CORES PALCOLOR 56cm (22")
Som frontal, controles deslizantes, seletor eletrônico Varicap.

14.690,
À VISTA
ou 24 x **1.316,** SEM ENTRADA

TV SHARP 1602 A CORES 41cm (16")
Seletor de canais eletrônico.
Controles deslizantes.

À VISTA
12.890,

MÁQUINA DE COSTURA VIGORELLI STANDARD
Gabinete com 5 gavetas.

À VISTA **2.280,**
ou 24 x **205,**
SEM ENTRADA

DUPLICADOR FACIT D 11
Mais de 500 cópias em 30 minutos.
Ideal para colégios e escritórios.

À VISTA
2.280,

na praça, o preço é Brastel

PANELA DE PRESSÃO ROCHEDO 4 LITROS
Alumínio de alta resistência. Duração ilimitada.

À VISTA **167,**

CONDICIONADOR DE AR WESTINGHOUSE
7.000 BTU 1 HP
Totalmente silencioso.

À VISTA
4.950,
ou 12 x **628,**
SEM ENTRADA

FOGÃO BRASIL CONTINENTAL ARABESQUE
4 bocas. Pés cromados.
Forno com visor total.

À VISTA **3.690,**
ou 12 x **468,**
SEM ENTRADA

LAVADORA BRASTEMP ESPECIAL
Lava economicamente 4kg de roupa.

À VISTA
7.290,

FOGÃO ALVORADA
4 bocas, queimadores de alta resistência, forno com visão total.

À VISTA
1.385,
ou 24 x **126,**
SEM ENTRADA

CONJUNTO PARA COPA BR - POP
Mesa e 4 cadeiras em fórmica cor azul e vermelha.

À VISTA
890,

REFRIGERADOR PROSDÓCIMO RE 16
330 litros. Amplo congelador.
Aproveitamento total.

À VISTA
4.970,
ou 24 x **448,** SEM ENTRADA

REFRIGERADOR BRASTEMP DUPLEX
440 litros, 2 portas.
Aproveitamento total.

À VISTA
9.950, ou 12 x **1.262,** SEM ENTRADA

SALA POZZA BELINA
Buffet, mesa elástica e 4 cadeiras estofadas.
Pés tubulares cromados em todas as peças.

À VISTA **3.240,**
ou 12 x **411,**
SEM ENTRADA

GRUPO ESTOFADO CONCORDE
Sofá e 2 poltronas. Pés e braços em madeira torneada. Courvin Café Super-resistente.

À VISTA **1.880,**

GRUPO ESPLÊNDIDO DAYTONA
Sofá e 2 poltronas, em tecido listrado.
Alta classe.

À VISTA
7.880, ou 12 x **998,** SEM ENTRADA

DORMITÓRIO BERGAMO DUPLEX
Guarda-roupa duplex 8 portas, útil cômoda penteadeira e espaçosa cama de casal. Madeira em padrão Jacarandá.

À VISTA
6.260
ou 24 x **564,**
SEM ENTRADA

GUARDA-ROUPA DUPLEX RUDNICK
8 portas. Apresentado em cerejeira, com moldura em todas as divisões.

À VISTA
7.900,
ou 12 x **999,**
SEM ENTRADA

ESTANTE CIMO 9280
Padrão imbuia. Arca com 4 portas, 3 divisões com 9 prateleiras e escrivaninhas.

À VISTA
7.180,
ou 12 x **907,**
SEM ENTRADA

BRASTEL

LABOR

Comércio da Leopoldina ameaça fechar em protesto contra freqüentes assaltos

Somente este mês já ocorreram 30 assaltos e furtos em lojas comerciais na Zona da Leopoldina. Se, até o final da próxima semana, não houver reforço no policiamento, cerca de 3 mil comerciantes, dos 20 mil existentes na região, vão iniciar um movimento de protesto: primeiro colocarão uma tarja negra na porta e, depois, fecharão as lojas, pela manhã ou à tarde ou, ainda, durante alguns dias.

Para a diretoria da Associação Comercial e Industrial Leopoldinense, o problema é grave e, antes de tudo, social. Os assaltantes, às vezes, se contentam com algumas calças, camisas e isqueiros, embora haja, também, os do tipo profissional, como os do assalto a um açougue, do qual levaram 10 traseiros desossados, no valor de Cr$ 20 mil. Os comerciantes vão tentar, outra vez, uma reunião com o Secretário de Segurança Pública.

LIVRO

A Zona da Leopoldina, sob a jurisdição da Associação Comercial, abrange os subúrbios de Brás de Pina, Penha, Ramos, Olaria, Inhaúma e Higienópolis e a falta de insegurança começou a aumentar a partir do inicio do ano.

Depois de várias reclamações por escrito a diversas autoridades ,a associação manteve contato com o comando da 16º Batalhão da Policia Militar e, também, com os delegados de quatro delegacias policiais (21a. 22a., 27a. e 38a.). Nessa ocasião ficou acertado que a entidade manteria um livro de reclamações, no qual os comerciantes assaltados registrariam as queixas. Essa reunião foi no dia 21 de setembro e, a partir de 1º de outubro, o livro estava à disposição de todos.

Em apenas 26 dias (até ontem), foram registrados 30 assaltos, furtos ou arrombamentos em lojas comerciais da área, mas a Associação acha que o número é bem maior, já que muito dos prejudicados não têm o hábito de comunicar a ocorrência à policia.

ASSALTOS

Na área da Penha, por exemplo, a Rua Nicarágua é uma das mais visadas: quase todos os seus comerciantes já tiveram as lojas assaltadas e muitos já se dizem acostumados ao problema. Na loja Dom Mothe no nº 409-B, o maior assalto ocorreu no final do ano passado:

"Foi num sábado, à noite, e o prejuizo foi de quase Cr$ 200 mil, já que os ladrões levaram mais de 500 calças (os três calceiros do balcão ficaram vazios), além da féria" — disse seu proprietário, Alberto Peixoto.

Ele deu queixa na 22a. DP, informou até as caracteristicas de um carro suspeito, que seria de um policial da região, mas nenhuma providência foi tomada. Este ano, a loja foi assaltada mais duas vezes durante o dia e os assaltantes, de armas nas mãos, levaram o dinheiro da caixa.

A história da loja vizinha já virou até folclore na rua: era uma ótica (Solmar), que foi assaltada e só restou um par de óculos na vitrina. Seu proprietário, sem ter mais estoque ou dinheiro para repô-lo, vendeu a loja e encerrou o negócio. Também perto fica a Boutique Mafeia, que, no mês passado, foi assaltada às 18h e teve um prejuizo de mais de Cr$ 10 mil (os assaltantes também estavam armados).

NA HORA

Ainda rouca de tanto gritar por socorro, a caixa da Importadora Yo-Ho no nº 189, contava, ontem, às 13h 30m, sua experiência com assaltos:

"Há duas semanas fomos assaltados por dois rapazes, que levaram relógios, isqueiros, dinheiro e ate dois samovares (peça de origem russa, de prata, para fazer chá). Agora, há meia hora, entraram dois rapazes na loja, pegaram umas quatro calças que estavam perto da porta e sairam correndo em direção à estação ferroviária. Gritei que era um assalto, muitas pessoas pararam para ver, mas não apareceu nenhum policial."

Esse assalto foi encarado pelos donos de algumas lojas vizinhas com a maior naturalidade e alguns disseram que "quatro calças apenas é até lucro". Mas o furto mais original na área foi o que ocorreu há quatro meses no Açougue Nicarágua no 308:

"Levaram 10 trazeiros desossados, no valor de Cr$ 20 mil, e nem reclamamos à policia, pois quem poderia resgatá-los?" — disse um dos sócios, Sr José Luis.

Há dois meses, o açougue voltou a ser assaltado, mas os ladrões só levaram dinheiro (Cr$ 4 mil) e um aparelho de som avaliado em Cr$ 3 mil.

SECRETÁRIO

Para o diretor da Associação Comercial e Industrial Leopoldinense, Sr Jorge Kahn, o problema de assaltos na área aumentou bastante a partir do inicio do ano e é, antes de mais nada, um grave problema social.

"Muitos dos assaltantes são menores de idade ou jovens com menos de 25 anos, mas, mesmo assim, o comércio não pode sofrer com os problemas sociais do desemprego, da alta do custo de vida. Já enviamos três cartas ao Secretário de Segurança Pública, General Brum Negreiros, sobre o problema, e até o convidamos para uma reunião com todos os comerciantes da área, na Associação. Ele ficou de vir, marcou data, mas não apareceu. Vamos insistir, em outra carta, e, caso não tenhamos resposta, mais uma vez vamos ter de protestar publicamente" — disse ele.

FECHAMENTO

No dia 19, a Associação encaminhou oficio à Associação Comercial do Rio de Janeiro, informando que vai incentivar o comércio local a fechar as lojas, por falta de segurança. Acentua o documento que, além das cartas enviadas ao Secretário de Segurança, o problema será levado ao Comandante do I Exército, ao Comandante do 3º Comar (antiga 3a. Zona Aérea) e ao I Distrito Naval.

Quanto ao fechamento das lojas, adiantou o diretor Jorge Kahn que ele poderá começar já no final da próxima semana.

"Colocaremos uma tarja negra na porta de cada loja e fecharemos pela manhã ou à tarde. Depois, se não houver providências, fecharemos por alguns dias, apesar dos prejuizos que isso acarretará. Mas ser assaltado também é um grande prejuizo" — disse ele.

Preços menores do que os dos açougues provocam filas para carne nos supermercados

Devido à grande procura — porque, nos supermercados, a carne é mais barata do que nos açougues — o abastecimento irregular de carne está provocando a formação de grandes filas. A partir de amanhã, segundo a Associação dos Supermercados do Rio de Janeiro, a cota de carne será aumentada e as filas acabarão. Nas filas, porém, as pessoas comentavam que, após as eleições, os preços serão liberados e haverá carne com fartura.

Com o objetivo de evitar tumultos, ontem, nos Disco do Catumbi e de Botafogo, a venda de carne foi feita por meio de fichas numeradas, a pequenos grupos de cada vez, o que provocou uma espera de até duas horas, em pé, ao sol. No Mar e Terra do Leblon a pequena fila foi causada pela demora no atendimento; em Bonsucesso, a grande procura exigiu um esquema parecido com o do Disco; e no Peg-Pag do Leblon de Ipanema, quem entrou na fila às 8h só foi atendido às 11h30m.

IRREGULARIDADE

O Disco do Catumbi normalmente recebe carne todos os dias mas, agora, o abastecimento só é feito duas vezes por semana e em menor quantidade. A gerência não soube explicar o motivo da irregularidade, informando que a redução da entrega foi agravada pelo fato de que a alcatra, o chã e o patinho, nos supermercados, custam Cr$ 35 e, nos açougues, são vendidos de Cr$ 69 a Cr$ 75.

Como a fila estava grande desde às 7h, os fregueses receberam fichas numeradas para entrar em pequenos grupos. O sistema também foi adotado no Disco da Rua Voluntários da Pátria, o que motivou algumas reclamações, porque as pessoas tiveram de esperar ao sol. Muitas protestaram, também, contra a qualidade da mercadoria. O supermercado recebia 12 mil quilos de carne duas vezes por semana, mas, agora, só são entregues 6 mil.

No Mar e Terra do Leblon, o abastecimento foi considerado normal. Como é preciso descongelar a carne, o produto não é vendido o dia inteiro. Isso e o sistema de os empregados servirem os compradores — as pessoas escolhem e eles pesam — foram, segundo a gerência, as causas da fila de ontem.

A Sendas da Rua Barão de Itambi está sendo abastecida normalmente, mas a procura tem sido grande, devido ao preço. No Porcão, na Av Brasil, também não há problemas e as filas de ontem foram consideradas normais, semelhantes às de outros sábados.

Segundo a Associação dos Supermecados do Rio de Janeiro, as filas deverão terminar na próxima semana, porque o Governo aumentará, a partir de amanhã, a cota de carne congelada e os supermercados passarão a receber 3 mil toneladas semanais, em vez de 2 mil 400 toneladas.

No Disco do Catumbi, a venda foi feita por meio de fichas e os fregueses entravam em grupos

Rio Ganha 2.º prêmio da Loteria

O Rio só conseguiu o segundo dos cinco primeiros prêmios da extração n.º 1 556 da Loteria Federal, ontem: os outros foram para S Paulo. Primeiro prêmio (Cr$ 2 milhões 500 mil) foi para o bilhete nº 31 980; 2º(Cr$ 200 mil), nº 54 183; 3º (Cr$ 100 mil), nº 30 163; 4.º (Cr$ 80 mil) n.º 49 478; 5º (Cr$ 60 mil), nº 14 475. Prêmio único (Cr$ 7 mil 740), bilhete nº 64 976, vendido no Estado do Rio de Janeiro.

Os 18 bilhetes correspondentes às nove aproximações anteriores e posteriores ao 1º prêmio recebem Cr$ 1 mil 200; o milhar do 1º prêmio (1 980), Cr$ 10 mil; o milhar do 1º prêmio invertido (0891), Cr$ 1 mil 200; a centena 980, Cr$ 2 mil; a centena invertida (089), Cr$ 800.

Residentes defendem repúdio

A Associação Nacional dos Médicos Residentes desvinculou o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro da responsabilidade da nota de repúdio à indicação, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Governador Faria Lima e do Ministro Almeida Machado para presidirem o 7º Congresso da Sociedade e outras entidades, de 5 a 10 de novembro, no Rio.

Sobre o Governador Faria Lima, os residentes assinalam "a sua intransigência durante o movimento dos médicos residentes e a falta de respeito com que se referiu aos nossos colegas do Estado e do Municipio, classificando-os de incapazes". Quanto ao Ministro da Saúde, disseram que "ele recusou receber os médicos do Rio durante a greve".

Comércio da Leopoldina ameaça fechar em protesto contra freqüentes assaltos

Somente este mês já ocorreram 30 assaltos e furtos em lojas comerciais na Zona da Leopoldina. Se, até o final da próxima semana, não houver reforço no policiamento, cerca de 3 mil comerciantes, dos 20 mil existentes na região, vão iniciar um movimento de protesto: primeiro colocarão uma tarja negra na porta e, depois, fecharão as lojas, pela manhã ou à tarde ou, ainda, durante alguns dias.

Para a diretoria da Associação Comercial e Industrial Leopoldinense, o problema é grave e, antes de tudo, social. Os assaltantes, às vezes, se contentam com algumas calças, camisas e isqueiros, embora haja, também, os do tipo profissional, como os do assalto a um açougue, do qual levaram 10 traseiros desossados, no valor de Cr$ 20 mil. Os comerciantes vão tentar, outra vez, uma reunião com o Secretário de Segurança Pública.

LIVRO

A Zona da Leopoldina, sob a jurisdição da Associação Comercial, abrange os subúrbios de Brás de Pina, Penha, Ramos, Olaria, Inhaúma e Higienópolis e a falta de insegurança começou a aumentar a partir do início do ano.

Depois de várias reclamações por escrito a diversas autoridades ,a associação manteve contato com o comando da 16º Batalhão da Polícia Militar e, também, com os delegados de quatro delegacias policiais (21a. 22a., 27a. e 38a.). Nessa ocasião ficou acertado que a entidade manteria um livro de reclamações, no qual os comerciantes assaltados registrariam as queixas. Essa reunião foi no dia 21 de setembro e, a partir de 1º de outubro, o livro estava à disposição de todos.

Em apenas 26 dias (até ontem), foram registrados 30 assaltos, furtos ou arrombamentos em lojas comerciais da área, mas a Associação acha que o número é bem maior, já que muito dos prejudicados não têm o hábito de comunicar a ocorrência à polícia.

ASSALTOS

Na área da Penha, por exemplo, a Rua Nicarágua é uma das mais visadas: quase todos os seus comerciantes já tiveram as lojas assaltadas e muitos já se dizem acostumados ao problema. Na loja Dom Mothe no nº 409-B, o maior assalto ocorreu no final do ano passado:

"Foi num sábado, à noite, e o prejuízo foi de quase Cr$ 200 mil, já que os ladrões levaram mais de 500 calças (os três calceiros do balcão ficaram vazios), além da féria" — disse seu proprietário, Alberto Peixoto.

Ele deu queixa na 22a. DP, informou até as características de um carro suspeito, que seria de um policial da região, mas nenhuma providência foi tomada. Este ano, a loja foi assaltada mais duas vezes durante o dia e os assaltantes, de armas nas mãos, levaram o dinheiro da caixa.

SECRETÁRIO

Para o diretor da Associação Comercial e Industrial Leopoldinense, Sr Jorge Kahn, o problema de assaltos na área aumentou bastante a partir do início do ano e é, antes de mais nada, um grave problema social.

"Muitos dos assaltantes são menores de idade ou jovens com menos de 25 anos, mas, mesmo assim, o comércio não pode sofrer com os problemas sociais do desemprego, da alta do custo de vida. Já enviamos três cartas ao Secretário de Segurança Pública, General Brum Negreiros, sobre o problema, e até o convidamos para uma reunião com todos os comerciantes da área, na Associação. Ele ficou de vir, marcou data, mas não apareceu. Vamos insistir, em outra carta, e, caso não tenhamos resposta, mais uma vez vamos ter de protestar publicamente" — disse ele.

FECHAMENTO

No dia 19, a Associação encaminhou ofício à Associação Comercial do Rio de Janeiro, informando que vai incentivar o comércio local a fechar as lojas, por falta de segurança. Acentua o documento que, além das cartas enviadas ao Secretário de Segurança, o problema será levado ao Comandante do I Exército, ao Comandante do 3º Comar (antiga 3a. Zona Aérea) e ao I Distrito Naval.

Quanto ao fechamento das lojas, adiantou o diretor Jorge Kahn que ele poderá começar já no final da próxima semana.

"Colocaremos uma tarja negra na porta de cada loja e fecharemos pela manhã ou à tarde. Depois, se não houver providências, fecharemos por alguns dias, apesar dos prejuízos que isso acarretará. Mas ser assaltado também é um grande prejuízo" — disse ele.

Preços menores do que os dos açougues provocam filas para carne nos supermercados

Devido à grande procura — porque, nos supermercados, a carne é mais barata do que nos açougues — o abastecimento irregular de carne está provocando a formação de grandes filas. A partir de amanhã, segundo a Associação dos Supermercados do Rio de Janeiro, a cota de carne será aumentada e as filas acabarão. Nas filas, porém, as pessoas comentavam que, após as eleições, os preços serão liberados e haverá carne com fartura.

Com o objetivo de evitar tumultos, ontem, nos Disco do Catumbi e de Botafogo, a venda de carne foi feita por meio de fichas numeradas, a pequenos grupos de cada vez, o que provocou uma espera de até duas horas, em pé, ao sol. No Mar e Terra do Leblon a pequena fila foi causada pela demora no atendimento; em Bonsucesso, a grande procura exigiu um esquema parecido com o do Disco; e no Peg-Pag do Leblon de Ipanema, quem entrou na fila às 8h só foi atendido às 11h30m.

IRREGULARIDADE

O Disco do Catumbi normalmente recebe carne todos os dias mas, agora, o abastecimento só é feito duas vezes por semana e em menor quantidade. A gerência não soube explicar o motivo da irregularidade, informando que a redução da entrega foi agravada pelo fato de que a alcatra, o chã e o patinho, nos supermercados, custam Cr$ 35 e, nos açougues, são vendidos de Cr$ 69 a Cr$ 75.

Como a fila estava grande desde às 7h, os fregueses receberam fichas numeradas para entrar em pequenos grupos. O sistema também foi adotado no Disco da Rua Voluntários da Pátria, o que motivou algumas reclamações, porque as pessoas tiveram de esperar ao sol. Muitas protestaram, também, contra a qualidade da mercadoria. O supermercado recebia 12 mil quilos de carne duas vezes por semana, mas, agora, só são entregues 6 mil.

No Mar e Terra do Leblon, o abastecimento foi considerado normal. Como é preciso descongelar a carne, o produto não é vendido o dia inteiro. Isso e o sistema de os empregados servirem os compradores — as pessoas escolhem e eles pesam — foram, segundo a gerência, as causas da fila de ontem.

A Sendas da Rua Barão de Itambi está sendo abastecida normalmente, mas a procura tem sido grande, devido ao preço. No Porcão, na Av Brasil, também não há problemas e as filas de ontem foram consideradas normais, semelhantes às de outros sábados.

Segundo a Associação dos Supermecados do Rio de Janeiro, as filas deverão terminar na próxima semana, porque o Governo aumentará, a partir de amanhã, a cota de carne congelada e os supermercados passarão a receber 3 mil toneladas semanais, em vez de 2 mil 400 toneladas.

No Disco do Catumbi, a venda foi feita por meio de fichas e os fregueses entravam em grupos

Desastre mata 5 em Ituiutaba

Ituiutaba, Minas — Cinco pessoas morreram ontem quando a camioneta Chevrolet em que viajavam, placa MI-5013 (de Ituiutaba, Minas Gerais) bateu de frente com o ônibus da Viação Gontijo, chapa CW-2846, no Km 146 da BR 365, perto de Ituiutaba. Entre os mortos estavam Sebastião Mendes Pedrosa, de 21 anos, e Aparecida Maria Pedrosa, de 19, que se haviam casado momentos antes.

Os demais mortos foram identificados como Deluz Antonio dos Santos, Francisco Assis Franco e sua mulher Maria Generosa de Lourdes Franco. O motorista do ônibus, Neirton Martins, sofreu fratura do crânio e está internado em estado grave no hospital daquela cidade. Ele vinha, com mais cinco passageiros, do Canal de São Simão, em Goiás, para Ituiutaba. Segundo a polícia, Sebastião Mendes Pedrosa dirigia a camioneta em alta velocidade. O veículo ficou reduzido a um monte de ferros retorcidos.

Rio ganha 2.º prêmio da Loteria

O Rio só conseguiu o segundo dos cinco primeiros prêmios da extração n.º 1 556 da Loteria Federal, ontem: os outros foram para S Paulo. Primeiro prêmio (Cr$ 2 milhões 500 mil) foi para o bilhete nº 31 930; 2º(Cr$ 200 mil), nº 54 182; 3º (Cr$ 100 mil), nº 30 163; 4.º (Cr$ 80 mil) n.º 49 478; 5º (Cr$ 60 mil), nº 14 475. Prêmio único (Cr$ 7 mil 740), bilhete nº 64 976, vendido no Estado do Rio de Janeiro.

Meninos se perdem na floresta

Bombeiros do Quartel Central e da Praça da Bandeira vão reiniciar hoje de manhã as buscas que começaram ontem, às 21 horas, para localizar 18 meninos, alunos do Colégio São Bento que, durante uma excursão, se perderam nas matas do alto da Boa Vista. Os trabalhos de resgate estão sob o comando do Capitão Lino, que conseguiu, às últimas horas da noite, localizar quatro das crianças.

A chuva e o denso nevoeiro impediram que os trabalhos de busca prosseguissem. Avisados do ocorrido, os pais dos alunos seguiram para o local à espera de notícias. A 19a. DP também acompanha o desenrolar do caso.

Residentes defendem repúdio

A Associação Nacional dos Médicos Residentes desvinculou o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro da responsabilidade da nota de repúdio à indicação, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Governador Faria Lima e do Ministro Almeida Machado para presidirem o 7º Congresso da Sociedade e outras entidades, de 5 a 10 de novembro, no Rio.

Sobre o Governador Faria Lima, os residentes assinalam "a sua intransigência durante o movimento dos médicos residentes e a falta de respeito com que se referiu aos nossos colegas do Estado e do Município, classificando-os de incapazes". Quanto ao Ministro da Saúde, disseram que "ele recusou receber os médicos do Rio durante a greve".

Terras de estrangeiros no país superam limite legal

Brasília — Mais de 52 mil estrangeiros, incluindo pessoas físicas e jurídicas, detêm a propriedade de 9 milhões 764 mil 842 ha nos 25 Estados e territórios brasileiros, o que corresponde a mais de duas vezes o Estado do Rio de Janeiro e 1,14% de todo o território nacional. O limite de ocupação de terras por estrangeiros — 25% da área municipal — foi ultrapassado em 19 municípios, e 990 pessoas físicas estrangeiras possuem áreas superiores ao limite normal fixado para aquisição: 50 módulos de exploração indefinida.

Os dados são do levantamento realizado pelo Serpro para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que mantém sigilo sobre o nome das empresas estrangeiras que possuem maiores áreas no país. Sabe-se, entretanto, que a empresa Jari, pertencente ao norte-americano Daniel Ludwig, ocupa cerca de 11% de toda a área brasileira em mãos de estrangeiros, o que representa mais de 1 milhão de hectares.

Dados

A decomposição dos dados mostra que, dos 52 mil 330 estrangeiros que possuem terras no Brasil, 47 mil 107 são pessoas físicas, 3 mil 365 são estrangeiros que adquiriram terras em condomínio com brasileiros e 1 mil 858 são pessoas jurídicas. Há mais 30 mil pessoas jurídicas cujas declarações de propriedade estão sendo analisadas pelo Serpro para identificar se são estrangeiras, empresas brasileiras equiparadas a estrangeiras (quando o acionista majoritário não é brasileiro) ou empresas nacionais.

Os Estados mais procurados pelos estrangeiros são, segundo o levantamento, São Paulo e Paraná. Em São Paulo há 33 mil 810 proprietários de terra estrangeiros (21 mil 90 pessoas físicas, 1 mil 628 condomínios e 1 mil 92 pessoas jurídicas), e no Paraná os estrangeiros chegam a 11 mil 558 (10 mil 825 pessoas físicas, 671 condomínios e 62 pessoas jurídicas). Em São Paulo, a área ocupada por estrangeiros, de 1 milhão 383 mil 140 ha, corresponde a 5,5% da área total do Estado; no Paraná, os estrangeiros ocupam 2,5% da área estadual, com 506 mil 570 ha.

Relativamente ao percentual de área ocupada por estrangeiros, o destaque é para o território do Amapá, onde 57 pessoas físicas e seis jurídicas ocupam 7% da área total. Depois do Amapá, São Paulo (5,5%), Mato Grosso (2,8% da área estadual ocupada por estrangeiros), Paraná (2,5%), Rio de Janeiro (2,1%), Distrito Federal (1,3%) e Goiás (1,2%). Em termos absolutos, os estrangeiros ocupam maiores áreas no Mato Grosso (3 milhões 517 mil 787 ha), Pará (1 milhão 382 mil 582 ha), São Paulo (1 milhão 382 mil 140 ha), Amapá (975 mil 779 ha) e Goiás (796 mil 883 ha).

Limites

Um dos limites fixados pela lei que regula a aquisição de terras por estrangeiros é o de 25% da área de cada município como área máxima que pode ser ocupada por estrangeiros, tanto pessoa física como jurídica. Este limite foi ultrapassado em 19 municípios brasileiros — dois no Pará, um na Paraíba, um em Minas Gerais e 15 em São Paulo.

São os seguintes os municípios que tiveram o limite de 25% superado: Curralinho (PA, 19 mil 85 ha a mais do que o permitido); Benevices (PA, 1 mil 65 ha); Caapora (PB, 1 mil 46 ha); Cel Fabriciano (MG, 7 mil 984 ha); Valparaíso (SP, 4 mil 932 ha); Magda (SP, 13 mil 226 ha); Inúbia Paulista (SP, 1 mil 898 ha); Salmorão (SP, 5 mil 123 ha); Piacatu (SP, 902 ha); Guaimbe (SP, 2 mil 318 ha); Caiuá (SP, 2 mil 962 ha); Narandiba (SP, 12 mil 771 ha); Presidente Epitácio (SP, 6 mil 948 ha); Guapiara (SP, 2 mil 771 ha); Tapiraí (SP, 22 mil 235 ha); Biritiba Mirim (SP, 1 mil 449 ha); Itapevi (SP, 620 ha); Suzano (SP, 55 ha); Miracatu (SP, 31 mil 328 ha).

A lei de aquisição de terras por estrangeiros prevê também que as pessoas físicas estrangeiras não podem adquirir áreas superiores a 50 módulos de exploração indefinida, salvo com autorização especial do Presidente da República. O levantamento do Serpro informa que 990 estrangeiros possuem áreas maiores do que os 50 módulos (de 250 ha a 5 mil ha, conforme o município). O estudo informa, também, que a área total em mãos de estrangeiros no Brasil é de 9 milhões 764 mil 842 ha, mas o INCRA só autorizou 324 mil 598 ha.

Providências

A partir do levantamento do Serpro, o INCRA investigará em que data foram feitas as aquisições (os limites foram estabelecidos em 69) e se foram dadas as autorizações necessárias. A prioridade será dada aos municípios onde os limites foram ultrapassados, e o INCRA acionará os órgãos regionais para verificar a partir de que data o limite foi superado e se as aquisições feitas daí para a frente estavam sujeitas à lei e, em caso afirmativo, se houve autorização especial.

Posteriormente, o INCRA investigará as 990 pessoas físicas que possuem áreas superiores a 50 módulos, para verificar se as aquisições foram feitas já na vigência da lei e se tiveram autorização especial. Se os imóveis foram adquiridos após a lei e não tiveram autorização, os contratos serão cancelados, e os proprietários terão de refazê-los, mediante autorização do Presidente da República. Caso a autorização não seja concedida, os contratos permanecerão nulos.

O último passo a ser dado será a investigação geral de todas as aquisições, para apurar se os 9 milhões 440 mil 244 ha em mãos de estrangeiros, cuja autorização não consta nas relações do INCRA, foram realmente adquiridos antes da vigência da lei. Paralelamente, técnicos do INCRA reúnem-se proximamente com o Serpro para providenciar maiores detalhes no levantamento. Entre os novos dados que pretendem obter está o levantamento de quais as áreas detidas por nacionalidade por município, para estabelecer se o limite de 40% de cada nacionalidade na área municipal permitida aos estrangeiros não foi ultrapassado. Outros dados informarão também que parcela detém as pessoas físicas, os condomínios e as pessoas jurídicas estrangeiras sobre o total de área que ocupam.

Novembro será o Mês da Cultura

A Começar pela exposição da pintora Eva Ban, a ser inaugurada dia 1.º na Biblioteca Regional da Lagoa, novembro terá 19 eventos artísticos diferentes, dentro da programação do Mês da Cultura, promoção do Departamento de Cultura do Município. Até o ano passado comemorava-se apenas o Dia da Cultura, 5, com uma festa no Maracanãzinho.

Na programação se destacam um concerto de choro pelo conjunto de Abel Ferreira (dia 3, Planetário), concerto do Quinteto Villa-Lobos (dia 9, Escola Alberto Nepomuceno), encontro com escritor Pedro Nava (dia 10, Biblioteca da Glória), concurso de flauta-doce dia 16. Planetário), *show* de Ademilde Fonseca e conjunto *show* (dia 26, Colégio S Thomaz de Aquino), balé de Dalal Aschar (dia 26, Sesc-Tijuca).

Haverá apresentações em outras escolas municipais e bibliotecas regionais, além de em ruas e praças, no Museu da República e na Escola de Samba Unidos de Lucas. Nos dias 24, 25 e 26 haverá mostra de artesanato (com vendas) no Planetário. O Mês da Cultura terminará com um encontro Expoarte, no Centro Educacional Calouste Gulbenkian, dia 30.

CIP desmente sindicato das empresas de ônibus e nega concessão de aumento logo

Em nota distribuída ontem, o CIP informou que não há definição sobre reajuste tarifário dos ônibus urbanos do Rio e que os processos, já em tramitação, serão analisados dentro de prazos e critérios normais. "Qualquer outra informação não passa de mera especulação". O Sindicato informara que o coordenador de Comércio e Serviços do CIP havia prometido "uma decisão rápida".

A nota diz que o CIP está tomando uma série de providências de longo alcance, fiscais e creditícias, para aliviar os custos dos transportes coletivos, inclusive com reuniões com fabricantes de veículos para redução de preços e custos. Alerta, porém, que as medidas não terão efeito se não houver iniciativas correspondentes dos municípios e Estados, sobretudo quanto à racionalização de linhas e percursos e outras medidas saneadoras no âmbito das empresas.

Desmentido

A nota é quase um desmentido, sem referência expressa, à entrevista que o presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município do Rio de Janeiro, Sr Resiere Pavanelli Filho, concedeu depois de um encontro com o coordenador de Comércio e Serviços do CIP, Sr Paulo de Assis, na quarta-feira, juntamente com o presidente da Viação Acari, a empresa que devolveu 10 linhas à Prefeitura alegando prejuízos na operação de seus 190 ônibus

Referindo-se à reunião, a nota informa que o Sr Paulo de Assis "afirmou que os processos de reajustes de tarifas de ônibus, já em tramitação no CIP, seriam analisados dentro dos prazos e critérios normais. A decisão final, no caso do Rio de Janeiro, só poderá ser dada pelo plenário de Ministros, que se reúne em Brasília".

"De qualquer forma — esclarece a nota — é certo que o Plenário somente se pronunciará a respeito de repasse da variação de custos que for observada na estrutura registrada no CIP, sem entrar no mérito de recomposição de margens de rentabilidade, o que exige processamento próprio, que não conta dos pleitos de tarifas do Rio de Janeiro. Esta forma de ação é que se coaduna com a política de combate à inflação".

Informa, ainda, que os processos do Rio de Janeiro não foram ainda analisados e, em consequência, não há definição sobre os índices de reajuste que poderão ser aplicados ao sistema. "Qualquer informação, a respeito desses índices, não passa de mera especulação, sem base em qualquer afirmativa do coordenador de Comércio e Serviços".

A crise

A Viação Alpha — 160 ônibus, nove linhas comuns e duas de veículos com ar condicionado — desistiu de operar as linhas 410 — Antero de Quental—Praça Varnhagem, e 415 — Usina—Leblon, ambas vendidas pelo valor de 55 ônibus a duas outras empresas, uma operação disfarçada sob o nome de "cessão". A empresa alegou que cedeu as linhas porque não tem condições para substituir a frota por veículos novos.

Enquanto o dono da Viação Méier — deveria manter 26 ônibus na linha 443 — Lins—Urca, mas só tem um veículo em operação — alega prejuízo operacional na exploração da linha, seus empregados garantem que ela é útil, mas não tem passageiros porque se acredita que a linha deixou de existir. Apesar de considerar que o aumento de tarifas "pode ser necessário", o ex-Secretário de Transportes, Sr Josef Barat, defende a reformulação geral no sistema.

Transação rápida

Apesar da alegada situação deficitária da maioria das empresas que operam o sistema de transportes coletivos do Rio — que levou as empresas Acari, Forte e Taninha a devolver linhas à Prefeitura — a Viação Alpha não teve dificuldade para vender os 55 ônibus que operam as linhas 410 e 415.

A empresa Verdun comprou a linha 410 e a Carioca, já dona da linha 415 só não a está operando porque ainda depende de autorização do Departamento Geral de Transportes Concedidos. A Viação Verdun já está operando a linha 410. Comenta-se, entre os empresários de ônibus, que a transferência das linhas foi calculada com base no preço médio de Cr$ 180 mil por veículo.

O diretor da Alpha, Sr João Batista de Oliveira, disse que a empresa foi obrigada a ceder as duas linhas porque ambas trabalham com subtarifas e são as mais decitárias no conjunto de 11 concessões que a empresa detinha. Ele alega que não tinha recursos para renovar a frota, substituindo por novos os 55 ônibus que operavam nas linhas, todos com o limite de idade (sete anos) já ultrapassado. A linha 410 tem 27 ônibus e a 415 circula com 28, de acordo com a concessão.

O diretor da empresa negou-se a revelar o valor da transação, alegando que "as linhas não são nossas; são da Prefeitura. Temos permissão de serviço".

Linha desativada

A linha 443 — Lins—Urca, via Túnel Santa Bárbara é considerada deficitária pelo proprietário da Viação Méier, que mantém apenas um dos 26 ônibus que deveriam por em circulação, de acordo com o compromisso firmado com a Secretaria de Obras e Serviços Públicos para obter a permissão.

Segundo o motorista e o trocador do ônibus 79553, o ônibus anda vazio porque os passageiros pensam que a linha não existe mais. O último ônibus em serviço no percurso transporta, no máximo, 200 pessoas por dia, mas, para o motorista do veículo, houve tempo em que "só no ponto em frente ao IBGE entravam 56 pessoas de uma vez".

Depois que a empresa iniciou a retirada dos veículos da linha, os passageiros passaram a usar outras linhas. Uma das usuárias explicou que, agora, são obrigados a usar duas conduções ou saltar longe do destino, únicas alternativas para superar o problema da longa espera pelo último ônibus da 443.

A linha 443 é a única opção para quem quer ir da Urca para Laranjeiras. Segundo o trocador, quem mora em Botafogo e quer ir a Cachambi tem nela a melhor opção. Ontem à tarde, no ponto final, em Lins, a passageira Silvia Regina Correia ficou feliz porque "só esperei uma hora". E contou que a linha "sempre foi uma porcaria. Nunca chega na hora, mas nós dependemos dessa condução". A linha também é utilizada por alunos da UERJ.

O plano de Barat

O transporte coletivo deve ser ordenado de forma a que se obtenha maior velocidade comercial (com uso de faixas seletivas) e se evite a concorrência de linhas superpostas, para melhorar a rentabilidade das empresas, a qualidade do transporte e, consequentemente, manter baixas as tarifas.

A opinião é do ex-Secretário de Transportes, economista Josef Barat, para quem de nada adianta subsidiar as empresas, porque elas não podem suportar a longo prazo os custos dos congestionamentos, gerados pela escassez de vias, coincidência de itinerários, capacidade ociosa em certos horários e competição desnecessária entre empresas.

Conflitos

Segundo Josef Barat, o transporte coletivo rodoviário na Região Metropolitana do Rio responde por 90% do total de passageiros transportados em modalidades públicas, e 70% do transporte global, incluindo automóveis e táxis.

Esse quadro, segundo ele, foi gerado por políticas de permissões que situavam o ônibus como competidor, e não como complemento das modalidades ferroviárias existentes, a posterior substituição destas (trens e bondes) pelos ônibus, pela dificuldade de modernização do sistema ferroviário e, também, pelas elevadas taxas de crescimento demográfico.

Optou-se pelo ônibus, segundo Barat, porque as soluções rodoviárias signficavam custos mais baixos e maturação rápida, transferindo-se os problemas operacionais para o setor privado.

Desenvolvimento

Acredita o economista Josef Barat que, mais recentemente, agravaram esse quadro a adoção de veículos adicionais em circulação, para suprir a demanda, sem grandes alterações nas vias existentes. Além disso, com a descentralização metropolitana, houve maior flexibilidade para a adoção sucessiva de pares de origens e destinos. Exemplo das consequências: em 1930, os ônibus transportavam 5,5% do total de passageiros, percentual que subiu para 19,1% 10 anos depois e para 33,6% em 1960. Na década seguinte, mais que dobrou a participação: 69,2%

Esse crescimento, no entanto, não se refletiu na capacidade transportadora dos ônibus. Enquanto em 1930 havia 310 ônibus em circulação, com um índice passageiro/ano/veículo de 105, chegamos a 1975 com 6 mil 950 ônibus e o índice pouco mais que duplicou: 260. Em relação à rede viária, a situação ficou crítica, porque a frota de ônibus, entre 1960 e 1970, cresceu 9,6% e a frota de automóveis 13,4%, para um crescimento viário de apenas 0,5%.

Mais ônibus no "Caderno B"

Capacidade transportadora não acompanhou aumento da população e agravou problema

As empresas se dizem deficitárias e reduzem o número de ônibus, aumentando as filas

Técnicos defendem a adoção de faixas seletivas e linhas circulares para reduzir a espera

EBTU é contra idéia de estatizar ônibus

Brasília — O presidente da EBTU — Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — Sr Jorge Guilherme Francisconi, manifestou-se contrário à estatização do setor de transportes, especialmente do transporte coletivo, como solução para resolver os problemas de algumas empresas no Rio de Janeiro.

O que deve ser revisto é a política tarifária e a política governamental de subsídio ao transporte coletivo, disse. No caso especial das empresas de transporte que utilizam os ônibus **frescões**, ele considera que a Prefeitura e os empresários devem buscar uma solução comum através de um remanejamento das linhas, isto é, a integração entre a relação passageiro-ônibus.

Participação

Jorge Guilherme Francisconi lembrou que em São Paulo, quando foi instalado o sistema dos frescões houve problemas que obrigaram os empresários e os órgãos de Governo responsáveis pelo setor à revisão das linhas, adequando a oferta.

Além do problema tarifário, cuja política o Governo já está revendo, no momento, o presidente da EBTU informou que se deve estudar também a participação do setor público no transporte coletivo, o que significa dizer até que ponto o Governo deve participar nesse setor. Atualmente a participação do setor público, através da EBTU, é o subsídio dos recursos para que as empresas possam adquirir os ônibus, com juros fixos de 30%.

Esse sistema financeiro já está sendo aplicado nas seguintes Capitais: Belo Horizonte, São Paulo, Aracaju, Salvador, Porto Alegre e Curitiba. "Achamos que com isso já estamos influindo na política tarifária do transporte coletivo", disse.

Ônibus articulado

"A EBTU — segundo o Sr. Francisconi — está esperando que a Prefeitura do Rio de Janeiro entre na empresa com pedido de ônibus articulado, transporte coletivo incluído dentro da sua programação para centros urbanos. A empresa já colocou ônibus articulado em Goiania, Curitiba e Belém visando a testar o comportamento operacional do sistema.

"Da mesma forma, a EBTU tem interesse em receber pedidos semelhantes de empresas privadas que, no seu entender, são o grande termômetro para testar a viabilidade e a lucratividade desse sistema de transporte". Informou que o primeiro protótipo do ônibus elétrico será apresentado no Salão do Automóvel de São Paulo, em novembro.

Renovação de frotas

Em reunião com os bancos de desenvolvimento, a EBTU acertou a maneira de reduzir os encargos financeiros sobre os financiamentos para a aquisição de ônibus pelas empresas privadas. A solução encontrada é a seguinte: alteração dos convênios que vierem a ser assinados. Assim, em lugar de ser prefixado o reajuste de 30% ao ano, serão fixados reajustes de "no máximo 30% ao ano", repassando-se a favor dos mutuários quaisquer diferenças que venham a ocorrer.

Ficou decidido ainda, que só serão debitados ao fundo rotativo os encargos que ultrapassarem a taxa de 30% no período de 12 meses.

O programa de renovação de frota, através da EBTU, é feito com repasses do Finame e recursos do FDTU iniciado em 1976, quando foi assinado o primeiro convênio com Belo Horizonte e com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, no valor de Cr$ 20 milhões.

Menina sem cárie ganha concurso

Jupira Ana de Oliveira Graça, de 12 anos, que nunca comeu doces nem balas, ganhou, ontem, o 14º Concurso da Criança Sorriso, promovido anualmente pelo Hospital dos Servidores entre os filhos dos funcionários do Estado com dentes perfeitos. Para o Sr Leopoldo Ferreira, que criou o concurso, Jupira é "uma prova de resistência do organismo: chegou aos 12 anos sem cáries".

Este ano concorreram 180 crianças, de quatro a 12 anos. O prêmio da vencedora é um fim de semana na Colônia de Férias da Associação dos Servidores Civis do Brasil, em Itatiaia, podendo levar a família. Em segundo ficou Francisco José Picozzi, de 11 anos, que recebeu Cr$ 500 numa caderneta de poupança, e em terceiro, Janaína de Azevedo, de quatro anos, com medalha de bronze e brinquedos.

PM prende 17 que faziam panfletagem

O Vereador Antônio Carlos de Carvalho e outros 16 correligionários do candidato a deputado estadual Raimundo de Oliveira, do MDB, foram presos ontem de manhã em Madureira por distribuírem propaganda eleitoral, levados ao 9º Batalhão da PM e, de lá, ao DPPS, onde foram liberados.

Segundo o Vereador, os dizeres dos panfletos continham a linguagem usada por qualquer opositor em campanha, e o problema só surgiu quando um grupo de policiais à paisana pediu que a distribuição fosse interrompida. Iniciou-se uma discussão que terminou com a prisão do grupo.

Segundo o Sr Antônio Carlos de Carvalho, a PM não estava criando nenhum problema para a distribuição dos panfletos, apenas pedindo que não fossem pregados cartazes. Quando os policiais à paisana intervieram, o Vereador respondeu que seu grupo agia dentro da lei.

"Nesse momento", disse ele, "surgiu um Major reformado do Exército (que não soube identificar) nos acusando de comunistas, subversivos e outras coisas do gênero e que prometeu chamar a Polícia para nos prender. Travamos um debate que atraiu populares e, nesse meio tempo, chegaram um *camburão* e uma *patrulhinha* do 9º BPM e o nosso grupo foi levado para o Batalhão.

Feira da Providência dá prêmios

O Banco da Providência divulgou ontem, após a extração da Loteria Federal, os nomes dos ganhadores dos prêmios de sorteios promovidos por barracas de diversos Estados na Feira da Providência. O sorteio do primeiro prêmio da Loteria Federal, bilhete nº 31 980, indicou os ganhadores de um apartamento e oito automóveis. Foram sorteados, também, cautelas coincidentes com os 2º, 3º, 4º e 5º prêmios da Loteria.

O prêmio de maior valor, um apartamento decorado e mobiliado na Rua Joaquim Nabuco, em Copacabana, avaliado em mais de Cr$ 1 milhão, que foi doado à barraca do Rio de Janeiro pelo incorporador Sérgio Dourado, foi para Neide Tomé da Silva, moradora da Rua Almirante Alexandrino, 1 740/201, em Santa Teresa.

O Chevette da barraca de Minas Gerais saiu para Cláudia Lacerda Salgueiro; o Volkswagen de Pernambuco foi para Rogério Minitskwoki e o Fiat da barraca Setor Jovem foi para Helena Maria Garcia. Virgílio de Jesus Braga ganhou o Volkswagen sorteado pela barraca da Paraíba e Olavo Leal ganhou o Volks do Rio Grande do Norte. O Brasília e o Volks do Rio saíram para Alice de Sousa e Edval Peçanha respectivamente, e o Brasília de Espírito Santo foi para Francisco Barbosa de Carvalho.

Com exceção do prêmio da barraca da Paraíba, ganho por um morador da cidade de Aracaju, em Sergipe, todos os outros primeiros prêmios saíram para residentes no Rio de Janeiro. O Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, presidente do Conselho Curador do Banco da Providência, entregará todos os prêmios aos seus ganhadores no dia 6 de novembro no Estádio de Remo da Lagoa.

Campos recebe N S.ª de Fátima

Campos — A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que verteu lágrimas em Nova Orleans, nos Estados Unidos, e em setembro visitou a Argentina, foi recebida festivamente em Campos, por mais de 5 mil pessoas reunidas na Praça do Santíssimo Salvador, e ficará patente à veneração pública na catedral da cidade.

Em suas pregações, o Bispo de Campos, Dom Antônio de Castro Mayer, destacou o profundo significado da mensagem transmitida pela Virgem, quando, em 1917, apareceu aos três pastorinhos da Cova da Iria (Fátima).

CIP desmente sindicato das empresas de ônibus e nega concessão de aumento logo

Em nota distribuída ontem, o CIP informou que não há definição sobre reajuste tarifário dos ônibus urbanos do Rio e que os processos, já em tramitação, serão analisados dentro de prazos e critérios normais. "Qualquer outra informação não passa de mera especulação". O Sindicato informara que o coordenador de Comércio e Serviços do CIP havia prometido "uma decisão rápida".

A nota diz que o CIP está tomando uma série de providências de longo alcance, fiscais e creditícias, para aliviar os custos dos transportes coletivos, inclusive com reuniões com fabricantes de veículos para redução de preços e custos. Alerta, porém, que as medidas não terão efeito se não houver iniciativas correspondentes dos municípios e Estados, sobretudo quanto à racionalização de linhas e percursos e outras medidas saneadoras no âmbito das empresas.

Desmentido

A nota é quase um desmentido, sem referência expressa, à entrevista que o presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município do Rio de Janeiro, Sr Resiere Pavanelli Filho, concedeu depois de um encontro com o coordenador de Comércio e Serviços do CIP, Sr Paulo de Assis, na quarta-feira, juntamente com o presidente da Viação Acari, a empresa que devolveu 10 linhas à Prefeitura alegando prejuízos na operação de seus 190 ônibus

Referindo-se à reunião, a nota informa que o Sr Paulo de Assis "afirmou que os processos de reajustes de tarifas de ônibus, já em tramitação no CIP, seriam analisados dentro dos prazos e critérios normais. A decisão final, no caso do Rio de Janeiro, só poderá ser dada pelo plenário de Ministros, que se reúne em Brasília".

"De qualquer forma — esclarece a nota — é certo que o Plenário somente se pronunciará a respeito de repasse da variação de custos que for observada na estrutura registrada no CIP, sem entrar no mérito de recomposição de margens de rentabilidade, o que exige processamento próprio, que não conta dos pleitos de tarifas do Rio de Janeiro. Esta forma de ação é que se coaduna com a política de combate à inflação".

Informa, ainda, que os processos do Rio de Janeiro não foram ainda analisados e, em consequência, não há definição sobre os índices de reajuste que poderão ser aplicados ao sistema. "Qualquer informação, a respeito desses índices, não passa de mera especulação, sem base em qualquer afirmativa do coordenador de Comércio e Serviços".

A crise

A Viação Alpha — 160 ônibus, nove linhas comuns e duas de veículos com ar condicionado — desistiu de operar as linhas 410 — Antero de Quental—Praça Varnhagem, e 415 — Usina—Leblon, ambas vendidas pelo valor de 55 ônibus a duas outras empresas, uma operação disfarçada sob o nome de "cessão". A empresa alegou que cedeu as linhas porque não tem condições para substituir a frota por veículos novos.

Enquanto o dono da Viação Méier — deveria manter 26 ônibus na linha 443 — Lins—Urca, mas só tem um veículo em operação — alega prejuízo operacional na exploração da linha, seus empregados garantem que ela é útil, mas não tem passageiros porque se acredita que a linha deixou de existir. Apesar de considerar que o aumento de tarifas "pode ser necessário", o ex-Secretário de Transportes, Sr Josef Barat, defende a reformulação geral no sistema.

Transação rápida

Apesar da alegada situação deficitária da maioria das empresas que operam o sistema de transportes coletivos do Rio — que levou as empresas Acari, Forte e Taninha a devolver linhas à Prefeitura — a Viação Alpha não teve dificuldade para vender os 55 ônibus que operam as linhas 410 e 415.

A empresa Verdun comprou a linha 410 e a Carioca, já dona da linha 415 só não a está operando porque ainda depende de autorização do Departamento Geral de Transportes Concedidos. A Viação Verdun já está operando a linha 410. Comenta-se, entre os empresários de ônibus, que a transferência das linhas foi calculada com base no preço médio de Cr$ 180 mil por veículo.

O diretor da Alpha, Sr João Batista de Oliveira, disse que a empresa foi obrigada a ceder as duas linhas porque ambas trabalham com subtarifas e são as mais decitárias no conjunto de 11 concessões que a empresa detinha. Ele alega que não tinha recursos para renovar a frota, substituindo por novos os 55 ônibus que operavam nas linhas, todos com o limite de idade (sete anos) já ultrapassado. A linha 410 tem 27 ônibus e a 415 circula com 28, de acordo com a concessão.

O diretor da empresa negou-se a revelar o valor da transação, alegando que "as linhas não são nossas; são da Prefeitura. Temos permissão de serviço".

Linha desativada

A linha 443 — Lins—Urca, via Túnel Santa Bárbara é considerada deficitária pelo proprietário da Viação Méier, que mantém apenas um dos 26 ônibus que deveriam por em circulação, de acordo com o compromisso firmado com a Secretaria de Obras e Serviços Públicos para obter a permissão.

Segundo o motorista e o trocador do ônibus 79553, o ônibus anda vazio porque os passageiros pensam que a linha não existe mais. O último ônibus em serviço no percurso transporta, no máximo, 200 pessoas por dia, mas, para o motorista do veículo, houve tempo em que "só no ponto em frente ao IBGE entravam 56 pessoas de uma vez".

Depois que a empresa iniciou a retirada dos veículos da linha, os passageiros passaram a usar outras linhas. Uma das usuárias explicou que, agora, são obrigados a usar duas conduções ou saltar longe do destino, únicas alternativas para superar o problema da longa espera pelo último ônibus da 443.

A linha 443 é a única opção para quem quer ir da Urca para Laranjeiras. Segundo o trocador, quem mora em Botafogo e quer ir a Cachambi tem nela a melhor opção. Ontem à tarde, no ponto final, em Lins, a passageira Silvia Regina Correia ficou feliz porque "só esperei uma hora". E contou que a linha "sempre foi uma porcaria. Nunca chega na hora, mas nós dependemos dessa condução". A linha também é utilizada por alunos da UERJ.

O plano de Barat

O transporte coletivo deve ser ordenado de forma a que se obtenha maior velocidade comercial (com uso de faixas seletivas) e se evite a concorrência de linhas superpostas, para melhorar a rentabilidade das empresas, a qualidade do transporte e, consequentemente, manter baixas as tarifas.

A opinião é do ex-Secretário de Transportes, economista Josef Barat, para quem de nada adianta subsidiar as empresas, porque elas não podem suportar a longo prazo os custos dos congestionamentos, gerados pela escassez de vias, coincidência de itinerários, capacidade ociosa em certos horários e competição desnecessária entre empresas.

Conflitos

Segundo Josef Barat, o transporte coletivo rodoviário na Região Metropolitana do Rio responde por 90% do total de passageiros transportados em modalidades públicas, e 70% do transporte global, incluindo automóveis e táxis.

Esse quadro, segundo ele, foi gerado por políticas de permissões que situavam o ônibus como competidor, e não como complemento das modalidades ferroviárias existentes, a posterior substituição destas (trens e bondes) pelos ônibus, pela dificuldade de modernização do sistema ferroviário e, também, pelas elevadas taxas de crescimento demográfico.

Optou-se pelo ônibus, segundo Barat, porque as soluções rodoviárias signficavam custos mais baixos e maturação rápida, transferindo-se os problemas operacionais para o setor privado.

Desenvolvimento

Acredita o economista Josef Barat que, mais recentemente, agravaram esse quadro a adoção de veículos adicionais em circulação, para suprir a demanda, sem grandes alterações nas vias existentes. Além disso, com a descentralização metropolitana, houve maior flexibilidade para a adoção sucessiva de pares de origens e destinos. Exemplo das consequências: em 1930, os ônibus transportavam 5,5% do total de passageiros, percentual que subiu para 19,1% 10 anos depois e para 33,6% em 1960. Na década seguinte, mais que dobrou a participação: 69,2%

Esse crescimento, no entanto, não se refletiu na capacidade transportadora dos ônibus. Enquanto em 1930 havia 310 ônibus em circulação, com um índice passageiro/ano/veículo de 105, chegamos a 1975 com 6 mil 950 ônibus e o índice pouco mais que duplicou: 260. Em relação à rede viária, a situação ficou crítica, porque a frota de ônibus, entre 1960 e 1970, cresceu 9,6% e a frota de automóveis 13,4%, para um crescimento viário de apenas 0,5%.

Mais ônibus no "Caderno B"

Capacidade transportadora não acompanhou aumento da população e agravou problema

As empresas se dizem deficitárias e reduzem o número de ônibus, aumentando as filas

Técnicos defendem a adoção de faixas seletivas e linhas circulares para reduzir a espera

EBTU é contra idéia de estatizar ônibus

Brasília — O presidente da EBTU — Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — Sr Jorge Guilherme Francisconi, manifestou-se contrário à estatização do setor de transportes, especialmente do transporte coletivo, como solução para resolver os problemas de algumas empresas no Rio de Janeiro.

O que deve ser revisto é a política tarifária e a política governamental de subsídio ao transporte coletivo, disse. No caso especial das empresas de transporte que utilizam os ônibus **frescões**, ele considera que a Prefeitura e os empresários devem buscar uma solução comum através de um remanejamento das linhas, isto é, a integração entre a relação passageiro-ônibus.

Participação

Jorge Guilherme Francisconi lembrou que em São Paulo, quando foi instalado o sistema dos **frescões** houve problemas que obrigaram os empresários e os órgãos de Governo responsáveis pelo setor à revisão das linhas, adequando a oferta.

Além do problema tarifário, cuja política o Governo já está revendo, no momento, o presidente da EBTU informou que se deve estudar também a participação do setor público no transporte coletivo, o que significa dizer até que ponto o Governo deve participar nesse setor. Atualmente a participação do setor público, através da EBTU, é o subsídio dos recursos para que as empresas possam adquirir os ônibus, com juros fixos de 30%.

Esse sistema financeiro já está sendo aplicado nas seguintes Capitais: Belo Horizonte, São Paulo, Aracaju, Salvador, Porto Alegre e Curitiba. "Achamos que com isso já estamos influindo na política tarifária do transporte coletivo", disse.

Ônibus articulado

"A EBTU — segundo o Sr. Francisconi — está esperando que a Prefeitura do Rio de Janeiro entre na empresa com pedido de ônibus articulado, transporte coletivo incluído dentro da sua programação para centros urbanos. A empresa já colocou ônibus articulado em Goiania, Curitiba e Belém visando a testar o comportamento operacional do sistema.

"Da mesma forma, a EBTU tem interesse em receber pedidos semelhantes de empresas privadas que, no seu entender, são o grande termômetro para testar a viabilidade e a lucratividade desse sistema de transporte". Informou que o primeiro protótipo do ônibus elétrico será apresentado no Salão do Automóvel de São Paulo, em novembro.

Renovação de frotas

Em reunião com os bancos de desenvolvimento, a EBTU acertou a maneira de reduzir os encargos financeiros sobre os financiamentos para a aquisição de ônibus pelas empresas privadas. A solução encontrada é a seguinte: alteração dos convênios que vierem a ser assinados. Assim, em lugar de ser prefixado o reajuste de 30% ao ano, serão fixados reajustes de "no máximo 30% ao ano", repassando-se a favor dos mutuários quaisquer diferenças que venham a ocorrer.

Ficou decidido ainda, que só serão debitados ao fundo rotativo os encargos que ultrapassarem a taxa de 30% no período de 12 meses.

O programa de renovação de frota, através da EBTU, é feito com repasses do Finame e recursos do FDTU iniciado em 1976, quando foi assinado o primeiro convênio com Belo Horizonte e com o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, no valor de Cr$ 20 milhões.

Menina sem cárie ganha concurso

Jupira Ana de Oliveira Graça, de 12 anos, que nunca comeu doces nem balas, ganhou, ontem, o 14º Concurso da Criança Sorriso, promovido anualmente pelo Hospital dos Servidores entre os filhos dos funcionários do Estado com dentes perfeitos. Para o Sr Leopoldo Ferreira, que criou o concurso, Jupira é "uma prova de resistência do organismo: chegou aos 12 anos sem cáries".

Este ano concorreram 180 crianças, de quatro a 12 anos. O prêmio da vencedora é um fim de semana na Colônia de Férias da Associação dos Servidores Civis do Brasil, em Itatiaia, podendo levar a família. Em segundo ficou Francisco José Picozzi, de 11 anos, que recebeu Cr$ 500 numa caderneta de poupança, e em terceiro, Janaina de Azevedo, de quatro anos, com medalha de bronze e brinquedos.

PM prende 17 que faziam panfletagem

O Vereador Antônio Carlos de Carvalho e outros 16 correligionários do candidato a deputado estadual Raimundo de Oliveira, do MDB, foram presos ontem de manhã em Madureira por distribuírem propaganda eleitoral, levados ao 9º Batalhão da PM e, de lá, ao DPPS, onde foram liberados.

Segundo o Vereador, os dizeres dos panfletos continham a linguagem usada por qualquer opositor em campanha, e o problema só surgiu quando um grupo de policiais à paisana pediu que a distribuição fosse interrompida. Iniciou-se uma discussão que terminou com a prisão do grupo.

Segundo o Sr Antônio Carlos de Carvalho, a PM não estava criando nenhum problema para a distribuição dos panfletos, apenas pedindo que não fossem pregados cartazes. Quando os policiais à paisana intervieram, o Vereador respondeu que seu grupo agia dentro da lei.

"Nesse momento", disse ele, "surgiu um Major reformado do Exército (que não soube identificar) nos acusando de comunistas, subversivos e outras coisas do gênero e que prometeu chamar a Polícia para nos prender.

Feira da Providência dá prêmios

O Banco da Providência divulgou ontem, após a extração da Loteria Federal, os nomes dos ganhadores dos prêmios de sorteios promovidos por barracas de diversos Estados na Feira da Providência. O sorteio do primeiro prêmio da Loteria Federal, bilhete nº 31 980, indicou os ganhadores de um apartamento e oito automóveis. Foram sorteados, também, cautelas coincidentes com os 2º, 3º, 4º e 5º prêmios da Loteria.

O prêmio de maior valor, um apartamento decorado e mobiliado na Rua Joaquim Nabuco, em Copacabana, avaliado em mais de Cr$ 1 milhão, que foi doado à barraca do Rio de Janeiro pelo incorporador Sérgio Dourado, foi para Neide Tomé da Silva, moradora da Rua Almirante Alexandrino, 1 740/201, em Santa Teresa.

O Chevette da barraca de Minas Gerais saiu para Cláudia Lacerda Salgueiro; o Volkswagen de Pernambuco foi para Rogério Minitskwoki e o Fiat da barraca Setor Jovem foi para Helena Maria Garcia. Virgílio de Jesus Braga ganhou o Volkswagen sorteado pela barraca da Paraíba e Olavo Leal ganhou o Volks do Rio Grande do Norte. O Brasília e o Volks do Rio saíram para Alice de Sousa e Edval Peçanha respectivamente, e o Brasília de Espírito Santo foi para Francisco Barbosa de Carvalho.

Com exceção do prêmio da barraca da Paraíba, ganho por um morador da cidade de Aracaju, em Sergipe, todos os outros primeiros prêmios saíram para residentes no Rio de Janeiro. O Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, presidente do Conselho Curador do Banco da Providência, entregará todos os prêmios aos seus ganhadores no dia 6 de novembro no Estádio de Remo da Lagoa.

Detetive-inspetor é morto com um tiro em Tinguá

O detetive-inspetor Jorge de Oliveira Gomes (casado, 37 anos) foi assassinado ontem de madrugada com um tiro no peito, dado por um dos três homens que ocupavam um carro que as testemunhas não souberam descrever. O crime ocorreu no sítio de propriedade do policial, na Estrada da Marambaia, em Tinguá, Distrito de Nova Iguaçu.

O policial estava em casa quando ouviu um barulho no quintal. Foi ver do que se tratava e recebeu o tiro, sem ter tempo de usar o revólver calibre 38 que empunhava. Ainda foi levado com vida para a Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, onde morreu sem revelar qualquer coisa que ajudasse as investigações. Seus colegas do 2º SORF acham que foi vingança.

Varas de Acidente de Trabalho atendem precariamente

Num final de corredor, no terceiro andar do Palácio da Justiça, cerca de 400 pessoas ficam, diariamente, confinadas, à espera de serem chamadas para a perícia médica em uma das Varas de Acidente de Trabalho. O calor é insuportável, a fumaça dos cigarros se acumula e a circulação do ar depende de dois impotentes ventiladores. Não há janelas.

Às 11h, quando inicia o expediente das 1a. e 2a. Varas para a recepção dos segurados do INPS, o corredor com 30 metros de comprimento por quatro de largura já está repleto, com gente sentada nos bancos e no chão, mas a maioria fica em pé, aguardando a chamada para o exame, que normalmente se inicia às 13h. Nisso surgem os vendedores ambulantes de sanduíches de mortadela a Cr$ 15, e guaraná a Cr$ 5.

SEMPRE IGUAL

A partir das 10h, diariamente (menos às sextas-feiras quando não há atendimento médico) a cena é sempre a mesma no corredor C do 3º andar do Palácio da Justiça. São os trabalhadores acidentados, e que recorreram à Justiça em busca dos direitos que consideram lesados.

Com demora média de três horas para atendimento os segurados do INPS são chamados para o exame médico. As Varas de Acidentes do Trabalho nada têm a ver com o INPS, apenas julgam os pedidos de indenizações solicitados pelos empregados. Quando um trabalhador sofre acidente e precisa ficar afastado do trabalho, durante os primeiros 15 dias de tratamento a empresa à qual está vinculado paga o salário normalmente. Findo esse prazo, se o segurado continuar em licença, o salário passará a ser garantido pelo INPS enquanto durar o tratamento, controlado por sucessivas perícias médicas feitas diretamente pelo INPS, até a alta.

Se após a liberação para o trabalho, o segurado se sentir incapacitado, com algum problema físico ou mesmo psicológico, como decorrência, por exemplo, da amputação de um dedo, de um braço, ou outro qualquer motivo que na opinião do segurado venha interferir na sua capacidade de trabalho, ele tem o direito de recorrer à Justiça, através das Varas de Acidentes de Trabalho.

ESPERA

Marilda Conrado Marins — mora na Estrada Mata Muleque, 8, no Bairro Suécia, em Nova Iguaçu — há três anos foi atropelada por um automóvel a caminho do trabalho, uma fábrica de bijuterias. Durante os 15 dias permitidos por lei, ficou em tratamento e recebeu o salário normalmente, mas o seu estado de saúde não permitia o retorno ao trabalho, de modo que, pelo benefício, continuou o tratamento durante mais de um ano.

Obtida a alta, Marilda foi mandada embora da fábrica de bijuterias, e passou a enfrentar grave problema: não conseguia um novo emprego porque os empregadores, verificando sua vida profissional identificavam a passagem de mais de um ano "encostada pelo INPS".

Marilda deu entrada em pedido de indenização na Vara de Acidentes de Trabalho. Após três perícias médicas — quando perdeu cinco horas por dia no final do corredor.

"TEM GATO"

Por volta das 13 horas, uma voz grave, mas pouco audível, provoca correria, as pessoas acotovelam-se próximo a um balcão no corredor e buscam um silêncio impossível para se ouvir a voz, que, na definição de um segurado, "mais parece a voz do túmulo me chamando para morrer".

Cada vez que a voz se eleva do pequeno alto-falante, uma série de nomes são chamados, e os interessados saem do corredor e vão para uma outra sala onde anteriormente era feito todo o atendimento) e ali novamente esperam a chamada para o exame médico. Não é raro um dos segurados gritar, protestando pelo fato de um outro haver chegado "muito depois de mim e já está sendo atendido. E eu, quando vou entrar? "Aí tem gato".

Para responder ao protesto irritado do segurado, surge um funcionário da 2a Vara de Acidente do Trabalho, e em voz alta diz que "*gato* existe aqui e em todo o Brasil. Será que você não sabe disso?".

Problemas como esses "e como outros mais", segundo a definição do Juiz da 1a Vara de Acidentes o Trabalho, Mauro Fichtues Pereira, "algum dia chegarão ao conhecimento do público, porque chegará o dia em que isso não será mais contido". O Juiz considera que muito tem de ser feito para o bom andamento da Vara de Acidentes de Trabalho, uma vez que "São Paulo tem seis Varas de Acidentes e aqui no Rio nós só temos duas. Mesmo levando em consideração o tamanho das cidades de São Paulo e Rio, a quantidade de empresas e de construções civis, ainda assim o Rio de Janeiro, proporcionalmente, tem um índice superior de acidentes de trabalho."

Planejamento pragmático, um novo estilo de governar

Arquivo

F. Lima confiou a Ronaldo C. Couto (C) planejamento do seu governo

José Gonçalves Fontes

O sucesso do Governo Faria Lima, reconhecido sobretudo pela Oposição, serviu também para consagrar um novo estilo de administração pública, pela primeira vez desenvolvido com seriedade no Brasil: o de governar unicamente com base no método de planejamento pragmático, ou seja, planejamento para executar.

Em linguagem *potável*, decantada do eufemismo técnico, isto quer dizer que o governador hoje *realmente governa*, com a dívida, receita e despesas sob controle, rigorosa prática de prioridades, controle diário da execução dos projetos públicos e acompanhamento dos projetos privados. O sistema opera de modo sistêmico, abolida a velha e perniciosa prática dos fatos consumados e somente se lançando projetos após assegurados os correspondentes recursos.

Na verdade, essa elevação da qualidade de governar está permitindo ao novo Estado do Rio de Janeiro investir — sem aumentar ou criar tributos — três vezes mais em obras públicas — descontada a inflação — do que os antigos Estados da Guanabara e do Rio juntos. Trinta e dois bilhões de cruzeiros — contra pouco mais de CrS 3 bilhões investidos pelos dois Estados extintos num só quadriênio — estão sendo aplicados em 4 mil 358 projetos fundamentalmente essenciais e prioritários, que vão desde a inauguração da modesta escolinha rural reclamada em vão há décadas pela população de Porciúncula, no extremo Norte do Estado, até a construção efetiva de 17 quilômetros de pré-metrô, 19 de metrô, cujo projeto de 1960 a 1975 não saia da Glória, enterrado num buraco com o qual o carioca já se acostumara.

E mais: o Estado do Rio responde hoje por 17%, contra 15% em 1975, da renda interna brasileira — de tudo que o país produz de bens e serviços finais, o que lhe deu média da renda por habitante cerca de 70% maior que a nacional. O aumento de 2,5% em apenas três anos e meio é considerado excepcional pelos especialistas no setor.

Só num ponto o planejamento pragmático falhou: faltando quatro meses ainda para o término do seu mandato, Faria Lima já não tem mais agenda para inaugurar as 390 obras — do total de 4 mil 358 prometidas — já concluídas, ou que até o dia 14 de março próximo serão entregues à população.

Regras básicas da boa administração

Foi definição do Governador Faria Lima, desde o primeiro momento, que ia governar exclusivamente com base no "planejamento para fazer". No sentido de dar operacionalidade a essa opção de Governo, foram estabelecidas para a administração pública do Estado algumas regras fundamentais que, na verdade, têm muito a ver com o que acontece e o que vem acontecendo durante a Fusão em termos de resultados.

São regras desse tipo:

1. Só criar novos órgãos, se absolutamente indispensáveis, a fim de não elevar mais o custeio da máquina pública, no passado bastante onerosa, tanto no antigo Estado do Rio como na Guanabara.

Um grande projeto de reforma administrativa introduziu métodos e técnicas novos e constituiu, a partir das estruturas administrativas preexistentes, a do novo Estado do Rio de Janeiro, a do novo município do Rio de Janeiro e de sua Região Metropolitana.

Esta tarefa, já encerrada, segundo o Secretário de Planejamento Sr Ronaldo Costa Couto, resultou na formação de um setor público menos oneroso que antes, mais eficiente e capacitado a exercer o papel que lhe cabe na promoção do desenvolvimento, sobretudo porque passou a contar com instrumentos de ação novos e fortaleceu os que já existiam.

Exemplo: são os próprios órgãos estaduais, em alguns casos os federais, que estão executando programas e projetos da Região Metropolitana, formulados pela Fundrem (Fundação Para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) utilizando recursos especiais conseguidos junto ao Governo federal e que se somaram ao Orçamento estadual, em vez de se criar órgãos metropolitanos específicos, como alguns técnicos defendem no país.

Eu acho um absurdo criar um **derzinho**, uma Comlurb ou uma Companhia de Águas metropolitanos. Tendo o programa, os projetos e o dinheiro, os próprios órgãos executores estaduais assumiram as obras, economizando, assim, recursos e burocracia, diz Ronaldo Costa Couto.

O êxito desse procedimento animou os técnicos da Secretaria de Planejamento a adotá-lo a nível municipal, o que, na verdade, se revelou como um novo **ovo de colombo.** Boa parte dos projetos da Região Metropolitana estão sendo desenvolvidos com dinheiro metropolitano pelas estruturas das prefeituras envolvidas.

Constatou-se que os custos costumavam ser muito mais baixos, principalmente quando a obra era pequena. Outras vantagens: a fiscalização passou a ser rigorosa, já que as prefeituras ficam em cima. E se conseguiu, também, maior velocidade de execução.

Um exemplo específico: a praça de Nilópolis, a única do município, foi construída com recursos metropolitanos, mas pelos órgãos da prefeitura local.

2. Nunca lançar obras públicas, ou projetos de um modo geral, sem contar com recursos.

Na realidade, quando o programa ou projeto nasce no Estado do Rio já está com os recursos assegurados. Quem o formulou tem a certeza de que a obra será realizada e de que pode assumir, sem risco, compromisso com as empreiteiras. De fato, ao se fixar as despesas nos orçamentos do Estado sempre se leva em conta as orientações e programas do Plan-Rio, procurando fazer com que o comprometimento dos recursos seja coerente com aquilo que o plano prevê.

"Os orçamentos do Estado estão amarrados ao Plan-Rio, eis porque nunca vai faltar dinheiro — explica Ronaldo Costa Couto.

3. Não lançar projetos, nem obras com uma visão isolada, mas procurar trabalhar com base em programas para as regiões, para as cidades e para o conjunto do Estado. E na escolha desses programas e projetos eleger sempre o que é mais essencial para a população.

Prova disso é que não houve o menor constrangimento da atual administração — e foi uma proposta de planejamento que o Governador aprovou imediatamente — considerar as obras mais prioritárias do Plan-Rio aquelas que estavam em execução, não importando qual o Governo que as tivesse iniciado, desde que elas fossem realmente essenciais para a população.

Na verdade, não importava ao Governo Faria Lima, do ponto-de-vista político, que a Perimetral tivesse sido iniciada, quando começou a Fusão, há 21 anos. Confirmada a essencialidade dessa obra para a cidade do Rio de Janeiro, o Plan-Rio deu a ela toda a prioridade. E se partiu para garantir os recursos indispensáveis e uma estrutura técnica capaz de permitir a sua conclusão e entrega num prazo curto, como foi feito.

"Os 7.3 quilômetros da Perimetral estão entregues hoje aos cariocas. Na semana passada a média de carros que passaram por ela nos dois sentidos já foi de 60 mil, o que mostra como essa obra fez bem ao Rio, observa Ronaldo Costa Couto.

No mesmo caso da Perimetral estão as estradas Teresópolis—Friburgo e a Campos—São Fidélis, obras iniciadas e esperadas há décadas pela população do antigo Estado do Rio e só agora concluídas e entregues na administração Faria Lima.

A gênese dos projetos

O sistema de planejamento pragmático introduzido no novo Estado do Rio — que é aquele que produz programas e projetos, que controla e alimenta todo o processo de decisões — embora comandado tecnicamente pela Secretaria de Planejamento, envolve todos os órgãos públicos estaduais.

Com efeito, foram criados núcleos de planejamento em cada Secretaria de Estado e em cada órgão de administração direta, reunindo gente que vive os problemas da área ou setor, de tal forma, que toda a programação estadual passou a ser proposta por pessoas geralmente envolvidas com a idéia de planejamento para executar.

De qualquer modo, não é do gabinete dos planejadores que nascem os projetos. Frequentemente, a Secretaria de Planejamento como tem pessoal técnico de bom nível faz sugestões ou lança idéias, que podem ser verificadas por outras áreas. E o contrário também acontece. Mas a responsabilidade de programar, de formular projetos é do sistema de planejamento que envolve o Governo. De fato, quando nasce um projeto já há um grande número de pessoas comprometidas com ele.

Uma proposta de obra pública pode nascer de um pequeno órgão da estrutura da Secretaria de Transportes. Em seguida, ela é analisada e pesquisada, muito rápido, pelo esquema local montado, e chega à Secretaria de Planejamento, onde se estuda definitivamente a prioridade do projeto e se verifica se realmente há recursos para fazer. E quando isto tudo está amadurecido é levado diretamente ao governador ou submetido ao Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Social, integrado pelos Secretários de Estado e presidido pelo Governador.

Afinal, não há uma decisão de investimento onde a palavra final não seja do Governador. E ele não decide com base no palpite. Escolhe aquilo que parece ser mais prioritário para a população no momento. Os critérios de seleção resumem-se no seguinte: ser a obra essencial. Haver condições de executá-la. E ser a obra capaz de remover problema importante, ou tornar possível realizar uma potencialidade, ou vocação de uma região ou de um município.

Na verdade, esses critérios aplicados rigorosamente na prática não permitiram que obras supérfluas viessem a ser prioritárias. O projeto do monotrilho, por exemplo, lançado no último Governo da Guanabara, foi abandonado porque se decidiu concentrar todo o esforço, em termos de transporte de massa, com base no metrô e na execução de obras novas essenciais, para complementar o que se pretendia constituir: um sistema integrado de transporte no Estado, particularmente na Região Metropolitana. Integrado no seguinte sentido: ônibus se complementando com o metrô e todas as modalidades de transporte. E as redes físicas também se complementando como parte de um sistema único.

Na busca dessa integração, se preferiu levar o asfalto a mais de 200 quilômetros de estradas empoeiradas, enlameadas e às vezes intransitáveis da Baixada Fluminense.

Do mesmo modo que o monotrilho, foi descartado do projeto inicial do metrô, que vem da década de 60, um trecho que mergulhava pelo fundo da Baía de Guanabara e saía em Niterói.

Se consumado, esse trecho representaria uma ponte Rio—Niterói por baixo, fazendo uma brincadeira. Isso foi abandonado. Partiu-se pela definição de algo mais modesto, embora também oneroso: os 19 quilômetros de metrô e 17 de pré-metrô em superfície que estão sendo concluídos.

"No município do Rio de Janeiro nós estamos entregando 15 quilômetros de vias elevadas, o dobro que havia antes. Mas quase nada é novo. São obras que vinham se arrastando há décadas e aguardadas pela cidade há muito tempo. Então, entre nos lançarmos em projetos novos, de viabilidade e prioridade discutíveis, nós preferimos concluir aquilo que estava iniciado, ou em que já tinha sido gasto dinheiro dos contribuintes e que no consenso geral já era prioritário", diz Ronaldo Costa Couto.

Um outro princípio de planejamento também muito importante, pela primeira vez aplicado no Brasil a nível de Estado, é o controle da execução dos programas, projetos e obras em todos os municípios. Esse acompanhamento é feito diariamente, durante o tempo todo, em termos físicos e financeiros. E dele participam todos os órgãos públicos envolvidos na execução de obras públicas.

Para o caso daqueles projetos que revelem problemas — porque há projetos que mostram problemas durante a execução — a Secretaria de Planejamento vai diretamente a campo para sua identificação: se é a empreiteira que está trabalhando mal, se por algum motivo estão faltando recursos, ou se foi encontrado algum obstáculo legal.

Essa informação é trazida imediatamente ao Secretário de Planejamento e passada ao Governador para que ele tome as providências cabíveis. O Governador é dessa forma alimentado de informações que vêm do acompanhamento da execução do Plan-Rio. Ele sabe exatamente como estão as obras, o que está indo mal, quem não está indo bem, quais os órgãos que estão trabalhando melhor. Enfim, o Governador passou a ter condições para governar o Estado.

Planejando com os municípios

Seja como for, o modelo de planejamento adotado pelo Governo está baseado, também, no conceito de que quem conhece melhor a realidade é quem vive nela. De fato, desde o começo se procurou aproximação permanente com os municípios, equipando-se o Estado com uma estrutura para colaborar com as prefeituras.

Sem exagero, se pode dizer que com a fusão se iniciou um processo de redescoberta dos municípios, dos Governos municipais, especialmente os da Baixada Fluminense. Na verdade, a Secretaria de Planejamento, num trabalho anônimo, estava e permanece dentro da maioria das prefeituras — a pedido delas — ajudando-as a se modernizar.

Na realidade, na maioria das prefeituras, uma estrutura administrativa formada ao longo de mais de um século era pesada, onerosa e difícil de comandar. Em 15 de março de 1975, nada menos que 21 municípios, devido a presença de irregularidades na aplicação e prestação de contas — mais por ignorancia do que por desonestidade — não estavam recebendo as cotas do Fundo de Participação dos Municípios e do Fundo Rodoviário, transferências federais indispensáveis à sua sobrevivência.

"Desde o primeiro instante, já em desenvolvimento o programa de assistência técnica, a Secretaria de Planejamento trabalhou junto a esses municípios, onde com alegria a gente nota que todos eles têm hoje situação perfeitamente regularizada, recebendo os recursos em dia. E também estão com suas cotas e tudo mais restabelecidos, diz o Secretário de Planejamento.

Explica Ronald Costa Couto que não adiantava ficar cobrando de municípios muito pequeninos e que não contavam, por exemplo, com especialistas, resultados que eles não tinham condições de produzir. "Então nós passamos a ajudá-los a produzir esses resultados, colocando técnicos nas prefeituras para treinar o pessoal local.

Tal iniciativa já permitiu o treinamento de perto de mil técnicos em todo o Estado. Os cursos são objetivos, não teóricos, dirigidos para o trabalho. Ensinam o que é obrigatório fazer, e como fazer.

Isso não é tudo. A Secretaria de Planejamento firmou com os municípios de Macaé, Saquarema, Araruama, Cabo Frio, Nova Friburgo, Vassouras, Miguel Pereira, Barra do Piraí, Paraíba do Sul, Volta Redonda, Parati, convênios de cooperação técnica para o planejamento, que inclui a elaboração de anteprojetos de lei de parcelamento do solo, bem como de instrumentos básicos para o planejamento físico-territorial.

E na Região Metropolitana, através da Fundrem, o Governo do Estado vem desenvolvendo projetos de organização espacial e os Planos Diretores de Itaguaí, Maricá e dos municípios da Baixada Fluminense.

Sem dúvida, é impressionante e comovente a receptividade que esse trabalho de colaboração técnica vem obtendo junto as municipalidades. Uma observação importante: essa ajuda não envolve nenhum ônus para eles. Não se cobra nada das prefeituras. O resultado que se persegue, segundo Ronaldo Costa Couto, é desenvolvimento. "E eu acho que essa é uma mato. "E eu acho que essa é uma maneira muito barata de se fazer desenvolvimento, porque os custos são baixos e os resultados muito bons".

Uma filosofia de planejamento, mantida desde o início do Governo; não há qualquer discriminação entre municípios em termos de atuação estadual. O conceito que predomina é o de que o Governador Faria Lima, do ponto-de-vista das atribuições estaduais, governa 11 milhões de habitantes. E se eles vivem num município episodicamente entregue em termos de administração municipal, ao MDB, não é muito importante. Tanto assim, que em cada um dos 64 municípios, o Estado não tem menos de seis obras estaduais essenciais para a população.

De qualquer modo, o comportamento franco e indiscdiminatório do Governo no trato com os municípios despertou, sobretudo, na Região Metropolitana, o espírito de solidariedade metropolitano. E' comum hoje os prefeitos se reunirem independentemente de cor partidária, ou de sentimentos bairristas, virem em bloco pedir projetos de interesse comum.

O problema do lixo é representativo dessa solidariedade metropolitana. Rio de Janeiro, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti e Caxias procuraram a Fundrem para o encontro de uma área comum onde pudessem vazar o seu lixo, em vez de jogá-lo na Baía de Guanabara. A área conseguida, um mangue cedido pelo INCRA em Duque de Caxias, vai permitir, através do processo de aterro sanitário, o vazamento do lixo daqueles municípios durante 30 anos. Não fosse essa iniciativa, nenhum deles teria condições financeiras e físicas de resolver o seu problema particuar.

Planejamento para as empresas

A articulação com os setores privados também faz parte do sistema de planejamento montado pelo Estado do Rio. Realmente, logo no início da administração, foram criados mecanismos de promoção e identificação de oportunidades para os investimentoes privados. Foram fortalecidos os Banco de Desenvolvimento, o Banerj, e a Companhia de Distritos Industriais. E surgiu a Fiderj, um órgão para manter contatos com os investidores de outros Estados e até mesmo de fora do país. De outro lado, os empresários ganharam a certeza de que, durante toda a fusão, não seriam aumentados, nem criados impostos estaduais.

Na verdade, essa política é fundamental para explicar os bons resultados da economia do novo Estado do Rio. Nesses três anos e meio, a economia do Estado cresceu no mínimo 30% reais. A participação estadual na geração da renda interna brasileira, da ordem de 15% em 1974, elevou-se para mais de 17% no ano passado, o que lhe deu a média da renda por habitante cerca de 70% maior que a nacional.

O Estado evoluiu de uma receita orçamentária de Cr$ 10 bilhões em 1975 para Cr$ 25l bilhões no próximo ano, quando o total de receitas orçamentárias e não orçamentárias de suas entidades está estimado em Cr$ 71 bilhões, dos quais mais de Cr$ 20 bilhões para investimentos.

Apesar das dificuldades nacionais, o Estado do Rio nunca recebeu, em tão pouco tempo, tantos investimentos empresariais, o que chega a causar inveja em outros Estados.

De março de 1975 até agosto passado, nada menos de 718 projetos privados estavam em execução ou decididos para o Estado, com os empresários prevenão investimentos superiores a Cr$ 127 bilhões, e criação de pelo menos 125 mil novos empregos diretos e número evidentemente muito maior de empregos indiretos.

Presidente da Bolsa defende política agrícola definida

Nelly Coelho Rodrigues

"Já se fez uma revolução política em 1964; dela resultou uma revolução administrativa e uma revolução industrial; teremos agora coragem e capacidade para fazer uma revolução agrícola?". A indagação é do presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios, Sr Aylton Fornari, que aponta a inexistência no país de uma política agropecuária como responsável pelos problemas de abastecimento nas grandes cidades.

Técnicos do Ministério da Fazenda admitem que 1978 foi um ano muito difícil para o Governo, na tentativa de equilibrar o mercado de produtos básicos da alimentação, como carne, arroz e feijão. Os representantes de supermercados condenam a política oficial de reter em suas mãos produtos que deveriam ser adquiridos pelos comerciantes diretamente dos produtores. Para eles, o Governo só deveria intervir no abastecimento como fiscalizador e autor de leis que regem a comercialização.

Resultados negativos

O Sr Aylton Fornari mostra os números que revelam o rendimento da agricultura comentando: "De 1971 a 1976, tivemos um aumento de tonelagem de produção de 33% e, no mesmo período, só em operações de custeio, a juros subsidiados, houve um aumento do crédito agrícola na ordem de 285%. Será que está havendo uma disparidade de recursos?". Ele diz não ser contra o crédito agrícola mas que acha que deveria ser dosado "para que se tire melhor proveito dele, uma vez que os juros subsidiados foram pagos, com muito sacrifício, pelo Governo e pelo povo".

Na sua opinião, deveria haver uma severa fiscalização na aplicação do dinheiro emprestado "para evitar desvios para outras finalidades". Com números tirados de relatórios do Banco do Brasil, responsável por 70% dos créditos concedidos, ele afirma, que outra falha é a que se refere à orientação técnica que deveria ser dada ao agricultor, juntamente com o financiamento. E cita a frase de Abraham Lincohn de que "não adianta darmos peixe ao homem para matar sua fome; é preciso ensiná-lo a pescar". Em 1976, o Banco do Brasil concedeu Cr$ 2 milhões 266 mil 469 em crédito agrícola, dos quais apenas 7% receberam orientação técnica. "Tais números nos levam a crer que, infelizmente, o crédito orientado nunca foi levado a sério em nosso país. Não estará aí a explicação para o péssimo rendimento agrícola e a baixa evolução de novas safras?".

O Sr Aylton Fornari lembrou um fato ocorrido no ano passado, quando, em Mato Grosso, houve uma ótima safra de arroz, devido a incentivos dados aos produtores naquele Estado. "Naquela ocasião, tivemos aqui no Rio uma crise de arroz e tentamos adquirir o produto em Mato Grosso. Infelizmente, não foi possível porque o produto não pôde ser escoado por falta de estradas. Ao mesmo tempo, viamos o Governo inaugurar, com grande alarido, a estrada que liga Cabo Frio a Rio das Ostras", comentou.

Sobre a quebra de safra no Sul do país, devido à seca, observou: "Seca é um fator que temos que contar, que, deve estar nos planos do Governo, porque é uma variável previsível". Segundo ele, o Governo não tem uma previsão antecipada de safra dos principais produtos do abastecimento e sua afirmação, como pode ser comprovado no próprio Ministério da Agricultura, onde nem mesmo o próprio Ministro Alysson Paulinelli, recentemente, soube dizer quantas toneladas deveriam resultar da próxima safra de feijão. Como os estoques de arroz de que dispõe o IRGA são pequenos o Sr Aylton Fornari acha que, até o final do ano, o Brasil terá necesidade de importar o produto.

Segredo de Estado

O Sr Edgar Cardoso, chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda, sempre que é indagado sobre previsão de safra de qualquer produto afirma que "não sou bom para guardar números". Quanto à quantidade de carne existente no estoque regular da Cobal, o técnico, com um sorriso, afirma que "o estoque regulador é quase um segredo de Estado, mas não devemos ter problemas com carne até o dia 31 de dezembro".

Explicando a intervenção do Governo na distribuição de alguns produtos como carne, arroz e feijão, disse o Sr Edgar Cardoso que "o que se procura é dar certa orientação aos fluxos, deixando que o mercado funcione normalmente, mas, quando ocorre um problema de comercialização ou de produção, há uma intervenção maior do Governo".

Este ano, o Brasil importou 80 mil toneladas de carne da Argentina e do Uruguai, já tendo sido autorizadas importações de mais 30 mil toneladas de carne uruguaia. Nos últimos dias, o Governo manteve contatos com a Irlanda e Austrália, de onde também deverá comprar o produto, ainda este ano.

Na sua opinião, o ano de 1979 será, para o setor de abastecimento, bem melhor do que 1978, pois, apesar de ainda haver necessidade de novas importações de carne, as quantidades deverão ser bem menores.

Salvação no café

O Secretário estadual de Agricultura, Resende Peres, reconhece que, por várias razões, dificilmente o Rio de Janeiro conseguirá ser auto-suficiente em seu abastecimento. Ela aponta como entraves a grande concentração populacional com o segundo poder aquisitivo do país (2 mildólares per capita) e a pequena área agrícola com dois terços de terra montanhosa.

Para o Secretário Resende Peres, entretanto, o café poderá ser a salvação do Estado e ele comenta que, no fim do século passado, o Rio de Janeiro era o maior produtor do país, com cerca de 3 milhões 600 mil sacas. "Em 74 a safra de café foi de 17 mil sacas e o Estado perdeu praticamente a sua cafeicultura". O Secretário, no entanto, vê no programa de incentivo à cultura do café, com o plantio de 8 milhões de novas covas de café, com financiamentos do IBC a recuperação da cafeicultura fluminense.

Também uma campanha de assistência técnica à pecuária, com financiamentos do Banerj no valor de Cr$ 100 milhões, conseguiu estimular os produtores e, assim, obter maior produção de leite do Estado. Na produção de hortifrutigranjeiros, em 1974, segundo ele, a Ceasa recebia 62 mil toneladas mensais, e a participação do Estado era de 28%, menos de um terço do consumo. Nos nove primeiros meses de 1978, foram comercializados 877 mil 900 toneladas e o Estado participou com 43,4%.

Crises

Na opinião do vice-presidente da Associação dos Supermercados (Asserj), Sr Joaquim de Oliveira Júnior, não há problemas de mercadorias em si, há crises de quantidade de mercadoria. "Passamos este ano por períodos difíceis de carne, feijão e arroz".

Quanto à carne, disse o Sr Joaquim de Oliveira, que os supermercados, no momento, não dispõem de quantidades suficientes para o abastecimento total de suas 700 lojas. A cota de carne para os supermercados, por semana, é de 2 mil 360 toneladas mas, com os constantes reajustes de preço nos açougues, aumentou a procura nos supermercados, que solicitaram ao Governo a elevação da cota para 2 mil 500 toneladas, mas não foram atendidos até agora.

Sobre uma possível falta de arroz no mercado, disse o vice-presidente da Asserj que "existe a crise, mas não acredito que falte porque os supermercados estão recebendo uma cota semanal de 160 toneladas do produto estocado pela IRGA".

Arquivo

Supermercados condenam política do Governo, de reter produtos que eles poderiam comprar diretamente dos produtores

Delfin já completou 1 milhão e meio de cadernetas de poupança

"Eu estava em Fortaleza, abrindo uma agência para uma empresa de crédito imobiliário em que eu trabalhava, a Terra. Era na Praça do Ferreira, a uns poucos metros de uma agência da Caixa Econômica Federal. Ali, atrapalhado entre pedreiros e marceneiros, percebi um senhor de idade na porta. Me aproximei e ele perguntou o que é que estávamos fazendo. Comecei a explicar que era uma loja para vender caderneta de poupança..."

— Caderneta de quê?, perguntou o senhor.

Foi a primeira caderneta de poupança que Ronald Guimarães Levinsohn vendeu na vida. Isso foi em 1969 e ele tinha 33 anos. O senhor cearense abriu uma caderneta com Cr$ 150.

— Por que é que ele comprou?

— Primeiro, porque confiou em mim. E essa é a regra número um desse jogo: confiança. Depois, eu lhe vendi a idéia da estabilidade. A caderneta torna o seu futuro mais estável. Você controla melhor o seu futuro.

Na semana passada, Ronald Guimarães Levinsohn, 42 anos, diretor superintendente e *czar* da Delfin, completou uma marca impressionante: suas empresas, Delfin Rio e Delfin São Paulo, têm 1 milhão 500 mil cadernetas de poupança.

"Quem *inventou* a caderneta de poupança no Brasil foi o Peninha (José Eduardo de Oliveira Penna, ex-diretor do BNH). Mas, modestamente, gostaria que um dia reconhecessem que ajudei a vender para o brasileiro o hábito de poupar", diz Ronald, que ainda é capaz de descrever, com mínimos detalhes, toda a sua longa conversa com aquele senhor cearense que confiou nele e se sentiu mais tranqüilo, depois de abrir sua caderneta.

A Delfin é hoje a maior empresa de crédito imobiliário privada do país. O Bradesco, que vem em segundo lugar, tem na região Rio/São Paulo, onde opera a Delfin, 1 milhão 190 mil contas. A Delfin detém 20,45% das contas do mercado brasileiro e suas 69 agências captaram Cr$ 5 bilhões em depósitos de poupança, o que significa 8,5% do dinheiro desse mercado.

"Quem é que, no final dos anos 60, acreditava que havia uma poupança popular significativa nesse país, que estava esperando o instrumento certo — a caderneta — para ser mobilizada?", pergunta Ronald.

E esse é, provavelmente, o maior atributo da Delfin: massificar a idéia de poupar, na certeza de que havia recursos ociosos, esperando o melhor caminho para transformá-los em investimentos produtivos — construir casas. A Delfin popularizou um produto financeiro de forma avassaladora.

E essa talvez seja a maior descoberta do empresário Ronald Guimarães Levinsohn: "Eu percebi que o ajudante de servente estava se transformando em pedreiro. Não estava havendo uma política distributivista no país, mas se percebia, para quem tivesse olhos para ver, que estava ocorrendo uma grande mobilidade, principalmente nas grandes cidades. E quem sobe um degrau tem mais a arriscar. Quando você passa de ajudante de servente a pedreiro, fica mais confiante, mas também corre mais riscos. Eu apostei na mobilidade, confiei em que muitos ajudantes de serventes iam ser pedreiros. E quando você passa de um salário de 100 para um de 200, não gasta 100 imediatamente. Se você vender a idéia de que ele precisa, cada vez mais, de estabilidade, parte desses 100 adicionais podem ser poupados."

Ronald investiu nessa mobilidade e cresceu com ela. E transformou-se num dos maiores vendedores do país. Vendeu 1 milhão 500 mil cadernetas.

"O que eu mais sei fazer é apanhar conta no mercado, embora eu dependa mais de aplicar esses recursos na obra certa", diz Ronald, que nem parece um dirigente de empresa financeira. O que ele é mesmo é um homem de *marketing*.

Ele já fez todas as pesquisas que se possa imaginar com os depositantes de caderneta de poupança. "O depositante típico da Delfin tem 30 anos, é casado, dois filhos, ganha Cr$ 9 mil de salário e começou a vida com salário mínimo. Se eu não computar as contas abertas nos últimos seis meses, o saldo médio das minhas contas é de Cr$ 8 mil. Ou seja, o meu depositante típico tem um 14º salário na Caderneta de Poupança."

— E quando é que ele saca da caderneta?

— Para comprar casa, comprar televisão a cor, automóvel, para tratar de doença na família, pagar a universidade dos filhos ou quando casa a filha. Nessa ordem. Se você quiser as porcentagens, também sei.

Ronald tem a obsessão de conhecer o mercado. "Meu negócio é no *mass market*", diz o ex-aluno de Business da New York University. Conhece o IBOPE como um executivo de empresa de televisão. Sabe a audiência de qualquer programa de tevê no Rio e São Paulo, a tiragem de cada jornal, a audiência de cada colunista de jornal. "Sei quem os meus depositantes do Rio Comprido mais lêem — se o Zózimo ou o Ibrahim".

Tem paixão por publicidade. Faz os próprios anúncios. Ou quase. E se orgulha de três grandes sucessos publicitários. O *jingle* "Nesse Natal, lembre-se de mim...", que "o Brasil todo cantou" e ajudou, em 1973, a fixar o nome da Delfin. A

Ronald Levinsohn massificou a idéia de poupar

campanha "e a poupança, como vai?", lançada em 1976, para ajudar a segurar o mercado, que estava em queda. Aí, inventou o comercial de tevê de 15 segundos, vários filmes com o mesmo tema e a mesma música. "Eu gastava menos dinheiro e conseguia maior penetração". E, agora, se dedica a testar a penetração da campanha que lançou o neologismo "gastança".

"Cheguei para o Lauro, meu redator da Belgrávia (sua própria agência de publicidade), e disse que queria mostrar que gastar dinheiro é perigoso. Queria combater o desperdício. Mas, avisei logo que já estava cansado daquele negócio de dinheiro suado, dinheiro sofrido. Aí, o Lauro me disse: já sei, você quer combater a gastança. Como é que é?, perguntei. A gastança. Estava decidido. Vamos combater a gastança. Ainda é cedo para avaliar a penetração, mas essa palavra vai pegar".

De executivo da Terra, Ronald se tornou sócio minoritário, com 5% das ações. Depois vendeu sua parte e, em 1972, com o dinheiro, comprou duas crédito imobiliário — a Delfin, que só operava no ABC de São Paulo (ainda hoje 50% de seus depósitos saem do Grande São Paulo), e a Reserva, no Rio, que transformou em Delfin.

Em 1972, ele tinha 7 mil 419 contas — o equivalente a 2,5% do mercado da época. Hoje, seus Cr$ 5 bilhões em depósitos se transformaram ativos correspondentes a Cr$ 17 bilhões, ou seja, 870 milhões de dólares.

Mas, quando comprou a Delfin, sentiu que precisava investir muito dinheiro e os recursos da caderneta não bastavam. Foi aí que criou a fórmula de levantar empréstimos no exterior dando como garantia letras imobiliárias, através de terceiras empresas. "Em 45 dias, visitei 35 cidades dos Estados Unidos. Levantei dinheiro em 72 bancos do interior. Foram, ao todo, 120 milhões de dólares. A quem eu mais devi foi ao Hill Samuel, da Inglaterra. O que me emprestou menos foi o Industrial Bank of Rhode Island: 200 mil dólares. Desses 120, já paguei 105 milhões — acho que sou a única instituição financeira que praticamente pagou sua dívida externa".

Foi com isso que começou a financiar imóveis. O primeiro foi um conjunto de 180 casas de 50 metros quadrados, em Santo André. E, depois, apartamentos para a classe média carioca, que "estava massacrada pelos aluguéis elevadíssimos". Seu primeiro lançamento foi o edifício Gemini, de apartamentos de dois quartos, no Corte do Cantagalo, na Lagoa.

"Mesmo que seja muito difícil cometer um erro na aplicação em imóveis num país carente de habitação, como o Brasil, você tem que ter sensibilidade para saber o local que vai valorizar mais", explica Ronald. E, na sua opinião, o grande teste para o financiador de imóveis é poder travar esse, o mais comum dos diálogos com um comprador de imóvel:

— Comprei por 200, paguei 150 e devo 380. Que arapuca é essa?

"Tenho que poder responder: e quanto vale hoje seu apartamento?", diz Ronald. "Se eu tiver investido errado, financiado no local que não se valorizou, o imóvel não estará valendo mais que 380. Geralmente as aplicações da Delfin valem quatro vezes mais".

Como financiador de imóveis, Ronald se vangloria de ter investido antes no ABC. E se vangloria também de não ter entrado na febre (catastrófica) da Barra da Tijuca: "Não construí uma única choupana na Barra".

Seu maior sucesso de vendas foi o edifício de apartamentos de dois quartos, na Rua Silva Rabelo, no Méier. Vendeu tudo em dois dias. E o maior fiasco foi construir 609 casas em Taubaté, contando com os empregados de uma futura fábrica da Volkswagen. "A fábrica está pronta, mas não opera. E eu só vendi 200 casas".

— E daqui a 20 anos, o senhor ainda vai ter 20% das contas desse mercado?

— Não. Vou ter só uns 10% das contas, mas aumentarei minha participação do mercado de dinheiro para uns 12%.

Ronald acha que vai perder participação no número de contas, porque está enfrentando, cada vez mais, os conglomerados financeiros, que se valem das agências dos bancos comerciais para captar, enquanto sua capacidade de abrir agências é contida, inclusive, pelo fato de que só tem um produto para vender: cadernetas. A Delfin tem 1 mil 600 empregados e 69 agências. Ou seja, está captando Cr$ 72,5 milhões por agência. Essas 69 casas representam apenas 2,6% das agências que captam poupança no mercado do Rio e de São Paulo. Pois, com 2,6% das agências, a Delfin consegue 20% das contas e 8,5% do mercado de dinheiro.

Isso, talvez, porque ela já está no mercado há mais tempo e conservando uma liderança incontrastável. Hoje, por causa dos conglomerados financeiros, não poderia brotar uma outra Delfin.

— Como é que a Delfin conseguirá, no futuro, perder participação no número de contas e aumentar a participação no bolo do dinheiro?

— Porque eu acredito que os meus depositantes vão melhorar de vida. E nesse negócio há duas regras básicas: quem abre caderneta de poupança uma vez, não sai mais; outra regra é que, nos Estados Unidos, por exemplo, só 0,2% dos depositantes trocam uma empresa por outra. Eu vou crescer com o meu depositante típico, que hoje ganha Cr$ 8 mil. E com o filho dele, que vai entrar para a faculdade. E com aquele que hoje ganha Cr$ 3 mil e brevemente estará ganhando Cr$ 8 mil.

Foi por isso que a Delfin não abandonou a estratégia de concentrar todos os seus esforços na massificação da caderneta de poupança, de aumentar o número de contas.

Mas, não é só por isso que Ronald confia poder enfrentar os conglomerados financeiros (embora espere, também, que mude a política governamental que, hoje, inibe a ampliação das agências de empresas não ligadas a conglomerados). Ele está convencido de que o financiamento do imóvel certo é uma arte que não constuma ser praticada com talento em grandes empresas diversificadas, que não vivem só de poupança e do mercado imobiliário. "Apostar num terreno, levantar um imóvel de dois ou quatro quartos", comenta, "exige uma sensibilidade que eu só encontrei, até hoje, em empresas altamente especializadas".

— Porém, mesmo que todos reconheçam que o senhor sabe vender, não há dúvida de que o senhor parece estar cometendo um erro clássico de administração: como dizem os americanos, colocou todos os ovos na mesma cesta. Por que não se diversifica? O senhor só sabe fazer isso?

— Além de tocar uma empresa de crédito imobiliário, pelo menos duas outras coisas eu já tenho certeza que sei fazer, defende-se Ronald. A primeira é fabricar Fanta. E a outra é fazer pratos de carne, de preferência alcatra, com ervas da Provence.

No seu escritório, logo atrás de sua poltrona, do lado direito do interlocutor, há uma Fanta família. "Eu era dono de uma fábrica de Coca-Cola e um americano desconfiou que uma fórmula que tinha inventado não ia dar certo. A Fanta ia ficar toda branquinha, em seis meses. Taí, olha. Amarelinha até hoje".

Quanto aos pratos de carne, Ronald garante que R. Oliver, o dono do *Grand Vefour*, o celebrado restaurante de Paris, já provou e gostou. "Disse que é muito bem elaborado. Mas, devo reconhecer que o melhor cozinheiro do Brasil é o Boni" (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, diretor da TV Globo).

Ronald, porém, garante que sabe fazer outras coisas, mais relevantes: por exemplo, sonha montar uma empresa de seguros, para vender em massa, como fez com as cadernetas. "Tenho a sensação de que no Brasil não se vende seguro, mas insegurança. Desconfio que eu saberia vender isso com competência".

— E por que não fez até agora?

— Porque ainda não tive tempo.

— Mas, o senhor não tem vontade de ter um banco comercial?

— Não tenho dinheiro para um banco do tamanho que eu gostaria.

— Então, além de uma seguradora, o que mais o senhor gostaria de fazer?

— Não queria fazer muita coisa diferente, não. Só gostaria de poder trabalhar muito, para vir a ser o Dr Gastão (Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, *czar* do Banco Mercantil de São Paulo), mas no mercado tipicamente popular.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ FIOCRUZ

COMISSÃO GERAL DE LICITAÇÕES

TOMADA DE PREÇOS N.º 053/78 — C.G.L.

EDITAL N.º 290/78 — C.G.L.

A V I S O

A Comissão Geral de Licitações da FIOCRUZ, torna público, para conhecimento dos interessados, que no dia 20/11/78, às 16:00 horas, na sala da C.G.L., localizada no 2.º andar do Pavilhão Figueiredo Vasconcelos, na Av. Brasil, 4.365 — Manguinhos, RJ, receberá propostas para seleção de empresa que executará a construção de um destrutor térmico de resíduo no Campus da FIOCRUZ.

OBSERVAÇÕES:

1 — Capital mínimo: 1.000.000,00 (Hum milhão de cruzeiros), integralizados até a data prevista para a abertura desta licitação.

2 — O Edital contendo os elementos da presente licitação poderá ser adquirido pelos interessados ao preço de Cr$ 750,00 (Setecentos e cinquenta cruzeiros), a partir do dia 01/11/78, no horário de 8:30 às 17:00 horas, no endereço acima citado.

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1978

(a) **MARCIO COSTA MENDONÇA**
Presidente da CGL

CORREIOS
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
Vinculada ao Ministério das Comunicações

DIRETORIA REGIONAL DO RIO DE JANEIRO
GERÊNCIA DE SUPRIMENTO

AVISO

A EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, através de sua Comissão Permanente de Licitação, comunica aos interessados que fará realizar a Tomada de Preços nº 017/78, objetivando o recebimento de proposta para aquisição de Equipamentos para Laboratório de Controle de Qualidade.

As propostas serão abertas em ato público a realizar-se às 16 horas do dia 21 de novembro de 1978, no seguinte endereço:

GERÊNCIA DE SUPRIMENTO/CENTRO DE COMPRAS
Rua Leopoldo Bulhões, 530 fundos, 3º andar
Benfica — Rio de Janeiro

O Edital desta licitação encontra-se à disposição dos interessados no endereço acima, e qualquer informação complementar poderá ser obtida no Centro de Compras/GS no Rio de Janeiro através do telefone 248-1371.

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

CORREIOS
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
Vinculada ao Ministério das Comunicações

DIRETORIA REGIONAL DO RIO DE JANEIRO
GERÊNCIA DE SUPRIMENTO

EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº 010/78

A EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, DIRETORIA REGIONAL DO RIO DE JANEIRO, torna público a quem interessar possa, que no dia 17 de novembro de 1978 às 10:00 horas na Seção de Contratação e Controle de Serviço/GSG situada à Praça XV de Novembro, s/nº, sala 211 — Edifício Paço Imperial, Centro, Rio de Janeiro, CEP 20.010 receberá propostas para Limpeza e Conservação de vários setores desta Diretoria Regional.

Os interessados poderão obter informações e retirar o Edital, no endereço acima, no horário de 08:00 às 12:00 horas e 13:00 às 17:00 horas, a partir do dia 1.11.78.

PRESIDENTE DA COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO PARA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

2.º EDITAL

JARDIM MARAVILHA

CIA. DE OBRAS E INDÚSTRIA "OBRASIN"

Rua Álvaro Alvim, 21 — 10.º andar

A Cia. de Obras e Indústria "OBRASIN" leva ao conhecimento dos compradores de lotes do "JARDIM MARAVILHA" de Campo Grande: —

I — DOMÍNIO

Que promoverá, a título amigável, a entrega da escritura definitiva, resolvendo o contrato de compra e venda, de acordo com o Dec. Lei 58/37, e legislação complementar, pelo que solicita a presença dos que se acham em atraso com seus compromissos contratuais, ou que ainda não receberam a escritura definitiva, no prazo de 15 (quinze) dias; com os documentos pessoais e do lote, a contar das últimas publicações deste Edital sob pena de aplicação da medida judicial cabível.

II — POSSE

Que, em decorrência das contínuas tentativas de grilagem, a partir desta data, somente garantirá a manutenção de posse dos lotes devidamente inscritos no seu Serviço de Guarda e Manutenção, mediante a taxa anual de Cr$ 500,00 (Quinhentos cruzeiros).

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1978.

Marcio Monteiro Fortuna — Presidente.

CASA DA MOEDA DO BRASIL

EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS

Chamamos a atenção dos interessados para a TOMADA DE PREÇOS, abaixo relacionada, cujo Edital se encontra afixado na Divisão de Aquisições, à Rua 24 de Fevereiro, 163 — Bonsucesso, onde quaisquer outras informações poderão ser obtidas.

T.P. n.º 1018/78 — encerramento dia 14/11/78

1. PAPEL APERGAMINHADO

DIVISÃO DE AQUISIÇÕES

CONSELHO NACIONAL DE ABASTECIMENTO

SECRETARIA EXECUTIVA

EDITAL

A Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Abastecimento — CONAB, de acordo com a Resolução n.º 06, de 25 de outubro de 1978, deste Conselho, convida as usinas de beneficiamento de leite e fábricas de laticínios, inspecionadas pelo Serviço de Inspeção de Produtos Animais — SIPA, a apresentarem propostas para serem beneficiadas pela concessão de créditos de custeio, correspondente aos seguintes estoques totais máximos e valores-base:

1 — 30 000,0 t de leite em pó, desnatado a Cr$ 35,00 o quilo;
2 — 10 000,0 t de manteiga, sem sal, a Cr$ 25,00 o quilo;
3 — 4 000,0 t de queijos a Cr$ 50,00 o quilo.

As propostas em questão deverão ser entregues em duas vias nesta Secretaria Executiva, 11.º andar do Palácio do Desenvolvimento, Setor Bancário Norte, Brasília — DF, impreterivelmente até o dia 14 (quatorze) de novembro próximo futuro, devendo constar o seguinte:

1 — Nome ou razão social, endereço e CGC da empresa;
2 — Número de inscrição no Serviço de Inspeção Federal — SIF;
3 — Quantidades específicas dos produtos a serem estocados até 31 (trinta e um) de maio de 1979;
4 — Local de estocagem do produto;
5 — Atestado do SIPA constatando que as condições de estocagem e produção atendem às exigências do referido órgão.

Informamos, ainda, às empresas interessadas que só será concedido financiamento aos produtos que forem de origem nacional e estiverem embalados de acordo com as determinações do SIPA.

Brasília, 25 de outubro de 1978

JOSE ANTONIO ARREGUI
Secretário Executivo

MINISTÉRIO DA SAÚDE

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ FIOCRUZ

COMISSÃO GERAL DE LICITAÇÕES

TOMADA DE PREÇOS N.º 052/78 — C.G.L.

EDITAL N.º 289/78 — C.G.L.

A V I S O

A Comissão Geral de Licitações da FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, torna público, para conhecimento dos interessados, que no dia 20 de novembro de 1978, às 14:00 horas, na sala da C.G.L., localizada no 2.º andar do Pavilhão Figueiredo Vasconcelos, na Av. Brasil, 4.365 — Manguinhos, RJ, receberá propostas para seleção de Empresas que prestarão serviços no Campus da FIOCRUZ, abaixo discriminados:

a) Iluminação no Campus de Manguinhos;
b) Sistema de proteção contra descarga atmosférica;
c) Rede elétrica de alta-tensão.

OBSERVAÇÕES:

1 — O Capital mínimo: Cr$ 15.000.000,00 (Quinze milhões de cruzeiros), integralizados até a data prevista para abertura desta licitação.

2 — O Edital contendo os elementos da presente licitação poderá ser adquirido pelos interessados ao preço de Cr$ 1.000,00 (mil cruzeiros), a partir do dia 01/11/78, no horário de 8:30 às 17:00 horas, no endereço acima citado.

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1978

(a) **MARCIO COSTA MENDONÇA**
Presidente da CGL

Produção de minicomputador no Brasil já se tornou realidade

Depois de uma semana de discussões sobre a política nacional de informática, o grande saldo do 11.º Congresso Nacional de Processamento de Dados foi um documento que será entregue ao General João Baptista de Figueiredo, cujos pontos principais pedem que o mercado brasileiro de computação fique reservado às empresas controladas por capital estritamente nacional. A conclusão final dos participantes deixa claro que a política adotada para o setor de minicomputadores deve ser seguida para outros setores da informática. Mas, além disso, a exposição que se realizou paralelamente ao congresso mostrou que a política dos minis deu certo, e que já é uma realidade a indústria nacional de minicomputadores. Os stands que mais chamaram a atenção do público foram justamente os das quatro empresas autorizadas pela Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (Capre) a fabricarem minis no país. O da Cobra apresentava a grande sensação da exposição, o mini G-11, cujo projeto foi inteiramente desenvolvido no Brasil, e que, a partir do próximo ano, estará sendo comercializado. A Edisa apresentou a sua linha ED-300, com dois modelos de minis, o ED-301 e o ED-311. A Labo Eletrônica lançou o Labo-8034, já em comercialização, e a SID — Sistemas de Informação Distribuida, apresentou o modelo 5240, que também está sendo vendido no mercado brasileiro.

A glória do "Patinho Feio"

A grande atração do 11º Congresso Nacional de Processamento de Dados e da exposição que se realizou paralelamente no Hotel Nacional-Rio, foi o G-11, o primeiro minicomputador fabricado no Brasil com projeto genuinamente nacional. Ele é fruto da crença de um comandante da Marinha, Luis Guaranys, na capacidade inventiva brasileira.

O Comandante Guaranys, uma quase legenda no setor de computação no Brasil, começou a trabalhar no projeto no início desta década, quando poucos acreditavam na possibilidade de o Brasil fabricar computadores. Lutando contra forte descrença, ele apoiou um grupo de técnicos da Universidade do Estado de São Paulo, que desenvolvia um projeto de hardware *(máquina), e da Pontifícia Universidade Católica do Rio, que paralelamente trabalhava no* software *(programa).*

Como o Comandante Guaranys era o mentor do projeto, ele passou a ser denominado G-10. Porém, quando ainda estava no ambiente acadêmico o projeto era conhecido como o Patinho Feio. *Estava ainda longe o dia de ver o seu projeto tornar-se uma realidade, quando em 1976 o Comandante Guaranys morreu, de ataque cardíaco. A Cobra, acreditando na sua potencialidade, resolveu aprimorar o G-10, transformando-o em algo mais prático em termos de produção, e já em outubro de 1979 começará a comercialização do agora denominado G-11.*

Cobra colhe resultados de líder

A Cobra — Computadores e Sistemas S/A, foi a primeira empresa brasileira a ter autorização governamental para fabricar minicomputadores, dentro das normas estabelecidas pela Capre. Por isto, hoje é a que apresenta melhores resultados, como prova do acerto da política traçada para o setor de minis.

Criada em julho de 1974, com um capital de Cr$ 30 milhões, com o objetivo de trazer sistemas adquiridos à empresa inglesa Ferranti, e montá-los em fragatas que o Brasil comprara na Grã-Bretanha, a Cobra possui, hoje, capital de Cr$ 335 milhões, e produz três tipos de minicomputadores, além de alguns equipamentos periféricos.

O projeto para a produção do mini Cobra-400, com tecnologia da Sycor (americana), foi aprovado pela Capre em junho de 1977. No início este mini era apenas montado na fábrica de Jacarepaguá. Agora, contudo, já está sendo parcialmente fabricado no país. Mas, antes que viesse este modelo, a empresa já estava empenhada no Cobra-700, com tecnologia Ferranti, voltado para aplicações maiores na área de controle de processos.

Com a absorção da tecnologia Sycor, o Cobra-400 atingirá a sua segunda versão em abril de 1979, com índice de nacionalização de 52% (serão nacionalizados os terminais e a unidade central de processamento). Mas já está sendo preparada a sua terceira versão, a ser colocada no mercado em 18 meses.

Outro modelo de mini da Cobra é o G-11, apresentado durante a realização da exposição do Hotel Nacional, cuja fabricação inicial será de 20 máquinas. A produção em série será iniciada em junho de 1979, sendo produzidas nos 12 meses seguintes 90 máquinas. O G-11 é o primeiro projeto genuinamente nacional. O outro produto Cobra que teve pré-lançamento nesta semana foi o terminal de dados, que também foi totalmente projetado no país. O *hardware* do TD foi desenvolvido pelo chefe de engenharia de *hardware* da Cobra, Leopoldo Pereira da Silva, e, o *software*, pelo chefe de engenharia de *software*, Eduardo Lessa Azevedo.

Ao contrário do que muitos pensam, o controle acionário da Cobra não está nas mãos do Estado. A sua composição acionária é a seguinte: Eletrônica Digital do Brasil S/A (*holding* formada pelos bancos Bradesco, Itaú, Bamerindus, Unibanco, Banespa, BCN, Auxiliar, Noroeste, Econômico, Nacional, Caixa Econômica e SP, e pelas Bolsas de Valores de SP e do Rio), com 39%; Bco. do Brasil, Caixa Econômica Federal e Serpro, com 13%; BNDE, 12%; Digibrás, 8%, e o restante dividido entre a Ferranti e a empresa brasileira Equipamentos Eletrônicos S/A.

SID já obtém primeiro fruto

O projeto das empresas Sharp-Dataserv-Inepar para a fabricação de computadores, nos termos das resoluções do Capre, foi aprovado em 20 de dezembro de 1977, quando da seleção de apenas três empresas entre 16 concorrentes.

Em janeiro de 1978, foi constituída a SID — Sistemas de Informação Distribuida, com capital exclusivamente nacional. A Sharp S.A. assumiu o controle acionário, com 51% do capital votante, entrando a Dataserv com 26%; a Inepar com 13%, e a Digibrás com os restantes 10%. Em menos de um ano, o projeto tornou-se realidade, e já neste mês de outubro foi colocado no mercado o seu primeiro minicomputador 5 240.

A tecnologia escolhida foi comprada à Logabax, da França. Segundo a diretoria da empresa, a preocupação é de absorver tecnologia em condições de total independência em relação ao fornecedor. O cronograma de implantação da SID foi dividido em quatro fases: a primeira, destina-se aos testes finais e reparos dos equipamentos prontos importados da Logabax, estágio que a SID cumpre no momento.

Em julho de 1979, estará em andamento a última fase-testes finais e reparos de *kits* de sistemas totalmente desmontados, com a utilização de componentes e parte fabricados no mercado brasileiro. Já em janeiro de 1979, a SID estará entregando computadores com periféricos de fabricação nacional.

A SID — que já investiu Cr$ 100 milhões em sua fábrica de Curitiba — fornecerá dois modelos — 5 240 e 5 065. O primeiro terá aplicação para o mercado em geral, seja de pequenas, médias ou grandes empresas, e o 5 065 aplica-se a serviços específicos de processamento distribuído com ligação direta aos grandes computadores centrais ou com interligação por redes.

Uma alternativa que deu certo

Em 1975, quando o Grupo Forsa (que controla as empresas Hevea, Flex-A Carioca, Ferragens La Fonte, Forsa, Corretora, L'Atelier, entre outras) adquiriu a Labo Eletrônica, esta representava apenas 4% das atividades do grupo. Este tamanho foi considerado inadequado, e o grupo procurou alternativas. Entre as encontradas, a de maior sucesso foi justamente a de fabricação de minicomputadores.

Em cinco anos, a Labo, que já fabrica produtos para a área de informática desde 1961, vai representar 65% de todo o Grupo Forsa. Nesta última semana, foi feito a apresentação do minimodelo 8034, que, em seu primeiro ano de produção, apresentará um índice de nacionalização entre 35 e 40%.

Neste empreendimento dos mini, a Ferragens e Laminação Brasil, empresa líder do Grupo Forsa, detém 80% do capital, ficando a Digibrás com 15%, e o Brasilinvest com os 5% restantes. A tecnologia foi adquirida junto à Nixdorf, empresa alemã, e no primeiro ano de operações os equipamentos serão apenas montados no país. Serão colocadas no mercado 200 máquinas, com um faturamento previsto de cerca de Cr$ 700 milhões.

A Labo tem sua fábrica localizada em Santo Amaro (São Paulo), um capital de Cr$ 10 milhões 850 mil, e investirá em cinco anos cerca de Cr$ 700 milhões. Já em 1979, a Labo começará a nacionalizar seus equipamentos, estando previsto um índice de nacionalização de 88% no 5º ano de operação. Além disso, a empresa tem planos de exportação para duas áreas: de sistemas para a América Latina (Venezuela e Argentina); e para a própria Nixdorf, na Alemanha, que compraria módulos.

Edisa nacionaliza gradualmente

A Edisa-Eletrônica Digital S.A., criada em novembro de 1977, também lançou o seu minicomputador, só que em dois modelos: o ED-301 e o ED-311. Com tecnologia da Fujitsu, do Japão, neste primeiro ano de operação ela apenas montará os dois modelos de minis, sendo colocadas no mercado cerca de 30 máquinas, com um índice de nacionalização de 57%, que crescerá gradativamente até o 5º ano, quando atingirá 86%.

A composição acionária da Edisa é a seguinte: Grupo Habitacional, 35%; Banco Iochpe de Investimentos, 35%; Bco. do Estado do Rio Grande do Sul, Bco. Regional de Desenvolvimento Econômico e Cia. de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul, com 29,5%, ficando o restante com a empresa Planejamento de Sistemas. O seu capital é de Cr$ 100 milhões, estando previsto um investimento de Cr$ 300 milhões, e um faturamento anual da ordem de Cr$ 90 milhões.

Segundo o gerente de marketing da Edisa, Luis Felipe Tavares, talvez a empresa comece a nacionalizar os componentes no próximo ano, dependendo da implantação de novas indústrias de componentes no Brasil. Entre os componentes que poderão ser nacionalizados encontram-se os terminais de vídeo, que a Scopus já produz no país, e as impressoras da Elebra.

Ueki compra óleo que China vender

Brasília — O Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, recebeu orientação expressa do Governo no sentido de negociar a compra de todo o petróleo que a China se dispuser a vender ao Brasil, durante as conversações que manterá com autoridades de Pequim, à frente de uma missão oficial brasileira, a partir do próximo dia 6.

Com esta determinação o Governo pretende — a despeito das dificuldades naturais de tranporte e das limitações da produção chinesa, comprometida com o mercado interno e com países geograficamente mais próximos, como o Japão, com quem a China assinou recentemente um amplo acordo — assegurar para o Brasil parcelas significativas do chamado "último grande mercado" para a colocação de minério de ferro.

ABERTURA

A princípio, o Ministro Ueki apenas concretizará entendimentos mantidos com as autoridades chinesas por uma missão mista liderada pelo chefe do Departamento de promoção Comercial do Itamarati, Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, que estabeleceu os números básicos para um futuro acordo. O seu objetivo principal, no entanto, é assegurar a possibilidade de ampliação destes números num futuro próximo.

Confiados no Plano Decenal — 1975/85 — Chinês, que prevê a ampliação da produção siderúrgica de 24 milhões de toneladas anuais para 80 milhões de toneladas, e na abertura da China para mercados externos, o Governo acredita que poderá assegurar para o minério de ferro brasileiro, pelo menos uma fatia significativa de um mercado que é dominado pela Austrália.

O contrato experimental que Ueki deverá assinar em Pequim, prevê a exportação de 250 mil toneladas de minério de ferro brasileiro, de novembro deste ano a janeiro de 1979. Os números relativos à importação de petróleo chinês pelo Brasil, no entanto, somente serão decididos em dezembro, pela missão de Ueki.

Ex-presidente da Ford prevê nova legislação sindical

São Paulo — "Deixo o Brasil com a certeza de que as legislações sindical e trabalhista existentes devem ser modificadas. Por quê? Porque, a partir do momento que patrões e trabalhadores deixam de respeitar as legislações em vigor, não tem sentido elas continuarem. Uma reformulação, absorvendo a experiência, deve ocorrer no Brasil."

A opinião é do novo diretor-executivo de operações para a América Latina da Ford Corporation, Joseph O'Neil, que por oito anos ocupou a presidência da Ford do Brasil, sendo o responsável pelo sucesso do Corcel II, um lançamento que custou 80 milhões de dólares (Cr$ 1 bilhão 600 milhões). Questionado sobre por que o Maverick não teve sucesso no país, o Sr O'Neil explicou que "a culpa é das mulheres. Ele não caiu no gosto das mulheres. Introduziremos alterações que o tornarão também popular entre o público feminino. Essa minha afirmação é resultado de uma pesquisa intensa".

São Paulo

Joseph O'Neil

Vendas baixaram mas mercado se recupera

JB — Como está o mercado para a indústria automobilística hoje no Brasil?

Joseph O'Neil — "O mercado está bom. Não vou dizer que está excelente, porque tenho de considerar que ainda continuamos com as vendas inferiores às de 1976. Nós vendemos em 1976 ao redor de 172 mil unidades, e, em 1978, deveremos chegar a 128 mil unidades. Como se vê ainda estamos abaixo do índice de 1976".

JB — O mercado automobilístico nacional tem condições de voltar a crescer acima dos 10% ao ano?

Joseph O'Neil — "Dificilmente voltará a índices superiores a 10%, em termos de crescimento. Acredito que esse crescimento deverá se fixar entre 4 a 6%. Para 1979, considero que a indústria no país terá um crescimento de 6%. Esse já é um percentual alto."

JB — Como Sr vê o mercado latino-americano?

Joseph O'Neil — "O mercado latino-americano de veículos é a meu ver, o mais crescente do mundo atual. Pode crescer 6% ao ano, enquanto o dos países desenvolvidos cresce, no máximo, 4% ao ano.

JB — Qual a novidade no mercado automobilístico brasileiro?

Joseph O'Neil — "Creio que a principal novidade no mercado brasileiro é o fato de, pela primeira vez, a Volkswagen participar com menos de 50% das vendas. Hoje, a falta de mercado da Volks deve estar ao redor de 49%. Isso mostra que a Fiat, praticamente, com um lançamento, atingiu mais a Volkswagen do que as outras fábricas".

JB — E a questão da distribuição de renda no país, como influi?

Joseph O'Neil — "Considero importante que se promova uma melhor distribuição de renda. Como representante do setor industrial, entendo que seria benéfica para nós e de uma maneira geral para a sociedade. Há esforços para melhorar essa distribuição no país, e isso é um ponto importante".

JB — Qual é o futuro do automóvel?

Joseph O'Neil —"Os carros terão linhas mais estreitas, o que implica maior economia e espaço para o motorista e passageiros. Haverá uma semelhança muito grande entre as várias marcas. Por exemplo, hoje já há muita semelhança entre as linhas do Fiesta e do Fiat. As diferenças não serão radicais".

JB — E como o Sr vê o carro nacional hoje?

Joseph O'Neil — "Sua qualidade melhorou muito nos últimos três ou quatro anos. Isso é indubitável, e a comprovação está no incremento de exportações que o Brasil está obtendo na área automobilística".

JB — Como o Sr comprova essa melhora da qualidade?

Joseph O'Neil — "Hoje a Ford Brasil, por exemplo, está fazendo ferramental para a Alemanha. E' uma demonstração de capacidade".

JB — O que o Sr acha da lei de remessas de lucros existente no Brasil?

Joseph O'Neil — "Considero que a lei brasileira dá uma grande liberdade ao investidor. A casa matriz só se interessa pelo lucro. Não entende, porque de toda a indústria automobilística em 1977, só a Mercedes Benz apresentou lucros".

JB — No cargo que o Sr vai ocupar, agora, poderá decidir sobre novos investimentos no Brasil?

Joseph O'Neil — "Os planos para o Brasil serão decididos pela diretoria, mesmo em termos de investimentos. Eu não sou o índio-chefe".

JB — Quais foram os investimentos nos últimos anos na Ford Brasil?

Joseph O'Neil — "Normalmente, a Ford está aplicando em ferramental e em outras áreas, 60 milhões de dólares anuais. O ferramental exige a maior verba nesses investimentos".

JB — O que o Sr fará como diretor executido de operações para planejamento para a América Latina?

Joseph O'Neil — "Poderei participar do planejamento do automóvel mundial que a Ford Corporation pretende lançar; estarei envolvido em lançamento de novos modelos, na aplicação de recursos e na escolha de onde aplicar os recursos".

JB — A que se deve essa mudança na diretoria da Ford Brasil?

Joseph O'Neil — "Eu não sei mesmo. Só sei que fui promoção?

JB — O Sr gostou dessa promoção?

Joseph O'Neil — "Não, não gostei. Acho que é emocional a minha reação, pois conheço 10 homens da Ford, mas em São Paulo conheço 2 mil. E há problemas de família."

JB — O Sr aspira algum cargo na Ford internacional?

Joseph O'Neil — "Carreira é carreira. Eu não sei realmente".

JB — Que tecnologia o setor automobilístico do Brasil poderá exportar?

Joseph O'Neil — "Poderemos exportar produtos também a fornecedores da Ford Brasil. Ou ainda auxiliar na exportação de tecnologia de freios produzidos pela Varca; dos semi-eixos produzidos por uma indústria de Porto Alegre, cujo nome não me recordo agora. Essas empresas estão em negócios diretos com os Estados Unidos".

JB — O motor 1 600 tem condições de exportação?

Joseph O'Neil — "Pelo menos na primeira etapa não, pois necessitaremos dele para atender o mercado interno".

JB — Como o Sr vê o mercado automobilístico na Argentina?

Joseph O'Neil — "A situação na Argentina está sob controle. Basicamente a Argentina é um país rico, e tende a ficar próspero, com o controle da situação interna. Há grandes possibilidades".

JB — E' viável então trabalhar hoje na Argentina?

Joseph O'Neil — "Nós estamos trabalhando na Argentina e ganhando dinheiro lá, isso é indiscutível. Mas todas as companhias têm problemas".

JB — A Ford tem intenção de sair da Argentina?

Joseph O'Neil — "A Ford chegou à Argentina, 63 anos atrás, e não pensa em sair de lá."

JB — O que o Sr considera como o fato mais importante para a indústria automobilística continuar vendendo bem no Brasil? Qual é o segredo?

Joseph O'Neil — "O segredo na manutenção das vendas de automóveis no país reside no fato de as indústrias sempre apresentarem novidades. Esse é o segredo da indústria. E' um fato óbvio, mas é verdadeiro e já foi por nós pesquisado e comprovado."

JB — O Sr, que enfrentou a primeira greve na indústria automobilística após 1964, o que diz a respeito dos movimentos trabalhistas hoje?

Joseph O'Neil — "Considero os movimentos grevistas como normais dentro de um processo democrático. Eles devem ocorrer normalmente. O que o patrão deve fazer? Não deve se portar agressivamente, mas negociar com calma, à espera de uma solução. Nós fizemos assim, e deu certo, após uma semana de greve".

JB — O que o Sr considera que deva ocorrer no país no setor sindical em geral?

Joseph O'Neil — "Quando não se respeita a legislação existente, tanto por parte dos trabalhadores quanto dos empresários, o que se deve fazer é modificar a legislação".

JB — O Sr é favorável a uma nova legislação sindical trabalhista?

Joseph O'Neil — "Entendo que isso deve se processar no Brasil, para adequar o processo à evolução ocorrida nas áreas trabalhadoras e empresariais. Uma reestruturação da legislação é necessária".

Sobre sua experiência no Brasil, disse o Sr O'Neil:

"Creio que nos oito anos que eu vivi no Brasil o fato mais importante foi a fusão efetiva da Ford com a Willys Overland, da qual eu participei ativamente. Posteriormente, foi a salvação do Corcel I, que saiu da fábrica com defeito. Isso obrigou ao emprego do *recall* no Brasil, tendo a Ford atendido a 65 mil consumidores, gastando 2 milhões 600 mil dólares. Essa foi a salvação do Corcel I, que implicou também o sucesso do lançamento do Corcel II.

Atingimos agora um total de vendas de 1 bilhão de dólares, sem a inclusão de impostos. Quando eu entrei, o faturamento era de 250 milhões de dólares. Nosso crescimento se deve à existência na Ford de um grupo de profissionais competentes.

Patrões insistem no diálogo em São Paulo para impedir greve

São Paulo — Depois de mais de cinco horas de reunião, na FIESP (Federação das Indústrias de São Paulo), das 12h até depois das 17h, sem interrupção sequer para almoço, dirigentes de 22 sindicatos patronais dos ramos de metalurgia e de material elétrico emitiram nota oficial na qual insistem na negociação direta com os trabalhadores e consideram que o recurso à greve "acarretará para os trabalhadores prejuízos do não pagamento dos salários do período de paralisação do trabalho".

Na tentativa de evitar que se efetive a greve decidida pelas assembléias da última sexta-feira dos sindicatos metalúrgicos da Capital, Osasco e Guarulhos (cerca de 420 mil trabalhadores de 14 mil empresas), marcada para zero hora de amanhã, o delegado regional do Trabalho, Vinicius Ferraz Torres, tomou a iniciativa de reunir-se ontem com os empresários (cerca de 50) da Comissão Especial da FIESP que estuda a questão salarial. Após esse encontro, marcou mesa-redonda com os sindicatos dos trabalhadores e representantes da FIESP para as 11h de amanhã.

O coordenador da Comissão Especial, Alberto da Nova Gomes Villares, disse depois da reunião que os empresários cederam mais do que os metalúrgicos. Reconheceu que pode ter havido falhas da parte dos empregadores, "até por falta de experiência da nossa parte", nas negociações diretas. Considerou, porém, que a proposta dos metalúrgicos de aumento salarial na base de 70% feita antes da discussão prévia com os empresários, criou dificuldades para um melhor entendimento e, além disso, "os representantes dos operários mostraram muita inflexibilidade".

Acha o Sr Nova Gomes Villares que não havia razão para que os sindicatos dos metalúrgicos decidissem pela decretação da greve antes que fossem exauridas todas as possibilidades de um acordo sem a interveniência da Justiça do Trabalho no dissídio. Em sua nota oficial, os empresários destacam que "o estabelecimento de negociações diretas bem como a proposta efetiva de aumento salarial em bases superiores aos índices oficiais, no total de até 56%, demonstram claramente a disposição de iniciarmos uma nova fase na história do trabalhismo no Brasil". A nota apresenta também a proposta feita aos metalúrgicos, listando todas as concessões feitas.

Até a tarde de ontem, os dirigentes dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos não tinham sido avisados sobre a mesa-redonda convocada pelo delegado do Trabalho. Durante a manhã, eles se reuniram e combinaram uma unidade de comportamento para a greve nos três municípios.

Vivência democrática

Porto Alegre — Preocupado com a situação em São Paulo, o Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, manteve contatos telefônicos, pela manhã, com a Capital paulista, atrasando, em uma hora, o início do 1º Encontro Estadual de Artesanato, que presidiu. Depois, informou que esperava "uma solução de conciliação entre patrões e empregados, na reunião marcada para esta segunda-feira".

"Este problema, em São Paulo, não quer dizer que esteja ocorrendo um aumento na tensão social, mas somente a vivência de um processo de abertura democrática, com reflexos em todas as áreas, inclusive sindicais, e que inclui uma nova vivência e um novo comportamento no relacionamento entre trabalhadores e patrões", disse o Sr Arnaldo Prieto.

O Ministro Arnaldo Prieto chegou às 9h ao prédio da Delegacia Regional do Trabalho, em Porto Alegre, para abrir o Encontro de Artesanato, mas permaneceu, a portas fechadas, no gabinete do delegado regional, juntamente com o secretário de Relações do Trabalho, Celito de Grandi, mantendo contatos telefônicos com o delegado regional do Trabalho em São Paulo, para "ouvir relatórios da situação dos metalúrgicos", segundo o Sr Arnaldo Prieto informou, posteriormente, à imprensa.

A situação levou ao atraso do início do encontro dos artesãos, onde pediu sugestões para que esta nova categoria profissional, em fase de regulamentação, comece a pensar na conquista do mercado externo através do artesanato brasileiro. Na saída, numa rápida entrevista, o Ministro disse acreditar no diálogo e numa solução conciliatória no caso dos metalúrgicos paulistas. "Confio em que haja maturidade no diálogo entre empregados e empregadores, e que esses sejam sensíveis às reivindicações dos trabalhadores; e esses, por sua vez, responsáveis, pedindo o que as empresas possam dar. Se o pedido for muito grande, poderá levar as empresas à falência, com a consequente perda, do trabalhador, do próprio emprego".

O Ministro do Trabalho não quis "entrar nos detalhes ou no mérito do pedido dos trabalhadores", que pleiteiam 70% de aumento salarial, enquanto a classe patronal quer pagar 56%. Lembrou, apenas, o Ministro que "a realização da negociação direta foi festejada tanto pelos trabalhadores como pelos empresários". À pergunta da possibilidade de um impasse e das consequências de uma greve geral dos metalúrgicos paulistas, o Sr Arnaldo Prieto prefere "confiar nos resultados da reunião marcada para segunda-feira".

O secretário de Relações do Trabalho do Ministério do Trabalho, Célito de Grandi afirmou que "os entendimentos, até aqui, em São Paulo, foram realizados entre empregados e empregadores diretamente, sem a interferência do Ministério do Trabalho". Por isso, e lembrando que a atividade dos metalúrgicos não está incluída entre as atividades essenciais, onde a greve é proibida, o Sr Celito de Grandi disse "não caber ao Ministério do Trabalho declarar a sua ilegalidade".

"A ilegalidade ou não da greve, neste caso, será decidida pela Justiça do Trabalho, se o problema a ela for encaminhado", ressaltou o Sr Celito de Grandi. Por outro lado, o Ministro Arnaldo Prieto considerou uma "decisão inusitada" a que foi dada pelo Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais, que, embora considerando ilegal a greve de trabalhadores de três indústrias mineiras, concedeu aumentos escalonados acima do índice oficial de 43%. "E' realmente uma decisão inusitada, mas vou colher maiores informações sobre a sentença, para ter uma visão melhor", resumiu o Sr Arnaldo Prieto.

Volta ao trabalho

Belo Horizonte — Sob a vigilância de soldados da PM e agentes do DOPS, os operários da Fiat Automóveis, em greve desde segunda-feira, começaram a retornar ontem ao trabalho, a partir das 11h, depois que a empresa distribuiu circular comunicando a decisão do Tribunal Regional do Trabalho que, no dia anterior, apesar de declarar a ilegalidade da greve, concedeu aos metalúrgicos aumentos superiores ao índice oficial do Governo.

À porta da fábrica da Fiat, em Betim, os trabalhadores afirmaram que foram obrigados a retornar ao trabalho sob a coação dos policiais e da vigilância interna da empresa, que ameaçava de demissão aqueles que insistissem na greve. Na Krupp, os 500 metalúrgicos em greve foram dispensados pela manhã, alertados de que só poderiam comparecer à fábrica na segunda-feira se estivessem dispostos a trabalhar. Na FMB S. A. — Produtos Metalúrgicos, os 1 mil 500 grevistas continuaram parados.

Embora o assessor de imprensa da Fiat, Lindolfo Paolieli, assegurasse que os 1 mil 600 operários presentes na fábrica na manhã de ontem tinham retornado espontaneamente ao trabalho, os metalúrgicos, à saída, diziam que 70% deles permaneceram em greve durante toda a manhã e que os restantes só trabalharam por causa da intimidação do DOPS e da PM.

Segundo eles, alguns operários foram transportados em viaturas da segurança interna da Fiat, cujos agentes os intimavam a trabalhar com ameaças de demissão.

Informe Econômico

Ueki deu sinal verde

Em reunião realizada na última quarta-feira, em Brasília, entre o Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, o diretor-geral do DNAEE, Oscar Pimentel, o Procurador-Geral do MME, Antonio Lenzi, e o presidente da Cataguases-Leopoldina, Ivan Botelho, o Ministro Ueki reconfirmou que o DNAEE já havia dado sinal verde há 30 dias para a compra da Mineira pela Cataguases. E, reautorizou a Cataguases a prosseguir nas negociações.

Depois de tão enfáticas declarações do Ministro Ueki, que este fim de semana está no Irã tratando de negócios e, em seguida, vai para a China concluir negociações de troca de minério de ferro por petróleo, e da nota da CVM só reconhecendo uma oferta pública (a da Cataguases), deveriam diminuir as pressões da Cemig para assumir o controle da Mineira.

* * *

Mas foi o próprio Ministro Shigeaki Ueki que revelou ao presidente da Cataguases, Ivan Botelho, existirem, agora, complicadores políticos para a concretização da operação, porque o Governador de Minas, Ozanan Coelho, estava contra.

Ueki reafirmou que a proposta da Cataguases era legal, estava dentro das normas estabelecidas pela CVM, e que a Cemig devia dar solução a seu interesse através de uma oferta pública, embora o Ministério das Minas e Energia, através do DNAEE — Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica — já tivesse dado o sinal verde à Cataguases.

* * *

O Ministro das Minas e Energia, que retorna ao Brasil dia 14, só não disse que o impasse para a negociação está localizado um dia após sua volta ao país: as eleições de 15 de novembro. Até lá, o Governador Ozanan Coelho e o Prefeito de Juiz de Fora, ambos da Arena e do antigo PSD e principais articuladores da compra da Mineira pela Cemig, devem ficar à espera dos resultados das urnas.

Ciclagem

O Brasil ainda não perdeu a esperança de convencer o Paraguai a mudar sua ciclagem de 50 para 60 ciclos.

Esta é mais uma das questões de Itaipu que se pensava definitiva e que continua em aberto.

Pôquer siderúrgico

Durante recente encontro de siderurgistas no Rio, encontram-se dois velhos amigos que já não se viam há algum tempo.

Conversa vai, conversa vem, sempre em torno dos problemas siderúrgicos, ante as dificuldades de recursos para atacar os projetos, um deles lembra com entusiasmo:

"Bons tempos aqueles do pôquer siderúrgico, quando Sarcinelli Garcia era secretário-executivo do Consider. A gente chegava com um projetinho de 500 mil toneladas e ele logo respondia com um lance maior: os seus 500 mil e mais 1 milhão e 500 mil".

Segurança no "open"

Depois dos problemas surgidos com a recente crise no open market*, o Banco Central está, mais do que nunca, interessado em ampliar a segurança das vultosas operações diariamente realizadas no mercado monetário.*

Além de aumentar as exigências em termos de capital e reservas para as corretoras e distribuidoras operarem no mercado, o BC está acelerando a implantação, até o início de 1979, da clearing house *para LTNs, inclusive com técnicos da Gerência da Dívida Pública do Banco Central estagiando nos Estados Unidos para observar falhas possíveis do sistema.*

* * *

A clearing house *do BC permitirá a liquidação simultanea das operações de troca de custódia de LTNs entre instituições financeiras e a compensação dos cheques, evitando-se o problema ocorrido com a Tema Distribuidora, que emitiu cheque sem cobertura no valor de Cr$ 30 milhões à Trans-ação.*

Ao Banco do Brasil, que já custodia ORTNs, ao Banerj, ao Banespa e ao Banco de Crédito Real de Minas Gerais, devem caber a operação de outras clearings*, para compensação de cheques e troca de custódia em ORTNs, obrigações estaduais, certificados de depósito bancário e letras de cambio, entre outros papéis.*

Fiscalização

Aliviado da responsabilidade de acompanhar os negócios do mercado de ações: "felizmente isso tudo agora é com o Roberto" (Teixeira da Costa, presidente da CVM), o diretor de mercado de capitais do Banco Central, Sérgio Ribeiro, disse que se tem ampliado bastante a fiscalização sobre as instituições financeiras, inclusive as que atuam no open market.

"A fiscalização já está atuando sozinha. Basta uma denúncia nos jornais — como altas taxas de juros das financeiras — para os inspetores do Banco Central entrarem em cena", afirmou Sérgio Ribeiro.

Carter deve assinar nova Lei do Imposto de Renda para quem vive no exterior

Noênio Spinola
Correspondente

Washington — A Lei que regula o Imposto de Renda dos norte-americanos vivendo no exterior foi efetivamente votada pelo Comitê conjunto do Senado e da Camara, e depende apenas da assinatura do Presidente Carter, o que, segundo o perito em assuntos fiscais Úlrico Reale, é apenas uma questão de dias.

Nos termos da nova Lei (H.R. 9251) a simples exclusão permitida antes da reforma de 1976 e na reforma realizada este ano foi eliminada, adotando-se em seu lugar um sistema de deduções por itens especificos. Assim, por exemplo, um executivo norte-americano que alugar um apartamento num bairro mais coro do Rio poderá descontar a diferença do equivalente nos Estados Unidos. Uma tabela de valores especificos ainda será elaborada pelo Departamento de Estado ou do Tesouro, regulamentando a Lei.

POLEMICA SERIA

A questão de como taxar os norte-americanos vivendo no exterior (na maior parte dos casos executivos com alto padrão de vida ou peritos transferidos pela matriz para implantarem novos projetos) despertou uma polêmica sem precedentes aqui. Uma corrente defendia no Congresso a tese de que o Imposto de Renda não poderia permitir a formação de um grupo privilegiado vivendo no exterior, enquanto outra alegava que sem vantagens excepcionais os empresários e os técnicos não abandonariam as comodidades oferecidas pelo alto padrão de vida norte-americano para ir a outros paises.

Úlrico Reale é um perito que representou empresários e associações radicadas na América Latina perante o Congresso, e de seu gabinete sairam várias sugestões incorporadas à nova Lei. Disse ele que o compromisso afinal obtido fica entre os 310 milhões de dólares da Lei prevista pelo Senado e os 545 do projeto da Camara. Os custos finais para o Tesouro são, agora, estimados em 381 milhões de dólares para o ano calendário de 1977.

Entre outros pontos, a nova Lei prevê o seguinte:

1. Os contribuintes poderão continuar a excluir uma substancial fatia de sua renda, considerando-se o ano fiscal de 1977. Atrasou-se formalmente, em consequência, a aplicação do Tax Reform Act, de 1976.

2. Considerando-se que a nova Lei tem vigência a partir de janeiro de 1978, os contribuintes terão para este ano a opção de usar as novas provisões adotadas na semana passada pelo Congresso ou a Seção 911 da Lei de Reforma Fiscal de 1976.

3. Permite-se a dedução de despesas com ensino (até o décimo segundo grau), comparando-se com o equivalente nos Estados Unidos. Outras deduções permitidas: viagem **(round trip)** em casos de locomoção, despesas de remoção (com restrições), despesas com moradia (comparando-se o excedente pago com o padrão de habitação norte-americano). A Lei também estabelece que se fixará um diferencial a ser aplicado para compensar o excesso de custo de vida no exterior em comparação com a cidade de Nova Iorque, dado um salário de referência de 32 mil dólares. No caso do Brasil, algumas regiões foram consideradas como áreas excepcionais para efeito de compensação, pelas dificuldades de vida. Isto se aplica ao caso de Belém, Acre, Amapá, Amazonas, Cuiabá, Goiás, Rondônia, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Piauí e Rio Branco.

GM fará bom negócio com a China

Tóquio — O diretor-executivo da General Motors Corporation, Thomas Murphy, declarou, ontem, ao voltar de uma viagem a Pequim, que "estabelecemos as bases para aumentar nossos negócios na China". Disse que os chineses têm grande interesse em manter negócios com o Japão e outros paises do Ocidente.

Segundo Murphy, a GM pretende vender locomotivas diesel, maquinaria para construção de ferrovias e outros equipamentos pesados à China. Sua visita foi feita a convite do Ministro de Construção de Maquinaria da China, e Murphy foi recebido pelo Vice-Primeiro-Ministro Chen MuhHua, encarregado das relações econômicas internacionais.

Livre debate sobre a política econômica acaba com "economês"

Sílio Boccanera
Correspondente

Los Angeles — Quando os cidadãos participam do processo decisório sobre a econômica do país, acabam aprendendo alguma coisa do jargão economês habitualmente impenetrável. Na verdade, não é tanto que aprendam a linguagem complicada: forçam os especialistas a se expressarem de forma mais clara.

Esta é uma das lições que se pode tirar da experiência recente na Califórnia — com reverberações pelo resto dos Estados Unidos — da chamada Proposição 13, aprovada em referendo em junho último durante as eleições prévias estaduais que habitualmente antecedem o pleito de novembro.

O que a Proposição 13 instituiu foi um corte substancial de até 57% no Imposto Predial, que vinha aumentando aceleradamente na Califórnia, a par com a especulação imobiliária. Casas e apartamentos são avaliados periodicamente pelo Estado e, quando seu preço de mercado aumentava, o Imposto Predial correspondente subia no mesmo ritmo acelerado, mesmo quando o proprietário não estava interessado em vender.

Detalhe importante no caso é que a proposição 13 não nasceu de elocubrações sigilosas em gabinetes enfumaçados de politicos. Foi uma iniciativa popular, levada a voto graças à obtenção de assinaturas de eleitores do Estado em supermercados, praças, portas de cinema e outros locais de aglomeração. Foi assim o povo decidindo levar a voto um assunto que o interessava e que os politicos profissionais não tinham se preocupado em propor.

Obtido o número minimo de assinaturas legitimas exigido por lei, a proposta foi colocada na cédula e os californianos mergulharam numa extensa discussão sobre os efeitos da medida na econômia do Estado e, principalmente, as implicações para o bolso de cada um.

Este último detalhe talvez tenha sido um dos mais importantes no processo de aprendizado prático de economia em poucas semanas. Forçado repentinamente a discutir o orçamento do Estado, as diversas fontes de renda disponiveis aos cofres públicos, a variedade de impostos e sua alocação, o californiano exigiu de seus lideres politicos que dissecassem a econômia do Estado, fosse através da imprensa (veiculo mais prático para isso) ou de reuniões e audiências populares em escolas, igrejas, centros comunitários.

Nada de complexas equações, revestidas de um linguajar que se autojustifica como "o único jeito de explicar", posição que muitos criticam como elitista, pois se basearia no principio de que "se o cidadão comum não entende, azar o dele". O californiano não foi às livrarias comprar dicionários de economês — apenas forçou os economistas a falarem inglês.

Antes do referendo, a discussão sobre a Proposição 13 girou em torno da necessidade de reduzir os impostos estaduais que vinham aumentando à medida em que cresciam as despesas do Governo de Sacramento.

O Imposto Predial é a principal fonte de arrecadação fiscal na Califórnia, por isso a batalha concentrou-se na necessidade de diminui-lo. Ao se estudar esse Imposto, constatou-se que muitos proprietarios, principalmente os de renda fixa e baixa, não aguentavam as consequências de manter às vezes a casa em que moravam, valorizada no mercado e por isso alvo de impostos crescentes.

Paralelamente, debatia-se o perfil da arrecadação estadual e as consequencias de um corte de impostos no dia a dia das comunidades: Fechariam as bibliotecas públicas? Professores seriam demitidos? Policia e bombeiros ficariam ameaçados por cortes de verbas? Neste processo, dissecou-se o orçamento do Estado, questionou-se as diversas despesas públicas e o público foi aprendendo.

Soube-se, por exemplo, que na Capital, em Sacramento, planejava-se gastar 100 mil dólares para pintar um painel num prédio público a fim de fazê-lo "desaparecer" na paisagem. Protestos, gritos e o projeto foi eliminado, juntamente com outros na mesma linha do supérfluo.

Reflexo do espirito do contribuinte californiano nesta era de "revolta fiscal", como a imprensa resolveu batizar o movimento antiimpostos, foi a pressão que os habitantes de Los Angeles fizeram contra o oferecimento puro e simples de sua cidade como sede das Olimpiadas de 1984. Podem trazer os Jogos Olimpicos para cá — os cidadãos locais disseram a seus lideres municipais — mas só diante de um contrato que tire da cidade qualquer responsabilidade por prejuizos financeiros. Em outras palavras, os contribuintes locais quiseram estar seguros de que o dinheiro de seus impostos não seria aplicado sem retorno, numa festa de grandes proporções. A intransigência foi mantida e até os rigidos dirigentes do Comitê Olimpico Internacional acabaram cedendo.

Ainda na discussão da Proposição 13, o californiano descobriu que o Estado vinha obtendo superávit no seu orçamento, um extra que no ano fiscal corrente atingiria 5 bilhões de dólares (metade do volume de exportações anuais do Brasil). A quantia iria engordar os cofres do Estado embelezando os livros de contabilidade (nada desprezivel num ano de eleições), mas não beneficiava o bolso do contribuinte. Após a aprovação da Proposição 13, os politicos estaduais foram forçados a distribuir o superávit pelos setores prejudicados com o corte de impostos.

A lição foi aprendida: o eleitor californiano exigiu a redução dos impostos, aprovou-a no voto, à revelia de muitos politicos, e enviou ondas de choque pelo resto do país, com os brados de revolta dos impostos. Por trás de toda a discussão, havia um principio ainda mais básico: o Governo e seus economistas nada têm que tratar às escondidas ou em linguagem cifrada, pois são escolhidos pelos eleitores para cuidar do interesse coletivo.

Seria ingenuidade acreditar que os politicos da Califórnia servem ao interesse do povo, enquanto os do resto do país e do mundo são incompetentes ou corruptos.

Uso da energia solar cresce no país

São Paulo e Brasília — O aproveitamento da energia solar, através do processo de utilização direta, cresce sensivelmente no Brasil, onde existem funcionando mais de 500 sistemas coletores e são boas as perspectivas de seu uso, principalmente no campo industrial, no qual as grandes indústrias começam a mostrar interesse. Também vem crescendo bastante o número de sistemas instalados em residências.

No início deste mês, foi concluído o estudo de viabilidade para instalação de unidades solares em núcleos de colonização no Mato Grosso, Bahia e algumas áreas do Nordeste, como resultado do acordo de cooperação tecnológica firmado em 1976 entre Brasil e França para aproveitamento da energia solar. Pelo menos mais sete importantes projetos nesse campo estão sendo financiados pelo Governo federal.

Sinal verde

As unidades solares nos núcleos de colonização servirão para bombeamento de água, irrigação de lavouras e geração de energia elétrica para as pequenas comunidades. Os técnicos acreditam que até o final deste ano o Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, deverá dar sinal verde para a instalação das primeiras, quando serão definidos os recursos. O projeto será desenvolvido pela Secretaria de Tecnologia do Ministério e pelo Comissariado de Energia Atômica da França, que cuida de pesquisas de aproveitamento da energia solar e transferirá tecnologia ao Brasil.

Dos Cr$ 438 milhões destinados pelo Governo federal para pesquisas de fontes não convencionais de energia no triênio 1977/1979, apenas Cr$ 104 milhões — ou seja 24% — estão sendo empregados em pesquisas sobre energia solar, segundo informou o coordenador do Projeto Ipiranga, Sr Ivan Araripe de Paula Freitas.

Este projeto visa ao desenvolvimento tecnológico de fontes alternativas de energia (carvão, biomassa, ventos, marés, ondas, hidrogênio, etc) e está sendo centralizado na Secretaria de Tecnologia do Ministério das Minas e Energia. Abrange, em energia solar, 21 projetos específicos que visam a um melhor aproveitamento desta fonte de energia natural.

A tendência, segundo os técnicos, é haver uma dinamização das pesquisas sobre energia solar a partir do próximo Governo: O Ministério está ativando a cooperação com a Secretaria de Energia Solar francesa; o documento básico do Projeto Ipiranga, a ser aprovado pelo Ministro Shigeaki Ueki, ainda este ano, prevê a criação de uma camara setorial específica para este tipo de energia, e seu orçamento para o próximo ano deverá ser cinco vezes maior do que o de 78, que foi de Cr$ 10 milhões.

Projetos

A maior parte dos recursos alocados para as pesquisas sobre energia solar é proveniente da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), vinculada à Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Dos Cr$ 104 milhões alocados, para o triênio 77/79, Cr$ 38,6 milhões (37%) serão gastos pela Universidade Federal da Paraíba, Cr$ 35,1 milhões (34%) pela Unicamp, Cr$ 15,3 milhões (15%) pelo Coppetec da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os técnicos explicaram que os estudos sobre a utilização da energia solar se desenvolvem em diferentes fases: pesquisa propriamente dita, desenvolvimento, demonstração e industrialização. Apesar de o Brasil não se encontrar na vanguarda mundial das pesquisas de fontes alternativas de energia (nos Estados Unidos serão gastos somente este ano 1,5 milhão de dólares, na Alemanha 368 milhões de marcos e na França, já em 1985, estarão funcionando 2 milhões de aquecedores solares), recentemente foi fundada a Associação Brasileira de Fabricantes de Coletores Solares, reunindo cerca de dez firmas que produzirão em série este aparelho, principalmente para fins demonstrativos.

Eis os principais projetos em desenvolvimento:

— Criação do centro nacional de radiação pelo Instituto Nacional de Meteorologia. Este centro será criado em Brasília e terá como função processar e divulgar os dados obtidos pela rede solarimétrica e calibração de instrumentos. Recursos: Cr$ 2,8 milhões.

— Estudos das perspectivas a longo prazo da utilização da energia solar no Estado de São Paulo. Projeto desenvolvido pelo Centro de Tecnologia da Promon e encomendado pela CESP. Recursos: Cr$ 7 milhões.

— Projeto e construção de casas com aproveitamento da energia solar. Desenvolvido pela Unicamp, que o terminará em 1980, e terá recursos de Cr$ 12,1 milhões.

— Fabricação de instrumentos para medição de intensidade da radiação solar, em desenvolvimento pela Universidade Federal da Paraíba com recursos do CNPQ no valor de Cr$ 2 milhões.

— Sistemas de alta concentração. Também na Universidade Federal da Paraíba, com recursos do Banco do Nordeste, no valor de Cr$ 3,9 milhões.

— Desenvolvimento de máquinas térmicas e dessalinizadores solares. Também na Universidade Federal da Paraíba, com recursos da Finep, no valor de Cr$ 32,3 milhões.

— Conversão de energia solar e refrigeração. Projeto da Unicamp com recursos da Finep de Cr$ 23 milhões.

Notícia sobre as turbinas de Itaipu surpreende a Argentina

Brasília — Porta-voz da Embaixada da Argentina afirmou ontem que se de fato o Brasil já havia se decidido, há mais de um ano, a instalar mais duas turbinas suplementares em Itaipu, conforme informações publicadas no JORNAL DO BRASIL, "pode-se supor que um dado fundamental foi deliberadamente ocultado durante todas as conversações trilaterais, apesar da insistência quase obsessiva com que o tema das turbinas foi sempre discutido".

Manifestando profunda surpresa pelas informações publicadas ontem no JORNAL DO BRASIL — fonte do setor energético esclarecia que "a medida em nada prejudicará a usina de Corpus", o porta-voz da Embaixada argentina lembrou que, há pouco tempo, autoridades do setor energético, ao ratificarem que Itaipu contaria com apenas 18 turbinas, classificaram de absurdas as preocupações da Argentina em relação a uma eventual modificação no sistema operacional da hidrelétrica paraguaio-brasileira.

Documento

A fonte argentina salientou, ainda, que nas negociações que se prolongaram por um ano, e da qual participaram os mais altos representantes do setor energético brasileiro, a idéia de se modificar o número de turbinas em Itaipu sempre foi rechaçada. Lembrou, também, o diplomata argentino que um documento, elaborado pelo setor técnico, e datado de novembro do ano passado, afirma textualmente que "Itaipu contará com 18 turbinas geradoras".

Sobre a possibilidade de que as duas turbinas adicionais de Itaipu venham a ser utilizadas no futuro, o diplomata argentino comentou que há poucos dias, uma alta fonte da Itaipu Binacional declarou que nada impedia que as 20 turbinas funcionassem simultaneamente, de acordo com as condições existentes.

Lembrou, ainda, que o próprio Ministro das Minas e Energia, Sr Shigeaki Ueki, ratificou indiretamente esta possibilidade quando declarou, durante a solenidade do desvio do rio Paraná, que do ponto-de-vista de águas abaixo, daria no mesmo se o caudal do rio passasse pelas turbinas ou pelo vertedouro.

Justa distribuição

Na opinião do porta-voz da Embaixada da Argentina, não há razões para se duvidar de qualquer compromisso assumido em relação à operação de Itaipu. "Porém, acrescentou, a colocação real do problema não consiste nos prejuízos que poderão ser causados com a utilização de duas turbinas adicionais, e sim, na avaliação de uma justa distribuição de benefícios que resultariam do melhoramento de Itaipu.

Acrescentou o porta-voz argentino que caso a utilização de duas turbinas adicionais em Itaipu seja um dado novo, prevendo-se a existência da Usina de Corpus no futuro, é necessário uma reapreciação da relação custo-benefício "pois caberia indagar se Itaipu pensaria em duas turbinas suplementares *para manutenção* se a Usina de Corpus não existisse. "Não se trata da instalação de 20 ou de 30 unidades geradoras em Itaipu, porém a forma com que este fato novo refletirá nas negociações realizadas até o momento", explicou o porta-voz.

A Embaixada da Argentina refutou, ainda, as declarações procedentes do setor energético, que "os argentinos terão que entrar em acordo com o Brasil para poderem construir Corpus acima de 98 metros. Trata-se de uma tentativa inoportuna de lição de Direito Internacional, pois a cota de Corpus incide águas acima, e o que estamos negociando — a operação de Itaipu — ocorre águas abaixo", concluiu.

Brasil e Paraguai trocam notas

Os Governos brasileiro e paraguaio deverão proceder, na próxima semana, à troca de notas oficializando a ampliação do número de turbinas de Itaipu, de 18 para 20. As notas estabelecerão garantias mútuas, de Governo a Governo, e uma auto-restrição, pois nelas ficará explícito que Itaipu só operará simultaneamente o máximo de 18 turbinas.

Fontes brasileiras do setor entendem que se dará maior garantia ainda à Argentina quanto à operação de Itaipu, ressalvando todas as suas preocupações quanto à vazão do rio Paraná, pois será o primeiro documento em que o Brasil e o Paraguai se comprometem formalmente a não operar em Itaipu mais do que 18 turbinas ao mesmo tempo.

A minuta da nota, aprovada na reunião de quinta-feira, entre brasileiros e paraguaios, no Itamarati, prevê que Itaipu terá mais duas turbinas, porém não vai alterar sua potência instalada, que continuará sendo de 12 milhões 600 mil kW.

Da minuta, que a delegação paraguaia à reunião deverá apresentar ao Presidente Alfredo Stroessner amanhã, consta, também, que as duas turbinas de reserva representam uma garantia quanto à confiabilidade de operação do sistema de Itaipu, em face da diminuição de potência causada por Corpus numa cota acima de 100 metros.

Chanceleres

Em Buenos Aires, o Ministro da Indústria e do Comércio do Paraguai, Delfin Ugarte Centurion, afirmou ontem, ao chegar com uma missão comercial de seu país, que a reunião entre os Chanceleres do Brasil, Argentina e Paraguai "está próxima".

Sobre o número de turbinas de Itaipu, o Ministro afirmou que "tem-se falado sempre em 18 turbinas, mas há duas mais acessórias, o que quer dizer que sempre funcionarão apenas 18".

Sobre a reunião dos Chanceleres, disse que "se está trabalhando com a melhor disposição" nesse sentido.

EUA esperam pouca novidade a curto prazo

Na Califórnia, a energia solar já está sendo utilizada para secar frutas, lavar latas de sopa, movimentar uma grande lavanderia ou esquentar e esfriar vasilhas de fermentação de uma indústria de vinhos. Apesar disso — e dos bilhões de dólares que lhe estão sendo destinados tanto pelo Governo quanto pelo Congresso norte-americanos — a energia solar ainda é ineficiente e cara, e não há qualquer perspectiva de grandes novidades tecnológicas para romper este impasse.

"É perfeitamente possível se pensar numa possibilidade de 10% a 15%", disse o Secretário de Energia dos Estados Unidos, James Schlesinger, à revista **Business Week**, a respeito do percentual provável da energia solar no fornecimento total de energia nos Estados Unidos no ano 2 000. Mas os mais otimistas falam até de 20% a 25%.

Cerca de 37 Estados já oferecem incentivos para a indústria solar, mas a Califórnia é, de longe, o que dá mais atrativos, inclusive pelo Governo federal. Calcula-se que 50 mil sistemas de captação de energia solar serão instalados até o fim do ano e as deduções fiscais, até 55% do custo de compra e instalação de um sistema, para os proprietários de imóveis, deverão estimular, por sua vez, a construção de 170 mil unidades até 1980. Cerca de 30 leis estão em tramitação a respeito do assunto no Legislativo estadual, e os californianos sonham com uma indústria de 4 a 7 bilhões de dólares no fim da próxima década, com a criação de 50 mil empregos.

Não que o fato de a Califórnia ser um Estado especialmente favorecido pelo sol seja de grande valia para a colocação dos coletores solares. Embora os coletores sejam menos eficientes em regiões de névoa que nas ensolaradas, as exigências de aquecimento doméstico das primeiras são tão altas que a contribuição da energia solar pode ser mais necessária e econômica para reduzir as despesas. No Sudoeste do país, ao contrário, onde espaço e sol são abundantes, também existe gás natural barato à disposição, tornando os coletores pouco competitivos atualmente.

Os coletores normais, entretanto, não têm capacidade para captar grandes temperaturas e, assim, não são passíveis de concorrer no mercado de aquecimento industrial, tornando-se incapazes de produzir energia para ar condicionado de grandes firmas, por exemplo. Por isto, eles permanecerão por algum tempo confinados ao mercado de residências, assim como ao mercado potencialmente grande de aquecimento dágua de edifícios comerciais.

Os derivados mais sofisticados, ao contrário dos coletores domésticos, por seu porte e complexidade tecnológica, não podem funcionar em dias de névoa, mas apenas nos ensolarados, já que não conseguem focalizar luz difusa. Sua manutenção também tem apresentado problemas, pelo que Schlesinger admite que "estamos tentando aperfeiçoar uma tecnologia num tempo limitado. Haverá alguns desapontamentos".

A curto prazo, além da falta de perspectivas tecnológicas importantes, nada há de provável quanto à redução de custos. E esta tem sido uma das preocupações do Governo norte-americano: "Creio que somos certamente a favor de um grande esforço técnico da parte do Governo e do setor privado, mas devemos tornar a energia solar — tal como qualquer outra fonte de energia — algo que possa ser inserido dentro do orçamento doméstico", adverte Schlesinger.

Paulistas lideram emprego

São Paulo — Sistemas coletores de energia solar vêm sendo instalados neste Estado em hotéis, motéis, indústrias, piscinas, hospitais e residências, com sua utilização desenvolvendo-se rapidamente nesses últimos anos. O Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, por exemplo, terá ainda este ano aquecimento totalmente solar.

Na Capital, o hospital a ser construído na Cidade Universitária (USP) contará com mil metros quadrados cobertos de coletores solares, para o fornecimento de água quente e acionamento de caldeiras. Só nesse projeto a economia prevista é de 180 toneladas de óleo combustível por ano.

Crescimento

Na Capital e no interior começam a surgir empresas fabricantes de coletores de energia solar, a exemplo da Solaterm, da Solarcenter, da Resil Solar e da Sonar. A Solaterm, que atua nesse campo há pouco mais de dois anos, em ritmo industrial, vende, hoje em dia, de 20 a 30 coletores solares por mês.

O diretor da Solaterm, Reinaldo Kolb, explica que os negócios estão tomando grande impulso: "Começamos apenas com o aquecimento central de residências, e há um ano iniciamos o aquecimento também de piscinas. Nos últimos meses entramos no campo industrial e está havendo o interesse de muitas empresas". Observou que, com o decreto-lei proibindo, a partir de março de 1979, o uso de gasolina e óleo para aquecimento, "o interesse aumentou mais ainda".

A tecnologia utilizada, segundo o Sr Reinaldo Kolb, foi pesquisada durante cinco anos: "Temos os sistemas de coletor com grade de energia solar, que usa tubos de polietileno, barato e prático e muito usado no mercado brasileiro, e também na Alemanha e Estados Unidos, em grande escala. Para se aquecer um tanque de 150 litros o preço é de Cr$ 9 mil. Uma piscina de 50 mil litros, pelo mesmo sistema, fica em Cr$ 24 mil 600. O sistema mais caro custa em torno de Cr$ 70 mil".

Na Capital, a maior quantidade de coletores solares está instalada nos bairros sofisticados do Morumbi e Granja Julieta e também em residências de campo. Além dos aquecimentos em residências, utilização da energia solar se aplica principalmente em fornos, motores e baterias solares.

Hospitais

Com projeto da Funcamp (Fundação Unicamp), o Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas começará a funcionar, em sua primeira fase, ainda este ano, com aquecimento totalmente solar. O sistema é controlado por um painel semelhante a um computador, desenvolvido pela Resil Solar S.A.

Os quatro conjuntos de coletores, de 125 metros quadrados cada um, são colocados em paralelo e servidos por um sistema de circulação forçada e um fluido trocador de calor. A capacidade total de armazenamento, incluídos os trocadores armazenadores do sistema solar e o armazenamento da instalação térmica tradicional, atinge aproximadamente a 40 metros cúbicos de água quente, o equivalente ao gasto diário do hospital quando estiver em funcionamento.

Um conjunto de 20 aparelhos, destinado a captar a energia solar para aquecimento de água, está sendo utilizado há um mês pela Neomater-Maternidade e Pediatria, em São Bernardo do Campo. Até o momento, segundo os diretores do hospital, o equipamento vem apresentando bons resultados, mantendo a água numa temperatura média de 80 graus centígrados.

As unidades, fabricadas e montadas pela indústria carioca FAET (Fábrica de Aparelhos Eletrotécnicos), não requerem necessariamente a ação direta dos raios solares. "Basta somente — disse o diretor financeiro Abrahão Marisck — que haja uma pequena luminosidade. Apesar de observarmos em São Bernardo do Campo grande variações climáticas, por enquanto, os aparelhos não apontaram nenhum problema".

Uso na Paraíba

João Pessoa — Quando o angolano Arnaldo Ferreira, que está montando uma indústria de suco de frutas tropicais na Paraíba, alugou por Cr$ 12 mil por mês a casa do professor Raimundo Oliveira, em Tambaú, não contava com a surpresa. Lá encontrou um aquecedor solar e, à primeira vista, pensou que ele fosse supérfluo. Passados 15 dias, sua família já não economiza adjetivos para elogiar o invento, pois o banho quente, ao contrário das outras residências, não depende mais da energia elétrica. Esta é a única casa na Paraíba que já está utilizando praticamente a energia solar.

Mas os mesmos adjetivos são empregados pelos funcionários da clínica do Serviço de Citologia e Colposcopia da Paraíba, onde foi montado um destilador solar, que até agora vem produzindo ótimos resultados. Os planos dos pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba não páram aí: agora mesmo estão ultimando os detalhes para instalar destiladores portáteis em residências do interior do Estado, principalmente em pequenas comunidades com problemas energéticos.

Já no plano industrial, passada a fase de pesquisas, dos avanços e dos recuos, estes provocados essencialmente pela falta de recursos, os defensores da aplicação da energia solar partiram para os projetos de pré-aquecimento. Há várias empresas comprometidas com o programa de coletores planos solares, como a Metalouças, de Campina Grande, e outras indústrias, que desejam aproveitar a energia solar para secar a ceramica antes de colocá-la no forno.

No entanto, a tarefa de secagem é mais ampla. E no próprio núcleo de pesquisas de alimentos da Universidade da Paraíba, os secadores solares são usados para desidratar frutas, como baana (produção de farinha de banana para alimentação infantil), caju e abacaxi (para aumentar a vida útil). A aplicação dos secadores se estende aos peixes e esta última atividade dentro de pouco tempo atingirá uma escala industrial.

Quanto aos planos existentes, não são poucos. Um dos mais importantes, na opinião dos técnicos da Universidade da Paraíba, é o de instalação de destiladores de porte médio em áreas do interior do Estado, beneficiando uma comunidade ainda carente dos prazeres proporcionados pela tecnologia moderna e sofisticada. Apesar de reclamarem da pouca atenção que alguns segmentos da sociedade dão aos seus projetos, os pesquisadores se sentem recompensados quando escutam opiniões como a da filha do angolano Arnaldo Ferreira, Ana Isabel: "Quando a gente sair daqui dessa casa vai procurar outra que tenha também aquecedor solar". Como o contrato de aluguel é de um ano, é possível que até lá ela encontre mesmo.

No Rio

As construtoras são, na opinião do vice-coordenador do Projeto Coares, da UFRJ, Miguel Angelo Gregório, um dos entraves à popularização dos aquecedores solares de água. Segundo o professor, os novos projetos de edifícios deveriam levar em conta a utilização do equipamento, "evitando que mais tarde se gaste mais na instalação dos aquecedores".

O Projeto Coares é um dos vários que estão sendo realizados na Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da UFRJ, financiados pela Finep, e no momento está desenvolvendo um aquecedor solar para médias temperaturas, com emprego industrial.

O professor Miguel Angelo Gregório explicou que um aquecedor solar precisa ter dois metros quadrados para atender a uma família de quatro pessoas, o que torna "impossível instalá-lo em edifícios com mais de 10 apartamentos, por falta de área útil onde montá-los".

"Se o projeto original do edifício já previsse a instalação dos coletores e todos os seus equipamentos" — prosseguiu o professor — ficaria mais fácil e os moradores, embora pagassem um pouco mais pela construção, teriam um retorno a médio prazo na economia que fariam não tendo de usar aquecedores elétricos ou a gás".

Explicou que, no momento, pelo menos na área do Rio, o mercado para os aquecedores solares é muito pequeno porque só podem ser instalados em casas, cujo número decresce. Assim o uso dos aquecedores solares ainda é muito restrito, a não ser que a indústria imobiliária resolva adotá-lo".

O aquecedor para médias temperaturas — na faixa dos 100 aos 300 graus — está em fase final de projeto e, segundo o professor Miguel Angelo Gregório, a montagem do primeiro protótipo dependerá da verba que a Finep enviar. Esse aquecedor se constitui de espelhos parabólicos que concentram os raios solares num determinado ponto, podendo trabalhar com ou sem sol. Sua aplicação maior seria nas indústrias alimentícias e têxteis, podendo, também, gerar energia elétrica, embora a conversão da energia solar em eletricidade ainda não tenha uma aplicação econômica.

Um outro projeto de pesquisa da utilização de energia solar está sendo desenvolvido pelo Centro de Tecnologia Promon. É uma pesquisa encomendada pela CESP, com duração prevista de um ano, e servirá para levantar o potencial de energia solar existente no Estado de São Paulo e seu aproveitamento a longo prazo. Um dos pesquisadores, engenheiro Arnaldo Vieira de Carvalho, explicou que o estudo poderá concluir pela instalação de pequenas centrais elétricas em cidades isoladas, compensando o custo de transporte da energia.

Petrobrás prevê investimento de 1 bilhão de dólares no gasoduto

Acordo com a Bolívia só é cumprido na parte do gás

Depois de quatro anos e cinco meses de assinado em Cochabamba, na Bolívia, entre os Presidentes Ernesto Geisel e Hugo Banzer, do Acordo de Cooperação e Complementação Industrial entre o Brasil e a Bolívia só existe de concreto um acordo de intenção assinado no último dia 25 pelos Ministros de Hidrocarburos da Bolívia, Jayme Larrazabal e das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, para a compra pelo Brasil de 400 milhões de pés cúbicos/dia de gás natural no prazo de 20 anos.

O Acordo, assinado numa grande festa no Palácio Portales, residência do **rei do estanho** Simon Patiño, tem por objetivo a implantação de um Pólo Industrial de Desenvolvimento na região Sudoeste da Bolívia e a aquisição, pelo Brasil, de gás boliviano pelo prazo de 20 anos.

O Pólo Industrial terá uma siderurgia integrada e combinada com a mineração de ferro, um complexo petroquímico, uma indústria de cimento, geração de energia e infra-estrutura necessária para o Pólo. Para o gerente geral da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, Sr Luis Salinas Estenssoro, "o Acordo está emperrado, e só foi possível a negociação do gás depois de uma decisão dos dois países eliminando a obrigatoriedade do Brasil em construir em primeiro lugar o Pólo Industrial".

Pressa esquecida

Apesar do Artigo I do Acordo deixar claro que "os Governos do Brasil e da Bolívia concordam em promover, com a possível brevidade, a realização dos objetivos" as negociações ao longo desses anos estiveram praticamente paralisadas e, só a questão do fornecimento de gás boliviano ao Brasil foi discutida.

O documento diz porém, que "a Bolívia está disposta a concretizar a venda de gás natural ao Brasil em conjunção de implantação de um Pólo de Desenvolvimento na região Sudoeste de seu território. O Brasil, além de adquirir gás natural boliviano, está disposto a garantir mercado para produtos industriais do Polo de Desenvolvimento boliviano, a cooperar para o necessário financiamento e a proporcionar assistência técnica por solicitação do Governo da Bolívia".

O gás boliviano

O fornecimento de gás natural boliviano ao Brasil em troca da participação brasileira na construção de um pólo industrial e garantia de mercado para os produtos produzidos neste pólo vem sendo discutido desde 1973, quando foi assinado a Ata de Cooperação entre o Brasil e a Bolívia no Campo dos Hidrocarbonetos, Siderurgia e Outros Projetos Industriais Correlatos. Desde então, começaram as críticas ao acordo que culminaram com a declaração de dois ex-Presidentes bolivianos, Herman Siles Zuazo e Juan José Torres, que acusaram o Governo do Presidente Hugo Banzer de propiciar a política expansionista brasileira" e anunciaram a formação de uma frente oposicionista.

O acordo, entretanto, só começou a ser negociado, apenas no que se refere ao fornecimento do gás, no início deste ano, quando já se previa que o Brasil estivesse consumindo cerca de 240 milhões de pés cúbicos/dia. As negociações se processaram em nível técnico entre a Yacimintos Petrolíferos Fiscales Bolivianos e a Petrobrás e o problema que mais retardou a compra do gás foi a questão do preço.

Os técnicos da Petrobrás argumentavam que o custo do gás boliviano deveria ter como base o preço pago pela Argentina, que hoje é de 1.20 dólar por milhão de pés cúbicos. Os bolivianos alegavam que o prazo de fornecimento de 20 anos é longo e, portanto, o preço teria que ser maior. Finalmente, ficou resolvido que o preço será fixado com base no preço internacional do óleo combustível e deduzido os custos da Petrobrás com o investimento da gasoduto de Santa Cruz de La Sierra à Paulinea, em São Paulo, que será cerca de 1 bilhão de dólares.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Antônio Martins de Oliveira Netto, 89, industrial, na residência em Ipanema. Carioca, era viúvo de Linda Ferreira de Oliveira. Parada cardíaca.

Francisco Pereira da Silva, 69, professor, no Prontocor. Nascido no Rio de Janeiro, casado com Mariza Gomes da Silva, tinha dois filhos (Paulo, Marcos) e três netos. Morava em Copacabana. Enfarte do miocárdio.

Eduardo Lobo Moreira, 43, farmacêutico, no Procárdio. Natural de São Paulo, morava na Tijuca. Solteiro, tinha sobrinhos. Enfarte do miocardio.

Waldemar Ricardo dos Santos, 77, funcionário público, na residência nas Laranjeiras. Carioca, viúvo de Abigail Soares dos Santos. Edema pumonar.

Cecília Barbosa Mansur, 56, no Hospital da Lagoa. Nascida no Rio de Janeiro, morava no Jardim Botanico. Casada com David Mansur, tinha três filhos: Alifas, Arlindo e Elias, além de duas netas. Enfarte do miocárdio.

Carmen Novaes de Figueiredo, 93, na residência no Méier. Carioca, era solteira. Parada cardíaca.

Martha Guimarães Ribeiro, 65, no Instituto Nacional do Cancer. Natural de São Paulo, morava no centro. Casada com José Ribeiro Filho, tinha um filho (Roberto) e netos. Cancer.

Estados

Hilda Rezende Chagas, 79, professora, em Porto Alegre, onde nasceu. Formada em Orientação Educacional, era casada com Fernando Fernandes Chagas, advogado, e tinha três filhas: Regina, Laís e Carmem, todas professoras, formadas em Pedagogia, sendo a última orientadora educacional da Secretaria de Educação e Cultura da Capital gaúcha. Tinha ainda cinco netos e dois bisnetos. Acidente automobilístico.

Manoel Baptista, 73, comerciante, na residência em Porto Alegre. Nascido em Osório (RS), casado com Dila Pereira Baptista, tinha três filhos: Flávio, comerciante, Clélia e Manoel, economista, trabalhando na Aços Phoeniz da Vila Anchieta, Município de Viamão (RS). Tinha também oito netos. Broncopneumonia.

Coração mata sanitarista de 81 anos em atividade

Manoel José Ferreira, 81, sanitarista, Catedrático de Higiene e consultor do Ministério da Saúde em pleno exercício profissional, morreu ontem em sua residência em Copacabana, de enfarte do miocárdio, e ontem mesmo enterrado no Cemitério São João Batista. Ele se destacou no combate às endemias rurais, especialmente na erradicação da malária.

Ex-diretor de Saúde Pública do Estado do Rio e representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde durante a gestão de Marcolino Candau, era professor aposentado da Universidade Federal Fluminense e um dos fundadores de sua Faculdade de Medicina. Tomou parte na última quinta-feira no 2º Seminário de Educação para a Saúde, no Sesc-Tijuca.

POLITICA E SAUDE

Nascido em Petrópolis em 13 de maio de 1897 e formado pela Faculdade Nacional de Medicina, fez carreira como sanitarista. Dirigiu o Serviço Nacional de Malária do Departamento Nacional de Endemias Rurais, do Ministério da Saúde, onde teve atuação destacada na erradicação da doença, principalmente no Nordeste. Foi também membro do Conselho Técnico de Saúde do antigo Estado da Guanabara, tendo representado o Brasil, por vários anos, na OMS.

Era exaltado defensor da necessidade de o país dedicar uma maior parcela de verbas para a saúde pública. Em maio deste ano, durante palestra para os integrantes do Forum de Ciências e Cultura da UFRJ, destacou que o Brasil "apesar de já ter condições de aplicar 10% do seu Produto Interno Bruto em programas de saúde pública só está investindo 3%, o que no seu entender é uma característica dos países subdesenvolvidos "que investem pouco nas coisas que não apresentam impacto político".

CARENCIA

Observou ainda que, como na educação, na área da saúde, os principais investimentos se concentram, no Brasil, em obras arquitetônicas e salientou que enquanto há regiões brasileiras onde se pratica medicina sofisticada "temos de 20 a 30 milhões de pessoas que não têm absolutamente nada, a não ser a parteira, a curiosa, a rezadeira, o curandeiro e charlatães". Como exemplo de má distribuição das verbas de saúde, ele citava a existência da doença de Chagas, que já poderia ser erradicada e no entanto ataca mais de 8 milhões de brasileiros.

Ex-presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, o professor Manoel José Ferreira tinha a Grã-Cruz do Mérito Médico e era membro das Academias Nacional de Medicina e Fluminense de Letras, do Instituto Brasileiro de História da Medicina, das Sociedades Brasileira de Higiene, de Medicina e Cirurgia e Brasileira de Medicina Tropical.

Casado com Rute Ferreira, tinha três filhos: Aurelino Augusto Ferreira, Coronel-Aviador reformado; Sérgio Aurelino, diretor da Denison Propaganda; e Maria Gabriela Blundi, casada com Edmundo Blundi. Tinha também nove netos e dois bisnetos.

AVISOS RELIGIOSOS

LUIZ GALLOTTI

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Maria Antonieta Pires Albuquerque Gallotti, Iára e Luiz Octavio Gallotti e filhos, Lucinha e Helion Póvoa Filho e filhos, agradecem a solidariedade recebida e convidam para a missa em memória do inesquecível e querido marido, pai, sogro e avô LUIZ, que será celebrada amanhã, 2a-feira, dia 30, às 11:30 horas, na Igreja da Candelária.

LUIZ GALLOTTI

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Maria Gallotti Peixoto, filhos e netos, Catarina Gallotti Bayer, filhos e netos, Antonio Gallotti e filhos, Mariazinha Gallotti, filhos e neto, Beatriz Bulcão Vianna Gallotti, filha e netos, irmãs, irmão, cunhadas e sobrinhos agradecem a solidariedade recebida e convidam para a missa em memória do inesquecível e querido LUIZ, que será celebrada amanhã, 2a.-feira, dia 30, às 11:30 horas, na Igreja da Candelária.

LUIZ GALLOTTI

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ José do Patrocínio Gallotti, esposa, filhos e netos, Elizabeth e Mario Vieira de Mello e filha, convidam para a missa em memória do seu querido tio LUIZ, que será celebrada amanhã, 2.ª feira, dia 30, às 11:30 horas, na Igreja da Candelária.

DOROTHY MONTENEGRO LAGE

✚ Dee W. Jackson — Frederico Lage e senhora — Antônio Henrique Lage e Jorge Eduardo Lage e senhora agradecem as manifestações de pesar recebidas pelo falecimento de sua querida esposa, mãe e sogra e convidam para a missa que será rezada em intenção de sua alma amanhã, dia 30, às 11 horas, na Igreja da Irmandade da Santa Cruz dos Militares, à Rua 1.º de Março, 36.

MINISTRO LUIZ GALLOTTI

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ A Diretoria do Jockey Club Brasileiro convida os consócios, parentes e amigos do seu saudoso e ilustre conselheiro ministro LUIZ GALLOTTI, para a missa de 7.º Dia, que por sua boníssima alma, será celebrada, na Igreja da Candelária, 2.ª feira, dia 30, às 11h.30.

MINISTRO LUIZ GALLOTTI

(7.º DIA)

✚ O Conselho de Administração, Diretoria e Conselho Consultivo da Companhia Docas de Santos, convidam os parentes e amigos do seu inesquecível Conselheiro MINISTRO LUIZ GALLOTTI, para a missa de 7.º dia que será celebrada no Altar-Mór da Igreja da Candelária, no dia 30 de outubro corrente, às 11,30 horas.

LUIZ GALLOTTI

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Os sobrinhos do querido tio LUIZ convidam para a missa de 7.º Dia em sufrágio de sua boníssima alma, que será celebrada amanhã, 2.ª feira, dia 30, às 11:30 horas, na Igreja da Candelária.

GENERAL

HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Maria Celeste de Macedo Soares e Silva, Ilka Magalhães de Oliveira, Maria Angela Magalhães de Oliveira, agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido esposo, genro e cunhado General HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA e convidam os demais parentes e amigos para a Missa que mandam celebrar amanhã, segunda-feira, dia 30, às 11,30 horas na antiga Catedral Metropolitana — Rua 1.º de Março, esq. com Rua 7 de Setembro.

MINISTRO LUIZ GALLOTTI

✚ O Conselho Consultivo, Diretoria e Funcionários da Philip Morris Brasileira S.A., convidam para a missa de sétimo dia que será celebrada no dia 30, 2a.-feira, às 11:30 horas, na Igreja Candelária, por alma do seu saudoso Conselheiro Ministro Luiz Gallotti.

GENERAL

HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Almirante Carlos de Carvalho Rego, senhora, filho e nora, General Edmundo de Macedo Soares e Silva, senhora e filhos, Ygia de Macedo Soares e Silva Rocha e Icléa de Macedo Soares e Silva Roxo e filhas, agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido irmão, cunhado e tio General HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA e convidam para a Missa que será celebrada amanhã, segunda-feira, dia 30, às 11,30 horas, na antiga Catedral Metropolitana — Rua 1.º de Março esq. com Rua 7 de Setembro.

GENERAL

HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ Edmundo Henrique, Luiz Carlos e Helio Marcio de Macedo Soares e Silva, agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido pai General HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA e convidam para a Missa que será celebrada amanhã, segunda-feira, dia 30, às 11,30 horas, na antiga Catedral Metropolitana — Rua 1.º de Março esq. com Rua 7 de Setembro.

GENERAL

HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA

(MISSA DE 7.º DIA)

✚ O Conselho de Administração, A Diretoria, e Funcionários da Polimetal Indústria e Comércio S.A., agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu dedicado e saudoso Membro do Conselho de Administração General HELIO DE MACEDO SOARES E SILVA e convidam para a Missa que será celebrada amanhã, segunda-feira, dia 30, às 11,30 horas, na antiga Catedral Metropolitana Rua 1.º de Março esq. com Rua 7 de Setembro.

CANTER

• **O treinador Moacir Canejo foi suspenso pela Comissão de Corridas em reunião extraordinária realizada na tarde de ontem pelo período de seis meses, tendo como base as declarações do jóquei Rangel Carmo, piloto de Vapuaçu, recente ganhador na Gávea, quando causou toda a polêmica.**

• Xis Crack foi retirado do quinto páreo da corrida de ontem porque quando se endereçava para fazer o canter, atrasado, todos os outros competidores à prova já estavam colocados no sarting-gate e prontos para a partida. O cavalo, vaiado, chegou a fazer o galope da apresentação, tendo sido anunciada, então a sua retirada, quando as vaias viraram aplausos.

• **A Secretaria da Comissão de Corrida resolveu que as montarias para as corridas do próximo final de semana serão assinadas na segunda-feira e não na terça-feira, como acontece habitualmente.**

• Lima — A representação peruana que vai competir no festival hípico argentino da próxima semana, viajará hoje para Buenos Aires de forma direta. O general José Rodrigues Razzeto, presidente do Jóquei Club do Peru, disse que são sete os animais do seu país que vão correr na Argentina, segundo ficou resolvido depois de uma seleção entre os melhores exemplares locais.

• **Não é certa a presença de Tuxaua na carreira de abertura da reunião noturna de amanhã no Hipódromo da Gávea.**

• Os alunos da Escola de Aprendizes do Jóquei Clube Brasileiro Silvio Pinto Filho, Joel Barcelos da Fonseca, Vagner Costa Kaspazykowski e Pedro Rocha Filho foram aprovados na terceira prova, realizada anteontem à tarde.

Entre Xemiur, Tibetano e Zanutto, a decisão dos três quilômetros

PRIMEIRO PAREO — AS 14H — 1 600 METROS — RECORDE — LUCCARNO — 1m33s 4/5 — (GRAMA)

1—1	Apple Honey, G. Meneses	5	55	1º (9) Tisch e Fraulein Fink	1 500	GL	1'30"4	F. Saraiva
2—2	Justine, A. Oliveira	2	56	2º (6) Ashville e Grey Gal	1 400	GL	1'24"1	E. Morgado Neto
3—3	Grey Gal, J. Pinto	4	55	3º (6) Ashville e Justine	1 400	GL	1'24"1	J. A. Limeira
4	Tish, G. F. Almeida	3	52	2º (9) Apple H. e Fraul. Fink	1 500	GL	1'30"4	G. F. Santos
4—5	Janetina, F. Pereira	6	55	4º (6) Ashville e Justine	1 400	GL	1'24"1	W. P. Lavor
6	Faceta, J. Ricardo	1	55	1º (9) Heiva e Queen Norma	1 400	AL	1'28"	J. M. Aragão

SEGUNDO PAREO — AS 14H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA) — DUPLA EXATA —

1—1	Juventude, J. Queiroz	9	58	4º (7) Magiqueira e Pudica	1 000	NL	1'03"1	J. Coutinho
2	Lady Yama, D. F. Graça	4	55	5º (11) Trouvaille e Bandeirola	1 400	GL	1'25"4	R. Morgado
3	B. da Prata, R. Macedo	6	57	10º (13) Blast II e Fan Araby	1 300	AP	1'25"1	J. Marchant
2—4	Torquemada, G. Meneses	1	58	5º (9) Meneg (CJ)	1 000	AM	1'02"4	F. Saraiva
5	Fan Araby, Jz. Garcia	5	58	3º (7) Albadico e Armênio	1 600	NL	1'44"4	A. V. Neves
6	Adeline, A. Souza	2	55	8º (9) Rien e Pudica	1 000	NL	1'16"3	A. Nahid
3—7	Frica, F. Silva	11	58	3º (7) Magiqueira e Pudica	1 000	NL	1'03"1	M. Canejo
8	Brass'Luck, J. R. Oliveira	8	57	4º (9) Rien e Pudica	1 200	NL	1'16"3	G. Ulloa
9	Ballyvane, C. Vargas	12	58	4º (9) Rien e Ave Grande	1 200	NL	1'16"2	P. Duranti
4—10	Ave Grande, J. Ricardo	3	58	5º (7) Albadico e Armênio	1 600	NL	1'44"4	A. Ricardo
11	Michelice, A. Abreu	7	57	4º (8) Egilio e Dolar Fur. (CJ)	1 000	NL	1'03"4	O. Cardoso
12	Tarcka, J. Pinto	10	57					

TERCEIRO PAREO — AS 15H — 3 000 METROS — RECORDE — NARVIK — 3m02s 2/5 — (GRAMA) — GRANDE PREMIO DERBY CLUB —

1—1	Zannuto, G. F. Almeida	3	59	1º (7) Tibetano e Juacro	2 400	GL	2'27"1	W. Aliano
2—2	Xemiur, J. Garcia (SP)	1	62	1º (5) Agente (CJ)	3 000	GM	3'15"4	W. T. Souza
3—3	Tibetano, G. Meneses	5	62	1º (6) Expedicto e Faramon	2 400	AL	2'35"	F. Saraiva
4—4	Lord Ubaldo, F. Pereira	2	59	5º (10) Vallelonga e Canny	2 400	GL	2'33"3	E. Morgado Neto
5	Agigantado, C. Amestely	4	59	5º (6) Sandi e Sindical	3 000	AL	3'16"	S. Morales

QUARTO PAREO — AS 15H30M — 1 600 METROS — RECORDE — LUCCARNO — 1m33s 4/5 — (GRAMA) — JOSE PEDRO GONZALEZ — HOMEM DO TURFE DE 1978 — — INICIO DO CONCURSO —

1—1	Uirari, F. Pereira	4	58	3º (10) Vallelonga e Canny	1 400	GL	1'23"3	W. Aliano
2—2	Verdagon, G. F. Almeida	5	53	5º (7) Albernoz e Pithecamp.	1 600	AL	1'38"2	S. P. Gomes
3	Highbird, R. Macedo	3	56	9º (10) Vallelonga e Canny	1 400	GL	1'23"3	J. Marchant
3—4	Hermonium, J. Malta	1	55	5º (9) Highbird e Demagogo	1 500	GL	1'29"4	W. P. Lavor
5	Quicio, J. L. Marins	7	55	6º (7) Dwell e Sindical	2 100	GL	2'13"4	S. Feijó
4—6	Eulogy, C. Vargas	6	57	4º (10) Vallelonga e Canny	1 400	GL	1'23"3	R. Carrapito
7	Spoleto, G. Meneses	2	55	4º (9) Eulogy e Summer Day	1 500	GL	1'30"3	F. Saraiva

QUINTO PAREO — AS 16H — 1 600 METROS — RECORDE — LUCCARNO — 1m33s 4/5 — (GRAMA)

1—1	Lord Johnny, F. Pereira	10	57	3º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	L. Acuña
2	Pluster, J. R. Oliveira	4	56	9º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	A. M. Almeida
2—3	Bamborial, A. Ramos	2	56	5º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	A. Nahid
4	Long Life, R. Macedo	7	53	7º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	A. Nahid
5	Armando, J. Ricardo	3	57	8º (10) Tupiquem e Fluster	1 600	GL	1'23"4	W. Aliano
3—6	Sacris, G. F. Almeida	6	56	4º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	G. F. Santos
7	Graduate, A. Oliveira	9	56	1º (8) Banda e Skopelos	1 600	GM	1'30"2	W. Aliano
8	Eguestritico, . Neto	9	56	1º (7) Vergobret e Lord Bruno	1 600	NL	1'42"2	G. L. Ferreira
4—9	Cholucky, P. Cardoso	3	55	3º (10) Zar e Easy Love	1 600	NL	1'44"3	W. Meirelles
10	Nassovian, G. Meneses	1	56	2º (10) Tupiquem e Fluster	1 600	GL	1'23"4	A. M. Almeida
"	Verglas, J. Machado	11	55	6º (12) Major Kid e Parceiro	1 600	GL	1'37"	A. P. Silva

SEXTO PAREO — AS 16H30M — 1 400 METROS — RECORDE — IL TROVATORE — 1m22s 2/5 — (GRAMA) — DUPLA EXATA —

1—1	El Sol, J. Pinto	14	56	6º (9) Jacobus e Grand Can.	1 500	GL	1'30"1	A. Nahid
"	Bandolier, M. Carvalho	4	56	5º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	A. Nahid
2	Borotra, A. Abreu	15	56	Estreante				E. Coutinho
3	Hibisco, A. Oliveira	7	56	6º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	E. Morgado Neto
2—4	Vol-Au-Vent, J. L. Marins	13	56	Estreante		Estreante		R. Tripodi
5	King Braza, J. Malta	8	56	8º (14) Aragonais e Dev. Khan	1 500	GL	1'30"3	E. Coutinho
6	Graidius, G. F. Almeida	12	56	7º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	L. Ferreira
7	I'll be Lucky, J. Ricardo	16	56	Estreante	1 200	AL	1'13"7	W. Aliano
3—8	Smetana, J. Esteves	6	56	8º (9) Garbet e Hammese	1 600	GP	1'37"3	W. Meirelles
9	Fine Gold, J. R. Oliveira	9	56	8º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	F. P. Lavor
10	Bazuc, F. Lemos	11	50	9º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	F. Abreu
11	Hester, F. Pereira	10	56	4º (7) Turno e Acarapé	1 400	GL	1'25"1	R. Morgado
4—12	Jack Boy, C. Amestely	5	56	6º (9) Rampsar e Ezrach	1 600	AP	1'42"	W. P. Lavor
13	Estigarribia, E. Alves	3	56	11º (13) Fritz Rolfs e El Sol	1 400	GL	1'25"	W. Panelas
14	Fritz Khan, C. Morgado	1	56	10º (10) Taruk e Lago Nero	1 000	AL	1'02"3	C. Morgado
15	Cocuruto, J. Queiroz	2	56	13º (14) Homard e Argentin	1 400	GL	1'24"3	P. Morgado

SÉTIMO PAREO — AS 17H — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)

1—1	P. Perfeito, A. Oliveira	10	56	5º (13) Agradable e Idahan	1 300	NL	1'20"4	A. Morales
2	Lança Chamas, F. Carlos	4	57	9º (10) Hit Two Liber e R. Ruivo	1 000	NL	1'01"3	W. G. Oliveira
2—3	Berlioz, A. Ramos	9	57	3º (8) Vapuaçu e D. Mikerinos	1 300	NL	1'22"4	J. A. Limeira
4	Brigand, J. Ricardo	6	57	8º (13) Agradable e Idahan	1 300	NL	1'20"4	C. Morgado
5	Dranella, F. Silva	8	55	6º (9) Soiva e C. Svetlana	1 000	NL	1'02"3	R. Marques
3—6	Dalpiaz, G. F. Almeida	7	57	4º (9) Export e Sir Patriota	1 300	AL	1'21"4	A. Paim Fº
7	Lorrei, S. Silva	2	57	1º (7) Grande Alv. e Arenero	1 000	NL	1'02"2	E. C. Pereira
8	Tranzado, L. Gonzalez	11	57	6º (8) Vapuaçu e D. Mikerinos	1 300	NL	1'22"4	Z. D. Guedes
4—9	Futuroso, E. B. Queiroz	5	55	9º (12) Enojado e Vladivostok	1 300	NP	1'21"	O. Ulloa
10	Encouraçado, E. R. Ferreira	3	57	1º (11) Lança Chamas e Enidro	1 300	NL	1'24"	R. Tripodi
11	B. de Fogo, J. Machado	1	57	12º (13) Persuader e Rakã	1 300	NL	1'21"1	J. Marchant

OITAVO PAREO — AS 17H30M — 1 000 METROS — RECORDE — SWEET SPY — 1m00s — (AREIA)

1—1	Tamarix, J. R. Oliveira	4	58	2º (9) Geheimniss e Anaifa	1 300	NL	1'22"3	S. P. Gomes
2	Azambuga, G. F. Almeida	1	57	6º (8) Suma e Tatina	1 300	NL	1'22"1	O. J. M. Dias
2—3	Alikar, Jz. Garcia	2	54	4º (10) Rue Blanche e Tangerine	1 000	AP	1'01"4	A. Nahid
4	Markova, F. Silva	7	56	9º (9) Geheimniss e Tamarix	1 300	NL	1'22"3	C. Rosa
3—5	Magiqueira, A. Ramos	3	56	1º (7) Pudica e Frica	1 000	NL	1'03"1	H. Peres
6	Bizarra, R. Freire	8	56	7º (9) Quadratriz e Clima	1 300	NL	1'22"2	S. d'Amore
4—7	Higuera, J. Ricardo	9	56	5º (6) C. Lop. e Pç. de M. (CP)	1 000	NP	1'02"4	S. Morales
8	Difundida, D. Neto	5	56	4º (9) Florada e Tangerine	1 100	NL	1'09"1	G. L. Ferreira
9	Instigada, L. Carlos	6	54	8º (8) Suma e Tatina	1 300	NL	1'22"1	E. Morgado Neto

NONO PAREO — AS 18H — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)

1—1	Invader, F. Pereira	5	58	2º (8) Yonder e Ater	1 300	NL	1'23"1	L. Acuña
2	Stick Poker, . Neto	4	56	8º (10) Columbus e Invader	1 300	NP	1'23"	H. Tobias
2—3	Dusit Thani, E. Freire	1	58	2º (12) Jorim e Ispain	1 200	NL	1'15"4	R. Carrapito
4	Hier, R. Freire	3	56	6º (10) Bubaneswar (CJ)	1 800	NP	1'57"1	S. d'Amore
5	Ispain, A. Ramos	7	54	3º (12) Jorim e Dusit Thani	1 200	NL	1'15"4	E. C. Pereira
3—6	Tenólia, G. F. Almeida	11	56	7º (8) Yonder e Invader	1 300	NL	1'23"1	P. Morgado
7	Fanelli, J. L. Marins	2	55	3º (8) Pedrok e Sagittaire	1 300	NL	1'21"1	N. P. Gomes
8	Voejo, J. R. Oliveira	10	54	8º (10) Cobrador e Reiville	1 600	NU	1'43"3	S. M. Almeida
4—9	Girador, R. Macedo	6	56	2º (9) Turquesa II e Donald	1 200	NL	1'15"4	S. Morales
10	Vasmax, F. Silva	8	56	1º (11) Fon e Ehapi	1 000	NL	1'03"1	M. Canejo
11	Fastner Rock, S. Bastos	12	58	9º (10) Udito e Pedrok	1 300	NL	1'21"1	J. Borioni

DECIMO PAREO — AS 18H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA) — DUPLA EXATA —

1—1	In Love, F. Lemos	9	55	2º (9) Grissia e Vaillante	1 300	AL	1'19"4	W. P. Lavor
2	Green Flower, L. Carlos	11	56	5º (8) Inconfidência e Lygny	1 000	NL	1'01"2	E. Morgado Neto
3	Sola, G. F. Almeida	1	57	7º (9) Grissia e In Love	1 300	AL	1'19"4	G. F. Santos
2—4	Fescia, P. Cardoso	8	55	3º (8) Inconfidência e Ligny	1 000	NL	1'01"2	A. Paim Fº
"	Cz. Ludmila, . Freire	6	55	4º (8) Inconfidência e Ligny	1 000	NL	1'01"2	A. Paim Fº
5	Revira, M. Carvalho	10	55	1º (9) Vaniteuse e C. Svetlana	1 000	NL	1'01"1	B. Ribeiro
3—6	Laudena, J. Ricardo	5	56	5º (10) Princesa Eva e In Love	1 300	NP	1'21"4	R. Tripodi
7	Rogéria, G. Meneses	4	54	5º (12) Inspirada e Safia	1 400	GL	1'23"2	W. Meirelles
8	Marituba, C. Morgado	3	56	5º (8) Emission e Inconfidência	1 000	NP	1'02"3	L. Ferreira
4—9	P. Norma, J. Pinto	2	55	3º (6) Abilene e Golden Leg.	1 300	NL	1'20"	A. Morales
"	P. Laura, A. Oliveira	12	55	9º (12) Inspirada e Safia	1 400	GL	1'23"2	A. Morales
10	Franja III, R. Macedo	7	57	1º (7) Ideality (SV)	1 800	GL	1'51"5	S. Morales

RETROSPECTO

1.º páreo: Apple Honey — Grey Gal — Faceta
2.º páreo: Frica — Torquemada — Juventude
3.º páreo: Xemiur — Tibetano — Zanutto
4.º páreo: Uirari — Verdagon — Eulogy
5.º páreo: Bamborial — Cholucky — Nassovian
6.º páreo: Cocuruto — Vol-au-Vent — Smetana
7.º páreo: Príncipe Perfeito — Boca de Fogo — Dalpiaz
8.º páreo: Tamarix — Magiqueira — Higuera
9.º páreo: Dusit Thani — Stick Poker — Fanelli
10.º páreo: Princesa Laura — In Love — Rascia

Eurásia ganha em Cidade Jardim

São Paulo — Eurasia, conduzida por R. Penachio, venceu ontem à tarde, em Cidade Jardim, o principal páreo do programa, disputado na raia de areia pesada, na distancia de 1 mil metros. Em segundo cruzou o disco Evening Express, pilotado por J. M. Amorim.

Eurasia é filha de Hibernian Blues e Happy Widow, sendo uma propriedade e criação do Haras Larissa. Seu treinador é Eduardo Gosik. As apostas renderam Cr$ 11 milhões 704 mil 02,00. Os portões arrecadaram Cr$ 4 mil 100,00. O betting Duplo Exato rendeu Cr$ 272 mil 030,40 (liquido) e não teve ganhador.

FICHA TÉCNICA

1º Páreo — 1 631 — 1 mil 800 metros — A.P. — Cr$ 58 mil

1º Brut — M. Colaneri
2º Golden Legs — L. A. Pereira
3º Munchen — E. le Menor Fº

Tempo: 1'57"4/10 — Vencedor: 0,65 — Dupla: (23) 1,36 — Placês: (2) 0,36 (3) 0,18. Prop. Stud Montecatini. Treinador: A. S. Ventura. Filiação: Silver em Siolona. Criador: Agro Pastoril Haras São Luiz S.A.

2º Páreo — 1 632 — 1 mil 500 metros — A.P. — Cr$ 33 mil

1º Andarilha — C. M. Costa
2º Cocainne — A. Deus
3º Edra — L. Saldanha

Tempo: 1'40"3/10 — Vencedor: 0,31 — Dupla: (12) 0,01 — Placês: (1) 0,26 (2) 0,30. Prop.: Stud Conchal. Treinador: J. O. Silva. Filiação: Honeyville em Roxindá. Criador: Haras Theotonio P. de Lima.

3º Páreo — 1 633 — 2 mil metros — A.P. — Variante — Cr$ 58 mil

1º Lone Wolf — E. Amorim
2º Los Pampas — A. F. Correia
3º Fiumiccino — J. M. Amorim

Tempo: 2'11"8/10 — Não correu: Quicão. Vencedor: 0,87 — Dupla: (68) 0,76 — Placês: (7) 0,37 (10) 0,13 — Prop. e criador: Haras Faxina. Treinador: A. Magalhães. Filiação: Earldom II em Quivive.

4º Páreo — 1 634 — 1 mil 500 metros — A.P. — Cr$ 40 mil

1º Halometro — J. Lima
2º Amigo do Rei — L. F. Silva
3º Paco Bandera — R. M. Santos

Tempo: 1'35"9/10 — Vencedor: 1,49 — Dupla: (14) 2,34 — Placês: (4) 0,58 (1) 0,33. Prop. e criador: Soc. Agro Pec. Haras Brasil Ltda. Treinador: R. Rondelli. Filiação: Xilógrafo em Mafombra.

5º Páreo — 1 635 — 1 mil metros — A.P. — Variante — Cr$ 58 mil

1º Eurásia — R. Penachio
2º Evening Express — J. M. Amorim
3º Bletisa — E. Amorim

Tempo: 1'03"3/10 — Vencedor: 0,22 — Dupla: (12) 0,40 — Placês: (3) 0,16 (1) 0,17. Prop. e criador: Haras Larissa. Treinador: E. Gosik. Filiação: Hibernian Blues em Happy Widow.

6º Párgo — 1 636 — 1 mil 500 metros — A.P. — Cr$ 40 mil

1º Canhonaco — D. M. Silva
2º Ar de Ouro — E. M. Bueno
3º Olindo — C. Gomes

Tempo: 1'36"3/10 — Não correu: Snow Tiger. Vencedor: 0,74 — Duplas (16) 2,41 — Placês: (6) 0,76 (1) 0,59 — Prop.: Stud Nagéo. Treinador: J. M. Ferreira. Filiação: Milord em Helule. Criador: Haras Santarém.

7º Páreo — 1 637 — 1 mil metros — A.P. — Variante — Cr$ 58 mil

1º Tanga D'Or — A. Barroso
2º Tapia — A. Vale
3º Arcaica — R. Penachio

Tempo: 1'03"8/10 — Vencedor: 0,22 — Dupla: (47) 0,91 — Placês: (7) 0,20 (12) 0,48 — Prop.: Julio Dirceu da Rosa. Treinador: O. Franco. Filiação: Tan Mieux em Farinelli. Criador: Camilo Guaspari.

8º Páreo — 1 638 — 1 mil metros — A.P. — Variante — Cr$ 58 mil

BETTING DUPLO EXATO

1º La Gaité — A. F. Correia
2º Girl Friend — J. Gonçalves
3º Star Lost — E. Amorim

Tempo: 1'03"8/10 — Não correram: Dubakella, Jovial Jin e Tubana. Vencedor: 1,20 — Dupla: (57) 1,00 — Placês: (10) 0,63 (8) 1,59 — Prop.: Stud Mar-Rub. Treinador: W. G. Tosta. Filiação: Heros em Dantina. Criador: Haras América.

9º Páreo — 1 639 — 1 mil 600 metros — A.P. — Cr$ 50 mil

BETTING DUPLO EXATO

1º Hasty Repley — J. M. Amorim
2º Angel Lord — S. Martins (*)
2º Saturnius — A. F. Correia (*)

Tempo: 1'40"4/10 — Não correram: Bobby Charlton e Laço de Ouro. Vencedor: 0,15 — Duplas: (11) 0,39 (14) 0,71 — Placês: (1) 0,13 (2) 0,20 (7) 0,33 — Prop.: Haras Mato Grosso do Sul. Treinador: S. Ferreira. Filiação: Pronto em So Social. Criador: Ogden Phipps.

(*) Empate

10º Páreo — 1 640 — 1 mil 400 metros — A.P. — Cr$ 50 mil

BETTING DUPLO EXATO

1º Anequim — V. Matos
2º Sofisticado — J. Garcia
3º Fidas — J. A. Santos

Tempo: 1'27"9/10 — Vencedor: 0,27 — Dupla: (14) 1,61 — Placês: (1) 0,18 (4) 0,35. Prop.: Stud Fadel. Treinador: E. Gosik. Filiação: I Say em Ola. Criador: Agro Pastoril Haras São Luiz S.A.

Amazon vence primeiro páreo e agrada pelo modo com que atropela

Amazon, por Felicio em Libertée, venceu o páreo de abertura da corrida de ontem, para potros de três anos, com uma vitória, deixando boa impressão, não só pelo tempo assinalado, 1m36s3/5 para a milha em pista de grama, mas também pela facilidade com que se desprendeu de seus rivais mais próximos, Olden Times e Don Didi, este em mais uma atuação decepcionante. Gabriel Meneses foi o piloto do alazão que tem seu treinamento entregue a Francisco Saraiva.

Marquetoni, praticamente de ponta a ponta, dominou o quinto páreo, deixando longe Demagogo que, defendendo novos interesses, atropelou com violência sobre Dardillon, que terminou afastado na terceira colocação. O filho de Chio em Bolada, de criação do Haras Sideral e propriedade do Stud Seguro, levou a direção de Paulo Cardoso e é treinado por Oraci Cardoso.

Resultados

1º Páreo — 1 600 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 46 mil

1º	Amazon, G. Meneses	55	1,80	12	5,10
2º	Olden Times, J. Ricardo	55	10,80	13	2,00
3º	Don Didi, G. F. Almeida	55	2,50	14	8,40
4º	Quadrillion, A. Oliveira	55	6,30	22	21,40
5º	Ezrach, R. Macedo	53	6,10	23	3,30
6º	Mister Yata, S. Silva	55	12,50	24	9,90
7º	Turno, J. Queiroz	56	15,70	33	16,30

Diferenças: 2 1/2 corpos e 3 corpos — Tempo: 1'36"3 — vencedor: (4) 1,80 — Dupla: (34) 6,60 — Placês: (4) 1,60 e (6) 3,40 — Movimento do páreo: Cr$ 576.680,00 — AMAZON — M. A. — 3 anos — SP — Felicio e Liberté — Criador e Proprietário: Haras São José e Expedictus — Treinador: F. Saraiva.

2º Páreo — 1 600 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Donovan, J. Ricardo	56	3,00	11	14,30
2º	Xonocrates, A. Abreu	55	6,40	12	3,70
3º	El Djem, J. Pinto	55	6,80	13	5,60
4º	Summer Day, G. Meneses	55	2,30	14	3,00
5º	Estrategico, F. Silva	55	20,70	22	16,60
6º	Raine, G. F. Almeida	55	5,00	23	8,40
7º	Camelot, L. Gonzalez	55	29,90	24	4,30
8º	Scaroparti, E. Freire	52	6,80	33	47,40
9º	Kronprinz, R. Macedo	56	18,30	34	5,20
10º	Grande Volta, D. F. Graça	55	36,40	44	24,40

Diferenças: 2 corpos e 1 corpo — Tempo: 1'37" — Vencedor: (9) 3,00 — Dupla: (24- 4,30 — Placês: (9) 1,90 e (4) 3,10 — Dupla Exata (09-04) Cr$ 26,90 — Movimento do páreo: Cr$ 809.330,00. DONOVAN — M. A. 6 anos — RJ — Magnesco e Serisa — Criador: Haras Cuiabá — Proprietário: Roberto Gabizo de Faria — Treinador: H. Cunha.

3º Páreo — 1 300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 42 mil

1º	Vergobrel, G. Meneses	57	2,80	11	20,90
2º	Rucay, R. Freire	56	3,90	12	4,60
3º	Abientot, F. Silva	57	7,10	13	11,10
4º	Czar Dimitri, E. Freire	54	2,80	14	3,40
5º	Dom Mikerinos, A. Oliveira	57	4,80	22	13,20
6º	Estintor, C. Morgado	53	3,20	23	9,20
7º	Saranac, G. F. Almeida	57	3,90	24	3,60
8º	Fascinator, J. R. Oliveira	55	7,40	33	72,40

Diferença: 2 corpos e pescoço — Tempo: 1'21"4 — Vencedor: (1) 2,80 — Dupla: (14) 3,40 — Placês (1) 2,00 e (6) 2,40 — Movimento do páreo Cr$ ... 709.550,00. VERGOBRET — M. A. 4 anos — SP. — Devon e Olivie — Criador: Haras São José e Expedictus — Proprietário — Stud Petrópolis — Treinador — A. Paim Fº.

4º Páreo — 1 600 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 35 mil

1º	Pomsix, J. Ricardo	55	1,60	11	6,30
2º	Solo Verde, G. F. Almeida	58	5,90	12	3,60
3º	Dan August, J. Malta	56	9,50	13	4,80
4º	El Primo, F. Pereira	57	9,00	14	2,40
5º	Eliantar, M. Silva	58	7,80	22	36,30
6º	Jogo Certo, F. Silva	57	19,10	23	11,30
7º	Jerion, G. Meneses	56	1,60	24	7,40
8º	Dalomito, A. Souza	56	11,80	33	64,80
9º	Oberti, J. Pinto	55	4,40	34	7,80
10º	Pingo Bueno, J. Esteves	56	33,60	44	19,60

Diferença: 1 corpo e 2 corpos — Tempo: 1'37"2 — Vencedor: (1) 1,60 — Dupla: (12) 3,60 — Placês: (1) 1,10 e (2) 2,10 — Movimento do páreo Cr$ .. 851.300,00 — POMSIX — M. A. 5 anos — RS — Pleocádio e Pierina — Criador — Haras Quebracho — Propr. Stud Campari — Treinador — E. C. Pereira.

5º Páreo — 1 600 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 35 mil

1º	Marquetoni, P. Cardoso	58	1,30	11	14,50
2º	Demagogo, A. Ramos	54	8,70	12	5,40
3º	Dardillon, G. F. Almeida	58	10,40	13	2,60
4º	Postmaster, J. Queiroz	54	9,40	14	3,60
5º	Violent, D. V. Lima	56	8,80	23	7,50
6º	Boaventura, R. Macedo	54	37,20	24	9,60
7º	Tunuyan, G. Meneses	57	4,40	33	10,50
8º	Três Belle, J. Ricardo	55	4,40	34	4,80
9º	Radi, A. Oliveira	55	17,60	44	23,10

Diferença: 3 corpos e vários corpos — Tempo: 1'36"3 — Vencedor: (1) 1,30 — Dupla: (13) 2,60 — Placês: (1) 1,20 e (2) 2,30 — Movimento do páreo Cr$ 734 460,00. MARQUETONI — M. C. 5 anos — SP — Chio e Bolada — Criador: Haras Sideral — Proprietário: Stud Seguro — Treinador: O. Cardoso.

6º Páreo — 1 100 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 42 mil

(DIA DO SERVIDOR PÚBLICO CIVIL)

1º	Tamarana, F. Pereira	57	5,00	11	4,20
2º	Windstorm, J. Pinto	55	1,10	12	3,70
3º	Keia, J. Machado	56	20,40	13	2,60
4º	Elle, J. R. Oliveira	55	28,60	14	3,80
5º	Before, J. Ricardo	57	22,10	22	31,20
6º	Kanela de Ouro, G. F. Almeida	57	30,90	23	12,50
7º	Gay Dancer, R. Freire	56	8,40	23	12,70
8º	Lady Lúcia, A. Ramos	56	1,10	33	27,10
9º	Czaritsa Norachka, E. Freire	54	12,70	34	9,80
10º	Virochka, R. Macedo	55	8,40	44	35,20
11º	Valeriano, A. Souza	55	33,20		
12º	Vittel, M. Carvalho	54	35,10		

DUPLA-EXATA (05-01) Cr$ 14,60 — Diferença: 1 corpo e 2 corpos — Tempo: 1'08"1 — Vencedor: (5) 5,00 — Dupla: (13) 2,60 — Placês: (5) 1,10 e (1) 1,00 — Movimento do páreo Cr$ 936 440,00. TAMARANA — F. C. 4 anos — RJ — Endymion e Tempita — Criador: Haras Vale do Sol — Proprietário: Stud Los Ninos — Treinador: G. L. Ferreira.

7º Páreo — 1 300 metros — Pista AL — Prêmio: Cr$ 35 mil

1º	Rei Sadal, G. F. Almeida	58	5,20	11	12,50
2º	Abadorf, J. R. Oliveira	56	2,30	12	11,90
3º	Flox, J. Esteves	56	2,50	13	3,30
4º	Stamine, A. Oliveira	56	6,30	14	3,50
5º	Vol Petit, A. Souza	54	8,80	23	10,20
6º	Haras Yew, E. Marinho	58	4,80	24	8,60
7º	Drácula, A. Garcia	58	2,50	33	12,10

Diferença: 2 1/2 corpos e vários corpos — Tempo: 1'24"2 — Vencedor (7) 5,20 — Dupla (33) 12,10 — Placê (7) 2,90 e (6) 1,90 — Movimento do páreo: Cr$ 825 mil 840 — REI SADAL — M. A. 5 anos — RS — Niño Bien e Siempre Tua — Criador: Haras Sadal — Proprietário: Antônio Gomes Brandão — Treinador: J. L. Pedrosa.

8º Páreo — 1 000 metros — Pista AL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Juelva, J. R. Oliveira	54	25,60	11	24,60
2º	Analta, A. Abreu	58	2,80	12	2,90
3º	Edem Fleet, A. Ramos	57	2,20	13	6,60
4º	Rhodes Ville, F. Silva	56	11,60	14	3,60
5º	Pitaná, P. Cardoso	55	4,70	22	30,10
6º	Rafaela, G. F. Almeida	57	23,10	23	4,30
7º	Rien, R. Freire	56	6,80	24	4,40
8º	A Sangue Frio, E. Freire	53	16,70	33	38,00
9º	Rafa, M. Carvalho	53	10,00	34	10,00

Diferença: Cabeça e 3 corpos — Tempo: 1'02"2 — Vencedor (4) 25,60 — Dupla (22) 30,10 — Placê (4) 9,50 e (3) 1,90 — Movimento do páreo: Cr$ 764 mil 650 — JUELVA — F. C. 5 anos — SP — Acaso e Guanúsia — Criador: Haras Vargem Grande — Proprietário: Stud Pluma — Treinador: L. Acuña.

9º Páreo — 1 100 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Canterboy, E. Marinho	56	5,10	11	10,40
2º	Liquore, D. V. Lima	53	2,10	12	8,10
3º	Baby Chau, S. Silva	57	5,50	13	6,40
4º	Sesqui, C. Amestely	56	5,40	14	3,10
5º	Abre-Alas, J. Pinto	57	5,50	22	37,90
6º	Faile, A. Ramos	56	26,00	23	9,10
7º	Diametro, D. Guignoni	57	10,40	24	4,70
8º	Solcris, P. Vignolas	52	11,30	33	18,20
9º	Neronian, L. Caldeira	56	27,20	34	4,50

Diferença: 1/2 corpo e 3 corpos — Tempo: 1'09" — Vencedor: (4) 5,10 — Dupla: (24) 4,70 — Placês: (4) 2,00 e (8) 1,40 — Movimento do páreo: Cr$ 699 mil 90. CANTERBOY — M. C. 6 anos — SP — Canterboy e Insólita — Criador: Haras Pinar — Proprietário: Stud Jomel — Treinador: R. Costa.

10º Páreo — 1 300 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 35 mil

1º	Snow Tall, A. Oliveira	58	6,20	11	7,70
2º	Kalok, C. Amestely	57	31,70	12	3,50
3º	Kings, J. Ricardo	58	2,70	13	4,70
4º	Rastrelo, J. R. Oliveira	57	3,70	14	4,90
5º	Acústico, R. Macedo	55	12,10	22	9,80
6º	Algodão, L. Gonzalez	58	4,30	23	7,10
7º	Abacan, F. Silva	57	5,60	24	4,60
8º	Tottenham, A. Ramos	57	8,90	33	27,90
9º	Titov, C. Morgado	55	39,50	34	7,10
10º	Dreyphus, A. Souza	55	56,40	44	22,90
11º	Mata-Sonos, L. Caldeira	57	147,40		
12º	Don Eduardo, S. Silva	58	67,40		

DUPLA EXATA: (07—03) Cr$ 242.

Diferença: 2 corpos e 3 corpos — Tempo: 1'22"1 — Vencedor: (7) 6,20 — Dupla: (13) 4,70 — Placês: (7) 3,30 e (3) 14,50 — Movimento do páreo: Cr$ 689 mil 930. SNOW TALL — M. C. 5 anos — RS — Snow Berry II e Tagana — Criador: Haras Longchamps — Proprietário: Haras Barra Nova — Treinador: H. Peres.

APOSTAS: Cr$ 8 milhões 920 mil 72.
PORTÕES: Cr$ 20 mil 715.

Romenos jogarão basquete em Goiás

Goiania — A Seleção de Basquete da Romênia substituirá a da Argentina no Torneio Internacional Irapuã Costa Junior, que será disputado a partir de quarta-feira, inaugurando o Ginásio Rio Vermelho. A delegação do Uruguai chega hoje, enquanto Canadá, Estados Unidos, Polônia e a própria Romênia chegam amanhã.

Ferraz, o 1.º no Itanhangá

Jorge Ferraz venceu a primeira categoria da Taça Estudios Gráficos Retrolito de Golfe, disputada em 18 buracos na modalidade *stroke play*, ontem no campo do Itanhangá com 71 *net*. Na Taça Dunlop o vencedor foi Brian Prince. Os resultados: categoria de 0 a 9 de handicap — 1) Jorge Ferraz *hcp* 5 — 71 *net*; 2) Antonio Tascheri 9 — 74; 3) Ismar Brasil 1 — 76; categoria de 10 a 17 — 1) Carlos Bocaiuva *hcp* 12 — 67 *net*; 2) Fábio Egipto 13 — 71; 3) Peter Dam 15 — 71; Categoria 18 a 24 — 1) Alfredo Abregu — *hcp* 20 — 66 *net*; 2) Rolando Fralicalanza 21 — 66; 3) Claudio Fulchignori 24 — 67.

Edson pretende ser comodoro

Edson Mascarenhas, hexacampeão brasileiro de motonáutica na categoria SE, enfrenta hoje um novo tipo de competição: é candidato a comodoro do Jequiá Iate Clube. Estão aptos a votar cerca de 600 sócios e Edson, se eleito, pretende construir uma piscina olímpica suspensa e aumentar o número de vagas para embarcações de 50 para 200.

Trevos e Tigres vencem no pólo

O Trevos venceu o Regimento Andrade Neves por 7 a 5 (7 a 0 na contagem sem handicap) e o Tigres derrotou o Fantasmas por 6 a 5 (6 a 4 na contagem sem handicap) na primeira rodada do Torneio Plinio de Carvalho, de Pólo, realizada ontem à tarde no campo de Itanhangá.

Sul-Americano de Vôlei no Rio

Caracas — O 4º Campeonato Sul-Americano Juvenil de Vôlei será realizado no Rio, de 10 a 17 de dezembro, como confirmou ontem, nesta Capital, o presidente da Confederação Sul-Americana, José Antônio Bermudez Salazar. A competição seria no Uruguai, em novembro, mas sua realização estava ameaçada por problemas econômicos.

Brasil é 3.º no halterofilismo

Santiago — Com cinco medalhas de bronze, a equipe do Brasil ocupa o terceiro lugar no 7º Sul-Americano Juvenil de Levantamento de Peso que se realiza nesta Capital e que está sendo liderado pela Venezuela, (8 de ouro, 7 de prata e 3 de bronze), seguida da Colômbia (3, 5 e 3).

Maria Elisa surpreende com 6.º lugar na prova em que possui boa marca

A derrota de Maria Elisa Guimarães, do Flamengo, nos 100m livre, prova em que é recordista sul-americana, foi a maior surpresa do 20.º Torneio de Juvenis A e a Seniores de Natação, que começou ontem na piscina do Fluminense. A vencedora foi Vera Lúcia Cottim, do Fluminense, e Maria Elisa terminou em sexto lugar.

A competição termina hoje à tarde com Maria Elisa enfrentando Vera Lúcia Cottim mais uma vez, nos 200m livres, e Rômulo Arantes Júnior como favorito dos 100m costas, prova em que é recordista sul-americano e na qual se classificou em terceiro lugar no Campeonato Mundial de Natação de Berlim, em agosto. Ontem Rômulo venceu os 200m costas.

Os vencedores de ontem — 400m medley juvenil — Patricia Pascarelli (Gama Filho) 5m28s92; Wilson Mello Filho (Fluminense) 5m04s76; 200m costas — Romulo Arantes Junior (Flamengo) 2m17s67; Rita Nevez (Flamengo) 2m35s67; 200m livre juvenil — Marcia Souza (Tijuca) 2h15s41; José Santos (Fluminense) 2m06s61; 100m livre — Vera Lucia Cottim (Fluminense) 1m02s63; Marcos Goldentein (Flamengo) 55s 94; 200m borboleta juvenil — Maristela de Bem (Botafogo) 2m28s21; Roger Madruga (Fluminense) 2m17s 33 200m peito —Maria Clara Matta (Fluminense) 2m 51s78.

O vento forte, ontem, em Niterói, exigiu de Sídney Anamácio (SUAM) muito esforço para escorar seu Laser, 15º colocado

"Merak" ganha 2.ª etapa da pesca e Sasso se destaca com recorde

A lancha *Merak* venceu ontem a segunda etapa do Torneio Clássico Marlim Azul da Temporada de Pesca de Oceano 78/79 por ter capturado dois marlins azuis e várias peças totalizando 231 quilos 800 gramas. O pescador Marcos Sasse, da lancha *Penélope* caçou um marlim branco de 58 quilos 800 gramas, recorde na classe de 80 libras da Federação Guanabarina de Pesca Oceanica.

A lancha *Merak* estava a 50 milhas do litoral próximo a Saquarema, quando Paulo Roberto Rego Lins conseguiu capturar os dois marlins azuis que deram a vitória à sua equipe. Ele usou como isca um bonito de um quilo e 200 gramas e demorou 10 minutos para fisgar o primeiro marlim azul. No segundo, a demora foi de 1h15m.

Regressando para o Iate Clube do Rio de Janeiro, a lancha *Palmital*, de Rogério Fabiano de Souza, se chocou com a traineira *Rei do Mar*, sofrendo grande avaria. A colisão ocorreu próximo a Cotunduba, na direção do Pão de Açúcar, e *Palmital* foi rebocada por uma lancha que passava no local até a Praia Vermelha, porque seu comandante temia não dar tempo de chegar ao cais do ICRJ. *Palmital* naufragou a poucos metros da areia da praia Vermelha.

Hoje, às 11h, haverá a entrega das medalhas e Marcos Sasse posará com seu marlim branco para o registro oficial do recorde.

Brasil começa bem mas perde para Israel na Olimpíada de Xadrez

Buenos Aires — Depois de derrotar as Ilhas Virgens por 4 a 0 na primeira rodada, o Brasil perdeu ontem para Israel na 23.ª Olimpíada de Xadrez por 2,5 a 1,5 pontos, e jogará agora com a Venezuela na próxima etapa. Os brasileiros começaram bem suas partidas, mas ao final apenas Alexandru Segal conseguiu vencer.

Francisco Trois e Herman Claudius, campeões brasileiro e pan-americano, respectivamente, perderam para os GMIs soviéticos Djindjinchashvili e Liberson, recentemente emigrados para Israel. Herman Claudius chegou a recusar uma oferta de empate. Depois, no apuro de tempo, cometeu um grave erro e perdeu. Cicero Braga empatou com o MI Birnboin, enquanto Segal derrotou o MI Kagan.

Os grandes favoritos da União Soviética e dos Estados Unidos voltaram a vencer ontem: os soviéticos passaram facilmente pela equipe B da Argentina, com três vitórias e um empate; os norte-americanos, com maior dificuldade, bateram a Áustria por 2,5 a 1,5.

Na parte feminina, a brasileira Iluska Simonsen continua invicta. Ontem ela venceu sua adversária boliviana em 32 lances, após ter empatado com uma enxadrista iugoslava e vencido, no primeiro dia, uma representante do País de Gales. As brasileiras venceram a Bolívia por 3 a 0.

Curitiba

Com muita categoria, Marcos Martins superou os obstáculos da pista

Tênis do Brasil elimina o do Uruguai em jogo de duplas pela Taça Davis

São Paulo — O Brasil eliminou ontem a equipe de tênis uruguaia, pela Zona Sul-Americana da Taça Davis, etapa eliminatória, fazendo um marcador de 3 a 0, após duas partidas de simples e uma de duplas. As duas partidas de hoje encerram esta fase da Taça Davis. Na partida de duplas os brasileiros (Kirmayr e Keller) venceram facilmente por 3 a 0 aos uruguaios Damiani e Roverano.

Os jogos pela Davis entre o Brasil e o Uruguai estão sendo realizados na quadra central do Loteamento de Terras em Itú, diante de um público pequeno, devido à má localização.

Na partida de duplas, Carlos Alberto Kirmayr e Ney Keller venceram, facilmente, a Hugo Roverano e José Luis Damiani, por 3 sets a zero, com parciais de 6/4, 11/9 e 6/2. As partidas finais serão disputadas hoje: Carlos Alberto Kirmayr enfrenta Luis Damiani e Cássio Motta a Hugo Roverano.

AS OUTRAS ELIMINATÓRIAS

Em Guayaquil, o encontro entre Argentina e Equador, também pelas eliminatórias da zona sul-americana da Davis, vai apresentando vantagem de 2 a 0 para a Argentina, que ontem venceu as suas duas partidas de simples. Ricardo Cano, terceiro tenista da Argentina, derrotou o equatoriano Ricardo Ycaza, por 3/6, 9/7, 4/6, 6/3 e 7/5, em partida das mais disputadas, enquanto José Luis Clerc obteve boa vitória sobre Andres Gomez, por 6/1, 3/6, 8/6 e 6/4. Se a Argentina vencer o jogo de duplas, terá assegurado o direito de jogar com o Brasil. No encontro entre Venezuela e Colômbia, em Bogotá, os tenistas locais têm vantagem de 2 a 0.

Na cidade do México, a equipe local conseguiu uma vantagem de 1 a 0 sobre a do Canadá, em partida que abriu esta eliminatória da zona norte-americana da Taça Davis. Marcelo Lara conseguiu o primeiro ponto para o México, ao derrotar Rejean Genoir.

O BRASILEIRO

Fortaleza — Com a participação dos 100 melhores tenistas do país, começa hoje na Capital cearense o Campeonato Brasileiro de Tênis, masculino e feminino. Os jogos serão disputados nas quadras do Náutico e Ideal, e fazem parte da primeira etapa do Circuito Hollywood de Tênis, que tem mais duas etapas previstas: uma em Recife, em seguida ao Brasileiro, e outra, a finalíssima com apenas oito tenistas, no Rio, em meados de novembro. O Campeonato Brasileiro distribui este ano um total de Cr$ 250 mil em prêmios e Marcos Hocevar, do Rio Grande do Sul, e Patricia Medrado, da Bahia, são os atuais campeões.

A próxima etapa da Copa Natu Nobilis de Tênis, em São Paulo, que a princípio começaria a ser disputada hoje, só terá início no próximo dia 11. A organização da competição resolveu tomar esta decisão, para atender a um pedido da Federação Paulista de Tênis, que necessitou prolongar o prazo de inscrições, uma vez que a procura é muito grande e já chega a cerca de 6 mil, entre Capital e cidades do interior.

Mesmo sendo eliminado, Martins ficou em 1.º no hipismo de Curitiba

Curitiba — O paranaense Marcos Martins, saltando com **Raphael**, venceu ontem na Sociedade Hípica Paranaense, a prova Governador do Estado do Paraná, quarta disputa do primeiro Concurso de Salto Internacional Banco Safra, que começou sexta-feira nesta capital. Ele conseguiu a vitória nesta prova, tipo potência, na quarta barragem, com obstáculo de 1,80m e muro de 2 metros de altura, quando decidia a prova com Dirceu Nascimento, que desistiu de tentar esta barragem. Marcos Martins tentou e, apesar de **Raphael** refugar duas vezes no muro e ele ser eliminado; acabou vencendo.

Na primeira prova de ontem, disputada no tipo americana, o vencedor foi Jorge Carneiro, saltando com **Gulag**, que marcou 38 pontos e tempo de 94 segundos. O segundo colocado foi Augusto Mocelin Neto, com **Meinque**, com 38 pontos e tempo de 96 segundos e um décimo. O terceiro lugar foi uma surpresa, pois **Marcos Martins** montou **Carpintius**, animal novo que praticamente estreou em competições nesta prova. Ele marcou 36 pontos e tempo de 91 segundos e 5 décimos.

PRÓXIMA PROVA

Hoje, como a sexta prova deste primeiro Concurso de Salto Internacional, vai ser realizado o Grande Prêmio Banco Safra, de precisão e com uma barragem ao cronômetro. Esta prova é válida pelo Campeonato Brasileiro e vai apontar o campeão deste ano. A disputa deste título está praticamente entre apenas dois cavaleiros: Ricardo Gonçalves Filho e José Roberto Reynoso Fernandes.

Ainda na prova de hoje, que vai decidir o título brasileiro, o paranaense Marcos Martins com **Raphael** era um dos favoritos ao lado de Reynoso e Gonçalves. Sua participação com este animal, porém, ainda é dúvida, pois durante os saltos da quarta barragem, ontem, na prova Governador do Estado, **Raphael** sofreu um profundo corte ao derrubar o obstáculo, no dorso traseiro, que além de ter sangrado bastante, pode tê-lo retirado da competição.

Mais 5 esportes apontaram os seus campeões olímpicos

Natação, vôlei feminino, tênis, xadrez e andebol são as modalidades que já apontaram os seus campeões na 11a. Olimpiadas Universitárias, competição que encerra o calendário anual dos Jogos JB/Shell. Hoje, último dia, serão conhecidos todos os vencedores das demais modalidades.

Na natação, a Gama Filho conquistou os títulos tanto no feminino como no masculino, somando, nas duas categorias, 203 pontos. No vôlei, apesar de desfalcado de Heloisa, sua melhor jogadora, a UERJ sagrou-se campeã ao derrotar a Gama Filho por 3 a 1. No andebol, a campeã foi a SUAM, ao vencer um jogo disputadíssimo com a UFRJ: 16 a 15. O xadrez deu o título à SUAM, por equipe.

VÔLEI

Apesar de ter jogado desfalcada de sua melhor atleta, Heloisa, que viajou com o Flamengo para a disputa da Taça Brasil, em São Paulo, a UERJ venceu ontem a Gama Filho por 3 a 1 (15/11, 15/13, 5/13 e 15/12) e conquistou o primeiro lugar do Vôlei feminino. A Gama Filho ficou em segundo, a SUAM em terceiro e a UFRJ em quarto.

No masculino, a Santa Úrsula venceu a Gama Filho por 3 a 1 (15/12, 8/15, 15/12 e 15/13) e já está classificada para a final hoje com o vencedor de SUAM e PUC.

BASQUETE

Na segunda partida da melhor de três para a disputa do Campeonato, a Gama Filho venceu a Somley por 50 a 40, ficando a decisão para hoje. No primeiro tempo, as jogadoras da Somley estavam muito nervosas sem conseguir armar a defesa e controlar os rebotes e acabaram perdendo de 27 a 13. No segundo, se recuperaram e o jogo, até então dominado pela Gama Filho, ficou bem disputado.

TÊNIS

Josef Brych, da UFRJ, conquistou ontem, no Clube Militar, o primeiro lugar da simples masculina ao vencer Breno Mascarenhas da PUC por 7/5 e 6/3. Brych, de 22 anos, ao terminar a partida reclamou muito dos diretores esportivos de sua faculdade afirmando que eles não dão o menor apoio ao tênis.

No feminino, Judy Rensen, que venceu recentemente a Copa Sul América, e estava em excelente forma, ganhou com facilidade de Elena Landau (PUC) por 6/1 e 6/1. Outra vitória fácil foi a de Luis Felipe, da UFRJ, que derrotou Roberto Pope, da UERJ, por 6/0 e 6/1. Com estes resultados já estão definidas as classificações das simples: masculina — Josef Brych, UFRJ, 2.º Breno Mascarenhas, PUC, 3º Luis Felipe, UFRJ e 4º Roberto Pope; feminino — 1º Judy Rensen, UFRJ, 2º Elena Landau, PUC, 3º Márcia França, UERJ, 4º Cátia Moraes, PUC.

XADREZ

A SUAM, com 15 pontos, ficou em primeiro lugar no Torneio de Xadrez deixando em segundo a PUC, com 14,5, em terceiro a Souza Marques, com 12, em quarto a Escola Naval, com 11,5 e em quinto a Gama Filho, com 10,5. Na individual, o campeão foi Luis Loureiro, da SUAM, seguido de Inácio de Barros, da PUC e Marcos Macel, da Souza Marques.

OLIMPIADAS UNIVERSITARIAS
FEUU — JORNAL DO BRASIL — SHELL

ANDEBOL

A SUAM conquistou o título do torneio de andebol ao vencer a UFRJ por 16 a 15, em jogo muito disputado no Palácio do Andebol, no Fundão. A Rural derrotou a Souza Marques por 20 a 8, conseguindo o 3º lugar.

WATER-PÓLO

Jogos de ontem: a PUC 8 x 4 SUAM, UERJ 6 X 3 UFRJ, Gama Filho 8 x 4 PUC e UFRJ 8 x 2 SUAM.

ESGRIMA

O Campeonato Carioca Universitário de Esgrima terminou ontem com a vitória da UERJ, no feminino, e da Santa Úrsula, no masculino. A UERJ foi seguida da Gama Filho, da UFRJ e da SUAM, e a Santa Úrsula, da PUC, UERJ e SUAM. Apesar do esporte não constar da programação das 11as. Olimpiadas Universitárias, vale para a contagem de pontos do Troféu Ministro Gama Filho.

O resultado final do florete masculino foi: 1º Roberto Luis (PUC), 2º Paulo Sérgio (USU), 3.º Ibsen (USU), 4.º Emilio (UGF) e 5º Luis Eduardo (UFRJ). Da modalidade espada: 1.º Emilio (UGF), 2.º Roberto Luis (PUC), 3.º Paulo Sérgio (USU), 4.º Vieira (SUAM) e 5º Veloso (UERJ).

FUTEBOL

Com o resultado dos jogos de ontem, em que a SUAM derrotou a UFRJ por 2 a 0 (gols de Luisinho e Paulinho) e a Gama Filho ganhou da PUC pelo mesmo placar (gols do Spinelli e Japonês), os vencedores irão disputar hoje, às 9 horas, no Fundão, o título do torneio e os perdedores, o 3.º lugar.

IATISMO

A Gama Filho lidera o Campeonato Carioca Universitário de Iatismo da Classe Laser, ao vencer ontem, a segunda regata da série de cinco no Iate Clube Brasileiro. Hoje, será definido o campeão após a disputa das últimas três regatas, a partir das 13 horas. Os três primeiros colocados no campeonato são: Alexandre Senft (UGF), Fernando Bello (PUC) e Ronaldo Senft (UGF), que vão correr porque seu barco na regata Santos—Rio, **Madrugada**, teve problemas em Porto Alegre.

O resultado da regata de ontem foi: 1º Alexandre Sanft (UGF), com **Xuerut**; 2º Ruy André Garcia (UFRJ), com **Mon Ami Joe**; 3º Axel Schimidt (Rural), com **Ospret Yu**; 4º Haakon Lotentzen (PUC), com **Lenda**; 5º Ricardo Chebar (Nuno Lisboa), com **Nuno**; 6º Antônio Basilio (UGF), com **Antonino**; 7º Patrick Mascarenha (Bennet), com **Chupa Sangue**; 8º Carlos Sass (UGF) com **Bic II**; 9º Willian Redig (Bennet), com **Windwar Passage** e 10º Mauricio Sá Fortes (USU), com **Nogush**.

NATACAO

A Gama Filho conquistou o título do torneio de natação das 11as. Olimpíadas Universitárias somando 100 pontos no masculino e 103 no feminino. No masculino, foi seguida da UERJ (79), PUC (65), Souza Marques (12) e Candido Mendes (9); no feminino, pela PUC (46), UERJ (44), Santa Ursula (18) e Souza Marques (4).

200m, medley, mulheres
1 — Maria Elisa Guimarães (USU) 2m44s40
2 — Cristina Bassani Teixeira (UGF) 2m52s10
3 — Astride Silva (UGF) 3m04s20

400m, medley, homens
1 — José Getúlio Filho (PUC) 5m06s50
2 — Boris Alves (PUC) 5m07s20
3 — Eduardo Assis (Souza Marques) 5m20s0

100m, livre, mulheres
1 — Maria Elisa Guimarães (USU) 1m06s10
2 — Marúcia Burle (UERJ) 1m07s90
3 — Cláudia Peres (UGF) 1m12s10

100m, livre, homens
1 — Marcos Goldstein (UGF) 55s20
2 — Paulo Mangini (UERJ) 55s40
3 — João Jordy (UERJ) 58s80

100m, peito, mulheres
1 — Cristina Bassani Teixeira (UGF) 1m25s40
2 — Daise Pinto (UGF) 1m29s60
3 — Ana Três (PUC) 1m42s50

100m, peito, homens
1 — João Jordy (UERJ) 1m13s10
2 — Antônio Cunha (USU) 1m16s00
3 — Salvador Perrela (UGF) 1m18s50

100m, costa, mulheres
1 — Márcia Guasque (PUC) 1m22s80
2 — Jacyra Trancoso (UERJ) 1m23s40
3 — Gilvana Moreira (UGF) 1m28s60

100m, costa, homens
1 — Remis Gabriel (Candido Mendes) 1m06s90
2 — Boris Alves (PUC) 1m08s80
3 — Hélio Sanches (UERJ) 1m08s90

100m, borboleta, mulheres
1 — Marúcia Burle (UERJ) 1m18s90
2 — Geovana Moreira (UGF) 1m 20s80
3 — Astride Silva (UGF) 1m 23s50

100m, borboleta, homens
1 — Marcos Goldstein (UGF) 1m 1s50
2 — Eduardo Neto (PUC) 1m04s10
3 — Amório Amora (UERJ) 1m 05s60

400m, livre, homens
1 — José Getúlio Filho (PUC) 4m 34s00
2 — Paulo Manzine (UERJ) 4m42s80
3 — Eduardo Assis (UGF) 4m50s40

4x100m, livre, mulheres
1 — Gama Filho (Cristina Bassani, Miriam Xavier, Astride Silva e Cludia Peres) 4m55s30
2 — PUC (Ana Três, Wanda Alves, Márcia Guasque e Liliam Moura) 5m14s30
3 — UERJ (Marúcia Burle, Rejane Primo, Vera Martins e Jacyra Trancoso) 5m28s20

4x100m, livre, homens
1 — Gama Filho (Alberto Morais, Ricardo Coneti, Eduardo Assis e Marcos Goldstein) 3m55s5
2 — PUC (Eduardo Alizó, Boris, Alves, Eduardo Waeder e José Getúlio) 4m01s04
3 — UERJ (Paulo Manzini, Eduardo Barbosa, João Jorry e Ronaldo Marciliano) 4m10s00

Juraciara Pereira (107) lutou muito com Priscila Santchuk (424), mas venceu os 100m barreiras

Paulistas lideram no atletismo juvenil que começa com bom nível

São Paulo, com 24 medalhas, das quais sete de ouro, lidera o Campeonato Brasileiro de Atletismo Juvenil — 7º Feminino e 9º Masculino — iniciado ontem na pista do Estádio Célio de Barros, com o bom saldo técnico de dois recordes brasileiros e quatro de Campeonato. O Rio de Janeiro, com 10 medalhas, sendo três de ouro, ocupa a segunda colocação, duas a mais do que o Paraná, terceiro colocado.

O melhor índice técnico da competição que, como sempre apresentou um público reduzido, pertenceu ao gaúcho Carlos Alberto Moraes Alves, nos 2 mil com obstáculos, prova na qual ele superou o recorde brasileiro da categoria com 5m56s5. Com essa marca tudo indica que poderá correr os 3 mil em pouco mais de nove minutos. Outro recorde brasileiro foi batido pela paulista Marisa da Silva, e a paranaense Eva Batista Dias nos 1 mil 500 metros, com 4m46s3.

Mais quatro recordes do Campeonato foram superados, o que corresponde a uma boa média nas 21 provas realizadas ontem: Roderick Beltrão, de Pernambuco, no salto em altura, com 2,00m; Ana Maria de Oliveira, de São Paulo, também no salto em altura, com 1,70m; Nilton Garcia, do Rio, nos 400m, com 48s0; Joaquim Carvalho Cruz, de Brasília, nos 800m, com 1m55s3. O Campeonato será encerrado esta manhã, e São Paulo deverá aumentar o número de medalhas.

Primeiro dia

5.000m: 1º Cláudio Ribeiro, Paraná, 15m00s4, 2º Jorge Luís Sousa Santos, Rio, 15m20s3, 3º Márcio Martins Khunn, São Paulo, 15m27s0. **400m Barreiras:** 1º Elias Rocha, São Paulo, 54s0, 2º Wellinton Araújo, Amazonas, 55s7, 3º Franklin Biancamano, Rio, 56s7. **Salto triplo:** 1º Luís Carlos Favero, 14,95m, 2º Roberto Justino, São Paulo, 14,94m, 3º Neilton Moura, São Paulo, 14,48m. **Salto altura:** 1º Ana Maria de Oliveira, São Paulo, 1,70m (recorde de Campeonato), 2º Lucilene Lonardoni, Paraná, 1,55m, 3º Maria do Carmo Bezerra, São Paulo, 1,55m. **200m:** 1º Paulo Roberto Correa, São Paulo, 22s0, 2º Nilton Garcia, 22s2, 3º Herval Cerqueira, Bahia, 22s3. **800m:** 1º Joaquim Carvalho Cruz, Brasília, 1m55s4, (recorde de campeonato), 2º Humberto Garcia, Paraná, 1m 56s0, 3º Fernando Gil, São Paulo, 1m56s2. **Arremesso peso:** 1º João Raimundo Bezerra, Amazonas, 15,39m, 2º Mario Vila Real, São Paulo, 14,89m, 3º Italo Varuffi, São Paulo, 14,83m. **100m:** 1º Bárbara Vieira, Rio, 12s1, 2º Célia Costa, Rio, 12s1, 3º Maria do Carmo Nogueira, Minas, 12s5. **Salto com vara:** 1º Carlos Roberto da Silva, São Paulo, 4,30m, 2º Flávio Luís Ferreira, São Paulo, 3,70m, 3º Luís Cláudio Visciano, São Paulo, 3,50m. **1.500m:** 1º Mariza da Silva, São Paulo, 4m46s3 (recorde brasileiro), 2º Eva Batista Dias, Paraná, 4m46s3, 3º Daisi Pinto Oliveira, Pará, 4m 46s4. **400m:** 1º Margit Weise, Santa Catarina, 56s9, 2º Maria José Ferreira, São Paulo, 57s7, 3º Cláudia Aparecida Adolfo, São Paulo, 58s0. **400m:** 1º Nilton Garcia, Rio, 48s0 (recorde campeonato), 2º José Antônio Mendes, São Paulo, 48s8, 3º Joaquim Carvalho Cruz, Brasília, 49s0. **2.000m obstáculos:** 1º Carlos Alberto Moraes Alves, Rio Grande Sul, 5m56s5 (recorde brasileiro), 2º Jorge Luís Sousa Santos, Rio, 5m58s4, 3º Luís Donisete, São Paulo, 6m00s9. **Arremesso martelo:** 1º Ralf Frustockl, Rio Grande do Sul, 57,94m, 2º Pedro Atílio, São Paulo, 57,34m, 3º Rogério Karpinski, Rio Grande do Sul, 54,68m. **Salto altura:** 1º Roderick Beltrão, Pernambuco, 2,00m, 2º Jorge Arcanjo, Rio, 1,95m, 3º Lauro Maia, Paraná, 1,95m. **4x100m — homens:** 1º São Paulo, 43s0, 2º Pernambuco, 43s6, 3º Rio, 44s5. **4x400m — mulheres:** 1º Minas, 4m18s7 (Rio e São Paulo foram desclassificados por infração na entrega do bastão). **100m barreiras:** 1º Juraciara Pereira, Rio, 14s8, 2º Priscila Santchuk, São Paulo, 15s2, 3º Lucilene Lonardonix, Paraná, 15s3. **Arremesso disco:** 1º Márcia Barbosa, Paraná, 38s58m, 2º Maria Cristina Kogut, Paraná, 35,04m, 3º Carmem Cunha, Rio, 34,62m. **Salto distancia:** 1º Marília Saifert, Rio Grande do Sul, 5,68m, 2º Cláudia Maria Neves, Rio Grande do Sul, 5,58m, 3º Márcia Regina Malachias, São Paulo, 5,40m.

Soviéticos se impõem na ginástica

Estrasburgo, França — A ginasta soviética Elena Mujina, com 78 mil 725 pontos, sagrou-se, ontem, campeã mundial de ginástica olímpica. Em segundo lugar, com 78 mil 575 pontos, ficou a soviética Nelli Kim, seguida pela sua compatriota Natália Chaposnikova, ganhadora da medalha de bronze, com 77 mil 875 pontos. Nádia Comaneci, ganhadora de quatro medalhas de ouro em Montreal, conseguiu apenas o quarto lugar, com 77 mil 725 pontos, provando que realmente está muito longe da forma físico-técnica que apresentou há dois anos.

Judô já definiu a Seleção

A Seleção Brasileira já está definida para o Mundial Universitário de Judô, que começa quarta-feira no Maracanãzinho: Luís Virgílio (categoria absoluto), Sumio Tesujimoto (superleve), Mario Roberto Juqueira (meio-leve), Floriano Paulo de Almeida Neto (leve), Arnaldo Menani (meio-médio), Válter Carmona (médio), Vicente Recaro Júnior (meio-pesado), Osvaldo Cupertino Simões (pesado).

Hoje começa no Rio Othon Palace Hotel, em Copacabana, o Congresso da Federação Internacional de Esportes Universitários.

Fórmula VW promete um bom duelo hoje mesmo tendo campeão

Mesmo com o Campeonato já decidido por antecipação em favor do paulista Alfredo Guaraná (Gledson), os 25 pilotos que fizeram tempo ontem para a última etapa do Brasileiro de Fórmula Volkswagen, categoria 1 600 cc, empenharam-se ao máximo, mas os quatro primeiros colocados foram os de sempre: Antônio Castro Prado (McChad), o *pole position*, que terá ao lado Alfredo Guaraná e logo a seguir Maurício Chulan (Brahma) e Marcos Troncom (Philips).

A posição de largada dos quatro prevê uma luta muito boa pela conquista do primeiro lugar da prova, já que para cada um ela terá um significado diferente. Caso ganhe mais esta etapa, Guaraná igualará o recorde de Nélson Piquet em uma temporada — seis vitórias — enquanto Troncon, Chulan e Prado vão lutar pelo vice-campeonato. A largada será às 10h, no Autodrómo de Jacarepaguá.

MUITO CALOR

Alfredo Guaraná ganhou cinco provas das oito até agora disputadas, sem obter a *pole position* em nenhuma delas, o que mostra o rendimento excelente do seu carro. A prova de hoje para ele será mais importante do que as anteriores, pois, se ganhar, igualará o recorde de Nélson Piquet, obtido na temporada de 1976.

Os treinos de ontem foram praticamente mais fracos do que o de sexta-feira, quando vários pilotos conseguiram fazer o percurso em até 2m6s. O tempo do *pole position* Antônio de Castro Prado foi de 2m6s91, com seu carro rendendo bem. O calor atrapalhou um pouco, mas não o suficiente para detê-lo na intenção de obter sua terceira *pole position* no Campeonato.

Maurício Chulan fez seu tempo ontem (2m 7s 49) com o carro apresentando problemas de freio, pois as pastilhas gastaram e o piloto não quis perder o tempo que lhe restava no boxe. Ficou atrás de Guaraná mas manteve a esperança de conseguir hoje o título de vice-campeão deste ano. Mas quem for ao autódromo deve prestar atenção ao carro número 59, de Marcos Troncon, que também mantém esperança de ficar com o segundo lugar da competição.

Dos três, Chulan é o líder com 84 pontos, seguido de Troncon com 82 e Castro Prado, com 79. Os carros estão bem de máquina, com destaque para o de Troncon, que ontem chegou a desenvolver até 220 quilômetros horários na tomada de tempo.

NA 1 300

Entre os pilotos da categoria 1 300 cc, o líder Elcio Pelegrini (McChad) teve problemas com seu carro e ficou em décimo-terceiro lugar, enquanto Darcio dos Santos obteve a *pole position* tranquilamente, com o excelente tempo de 2m19s91. Mesmo assim, Elcio estava tranquilo, já que o único piloto que lhe pode tirar o título, Ernest Perenyi, também teve problema e ficou com o décimo tempo.

Elcio tem 101 pontos e Perenyi 89. Será uma luta à parte e interessante, pois os carros não estão rendendo o suficiente — até ontem pelo menos — e os dois são os únicos que podem conquistar o título da categoria — os outros não têm pontos suficientes mesmo ganhando hoje.

Posição de Largada (1 600)

1.	Antônio Castro Prado (McChad)	2m06s91
2.	Alfredo Guaraná (Gledson)	2m07s13
3.	Maurício Chulan (Brahma)	2m07s49
4.	Marcos Troncon (Philips)	2m08s28
5.	Luís Moura Brito (Bosca)	2m08s42
6.	Vital Machado (Valvoline)	2m08s44
7.	Pedro Muffato (Muffatão)	2m09s28
8.	Cláudio Barbosa (Straup)	2m09s33

1 300 cilindradas

1.	Darcio dos Santos (Heve)	2m19s91
2.	Marcelo Tidemann (Pateco)	2m20s23
3.	Luís Renato Schaffer (Schaffer)	2m20s66
4.	Deso Calascibotta (Kaimann)	2m20s51
5.	José Luís Bastos (Cianciaruso)	2m20s81
6.	Nélson Balestieri (Heve)	2m21s04
7.	Carlos Marancsi (Kaimann)	2m21s05
8.	Mauro Fauza (Heve)	2m21s77

Alex e Ingo correm na Argentina em novembro

Buenos Aires — Os brasileiros Alex Dias Ribeiro e Ingo Hoffmann confirmaram ontem sua participação nas duas provas do Campeonato Europeu de Fórmula-2, que serão disputadas dias 5 e 12 de novembro na Argentina. Além dos brasileiros, mais outros 22 pilotos estão inscritos, entre eles Jean Pierre Jarier, segundo piloto da Lotus.

A primeira prova será disputada no autódromo de San Martin, em Mendoza, a 1 mil 100 quilômetros de Buenos Aires, e a segunda no autódromo municipal da cidade de Buenos Aires. Ontem mesmo a Associação Européia de Fórmula-2 distribuiu os números dos participantes.

Barcos da Santos—Rio atrasam por calmaria total na Ilha Grande

A total calmaria na área da Ilha Grande, onde velejavam a maioria dos barcos favoritos da Santos—Rio, tirou a perspectiva de chegada do fita azul — barco mais rápido — na ponte do Arpoador, até a noite de ontem. A prova, uma das mais importantes da vela de oceano brasileira, tem percurso aproximado de 220 milhas e, segundo os organizadores, deverá terminar hoje à tarde, se melhorar o regime de ventos.

Poucos se comunicaram com a sala de rádio do Iate Clube do Rio de Janeiro, para não facilitarem a navegação dos concorrentes. Entretanto, às 15h35m, o gaúcho Don Alberto transmitiu uma mensagem informando que velejava no través da Ilha Grande, tendo os veleiros *Orion III*, *Tigre* e *Winsome 77* no visual, enquanto o *Sofer*, um Brasília-32 construído no Brasil, comunicava às 19h15m de ontem, que estava no través de Marambaia, totalmente encalmado há mais de duas horas.

A Santos—Rio integra o chamado Circuito Rio — Campeonato Brasileiro extra-oficial de barcos de oceano — e entre os aproximadamente 200 tripulantes que concorrem há três campeões mundiais de iatismo: Gastão Brun, Axel Schmidt e Torben Schmidt Grael. Até ontem à noite, apenas o *Winnetou* havia desistido.

Barroso campeão

Com mais duas vitórias, ambas obtidas na tarde de ontem, Augusto Barroso garantiu a conquista do título de campeão estadual da Classe Solling. A competição termina hoje à tarde com a sexta regata e mesmo que não vá a raia, Augusto ficará sem pontos perdidos, porque venceu as três primeiras regatas disputadas na semana passada e pode abandonar seu pior resultado.

Os resultados de ontem foram: *4a. regata* — 1.º Augusto Barroso, com os proeiros Daniel Wilcox e Carlos Eduardo Brito Pereira; 2.º Arnaldo Caldas; 3.º Antônio Figueiredo. *5a. regata* — 1.º Augusto Barroso, 2º Murilo Borges, 3º Arnaldo Caldas.

No Estadual da Classe Finn, a vitória pertenceu a Pedro Paulo Petersen seguido de Pedro Bulhões de Carvalho Fonseca, atual campeão sul-americano da Classe, classificando-se em terceiro, Alzir Faria Junior. Pela primeira regata do Estadual de Pinguim, venceu Arcélio Moreira, com Antônio Sampaio em segundo e Eduardo Garcia em terceiro lugar.

Em Tóquio, o neozelandês Mark Peterson assumiu a liderança do Campeonato Mundial da Classe Quarter Tonner ao vencer a segunda regata da competição, que está sendo disputada no litoral da Capital japonesa. Os demais classificados foram: 2.º Hiroaki Hashiba (Japão), 3.º Yasuyuki Hakamori (Japão), 4.º B. Fischer (Inglaterra), 5.º Axel Mohnautt (Alemanha Ocidental), 6º Mikio Togano (Japão).

Agora o Grêmio joga para vencer

Porto Alegre — Depois de ser obrigado a perder sua partida, contra o Juventude, para se classificar à fase final do confuso Campeonato Gaúcho, o Grêmio enfrenta hoje o Caxias do Sul, naquela cidade, desta vez com a obrigação de vencer para ir à finalíssima e tentar ganhar o ponto-extra, correspondente ao campeão do turno. E parece disposto porque escalou agora sua equipe titular.

O Internacional, que na rodada anterior também preferiu jogar com reservas para perder, propositadamente, para o Caxias e levar esta equipe — a terceira do Estado — a ser um adversário difícil contra o Grêmio, também vai lançar o time titular, inclusive com a volta de Falcão, para enfrentar o Juventude.

Em Minas, tudo depende do STJD

Belo Horizonte — O Atlético poderá tornar-se campeão do primeiro turno do campeonato Mineiro se vencer ou empatar com o Uberaba, hoje, às 16h, em Uberaba. Mas o título fica na dependência de julgamento, pelo STJD, do recurso da Caldense contra decisão da Justiça esportiva mineira.

A Caldense perdeu os três pontos de sua vitória sobre o Atlético e do empate com o América, que recorreram ao TJD sob a alegação de que o jogador Emilio participara das duas partidas em situação irregular.

No confuso Campeonato Mineiro, o Cruzeiro também tem possibilidades de conquistar o primeiro turno, o que ocorreria com uma decisão do STJD contrária à Caldense e uma vitória do Uberaba sobre o Atlético, depois do que haveria partida decisiva entre Atlético e Cruzeiro. A confusão aumenta com a antecipação para hoje à tarde, no antigo campo do Cruzeiro, da partida que Vila Nova e Nacional de Araguari fariam na nona rodada do segundo turno.

Palmeiras luta por uma vaga

São Paulo — Palmeiras e Portuguesa de Desportos fazem hoje, no Pacaembu, o único clássico da rodada do Campeonato Paulista, que define os dois colocados de cada um dos quatro grupos classificatórios. O Palmeiras ainda não garantiu sua classificação à finalíssima do primeiro turno, o mesmo acontecendo com a Portuguesa.

Além do clássico jogam: Paulista x América, em Jundiaí; Comercial x São Paulo, em Ribeirão Preto; Ponte Preta x Botafogo, em Campinas; Noroeste x Portuguesa Santista, em Bauru; Francana x Marília, em Franca; Ferroviária x Guarani, em Araraquara; XV de Novembro x Corinthians, em Piracicaba, e, XV de Jaú x Santos, em Jaú.

Na Rua Javari, no jogo isolado do Campeonato — que valeu pelo Teste 414 da Loteria Esportiva, jogo número 6 — o Juventus venceu o São Bento, por 4 a 2.

O jogador, tema de congresso

Porto Alegre — Ao apresentar ontem sua tese sobre Aspectos Constitucionais da Lei do Passe, o advogado Sérgio Augusto Neves, procurador do Sindicato dos Jogadores Profissionais do Estado, disse, no plenário do 2º Congresso Brasileiro de Direito Desportivo que o sindicalismo aplicado ao jogador de futebol no Brasil, ainda é incipiente, não possuindo o jogador brasileiro, de um modo geral, uma exata noção de seus direitos como atleta.

Campo Grande espera renda de 1 milhão esta tarde

Os dirigentes do Campo Grande programaram uma grande festa para hoje na inauguração do novo Estádio de Italo del Cima: venderam ingressos durante toda a semana nas lojas e fábricas da cidade, organizaram as torcidas e blocos para prolongados desfiles e esperam ser recompensados neste esforço com uma renda de Cr$ 1 milhão. O Flamengo receberá, com qualquer renda, uma cota fixa de Cr$ 200 mil.

Pontualmente às 6 horas de hoje, Campo Grande começará a viver o ambiente festivo da inauguração. Milhares de foguetes foram comprados para começar neste horário uma sequência de disparos que deverá durar pelo menos 30 minutos, segundo os planos dos organizadores. Ao mesmo tempo, os sinos das igrejas locais e das redondezas repicarão alertando toda a população para o inicio da comemoração.

ADÃO CONFIRMADO

Quanto ao jogo, já há uma vantagem inicialmente assegurada para o Campo Grande. A equipe realizou dois treinos esta semana no novo estádio, para um reconhecimento do gramado, que é verdadeiramente o motivo da inauguração de hoje. As obras continuarão por mais algum tempo, mas, como está, o Italo del Cima já tem condições de receber atualmente cerca de 30 mil torcedores.

No mais, não deverá acontecer nenhuma surpresa. O Flamengo recuperou ontem Claudio Adão e o técnico Claudio Coutinho confirmou o jogador no comando do ataque. O treino da tarde de ontem foi dedicado a um bate-bola e apenas Zico, Toninho e Júnior mereceram mais atenção: foram exercitados à parte na cobrança de faltas, um dos recursos que a equipe pretende explorar hoje para vencer o Campo Grande.

A recreação de ontem estava marcada para as 16 horas, como sempre. Mas todos os jogadores se atrasaram e, com exceção de Rondinelli, foram multados pela caixinha da equipe — cujo total será rateado entre eles mesmos na semana do Natal. Rondinelli chegou à Gávea com um atraso de uma hora, porém o supervisor Domingos Bosco explicou que tinha dado permissão para chegar mais tarde. Rondinelli hoje não ficará nem no banco, situação que Coutinho explica pelo mau estado atlético do zagueiro:

— Rondinelli anda está fora de forma. Quando estiver cem por cento, realmente em condições, então voltará direto ao time, para o lugar de Manguito, que é o seu como titular.

A delegação sairá da concentração às 12h30m e, além dos titulares, seguem Cantarele, Ramirez, Jorge Luis, Marcinho e Tião (Eli Carlos deverá ser cortado do banco). A vitória valerá para cada um Cr$ 2 mil 500, por se tratar do primeiro jogo contra clube pequeno previsto na tabela progressiva.

CAMPO GRANDE FLAMENGO

Local: Italo del Cima. **Horário:** 15h15m. **Juiz:** Gieses do Couto. **Auxiliares:** José Valeriano Correia e Eraldo Prevot. **Campo Grande:** Caxias, Brasinha, Nenê, Carlos Alberto e Rui; Paulo Roberto, Cabral e Badu; Neco, Caio e Clécio. **Flamengo:** Raul, Toninho, Manguito, Nélson e Júnior; Carpeggiani, Tita e Adílio; Cláudio Adão, Zico e Pedro Ornelas. **Preliminar:** Campo Grande x Flamengo (Campeonato de Juvenis).

A grande vitória do Campo Grande é a de poder inaugurar uma parte de seu estádio com menos de um ano de obra

Ilídio, o presidente que uniu todo o bairro

Estádio começou sem a pedra fundamental

Oldemário Touguinhó

O estádio começou a ser planejado numa reunião de diretoria em que o vice-presidente de Patrimônio, Ilson Goulart, dono de uma construtora, doou uma maquete ao clube. Seguiram-se outras doações: o vice-presidente administrativo, Manuel Leite, deu Cr$ 100 mil e a firma Irmãos Neves, do ramo de material de construção, 50 mil tijolos e 500 sacos de cimento, pois o dinheiro em caixa era apenas Cr$ 15 mil 500.

No dia seguinte, começou a construção e o entusiasmo era tão grande que a obra foi iniciada sem que houvesse o lançamento da pedra fundamental. A diretoria passou a estudar um plano orçamentário e cada um de seus componentes investiu-se nas funções de administrador da obra, mesmo os que exercem atividades profissionais distanciadas da construção civil, como o dentista Márcio Gomes e o advogado Laerte Ferreira.

A ARRANCADA

Toda a diretoria passou a se dedicar ao clube em regime de tempo integral, mesmo com algum prejuizo de suas atividades particulares. O primeiro passo em busca de recursos para a obra foi o lançamento de 3 mil titulos de sócio-proprietário, a Cr$ 3 mil cada. Pouco depois foi vendida uma segunda série de 1 mil, ao preço unitário de Cr$ 4 mil.

O entusiasmo dos diretores contagiou a comunidade e teve como primeira recompensa a iniciativa de um veterano associado, que fez correr uma lista de contribuições entre os moradores das localidades de Vila Nova e Tingui. As doações, na maioria de Cr$ 10, totalizaram Cr$ 7 mil.

A etapa seguinte foi a venda das cadeiras cativas. A construção do estádio havia motivado não só os associados, mas também os habitantes de um modo geral, que investiam na compra de titulos e de cadeiras enquanto o estádio ainda estava apenas em alicerces.

O clube solidificou seu crédito na região e passou a encontrar abertas, para financiamento, as portas de todos os bancos da rede local. Mais recentemente, houve necessidade de obter recursos para dotar o novo estádio de um moderno sistema de iluminação e a fórmula encontrada foi o lançamento de 200 bônus de Cr$ 10 mil, que valeriam como uma espécie de empréstimo ao clube.

Até hoje, quando inaugura o campo e as primeiras dependências para o público, a diretoria do Campo Grande já investiu Cr$ 15 milhões na obra.

O FUTURO

O crescimento da arquibancada, que ganhou alguns degraus a mais do que estava previsto inicialmente, resultou em dois andares internos, que o clube aproveitará para a construção (já adiantada) de suites modernas e refrigeradas e um salão de jogos. As suites terão nivel de hotel de primeira classe, para que nelas, em futuro próximo, se concentrem delegações visitantes. Os planos da diretoria não terminam na formação de um grande clube para competições regionais e por isso o estádio em breve estará em condições de hospedar equipes vindas de todo o Brasil e do exterior para jogar com o Campo Grande.

Quando pronto, o Estádio será não apenas moderno e confortável, mas igualmente dotado de instalações e equipamentos que o façam altamente rentável.

Os diretores do Campo Grande têm ainda mais um motivo de orgulho: é que na festa de hoje não haverá uma única faixa de politico a merecer os agradecimentos do clube. Pois de nenhum deles, como de nenhuma autoridade, foi recebida ajuda de qualquer espécie.

— Dos 70 mil sacos de cimento gastos até agora — diz o presidente — apenas 4 mil vieram de fora, mais precisamente do presidente da Federação Carioca, Otávio Pinto Guimarães.

"Seu" Modesto, uma vida que é a história do clube

Um dos mais felizes com a inauguração do estádio é seu Modesto Rodrigues, cuja vida é a própria história do Campo Grande. Foi jogador na fase do amadorismo, quando o clube era apenas um grupo de rapazes do bairro interessado em se divertir com o futebol e defender o prestigio do local.

Seu *Modesto está agora com 70 anos. Uma trombose dificulta um pouco seus movimentos, por isso, está preocupado em como conseguir chegar hoje ao estádio. Ele desconhece que a Diretoria tem para ele um lugar reservado nas tribunas, em homenagem a seu amor ao clube.*

O passado

O grande ginásio do clube tem seu nome e ele chega a chorar ao falar do assunto. Seu *Modesto é muito querido e vai diariamente observar as obras, acompanhar o crescimento de seu clube.*

— Sou do tempo do Paladino. Ainda não havia o Campo Grande. O Paladino era registrado e emprestou seu registro para que a nossa turma aqui de Campo Grande pudesse disputar o Campeonato de amadores da Liga. As cores do uniforme eram azul e rosa. Depois colocamos o nome de Campo Grande e trocamos as cores para preto e branco, igual a do Clube dos Aliados, também importante em nosso bairro. Ficamos num campo onde hoje é a Escola Afonso Celso. Em 1925, fomos campeões. Jogava ainda a equipe do Fidalgos, que hoje é o Madureira. Todos pertenciam à Liga Metropolitana de Esportes Terrestres.

— Ficamos alguns anos sem poder jogar porque tomaram nosso campo. Finalmente, depois de uma reunião na Sociedade Musical 10 de Maio, em 1940, voltamos a abrir o clube (havia fechado em 1930). Jorge Lima, o pai — há um outro Jorge Lima na história do futebol local — foi o presidente e Raul Boaventura o secretário. Começamos a disputar novamente o Campeonato entrando na série C. Passamos mais tarde para a B e finalmente para a A. Durante oito anos vencemos todos os Campeonatos. Naquela ocasião eu também dirigia a Seleção do Departamento e no fim trazia os melhores jogadores para meu clube. Faziamos uma lista e cada um dos diretores dava um dinheirinho que pudesse ajudar os rapazes a vir jogar por nós. Para conseguirmos nosso campo é que foi uma luta. Começamos a dizer que quem nos desse o terreno teria o nome perpetuado no estádio, em sinal de gratidão. Falamos com o Alfredo Cima e ele concordou em comprar uma área, em nome de sua familia.

— Havia um terreno (onde hoje é o estádio) de propriedade do Coronel Manuel. Alfredo falou com ele, que pediu Cr$ 600. Num passeio pela rua, Alfredo conseguiu convencer o coronel a vender por Cr$ 400. Fizemos o estádio, que passou a se chamar Italo del Cima, nome do pai de Alfredo. Toda a familia sempre ajudou o clube e faz isso até hoje, participando da campanha financeira para o novo estádio — disse seu Modesto.

Um homem importante, em sua época, foi também João Ellis Filho, que assumiu a presidência e lutou muito para melhorar o clube. João Ellis foi quem levou o Campo Grande para a Divisão de Profissionais do Campeonato Carioca.

— Naquela ocasião fui contra, porque achava que o time não tinha condições de se manter na categoria, pois nos amadores éramos os melhores e nos profissionais isso não aconteceria. Mas agora vejo que também seremos grandes nos profissionais e com o nosso estádio, nunca mais iremos cair. Campo Grande toda deixará de torcer por Flamengo, Vasco, Botafogo ou Fluminense, para se identificar inteiramente com nosso clube. Vamos ter que apoiar a diretoria. Só lamento não ter mais a força e a resistência de antigamente, mas tenho ainda muito amor para incentivar esses rapazes e, se Deus quiser, vida bastante para um dia ver meu clube novamente campeão, assim como aconteceu tantas vezes na minha época.

Seu Modesto é um homem emotivo. Os olhos sempre em lágrimas ao falar do seu Campo Grande. E' por isso que todos aguardam sua presença no estádio, pois se o clube hoje existe, uma das razões foi a dedicação de seu Modesto durante a juventude.

Depois do campo, uma equipe para o título

— A construção do estádio é apenas o inicio de um trabalho de nossa diretoria e da comunidade de Campo Grande, pois nosso sonho maior é ter dentro de no máximo dois anos uma equipe com craques de prestigio internacional, e com ela disputar o título de campeão do Rio de Janeiro — disse o Ilidio Rodrigues, presidente do Campo Grande.

— Nosso clube não tinha nada no ano passado. Hoje tem um belo estádio e, o que nos deixa mais feliz ainda, é quando chega um velho torcedor e, após olhar o campo, acaba chorando de alegria. Esse é o melhor pagamento que poderiamos ter, ou seja, o de dar alegria ao povo de Campo Grande.

O LIDER

Ilidio nasceu em Viseu, Portugal, mas com 14 anos veio para o Brasil (está agora com 52). Logo depois foi morar em Campo Grande. Integrando-se ao bairro, foi presidente do Rotari Clube e da Associação Comercial locais. Sua liderança e o sentido de organização mostrados à frente daquelas entidades deram-lhe um forte prestigio. Por isso, mais de uma vez foi cogitado para dirigir o Campo Grande. Finalmente, resolveu aceitar. Logo de inicio, reuniu a diretoria e juntos chegaram à conclusão de que o clube precisava crescer ou, então, o melhor seria extingui-lo.

Todos se uniram em torno do presidente e daí começou a caminhada para a construção do estádio.

— Nós faziamos muita fé na comunidade. Por isso, no dia 15 de novembro de 1977, começamos a obra. O importante é que 99% das pessoas com quem falávamos da construção do estádio achavam a idéia sensacional, mas não acreditavam no sucesso, inclusive porque só tinhamos em caixa Cr$ 15 mil 500 e a construção estava orçada em torno de Cr$ 20 milhões:

— Graças a Deus tudo foi indo muito bem. Haviamos feito uma previsão de despesas e acabamos tendo que aumentá-la, pois não pretendiamos comprar mais terrenos em volta do campo, o que afinal fomos forçados a fazer, para aumentar o número de degraus das arquibancadas. Também a iluminação não estava em nossos planos, mas já estamos em condições de inaugurá-la, após um investimento de Cr$ 1 milhão 800 aproximadamente. A indústria e o comércio de Campo Grande continuam ao nosso lado e assim vamos vencendo todos os obstáculos.

— Atualmente recebemos muitos abraços, mas agora não é vantagem, porque o estádo já está construido. O que interessa é apoio daqueles que ajudaram o clube antes mesmo de termos um saco de cimento para a obra. Muitos comerciantes concordaram em pagar anúncios dentro do estádio, sem que tivéssemos estádio. Isso é que é acreditar na gente, isso é que é ajudar o clube. Todos nós, da diretoria participamos de uma equipe que vendem titulos, cadeiras cativas e bônus.

— Nosso estádio ainda não está pronto, mas domingo (hoje) vamos ter sua primeira festa. Vou chegar bem cedo ao clube. Sei que centenas de velhinhos do antigo Campo Grande irão comparecer para a visita matinal. Quero estar lá para recebê-los, pois tudo que fizemos foi em homenagem a eles. Queremos toda a cidade de Campo Grande unida em nosso clube, pois hoje começamos uma nova vida. E tenho fé em Deus que maiores alegrias virão nos próximos anos, quando todos respeitarem nosso time, que não será apenas um concorrente, mas verdadeiro candidato ao titulo estadual, pois só assim é que o Campo Grande será verdadeiramente grande como todos nós desejamos — concluiu Ilidio, emocionado.

No mesmo caminho de Santos e Campinas

Elevado à categoria de cidade por lei (a de nº 1 627, de julho de 1968), Campo Grande se vale hoje de uma infra-estrutura que nenhum outro bairro do Rio possui: uma seção local da Ordem dos Advogados do Brasil, sindicatos de transportes, de professores e de feirantes e ainda associações médica e odontológica. O Estádio do Campo Grande — o mais novo motivo de orgulho da comunidade — faz nascer entre os habitantes a certeza de que o bairro-cidade alcançará agora, através do futebol, a projeção nacional que o Santos deu à cidade que lhe empresta o nome, que o Guarani e a Ponte Preta deram a Campinas.

A população de Campo Grande concentra cerca de 500 mil pessoas no perimetro urbano e se eleva a 1 milhão e 200 mil, se considerados os habitantes de localidades próximas, como Guaratiba, Santa Cruz e Itaguaí, que fazem do bairro o centro de suas atividades. Para essas pessoas, é chegado o momento de tornar sua cidade conhecida em todo o pais e fazê-la mais importante que a homônima da região Centro-Oeste, a capital de Mato Grosso do Sul.

Com o estádio, que hoje será parcialmente inaugurado — as obras prosseguirão por mais um ano e meio — as classes produtoras locais acreditam estar criando o instrumento definitivo para a fixação da comunidade, que doravante ali assistirá a grandes espetáculos e, no prazo médio de dois anos, terá um grande time para representá-la nas principais competições.

Como chegar ao estádio

O "frescão" Castelo—Campo Grande e o ônibus 397, Largo de São Francisco—Campo Grande, via Bangu, são os melhores transportes para o torcedor chegar ao estádio. Existem ainda outros ônibus, como o 398 — Largo de São Francisco—Campo Grande, via Vila Kennedy e o trem da Central do Brasil. Os dois primeiros passam na porta do estádio. Os que forem de carro seguem pela Avenida Brasil e podem entrar em Bangu e seguir pela Avenida Santa Cruz até chegar ao estádio, ou continuar pela Avenida Brasil até a entrada para Campo Grande e depois retornar até a rua do estádio, a Arthur Rios. As entradas: cadeiras e imprensa, **Rua Moura**; arquibancadas, Francisco Mota e Cabiuna; sócios, Arthur Rios.

Fluminense faz partida difícil em Moça Bonita

Após o empate sem gol com o Olaria na abertura do segundo turno e a vitória de 2 a 0 sobre a Portuguesa, na rodada seguinte, o Fluminense terá de, no mínimo, golear o Bonsucesso, hoje, em Moça Bonita, não apenas para devolver a confiança a seus torcedores, mas, principalmente, para escapar das críticas e advertências de seu vice-presidente de Futebol, Paulo Ribeiro.

O que parecia ser o início de uma nova fase, quando a equipe encerrou o primeiro turno com uma vitória categórica sobre o Flamengo, não encontrou sequência nas apresentações seguintes. A equipe não mais repetiu as improvisações que marcaram o período de comando do técnico anterior, mas também sob a direção de Admildo Chirol não conseguiu reeditar a exibição de poderio ofensivo da tarde do Fla-Flu.

O Bonsucesso, comprovadamente uma equipe modesta, leva a vantagem de conhecer um pouco melhor o local da partida de hoje, porque ali empatou com o Bangu, dono do campo, no único jogo que disputou nesse turno: 1 a 1, reagindo após ser dominado pelo adversário.

Da última participação direta de Paulo Ribeiro no comportamento do time restou a impressão de que o dirigente exige mais gols do ataque. Ou não seria necessário que ele se reunisse em separado com Fumanchu, Nunes e Doval, durante quase uma hora, na sexta-feira.

FLUMINENSE
BONSUCESSO

Local: Moça Bonita. **Horário:** 15h 15m. **Juiz:** Wilson Carlos dos Santos. **Auxiliares:** Mário Leite Santos e Durvalino Perez. **Fluminense:** Weldell, Miranda, Tadeu, Edinho e Carlinhos, Pintinho, Gilson e Mário, Fumanchu, Doval e Nunes. **Bonsucesso:** Júlio, Mário, Hélio, Paúra e Alcir, Wilson, Augusto e Jorginho, Naldo, Gildásio e Edson. **Preliminar:** Fluminense e Bonsucesso, juvenis, às 13h15m.

Reinaldo, o melhor do América, em luta com os zagueiros do Olaria

Paulo Ribeiro, o homem da lei

Antonio Maria Filho

Paulo Gilberto Carneiro Ribeiro, 42 anos. Nascido em Campina Grande, na Paraíba. Ex-dirigente do Bonsucesso, onde prestou bons serviços. Sócio proprietário do Fluminense desde 28/11/67. Não gosta de entrevistas, por ser introvertido e por achar que tem má dicção. O que promete cumpre. E' dono de uma grande transportadora com filiais espalhadas por todo Brasil. Tem por sua Mercedes-Benz um carinho todo especial. Não se descuida da aparência: as unhas estão sempre bem cuidadas. Anda sempre sozinho e não se separa de sua bolsa Capanga.

'A primeira vista pode parecer propaganda eleitoral de qualquer candidato a Camara ou Senado, mas são apenas alguns dados pessoais do vice-presidente Paulo Ribeiro, o atual homem-forte do Fluminense, espécie de eminência parda do presidente Silvio Vasconcelos. Suas determinações são lei, quer boas ou más: compra, vende, empresta e pune jogadores sem necessidade de ouvir ninguém.

O vice-presidente Hugo Molinaro, por discordar do até então diretor de futebol Paulo Ribeiro, teve seu cargo cassado através de um simples telefonema. O ex-goleiro Félix, uma figura intocável dentro do clube, foi demitido (mais tarde readmitido). Marinho, o jogador de maior projeção internacional da equipe, sofreu uma suspensão de 20 dias por discutir com ele.

Por que razão Paulo Ribeiro, um homem estranho às tradições do Fluminense, teria tanta força? O que o levou a conseguir tanto prestigio junto a Silvio Vasconcelos? Por que passou em poucos meses de um simples diretor a vice-presidente de futebol?

AS ACUSAÇÕES

As explicações são variadas. Há quem o considere competente. O presidente Silvio Vasconcelos, seu maior admirador no clube, nega todo este poder atribuido a Paulo Ribeiro, mas concorda que o futebol é um departamento independente, dando-lhe total liberdade de ação: "O que Paulo Ribeiro decide está decidido".

O ex-presidente Jorge Frias de Paula, que levou Silvio Vasconcelos à presidêcia do Fluminense, pensa diferente. Para ele, os muitos erros cometidos pela atual administração se devem exclusivamente a Paulo Ribeiro, a quem considera um homem despreparado e desconhecedor dos assuntos ligados ao futebol.

— Silvio Vasconcelos poderia ser um bom presidente, mas infelizmente tem dado ouvidos a esse Paulo Ribeiro e pelos meus cálculos o déficit mensal do Fluminense atinge a Cr$ 1 milhão e 500 mil. Portanto, do início do ano para cá, nossas dívidas somadas com as já existentes devem atingir a Cr$ 50 milhões.

As contratações de Nunes e Fumanchu foram precipitadas, na opinião de Jorge Frias de Paula, e responsáveis pelo caos financeiro que domina o clube.

As criticas são maiores que os elogios e de uma maneira geral todos no clube evitam se aproximar de Paulo Ribeiro. Seu gabinete está sempre vazio, as pessoas só o frequentam quando obrigados, nas reuniões e despachos normais em qualquer Departamento de Futebol.

NÃO ACEITA CRÍTICAS

Quando criticado em jornais ou em emissoras de rádio, suas reações podem ser de várias maneiras. Às vezes não dá importancia, mas já houve casos de pedir a substituição do repórter que publicou noticias que o desagradaram.

Paulo Ribeiro

Há quem afirme que todo o seu prestigio foi conseguido por ser um homem financeiramente bem-sucedido e que graças a seu crédito tem levantado empréstimos bancários que dificilmente o clube obteria sem o seu aval. Por outro lado, pessoas atingidas por ele, como é o caso do técnico Farias — afastado do time de juvenis — reconhecem o valor de Paulo Ribeiro.

— E' um homem correto e cumpridor de sua palavra. Precisa apenas de um ou dois auxiliares, pois fica muito sobrecarregado.

Paulo Ribeiro é realmente cumpridor de sua palavra. Depois do jogo em que o Fluminense deixou o campo derrotado pelo São Cristovão, afirmou que um técnico vive de resultados e no dia seguinte Paulo Emilio foi demitido. Prometeu comprar Nunes e Fumanchu e, quando parecia que não teria êxito, desembarcou no Galeão de braços dados com os dois jogadores, sendo aclamado pela torcida que foi espera-los.

No episódio Marinho, suspendeu o jogador por 20 dias e limitou-se a comunicar sua decisão à diretoria do clube, sem se importar com o ponto-de-vista da Comissão Técnica, que, por mais que evite tocar no assunto, não consegue esconder o desejo de ter o jogador de volta o mais rápido possivel.

Por sinal, este foi um dos maiores problemas que enfrentou no Flumiense. Marinho não concordou com a punição e passou a atacá-lo, acusando-o inclusive de proteger Nunes.

— Fiquei surpreso — disse Marinho. Mudava de roupa no vestiário após ser substituido e vi Paulo Ribeiro entrar e pedir que os demais funcionários nos deixassem a sós. Senti que haveria problemas e passei a ser ofendido. Se pedi para sair, é porque estava contundido e não com o intuito de desrespeitar a torcida. A maior prova disso é que não joguei a partida seguinte por estar vetado pelo Departamento Médico.

Paulo Ribeito nega ter desacatado Marinho. Diz que dificilmente toma atitudes grosseiras e que nunca desrespeita ninguém. Ao que parece, sua figura é antipatizada por se tratar de um homem de pouca conversa e que toma atitudes sem consultar ninguém. Na única vez (pelo menos publicamente) que perdeu a tranquilidade, dirigiu-se ao Principe Khaled Al Saud de forma grosseira acabando com a festa organizada pelo empresário Alfredo Saad. Neste encontro, o Fluminense tentou receber o cheque de 200 mil dólares como pagamento da primeira parcela do passe de Rivellino.

Paulo Ribeiro, mostrou, pelo menos, as razões que o levaram a ser um empresário bem-sucedido — foi a única pessoa no clube que percebeu a dificuldade que o clube teria para receber o cheque. E, de fato, até hoje, ninguém sabe ao certo quando o cheque será descontado.

Com todo poder que possui atualmente no Fluminense, muitas pessoas influentes na politica do clube já se mostram descontentes com Paulo Ribeiro. Mas, para que seja afastado da vice-presidência, é preciso que o clube readquira a estabilidade financeiramente para cumprir os compromissos já assumidos e avalizados por Paulo Ribeiro.

América vence fácil o Olaria

O América não encontrou a menor dificuldade para fugir à marcação por pressão exercida pelo adversário, e venceu o Olaria por 3 a 0, ontem à tarde, no Andaraí, num jogo em que os gols foram marcados em situações previstas e ensaiadas durante a semana.

A rigor, o único obstáculo encontrado pelo América no primeiro tempo — perdeu o sorteio e teve que jogar contra o vento — acabou facilitando as jogadas de seu ataque, que atuou em alta velocidade e com deslocações constantes, que acabaram envolvendo a defesa adversária, e resultaram na marcação dos gols que definiram o placar.

Surpreendido pelo esquema tático do América, a defesa do Olaria acabou se confundindo, e o sistema defensivo habitualmente adotado pelo técnico Carlos Alberto da Luz, que dera certo no jogo do primeiro turno, desta vez fracassou. Com Reinaldo aberto pela esquerda e Silvinho pela direita, o América mostrou logo que o gol não tardaria.

Aos 14 minutos, Aílton dominou a bola em sua intermediária e lançou Mário no círculo do meio de campo. Este livrou-se de três marcadores com um drible de corpo e tocou na frente, para Aílton que, em alta velocidade, invadiu a área e, na saída de Ernani, tocou no canto esquerdo, marcando o primeiro gol. O time continuou jogando bem e criando condições de gol, até que oito minutos depois, César fez boa jogada com a participação de todo o ataque: penetrou pela esquerda e centrou para o meio da área, onde Silvinho, livre, só teve o trabalho de chutar para o gol vazio. Aos 37 minutos, Reinaldo fez a melhor jogada da partida, penetrando pelo meio driblando e tabelando com César, que o deixou livre para chutar violentamente. Ernani defendeu parcialmente, e, na sobra, Mário cabeceou no angulo esquerdo, completando o marcador.

AMÉRICA 3
OLARIA O

Local: Andaraí. **Renda:** Cr$ 35 mil 355. **Público pagante:** 1 mil 228. **Juiz:** José Roberto Wright. **Auxiliares:** Cláudio Garcia e José Carlos Moura. **Cartão amarelo:** Mário (América) e Luís Carlos (Olaria). **América:** Carlos Afonso, Uchôa, Alex, Eraldo e Álvaro; Gerson Sodré, César e Aílton (Léo Oliveira); Reinaldo, Mário (Paulo César) e Silvinho. **Olaria:** Ernani, Baiano, Luís Carlos, Mauro e Roberto Sousa (Gilmar); Ricardo, Lulinha e Rocha; Rubens Nicola, Brasília (Roberto Lopes) e Rodrigues. **Gols:** No primeiro tempo, Aílton (14), Silvinho 22) e Mario (37).

Campeonato de Juvenis

SEGUNDO TURNO

Ontem

Botafogo 1 x Vasco 0 (São Januário)
América 0 x Olaria 0 (Andaraí)
Portuguesa 2 x São Cristóvão 0 (Ilha)
Madureira 1 x Bangu 0 (Moça Bonita)

Hoje

Campo Grande x Flamengo (Ítalo del Cima, 13h15m)
Bonsucesso x Fluminense (Moça Bonita, 13h15m)

CLASSIFICAÇÃO

		PG	J	V	E	D	GP	GC
1 —	Botafogo	4	2	2	0	0	2	0
	Madureira	4	2	2	0	0	3	0
3 —	Bangu	2	2	1	0	1	3	1
	São Cristóvão	2	2	1	0	1	1	2
	América	2	2	0	2	0	0	0
	Olaria	2	2	0	2	0	1	1
	Portuguesa	2	2	1	0	1	2	1
8 —	Fluminense	1	1	0	1	0	1	1
	Flamengo	1	1	0	1	0	0	0
10 —	Vasco	0	2	0	0	2	0	2
	Campo Grande	0	1	0	0	1	0	2
	Bonsucesso	0	1	0	0	1	0	3

Campo Neutro

José Inácio Werneck

O principal acontecimento de hoje em matéria de futebol é mesmo a inauguração do estádio do Campo Grande, maior do que o do Botafogo. Não foi tão festejado nem tão anunciado, mas não importa. Importa que, com o campo do Botafogo, com Caio Martins, com o estádio do Campo Grande, com o do América em Nova Iguaçu e com Moça Bonita, o futebol carioca começa a criar, junto com São Januário, opções para a saída do Maracanã.

O presidente do clube foi o autor de uma façanha, partindo da insignificante quantia de Cr$ 15 mil existente em sua caixa, e agora, para justificar o estádio, e enchê-lo, pretende nos próximos anos investir em um time realmente em condições de disputar o Campeonato Carioca.

Creio que grandes clubes como o Flamengo e o Fluminense estão ignorando perigosamente o potencial dos subúrbios, onde ainda é possivel encontrar campos de várzea e onde a existência de um time forte, com bom estádio, funcionará como foco de atração para a formação de uma torcida. O Botafogo compreendeu isto antes, partiu na frente, e sem dúvida verá sua torcida crescer a partir de sua marcha para a Zona Norte. Hoje já se pode começar a discutir seriamente se o Fluminense ainda tem uma torcida maior do que a do Botafogo. Daqui a mais alguns anos poderá ter que se conformar com um fato incontestável.

Apertado em Álvaro Chaves, em um cotovelo do permanente congestionado bairro das Laranjeiras, o Fluminense há décadas discute planos de expansão e de transferência para outros locais, sem maiores resultados práticos. O Flamengo ainda teve mais sorte, pois cresceu, como outros clubes e até discotecas cresceram, em terrenos conquistados à Lagoa Rodrigo de Freitas.

Mas ambos estão na obrigação de dar à cidade um estádio de porte médio na Zona Sul. O Fluminense ganhou sua briga pelo terreno na Barra da Tijuca e deveria construir lá. Quanto ao Flamengo, sabe-se que o senhor George Helal pretende construir um estádio na própria Gávea, se for eleito. Eu lhe diria que a idéia é exequivel, se ele pensar numa garagem subterranea capaz de abrigar os carros de torcedores em uma zona da cidade já tão sacrificada em matéria de espaço.

E a garagem subterranea não deve encarecer tanto assim o projeto. Afinal, é obra que se faz escavando-se um pouco mais o terreno e revestindo-o de concreto, sem maiores acabamentos.

INAUGURADO com grande algazarra, o Parque Aquático do Maracanã passou a se constituir em apenas mais um elemento da paisagem. Nadar lá, nunca mais ninguém nadou, enquanto a Suderj e a firma construtora discutem pelos jornais se o encanamento está ou não com defeito.

O interessante debate ainda vai consumir muitos meses.

* * *

UM amigo surpreendeu um lider da oposição vascaina fazendo gargarejos.

— Para que isto? — espantou-se.

— Para falar nas reuniões do Conselho Deliberativo. Sempre que faço um discurso lá, os membros da situação assoviam e gritam o tempo inteiro.

* * *

A saída do senhor Mário Arnaud diminuiu ainda mais o já não muito grande número de líderes da combatida FAF, pois ele juntou-se a uma lista que já incluia, entre outros, os nomes de Drault Ernanny Filho, Carlos Niemeyer e Ivã Drummond.

Se a coisa continuar assim, a FAF acabará como uma simples manifestação musical, a divertir os circunstantes com os enérgicos desempenhos da banda do senhor Marco Aurélio Moreira Leite.

Aceitam-se convites para retretas.

* * *

DE PRIMEIRA: *Os torcedores que vão hoje ao Maracanã se sujeitam a toda sorte de desconforto, são obrigados a frequentar banheiros imundos infestados de homossexuais e ainda são furtados pelos concessionários, que simplesmente deixaram de fornecer troco e nem ao menos dão satisfações. /// A cidade de Los Angeles decidiu mesmo organizar os Jogos Olímpicos de 1984, mas não vai construir uma Vila Olímpica. Quem couber fica na antiga, onde hoje funciona uma universidade. Quem não couber, vai para os hotéis. Não deixa de ser uma ironia o fato de que as Olimpíadas de Los Angeles, em 1932, foram as primeiras para as quais se construiu uma Vila Olímpica. Por economia, para evitar despesas com hotéis. Como agora, por economia, deixa-se de construí-la.*

Vasco e Botafogo jogam depois de semana agitada

O Vasco conturbado por uma série de incidentes internos que marcaram os últimos sete dias, desde desentendimentos entre jogadores até agressão a um torcedor que assistia ao treino; o Botafogo indefinido depois de 10 meses sob o comando de Zagalo, que jamais conseguiu armar a equipe, e agora sob as ordens de um novo técnico, Danilo Alves. Esses dois times lutam pela afirmação hoje à tarde, no Maracanã, num jogo importante para quem tem neste segundo turno do Campeonato Carioca a última oportunidade de chegar ao título.

Os times entram em campo em aparente situação de equilíbrio, o Botafogo com dois pontos de vantagem porque tem um jogo a mais. O clube passou a semana discutindo a situação de Paulo César, cujo afastamento da equipe foi recomendado por Zagalo, por deficiência técnica. Decidido que seria de novo titular, foi a vez então de o próprio Paulo César se considerar em má forma e pedir para voltar em ocasião mais propícia, certamente num jogo mais fácil.

Quem volta é Rodrigues Neto, depois de cumprir suspensão de quatro jogos. Para que isso acontecesse, Ademir Vicente foi barrado por Danilo Alves, que preferiu manter Ademir Lobo, autor do gol da vitória sobre o Bangu. No Vasco, existe uma dúvida na ponta-direita: Wilsinho, contundido, pode dar oportunidade para a estréia do uruguaio Washington Oliveira.

Uma semana de clima conturbado

Márcio Tavares

Ameaça de briga entre jogadores, agressão do zagueiro Abel a um torcedor, provocações de Roberto aos jornalistas, além de acusações e propostas estranhas do presidente Agatirno Gomes à imprensa — este é o panorama do Vasco para o jogo com o Botafogo, decisivo segundo o técnico Orlando Fantoni para quem pretende ser campeão do returno do Campeonato Carioca.

Conturbado pela política de seu presidente, o Vasco conta exclusivamente com a fé de Orlando Fantoni e a disposição de seus jogadores para tentar o bicampeonato carioca, um trunfo que Agatirno pretende usar a seu favor nas eleições do próximo ano. Para as quais, aliás, já não concorre, mas deixa um candidato de certa expressão, o Coronel Carlos Alberto Cavalheiro, atualmente assessor e braço direito do Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD.

Culpa da imprensa

O Vasco passou esta semana por um período de tensão que há muito não experimentava. Tudo começou quando Agatirno Gomes, momentos antes de o time estrear no returno, diante do São Cristóvão, afirmou:

— A imprensa é a grande responsável pelo que acontece de mau no clube e no futebol. O Vasco tem a cobertura de rapazes despreparados, que inventam notícias. Chegaram a formar um ambiente hostil contra Leão. Imaginem, um jogador que trouxemos com tanto carinho. Fui criticado quando comprei o melhor goleiro do Brasil.

Na realidade, as afirmações de Agatirno não eram uma declaração de guerra: esta já havia sido feita dias antes, quando o dirigente propôs algumas manobras à imprensa:

— As matérias sobre violência esvaziaram o futebol carioca, pois são altamente negativas. A imprensa só devia publicar notícias positivas, mesmo que isso signifique violentar a consciência profissional. Se hoje o Campeonato Carioca não é tão rentável, a culpa é da imprensa.

Os jogadores que ouviam as palavras de Agatirno ficaram surpresos e apreensivos com a repercussão: temiam que as áreas de atrito do dirigente, cada vez maiores, pudessem prejudicá-los no diálogo com os jornalistas. Muitos discordaram da posição do presidente e aconselharam uma tentativa de diálogo com o vice-presidente de futebol, Luís Henrique, que é mais acessível e tem procurado contornar todos os problemas.

Apenas um jogador, o atacante Roberto, concorda com as críticas de Agatirno e o apóia integralmente, tendo feito na terça-feira sérias acusações à imprensa. Como resposta, foi criticado em quase todos os veículos de informação, mas o ambiente tenso continuou envolvendo os outros jogadores, que procuravam treinar sem se envolver em mal-entendidos.

Dois dias depois, o uruguaio Washington Oliveira, cansado de ouvir do zagueiro Fernando uma série de palavrões que tinham como finalidade instigá-lo a disputar o coletivo com mais empenho, só não provocou uma briga dentro de campo porque teve medo de ser punido por indisciplina. Mesmo assim, o caso teve repercussão negativa, pois o jogador estava disposto a esperar o companheiro fora de São Januário para tirar a diferença. Neste início de incidente, a habilidade do preparador Djalma Cavalcante conseguiu contornar a irritação de Washington, que confessou não entender direito o português, nem a forma como os jogadores no Brasil procuram incentivar os companheiros. Mas até quando a habilidade de um membro da Comissão Técnica poderá refrear os impulsos agressivos cada vez mais nítidos no time do Vasco?

Clima de rivalidade

Os coletivos são disputados em clima de jogo, com lances ríspidos e às vezes até desleais. Os titulares quase não vencem mais os reservas e a rivalidade prejudica os planos do técnico, que frequentemente tem jogadores machucados em simples treinos, que aparentemente teriam a finalidade de exercitar as manobras em conjunto da equipe.

O preparador físico Antônio Lopes já se manifestou contrário à prática de coletivos, mas Fantoni prefere este tipo de treinamento, apesar da opinião de Lopes, que afirma:

— Coletivo só serve para acirrar os ânimos e tornar um treino que poderia ter fundamentos táticos numa ameaça constante de contusões.

Todos os membros da Comissão Técnica sabem dos perigos que os jogadores correm, e o próprio preparador Djalma Cavalcante é o primeiro a reconhecer o clima hostil que domina os coletivos:

— No Vasco treino é jogo e jogo é guerra. Já nos acostumamos.

No último coletivo, sexta-feira, os torcedores, já conscientes da rivalidade entre os times e da proteção que os titulares têm dos que apitam, hostilizaram Djalma Cavalcante quando este marcou um pênalti contra os reservas, uma tentativa de tirar-lhes mais uma vitória. Um torcedor passou parte do treino ofendendo o preparador e, no fim, o zagueiro Abel pulou a grade para dar um pontapé no peito de um sócio, por ironia alheio às provocações e agredido apenas porque vestia uma camiseta da mesma cor do provocador — vermelha.

Ademir (E) volta ao banco, enquanto Mendonça e Dé estão escalados

FOCUS

Um último treino visto por poucos

Talvez como reflexo dos acontecimentos de sexta-feira — quando um sócio foi agredido após o término do coletivo — poucos torcedores assistiram, ontem pela manhã, ao último treino do Vasco antes da partida com o Botafogo. E apesar de se tratar de um simples dois-toques recreativo, os jogadores participaram com a disposição habitual: até o ponta Wilsinho fez questão de tomar parte, mesmo sentindo dores no joelho, e garantiu que tem condições de jogar.

A presença de Wilsinho na partida só não é certa porque hoje ainda fará um exame médico final que poderá vetá-lo. Como opção para o seu lugar, o técnico Orlando Fantoni dispõe do armador uruguaio Washington Oliveira, que já atuou improvisado na ponta direita quando jogou no México, mas que mostrou pouca adaptação ao setor nas vezes em que caiu pela direita durante os treinos.

Entre este Vasco que hoje entrará em campo e aquele que empatou em 4 de dezembro contra o Botafogo — que então, como agora, era dirigido por Danilo Alves — há outras diferenças além da opção de Washington Oliveira. Há o goleiro Leão, por exemplo, que começará agora a render mais para o time, segundo acreditam técnico e jogadores. Pois apenas nas duas últimas semanas uma mesma formação de defesa pôde treinar repetidamente e adquirir assim coordenação e conjunto razoáveis.

— Há duas semanas empatamos com o Botafogo jogando muito mal no primeiro tempo e levamos dois gols — lembra Fantoni — mas agora treinamos mais e espero que possamos atuar apenas como naquele segundo tempo, em que reagimos e empatamos a partida.

Além disso, também nestas duas últimas semanas o Vasco inaugurou uma nova maneira de descontrair os jogadores nas vésperas dos jogos de fim de semana. Nas noites de sábado, o grupo é levado a teatros ou a shows, o que já provocou alguns constrangimentos. Como na noite anterior a este último empate com o Botafogo, em que a peça escolhida foi **Os Veranistas**, de Gorki: os jogadores ficaram menos de uma hora no teatro.

— Era muito falado, muita conversa e o pessoal não gostou — contou Guina — então fomos ver o show do Miéle.

Para evitar novo constrangimento, a diretoria ontem simplificou as coisas levando todos para assistir a uma comédia: **Um Edifício Chamado 200** foi o programa dos vascaínos.

BOTAFOGO VASCO

Local: Maracanã. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Arnaldo César Coelho. **Auxiliares:** José Maria Brandão e Roberto Coelho. **Botafogo:** Zé Carlos, Perivaldo, Osmar, Renê e Rodrigues Neto; Wescley, Mendonça e Ademir Lobo; Gil, Luisinho e Dé. **Vasco:** Leão, Orlando, Abel, Gaúcho e Marco Antônio; Helinho, Roberto e Guina; Wilsinho (Washington Oliveira), Roberto e Ramon.

Campeonato Carioca

SEGUNDO TURNO

TAÇA RIO DE JANEIRO

Ontem

América 3 x Olaria 0 (Andaraí)
Portuguesa 2 x São Cristóvão 0 (Ilha)

Hoje

Botafogo x Vasco (Maracanã, 17 horas)
Madureira x Bangu (Maracanã, 15 horas)
Campo Grande x Flamengo (C. Grande, 15h15m)
Fluminense x Bonsucesso (Moça Bonita, 15h15m)

CLASSIFICAÇÃO

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1 — Botafogo	4	2	2	0	0	3	1
2 — Fluminense	3	2	1	1	0	2	0
3 — Flamengo	2	1	1	0	0	2	1
Vasco	2	1	1	0	0	4	0
América	2	2	1	0	1	4	2
Portuguesa	2	3	1	0	2	3	4
7 — Olaria	1	2	0	1	1	0	3
Bonsucesso	1	1	0	1	0	1	1
Madureira	1	1	0	1	0	1	1
Bangu	1	2	0	1	1	1	2
Campo Grande	1	1	0	1	0	1	1
12 — São Cristóvão	0	2	0	0	2	0	6

Um time que deixa a torcida inconformada

Sandro Moreyra

Vibrando ainda com a inauguração de seu novo estádio, eufórica com o resultado de recentes pesquisas que apontam o clube crescendo cada vez mais em popularidade, a torcida do Botafogo só não consegue mostrar alegria quando tem de falar no time de futebol.

Porque esse time até agora não chegou a lhe dar mais do que o pobre consolo de uma invencibilidade que não conduz a nada, a não ser ao título que se tornou gozação no futebol brasileiro: campeão moral.

DIFÍCIL MELHORAR

Mesmo tendo um elenco que reúne alguns bons nomes do futebol carioca e de ter até há pouco a direção de um técnico do gabarito de Zagalo, o Botafogo ainda não chegou a se afirmar como um bom time e ganhar um mínimo de confiança de seus torcedores.

Depois de 10 meses de trabalho, Zagalo, ao sair para o contrato milionário da Arábia Saudita, confessava que não conseguira encontrar nem o padrão, nem a formação ideal da equipe. Justificava assim o fato, tantas vezes criticado, de fazer o time jogar quase que permanentemente na defensiva. Para Zagalo, faltava aos jogadores a fibra capaz de tornar o time mais solidário em campo. E lamentava ainda a falta de disciplina tática da maioria dos jogadores.

— Lutei muito — explicava Zagalo — para dar um novo sentido coletivo ao time, mas o futebol brasileiro por incompreensão dos jogadores, de dirigentes imediatistas e de grande parte da imprensa, não está na verdade preparado para grandes transformações.

Disse e foi em busca dos petrodólares sauditas, bem mais sólidos e mais fáceis de ganhar. Em seu lugar ficou Danilo Alves, que nos 10 meses de permanência de Zagalo foi seu atento auxiliar.

Que benefícios poderá trazer a mudança é difícil prever. Pelo menos por enquanto, nada parece ter sido alterado. Com Danilo, o Botafogo jogou muito mal contra a Portuguesa e pior ainda contra o Bangu, a ponto de ser vaiado pela sua inconformada torcida.

TESTE E' HOJE

Houve a desculpa, no entanto, dos dois jogos não chegarem a motivar muito o time e, assim, a primeira grande prova para o novo técnico ficou para o clássico desta tarde, contra o Vasco.

O time, escalado sem Paulo César, tecnicamente o seu jogador de maior talento, é no mais o mesmo. Resta saber se o esquema, a tática de jogo foi mudada, passando o time a jogar mais solto, com mais agressividade, procurando de fato o gol, ou se vai continuar fechado, retraído, com Dé isolado lá na frente, com medo que o adversário marque um gol.

Essa é a dúvida que Danilo Alves terá de esclarecer hoje para a irritada e desconfiada torcida do Botafogo. Na escalação que deu ontem, explicou que manteve a formação que vinha jogando por estar convencido de que é a melhor. O que, é uma decisão acertada. Mas ele pode ficar certo também de que só conquistará a confiança das arquibancadas se o torcedor passar a ver seu time em campo com a disposição e a coragem que até agora ainda não mostrou no Campeonato.

Para um time que precisa ganhar o segundo turno, se quiser lutar pelo título, mais vale jogar agora a todo risco a continuar passiva e medrosamente se conformando com empates que não levam a nada.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro ☐ Domingo, 29 de outubro de 1978

O TRANSPORTE FALIDO

VIAJAR DE ÔNIBUS. OU GASTAR O SALÁRIO PARA SE CANSAR

Mara Caballero

— SE está ruim para os donos das empresas, não sei. Só sei que o meu patrão foi semana passada passear em Portugal. Agora, que ruim *pra* eles, pior *pra* gente vai ficar, tenho certeza.

O trocador Rosalvo esta-se preparando para mais uma viagem. Dentro do ônibus algumas dezenas de passageiros sentados, muitos outros em pé. O motorista Valdir liga o motor do "meia vinte e quatro", linha Mariópolis—Praça da Bandeira, e sai às 6h13m da Rua Juarana. Entra em outras ruas estreitas do bairro vizinho à Baixada Fluminense e ao sair de uma curva cruza com outro ônibus da mesma linha que vem em direção contrária. Os dois motoristas jogam um braço para a frente, estalando os dedos, num movimento que pode tranquilamente ser traduzido pela expressão *mete bronca*. E é exatamente isto — *meter bronca* — o que espera Valdir nas próximas quase duas horas (uma hora e 40 minutos, precisamente), até chegar à Praça da Bandeira. Para ficar lá uns poucos minutos e enfrentar todo o caminho de volta. E, novos minutos no ponto, começar tudo de novo.

Num dos 132 ônibus da Viação Novacap S.A., Valdir faz cinco das 583 viagens diárias da empresa, trabalhando de três e meia da madrugada às seis, sete horas da noite. Transporta nessas viagens parte dos 3 milhões 710 mil 400 passageiros/dia do Município do Rio. Passageiros que na sua maioria viajam apertados, suados, sonolentos e cansados, nos mais de 6 mil ônibus das 53 empresas que operam no Rio. Enquanto cresce a população usuária, essa frota começa a diminuir: algumas empresas estão ameaçando devolver a concessão de suas linhas, alegando que são deficitárias. Seus proprietários, nos últimos dias, estão mantendo uma espécie de reunião permanente com o Departamento Geral de Transporte Concedido, da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, procurando uma solução para o problema.

E o que pensam desse transporte alegadamente deficitário o usuário que por ele paga e os que nele trabalham? Viajar em qualquer uma das 377 linhas do Rio e passar pelos principais terminais da cidade é ouvir as mesmas queixas. Do passageiro, em relação aos motoristas e trocadores; destes, a respeito daqueles. E de todos contra o transito e as empresas. Os ônibus, se novos, não gozam de boa manutenção. E novos ou velhos, são em número, insuficiente: as filas nos terminais, pela manhã e à tarde, dão prova disso. As passagens, se não chegam a proporcionar boa saúde à economia das empresas, são caras para o poder aquisitivo da média dos usuários. Os trocadores, frequentemente, não dão os centavos do troco, cujo destino é o de reforço diário para a compra de cigarros e cafezinhos. Os motoristas, mal remunerados, andam nervosos e têm, em grande número, problemas psíquicos. O transito está quase sempre congestionado, situação considerada sem saída: "Não há doutor que dê jeito".

Depois de cumprimentar o colega, Valdir entra na Estrada do Engenho Novo, onde se pode ter uma idéia da precariedade da manutenção dos ônibus: as marcas no asfalto são de um pneu só. E' que o freio, em muitos casos, funciona apenas em uma das rodas. Quando o motorista o utiliza perto dos pontos, o ônibus dá uma guinada para o lado e só o pneu pressionado risca o chão. No "meia vinte e quatro", os muitos mais de 64 passageiros (40 sentados e 24 em pé, segundo a permissão oficial desrespeitada) não percebem essa anomalia. Estão mais preocupados em receber o troco da passagem de Cr$ 4,50 e em manter o equilíbrio, ameaçado a cada curva em que os pneus tiram fumaça do asfalto, tão pesada está a carga. O motorista diz que dá graças a Deus pelo volante ser hidráulico: "Quando não é, às vezes tenho até de me levantar para fazer a curva".

Pior de tudo, dizem alguns passageiros, é o "pára-pára". Apesar do longo percurso, o Mariópolis—Praça da Bandeira faz muito o papel de *lotação*, com passageiros subindo e descendo em cada ponto, o que para o motorista constitui um problema adicional: se pára, os passageiros que estão espremidos dentro do ônibus reclamam — "já está lotado" — e se não pára está sujeito a uma multa do SPU.

Sebastião Ataide de Melo, há cinco anos presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Trabalhadores em Transporte de Passageiros, expõe calmamente o paradoxo, na sede do Sindicato, que nos últimos 14 anos sofreu nove intervenções:

— Viajar lotado dessa maneira é um absurdo, mas se o motorista não parar o guarda o multa porque não atendeu ao sinal do passageiro. Depois de multado, como ele vai se justificar, provar que o carro estava lotado?

O trajeto do "meia vinte e quatro" é dos mais tortuosos. Ele não vem pela Avenida Brasil, mas pela Avenida Suburbana, às vezes mais congestionada do que a outra e igualmente perigosa: é de mão dupla e nada separa as suas faixas de rolamento. Na altura de Cascadura, menos de meio caminho andado, o transito começa a apertar. Em Vieira Fazenda, o ônibus já quase não anda. Crescem as reclamações: "motorista *morrinha*, não sabe passar?" Uma tentativa de ultrapassagem pela esquerda, ainda que temerária, alivia as reclamações. Pelas janelas, lufadas de vento num momento de maior velocidade amenizam o calor do sol forte das sete horas. Mas logo vem o grito de queixa de um passageiro, o ônibus passara ao largo do ponto em que ele queria saltar.

Olhos atentos, ora num espelho retrovisor, ora no outro, o motorista faz sinal para que um passageiro pendurado na porta traseira entre de vez. "Gente pendurada não pode, dá multa" — explica. Alguém conta que "um pingente desses" uma vez teve a cabeça esmagada contra um poste. Outro fala de um motorista da empresa Evanil, linha Caxias, cuja diversão era ir arrancando os espelhos retrovisores dos outros carros.

■

— Quando ouço alguém falar mal do motorista — diz Sebastião Ataíde, o presidente do Sindicato — sugiro que pegue o seu automóvel confortável, fresquinho, e ande durante umas 10 horas nesse transito das ruas do Rio, para ver como se sentirá. E isto sem a cigarra tocando a cada minuto, sem o calor de quase 90 graus do motor do ônibus, sem o nervosismo dos passageiros, sem o "pára-pára", sem o salário do profissional.

O baixo salário é o problema mais sentido de motoristas e trocadores. Sem contar as horas extras, um motorista ganha em média Cr$ 126,00 por dia; um trocador, C$ 69,00. O despachante tem salário entre um e outro. Esse é um dado de peso no déficit proclamado de quase 5 mil motoristas no Rio. Na sede do Sindicato, Sebastião Ataide continua:

— Todos os trabalhadores sofreram com a defasagem de 73/74 nos índices de aumentos salariais estabelecidos pelo Governo, mas nós fomos mais prejudicados ainda porque, com as continuas intervenções no Sindicato, acabamos perdendo as datas-base dos aumentos.

Mesmo recebendo salários irrisórios, muitos trocadores ainda se vêem obrigados a gastos forçados pela natureza de seu trabalho. E' o caso dos trocadores da Transportes Oriental S.A., que, quando há assaltos, ficam responsaveis pelo prejuízo:

— E não adianta — diz um deles — ir reclamar no Ministério. Acho até que a Oriental comprou o Ministério. Dia seguinte, se a gente não assinar o vale para o desconto no fim do mês, não trabalha.

Na garagem, todos — "nada de nomes, que nome em jornal é *sujeira*" — contam muitas histórias de assaltos. A linha mais assaltada — dizem — é a Largo de São Francisco—Campo Grande:

— Passou na *Cavalo de Aço*, é *trabuco* em cima do ouvido: "passa a *micha pra cá* e não reage que é um assalto.

Cavalo de Aço é um local em Santíssimo, perto de um conjunto habitacional. O dia de assalto é qualquer um, mas é principalmente no fim do mês. Um trocador já foi assaltado ali cinco vezes, duas em dia 24 e duas em dia 28. Prejuízo total de Cr$ 1 mil 500.

— Acabava de pagar um mês, era assaltado de novo. A empresa quer o dinheiro no cofre, mas quem se atreve? O assaltante se irrita, e aí?

A hora do assalto? Qualquer uma, 10 da manhã, sete da noite:

— Na hora em que a fome apertar nele.

Fome é assunto frequente nas conversas de motoristas e trocadores. Refeição, apenas uma vez por dia. A hora para almoço, obrigatória, é simplesmente descumprida na maioria dos casos e o cafezinho é tomado correndo nos três, quatro minutos em que o ônibus está parado no ponto.

As cinco e meia da tarde, no ponto do ônibus Praça Tiradentes—Cordovil, dona Maria do Carmo, 53 anos, sentencia, conformada:

— A condição do pobre é essa mesma.

E vai andando lentamente em direção ao ônibus, como vão todos os outros. Rostos indiferentes, cansados, sem nenhuma animação ao passar pela pequena banda que toca músicas carnavalescas, um homem fantasiado de Chacrinha, à frente, portando um cartaz de propaganda de um candidato a deputado. Ninguém pára também para ouvir os conselhos do fotógrado Massimo D'Azeglio, que distribui cartões com calendário e frases sobre as vantagens de não esbanjar dinheiro. Mas às vezes há revolta, como no dia em que derrubaram a cabina dos despachantes (aliás nem todos estão instalados em cabinas, segundo a lei obrigatórias) da Transportes Oriental, que, segundo muitos, conseguiu o monopólio das linhas de Campo Grande.

— E' um absurdo. Os ônibus — disse João Evangelista, 24 anos, vigilante — viajam com tanta gente que não cabe mais ninguém. E isso depois de uma espera de uma ou duas horas na fila. Se falta trem, então nem se fala. Os colegas da fila devem ter outras coisas a acrescentar.

Os "colegas da fila" naturalmente acrescentam muitas coisas. Salário mínimo que vai quase todo na passagem de Cr$ 7.50; trem que não dá para utilizar, tal o aperto; ônibus que demora a chegar no ponto; ônibus que apostam corrida durante o percurso; passagem da linha Largo de São Francisco—Santa Cruz a Cr$ 10,70; os Cr$ 0,30 do troco jamais entregues pelo trocador que também ganha salário mínimo etc.

■

Envolto pela fumaça dos ônibus da Auto Viação Tijuca, o despachante Milton, 36 anos, morador no Engenho Novo, salário de 3 mil e pouco, pouco mesmo", vai dizendo, compreensivo, enquanto anota as partidas dos coletivos, em pé, sem cabina:

Mas eu entendo, eu entendo. Tudo é questão de nervos. Empresas na falência? Não creio. Não será artimanha? Mas eu entendo. As vezes fico num estado de nervos terrível. E' informação daqui, informação dali. Quando chego em casa vejo que é incompreensão de ambas as partes.

Quinze para sete da manhã, o trocador do Olaria—Forte de Copacabana, em plena Avenida Brasil, reclama:

— Passinho à frente, vamos colaborar, a frente está vazia.

Ninguém "colabora". Só olha: não dá para mover nem o braço e o sono faz todo mundo continuar calado. Mas os olhares fuzilam o trocador.

No mesmo horário, na linha Largo de São Francisco-Campo Grande, a mesma cena. Mas aqui, como o percurso é muito mais longo, quem conseguiu lugar sentado, pode dormir, namorar ou ler: curso rápido de inglês, um jornal aberto na página policial, uma revista semanal.

— O que eu queria entender — reclama Nair Campos, enquanto espera o ônibus para Taquara — é esse negócio de fila. Tem fila *do em pé* e fila *do sentado*, mas eu vejo a fila *do em pé* entrar e sentar.

As filas *do em pé* e *do sentado* realmente complicam. Dão brigas, confusões, empurra-empurra. Algumas empresas já até tomaram providências. A Oriental, por exemplo, distribui fichas para os passageiros que só querem viajar sentados. Mas na estação rodoviária de Caxias, às cinco da manhã, não há ficha que resolva:

— Lá — diz o baleiro *Juca da Broa* — é na lei do mais forte. Dormiu um pouco mais, está atrasado, vai logo dando cotovelada e entrando na frente.

Na Rua Angélica Mota, ponto final do Olaria—Forte de Copacabana, o tumulto não é grande. São três filas, uma para cada ônibus. Mas as vezes só uma delas enche dois ônibus. Não se entende bem, mas ninguem reclama. Há fila *do em pé* e fila *do sentado*? Não, só fila *do sentado*, mesmo:

— Por que? Ah, o povo já está cansado, *né*?

Criança é Criança

ENCONTRO APONTA OS MALES DO TEATRO INFANTIL

Ana Maria Machado

AS pessoas que se interessam por teatro infantil certamente gostarão de saber que o 4º Encontro Nacional do setor bem como o 4º Seminário de Dramaturgia Infantil realizados em julho em Curitiba sob o patrocínio do Teatro Guaira estão apresentando agora um balanço de seus resultados e conclusões num documento sob a responsabilidade da Associação de Teatro Infantil de Curitiba e assinado por Dinas R. Pinheiro.
Constando de sete páginas, além de uma introdução e dois anexos, torna-se impossível sua reprodução nos limites desta coluna, razão pela qual nos limitaremos a transcrever alguns de seus trechos e recomendamos vivamente que os interessados procurem obter todo o relatório, embora não disponhamos do endereço da Associação. Mas a correspondência nos chega em papel timbrado da Fundação Cultural de Curitiba (Praça Garibaldi, 7 — Curitiba — Paraná) e a signatária, Dinah Ribas Pinheiro, trabalha no jornal O Estado do Paraná *e na revista* Panorama, *onde deve ser possível localizá-la para que se tenha acesso a essa "síntese do que ocorreu de mais importante no 4º Encontro e 4º Seminário".*
E' digna de todos os elogios a iniciativa democrática de ampliar os debates do Encontro através da divulgação de suas conclusões, possibilitando que as questões levantadas sejam discutidas por quem não pôde ir. E essas questões incluem coisas muito pertinentes e interessantes.
Após explicar como se organizou e funcionou o Encontro e apresentar seus participantes, o relatório ressalta que esse conclave "demonstrou um grande avanço de consciência cultural dos homens de teatro que compareceram", na discussão dos mais importantes problemas do setor, como "a produção e a perspectiva divisória entre produtores de teatro e povo; a integração entre a produção cultural e o público; a política cultural do Governo e a censura; o espectador infantil e a produção teatral", assinalando repetidamente que em relação aos encontros anteriores este "refletiu grande amadurecimento e capacidade de entender a situação atual do teatro brasileiro", numa atitude bem diversa "do enclausuramento elitista e alienado que se evidenciou nos anos anteriores".
Bafejados pelas aragens desse amadurecimento e dessa lucidez crítica, os participantes do encontro partiram do debate dos espetáculos apresentados para a discussão da real situação do teatro como produção cultural necessária.
Em alguns aspectos o relatório reconhece que nem sempre foi possível chegar a conclusões e que as análises e avaliações do teatro alimentadas por esses espetáculos nem sempre puderam ser uma apreciação crítica aprofundada (a honestidade do documento ressalta que "sequer podem ser consideradas consenso num grupamento médio de 100 a 150 pessoas que participaram intensamente das discussões e avaliações, e que representavam informações e níveis culturais diversos, bem como tendências divergentes. Apenas aprenderam resultados dos níveis mais organizados de explicitação cultural e crítica"). Mas o que importa tanto não são as conclusões — nem é de se esperar que elas passem a existir de repente, mesmo com o enriquecedor contato com esses níveis mais organizados de explicitação cultural e crítica.
O importante é justamente que se debata, que se discuta, que se procure enxergar as durezas e obstáculos que estão em volta emperrando e se procure de maneira sadia e com a justa garra de criadores andar com suas próprias pernas, identificar as dificuldades e vencê-las sem falsos apoios de esquemas paternalistas. Desta vez, em Curitiba, segundo o relatório, isso foi possível, "como esforço sistemático, frente às especulações sensualistas e confusas dos anos anteriores". Só esse fato bastaria para transformar o encontro num marco definitivo não só do nosso teatro infantil mas mesmo no da consciência autocrítica de nossa produção cultural.
Desta vez, as coisas não se limitaram a um blá-blá-blá sobre os espetáculos apresentados. Foram também além das costumeiras queixas contra as dificuldades concretas de quem faz teatro infantil, do debate sobre a existência de um teatro especificamente infantil, da questão de uma política teatral de mercado, da procura de identidade cultural pelas raízes. Tudo isso é importante e foi discutido. Mas os participantes do encontro foram mais além e não tiveram medo de dar nome aos bois, identificando a aliança existente entre a política oficial do Governo, a crítica de teatro infantil e os interesses incompatíveis com a cultura brasileira.
Comentando duas peças que o público carioca pôde ver recentemente — O Leão Sonhador na Cidade Egoísta *e* Tá na Hora, Tá na Hora *(esta ainda em cartaz), diz o documento:*
"O fato de essas peças terem recebido estímulos e prêmios da política cultural do Governo e da crítica mais influente no país chamou atenção para a deformação cultural existente no teatro infantil, e para o papel decisivo e negativo dos alinhamentos existentes tanto nos órgãos que realizam a política cultural quanto na crítica especializada (grifo deles)".
Mais adiante, uma nova observação aprofunda a análise: "Mas foi durante os debates consequentes que se evidenciaram os alinhamentos entre a política cultural do Governo e sua perspectiva fundamentalmente de monopolização do teatro, a partir do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, e o tipo de crítica que está predominando nos principais veículos de comunicação social. Ressaltou-se, então, que os quatro principais veículos de comunicação social escrita daquele eixo, de alcance nacional, e também a rede nacional de televisão, se ajustam inteiramente à perspectiva de uma política cultural que não foi elaborada nem é conduzida por interesses sociais explícitos dos brasileiros. Isto é, não é compatível com as necessidades culturais brasileiras."
Esses reparos são complementados pela carta da Associação de Teatro Infantil de Curitiba, afirmando que "a elevação das relações dos homens de teatro com o público encontra dificuldade de meios de comunicação, pois a imprensa no geral ainda está condicionada ao período anterior que vivemos e muitos de seus críticos são juízes e árbitros dos direitos de comunicação social, sem que tenham as condições requeridas para isso. E então percebemos que além de todas as dificuldades ante a censura e de produção e relações com a cultura oficializada, ainda há um intermediário poderoso que se arvora em juiz competente de um processo de relações sociais e culturais, sem que isso lhe seja delegado pela sociedade, nem por reconhecida capacidade."
A esperança de todos os que se interessam por teatro infantil é que agora, com esses níveis mais organizados de explicitação cultural e crítica, novos encontros do setor sejam capazes de organizar eleições para jornalista ou concurso público para avaliar candidatos a críticos, de modo a que se tenha a garantia de uma efetiva delegação da sociedade ou de uma reconhecida capacidade dos profissionais. Para que não se fique apenas no nível de constatar os problemas — o que irresistivelmente faz lembrar Macunaíma: *"Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são."*

O professor Pitanguary, do Departamento de Etnografia, surpreendeu-se com o material que não via há muito tempo

O ÍNDIO BRASILEIRO SEM ESPAÇO ATÉ NO MUSEU

O precioso acervo indígena do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista corre perigo. "No Museu, existe uma disputa por metro quadrado", diz o diretor Luís Emígdio de Melo Filho. As salas, insuficientes, estão entulhadas de material precariamente guardado em baús e armários, empilhados ou espalhados segundo o espaço disponível, que é pouco.

"Existem salas trancadas, onde ninguém entra, pois tudo cairia. A superposição dos objetos é algo horrível. Há mistura de materiais leves e pesados, o que prejudica a conservação. Uma infinidade de malas estão em outros setores", queixa-se Maria Heloisa Fenelon Costa, responsável pelo setor de Etnografia.

"O museu é a instituição mais antiga da América do Sul (fundado em 1779) e passa hoje por uma fase de bloqueio. E' um impasse, pais não existe a possibilidade de construção nesta área, já que foi tombada pelo Patrimônio Histórico", afirma o diretor. Há boatos sobre a mudança de local, ou o desdobramento do museu, mas o professor está otimista:

"Estamos recebendo recursos do Finep para aumentar alguns espaços internos, reformar algumas salas, comprar mobília nova. Fazemos um esforço sério por nos colocar num padrão internacional, mas dependemos de capacidade de área instalada, recursos e tempo. O ideal seria adquirir um prédio novo em São Cristóvão, para onde levaríamos a sede da pós-graduação".

"Todo o material indígena do fim do século XIX até hoje", diz a professora Heloisa Costa, "está armazenado, espalhado por todas as partes do museu. Com a verba do Finep, faremos o inventário geral sistemático. O inventário que temos hoje data de 1953 e como referência só leva números. Mas agora vemos as peças, atribuímo-lhes um número e outras informações básicas. Serão necessários dois anos para completar esse inventário, pois o número de peças é 40 mil".

A caixa número 52 é a primeira a ser aberta. Contém objetos da tribo Carajá, da Ilha do Bananal, rio Araguaia, Estado de Goiás. O professor Geraldo Pitaguary, do Departamento de Etnografia, tira os objetos envolvidos em celofane. Preocupado com o estado das peças, comenta: "Essa numeração não podia ser inscrita aqui. A catalogação deve ser feita na madeira, sem prejudicar o objeto, e nunca se deve colocar arame, para evitar a ferrugem. O ideal seria a inscrição dos números em pedaços de tecido amarrado com a fita ou um cadarço".

Pulseiras, flechas e muitos outros objetos são tirados das malas. O professor Pitaguary parece maravilhado: "Há quanto tempo não revia tudo isso. Com o tempo, a gente esquece o que existe precisamente aqui dentro." Chega a vez da mala das tribos do Xingu. Delas, emerge um festival de máscaras com fios compridos e perfume estranho. Embaixo das máscaras, pequenas pás com que os índios separam farinha.

Há muitos caixotes que não podem ser abertos por perigo de desabamento. Estão empilhados, nos cantos das salas. As chaves voltam para os cofres. Revisto e lembrado, o acervo volta a seus túmulos, para onde estão indo rapidamente os próprios índios.

Colocado em baús, empilhado ou espalhado em vários lugares inadequados, o acervo indígena do fim do século XIX corre perigo

Zózimo

Não sai

• Voltam a circular em Brasília os rumores de que estariam em mãos importantes, mais uma vez, os estudos de regulamentação do jogo no país.

• Uma única coisa, entretanto, está certa até agora: por mais apoio que a idéia possa vir a receber, ela não será aprovada no próximo Governo.

* * *

• Prova disto é que quem tinha planos de instalar aqui cassinos está tratando de modificá-los.

• O Playboy Club, por exemplo, já passou a defender a idéia da montagem no Brasil não de dois cassinos, como pretendia inicialmente, mas de dois hotéis.

■ ■ ■

"BIG BUSINESS"

• A segunda maior mina de ouro do Brasil, a Mina da Passagem, em Mariana, está trocando de mãos.

• As negociações, que transferem o controle do empresário Walter Rodrigues para a Anglo-American estão em fase final.

■ ■ ■

Mais uma

• A bailarina Maria Beatriz de Albuquerque será a segunda brasileira a integrar o elenco do Ballet de Stuttgart.

• Foi convidada por Márcia Haydée e transfere-se de armas e bagagens para a Europa já no início de novembro.

Bom gosto e quantidade

• O Instituto Nacional de Pesos e Medidas tem pronto na gaveta um projeto de lei que obriga os fabricantes de copos em todo o país a indicar, gravada em mililitros no fundo de cada um, a capacidade dos modelos que colocarem no mercado.

• E mais: todos os copos serão obrigados a exibir também uma faixa circular, bem visível, delimitando exatamente a medida que indica.

• A idéia, naturalmente voltada para o controle da venda de bebidas em locais públicos, traz também grandes desvantagens. Primeiro, porque impede totalmente a criatividade no *design* dos copos; segundo, porque é profundamente antiestético.

* * *

• Daí para a padronização dos cubos de gelo é um passo.

■ ■ ■

DOAÇÃO

• Desembarcaram ontem, no cais do Rio, 62 esculturas em mármore de Carrara assinadas por Bruno Giorgi, resultado da temporada de quatro meses que o escultor passou recentemente em Portugal.

• Entre elas, uma de proporções médias, que tem como destino o acervo do Museu de Arte Moderna, em substituição à escultura *Dois Guerreiros*, que sofreu danos irrecuperáveis no incêndio.

A modelo brasileira Ana Helena Berenguer, fazendo carreira em Paris

RODA-VIVA

• A Sra Dulce Martinez de Hoz parte hoje de volta à Argentina.

• **Candinha e Joaquim Guilherme da Silveira no Pará vendo terras.**

• Regina Lebelson mostrará sua coleção de verão no Golden Room do Copa, dia 23 de novembro.

• **As relações do Brasil com a Bolívia são o que se pode chamar no momento de intensas. Esta semana, chega aqui o quarto Ministro de Estado boliviano em menos de um mês, Sr Hermando Garcia Vespa.**

• Celina e Beca de Castro recebem hoje para jantar em torno da Sra Beatriz Simonsen.

• **Maria da Glória e Rodolfo Antici reuniram amigos ontem em Araras para almoço e jogo de tênis.**

• O atual Embaixador do Chile na ONU, Sr Fernando Zegers Santa Cruz, está sendo removido de Nova Iorque para Brasília. O agrément já foi pedido. O diplomata serviu já no Brasil, em 1968, quando era Embaixador aqui o Sr Hector Correa Letelier.

• **O Sr Cláudio Silveira renunciou às funções de conselheiro do Country Club, do qual é sócio há mais de 50 anos.**

■ ■ ■

QUEM DIRIA!

• Marshall McLuhan, que no final da década de 60 revolucionou o mundo da comunicação audiovisual com suas teorias e fórmulas, volta a atacar.

• Desta vez, investindo contra a TV, **media** que lhe trouxe a fama e lhe encheu os bolsos.

• Ao final de uma tumultuada palestra em Ontário, Canadá, McLuhan sentenciou alto e bom som:

— Crianças com menos de cinco anos de idade, ainda em fase de desenvolvimento motor, deveriam ser proibidas de assistirem a TV.

• Teresinha e Hildegardo Noronha estão convidando para jantar no dia 7 em homenagem ao Cônsul-Geral da Espanha e Sra de Abella.

• **Também no dia 7, D Hilda Faria Lima será a figura central de um almoço só de senhoras.**

• Aproveitando a ensancha, o advogado de Furnas e escritor Attila Brandão, premiado pela Academia de Letras, está lançando um romance à clef contando tudo sobre o meio energético brasileiro. **Linhas de Transmissão** irá ao ar amanhã, na Fundação Real Grandeza, de 14h às 16h.

• **Didu de Souza Campos reunirá alguns amigos em Correas no dia 2, seu aniversário. Com Gilda, naturalmente.**

• A Sra Maria Cecília de Paula Machado convida dia 31 para chá as **patronesses** da exposição Quatro Décadas, que será inaugurada dia 21 de novembro na sede do Jockey Club.

Salvo pelo tênis

• Se há no momento no Rio um atleta grato ao tênis, que ele pratica diariamente — e muito bem — é Alberto Abreu, um primeira-classe que já competiu em Wimbledon duas vezes como juvenil e que se fosse profissional estaria disputando torneios no Brasil em pé de igualdade com qualquer jogador.

• Mais do que tenista, Alberto é, entretanto, dono da agência de viagens que tem o seu sobrenome, outro dia assaltada por quatro homens de revólveres em punho.

• E foi sob a mira das quatro armas, solicitado rudemente a abrir o cofre do escritório, que Alberto deu mais do que nunca valor ao esporte que pratica. Aproveitando-se da própria aparência, bem mais jovem e magra do que sua idade poderia sugerir, permitiu-se sem riscos a contrariar as pretensões dos salteadores.

— Desculpem-me, mas não tenho as chaves. Elas ficam sempre com o patrão que raramente aparece por aqui.

■ ■ ■

NO MUNDO DAS NUVENS

• A British Air Space é agora associada ao grupo europeu responsável pelo A-300 Airbus.

• A associação foi comunicada ao Brasil pelo Sr Jacques Mitterand, da Aerospatiale.

• Os ingleses se recusavam até então a apoiar o projeto Airbus e, ao que tudo indica, renderam-se às evidências técnicas da nova versão do avião, o A-310, recentemente lançada.

■ ■ ■

Meia-volta

• Pela primeira vez em três anos foi significativo o número de empresas de capital estrangeiro que tiveram seus projetos aprovados pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial.

• Das 16 empresas relacionadas pelo CDI em sua última reunião, cinco são controladas por capital estrangeiro e somam um total de investimentos propostos superior a Cr$ 7 bi.

Zózimo Barrozo do Amaral

LEBLON

UM ROTEIRO DE MODA, DECORAÇÃO, LANCHES, NO COMÉRCIO MAIS FECHADO E EXCLUSIVO DO RIO

Iesa Rodrigues □ Fotos de Evandro Teixeira

A senhora dona-de-casa sai do supermercado, vergada com suas sacolas de compras, e pára em frente a uma vitrine. Gostou de uma camiseta. Pergunta o preço para a mocinha que atende e sai horrorizada, acha um absurdo pagar Cr$ 550 por um pedacinho de malha com bordadinhos no decote.

Esta é a compradora típica do Leblon, um bairro carioca que mantém semi-escondidas em suas ruas tranqüilas, algumas das *boutiques* mais sofisticadas do Rio. As lojas são bonitas, bem decoradas, nem sempre grandes, e nem sempre com o melhor atendimento, para quem não é conhecida dos donos ou das atendentes. A razão de tanto desprezo pela compradora desconhecida é simples: estas *boutiques* vendem para as mesmas pessoas, sempre. Depois de alguma insistência e abnegação, o rosto da cliente anônima passa para a privilegiada galeria dos *íntimos* da casa, e daí por diante, está garantido o acesso à melhor moda carioca.

Vale o empenho: o bairro é calmo, tem estacionamento fácil, e ainda não é engarrafado como Copacabana e Ipanema. O ideal é eleger uma determinada loja como a preferida, e passar por lá de vez em quando, para ver as novidades. Cada uma tem característica própria, e roupas para ocasiões definidas. Sem falar que em volta de cada quadra, nas esquinas das avenidas principais (San Martin e Ataulfo de Paiva) estão restaurantes de todos os tipos e preços, que seguem mais ou menos o esquema de atendimento das lojas: quanto mais conhecido do pessoal da casa, melhor a recepção.

E possível organizar um roteiro de compras leblonense. Com a ajuda de manequins de moda, indicações de freqüentadores assíduos dos bares e munidos de muita paciência para enfrentar algumas *caras fechadas*, este roteiro ajuda a quem ainda não conhece as oportunidades de compras e serviços prestados a quem procura o Leblon.

* * *

Começando na R. Rita Ludolf (dispensamos a R. Dias Ferreira, onde o restaurante La Molle e o sapateiro Luiz Figueiredo reinam como senhores absolutos), descobre-se que a lojinha Maria-sem-Vergonha vende vasinhos com bromélias por Cr$ 45, vidros de compotas mineiras, enfeitadas, por Cr$ 150, tem a representação dos móveis Art-de-Vivre no bairro e ainda por cima, aceita encomendas de brindes de Natal em artesanato, para firmas. Ao lado, a galerila Escada mantém seu estoque de artesanato brasileiro. Uma parada na Colher-de-Pau, para provar a torta Gal Costa (coberta com doce-de-leite) e vira-se a esquina da famosa Farmácia Piauí (aberta dia e noite), na Av. Ataulfo de Paiva.

* * *

• Em frente, do outro lado da rua, está a Casa Santa Cruz, com tudo que é possível imaginar, em cestas e palhas, por preços razoáveis.

* * *

• Novamente do outro lado da Av. Ataulfo de Paiva, na galeria nº 1.079, aparecem as primeiras *boutiques*. Entre elas, a atração da Bazzar, lojinha de moda e *bric-a-brac*, toda ao estilo antigo-colorido de Zezé Motta, a proprietária. E' o ponto certo para comprar sapatos de crocodilo, que fariam Karl Lagerfeld (estilista *kitsch* francês) babar de inveja; perfumes naturais e pulseiras de marfim. No segundo andar, está o novo salão de Rudy, o Gossip. "Não é um salão: é um estúdio, com cabelos criados cuidadosamente, sem o ritmo de fábrica". Enquanto declara este amor pelo trabalho mais caprichado, Rudy enrola *torsades* de cabelos em Heloísa Arruda e Marlene, manequins assíduas no Gossip. No mais, as tradicionais lojas de *jeans*, roupinhas infantis, sandálias.

* * *

• A próxima parada é na R. Rainha Guilhermina. Na pequena loja Xodó, uma miniatura de magazin sem pretensões, compram-se óculos de sol, com armações do tipo Emmanuelle Kahn, por Cr$ 240. Uma verdadeira pechincha. Em frente, o Pancake Bar solta seus aromas de panquecas variadas e sanduíches de lingüiça.

* * *

• Virando novamente a esquina, na Ataulfo de Paiva, o correr de lojas traz as sandálias boas e baratas da Clog (nº 1.105); as roupas para bebês da Little People (1.105-A).

* * *

• Hora do lanche? Esqueçamos os regimes, e vamos escolher os biscoitos favoritos, na vitrina da padaria e confeitaria Rio-Lisboa, na esquina da R. General Artigas. Ou quem sabe, um bolo inglês? Os fanáticos por salgados não resistem ao presunto em fatias. Com Cr$ 25, temos um saquinho com biscoitos casadinhos, recheados de doce-de-leite, que já sustenta até a próxima loja. Os freqüentadores da Rio-Lisboa afirmam que esta padaria só tem como competidora outra confeitaria do mesmo tipo, a Eldorado, de Ipanema.

* * *

• Na R. General Artigas, 232, ergue-se o pequeno edifício da galeria Vitrina do Leblon. No térreo, a Kopenhagen abastece de choco-

Pausa para o chá completo, em estilo dinamarquês

Irresistível, a vitrina de biscoitos e brevidades da padaria mais *quente* do Leblon

Vestidinho estampado, *blazer* rústico e chale jogado de lado, a moda delicada da Saville vestida por Heloísa Arruda

Madeira crua em fundo branco, na decoração da Krishna, para lançar os conjuntos de linho que custam Cr$ 1 mil 400 em média

Que tal usar coleira de *strass* como gargantilha *punk*? Várias cores, na Mondo Cane

A loja que *fez* seu ponto comercial: Bijou Box, forrada de preto, coberta de colares coloridos

Muito luxo, na moda e decoração exclusiva da Elle et Lui

Cecília e Claudia Noronha, Beth Lago e Heloísa formam o *time* Griffe

Todos os detalhes são preciosos, na apreciação da vitrina da lojinha de Zezé Motta

lates a clientela que compra coleiras de cachorro na Mondo Cane, loja de quinquilharias para animais de estimação. No segundo andar, está o salão branco de Miccheli, com terraço para o *relax* de quem está secando as unhas; e no terceiro andar, o departamento de atacado da Mic-Mac e Hobby Catch com seus estoques de moda bonita e prática.

* * *

• Também há quem prefira lanchar sentado, com todo o conforto. Um chá, com bolinhos, torradinhas, é a recompensa para quem caminha até o Helsingor, na esquina da R. General Artigas com San Martin. E' o restaurante especializado em comida dinamarquesa, que oferece além do chá completo (que custa Cr$ 90 aproximadamente), sanduíches abertos muito bem decorados, em pães pretos e integrais. Como sobremesa, a melhor torta de morangos da atualidade, com muito creme *chantilly*. À noite, o Helsingor reúne atores de teatro, jornalistas, e passa da silenciosa e anônima tranquilidade do chá da tarde, para o aspecto de clube fechado, que recebe os amigos, e se dá ao luxo de para eles reservar as melhores mesas, já que são assíduas no prazer de saborear as sopas dinamarquesas, os coquetéis *long-drinks*.

Saindo um pouco do assunto compras, já que falamos de lugares fechados, podemos lembrar outros pontos procurados por pessoas conhecidas. O restaurante e bar Antonio's, na Av. Bartolomeu Mitre reúne a melhor e mais variada seleção de clientes famosos, gente de sociedade, artistas, publicitários. E para os admiradores das novelas de TV, um dado precioso: o Banco Nacional, agência Leblon, é o responsável pelas movimentações dos galãs e estrelas da TV Globo na área da Praça Antero de Quental, porque recebe lá pelo dia cinco de cada mês, todos os salários da emissora. Para ver seu *ídolo*, é só se postar na frente do banco e esperar Tarcísio Meira, Francisco Cuoco, Eduardo Conde, Dina Sfat, e outros.

Depois de tantos VIPs, voltamos ao *shopping*. Na Av. San Martin, 889, esquina com R. General Venancio Flores, a Quartier Blanc domina o mercado dos vestidos longos e das roupas finas. Uma blusa de musselina pode custar Cr$ 18 mil; um vestido de gala está por volta dos Cr$ 20 mil, com predomínio do preto, com bordados de miçangas. Tal refinamento pede atendimento especial. A Quartier Blanc criou a sala VIPs, no primeiro andar, para as clientes que querem algo além dos conjuntos de linho e algodão da parte esportiva. Subindo a rua até a Av. Ataulfo de Paiva (para fazer um bom roteiro, é preciso seguir em ziguezague), passamos pela Mary Black, das mais antigas *boutiques* do bairro. Há oito anos a loja existe, mas mudou de donos desde 1974, e agora conta com vestidos de algodão coloridos no estoque, sandálias de plástico transparente, calças Mac Keen e alguns detalhes artesanais atraentes.

• Depois do alarido infantil que enche a Praça Antero de Quental (as crianças da vizinhança podem se vestir por ali mesmo, na Baby Jane, que fica na R. General Urquiza), o nível das *boutiques* passa do luxo para o exclusivo. Começando pela Griffe, (R. José Linhares, 100), que é das lojas mais bonitas da cidade, recém-inaugurada, entramos na galeria da esquina da José Linhares com Ataulfo de Paiva, para ver os artesanatos da Primitiva. De mobiles de palha (por Cr$ 130), a *panneaux* tecidos do Rio Grande do Sul (por Cr$ 1 mil 500), a Primitive consegue ser diferente das lojas do gênero, e tem bons preços. Do lado de fora da galeria, a sapataria Só Crianças é considerada *chamariz* de clientes pelas outras lojas. Com sandálias de plástico a Cr$ 75, em todas as cores, algumas purpurinadas, a Só Crianças garante o movimento da zona. Enquanto isso, a Smuggler, vizinha do lado direito, vende suas camisetas listradas por Cr$ 400, mostra também moda infantil exclusiva. E confirma o tipo de consumo do Leblon: é a senhora que sai do supermercado Disco, pára na vitrina e se indigna ao saber o preço das roupas. Ela é capaz de pagar Cr$ 200 por uma carne especial, no açougue em frente, mas acha caro qualquer blusão de *plush* para meninos que custe mais de Cr$ 300. Ao lado do tal açougue, vê-se a porta fechada do bar Degrau, que junto com o Alvaro's forma a dupla dos agitados centros boêmios do quarteirão. Fora as bebidas, recomendam-se as sopas de cebolas do Alvaro's e os tradicionais pastéis do Degrau. Mas esta agitação é à noite. De dia, o corre-corre é das alunas de ioga e ginástica, que frequentam as salas do edifício nº 527. Descendo para a praia, encontramos a Casa Bella, no nº 509 da Av. San Martin, com roupas da confecção Toujours, as malhas da Barbara Hulanicki e da Armazém, duas boas etiquetas paulistas.

* * *

• Por muita gente considerada a melhor *boutique* do Rio, a Krishna foi uma das pioneiras no Leblon. A loja antiga, decorada em vários planos e pisos atapetados, por Gilles Jacquard, agora tem o nome de Saville, e se diferencia da original principalmente pelo atendimento tímido, prestativo. Na coleção, destacam-se os *blazers* rústicos e as camisas de seda. Enquanto isso, a Krishna, transferida para outra loja, também na mesma Rua Carlos Góis, continua a tradição do atendimento íntimo para os conhecidos, e ignorando os desconhecidos e deslumbrados clientes novos. Os preços são justos, pagando-se além do tecido e dos custos normais, o privilégio de vestir a etiqueta da casa. Nas prateleiras e cabides, estão quase os mesmos conjuntos de saia e camisa de linho, as malhas abertas, as bermudas e vestidos bordados das outras milhares de lojas cariocas; mas sempre existe uma diferença qualquer que faz desta *boutique* uma líder da moda sofisticada do Rio.

• O Leblon está terminando, e na curva da Av. Afranio de Melo Franco, ainda estão os lançamentos de utilidades caseiras, exclusivos da Em Uso. Miudezas para escritório, brinquedos de madeira, vidros com plantas, são as preferências do público que vai até lá, para achar presentes bonitos e úteis.

• Em breve, a esquina da R. Almirante Pereira Guimarães terá mais uma galeria moderna. Mas antes mesmo do término da obra, o ponto é dos mais tradicionais da Zona Sul. Há quase 10 anos, estas é a rua da Bijou Box, com suas paredes forradas de feltro preto cobertas de contas, miçangas e *strass*. Para os proprietários, Ethel e Evandro Moura Costa, não existe o ponto comercial bom ou ruim: se a loja é boa, a rua deixa de ter o nome da placa, e passa a ser chamada de rua da loja tal. E' o que acontece com a Bijou Box, que agora recebe broches e chapéus de palha para o verão. Tem como vizinhos os móveis brancos e as modas requintadas da Elle et Lui, na esquina do outro lado. Lá é possível comprar um um tabuleiro de gamão de cortiça ou de madrepérola; esculturas de Berrocal; sofás de estilo italiano, e as melhores calças masculinas do Rio, em matéria de *prêt-a-porter*.

• No caminho para o Jardim de Alah, um correr de lojas: Babylandia, Kogut, Bar Shop; que vendem de móveis infantis a artigos para bar doméstico. Mas aconselhamos encerrar o roteiro com um lanche no Rock Dreams Café, ao lado da Elle et Lui, no final da R. Almirante Pereira Guimarães. E' um local de gente jovem, com grandes *sundaes* no cardápio, música de discoteca ao fundo. Enfim, a preparação certa, para entrar depois pela R. Visconde de Pirajá afora, onde por um passe de mágica, começa o barulho, a fumaça e o transito engarrafado.

Uma pechincha para o verão: óculos de sol por Cr$ 240,00, na Xodó

Rudy prefere um estúdio menor, para trabalhar mais

Miccheli, com ar de St.-Laurent, em seu grande salão branco

Cinema

★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

ESTRÉIAS

★★★

TUDO BEM (brasileiro), de Arnaldo Jabor. Com Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro, Zezé Motta, Maria Silvia, Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães e Luiz Linhares. **Novo Pax** (Rua Visconde de Pirajá, 351 — 287-1935), **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653), **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Méier** (Rua S. Rabelo, 20 — 249-4544), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Condor Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 222-6490): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Aos sábados, sessões à meia-noite no **Art-Copacabana.** (18 anos). História de uma família da classe média "que se acredita capaz de exorcizar os males do mundo para longe de suas portas e janelas". O filme é apresentado pelo realizador como uma comédia que às vezes passa à farsa, e também apresenta situações de sátira e tragédia.

★★★

QUE VAMOS DIZER AOS NOSSOS FILHOS? (Wie Sag Ich's Minem Kinde?), de Dr Roland Cammerer e Klaus E. R. v. Schwarze. Com Astrid Boner, Anke Syring, Ingeborg Steinbach, Hans Bergmann e Christian Fredersdorf. **Rio** (Rua Conde de Bonfim, 302 — 254-3270), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos). Filme de teor educativo sobre problemas sexuais, baseado nas experiências da moderna psicologia infantil. Produção alemã.

★★

NOS TEMPOS DA BRILHANTINA (Grease), de Randal Kleiser. Com John Travolta, Olivia Newton-John, Stockard Channing, Jeff Conaway e Didi Conn. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 12h40m, 15h, 17h20m, 19h40m, 22h. Sábado às 0h20m (14 anos). Um retorno à década de 50, apoiado na adaptação de uma peça musical da Broadway e no estrelado de John Travolta, lançado como **star**, com grande êxito de bilheteria, em **Os Embalos de Sábado à Noite.** Produção americana.

★★

NOITE EM CHAMAS (brasileiro), de Jean Garrett. Com Tony Ferreira, Maria Lúcia Dahl, Ricardo Petraglia, Zilda Mayo, Roberto Maya e Lola Brah. **Palácio** (Rua do Passeio, 38 — 222-0838), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 287-4524), **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **São Luiz** (Rua Machado de Assis, 74 — 225-7679), **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299), **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 326), **Olaria:** 15h, 17h, 19h, 21h. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): de 2a. a 6a., às 16h 18h 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h (18 anos). Empregado de um grande hotel decide manifestar-se à sua maneira, solitário, contra sua vida de prisioneiro da casa das máquinas e contra o mundo cruel e corrupto representado pela clientela do estabelecimento, provocando uma série de acidentes que culminam em um incêndio.

★

ELKE MARAVILHA CONTRA O HOMEM ATOMICO (brasileiro), de Gilvan Pereira. Com Elke Maravilha, Pedro de Lara, Mario Petraglia, Carvalhinho e Wanda Costa. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h20m, 16h, 17h 40m, 19h20m, 21h (livre). Comédia maluca. Repórter fotográfico é destacado para escrever sobre um cientista louco a fim de que o jornal, distraindo a atenção da opinião pública, permita à polícia investigar uma série de desaparecimentos de pessoas. Enviada de outra galáxia, Elke ajuda o repórter a enfrentar o lunático cientista.

★

O SUPER-HOMEM DO KARATÊ (Stoner), de Huang Feng. Com Angela Mao, George Lazenby, Betty Tin Pei e Joji Takagi. Programa complementar: **O Erotômano. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h30m, 16h15m, 20h. Sábado e domingo, às 14h, 17h45m, 20h (18 anos). Produção chinesa de Hong Kong, utilizando no elenco um ex-intérprete da série James Bond, George Lazenby.

★

O PROTETOR DAS MULHERES (Sex for Sale), de Luigi Filippo D'Amico. Com Lando Buzzanca, Stella Carnacina, Gina Rovere e Gabriella Giorgielli. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325), **Ricamar** (Av. Copacabana, 260 — 237-9932), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): de 2a. a 6a., a partir das 12h. Sábado e domingo, a partir das 14h (18 anos). Comédia italiana. Uma aldeia isolada nos Apeninos, praticamente sem contatos com a civilização urbana, é dominada pelo **Feminaro**, charlatão que cura doenças e males de amor, sempre com especial interesse pelas mulheres.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BRUCE LEE (Bruce Lee True Story), de Ng See Yuan. Com Ho Chung Tato, Liang Siao Sung e Linda Herst. **São José, Fluminense** e **Irajá:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). Produção chinesa de Hong-Kong.

CONTINUAÇÕES

★★★★★

1900 — 1a. Parte (1900), de Bernardo Bertolucci. Com Robert de Niro, Gerard Depardieu, Donald Sutherland, Laura Betti, Dominique Sanda, Stefania Sandrelli, Burt Lancaster, Francesca Bertini, Sterling Hayden e Alida Valli. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 14h, 16h40m, 19h20m, 22h. (18 anos). Um painel dos primeiros 45 anos do século, originalmente com cinco horas e 20 minutos de projeção, depois reduzido para quatro horas e 30 minutos por pressão dos co-produtores americanos. Bertolucci aceitou esta versão e se declarou satisfeito com a redução (há cortes exigidos pela Censura para liberação no Brasil). Aqui, como em outros países, o filme passará em duas partes. Começa no dia da queda de Mussolini, em 1945, e volta a 1900, ano em que, no mesmo dia, nascem dois personagens que serão testemunhas do nascimento do fascismo, das revoltas dos trabalhadores do campo, da transformação da economia agrária e das duas guerras mundiais. São personagens que se tornam amigos e depois se encontram em pólos opostos: um, de família de latifundiários, o outro, filho de camponeses explorados. Realização italiana, em associação com produtores franceses, alemães e americanos.

★★★★★

1900 — 2a. Parte (1900), de Bernardo Bertolucci. Com Robert de Niro, Gérard Depardieu, Donald Sutherland, Laura Betti, Dominique Sanda e Stefania Sandrelli. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (18 anos). Parte final do painel dos primeiros 45 anos deste século, enfatizando a tomada de consciência dos trabalhadores rurais, o engajamento na luta antifascista durante a Segunda Guerra Mundial, tendo como principais personagens dois amigos de infância que se vêem em campos opostos: um, herdeiro do latifúndio da família Berlinghieri, o outro, filho de camponeses radicados nessas terras, engajado na ação dos guerrilheiros comunistas. Realização italiana, em associação com produtores franceses, americanos e alemães.

★★★★★

LARANJA MECANICA (A Clockwork Orange), de Stanley Kubrick. Com Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates, Warren Clarke, John Clive e Adrienne Corri. **Império** (Praça Floriano, 19 — 224-5276): 13h, 15h50m, 18h40m, 21h30m. **Rian** (Av. Atlantica, 964 — 236-6114): 16h, 18h 50m, 21h40m. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 15h20m, 18h10m, 21h (18 anos). Em um futuro próximo, numa sociedade dominada por Governo autoritário não definido, jovens se divertem com estupros, drogas e ultraviolência. Alex, aprisionado, é submetido à Experiência Ludovico, tratamento que visa privá-lo do seu livre-arbítrio e torná-lo **cidadão-modelo.** Produção inglesa.

★★★★★

À PROCURA DE MR GOODBAR (Looking for Mr Goodbar), de Richard Brooks. Com Diane Keaton, Tuesday Weld, William Atherton, Richard Kiley e Richard Gere. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h30m, 22h30m. **Cinema-1** (Avenida Prado Júnior, 286 — 275-4546): 14h30m, 17h, 19h30m, 22h (18 anos). Versão do romance de Judith Rossner, que se inspirou em assassinato ocorrido em N. Iorque. Professora de crianças surdas peregrina à noite pelos chamados bares de solteiros, onde exercita sua sensualidade e compulsão de absoluta liberdade, tendo relações com os homens que considera excitantes. Repudiando as normas repressivas de sua família (de formação religiosa), passa a morar em um pequeno apartamento, onde enfrenta situações insólitas e violentas. Americano.

★★★

DUAS MULHERES, DOIS DESTINOS (L'Une Chante, L'Autre Pas), de Agnès Varda. Com Thérèse Liotard e Valérie Mairesse. **Cinema-2** (Rua Raul Pompeia, 102 — 247-8900), **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229), **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h30m, 19h 21h30m, (18 anos). Duas personagens que descobrem, "cada uma por seu lado, a coletividade das mulheres". Suzanne tem uma ligação com um homem casado, torna-se mãe solteira e se sente atraída por um médico. Pauline, cantora, descobre sua sexualidade e seus impulsos de maternidade. Produção francesa.

★★★

SE SEGURA, MALANDRO (brasileiro), de Hugo Carvana. Com Hugo Carvana, Denise Bandeira, Cláudio Marzo, Lutero Luiz e Louise Cardoso. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos). Emissora de rádio clandestina, montada em barraco de favela, faz cobertura dos mais estranhos ou cotidianos acontecimentos, como o sequestro de um elevador, a ação de um ladrão de rua em permanente exercício do método de Cooper, o roubo de cães de luxo por um casal de nordestinos que vive de gratificações dos donos.

★★★

A GAROTA DO ADEUS (The Goodbye Girl), de Herbert Ross. Com Richard Dreyfuss, Marsha Mason, Quinn Cummings e Barbara Rhoades. **Caruso** (Avenida Copacabana, 1.362 — 227-3544): 16h55m, 19h20m, 21h45m (14 anos). Ex-corista da Broadway abandonada pelo amante entra em atritos com o novo inquilino do apartamento pobre onde viviam, um ator de Chicago que pretende ganhar glória e fortuna nos palcos nova-iorquinos. A afeição da filha da ex-corista pelo intruso facilita um acordo: coexistência pacífica no apartamento, onde, entre desentendimentos, nasce uma relação de amor. Dreyfuss conquistou o Oscar de melhor ator de 77 com esse papel. Americano.

★★

BATALHA DOS GUARARAPES (brasileiro), de Paulo Thiago. Com José Wilker, Renée de Vielmond, Jardel Filho, Joel Barcelos, Jofre Soares, Nildo Parente, Roberto Bonfim, Tamara Taxman e Cristina Aché. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (livre). De longe a mais cara produção brasileira — Cr$ 30 milhões até a tiragem da primeira cópia e mais Cr$ 8 milhões na estratégia de comercialização, com mais 240 cópias para exibições simultaneas — totalizando duas horas e 20 minutos de projeção. Épico histórico, reconstitui, a partir da tomada do Arraial do Bom Jesus, 1635, o retrato político e social do Brasil Holandês — com ênfase na corte suntuosa do Príncipe Maurício de Nassau, sua visão de estadista e amigo das artes, e na ação espoliadora da Companhia das Índias Ocidentais — culminando como superprodução na batalha do título que reuniu 2 mil figurantes.

★

MEUS HOMENS, MEUS AMORES / CAMINHOS CRUZADOS (brasileiro), de José Miziara. Com Rosemary, Silvia Salgado, Roberto Maya, John Herbert e Barbara Fazio. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 221-1508), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 288-8178): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): a partir das 16h. **Vitória** (Bangu): 15h, 17h, 19h, 21h. **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m (18 anos). Duas mulheres fazem casamentos de conveniência, condenados ao fracasso e que acabam de forma violenta.

★

NINFAS DIABÓLICAS (brasileiro), de John Doo. Com Aldine Muller, Sérgio Hingst, Patricia Scalvi, Doroty Leiner e Misaki Tanaka. **Plaza** (Rua do Passeio, 78 — 222-1079): de segunda a sábado às 10h40m, 12h15m, 13h50m, 15h25m, 17h, 18h35m, 20h10m, 21h45m. Dom., a partir das 14h (18 anos). Um homem casado dá carona a duas garotas, antevendo delícias eróticas, e é envolvido numa trama com elementos de demonismo.

Marlon Brando e Jack Nicholson em *Duelo de Gigantes*, de Arthur Penn: *western* com humor que volta ao cartaz no *Ilha Auto-Cine*

REAPRESENTAÇÕES

★★★

ENSINA-ME A VIVER (Harold and Maude), de Hal Ashby. Com Ruth Gordon, Bud Cort, Vivian Pickles e Cyrill Cusack. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos). Uma octogenária apaixonada pela vida e um rapaz atraído pela morte desenvolvem curiosa relação.

★★

OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE (Saturday Night Fever), de John Badham. Com John Travolta, Karen Lynn Gorney, Bart Miller, Joseph Cali e Paul Pape. **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 14h20m, 16h40m, 19h, 21h20m (16 anos). O filme que projetou Travolta como personalidade-fenômeno da indústria cinematográfica americana. Faz o papel de empregado de uma loja de tintas que, aos sábados, eletriza com danças vigorosas e sensuais os frequentadores de uma discoteca. Ganha um concurso, mas procura motivação de vida mais importante do que os embalos semanais.

★

O EROTÔMANO (L'Erotomano), de Marco Vicario. Com Gastone Moschin, Janet Agren, Isabella Biagini, Milena Vukotic e Neda Arneric. Programa complementar: **O Super Homem do Karatê. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h30m, 16h15m, 20h. Sábado e domingo, às 14h, 17h45m, 20h (18 anos). Pornochanchada italiana. Um importante industrial, à medida que alcança maior poder, vê desaparecer sua potência sexual.

★

AS FUGITIVAS INSACIÁVEIS (brasileiro), de Osvaldo de Oliveira. Com Zilda Mayo, Sueli Aoki, Márcia Fraga e Sérgio Hingst. Programa complementar: **O Homem da Cabeça de Ouro. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2a. a 6a., às 10h, 13h15m, 16h30m, 19h45m. Sábado e domingo, a partir das 13h15m (18 anos). Drama com elementos de sexo e violência.

★

O HOMEM DA CABEÇA DE OURO (brasileiro), de Alberto Pieralisi. Com Rubens de Falco, Stan Cooper e Martha Moyano. Programa complementar: **Fugitivas Insaciáveis. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2a. a 6a., às 10h, 13h15m, 16h 30m, 19h45m. Sábado e domingo, a partir das 13h15m (18 anos). Pornochanchada.

DRIVE-IN

★★★★★

À PROCURA DE MR GOODBAR — Lagoa Drive-In: 20h, 22h30m (18 anos). Ver em **Continuações.** Último dia.

★★★

DUELO DE GIGANTES (The Missouri Breaks), de Arthur Penn. Com Marlon Brando, Jack Nicholson, Randy Quaid e Katheen Lloyd. **Ilha Auto-cine** (Praia de São Bento — Ilha do Govenador): 20h30m, 22r30m (18 anos). Brando é um grande matador profissional contratado para liquidar ladrões de cavalos que perturbam o orgulhoso poder de um rancheiro cuja filha se apaixona pelo líder da quadrilha, Nicholson. **Western** com humor. Produção norte-americana. Até terça.

MATINÊS

O HOMEM DE SEIS MILHÕES DE CRUZEIROS CONTRA AS PANTERAS — Caruso: 13h45m, 15h 15m (livre).

O TRAPALHÃO NAS MINAS DO REI SALOMÃO — Rian: 13h, 14h25m (livre).

AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA DE WALT DISNEY — Scala: 14h (livre).

SESSÃO INFANTIL — Costinha e o King Mong Ilha Auto-Cine: 18h30m. (Livre).

SESSÃO COCA-COLA — Os melhores desenhos de Pernalonga — Lagoa Drive-In: 18h30m. (Livre).

A BELA ADORMECIDA — Metro Boavista: 10h. (Livre).

EXTRA

TRIO ELETRICO (brasileiro), de Miguel Rio Branco. Às 20h45m, na **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botanico, 414 — Parque Laje.

GUERRA E HUMANIDADE (Ningen no Joken), de Masaki Kobayashi. Com Tatsuya Nakadai e Michiyo Aratama. **Exibição da 2a. época,** com legendas em espanhol. Às 21h, no **Cineclube Macunaíma,** Rua Araújo Porto Alegre, 71 — 9º andar. **Promoção da Cinemateca do MAM e Cineclube Macunaíma.**

CURTAS-METRAGENS DE NOILTON NUNES — Exibição de **Leucemia, Neblina, Judas Asvorus** e **Leila Fox.** Às 20h, no **Cineclube do Leme,** Rua General Ribeiro da Costa, 164. Após a sessão, debates com o diretor do filme e os organizadores do cineclube.

★★★★

O SILÊNCIO (Tystnaden), de Ingmar Bergman. Com Ingrid Thulin e Gunnel Lindblom. Às 20h, no **Cineclube CINJ-23,** Av. Afranio de Melo Franco, 300 (18 anos). Produção sueca em preto e branco. História de uma mulher doente que aguarda a morte em companhia da irmã num quarto de hotel de uma cidade estranha, onde se fala uma língua ininteligível.

★★

A VIÚVA VIRGEM (brasileiro), de Pedro Rovai. Com Adriana Prito, Jardel Filho e Carlos Imperial. Às 20h, no **ASA-Cineclube Curto Circuito,** Rua São Clemente, 55 (18 anos). Comédia na chamada linha erótica.

GRANDE RIO

NITERÓI

ART-UFF — Tudo Bem, com Fernanda Montenegro. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos).

DRIVE-IN ITAIPU — Júlia, com Jane Fonda. Às 18h30m, 20h30m, 22h30m (18 anos).

ALAMEDA — Os Embalos de Sábado à Noite, com John Travolta. Às 14h35m, 16h55m, 19h 15m, 21h35m (16 anos).

BRASIL — Noite em Chamas, com Maria Lúcia Dahl. Às 15h15m, 17h15m, 19h15m, 21h15m (18 anos).

CENTER — Elke Maravilha Contra o Homem Atômico, com Elke Maravilha. Às 15h35m, 17h15m, 18h55m, 20h35m, 22h15m (livre).

CENTRAL — Abominável Extorsão, com Stacy Keach. Às 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m (18 anos).

EDEN — Kung Fu e King Kong Chinês. Às 14h 15m, 16h15m, 18h15m, 20h15m, 22h15m (18 anos).

ICARAÍ — Noite em Chamas, com Maria Lúcia Dahl. Às 14h15m, 16h15m, 18h15m, 20h15m, 22h15m (18 anos).

NITERÓI — Ninfas Diabólicas, com Aldine Muller. Às 13h45m, 15h30m, 17h15m, 19h, 20h45m, 22h30m (18 anos).

CINEMA-1 — A Garota do Adeus, com Richard Dreyfuss. Às 14h45m, 17h10m, 19h35m, 22h (14 anos).

SÃO GONÇALO

TAMOIO — Piranha, com Bradford Dillman. Às 15h, 17h05m, 19h10m, 21h15m (16 anos).

DUQUE DE CAXIAS

PAZ — Jeca e Seu Filho Preto, com Mazzaropi. Programa complementar: **Kung Fu e a Arma da Minha Lei.** Às 14h, 17h35m, 19h40m (18 anos).

NOVA IGUAÇU

PAVILHÃO — Meus Homens, Meus Amores,, com Rosemary. Às 12h15m, 14h10m, 16h05m, 17h 55m, 19h45m, 21h35m (18 anos).

PETRÓPOLIS

PETRÓPOLIS — Noite em Chamas, com Maria Lúcia Dahl. Às 15h15m, 17h15m, 19h15m, 21h 15m (18 anos).

DOM PEDRO — Elke Maravilha Contra o Homem Atômico, com Elke Maravilha. Às 14h35m, 16h 15m, 17h55m, 19h35m, 21h15m (livre).

TERESÓPOLIS

ALVORADA — O Fusca Enamorado, com Dean Jones. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (livre).

CURTA-METRAGEM

PARAÍSO, JUAREZ — De Thomaz Farkas. Cinema: **Rian.**

SEMI-OTICA — De Antônio Manuel. Cinema: **Coral.**

PERCY LAU — De Vander Silvio. Cinema: **Caruso.**

PE' DIREITO — De Nazaré Ohena. Cinemas: **Cinema-2** e **Studio Tijuca.**

UMA LIÇÃO DE MORAL — De Haroldo Barbosa. Cinemas: **Pathé** e **Paratodos.**

ADVENTO — De Suzana Sereno. Cinemas: **Rio** e **Rio-Sul.**

JUDAS ASVERUS — De Noilton Nunes. Cinema: **Imperator.**

ARTE: COMUNICAÇÃO — De Miguel Farias Jr. Cinema: **Opera-2.**

AS RÃS PEDEM PASSAGEM — De Maurício Miguel. Cinema: **Scala.**

ALMA NO OLHO — De Zózimo Bulbul. Cinema: **Lido-2.**

MACEIÓ, UMA PROVINCIA DO INÍCIO DO SÉCULO — De Adnor Pitanga. Cinema: **Cinema-3.**

PRIMEIRA PÁGINA — De Marcos Farias. Cinemas: **Lido-1** e **Bruni-Copacabana.**

SEM VERGONHA — De Marcelo França. Cinema: **Cinema-1.**

GUARANI — De Regina Jehá. Cinema: **Tamoio** (São Gonçalo).

LINHA DE MÃO — De Edgard Moura. Cinema: **Cinema-1** (Niterói).

CALENDÁRIO — De Renato Neumann. Cinema: **Rex.**

O MUNDO INVISÍVEL — De Maurício Miguel. Cinema: **Madureira-2.**

PONTO FINAL — De José de Anchieta. Cinema: **Central** (Niterói).

RAIMUNDO FAGNER — De Sérgio Santos. Cinema: **Alameda** (Niterói).

CURITIBA, UMA EXPERIÊNCIA EM PLANEJAMENTO URBANO — De Sílvio Back. Cinema: **Dom Pedro** (Petrópolis).

ALO TETÉIA — De José Joffily. Cinema: **Ilha Auto-Cine.**

RUBEM VALENTIM E SUA ARTE SEMIOLOGICA — De Aécio de Andrade. Cinema: **Drive-In Itaipu** (Niterói).

CONSTRUÇÃO — De Geraldo Miranda. Cinema: **Eden** (Niterói).

CATARATAS DO IGUAÇU — De Carlos Tourinho. Cinema: **Rosário.**

PRAÇA TIRADENTES 77 — De José Joffily. Cinemas: **Roma-Bruni** e **Bruni-Tijuca.**

Teatro

ARTE FINAL — Texto de Carlos Queiroz Telles. Dir. de Cecil Thiré. Com Gracindo Jr., Pepita Rodrigues, Fábio Sabag. Trilha sonora de Paulo Sérgio Valle e Tavito. **Teatro Glória,** Rua do Russel, 632 (245-5527). Hoje, às 18h e 21h. a Cr$ 120,00 e Cr$ 80,00. Como superar crises de consciência e fazer carreira numa agência de publicidade entre 1968 e 1978 (16 anos).

REVISTA DO HENFIL — Revista com texto de Henfil e Oswaldo Mendes. Dir. de Ademar Guerra. Mús. de Cláudio Petraglia. Com Paulo Cesar Pereio, Rafael de Carvalho, Ruth Escobar, Sérgio Ropperto, Sônia Mamed e outros. **Teatro Carlos Gomes,** Rua Pedro I, 2 (222-7581). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 80,00, estudantes. Em todas as sessões torrinha a Cr$ 40,00. Tentativa de transposição para a linguagem do palco do universo satírico dos personagens dos quadrinhos de Henfil. Último dia.

UM EDIFÍCIO CHAMADO 200 — Comédia de Paulo Pontes. Dir. de José Renato. Com Milton Moraes, Denise Dumont e Tania Loureiro. **Teatro da Lagoa,** Av. Borges de Medeiros, 1 246 274-7999). Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 80,00. Alegrias e dramas de um possível vencedor solitário da Loteria Esportiva.

A FILA — Comédia de Israel Horowitz, adaptada por Carlos Eduardo Novaes. Dir. de Carlos Murtinho. Com Rosamaria Murtinho, Ary Coslov, Erico Widal, Miguel Rosenberg, Rui Rezende. **Teatro Gláucio Gill,** Praça Card. Arcoverde (237-7003). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Uma ilustração das sociedades competitivas e individualistas dos grandes centros urbanos de hoje.

O DIA DA CAÇA — Texto de José Louzeiro. Dir. de Roberto Frota. Com Jorge Ramos, Expedito Barreira e Antônio Pompêo. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 18h30m e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Dois ex-presidiários sequestram o policial responsável, anos antes, pela sua arbitrária detenção, que arruinou as suas vidas.

FICO NUA — Texto, direção e interpretação de Norma Benguel e Ítala Nandi, com poemas e concepção musical de Norma Benguel. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 50,00, estudantes. Relato das duas conhecidas atrizes sobre suas vidas, tanto no campo profissional como no afetivo.

CLASSE MÉDIA — Nova montagem da comédia de Sérgio Cecco e Armando Chulak, antes vista com o título **Fim de Papo.** Dir. de Antônio Abujamra. Com Jorge Dória, Íris Bruzzi, Catalano. **Teatro Princesa Isabel,** Av. Princesa Isabel, 186 275-3346). Hoje às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. De como o enguiço de um aparelho de televisão revela o vazio da existência de um casal.

A NOITE DAS MAL DORMIDAS — Texto de Petersen. Dir. do autor. Com Guilherme Osty, Petersen, Renato Bastos. **Teatro de Bolso do Leblon,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Hoje, às 19h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00. Três solteironas do Catete, na pálida rotina das duas frustrações, antes da libertadora fuga para a **barra pesada** da Praça Mauá. Último dia.

UMA MULHER PARA DOIS MARIDOS? — Comédia de Elizeu Miranda. Direção do autor. Com Suely Foggio, Elizeu Miranda e Dino Romano. **Teatro da Gávea,** Rua Marquês de S. Vicente, 52/4º (294-1096). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

ÓPERA DO MALANDRO — Texto de Chico Buarque de Holanda. Direção de Luiz Antônio Martinez Correia. Direção musical de John Neschling. Cenários de Maurício Sette. Coreografia de Fernando Pinto. Direção vocal e interpretativa de Glorinha Beutenmiler. Com Otávio Augusto, Marieta Severo, Ari Fontoura, Elba Ramalho, Ilva Niño, Nadinho da Ilha, Maria Alice Vergueiro, Emiliano Queiroz, Toni Ferreira e outros. **Teatro Ginástico,** Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). Hoje, às 17h e 21h. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. No período do Estado Novo, malandros, prostitutas e contrabandistas se lançam na corrida pelo domínio de negócios mais ou menos escusos.

OS VERANISTAS — Texto de Máximo Gorki. Dir. de Sérgio Brito. Com Luís de Lima, Renata Sorrah, Pedro Veras, Angela Vasconcelos, Eliza Simões, Nildo Parente, Jorge Gomes, Rodrigo Santiago, Ítalo Rossi, Tetê Medina, Sérgio Brito, Walter Marins, Suzana Faini, Yara Amaral, Francisco Nagen e Paulo Barros. **Teatro dos Quatro,** Rua Marquês de São Vicente, 52/2.º, Shopping Center da Gávea (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes. Numa temporada de verão, três núcleos familiares se dedicam a um jogo de agressões mútuas e de demonstrações de fraqueza e incapacidade de mudar qualquer coisa em suas vidas.

LÁ EM CASA É TUDO DOIDO — Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Milton Carneiro, Heloisa Mafalda, Rogério Cardoso, Estelita Bell, Lúcia Marina, Accioly, João Marcos Fuentes, Jacques Lagoa, César Montenegro. **Teatro Copacabana,** Av. Copacabana, 327 (257-1818, R. Teatro). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. A neurotização da classe média reage à violência ou através da violência ou através de loucura (16 anos).

NO SEX... PLEASE — Comédia de Anthony Marriott e Alistair Foot. Dir. de Flávio Rangel. Com Elizabeth Savalla, Marcelo Picchi, André Vail Laura Suarez, André Villon, Gracinha Couto, Martim Francisco, Sérgio de Oliveira, Idelar Baldissera e Marta Anderson. **Teatro Mesbla,** R. do Passeio, 4 /56 (242-4880). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. A moral sexual dos britanicos discutida numa comédia de grande sucesso em Londres (18 anos)

A HISTÓRIA É UMA HISTÓRIA — Texto de Millor Fernandes. Dir. de Jô Soares. Com Antônio Fagundes, Sandra Bréa e Olney Cazarré. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping Center da Gávea (274-7246). Hoje, às 18h 30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Um passeio irreverente por várias etapas da História Universal.

É... — Texto de Millor Fernandes. Direção de Paulo José. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Neila Tavares, Miriam Pérsia e Nilson Conde. **Teatro Maison de France,** Av. Antonio Carlos, 58 (252-3456). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 150,00 e Cr$ 70,00, estudantes. Problemas de casamento, relacionamento e maternidade na visão de diferentes gerações.

REI MOMO... — Ópera-samba de César Vieira. Direção de Marcos Mirelli. Trabalho coletivo do grupo Teatro Independente de Nova Iguaçu, com Celso Mosciaro, Luiz Washington, Tutti Scoth, Silvio da Silva e outros. **Teatro Arcádia,** Travessa Alberto Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. Último dia.

PREÇO DA REVOLTA NO MERCADO NEGRO — Texto de Dimitri Dimitriades. Dir. de Ademar Nunes e José Carlos Gondim. Elenco do grupo Grite de Niterói. **Teatro Experimental Cacilda Becker,** Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00 estudantes. A partir do episódio histórico do assassinato do deputado grego Lambrakis, a peça discute as funções do teatro nos regimes de força. Até o dia 19 de novembro.

SE CHOVESSE VOCÊS ESTRAGAVAM TODOS — Texto de Clóvis Levi e Tania Pacheco. Dir. de Clóvis Levi. Com Luis Sorel e Cláudia Campos. **Auditório do Sesc de Madureira,** Av. Edgard Romero, 81, cobertura. **Hoje,** às 20h30m. Ingressos a Cr$ 40,00 a Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 20,00, associados. (16 anos). De como um deturpado sistema educacional pode transformar os alunos em passivos bonecos. Último dia.

VAMOS BRINCAR DE PAPAI E MAMÃE ENQUANTO SEU FREUD NÃO VEM — Comédia musical de Carlos Queiroz Telles. Música de Guilherme Godoy e Marcos Drummond. Direção de Eugênio Gui. Elenco do Grupo Os Casulos. **Teatro do Sesc da Tijuca,** Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8142). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00, Cr$ 40,00, estudantes e Cr$ 20,00, associados. Até dia 19 de novembro.

HORA GUARNICÊ — Texto de José Facuri Heluy. Dir. do autor. Com o elenco do Grupo Zumbi, Estrela Cadente. **Teatro da Casa do Estudante Universitário,** Av. Rui Barbosa, 762. Hoje, às 21h. Cantador de bumba-meu-boi do Maranhão perde sua identidade cultural ao emigrar para a cidade grande.

1848 — Texto de Ana Lúcia Bruce. Dir. de Richard Roux. Com Ana Lúcia Bruce, Sílvia Heller, Hilário Stanislaw, Leon Zilberstein, Luiz Marcolini, Paulo Dalcol. **Teatro Municipal de Niterói.** Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Análise dramática da Insurreição Praieira de Pernambuco. Último dia.

THE MIRACLE WORKER (O MILAGRE DE ANNIE SULLIVAN) — Drama de William Gibson. Com o grupo teatral da Escola Americana do Rio de Janeiro. Apresentações hoje, em português, às 16h. **Escola Americana,** Estrada da Gávea, 132 (399-0825 R. 15). Último dia.

III MOSTRA DE TEATRO JOVEM — Programação de hoje às 19h, encerramento com **show** de música popular. **Associação Sholem Aleichem, ASA,** Rua S. Clemente, 155. Ingressos a Cr$ 15,00 e Cr$ 10,00. Promoção da Associação Pró-Teatro da Tijuca.

SE EU ESQUECER, JERUSALÉM — Texto de Ari Chen. Direção de Roberto Costa. Com o o grupo Augus de Teatro Universitário: Almir Pereira, Angela Ribas, Denisa Barcellos, Regina Valle e outros. **Auditório da SUAM,** Av. Paris, 60, Bonsucesso. Hoje, às 19h30m. Ingressos a Cr$ 5,00 (16 anos).

Dança

CARMINA — BURANA — Espetáculo do Baleteatro Minas premiado como melhor espetáculo e melhor coreografia do 2º Concurso de Dança Contemporanea da Bahia. Programa: **Carmina Burana,** música de Carl Orff. Coreografia de Adriana Coll. Direção artística de Bettina Bellomo. Com os bailarinos Tania Mara Silva, Virgínia Bezerra, Luis Eguinos, Lúcia Freitas, Raula Bonome, Raymundo Costa, Denise Maciel, e outros. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Patrocínio do SNT, Funarte e MEC. Último dia.

BALE' DO TEATRO MUNICIPAL — 2º programa da temporada, com apresentação de quatro peças: **Grand Pas de Quatre,** música de Cesare Pugni, coreografia de Jorge Garcia, com Silvia Barroso, Elisa Baeta, Beatriz Albuquerque e Sonia Vilela, **Missa,** música de Edu Lobo, coreografia de Lurdes Bastos, cenários e figurinos de Tawfic, com o corpo de baile, **Cantabile,** música de Samuel Barber, coreografia de Oscar Araiz, com Cristina Martinelli e Philippe Talard, e **Magnificat,** música de J S Bach, coreografia de Oscar Araiz, cenários e figurinos de Joel de Carvalho, com o corpo de baile. Participação da Orquestra do Teatro Municipal, sob a regência do maestro Henrique Morelenbaum, da Associação de Canto Coral e dos cantores Carlos Dittert, Lucia Dittert, Zaccarias Marquez e Ruth Staerke. **Teatro Municipal** (224-2895 e 263-1717). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00, platéia e balcão nobre, Cr$ 80,00, balcão simples, Cr$ Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. 50,00 e Cr$ 30,00, galeria.

Televisão

★★★★★ EXCELENTE
★★★★ MUITO BOM
★★★ BOM
★★ REGULAR
★ RUIM

OS FILMES DE HOJE

As opções são razoáveis: O Fofoqueiro, *de Jerry Lewis, que rende melhor como cômico;* Frenesi, *para os apreciadores de Hitchcock, cada vez mais implausível, e* Romanoff e Juliet, *comédia satírica de Peter Ustinov que não atinge plenamente seu objetivo, mas tem momentos divertidos. Para os fãs de filmes de guerra,* A Ponte de Remagen *é um prato cheio, que pode provocar indigestão*

Jon Finch em *Frenesi* (canal 7, 21h20m)

O FOFOQUEIRO
TV Globo — 16h

(The Big Mouth) — Produção norte-americana de 1967, dirigida por Jerry Lewis. Elenco: Jerry Lewis, Harold J. Stone, Susan Bay, L. Stone. **Colorido.**

★★ Disfarçado de detetive, Lewis investiga tráfico de pedras preciosas num hotel, mas sua inabilidade provoca uma perseguição generalizada, do gerente do estabelecimento aos chefes de duas quadrilhas rivais, a quem acaba vencendo com a ajuda de uma jovem (Bay).

ROMANOFF E JULIET
TV Educativa — 19h30m

(Romanoff and Juliet) — Produção norte-americana de 1961, dirigida por Peter Ustinov. Elenco: Peter Ustinov, Sandra Dee, John Gavin, Akim Tamiroff, Tamara Shayne, John Phillips. **Colorido.**

★★ América e Rússia ameaçam ir à guerra quando os filhos de seus embaixadores no pequeno país de Concórdia, que as duas potências cortejam, se apaixonam sem dar ouvidos aos conselhos dos pais.

FRENESI
TV Bandeirantes — 21h20m

(Frenzy) — Produção britanica de 1972, dirigida por Alfred Hitchcock. Elenco: Jon Finch, Alec McCowen, Barry Foster, Vivien Merchant, Anna Massey. **Colorido.**

★★ Ex-piloto da RAF (Finch), conhecido por sua agressividade, torna-se suspeito, através de provas circunstanciais, de ser o assassino da gravata que mantém Londres em panico.

A PONTE DE REMAGEN
TV Studios — 21h

(The Bridge at Remagen) — Produção norte-americana de 1968, dirigida por John Guillermin. Elenco: George Segal, Robert Vaughn, Ben Gazzara, Bradfor Dillman, E. G. Marshall, Peter Van Eyck. **Colorido.**

★★ Oficial nazista (Eyck) é incumbido por Hitler de destruir a última ponte remanescente sobre o Reno, mas o Exército americano procura salvá-la para que suas tropas possam avançar pela Alemanha.

O DOMADOR DE CIDADES
TV Guobo — 24h

(Town Tamer) — Produção norte-americana de 1965, dirigida por Lesley Selander. Elenco: Dana Andrews, Terry Moore, Bruce Cabot, Lyle Bettger, Lon Chaney Jr., Barton Mac Lane, Richard Arlen. **Colorido.**

★★ Sob o pretexto de comprar um sítio, forasteiro (Andrews) chega à localidade de White Plains, mas seu propósito é realmente se vingar do chefão local (Cabot), responsável pela morte de sua mulher.

CANAL 2

10h — Telecurso 2º Grau — Aula de Geografia.
10h15m — Telecurso 2º Grau — Resumo das aulas da semana.
11h30m — Palavras de Vida — Programa religioso com D. Eugênio Salles.
12h — Portaria 408 — Programa educativo. Hoje: **Direitos Autorais.**
13h — Opus — Programa de música clássica.
14h — Os Mágicos — Programa de entrevistas. Hoje: **Arnaldo Jabor.**
15h — E' Preciso Cantar — Programa musical. Hoje, **Silvio César, Joyce, Zé Rodriz** e outros.
16h — A Verdade de Cada Um — Programa jornalístico.
17h30m — Espírito da TVE — Resumo da semana.
19h — Arco-Iris — Programa infanto-juvenil apresentado por Vera Regina. Filmes O Gordo e o Magro, Abott e Costelo, os Batutinhas.
19h30m — Longa-Metragem — Filme: **Romanoff e Juliet.**
21h30m — Esporte Total — Resenha e gols da rodada.

CANAL 4

8h45m — Abertura.
9h — Santa Missa em Seu Lar.
10h — Concertos para a Juventude — Hoje: **II Concurso Nacional de Jovens Instrumentistas.**
11h — Esporte Espetacular — Apres. de Léo Batista.
12h — Clube Hanna Barbera.
14h — Super Amigos — Desenhos.
15h — Super-Heróis.
16h — Domingo Comédia — Filme: **O Fofoqueiro.**
18h — Praça da Alegria — Programa humorístico.
19h — Os Trapalhões — Programa humorístico.
20h — Fantástico — Programa de Variedades.
22h — Futebol Compacto — VT do jogo **Vasco x Botafogo.**
23h — Amaral Neto, o Repórter.
24h — Festival de Sucessos — Filme: **O Domador de Cidades.**

CANAL 6

7h30m — TVE — Circuito Nacional.
8h30m — A Voz do Pastor — Religioso.
9h — Rex Humbard — Religioso.
10h — Operação Rio — Apresentação de Carlos Lima e Ricardo Mazela, além de convidados especiais.
11h — Extensão — Apresentação de Álvaro Valle e Américo Camargo.
11h30m — Programa Silvio Santos — Variedades.
20h — Programa Flávio Cavalcanti — Variedades.
22h — Campeonato Mundial de Basquete.
22h30m — Futebol — VT do jogo **Vasco x Botafogo.**
1h30m — O Vigilante — Seriado.

CANAL 7

11h30m — O Grande Circo — Com Torresmo e Pururuca.
12h30m — Gol, os Melhores Momentos do Futebol.
13h30m — Selva de Coral — Documentário.
14h50m — TV Bolinha — Programa de variedades.
18h — Hanna Barbera — Desenhos.
18h30m — Korg, o Mundo Misterioso — Desenho.
19h — Astros do Ringue — Luta livre.
20h — Sessão do Domingo — Filme, **A Morte Passou por Perto.**
21h20m — Sessão do Domingo Especial — Filme: **Frenesi.**
23h30m — Bola na Mesa — Noticiário esportivo apresentado por Márcio Guedes, Paulo Stein, Galvão Bueno, Oldemário Touguinhó, Luis Lobo.
0h30m — O Melhor Futebol do Mundo — VT do jogo **Vasco x Botafogo.**

CANAL 11

10h — Programa Rex Humbard — Religioso.
11h — Desenhos Clássicos.
11h30m — Programa Silvio Santos — Variedades.
21h — Sessão das Nove — Filme: **A Ponte de Remagem.**
23h — Sessão Policial — Seriado: **Joe Forrester.**

A Próxima Semana

A semana não é das melhores, mas três filmes, pelo menos, a redimem. Os destaques de segunda-feira vão para Misseis de Outubro *(no 7, às 21h), reconstituição da crise entre Washington e Moscou por causa dos misseis descobertos em Cuba, e* Todas as Noites às 9 *(no 4, às 23h56m), com uma trama intrigante bem desenvolvida pelo diretor de* Os Inocentes. *Na terça, Rita Hayworth mostra seus dotes de dançarina ao lado de Fred Astaire em* Bonita Como Nunca *(no 4, às 14h24m), e quem gostou de* Guerra nas Estrelas *pode assistir à estréia do diretor George Lucas em* THX 1138 *(no 7, às 0h15m).*

Doris Day revive a famosa Calamity Jane em Ardida Como Pimenta *(no 4, às 14h24m) cantando ao lado de Howard Keel, e os apreciadores do fantástico podem assistir* Monstro da Lagoa Negra *(no 2, às 23h05m), uma espécie de King Kong anfíbio (na quarta). A única opção de quinta é* O Leão no Inverno *(no 4, às 23h56m), com fotografia apurada e bons desempenhos.*

Na sexta, Rita Hayworth, agora como Terpsicore, volta a dançar em Quando os Deuses Amam *(no 4, às 14h), e Sterling Hayden tem um vigoroso desempenho em* O Grande Golpe *(no 2, às 23h05m), de Stanley Kubrik.*

SEGUNDA-FEIRA, 30:

14h — Canal 4 — **Corações Enamorados (Meet the Stewarts).** Americano (42) de Alfred E. Green, com William Holden, Frances Dee, Grant Mitchell. (p&b).
21h — Canal 7 — **Misseis de Outubro (Missiles of October).** Americano (74) de Anthony Page, com William Devane, Howard da Silva, Martin Sheen. (Cor)
21h20m — Canal 11 — **Os Cruéis (I Crudeli).** Italo-espanhol (66) de Sergio Corbucci, com Joseph Cotten, Norma Bengell, Claudio Gora. (Cor)
22h50m — Canal 4 — **Dia de Terror, Noite de Medo (The Mouth Marines).** Americano (77) de E. Arthur Kean, com Chad Everett, Bruce Davidson. (Cor).
0h30m — Canal 7 — **Três Ladrões Desajustados (Steelyard Blues).** Americano (72) de Alan Myerson, com Jane Fonda, Donad Sutherland, Peter Boyle. (Cor)
1h — Canal 4 — **Todas as Noites às 9 (Our Mother's House).** Britanico (67) de Jack Clayton, com Dirk Bogard, Pamela Franklin, Mark Lester. (Cor)

TERÇA-FEIRA, 31:

14h24m — Canal 4 — **Bonita Como Nunca (You Were Never Lovelier).** Americano (42) de William A. Seiter, com Rita Hayworth, Frede Astaire. (p&b)
21h20m — Canal 11 — **Raízes da Paixões (Tap Roots).** Americano (48) de George Marshall, com Susan Hayward, Van Heflin, Ward Bond, Julie London. (Cor)
23h05m — Canal 2 — **Dois Malandros e Uma Garota (The Road to Utopia).** Americano (45) de Hal Walker, com Bing Crosby, Dorothy Lamour, Bob Hope. (p&b)
23h56m — Canal 4 — **Um Marido de Morte (Drop Dead, Darling).** Britanico (66) de Ken Hughes, com Tony Curtis, Rossana Schiaffino, Lionel Jeffries. (Cor)
0h15m — Canal 7 — **THX 1138 (THX 1138).** Americano (70) de George Lucas, com Robert Duvall, Donald Pleasence, Maggie McOmie, Ian Wolf. (Cor)
0h30m — Canal 6 — **Kid, o Valente (Kid Rodelo).** Americano, com Don Murray, Janet Leigh. (Cor)

QUARTA-FEIRA, 1:

14h24m — Canal 4 — **Ardida Como Pimenta (Calamity Jane).** Americano (53) de David Butler, com Doris Day, Howard Keel, Allyn McLerie, Philip Carey. (Cor)
21h20m — Canal 11 — **Terror de Roma Contra o Filho de Hércules (Terror of Rome vs. the Son of Hercules).** Italiano (61) com Mark Forest, Marilu Tolo, Elizabeth Fanty. (Cor)
23h05m — Canal 2 — **Monstro da Lagoa Negra (Creature from the Black Lagoon).** Americano (54) de Jack Arnold, com Richard Carlson, Julie Adams. (p&b)
23h15m — Canal 7 — **Código 7, Vítimas 5 (Victim Five).** Britanico (64) de Robert Lynn, com Lex Barker, Ann Smyrner, Ronald Fraser, Walter Rilla. (Cor)
23h30m — Canal 6 — **Os Mistérios de Marrocos (Fligth to Tangiers).** Americano (53) de Charles Marquis Warren, com Joan Fontaine, Jack Palance. (Cor)
23h58m — Canal 4 — **Carros Muito Caros (The Cabot Connection).** Americano (77) de E. W. Swackhamer, com Craig Stevens, Kathie Scirriss. (Cor)

QUINTA-FEIRA, 2:

14h24m — Canal 4 — **As Aventuras do Ladrão de Bagdá (Il Ladro di Bagdad).** Ítalo-francês (61) de Arthur Lubin e Bruno Vailati, com Steve Reeves. (Cor)
21h20m — Canal 11 — **A Morte Não Manda Aviso (The Quiller Memorandum).** Britanico (66) de Michael Anderson, com George Segal, Max Von Sydow. (Cor)
23h05m — Canal 2 — **Retrato em Negro (Portrait in Black).** Americano (60) de Michael Gordon, com Lana Turner, Sandra Dee, Anthony Quinn. (Cor)
23h56m — Canal 4 — **O Leão no Inverno (The Lion in Winter).** Britanico (68) de Anthony Harvey, com Peter O'Toole, Katharine Hepburn, Jane Merrow. (Cor)
0h30m — Canal 6 — **Farra Musical (Beach Ball).** Americano, com Edd Byrnes, Chris Noel, Robert Logan. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **Rodeio Com a Morte (J. W. Coop).** Americano (71) de Cliff Robertson, com Cliff Robertson, Geraldine Page, Cristina Ferrare. (Cor)

SEXTA-FEIRA, 3:

14h — Canal 4 — **Quando os Duses Amam (Down to Earth).** Americano (47) de Alexander Hall, com Rita Hayworth, Larry Parks, Marc Platt. (Cor)
21h20m — Canal 11 **Bando de Renegados (The Lawless Breed).** Americano (53) de Raoul Walsh, com Rock Hudson, Julie Adams, John McIntire. (Cor)
23h05m — Canal 2 — **O Grande Golpe (The Killing).** Americano (56) de Stanley Kubrick, com Sterling Hayden, Coleen Gray, Vince Edwards. (p&b)
23h56m — Canal 4 — **O Imperador do Norte (The Emperor of the North Pole).** Americano (73) de Robert Aldrich, com Lee Marvin, Ernest Borgnine. (Cor)
0h15m — Canal 7 — **Os Ritos Satanicos de Drácula (The Satanic Rites of Dracula).** Britanico (73) de Alan Gibson, com Christopher Lee, Peter Cushing. (Cor)
0h30m — Canal 6 — **Esta Mulher é Proibida (This Property is Condemned).** Americano (66) de Sydney Pollack, com Robert Redford, Natalie Wood. (Cor)
1h56m — Canal 4 — **A Última Diligência (Stagecoach).** Americano (66) de Gordon Douglas, com Alex Cord, Ann-Margret, Red Buttons, Bing Crosby. (Cor)

RÁDIO JORNAL DO BRASIL

ZYJ-453
AM-940 Khz — OT-4875 KHz
Diariamento das 6h às 2h30m
NOTURNO (23h)

Hoje: **Jazz e Blues.** Programa: **Horace Silcer — Juicy Lucy** (5:47), Roland Kirk — **Samba Kwa Mwanamke Mwensi** (6:50), Clark Terry — **Misty** (4:40), Woody Show — **Are They Only Dreams** (9:44), Dolo Coker — **Field Day** (8:11), McCoy Tyner — **Bles on the Corner** (6:28), Dave Matthews — **Times Lie** (5:00), Thad Jones e Mel Lewis — **Thank You** (6:09). Produção e apresentação de Célia Alzer.

JORNAL DO BRASIL INFORMA — 8h 30m, 12h30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakin Araújo, Antônio Carlos Niederauer e Orlando de Souza.

ZYD-460
FM-ESTEREO — 99.7 MHz
DOLBY SYSTEM
Diariamente, das 7h à 1h
HOJE

10h — 6 Danças (de Terpsichore), de Michael Praetorius (Collegium Terpsichore — 14:32), **Cenas Romanticas,** de Granados (Alicia de Larrocha — 22:00), **Sinfonia n.º 104, em Ré Maior,** de Haydn (Philharmonia Hungarica e Dorati — 29:20), **Concerto para Violão e Orquestra de Cordas, Op. 30,** de Giuliani (John Williams e English Chamber Orchestra — 22:00), **Sinfonia Espanhola,** de Lalo (Szering, Orquestra de Monte Carlo e van Remoortel — 31:00), **Concerto para Piano e Orquestra, em Lá Menor,** de Grieg (Arrau, Concertgebouw e Dohnanyi — 31:00), **Suite nº 2, em Si Menor,** de Bach (Rampal e Orquestra Paillard — 19:30).

20h — Abertura em Ré Menor, de Haendel-Elgar (Boult — 5:00), **A Fiandeira** (2:23), **Saudades das Selvas Brasileiras** (5:10), **New York Skyline** (2:55), **Lenda do Caboclo** (3:51), e **Suite Floral (6:45), de** Villa-Lobos (Szidon), **Herz und Mund und Tat und Leben — Cantata 147,** de Bach (Richter — 32:43), **Les Roseaux,** de Couperin (5:07), **Arabesques n.ºs 1** (3:55) **e 2** (3:25), de Debussy (Alicia de Larrocha), **Sonata para Clarinete e Fagote,** de Poulenc (Cervase de Peyer e William Wahaterhouse — 7:00, **Sinfonia nº 3, em Dó Menor,** de Prokofieff (Rozhdestvensky — 32:45).

Rádio Cidade

ZYD-462
Diariamente das 6h às 2h

Os grandes sucessos da música popular dos anos 60/70 e os melhores lançamentos em música nacional e internacional. Programação: Alberto Carlos de Carvalho.

O SUCESSO DA CIDADE — As músicas mais solicitadas da programação da RÁDIO CIDADE. De 2a. a 6a., das 18h às 19h. Apresentação do Romilson Luis.

CIDADE DISCO CLUBE — O som das discotecas cariocas. De 2a. a 5a. das 22h às 23h, 6a. e sáb. das 22h às 24h. Produção e apresentação de Ivan Romero.

Crianças

O SAPATEIRO DO REI — Musical infanto-juvenil de Lauro Gomes. Direção de Helena Pedra. Com o grupo Teatro de Amadores do Cabo, Pernambuco. **Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43. Hoje, às 16h e 17h. Ingressos a Cr$ 50,00.

O DRAGÃO E A FADA — Texto de Carlos Lira e Nélson Lins de Barros. Dir. de Carlos Lira. Músicas dos autores. Com Cacá Silveira, Ligia Diniz, Alice Viveiros, Pratinha, Elvira Rocha e outros. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-7246). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 50,00. Texto leve e engraçado em espetáculo divertido que dismistifica as histórias tradicionais. (M. e A.)

A REVOLUÇÃO DOS PATOS — Texto de Walter Quaglia. Direção de José Roberto Mendes. Músicas de Chico Buarque, Octávio Burnier e Wrigg. Com Grande Otelo, Ruth de Souza, Alby Ramos, Beth Erthal, Aline Molinari e outros. **Teatro dos Quatro,** Rua Marquês de S. Vicente, 52/2º (274-9895). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00. Texto fraco em produção cuidada e direção inteligente resulta em espetáculo simpático e divertido **(A.M.M.)**

O MAGO DAS CORES — Texto de Veronique Rateau com tradução de Olga Savary. Direção de Serge Ruest e Pato. Com Dirceu Rabelo, José Roberto Mendes. Música de Jean Denis Benett e cenários de Jean Philipe Bonn. **Teatro Glaucio Gil** (Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00. Excelente utilização de marionetes, em linguagem poética capaz de atingir até mesmo os pequeninos **(A.M.M.)**

QUEM MATOU O LEÃO? — Peça infanto-juvenil de Maria Clara Machado. Dir. da autora. Com Sura Berditchevsky, Maria Clara Mouche, Maria Cristina Gani, Bia Nunes, Milton Dobbin, Bernardo Jablonski e Cristina Rego Monteiro. **Teatro Tablado,** Av. Lineu de Paula Machado, 776 (226-4555). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00. Espetáculo muito bonito e cheio de recursos, com ótima interpretação, cenários, figurinos e música. **(A.M.M.)**

A VIAGEM DE UM BARQUINHO — Texto e direção de Sylvia Orthof. Com o grupo Casa de Ensaio: Fátima, Gê Menezes, Robson Guimarães, João Moita e Zé Carlos. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco 179 (224-2356). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00. As peripécias divertidas e comoventes da busca da liberdade em uma montagem de grande vitalidade. **(A.M.M.)**

JOSÉ DE MARIA — Texto e direção de Luiz Sorel. Com Suely Poggio, Maria Alice Jacobina, Guilherme Sant'Ana, Gilberto Grimmer e Paulo Cesar Ramos. **Teatro do Sesc de Madureira,** Av. Edgard Romero, 81. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 25,00 e Cr$ 15,00, crianças. Último dia.

ROUBARAM O TESOURO DO REI — Texto de Ludmila Cardoso. Direção de Hilda Cardoso. Com o grupo Teatral Palco Livre. **Aliança Francesa de Botafogo,** Rua Muniz Barreto, 54. Hoje, às 16h. Até dia 12 de novembro.

OS HOMENS DA FLORESTA NA CIDADE DE CIMENTO — Texto e direção de Nilo Bivar. Com o grupo Arte de Teatro Aberto. **Teatro Leonardo Alves,** Rua Correa Dutra, 99, sobreloja, 218. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 30,00, crianças e Cr$ 20,00, adultos.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Joel Leite. Com o grupo Sarará Tem Cura: Monica Barros, Sydnei Meirelles, Beatriz Barros e Paulo Silva. **Teatro Arthur Azevedo,** Rua Vitor Alves, 154, Campo Grande. Hoje, às 16h. Último dia.

A ONÇA E O BODE — Texto de Cleber Ribeiro Fernandes. Direção de Maria Lina Rebello. Com o grupo Serrote. **Teatro do Colégio S. Vicente de Paula,** Rua Miguel de Frias, 123, Icaraí, Niterói. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 20,00.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (281-0871). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

O SAPATINHO DE CRISTAL — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

O LEITEIRO E A MENINA NOITE — Texto de João das Neves. Direção de Jorginho de Carvalho. Com o grupo Mixirico. **Teatro Cacilda Becker,** Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00. Excelente texto mágico e lúdico com especial destaque para a beleza visual da montagem. **(M. de A.)** Até dia 5 de novembro.

A BELA E A FERA — Texto de Jair Pinheiro. Direção de Antônio Duarte. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Prod. a direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro Toneleros,** Rua Toneleros, 56. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO OU JOÃOZINHO E MARIA E O PÉ DE FEIJÃO — Prod. e direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Petropolitano Futebol Clube,** Av. Roberto Silveira (42-4949). Petrópolis. Hoje, às 10h30m. Ingressos a Cr$ 30,00.

O ESPANTALHO NO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO — Texto de Sérgio Roberto. Direção de Roberto de Brito. Com Aldo Bastos, Melissa Santos e Paulo Fernando. **Teatro 29 de Junho,** Rua Pontes Leme, 276, Campo Grande. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00, crianças.

CALIBAN, CALIBAN — Sátira musical, adaptada de uma história de Joan Aiken pelo grupo Tisa. Direção de Maria Luísa Prates. Cenários efigurino s de Luiz Carlos Figueiredo. Iluminação de Jorginho de Carvalho. **Teatro Isa Prates,** Rua Francisco Otaviano, 131 — Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00 (5 anos).

II MOSTRA DE TEATRO INDEPENDENTE — Programação às 10h, a peça **Os Músicos de Bromen,** com o grupo Faz-Acontece. Às 14h, **O Sol, o Vento e a Chuva** com o grupo Sem Nome de Teatro. Às 16h, **Matuta,** com o grupo Asfalto Ponto de Partida. **Teatro Arcádia,** Travessa Alberico Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Ingressos a Cr$ 10,00.

NÃ TÁ AQUI, NÃO TÁ LA', ONDE Ê QUE TÁ? — Criação coletiva do grupo Auê. Direção de Michel Robin. Com Mauro Aklander, Beth Petersen, Fernanda Viana e outros. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). **Hoje,** às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

OS TRÊS PORQUINHOS — Texto de Eliseu Miranda. Direção de Dilu Melo. **Teatro Santos Rodrigues,** Rua Henrique Dias, 25, Rocha. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00.

FESTIVAL DE PALHAÇOS — Produção de Dilu Melo. Espetáculo com seis palhaços, brincadeiras e prêmios. **Teatro da Galeria,** Rua Sen. Vergueiro, 93 (225-9185). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 35,00. Último dia.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (2351113). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

PÃO DE AÇÚCAR — Programação: **Teatro de Marionetes** — às 10h30m, 12h30m, 14h30m, 15h 30m. **Museu Antonio de Oliveira** — mostra de 1 mil 200 figuras esculpidas em madeira e mecanizadas. Aberto das 10h às 18h. Av. Pasteur, 520 (226-0768). Ingressos a **Cr$** 24,00, crianças de quatro a 10 anos e Cr$ 48,00, adultos, incluindo a passagem do bondinho.

IV FESTA DA CRIANÇA — Parque com cerca de 40 brinquedos e serviço de restaurante e lanchonete. **Tivoli Park,** Av. Borges de Medeiros, s/ nº, Lagoa. Ingressos a Cr$ 80,00, adultos e Cr$ 60,00, crianças até 10 anos, com direito a utilizar todos os brinquedos. Último dia.

PLANETÁRIO — Três programações diferentes: **Pedrinho e o Vagalume,** para crianças de quatro a sete anos, às 16h, **Dança das Estrelas,** para público de oito a 11 anos, às 17h, **Estrelas, Deuses e Heróis,** para adolescentes a partir das 12 horas, às 18h30m. Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea. Ingressos a Cr$ 3,00.

PROGRAMAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE PARQUES E JARDINS — Hoje: às 10h e 16h, **Teatrinho da Fantoches,** com o grupo Carreta, no **Parque do Flamengo, Teatro de Fantoches.** Às 15h, **Teatro de Pedro e Rocha,** no **Parque do Flamengo, Pavilhão da Cidade das Crianças.** Às 15h, **A Bruxinha de Minissaia** e o grupo Afro-Brasileiro, na **Pça. 1º de Maio,** Bangu. Entrada franca.

HARLEM GLOBETROTTERS — Ver detalhes em **Show.**

FILMES INFANTIS — Ver detalhes em **Cinema.**

No Salão Gávea do Hotel Intercontinental, termina hoje a Festa Típica Alemã que revive a Octoberfest de Munique. A partir das 10h, e com ingresso a Cr$ 290,00 por pessoa, serão servidas cerveja e comida alemã tradicional, ao som de música bávara

O Sapateiro do Rei: cartaz da Aliança Francesa de Copacabana

Show

ALERTA GERAL — **Show** com a cantora Alcione acompanhada de Sidney (piano, Bidu (percussão), Carlinhos (bateria), Uítalo (baixo) Luizinho (guitarra), Tainha (piston) e Luizão (sax e flauta). Direção de Roberto Santa. **Teatro Serrador,** Rua Senador Dantas, 13 (232-8531). Hoje, às 19h 30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 100,00. Até dia 19 de novembro.

EMÍLIO SANTIAGO — **Show** com o cantor para lançamento de seu LP. Acompanhamento de Marquinhos (piano), Hélio Capucci (guitarra), Bidinho e Tranca (sopro), Jacaré (baixo) e Paulinho (bateria). Direção de Paulinho Lima e Otávio Burnier. **Teatro Leopoldo Fróes,** Rua Manuel de Abreu, 16 — Niterói (718-7645). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00.

NO MEIO DO MATO — **Show com** Armandinho e o Trio Elétrico de Dodô e Osmar. O grupo é formado por Armandinho (guitarra baiana), Aroldo (guitarra baiana e bateria), Ari (bateria e percussão), Dadá (percusão) e Betinho (baixo). Participação do próprio Osmar e Moraes Moreira. **Escola de Artes Visuais,** Rua Jardim Botanico, 414 — Parque Laje. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00.

A MÚSICA QUE ESTÁ POR BAIXO — **Show** com com o grupo Vissungo, formado por Aniceto do Império Serrano (composição e vocal), Espírito Santo (violão, percussão e vocal), Carlinhos (violão, viola, percurssão e vocal), Lula (baixo, viola, cavaquinho e vocal), Paulo dos Santos (percussão e ritmo), Ilton Mendes (percussão e ritmo) e Samuca (percussão e vocal). **Campo do São Bento** — Icaraí (Niterói). Hoje, às 10h. Entrada franca.

PEPÊ & SÍLVIO — **Show** com o duo Pepê de Castro Neves (voz) e Sílvio Merhy (piano). **Auditório da Aliança Francesa da Tijuca,** Rua Andrade Neves, 315. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00 (estudantes).

LUZ PÁLIDA — **Show** de música popular brasileira com o grupo Natural, formado por Wilson Matias (vocal), Marcilio Dias (viola e piano), Cleber Marques (viola e vocal) e Indio (percussão). **Teatro Armando Gonzaga,** Av. Marechal Cordeiro de Farias, s/nº — Marechal Hermes. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 15,00.

JANAÍNA — Show com a sambista Janaína para lançamento de seu novo LP. **Escola de Samba Quilombo,** Rua Curipé, 65 — Coelho Neto. Hoje a partir das 12h. Entrada franca.

I CONCURSO DE SAMBAS DA FESTA DA PENHA — Última etapa classificatória. Após o concurso, **show** com o cantor e compositor Martinho da Vila acompanhado do conjunto Sambacana e grupo folclórico Casa de Vizeu (mirim). **Igreja da Penha.** Hoje, a partir das 18h. Entrada franca.

FERNANDO LEBÉIS — **Show** com cantor, violonista e pesquisador do folclore brasileiro. **Museu Carmem Miranda,** Parque do Flamengo, em frente ao nº 560 da Av. Rui Barbosa. Hoje, às 11h. Entrada franca.

ALMÔNDEGAS — **Show** de música popular brasileira do grupo formado por João Batista (baixo e vocal) Kledir (flauta, viola, violão e voca), Kleiton (violino, harmônica e vocal), Zé Flávio (viola, violão, guitarra e vocal) e Fernando Alberto Janczura (bateria). Roteiro e direção de Benjamin Santos. **Teatro Ipanema,** Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Último dia.

DEPOIS DA NOVELA — **Show** com o pianista e compositor João Roberto Kelly. Participação de passistas, ritmistas e partideiros. Convidada especial: Clementina de Jesus. **Teatro da Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Hoje, às 21h45m. Ingressos a Cr$ 80,00. Até dia 26 de novembro.

VIVA O GORDO E ABAIXO O REGIME — **Show** do humorista Jô Soares. Textos de Jô Soares, Millor Fernandes, Armando Costa e José Luís Archanjo. Cenário e iluminação de Arlindo Rodrigues. Direção de Jô Soares. Direção musical de Edson Frederico. **Teatro da Praia,** Rua Francisco Sá, 88 (267-7749 e 287-7794). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos (1a. sessão) a Cr$ 150,00 e Cr$ 70,00, estudantes, e (2a. sessão), a Cr$ 150,00.

O HUMOR DE SERGIO RABELLO — **Show** do humorista com direção de Paulo José. **Teatro Senac,** Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2746). Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes.

MIELE — **Show** de humor apresentado por Luís Carlos Miele. Texto e direção de Miele e Bosculi. **Teatro Clara Nunes,** Rua Marquês de S. Vicente, 52, 3.º andar (274-9696). Hoje, às 21h 30m. Ingressos a Cr$ 100,00 (preço único).

Música

III CONCURSO DE CRIANÇAS TOCAM PARA CRIANÇAS — Prova Final hoje, às 9h, nos **Seminários de Música Pró-Arte, Rua** Alice, 462, com entrada franca. Hoje, às 16h30m, concerto de encerramento com a pianista Giovana Rossoni, na **Casa de Rui Barbosa,** Rua São Clemente, 134, com ingressos a Cr$ 15,00.

Criada por Fritz Lohmann, é a mais completa coleção de medalhas sobre presidentes brasileiros feita neste século

OS PRESIDENTES, EM OURO E PRATA

A Ouro Preto Collection lança até o dia 30 de novembro a coleção *Os Presidentes — Nova República*, conjunto de 24 medalhas artísticas em ouro e prata criadas por Fritz Lohman. A primeira parte foi lançada no ano passado, com os 12 Presidentes da Primeira República, exceto Washinton Luiz.

Lohman modelou as medalhas no seu *atelier* em Cabo Frio. No anverso reproduz a figura do Presidente, e no verso, um símbolo alusivo a cada período governamental. Acompanha a coleção uma monografia do presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, professor Pedro Calmon sobre o período histórico relativo a cada Presidente.

A coleção recente reúne medalhas de Washington Luiz, Getúlio Vargas, José Linhares, Eurico Gaspar Dutra, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart, Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Médici e Ernesto Geisel. As de ouro têm diâmetro de 34mm, pesam 32 gramas e custam Cr$ 14 mil 800. As de prata, diâmetro de 55mm, peso de 60 gramas e preço de Cr$ 2 mil 200.

Fritz Lohman é medalhista e gravador, autor da coleção *Brasil Imperial* e *Os Profetas de Congonhas*, também lançadas pelo Ouro Preto Collection (Rua Martins Ferreira, 71, Botafogo, Rio, telefones 286-6646 e 246-7539).

LOGOGRIFO

JERONIMO FERREIRA

C		N
	D	
M	R	T

PROBLEMA N.º 388

1. APARAR (7)
2. CANTO A 2 VOZES (5)
3. CATEQUESE CRISTÃ (8)
4. CLÉRIGO COM DUAS ORDENS SACRAS (7)
5. CONFEITEIRO (7)
6. DECLINAR (6)
7. DIZIMAR (7)
8. ESPÍRITO MALIGNO (7)
9. GARBO (7)
10. MORDER (6)
11. MULHER COM GRAU DE DOUTOR (7)
12. NO TEMPO DE (7)
13. QUE ADOECE COM FACILIDADE (7)
14. QUE CONTÉM DEZ (7)
15. RELATIVO AO DERMA (7)
16. RELATIVO AOS DENTES (8)
17. SIGNIFICAR (7)
18. TER AUTORIDADE SOBRE (7)
19. TÍTULO QUE SERVE DE PROVA (9)
20. VERSO GREGO DE 4 PÉS (7)

PALAVRA-CHAVE: 12 LETRAS

Carlos Eduardo Novaes

OS TRE pedintes

AFINAL, é o povo que não está preparado para votar ou o Governo que não está preparado para promover eleições? Fico com a primeira hipótese: definitivamente o povo não está preparado para votar. E esse despreparo, creiam, vem preocupando muito o Governo. Tanto assim que ele resolveu instituir a Lei Falcão para ver se eleva o nível de participação e consciência política do povo brasileiro. Penso que mais umas 10 eleições debaixo da Lei Falcão nós vamos matar os franceses de inveja. Ana Lucia, porém, não compartilha da mesma opinião. Diz ela que o povo está sempre preparado e que eleitor não é jogador de futebol que precisa treinar, fazer ginástica, se concentrar para enfrentar uma urna. Diante do impasse, resolvemos então tirar as dúvidas. Semana passada, fomos perguntar à empregada em quem ela iria votar.

— Sei não senhor.

— **Tá** vendo — disse eu para Ana. Já estava em tempo de saber. Isso só demonstra que o povo realmente não está preparado para votar.

— E como poderia estar? — retrucou Ana. — Não se fazem eleições. Nas poucas que permitem nossa participação, restringem a liberdade de expressão dos candidatos. **Tá** tudo escondido. Você sabe o nome de algum candidato, Maria?

— Sei não senhora — respondeu Maria cortando batatas.

— E por que não sabe? — perguntei à Ana — provavelmente porque não está interessada em se informar através dos imensos canais de divulgação que esta bendita Lei Falcão nos fornece... de graça. Aposto que todas as vezes que começa um programa do TRE, ela desliga a televisão. E' ou não é, Maria?

— E' sim senhor.

— **Tá** vendo? — completei. — O Governo gastando rios de dinheiro preparando o povo para votar e ela o que faz? Desliga o aparelho. Não está certo Maria, assim você não estará preparada nem no ano 2000. A partir de amanhã, você vai fazer um curso de preparação para votar. Vai passar a assistir aos programas do TRE.

— Por favor — suplicou ela cortando o dedo — não faça isso. **Me** tire a folga dos domingos, mas não me obrigue a assistir a esses programas.

Ana Lucia me olhou como se dissesse: "Não faça isso, tenha pena da Maria". Achei, contudo, que me deveria manter firme. Afinal, de que outra forma ela, como parte do povo brasileiro, poderia ganhar preparo para votar? Combinamos que, para começar, Maria assistiria ao programa do TRE das 15h 13m. Eu a levaria ao meu escritório e sairia deixando-a a sós com os candidatos para poder refletir e meditar mais à vontade.

— Vamos, Maria — disse-lhe no dia seguinte, apanhando-a na cozinha — o programa vai começar. Ele vai fazer de você uma eleitora consciente.

— Mas eu tenho que ir mesmo? — perguntou com a mesma cara de horror que eu faço quando vou tirar sangue da veia.

— Claro. São só 10 minutinhos. Não vai doer nada.

Coloquei Maria sentada diante do vídeo, saí e fui para o meu quarto. Cinco minutos depois, o programa ia a meio, escutei um tropel no corredor. Dei um pulo até a porta do quarto e ainda vi Maria escapando às carreiras, pela copa.

— Pega! Pega! — gritei para Ana Lucia. — Pega a Maria aí, Ana. Ela está fugindo. Vai escapar pela escada de serviço. Pega!

Fomos apanhar Maria no meio da rua. Dei-lhe uma bronca:

— Você não quer colaborar com o Governo, não é, Maria? Não percebe que ele está dando uma oportunidade que lhe custa tempo, dinheiro, trabalho, para que o povo aprenda a votar?

— Assim eu não quero. Está acima das minhas forças — disse ela, lívida. — O senhor diz ao Governo que eu não quero mais votar não. Eu só quero cozinhar.

Fui duro com Maria. Disse-lhe que se não ficasse lá sentadinha, seria obrigado a trancá-la no escritório. E foi o que fiz. Dia seguinte, tirei tudo do escritório, deixando apenas o televisor e uma cadeira. Naturalmente, lembrei o preço do aparelho para que Maria afastasse da cabeça a idéia de atirá-lo pela janela num momento de pouca reflexão eleitoral. Às 15h13m, levei Maria pelo braço, tranquei-a e fiquei do lado de fora.

— Como é, Maria? — perguntei depois de alguns minutos — já está preparada para votar?

— Não senhor — disse ela com uma voz chorosa.

— E agora? — tornei a perguntar após um tempo — está sentindo alguma coisa? Você nota que está ficando preparada para votar? Ahn?

— Ainda não senhor — disse ela aos soluços. — Está tudo na mesma.

— Vamos, Maria. Concentre-se. Preste atenção ao que eles estão dizendo...

— Tem um aqui dizendo que é membro da Academia de Letras de Pacarambim... Parabanquim... não entendi direito.

— Então. Não é tão difícil assim — disse encostado na porta. — Você já está começando a ficar preparada. Faça força. Pense, reflita, analise, estude as plataformas, as profissões, os feitos de cada um. Vá...

— Fico com tanta pena da Maria — disse Ana, chegando e encostando o ouvido na porta.

— Eu sei. Sei que é um sofrimento, mas ela tem que entender que é para o bem dela... e do país.

Aguardei o terceiro programa do TRE às 15h49m. Tornei a indagar. De resposta só ouvi uns gemidos. Procurei animá-la:

— Aguenta firme, Maria. Aguenta firme e enxuga as lágrimas, senão você não vai ver direito.

De repente, sem esperar, escutei um urro monumental acompanhado de chutes e batidas na porta:

— Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Socorro. Eu não aguento mais. Este programa está me levando à loucura!

Maria estava transtornada. Gritava, uivava, esmurrando a porta. Os vizinhos acorreram ao apartamento querendo saber o que se passava.

— Nada não. Estamos só preparando o povo brasileiro para votar...

Ao abrir a porta do escritório, dei de cara com Maria arfando, bufando, socando o assoalho enquanto a Arena mandava seu recado colorido no vídeo.

— Calma, Maria. Calma. Desespero não adianta. Seja sensata. Não é assim que você vai se preparar... eu quero fazer de você uma eleitora consciente. Pense como seus pais se sentirão orgulhosos.

ANA ponderou que "por hoje já chega". Carregamos Maria para o quarto, colocamos na cama, cobrimo-la e demos um tranquilizante. Depois chamei Ana à sala e disse-lhe que precisava mudar a estratégia ou "passaremos as eleições e ela ainda não estará preparada". Sugeri um curso intensivo: rádio e TV juntos, pegando desde o primeiro programa do TRE.

— Ela não vai resistir.

— Deixe de ser boba, Ana. Claro que vai. O Governo sabe o que faz.

Dia seguinte, foi a maior dificuldade para levar Maria ao escritório. Agarrou-se com o secador de roupas e não houve quem a tirasse. Tive que chamar um faxineiro para me ajudar.

— Eu não quero ir! Não quero ir! — berrava Maria abraçada ao secador. — Pelo amor de Deus! Eu quero voltar **pra** roça! Tudo menos o TRE.

— Puxa, Zé — ordenei. — Puxa. Vamos. Força. Algum dia ela ainda vai nos agradecer.

Às 13h, amarramos Maria na cadeira, saímos e trancamos a porta. Do lado de fora, eu ia pulando de uma estação para outra, por controle remoto, acompanhando no jornal os horários do TRE.

— Como é que estão as coisas aí, Maria? Já está mais preparada?

Maria não respondeu. Desenvolvia o mesmo processo da véspera: soluços, fungadas, gemidos num crescendo que culminou às 23h02m com um grito lancinante. Depois, o silêncio. Abri a porta e lá estava ela desmaiada com um pedaço de papel saindo pelo canto da boca. Maria tentara o suicídio, constatei, engolindo o título de eleitor. Pedi a Ana que chamasse um médico.

— O caso é grave — disse o médico após examiná-la. — Quantas doses de TRE ela tomou hoje?

— Uma às 13h, outra às 13h 23m, outra às 14h08m — disse contando nos dedos — outra às 14h 37m, mais uma às 14h55m... deixe-me ver... 20, doutor, 20 doses de TRE.

— Vinte? Vinte doses de TRE? Incrível. Nenhum ser humano suportaria isso. Nem sei como ela ainda está viva. Ela sofreu uma forte intoxicação eleitoral agravada por uma profunda anemia política. Mais vai ficar boa. Recomendo repouso, vitaminas, uma pequena dieta, mas nada de propaganda eleitoral.

— Nem um minutinho por dia, doutor?

— Nada. Ela deve ficar pelo menos cinco anos sem ver propaganda eleitoral, sob pena de ter uma recaída que pode ser fatal.

O doutor exagerou um pouco, pensei quando saiu. Não é possível que ela esteja neste estado se o Governo faz tudo isso exatamente para tornar mais preparado o eleitor brasileiro. Quando Maria voltou a si, abaixei-me à cabeceira e perguntei baixinho:

— Maria, Maria, será que você já está se sentindo preparada para votar?

— Agora **tô** sim senhor.

— Eu sabia, eu sabia — exultei esfregando as mãos — eu sabia que esse trabalho do Governo iria preparar o povo para votar.

— Foi dose **pra** leão — disse ela — aqueles programas faziam uma confusão danada na minha cabeça, mas uma coisa eu guardei: que a nossa realidade é preto e preto e branco.

— Muito bem Maria. E sendo assim você vai votar em quem?

— Bem, se a realidade é preto e branco, acho que eu só posso votar no Botafogo, não **é**?

A VIOLÊNCIA "*PUNK*"

DROGAS E ASSASSINATO NA ROTA DOS ESCRAVOS DA LIBERDADE TOTAL

Robert Dervel Evans
Correspondente

LONDRES — O caso de Sid Vicious, baixista do grupo *punk* Sex Pistols, acusado do assassinato de sua namorada, Nancy Spungen, num hotel de Nova Iorque, continua tendo grande repercussão na Inglaterra. O caso é particularmente chocante. O músico, cujo verdadeiro nome é John Ritchie, é um jovem de 21 anos sem qualquer talento musical. Tornou-se membro do conjunto por acidente, quando Malcolm MacLaren, dono de uma loja de roupas baratas em Londres, passou a administrar os Sex Pistols. O cantor do grupo era John Lyndon, que também mudou seu nome e tornou-se o famoso Johnnie Rotten (Joãozinho Podre).

Sob a dinamica orientação de MacLaren, os quatro rapazes do grupo adquiriram notoriedade entre os jovens desempregados da King's Road, em Londres, adotando um estilo diferente de *rock and roll*, que manifestava uma espécie de niilismo subversivo, transmitindo mensagem emocional do tipo "não nos importa" nada. Cultivaram, e inculcaram em seus fãs, uma imagem de violenta anarquia, tanto no palco quanto fora dele. Nos *shows*, furavam as bochechas com alfinetes e cuspiam e xingavam a platéia.

Em suas vidas privadas, os membros do grupo eram obcecados por drogas e sexo. Sid Vicious foi preso mais de uma vez por problemas de droga. Mas sua degradação final ocorreu na semana passada, quando supostamente confessou o assassinato da companheira com uma facada na barriga, segundo a policia sob a influência de entorpecentes.

A revolução na música popular que começou na década de 60 com os Beatles, completou o seu ciclo e atingiu o seu mais baixo ponto com os Sex Pistols, que a certa altura rivalizaram com os Rolling Stones, como idolos da juventude menos educada das massas proletárias. Os Beatles tinham verdadeiro talento, mas os Pistols são musicalmente analfabetos. Tornaram-se famosos e ricos após uma vasta promoção feita pela máquina de relações públicas das companhias de discos e de televisão, que investiram grandes somas neles.

Dois dos primeiros discos dos Sex Pistols, *Anarchy in the United King dom* e *I'm the Antichrist*, lançados em 1976, foram patrocinados pela companhia EMI, uma das maiores do ramo. Eles também foram adotados pela Televisão Thames, de Londres, que lhes pediu para dizer coisas obscenas no ar. Quando eles o fizeram, com uma fieira de palavrões, o tiro saiu pela culatra. Os patrocinadores obtiveram sua publicidade, mas a EMI e a Thames cancelaram o contrato do grupo, quando a pressão do publico obrigou os diretores a agir.

Com Sid Vicious acusado de assassinio em Nova Iorque, a breve carreira do grupo como *punk rockers* provavelmente está encerrada, mas em sua passagem pelo cenário da música popular eles ajudaram a corromper parte de toda uma geração de vitimas inocentes, ignorantes demais para se protegerem contra uma insidiosa forma de degradação promovida pelas fontes da moderna maquina de relações públicas e publicidade hoje existentes no campo do entretenimento popular.

Um epitáfio para esse nocivo grupo *punk* foi pronunciado, recentemente, por alguem que conhece a corrupção da juventude moderna nos centros urbanos. O romancista *best-seller* Anthony Burgess, autor de *A Laranja Mecanica*, fez uma séria advertência, em artigo no *Daily Mail*, sobre uma "geração que está sendo escravizada pela liberdade total". Ele pôs sua mensagem num contexto incomum, quando relacionou a eleição do Papa João Paulo II à recém-publicada biografia da romancista Jane Austen, do século XIX, e ao caso de Sid Vicious. Identificou o "tema comum" que dá significado a esses fatos.

O novo Papa, escreveu o romancista, traz para o mundo uma "voz autorizada de cristianismo, de uma nação à qual se impôs um regime ateu contra a sua vontade". Burgess acha que o mundo ouvirá em breve algumas palavras francas do Vaticano, quando ele entrar num "periodo de confronto aberto entre as forças da luz e as forças das trevas". Acrescentou que é preciso haver padrões de conduta, gosto e comportamento social, mas eles precisam ser novamente ensinados a cada nova geração. Acredita que mais doses desses ensinamentos agora percorrerão o mundo na voz do Papa João Paulo II.

Também vê lições na vida e nos romances de Jane Austen, cujas grandes obras foram escritas na paz e quietude da Inglaterra rural, e numa época em que "a vida podia ser desfrutada alegremente sem a excitação das drogas, da violência e do sexo indiscriminado". Desde então, continuou, alguma coisa saiu errada. "Houve uma gradual erosão da autoridade moral na sociedade inglesa, endossada pelos lideres da Igreja e do Estado", e pela aceitação da equivoca crença em que "isso é bom".

Drogas, sexo e assassinato: alguns ingredientes do conjunto Sex Pistols

O que eram outrora simples prazeres foram agora tornados mais complexos e perigosos, e a aceitação da doutrina da sociedade complacente levou à total liberdade, que leva à total escravidão. Ele cita a corrupção da inocência nas comunidades *hippies* da Califórnia, onde jovens que haviam partido para criar comunas primitivas acabaram em orgias, mutilação e morte, como no caso de Charles Manson. Na ausência de leis e orientação moral, o mal inevitavelmente prevalece.

Burgess disse que a música *punk* começou inocentemente, como um repúdio infantil dos valores tradicionais — "não mais fé, patriotismo, decência ou mesmo bons modos" — para terminar em obscenidade, blasfêmia e exibição públicas de vômitos. E finalmente nem mesmo isso era bastante, e assim nenhum padrão restou, à medida que o uso das drogas levava à total esvalorização da vida humana, como no caso de Sid Vicious.

Esses jovens, em sua opinião, não sabiam que brincavam com fogo, e ele culpa os lideres e politicos ingleses por abandonarem demasiados dos valores pelos quais a sociedade se orientava antes.

O coro de vozes que se erguem na Grã-Bretanha em protesto contra os excessos de liberdade que criaram a sociedade permissiva está aumentando. Agora, inclui a maioria dos chefes de policia, encabeçados por Sir Robert Mark, ex-chefe da Scotland Yard, que aposentado dedica seus consideráveis talentos e energias ao mesmo tipo de campanha de Anthony Burges. Alexandre Soljenitzyn não está mais sozinho na advertência à Grã-Bretanha e ao Ocidente contra o declinio moral resultante de conceitos errôneos sobre a verdadeira natureza do homem.

José Carlos Oliveira

O TECO-TECO - 1

PENSEI no Maracanã vazio visto por um torcedor fanático do futebol. Pensei que ele poderia estar no centro do gramado, justo no círculo de cal onde se põe a bola e, após um minuto de silêncio em memória do anti-herói desconhecido que o desgosto fulminou no apito final da derradeira partida do Campeonato do Mundo de 1950, o juiz sopra outra vez o apito e a chuteira bate na bola (um som de tufo) e tudo recomeça. Tantas e tantas vezes. Pensei no grito selvagem — gol! — e no monumental gemido da esperança contrariada, que se esvazia num silvo azul de bola furada a canivete. Ziiiiziiiinhoohohoh!... A praça, a ronda, praça, a ronda em redor da praça, os rapazes numa direção e as moças na direção inversa, o rondó dos namorados. E (pensei) como no Maracanã em domingo de festa há sempre um aviãozinho girando por cima da multidão e dos atletas, puxando num rabicho de pano a mensagem: "Ele voltou. Ele quem? Ele não voltou". Pensei no teco-teco amarelo que sobrevoava a praça, girando no sentido dos namorados de sexo masculino. Era o Pedrinho ou era o Guaracy? Era o Pedrinho. Na manhã já azul, ele decolava do Aero-Clube de Goiabeiras e ficava girando por cima da praça. E de bruços, numa das sacadas do prédio mais chique da praça, a moça, em seu recato, fingia olhar as pessoas que liam jornal nos bancos da praça ou se cruzavam ali e se dispersavam em todas as direções. Depois a moça observava o céu, ruborizada. No céu, um teco-teco roncando lerdo e dentro do teco-teco o Pedrinho. Pedrinho era o namorado da moça de braços cruzados na sacada. Pedrinho pretendia ser o namorado dela, mas era um rapaz do Rio e os cariocas são muito abusados. Os cariocas se aproximam das moças da cidade pequena, são introduzidos em suas casas, ficam de mãos dadas no sofá da sala, beijam-nas nos cinemas escuros, pedem-nas em casamento, compram as alianças de noivado e depois vão embora, os cariocas. E quanta moça fica falada na cidade depois que os cariocas vão embora. Por isso, os pais não vêem com bons olhos os cariocas; preferem os rapazes que nasceram ali mesmo e ali cresceram. Esses, se desaparecerem sem quê nem pra quê, já se sabe que fizeram mal à garota. Serão apanhados onde estiverem e levados ao padre sob ameaça de morte. O padre indagará: "Aceita a senhorita Fulana de Tal, aqui presente, por esposa?" — e eles responderão: "Sim". Ela estará de véu e grinalda. Os irmãos dela, seus tios e agregados ficarão vigilantes sob o sol, no adro da catedral. A moça naturalmente estará grávida de dois meses. Os irmãos dela, os tios e agregados terão cada qual um trabuco na cintura, debaixo do paletó de linho S-120.

Entretanto, Pedrinho descobrira esse modo ousado e romântico de se aproximar de sua amada sem chegar perto dela. Vinha de avião do Aero-Clube de Goiabeiras e anunciava, num ronco de teco-teco, que tinha as melhores intenções. Queria mesmo namorar a moça, noivar e casar.

Só ela é que vinha à sacada ou vinha também sua irmã? Penso que a irmã vinha também, ou então a melhor amiga dela, porquanto as moças enamoradas sempre trazem a tiracolo uma alcoviteira ou confidente, elas ficariam tão sós que morreriam entupidas de amor.

Feneceriam; e num débil e letal suspiro, exprimiriam sua rebelião sem remédio. Ela se chamava Maria ou Stela? Penso que se chamava Maristela. Penso que não chegou a namorar Pedrinho e estou certo de que Pedrinho se casou com outra. Me disseram que Maristela também se casou, e é feliz com sua penca de filhos e seu marido. Tudo indica que Maristela é secretária-executiva ou exerce profissão ainda mais sofisticada. Pedrinho também se casou e tem filhos, toca violão, é comandante de avião comercial. Pedrinho é um doce homem gordo de cabelos grisalhos.

Penso que minha história devia começar assim, num domingo de manhã, com um jovem enamorado contemplando a sua amada a vôo de pássaro, girando sobre a praça, por cima das palmeiras imperiais. Não há dúvida que 28 anos depois estarei nessa praça, esperando alguém na calçada do Teatro Carlos Gomes, e minha memória, sincronizada com meu olho atual, verá nitidamente a recatada Maristela em sua sacada do quarto andar. Maristela não era mulata e não era morena clara. Emprestam a essa cor intermediária uma tessitura de jambo. Falam em mulheres roxinhas. Oh. Ela não era mulata, nem morena clara, nem roxinha. A cor de sua pele era goitacás misturada com outra tonalidade, talvez portuguesa, talvez italiana, ou as duas coisas. Os cabelos negros, lisos, longos, seriam talvez iguais aos de Iracema. De qualquer maneira, era assim que deveria começar esta narrativa que desejo feita de estilhaços, descontínua, descosturada. Muita coisa desapareceu na praça, mas também desapareceu do Maracanã o dia em que o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai. Penso que é melhor botar outra bola no centro do gramado e esperar o apito de outro juiz. Desconfio que as regras do jogo sofreram ou sofrerão modificações sutis, mas na essência, a brincadeira consiste em ir chutando a bola até fazer um gol.

INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIA

artes

★ O escultor **FERNANDO JACKSON RIBEIRO** (atelier 248-0672), que amanhã comemora 50 anos, junto com um célebre pintor de domingo, **LUIZ ORLANDO CARNEIRO**, que completa 40, foi o nome mais comentado na hora em que os noivos **KARIN GONÇALVES** e **VINICIUS TORRES** desembrulhavam os mil presentes de seu casamento. Ganharam um crucifixo de **JACKSON RIBEIRO**: dá sorte. O pai da noiva é o colecionador **PAULO AVELINO GONÇALVES.**

★ Muita sorte para **GILDA BASBAUM**, que expõe seus quadros no Museu de Arte Moderna de Salvador.

Outubro 29 — 1978 — Edição 195 — Ano V

Número novo de MÓDULO nas bancas. A capa é um quadro de **PIETRINA CHECACCI**, cujo primeiro herdeiro já tem nome: **LEONARDO (ROBERTO** é o pai). Há matéria de **ARAÚJO NETTO**, sobre Bolonha, proposta para uma cidade moderna e, dentre outros, o projeto de **OSCAR NIEMEYER** para a cidade de Vicenza, na Itália. Já nas bancas a edição 52 da mais completa Revista de arte, arquitetura e urbanismo. ★★★ **ANTÔNIO RAMALHO** incorporando um belíssimo **DACOSTA** à sua coleção. Este não vendo, diz **RAMALHO** (247-1381). E os outros? Na moita, na moita, este é o marchand que mais vende **DACOSTA** (e outros) no momento.

Para anunciar aqui ☎ 288-5414 | GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS | Cx. Postal 25.026/Rio

4.000 Obras em Oferta: Preços Devem Baixar

★ Abre-se o JORNAL DO BRASIL na sexta-feira 27 e o artigo de **TRISTÃO de ATHAYDE** vem falando do filme que **JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE** acaba de fazer sobre o Aleijadinho, com textos de **LÚCIO COSTA.** E lá diz o sábio **TRISTÃO:** "A marca dos artistas geniais é fundirem, em sua obra, o passado e o futuro. O presente e a eternidade. Isto aconteceu com **ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA,** como está ocorrendo com o próprio **LÚCIO COSTA.**" E agora? Como fazer para ver o filme? Eis o serviço: pelo 224-0439, com o Sr. **FERNANDO FERREIRA,** qualquer Escola, Faculdade, Clube, Grêmio Cultural, Museus e até Galerias de Arte, fala com a Embrafilme, que tem 10 cópias à disposição. O filme tem 25 minutos e não se enquadra nos complementos obrigatórios do circuito comercial. Portanto, chame a Embrafilme.

★ Tratado em nível semelhante de referência cultural, o Livro "DA COR À COR INEXISTENTE" de **ISRAEL PEDROSA** vai para a 2a. edição a menos de um ano do lançamento da primeira. Nas Livrarias KOSMOS (252-9552), AGIR . . . (242-8327), ELDORADO (287-2169), ENTRELIVROS (205-2872), FRANCESA do Copacabana Palace (255-4065) e LEONARDO DA VINCI (252-7192) ainda há poucos exemplares à venda, com o preço de lançamento.

★ A Bienal inagura dia 3 de novembro, em S. Paulo. Jantar oferecido pelo pintor **IANELLI,** com a presença de arquitetos, engenheiros, **JACOB KLINTOWITZ, LOTHAR CHAROUX** e o Presidente da Fundação Bienal de S. Paulo, **LUIZ RODRIGUES ALVES,** homenageia o pintor, que é assunto do dia em S. Paulo: **ISRAEL PEDROSA.** Depois do jantar, foram todos à casa do **PAULO MENDES DE ALMEIDA.**

★ Média de 17 cartas diárias na nossa Caixa Postal 25.026/CEP 20.551 — Rio, durante a semana que passou. Todas já respondidas.

★ A estréia da pintora **SYTÊ,** na Galeria Eucatexpo, já bateu a marca dos 12 quadros vendidos.

★ Haverá dias em que 3 Leiloeiros estarão apregoando obras de arte simultâneamente em 3 lugares diferentes da cidade. Para aproveitar as ofertas, famílias de colecionadores irão, marido e mulher juntos, às exposições, e, separadamente, aos leilões. Para não perder as pechinchas. Venderá quem tiver melhores peças por menores preços, diz **FERNANDO ANDRADE,** da B-75 CONCORDE.

★ **ALCIDES SANTOS,** no momento o pintor primitivo mais comercializado em todo o Brasil. Sua obra figura com 25 telas na 1a. Bienal Latino-Americana a se inaugurar dia 3, em S. Paulo. Por traz do "milagre" o trabalho do marchand **RANULFO.**

★ Alguns expoentes do cenário artístico começaram suas carreiras de mercado pelos leilões anuais que a Escola Eliezer Steinbarg realiza todos os anos, entre 29 de novembro e 3 de dezembro. Tal como nos 4 anos anteriores, artistas de alto nível prestigiam a promoção, doando a metade e até o total dos resultados para a Escola, já que se sabe que as escolas não são objeto de lucro nas comunidades israelitas. Como novidade, dessa vez haverá sorteio de uma obra entre os compradores.

★ Prorrogada até 7 de novembro a exposição de **ANA ELISA GREGORI,** na Galeria Lebreton (R. Visc. de Pirajá, 550). Com uma festa de inauguração movimentada até meia noite, a presença de Dom **MARCOS BARBOSA** deixou **ANA ELISA** realmente emocionada. Também com ótima aceitação e muitas vendas, a exposição de aquarelas de **ORLANDO BRITO,** na Galeria Signo.

★ O voto direto dos artistas elegeu **EDY CAROLLO** como seu representante no júri do SALÃO NACIONAL DE ARTES. **CLÉRIDA GEADA** e **WALMIR AYALA** vieram logo a seguir. Este Guia Semanal ainda vai promover entre os 1.000.001 leitores, os artistas mais consagrados. Pelo voto direto.

★ Circulando o número 5 do jornal IPANEMA AGORA, com uma belíssima capa de **CLARINHA GUIMARÃES.**

★ Começa amanhã o Leilão de Outubro da Galeria Tableau, em S. Paulo. **LUIZ CARLOS MOREIRA** caprichou ainda mais no catálogo, acrescentando aos quadros de cada artista notas críticas e resumos biográficos. Daí o refrão do Leiloeiro **BARRETO,** "Leilão é Cultura"...

★ Calendário dos próximos leilões: Amanhã, numa buate chamada Le Chat, na R. Maria Quitéria, 83, Praça N. S. da Paz, o Leiloeiro **ERNANI** dá uma colher de chá apregoando objetos de arte em benefício da Obra do Berço. Começando no dia 6 próximo o primeiro Leilão da Galeria Rachid em conjunto com a Bolsa de Arte e o Leiloeiro **LASRY,** com o martelo. No Copacabana Palace o 2º Leilão da B-75 — Concorde começa nos dias 18 e 19 e prossegue até dia 23, quando já estará montada a exposição do 2º Grande Leilão de LEONE, uma coleção superior à do primeiro. Também começando dia 20 o anunciado Leilão de **PAULO BRAME,** no Palacete Rosa do Leblon. E é também com **PAULO BRAME** o 5.º Leilão de Niterói, promoção da Galeria Monet prestigiada pelos colecionadores da terra de Araribóia. E tem o Leilão da Primavera de **HORÁCIO ERNANI,** no confortável auditório da Pequena Cruzada, na Lagoa (veja anúncio). Portanto, o mercado de arte, enfim, nas mãos do comprador. Ao todo, mais de 4.000 peças em oferta em 20 dias de "quem dá mais".

★ Com uma excelente seleção de desenhos de **GEORGINA DE ALBUQUERQUE,** o Rio ganha mais uma Galeria de Arte. A Toulouse, no Shopping da Gávea recebe o mundo das artes a partir do dia 31 às 21 horas. Proprietários: **ALCEU ALVARENGA FILHO** e **NORTON BRAME.**

Noticiário sob responsabilidade de LÉO CHRISTIANO EDITORIAL (P

JORNAL DO BRASIL

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 29 DE OUTUBRO DE 1978

ESPECIAL

DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E POBREZA NO BRASIL

ANTES de discutir programas governamentais específicos destinados a melhorar as condições dos pobres (e eventualmente contribuir para reduzir a desigualdade de rendas ou gastos) parece válido delinear algumas diretrizes gerais que podem auxiliar estas tarefas. A intenção desta visão geral não é enumerar as questões mais relevantes, mas, de preferência, dar atenção a alguns aspectos que não receberam muita atenção nos debates públicos e acadêmicos sobre distribuição de renda, pobreza e mobilidade social.

Os problemas institucionais são claramente centrais. A legislação elaborada para ajudar aos pobres ou a redistribuir a renda frequentemente não é posta em vigor, ou, como no caso do Estatuto da Terra de 1964 e das leis sociais subsequentes, os efeitos de sua colocação em vigor estão muito aquém do que havia sido desejado pelo Governo. No último caso, os empregadores rurais simplesmente fugiram às responsabilidades compreendidas na Legislação Trabalhista referentes à agricultura e demitiram a maior parte da força de trabalho empregada em suas terras, apenas para utilizá-la novamente, mas nas mesmas bases contratuais dos trabalhadores diaristas habitantes das cidades vizinhas.

Uma das vantagens do sistema brasileiro é o fato de que cada município, mesmo nas áreas mais pobres do país, possui um aparelho administrativo formal comandado pelo Prefeito, ao contrário de muitos outros países em desenvolvimento, onde a administração governamental simplesmente não atinge as regiões mais pobres. Cada município tem sua administração educacional e de saúde, seu gabinete de assistência agrícola, sua repartição de serviços públicos, etc. A extensão em que estes canais formais são utilizados para o desenvolvimento, especialmente no tocante a programas dirigidos às pessoas mais carentes, varia muito. Há cerca de 3 mil municípios no país. A questão da possibilidade de transferência de maiores responsabilidades de desenvolvimento aos municípios é, obviamente, muito complexa. A vantagem da ação central é que pode sobrepujar interesses políticos locais. Assim, uma estrada vicinal pode ser construída no local onde se faz mais necessária, em vez de servir a apenas um proprietário de terras. A experiência da Petrobrás em alguns municípios é reveladora quanto a este aspecto: a Petrobrás paga a municípios nos quais realiza trabalhos de prospecção; este pagamento frequentemente representa bastante dinheiro em relação aos escassos recursos do município. Mas muitas vezes estas verbas foram utilizadas em itens que trouxeram pouco ou nenhum benefício para a comunidade, porque já haviam sido comprometidas por personalidades locais. Por outro lado, o procedimento dos municípios em relação a seus orçamentos é muito desigual, e não contém nenhum mecanismo formal capaz de garantir que as prioridades econômicas e sociais sejam levadas em consideração. Poderia ser criado um Conselho Econômico e Social a nível municipal, que se reuniria com o Prefeito uma ou duas vezes por ano para elaborar listas de prioridades, que se tornariam documentos públicos.

As repartições de auxílio à lavoura já preparam "diagnósticos econômicos e sociais" anuais em vários Municípios. Alguns destes documentos poderiam servir como base para o trabalho dos "conselhos econômicos e sociais". Evidentemente, uma estrutura formal como esta não teria finalidade alguma caso o conselho não incluísse representantes das classes mais afluentes, médias e pobres em cada Município. Porém, parece haver uma quantidade de Municípios onde o Prefeito prtende gastar de uma forma mais construtiva, mas simplesmente não sabe como. Nestes casos, em princípio, o sistema formal poderia levar a resultados positivos. Uma margem de ação maior para os Municípios seria uma continuação lógica da extensão da ação individual adotada recentemente pelos Estados, especialmente no tocante ao desenvolvimento rural. Os benefícios que esta política poderia trazer é uma questão que as autoridades brasileiras poderiam estudar proveitosamente.

Em segundo lugar, não há dúvidas de que **é essencial melhorar a educação básica.** Isto pode envolver o retorno da responsabilidade federal na educação primária a nível municipal na forma de auxílio financeiro e formação de professores. Aperfeiçoamentos na educação primária poderiam ajudar a faixas carentes da população. **Melhoras no sistema de saúde são igualmente necessárias.** E aqui, novamente, o probema é no mínimo tanto de instituições fracas quanto de recursos. O relatório do Banco sobre recursos humanos no Brasil analisa o problema e discute os custos da extensão dos serviços de saúde a mais pessoas entre os segmentos mais pobres da população.

As expansões dos programas sociais do Governo são vulneráveis às flutuações econômicas de curto prazo. Quanto mais lentamente crescem os rendimentos públicos, mais provável é que os setores de serviços públicos mais bem organizados (energia, obras públicas, transporte, etc.), irão sustentar o seu ritmo de crescimento à custa das instituições sociais mais "difusas" e fracas. O que pode ser feito — se é que algo pode ser feito — para sustar esta tendência não está muito claro, além de se continuar a cobrar dos consumidores a maior parte dos custos dos serviços públicos na esfera "econômica", em oposição à esfera social. Uma vez que o leque de medidas para aperfeiçoar a eficiência dos gastos públicos tenha sido plenamente explorado, a necessidade de se estender os rendimentos públicos ao financiamento de programas sociais deve ser confrontado com a percentagem, muito alta, de rendimentos públicos do Brasil em relação ao PIB. Como a margem de expansão é pequena para esta percentagem (e há inúmeras boas razões para não expandi-la), muito depende dos índices de crescimento. Eis por que a manutenção das altas taxas de crescimento do conjunto econômico é fundamental para que os objetivos sociais sejam atingidos. A atual desaceleração no crescimento econômico, que se deve principalmente à contenção na balança de pagamentos, pode ilustrar uma exacerbação do desequilíbrio entre os gastos "econômicos" e "sociais".

A necessidade de se manter altas taxas de crescimento levanta as seguintes questões: A) Os índices de investimento têm sido altos e as taxas de crescimento excepcionais em comparação aos de outros países. Os ganhos em eficiência beneficiaram os consumidores (através de uma redução gradual nos preços relativos). A grande redução nos preços relativos de produtos de consumo manufaturados é evidente, especialmente a partir de 1968, nos tempos de intercambio em relação a produtos agrícolas. A crescente penetração de bens de consumo duráveis na faixa de menor rendimento é coerente com estas tendências. Na verdade, um dos maiores benefícios para as classes carentes é a possibilidade de adquirir bens mais baratos na medida em que aumenta a eficiência de produção de manufaturados; B) Milhões de pessoas mudaram da agricultura (de baixa produtividade) para atividades urbanas (de maior produtividade); C) Há o perigo de que a atual resposta às pressões da balança de pagamentos (P.E., o encorajamento da substituição de importações, embora os incentivos à exportação também estejam sendo enfatizados) possa reduzir a eficiência da indústria: daí sua habilidade em continuar a absorver um máximo de mão-de-obra a longo termo, e em continuar a reduzir o preço relativo de bens manufaturados vendidos no mercado interno. Uma queda na eficiência da produção provavelmente desaceleraria e, possivelmente, reverteria os aumentos de poder aquisitivo dos segmentos mais pobres da população. Estas considerações merecem a maior atenção, pois têm implicações a longo prazo, muito embora os esforços em manter uma situação externa viável sejam, habitualmente, examinados apenas dentro de um contexto de curto prazo.

Por fim, as autoridades podem fazer muito para remover obstáculos institucionais à mobilidade econômica. Vários exemplos podem ser destacados: a) O INCRA estabeleceu módulos (unidades padrão de área) a nível municipal; o tamanho de uma unidade de padrão é, geralmente, de 15 a 20 ha para agricultura, consideravelmente maior para a pecuária. O propósito das unidades padrão é duplo: (1) desmembrar latifúndios que, sob certas circunstancias, podem ser divididos por repartições governamentais, e, (2) evitar a criação de novos minifúndios. O segundo propósito é atingido através da proibição legal de qualquer transação imobiliária que criasse uma unidade e terra menor do que a instituída. Assim, unidades menores do que o padrão, já existentes, podem ser vendidas, mas apenas como um todo; não podem ser subdivididas. Da mesma forma, é ilegal a um grande proprietário vender um campo menor do que uma unidade padrão, a não ser para um vizinho. O resultado destas restrições é limitar consideravelmente o mercado para terras menores do que a unidade padrão.

Há dois aspectos da questão que merecem consideração. Primeiro, quais são os custos potenciais de "pequenos proprietários" mais espalhados? Num país de fronteiras agrícolas em expansão, como o Brasil, onde a produção média por hectare é baixa comparada à de muitos outros países em desenvolvimento (porque é mais econômico expandir a área do que aplicar capital intensivamente), é muito duvidoso que unidades de um a cinco hectares sejam realmente menos produtivas para a maioria das lavouras do que unidades de 15 a 20 ha, especialmente à medida em que a rede de serviços melhora. Este aspecto deveria ser estudado pelo Governo. A evidência, em muitos países, é que o rendimento é maior por hectare em pequenas extensões de terra, mas não por trabalhador. Em segundo lugar, quais são os benefícios em se relaxar os limites das transações de terras? Trabalhadores sem terra também poupam, o que se evidencia pelas compras de materiais de construção para residências e bens de consumo. Mas esta poupança não é suficiente para adquirir uma unidade de terra padrão.

Se fosse legalmente mais fácil aos trabalhadores adquirirem um ou dois hectares de terra, isto (1) permitiria a estes trabalhadores a obtenção de alguma independência e segurança, e (2) daria bases a uma área de teste a respeito de sua habilidade em administrar uma pequena fazenda. Se eles falham, a terra pode ser vendida a camponeses mais bem-sucedidos; mas se obtém sucesso, podem conquistar seu acesso a um futuro melhor. O número impressionante de pessoas que começaram como pequenos fazendeiros e utilizaram suas fazendas como primeiro passo para a ascensão econômica deveria ser uma razão suficiente para uma análise crítica das regulamentações do INCRA, que, no fundo, bloqueiam esta mobilidade econômica. Programas de compra de terras a crédito também são instrumentos de mobilidade econômica muito úteis, mas, sob a atual legislação, unidades menores do que o módulo do INCRA não são aceitas. Além disso, filiais de bancos regionais frequentemente relutam em se dar ao trabalho e arriscar empréstimos para aquisição de pequenas áreas. Caso as regulamentações do INCRA sejam relaxadas, será necessário mudar a atitude dos bancos regionais a este respeito.

B) O Governo deu início, recentemente, a um programa para facilitar a entrada de migrantes no mercado de trabalho urbano (Programa de Atendimento e Promoção Social). Uma de suas principais funções é tornar mais fácil aos novos migrantes a obtenção dos documentos exigidos por um empregador em potencial: carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira de saúde, certidão de nascimento, certificado de reservista, título de eleitor, atestado de bons antecedentes. O trabalhador pode também pleitear um atestado de pobreza — o que lhe permite circular sem alguns dos outros documentos exigidos durante um período de três semanas. Nas cidades onde opera, o programa providencia cerca de 4 mil documentos por mês. Como estes documentos são vitais e sua obtenção geralmente envolve tempo e/ou dinheiro, qualquer eliminação de burocracia facilitaria a absorção de trabalhadores rurais na estrutura de emprego urbana.

B) Embora a educação seja gratuita, a escolaridade implica certos gastos: os livros escolares não são fornecidos gratuitamente, e apenas esta despesa representa uma parte substancial dos gastos não alimentares das famílias de baixa renda; o mesmo se aplica aos uniformes exigidos por muitas escolas. O Governo poderia analisar os custos e benefícios de fornecer livros de graça, a exemplo do que se faz em muitos outros países em desenvolvimento, e abolir a exigência do uniforme nas áreas mais pobres; a distancia é frequentemente um obstáculo à frequência à escola, em locais onde as escolas podem acomodar todas as crianças de uma região — muitas escolas operam em turnos — alguma ajuda ao transporte de crianças residentes em áreas mais distantes poderia garantir melhores resultados. Um sistema de crédito para aquisição de bicicletas baratas é uma maneira de resolver este problema.

Embora algumas destas sugestões possam parecer triviais, todas envolvem obstáculos que se interpõem no caminho da ascensão econômica dos pobres. Estes obstáculos podem parecer pequenos do ponto-de-vista da economia nacional; podem, porém, ser intransponíveis para as pessoas que o enfrentam. Em geral, uma das maneiras mais úteis de se melhorar as condições da população carente (especialmente num país como o Brasil, onde a absorção de mão-de-obra em novos empregos fora da agricultura tem sido muito rápida) é analisar sistematicamente os obstáculos que restringem a mobilidade da população carente. Frequentemente estes obstáculos podem ser removidos a um custo muito pequeno e sem conflitos políticos, tornando mais fácil a uma grande parte da população participar do processo de desenvolvimento econômico.

O presente relatório não tem a intenção de tratar da questão do relacionamento entre as tendências (e atividades) da população e a distribuição de renda ou pobreza. O assunto é de importancia fundamental. Mas os intrumentos analíticos existentes no momento (o "estado da arte") não se prestam a uma análise significativa do relacionamento. Certamente o fato de que as famílias rurais, particularmente no Nordeste são extremamente grandes e que a mortalidade infantil na região é muito alta, é de importancia fundamental em relação a muitos fatores que influenciam a distribuição e o bem-estar da população (técnicas e produtividade, particularmente na agricultura, as características de demanda e oferta de trabalho, o custo relativo da saúde, educação, e outras facilidades "básicas"). Talvez a linha de investigação mais útil seja testar hipóteses a respeito dos efeitos de um **declínio** na taxa de crescimento populacional, tal como se fez recentemente nos Estados Unidos e na Europa. Parece que com a crescente urbanização, a taxa de crescimento da população brasileira decresceu um pouco nos últimos anos. Mas a mudança não foi — e nem se poderia esperar que fosse — suficientemente nítida para fornecer terreno para testar alguns dos relacionamentos que mencionamos. E' obviamente da maior importancia fazer um esforço para dar maior nitidez ao quadro analítico — que é deficiente em todo o mundo; obter, então, as informações estatísticas pertinentes ao assunto; e testar algumas das hipóteses mais relevantes (p.e., se um índice de crescimento populacional mais lento, particularmente nas áreas mais pobres, beneficiaria a distribuição da renda e/ou diminuição da pobreza, em que circunstancias). Um empenho desta natureza deve ter sólidas raízes na experiência histórica — inclusive a de outros países — para que possa ter alguma utilidade à ação política.

O texto acima contém as recomendações de política que aparecem num relatório do Banco Mundial sob o título Distribuição de Renda e Pobreza no Brasil, **preparado por uma missão do Banco que visitou o Brasil em abril passado. A missão foi chefiada por Guy Pfeffermann, e dela faziam parte os economistas Richard Webb, David Goodman e John Wells.**

BEAGLE

A GUERRA PROMETIDA

Luiz Barbosa

NO aeroporto de Pudahuel, em Santiago, três jovens oficiais da Força Aérea conversam animadamente e jogam dados dmente e jogam dados rante do segundo andar, perto à vidraça que dá para o pátio de manobras. O que chama atenção sobre eles é o fato de que vestem macacões de vôo de cores berrantes, como se estivessem prontos a entrar em ação no momento seguinte. A altura do bolso esquerdo de dois deles é possível se ler os nomes, em letras pretas: Sziza, o mais jovem de todos, Fach, o outro. Não há distintivos capazes de determinar o posto desses oficiais. Pela idade, porém, pode-se presumir que se trata de tenentes; capitães, no máximo.

O que fazem ali, num aeroporto civil, onde quase todos, pelo costume da terra, usam paletós e gravata, e militares como eles, uniformes de passeio, azuis ou cinzas, conforme a Arma? A resposta está pouco além, num entroncamento da pista principal, onde os aviões comerciais aceleram para alçar vôo. Lá pode-se ver, em formação, quatro caças F-5, do mesmo tipo daqueles comprados pelo Brasil para o núcleo mais sofisticado da FAB. Têm ao lado, sobre a grama, carros de apoio, incluindo o gerador de partida. Estão armados com foguetes e mantêm a cabina aberta como se esperassem seus pilotos a qualquer instante para decolar rumo aos Andes vizinhos.

Esse estado de alerta se explica pelo fato de que Mendoza, onde se encontra um dos principais núcleos da Força Aérea Argentina, também equipada com jatos ultramodernos, está apenas a três minutos e meio de vôo dali. Isso quer dizer: num piscar de olhos os argentinos estarão sobrevoando Santiago, antes mesmo daquele joguinho de dados ser interrompido na mesa do restaurante. Para isso, basta ultrapassarem a crista nevada da cordilheira, um pouco à direita de Aconcágua, numa rota coberta diariamente pelos aviões de carreira.

Do outro lado dos Andes, a 1 mil 500 quilômetros dali, em Buenos Aires, os moradores dos bairros elegantes de Palermo Nuñes e Belgrano aguardam, irritados, mais um exercício de *obscuración*, versão castelhana do *blackout*, do qual o continente já se esquecera desde o fim da guerra. Eles têm ordens para usar roupas brancas e levar um jornal à mão quando saírem à rua à noite, na escuridão total. Os moradores de Palermo e dos bairros vizinhos, o que inclui também os diplomatas chilenos, são as primeiras vítimas de uma guerra que ainda não aconteceu mas que já ocupa, em tempo integral, as atenções dos Estados Maiores do extremo Sul do continente. É a guerra de Beagle.

Na verdade Beagle, um canal que une o Atlantico ao Pacifico pouco abaixo do Estreito de Magalhães, na Terra do Fogo, é apenas o ponto de referência da disputa entre a Argentina e o Chile em torno da posse de um conjunto de ilhas e ilhotas gélidas que compõe a própria ponta do continente sul-americano. A pendência dura mais de 120 anos; foi objeto de uma coleção de tratados assinados em diferentes épocas, sob diferentes motivações, porém só agora ganha foros de estopim para a guerra entre vizinhos.

À primeira vista, a Argentina é o vilão nesse caso. Ela admitiu, ao tempo do Governo do General Alejandro Lanusse, submeter a questão a uma arbitragem internacional, pela rainha da Inglaterra, com a ajuda da Corte de Haia. Quando recebeu o laudo, contrário às suas pretensões, em maio do ano passado, rebelou-se contra seus termos e decidiu rejeitá-lo.

Numa segunda etapa, após a rejeição do laudo da arbitragem a que concordara em se submeter, a Argentina prontificou-se a negociações diretas com o Chile, invocando sempre, no entanto, a força das armas como única alternativa possível caso os entendimentos fracassassem.

Desde então, implantou-se o clima de guerra latente, só atenuado quando os Presidentes dos dois países, Generais Rafael Videla e Augusto Pinochet, encontraram-se em Mendoza, a 19 de janeiro passado, para iniciar um programa de conversações em três etapas distintas e que, por limitação das duas partes, se esgota no próximo dia 2 de novembro.

Perante a opinião pública mundial e com o respaldo de sua população, o Chile sustenta o seu papel de parte vencedora na questão, injustamente ameaçada pelo perdedor inconformado. A Argentina, pelo contrário, tem de gastar muito papel para justificar sua rebeldia. E alega, basicamente, que a corte especial formada por cinco juízes da Corte de Haia excedeu do seu mandato específico, ampliando sua decisão sobre ilhas que estavam fora da pendência central — o chamado *martelo*, cujo cabo é constituído pelo próprio canal de Beagle e a cabeça pelas três ilhas maiores da embocadura: Picton, a Norte, Lennox, ao Sul, e Nueva, a Leste. A sentença, endossada pela Rainha Elizabeth, foi muito além: projetou-se sobre a sorte das ilhas ao Sul do conjunto Picton/Nueva/Lennox — Evoult, Barnevelt, Sesambre, Tehalten, Freysine e Deceit.

São pequenas aflorações de terra e rochas em mar gelado, mas que tem a virtude de estabelecerem em torno de si, em benefício de seus possuidores, um anel marítimo de soberania com 200 milhas de extensão. Do ponto-de-vista argentino, isto é o suficiente para prejudicar os seus direitos de navegação naquela área. Só o fato de ter de pedir permissão ao Chile para passar com seus navios em águas que sempre lhes pertenceram, nas viagens de rotina em direção à Passagem de Drake, na Antártica, já é suficiente para intranquilizar os *marinos* do Almirante Massera.

As repercussões jurídicas dos entendimentos firmados pela corte arbitral acerca de outros pontos que não aqueles submetidos expressamente ao seu exame, constituem a alegação chave da Argentina para rechaçar o laudo decisório. Ela não admite, nem como hipótese de argumentação, a idéia de que o Chile venha a ter qualquer tipo de presença no Atlantico. "Está acima de qualquer dúvida" — diz o Chanceler Oscar Montes (que renunciou sexta-feira última) — que o Chile é uma potência do Pacifico, como a Argentina o é do Atlantico. São fatos históricos. Não admitem contestação de nenhuma forma".

LEVADA às últimas consequências, porém, a entrega das ilhas e ilhotas ao Sul da cabeça do *martelo*, bem como do próprio domínio chileno sobre a ilha mais a Leste do conjunto, Nueva, acabam por projetar a soberania chilena num arco de 200 milhas sobre o Atlantico. Ligado ainda a essa equação, está o problema da determinação precisa de onde se dividem os oceanos Atlantico e Pacifico. Embora não atacada diretamente no laudo arbitral, a questão tende a ser reaberta quanto ao conceito tradicional de que tal divisão ocorre na linha do meridiano que corta a ilha de Hornos, passando pelo Cabo Horn — o ponto extremo do continente.

Contra isso, no entanto, há o conceito geograficamente mais preciosista de que a separação dos oceanos deve se dar não numa linha vertical que corte a ilha de Hornos, mas através de uma outra no mesmo sentido "em arco", de Oeste para Leste, como se fosse um prolongamento natural da tendência da crista da Cordilheira dos Andes mar abaixo. Aceita, tal concepção teria como consequência uma série de alterações fundamentais no jogo de soberanias entre Chile e Argentina. E já não mais apenas sobre o extremo Sul do continente, mas sobre a própria Antártica, uma vez que aí prevalece o princípio da defrontação (projeção cônica da faixa continental sobre o território gelado) como uma das fórmulas mais viáveis para a determinação de mando sobre porções do continente antártico. O outro princípio ainda vigente em paralelo baseia-se no fato do país pretendente ter realizado trabalhos relevantes de pesquisa e exploração na Antártica e participado ativamente do Ano Geofísico Internacional, entre junho de 1957 e dezembro de 1958. Cientistas de 64 nações participaram desses trabalhos. O Brasil absteve-se deliberadamente, e isso criou a situação absurda de que nações européias como a Suécia e a Polônia detenham a condição de parceiros no condomínio da Antártica, enquanto o Brasil, vizinho da região, está excluído do grupo.

Tanto quanto a manutenção da paz e do equilíbrio político no Sul do continente, ao Governo brasileiro a questão de Beagle interessa diretamente, em função de seus possíveis reflexos quanto a demandas futuras sobre a Antártica. Alterações das faixas de soberania argentina e chilena sobre aquele território gelado podem determinar de forma decisiva o ingresso ou não do Brasil no clube fechado que se constituiu há 20 anos. Não pelo caminho da defrontação, de possibilidades discutíveis, mas por via de negociações, numa troca de apoios e concessões às duas partes em litígio.

Até agora, por orientação do Presidente Ernesto Geisel, o Itamarati se tem mantido rigorosamente neutro em face da disputa entre Argentina e Chile. Não há um só pronunciamento da Chancelaria brasileira ao longo dos últimos meses que possa ser identificado como de apoio à posição chilena ou argentina.

A despeito disso, tanto em Santiago como em Buenos Aires, os Embaixadores brasileiros, Raul de Vicenzi e Cláudio Garcia de Souza, mantêm-se informados (e contato permanente com o Itamarati) sobre cada fato novo relacionado com a questão de Beagle. Ambos somam informações suficientes para permitir à Chancelaria em Brasília uma avaliação das perspectivas de um conflito armado entre Chile e Argentina.

Ironicamente, na semana em que os impasses da terceira fase das negociações ocupam as manchetes dos jornais, uma parte da esquadra argentina encontra-se no ções suficientes para permitir à Chancelaria em Brasília porto do Rio de Janeiro em visita oficial. Isso obriga o deslocamento do Embaixador Oscar Camillion de Brasília e produz um comentário do Ministro-Conselheiro Hector Subiza:

"Como podem pretender que façamos guerra em Beagle quando nossos navios estão passeando no Rio?"

Considerado como uma hipótese absurda por quase todas as partes em jogo, um conflito armado entre Argentina e Chile em torno de Beagle, por menor duração que tivesse, geraria consequências imprevisíveis no mapa do continente.

Em Santiago, militares chilenos admitem como certa uma movimentação de forças peruanas e bolivianas ao Norte do Chile, na busca de fatias discutidas de território, tão logo houvesse confirmação da primeira escaramuça com argentinos. Por isso mesmo, como no século passado, o Chile age sempre sob a ameaça de enfrentar uma guerra em duas frentes.

"Bendita cordilheira", suspira um coronel do Estado-Maior chileno, apontando para a muralha gelada dos Andes, quando interrogado por brasileiros, num almoço no Museu do Vinho de Santiago, sobre as possibilidades de invasão argentina em algum ponto do território do Chile.

Na prática, os problemas territoriais entre Chile e Argentina começam exatamente onde a cordilheira deixa de atuar como divisor bem definido e suficientemente ostensivo para pôr fim a qualquer discussão. Ao longo de quase 5 mil quilômetros de extensão, os Andes são parte essencial dessa linha que é a segunda maior fronteira territorial entre dois países em todo o mundo, depois da que separa a China da União Soviética.

A relativa tranquilidade dos militares chilenos, que falam menos dos seus preparativos de defesa do que das suas razões jurídicas no caso de Beagle, se deve em grande parte à convicção de que qualquer eventual conflito armado com a Argentina não retratará necessariamente o desequilíbrio de forças entre ambos. Os choques serão rápidos, flexíveis e bem localizados. Haverão, simultaneamente, invasões de território chileno e argentino. Todas as posições deverão estar definidas no espaço de um dia, ou de algumas horas, pois a intervenção de terceiros — seguramente os Estados Unidos — é inevitável. E tudo, então, irá parar sobre uma mesa de negociações, sob as regras do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca — o TIAR — feito em Petrópolis, em 1947, exatamente para dar solução a conflitos entre países americanos.

Não faltam, porém, os elementos provocadores. O ex-Embaixador da Argentina no Brasil, General Ozires Villegas, alterna sua condição de ex-negociador da questão de Beagle com o papel de acusador dos "históricos propósitos expansionistas do Chile". O velho oficial de Cavalaria lança mão ainda do mesmo tipo de argumentos que tornavam difícil a convivência entre Brasília e Buenos Aires nos anos 1970, quando o problema de Itaipu praticamente se limitava às questões acadêmicas em torno da consulta prévia para a realização de obras rio acima e nem mesmo o nome Itaipu era conhecido. Falava-se em Sete Quedas.

A agressividade dos argentinos no caso de Beagle, porém, tem uma explicação: é à Argentina que cabe qualquer iniciativa, pois o Chile tem a posse de fato das ilhas ao Sul de Beagle — todas elas populadas há mais de 50 anos por cidadãos chilenos — e a decisão do laudo de arbitragem a seu favor. Então, nada há a ser feito pelo lado do Chile, salvo manter a situação atual. Nem por isso Santiago tem estado inerte. No ano passado, já em pleno andamento da disputa, depois da surpreendente rejeição do laudo pela Argentina, o Governo chileno deslocou um destacamento militar para a ilha de Hornos, decidido a caracterizar novas situações de fato. Os argentinos não pretendem o domínio de Hornos, porém consideram o fato como uma provocação e implantaram uma baliza numa ilha vizinha, sob protestos do Governo Pinochet.

Ao contrário do que afirma o Presidente Videla, mesmo que não haja acordo até o dia 2 de novembro, a única alternativa não é o conflito armado. Os chilenos admitem novo apelo à Corte Internacional de Haia, e há ainda o recurso do congelamento da questão por um prazo de 10, 15 ou 20 anos, a exemplo do que venezuelanos e guianeses admitiram fazer em relação às suas disputas, ou ainda a exemplo do que a Colômbia e a Venezuela aceitaram para a determinação dos seus limites marítimos, no eixo da Ilha dos Monjes.

A idéia do congelamento é uma solução bem presente quando está em jogo a sorte de ilhas e águas onde a temperatura está sempre um par de graus acima de zero, e em relação às quais a única coisa quente é a cabeça dos negociadores.

O repórter Luiz Barbosa, da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília, que habitualmente escreve sobre questões diplomáticas, esteve recentemente na Argentina e no Chile.

IGREJA E DISSIDÊNCIA NA POLÔNIA

Arlette Chabrol

JÁ se disse que João Paulo II era amigo dos dissidentes poloneses. Na verdade, é a Igreja polonesa que é amiga dos dissidentes do regime de Varsóvia. No correr dos anos, ela se afirmou tão bem como forma de oposição que hoje, mesmo os opositores não crentes se aproximam da Igreja para uma luta mais eficaz.

E' sem dúvida esse contrapeso que dá à Polônia certo ar de liberdade que não têm países vizinhos como a Tcheco-Eslováquia, a Bulgária ou a URSS. Não se trata, entretanto, de negar a censura — ela existe em Varsóvia como em Moscou ou Praga. Mas o poder da Igreja como instituição de oposição ao sistema socialista vigente é uma espécie de "balão de oxigênio" nessa sociedade bloqueada.

Primeiramente, o que espanta é que os poloneses falam mais facilmente do que seus vizinhos. Têm menos medo, mesmo que, inicialmente, sejam algo reticentes. E' que há muitos anos eles se habituaram a discutir livremente no interior da Igreja. Porque sempre, em quase todos os locais de culto, os jovens e os menos jovens puderam encontrar-se para evocar problemas delicados, malvistos em todo caso pelos poderes públicos.

Mas sobretudo é aí, na Igreja, que eles vêm ouvir o que em nenhuma outra parte — na imprensa, no rádio ou na televisão — podem aprender ou ler. "Veja, por exemplo, os sermões do Padre Boniecki", explica Inês, uma jovem católica de Cracóvia: "Quando ele celebra missa, há uma multidão para ouvi-lo no púlpito. Claro, porque tem uma espiritualidade muito forte, muito marcante. Mas também porque é muito corajoso, diz bem alto o que as pessoas pensam baixinho. E é um verdadeiro alívio ouvi-lo clamar assim..."

E' preciso dizer que as autoridades governamentais não gostam muito de Padre Boniecki. Foi ele quem teve coragem de celebrar missa pelo estudante morto durante uma manifestação, o jovem Piacz: basta dizer isso. Mas Padre Boniecki, cerca de 40 anos, não tem medo: "O único problema é que me é difícil sair do país" explica ele. "Já pedi passaporte duas vezes, e duas vezes "eles" negaram. Queria ir a Roma, também, mas desta vez nem tentei. Sabia que eles negariam. Afinal, talvez seja melhor: se eu sair do país, terei muita dificuldade, depois, para me readaptar à nossa vida aqui..."

Quanto aos seus sermões e aos de outros padres, acha-os perfeitamente normais: "A Igreja é a única instituição suficientemente forte, para ousar dizer não ao Governo", diz ele. E é por essa razão que "os dissidentes, atualmente, estão em contato conosco: é simbólico".

E' o caso, por exemplo, do dissidente não crente Adam Michnik, autor de A Igreja, a Esquerda, o Diálogo. *Ele procurou uma aproximação com os católicos, achando que era a única maneira de lutar eficazmente. Isso aliás despertou o entusiasmo dos católicos: "Nem tanto de Karol Wojtyla", confidencia-nos sua velha amiga Sofia Pozniakowa: "O Papa leu seu livro e gostou, mas o acusava de não ser crente".*

Dito isso, o extraordinário é que a presença da Igreja, e sua ação, contribuíram para fazer da dissidência uma atitude bastante generalizada e popular. Não se trata, como em outros países do Leste, de uma posição reservada à elite intelectual. E mesmo que se manifeste de uma forma passiva, sempre se manifesta: precipitar-se rumo à igreja para ouvir um sermão que se adivinha duro contra o Regime, no qual se falará de liberdade, é uma forma de ser dissidente.

"Não se creia que o sistema só hostiliza os intelectuais", explica um padre de Nowa Huta. "Hostiliza toda a população. Ao nível de simples trabalhadores, são as dificuldades e probleminhas administrativos que não acabam, os pequenos "ditadores" locais que incomodam. São as filas nas lojas, nos transportes".

Inês, casada, e sem filhos, fala desses problemas não políticos. Para ela, que mora num subúrbio de Cracóvia, o dia-a-dia é penoso. "Para mais de 20 mil habitantes, só temos aqui um armazém de gêneros alimentícios", diz ele. "O resto são umas carrocinhas que não têm grande coisa. Então sou obrigada a fazer viagens à cidade. Mas não compro nem carne. Acho que ficar quatro ou cinco horas na fila, em pé, na rua, para conseguir um pedaço de carne, faz mais mal à saúde do que passar sem um bife".

Será que foi pensando nesse terrível problema que João Paulo II denunciou, semana passada, "o colonialismo que não está presente apenas no Terceiro Mundo"? Na Polônia, pelo menos, sabe-se perfeitamente que o o Govêrno é obrigado a vender carne à URSS e que é por isto que falta esse gênero de primeira necesidade, num país que teria o suficiente para seu próprio consumo. E se não foi nisso que ele pensou em Roma, outros padres, muitaves vezes já denunciaram do púlpito eses tipo de colonialismo.

O Papa, e seu chapéu típico polonês

MARIA, 20 anos, estudante de Psicologia, vê as coisas de outro angulo: "Todo mundo rouba. E a única maneira de a gente sair. Por exemplo, quem trabalha numa fábrica de automóveis rouba peças para revender."

Para essas duas jovens polonesas, Inês e Maria, a igreja é o lugar onde elas ao menos podem sublimar seus problemas, transcendê-los (palavras que ninguém mais ousa pronunciar no Ocidente, mas que são moeda corrente aqui). E se os padres não gostam de admitir que a Igreja na Polônia se fortaleceu com o regime socialista, os leigos católicos confessam: "É verdade. É provável que nosso país tivesse sofrido a mesma desafeição que os países da Europa Ocidental face à religião, se as pessoas não tivessem encontrado aí uma espécie de abrigo contra o materialismo reinante."

Padre Bonieck admite: "O anticlericalismo de certas regiões como a Silésia (onde no passado a Igreja esteve do lado do opressor capitalista e anti-semita) hoje desapareceu. Agora, nessas regiões em que outrora a gente era muito mal recebido, basta entrar numa loja com vestes sacerdotais para ser recebido de braços abertos. Mesmo que peçamos um produto escasso, seremos servidos."

Em suma, em 1978, a Igreja polonesa ganhou um novo status: o de defensora das liberdades e dos direitos humanos. E não é tampouco por acaso que, entre uma dúzia de samizdat *— jornaizinhos clandestinos que tiram 1 mil a 1 mil 500 exemplares cada um — oito sejam de obediência católica.*

Dito isto, seria inútil esperar da Igreja a deflagração de uma revolta popular contra o regime. A exemplo de Karol Wojtyla, quando bispo e depois arcebispo de Cracóvia, a maior parte dos padres poloneses sabe como qualquer revolta pode ser fatal. Tiveram prova disso em Gdansk, em 1968, e mais recentemente, em junho de 76, por ocasião dos aumentos dos preços dos gêneros alimentícios. Ora, eles se sentem hoje responsáveis pelo que possa acontecer, e por isto agem com prudência. Assim, diz-se, João Paulo II não pedirá para visitar oficialmente a Polônia, antes de ter certeza de que sua presença em sua terra natal não desencadeará revoltas que poderiam terminar num banho de sangue.

E' por isso também que a estratégia a curto e a médio prazo da Igreja polonesa não parece ser a de derrubar o regime socialista — no qual aliás reconhece certas qualidades — mas de obrigá-lo, pouco a pouco, a abrir as comportas e dar mais liberdade.

E, em face dessa onda, o que pode fazer o Governo? Que faz? Para dizer a verdade, não faz grande coisa. Porque ele também sabe que sua margem de manobra é pequena, na medida em que a instituição que tem diante de si é poderosa. Tenta então conciliar Igreja e marxismo. Nomeou um Ministro do Culto, reconheceu em sua Constituição o direito à prática religiosa. Integra a fé na história e cultura polonesa. Em suma, tenta recuperá-la o mais possível. E muitos membros do Partido Comunista Polonês aceitam sem o menor problema que suas famílias, seus amigos, frequentem assiduamente a igreja. Não há nenhum fosso entre as duas comunidades.

Mas nada se faz para facilitar a fé. E não se deve cair tampouco na armadilha da "grande tolerancia" das autoridades governamentais: os dois grandes semanários católicos — Tygdnik Powszechny, *em Cracóvia, e o do grupo* Wiej, *em Varsóvia — estão aí para lembrar. São submetidos à censura e não podem aumentar as tiragens (40 mil para o* Tygdnik, *que há vários anos quer passar para 80 mil). Na realidade, as publicações católicas não podem divulgar um quarto do que desejariam por não receberem o papel necessário.*

O jogo entre a Igreja e o Poder polonês é sutil. Durante muito tempo, os poloneses se perguntaram quem ganharia. Hoje, quando as cartas acabam de ser redistribuídas, a saída é ainda mais incerta. Mas todo mundo está em guarda.

Arlette Chabrol, correspondente do JORNAL DO BRASIL em Paris, esteve na Polônia há duas semanas.

CRÉDITO SUBSIDIADO, DÍVIDA PÚBLICA E DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

"Ainda que só uns poucos sejam capazes de formular uma política, todos temos direito de julgá-la"

(PÉRICLES DE ATENAS)

Sebastião Marcos Vital e Otávio Gouvêa de Bulhões Filho

AO longo dos anos recentes vem-se observando discutível alocação nacional de recursos devido a forte tendência à concessão de subsídios de crédito, através de taxas nominais de juros inferiores à inflação ou prefixação da correção monetária. A fonte de distorção, é claro, não está na concessão de subsídios. Está, sim, na sua generalização, com a perda da noção de prioridade, nos vultosos montantes e, algumas vezes, na forma de obtenção dos recursos e de concessão dos auxílios. Enfim, *a distorção está nos excessos.*

Necessário então se faz, de início, aclarar o que se entende seja o papel econômico do subsídio. Entende-se, e aceita-se, que o subsídio, em suas diversas modalidades, busca, em última instancia, tornar rentável, do ponto-de-vista privado, projetos de elevada rentabilidade social e baixo (ou negativo) retorno financeiro. Neste caso, é valioso instrumento para a indução de projetos ou programas que visem aumentar o bem-estar social, reduzir os desníveis de renda pessoal e regional ou reduzir riscos inerentes a certos setores de atividades. Devem, assim, ser dirigidos a setores verdadeiramente prioritários, com a temperança e parcimônia devidas. E' necessário ter-se em mente, sempre, que a Economia é, no dizer de Lionell Robbins, "a ciência que estuda os **usos alternativos de recursos escassos** (grifo nosso) para satisfação das necessidades humanas". Isto posto, passemos à reflexão.

Com as intenções antes explicitadas passou-se, nos anos recentes, a utilizar largamente os subsídios ao crédito. Mas, dada a amplitude dos setores escolhidos para concessão de benefícios, o montante de recursos alocados e o nível do subsídio concedido, parece ter havido excessiva outorga de concessões.

Em muitos casos os subsídios foram oferecidos sem a consideração devida a outros aspectos da política econômica, muitas vezes relegando a segundo plano o lado real da economia. No que diz respeito ao crédito agrícola, o exemplo mais claro parece ser o ligado ao preço da terra. Dada a ausência de mecanimos compensatórios, o crédito subsidiado levou a uma concentração de recursos — e riqueza — nas mãos de reduzida parcela dos produtores — a maioria do Centro-Sul — e uma alta generalizada do preço da terra. Do mesmo modo, o incentivo financeiro à produção nem sempre foi acompanhado por programas que facilitassem a pesquisa, a tecnologia, o armazenamento, o transporte e a comercialização. Ao mesmo tempo, **todo** o setor passou a sofrer tabelamento, enquanto apenas parte dos proprietários tinham acesso ao crédito subsidiado.

Deste modo, o subsídio deixou de cumprir integralmente sua finalidade precípua e passou a ser fonte de distorções. E é contra o **mau uso e/ou abuso** do mecanismo que a sociedade reage. Que não a acusem então de estar contra o produtor rural ou o lucro. E' justo o contrário.

E' opinião corrente que o sistema de subsídios gerou os seguintes fenômenos: 1) Perda da eficiência alocacional do sistema econômico, com elevados montantes de recursos alocados em projetos de baixa (ou negativa) rentabilidade; 2) Redistribuição **perversa** de renda, com transferência de recursos dos contribuintes de renda baixa para os de elevada; 3) Aumento do poder do Governo na gestão das poupanças; e 4) Intensificação dos controles de preços.

A primeira resultante de todo sistema de largos, e nem sempre discriminados subsídios, é a perda de noção, por parte dos agentes econômicos, de prioridade e rentabilidade privada. Projetos até então considerados inviáveis melhoram sua posição em relação ao custo de oportunidade dos recursos (taxa de juros) tornando-se exequíveis. Assim, recursos escassos são alocados em atividades pouco lucrativas ou deficitárias, (no presente) em detrimento de outros mais rentáveis e prioritários. Além disso, no futuro, maiores recursos serão demandados para manter em atividade o projeto, ou se apresentarão necessidades de restrições sobre concorrentes, reserva de mercado, encomendas governamentais, associações com agentes do Governo ou combinações desses esquemas.

O segundo efeito, ainda mais indesejado, merece maior reflexão, dada sua gravidade: a redistribuição **perversa** da renda. Aqui o problema é intrincado e mostra diversas facetas.

E' preciso logo acentuar que, nos casos em que não há substancial diferença entre as rentabilidades social e privada de um projeto, o subsídio representa, pura e simplesmente, **transferência de renda de um segmento da sociedade para outro** e, no Brasil, as estatísticas disponíveis mostram que os fluxos se dão dos menos privilegiados para os de renda elevada. Vejamos como.

Os subsídios de crédito no país se fazem, na sua maioria, através das expansões monetárias, aumento da dívida pública e contribuições parafiscais de natureza compulsória (depósitos prévios sobre importação, viagem, quotas de contribuições, etc.). A expansão monetária equivale, tudo mais mantido constante, a um empréstimo forçado, sem juros. Daí deriva alta de preços que influi mais pesadamente nas classes de renda baixa (e contratual) que nas de padrão elevado que conseguem passar adiante os custos da inflação.

No caso do aumento da dívida pública as autoridades captam recursos no mercado através de títulos (ORTN e LTN) — com juros de 4 a 8% a.a. e correção monetária plena ou descontos variáveis — e concendem crédito com juros subsidiados ou com correção monetária prefixada a nível muito inferior à taxa de inflação.

Tudo estaria em perfeito equilíbrio se os detentores dos títulos governamentais fossem ao mesmo tempo os contribuintes mais fortemente tributáveis. Na verdade não são os que sofrem maior incidência e, além disso, costumam ser, ao mesmo tempo, recipiendários dos créditos subsidiados, de um lado, e dos juros, descontos e correção monetária da dívida pública, do outro.

MAS, a atribuição de crédito subsidiado, larga e nem sempre discriminada, não deixa também de atingir negativamente seus próprios beneficiários. A diferença entre o custo efetivo dos recursos e o custo de mercado leva, inexoravelmente, a que a demanda tenda a exceder a oferta. Resolve-se o impasse pelo racionamento. Mas, para tal é necessário que o próprio Governo passe a gerir os recursos, criando-se novos órgãos, comissões ou correlatos, juntamente com os respectivos regulamentos de concessão. Não há como, então, escapar da intervenção governamental e da burocracia. A contrapartida do benefício é quase sempre a montagem de parafernália para o atendimento. Em alguns casos é possível mesmo que o custo (de informação, transação etc.) para se conseguir os recursos supere os benefícios. Em recente entrevista o vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Paulo Mariano Ferraz, criticava a ineficiência empresarial e o paternalismo governamental e lembrava as palavras de Jorge Gerdau Johannpeter: "Para muitos empresários dá mais resultados esperar algumas horas nas ante-salas ministeriais que tentar conseguir 10% de produtividade em sua empresa".

Se não bastassem os efeitos anteriores, não há como, num sistema de crédito subsidiado, se livrar dos controles de preços. No caso do setor primário, por exemplo, oferece-se elevado montante de crédito e subsídios e ao mesmo tempo impõe-se antiquado e desestimulante controle de preços. Pela redução do custo do dinheiro estimula-se a tomada de crédito e pelo controle de preços o desvirtuamento de sua (não) aplicação (na produção). Verifica-se que fora das culturas de exportação, reguladas pelos preços do mercado internacional (exceto algumas intervenções governamentais), *o crescimento agrícola tem sido tímido quando confrontado com o crescimento populacional* e, mais ainda, se comparado com os montantes dos créditos (subsidiados) concedidos. O país continua — com sua extensão continental e amplas terras agricultáveis — a importar, dentre outros produtos, leite, feijão, cebola e arroz. Melhor talvez fosse utilizar o sábio conselho do Embaixador Roberto Campos: o melhor adubo para a agricultura é o *preço*.

Mas, aqui também reconhece-se que seria simplista demais, para não dizer simplório, reduzir o problema agrário brasileiro apenas a dois aspectos monetários: preços e crédito. Há consciência de que a gama de problemas é ampla e variada, mudando de tom nas diversas regiões do país. Poder-se-ia enumerar dificuldades que vão das alterações climáticas à estrutura fundiária, passando pela pesquisa agropecuária, tecnologia, armazenagem, transporte, distribuição, mecanização e educação rural, para enumerr os mais óbvios. Busca-se, sim, destacar os dois fatores no conjunto dos problemas.

No que tange à agricultura é preciso ter em mente ainda que **algum** subsídio de crédito é indispensável. Não se discute a terapêutica, mas a posologia. O setor, sujeito ao mais incontrolável dos riscos — os caprichos da natureza — não pode ser deixado ao sabor das forças de mercado. Reconhece-se que a não intervenção governamental levaria os produtores a requererem **elevadas taxas de rentabilidade para compensar os riscos inerentes.** A adequada remuneração do alto risco viria influir negativamente sobre o bem estar dos consumidores. Ainda mais num País onde a população cresce a taxas ainda muito elevadas. Assim, não há como deixar de compensar parte dos riscos empresariais com subsídios. A questão, vale repetir, é como administrar e dosar os benefícios.

Os subsídios de crédito, no Brasil, não se limitam, é claro, ao setor primário. Se estendem ao setor secundário e ao terciário. Os críticos dos subsídios costumam, erroneamente, fixar suas baterias contra a Agricultura. Grande injustiça. O mau uso do instrumento deve ser combatido em todos os níveis de atividade.

Em recente entrevista, o Ministro da Fazenda mostrava que 82% de todo o crédito concedido no país se encontra controlado. Isto significa que estes recursos têm custos reais negativos, nulos ou ligeiramente positivos. Isto se dá pelo fato de mesmo os recursos emprestados com correção monetária plena (das ORTN) e juros de 5% a 9% a.a. possuem custo nulo ou ligeiramente positivo, dadas as atuais taxas de inflação e o processo de correção do valor das ORTN.

Óbvio é também que os restantes 18% dos recursos acusam custos elevadíssimos. Estes ao serem captados no mercado devem remunerar positivamente os aplicadores, cobrirem as despesas gerais e administrativas das intituições financeiras e os riscos dos empreendimentos. E, neste segmento, os consumidores são os mais atingidos, dada a menor proteção, com taxas de juros variando de 100% a 500% a. a.

Aqui também a redistribuição **perversa** de renda é óbvia. Os compradores de roupas, eletrodomésticos e automóveis a prestação, certamente situados nas classes mais baixas de renda, são os que sofrem maiores custos financeiros. Não há para o crédito pessoal ou imobiliário qualquer subsídio. E' possível construir-se uma fábrica com custos financeiros altamente subsidiados (correção monetária prefixada), mas ainda não se compra, nas proximidades, uma casa popular com qualquer subsídio (correção monetária plena e juros de 9 a 12% a. a.)

Avaliamos agora o custo social do subsídio do crédito. Para tanto vale destacar trecho do artigo do economista Antonio Caetano Filho publicado na **Revista de Finanças Públicas**, do Ministério da Fazenda (n.º 334, Abr. / Mai. / Jun. 78-p. 47):"... o custo total dos programas de crédito rural cresceu de 2835 milhões de cruzeiros em 1974 para 11348 e 17619 milhões de cruzeiros em 1975 e 1976, respectivamente. Os dois últimos valores representariam cerca de 10% da totalidade dos gastos públicos registrados no Orçamento da União nos anos correspondentes".

Sim, o equivalente a 10% da despesa da União foi dispendido como subsídio **somente ao crédito rural.** Uma estimativa global deveria adicionar os subsídios de crédito aos setores secundário e terciário provenientes do D. L. 1452 (BNDE e órgãos federais) e outras linhas do Banco Central e Banco do Brasil.

De qualquer modo, 10% das atuais despesas públicas corresponde a pouco mais que o orçamento de Educação do país, aí compreendido além do Ministério da Educação e Cultura, os outros órgãos da União e transferências a estados, distrito federal e municípios. Assim, para efeito de raciocínio, vale lembrar que somente com os recursos destinados ao subsídio do crédito rural poder-se-ia mais que dobrar os gastos em Educação, sem qualquer aumento de impostos ou redução em outros programas. Com o mesmo montante poder-se-ia, tudo mais mantido constante, quadruplicar o orçamento do Ministério da Agricultura ou, ainda, quadruplicar os dispêndios em Saúde e Saneamento.

Os montantes são tão vultosos que seria desejável que se refletisse melhor sobre os critérios nacionais para a eleição de prioridades, restringindo-se a apenas alguns setores essenciais os recursos subsidiados, racionalizando-se sua concessão. Os demais poderiam conviver com custos financeiros de mercado e preços de mercado. Enfim, ver-se-ia qual o melhor incentivo: crédito subsidiado ou preços justos?

FINALMENTE, vale considerar que o exagerado crescimento, nos últimos tempos, dos montantes correspondentes aos subsídios de crédito decorreu, também, da aceleração das taxas de inflação. Ao se utilizar o sistema de taxas nominais prefixadas é inevitável que, em uma conjuntura de inflação fortemente instável, a componente do subsídio passe a flutuar. Quanto maior a taxa de inflação maior a componente de transferência de riquezas, dadas as taxas prefixadas nominalmente. Ao se editar o Decreto-Lei 1452 (correção máxima de 20% a.a.), por exemplo, o Governo não pretendia, a rigor, criar subsídio, mas estimular as empresas a realizar investimentos através de uma **garantia** de que a correção monetária seria perfeitamente previsível e não ultrapassaria a 20% a.a. Se se tivesse obtido sucesso no combate à inflação, ter-se-ia alcançado o objetivo de estimular investimento, sem que os créditos definidos com base no D.L. 1452 fossem subsidiados ou, pelo menos, que não fossem fortemente subsidiados.

Então, além de maior rigor na eleição de prioridades, o sistema de crédito subsidiado pode ser aprimorado pela utilização de sistemática operacional que assegure maior estabilidade no grau do subsídio. A aplicação de percentuais de rebate sobre a correção monetária, por exemplo, produziria aquele resultado. De acordo com a prioridade (ou necessidade) se aplicaria rebate de 0 a 100% sobre a correção monetária, de tal modo que a componente do subsídio passasse automaticamente a se ajustar às flutuações da taxa de inflação.

Em 31 de dezembro de 1977 a dívida pública interna atingiu a Cr$ 240 x 492 milhões, montante equivalente ao total da receita da União do mesmo ano. Como percentagem do Produto Interno Bruto (PIB), a dívida retida pelo público (exceto Carteira do Banco Central) atingiu 8,8% contra os 4,9% de 1971, 6,7% de 1973 e 7,9 de 1975. Alberto Sozin Furugem e Octávio Gouvêa de Bulhões têm alertado a todos para o rápido crescimento da dívida interna, enquanto o Tesouro apresenta, contabilmente, orçamentos equilibrados ou levemente deficitários. Se não demonstra necessidade de recursos, por que o Tesouro tem-se endividado? A resposta parece ser: para expansão do crédito (subsidiado), muito acima do crescimento dos meios de pagamentos.

Não há dúvida que a contrapartida da dívida tem sido a reinjeccão dos recursos sob a forma de crédito e seus efeitos indesejáveis sobre os preços que, desde 1974, mostram grande rebeldia ao controle, mantendo-se acima do "limiar do medo" (segundo Kafka): 30% a.a. Mas, além disso, a reutilização dos recursos pelas autoridades monetárias poderá continuar criando grandes pressões inflacionárias no futuro próximo. Assim, mostrando orçamentos contabilmente equilibrados e captando recursos o Tesouro aumentou o saldo de seus depósitos junto ao Banco Central, tendo-os reinjetado na Economia, terá de, para contrabalançar o saque, reduzir seus empréstimos ou obter outros recursos não monetários, sob pena de insuflar a corrida inflacionária .

E' preciso também reflexão a respeito do custo da dívida que, em dezembro último, atingiu a Cr$ 219 571 milhões, para a obtenção de receita de Cr$ 245 354 milhões. Tal significa que apenas 10,5% dos recursos foram de fato canalizados para o Tesouro. Os 89,5% restantes serviram para girar a dívida, cobrindo juros, correção monetária e descontos das emissões anteriores. Caso o custo superasse a receita (colocação líquida negativa), o Tesouro sacaria sobre seus depósitos no Banco Central, gerando as pressões anteriormente descritas.

A despesa com a dívida interna como percentagem do PIB terá saltado dos 5,1% em 1971 para os 8,4% em 1973, retrocedendo a 6,5% em 1975 e ascendendo, finalmente, a 9,4% em 1977. A rigor a "despesa" é apenas contábil pois corresponde a mera transferência de fundos dentro da mesma sociedade: há débito e crédito contra a mesma comunidade. Mas, dada a grande desigualdade das rendas, o grosso dos títulos públicos está, geralmente, em poder das classes de renda mais elevada. Ao mesmo tempo, a predominancia dos impostos indiretos no conjunto dos tributos e mesmo a forte incidência do imposto de renda sobre os salários, faz com que a dívida pública envolva transferências de renda entre as classes.

O aumento do custo da dívida ao longo do tempo está ligado à necessidade crescente do Tesouro de colocar títulos para gerar novos recursos para o pagamento de anteriores, posto que tais despesas não estão consignadas no Orçamento da União, a não ser pequena parcela. Dois fatos daí decorrem: 1) O Tesouro apresenta posições contábeis equilibradas quando, a rigor, deveria acusar déficits e 2) A remuneração dos títulos tende a ser crescente para incentivar os tomadores.

O segundo fator magnifica os pagamentos de juros e descontos e obriga o setor privado a elevar o rendimento de seus títulos para manter sua fatia de mercado. O resultado final são altas e crescentes taxas de juros nos segmentos de mercado não tabelados, pressionando os custos financeiros dos setores, empresas e/ ou indivíduos sem acesso ao crédito oficial. Sob esse aspecto o excesso de endividamento representa pressão inflacionária de custos, pressão esta ratificada pelo lado da demanda por novas liberações de crédito pelas autoridades monetárias. Além disso, obriga o Governo a aumentar a proporção de títulos de curto prazo no conjunto da dívida e esta concentração dificulta o controle monetário, pois torna-se fácil às instituições financeiras, e outros agentes econômicos, substituir os títulos por moeda e dificulta o próprio giro da dívida.

Deve-se também considerar a duplicidade de orçamentos que se observa no país. A expansão creditícia baseada na captação de recursos não permite clara distinção entre o custo da dívida e subsídio de juros nas operações de crédito. E' relevante notar que, dada a estrutura vigente de autoridade monetária no país (Banco Central, banco de fomento e banco comercial) e a consequente necessidade de se elaborar o orçamento monetário, acabou se institucionalizando a convivência de dois orçamentos: o orçamento de União e o orçamento Monetário. Com a elasticidade oferecida pelo segundo, fica-se tentado a lançar fora do orçamento da União certos planos e programas. Generaliza-se o hábito de se elaborar programas de aplicações sem preocupações. O resultado final acaba sendo maior dificuldade em se conter as pressões inflacionárias.

Um aprimoramento nos sistemas de registros contábeis poderá, ao permitir visão mais realista das finanças do Governo, induzir o aperfeiçoamento nos critérios de eleição de prioridades tornando mais parcimoniosa a outorga de subsídios, com efeitos positivos sobre a alocação de recursos, permitindo ainda melhorar a distribuição pessoal e regional de renda.

Enfim, estas são contribuições para um debate que ainda não houve.

Sebastião Marcos Vital e Otávio Gouvêa de Bulhões são economistas. O primeiro é presidente do BD-Rio.

CARTAS

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

Problema de identidade

Pareceu-me uma falha o JORNAL DO BRASIL não identificar melhor o Deputado americano Larry McDonald, ao destinar metade de sua página nobre (ao lado da dos editoriais), no último dia 12, a um discurso (título: "Como Perdemos o Brasil") pronunciado por ele no Congresso dos EUA. Como a nota ao pé do texto diz apenas "Deputado democrata da Geórgia", um leitor desavisado poderia julgá-lo um liberal no estilo de Andrew Young, o líder negro que deixou de ser deputado (também democrata e também da Georgia) para chefiar a delegação dos EUA nas Nações Unidas.

Assim, antes de entrar propriamente no conteúdo do discurso — e do artigo que o Deputado tomou a iniciativa de transcrever nos anais do Congresso americano — eu gostaria de fornecer alguns dados sobre esse personagem sinistro:

1. Larry McDonald orgulha-se de pertencer ao Conselho Nacional da famigerada Sociedade John Birch, aquela entidade extremista obstinada em impedir o sucesso da conspiração de comunistas, pretos e judeus para tomar o Poder nos EUA;

2. Como membro da Comissão das Forças Armadas da Camara dos Deputados, seu comportamento é o de um falcão renitente, determinado a combater as ameaças de subversão dos valores legados pelos pais fundadores;

3. Há três anos, quando os deputados democratas se uniram na Camara para abolir em definitivo a notória Comissão de Atividades Antiamericanas, que comandara o civismo nacional durante a histeria maccartista dos anos 50 numa implacável caça às bruxas, McDonald foi o único recém-eleito do Partido a pleitear um lugar no execrado organismo (não o conseguiu por deixar de satisfazer às condições do regimento interno);

4. Na mesma semana em que fez o discurso traduzido pelo JB, McDonald empenhava-se na Camara em recolher assinaturas num documento de apoio à ditadura Somoza. E tão obstinado se mostra na defesa dos regimes militares do continente que não hesitou em escrever uma varta ao diário **The Washington Post** (transcrita sob o título "In Defense of Nicaragua's Somoza", na Seção de Leitores do último dia 11, véspera da divulgação de seu discurso no JB) para proclamar sua plena confiança nos Somoza e denunciar a massacrada oposição como um bando de comunistas apoiados por Cuba.

Evidentemente, nem a capa de respeitabilidade conferida ao discurso pela sua publicação com tanto destaque no Brasil resiste a uma ficha tão reveladora como essa do Deputado da Georgia. Empenhado na defesa de duas autoridades brasileiras (o Ministro Azeredo da Silveira e o General Moacir Barcellos Potyguara) supostamente melindradas com a ação da diplomacia em favor dos direitos humanos, McDonald afirma que essa política externa custou aos EUA a amizade do Brasil. Mas até um estudante medíocre da Guerra Fria percebe que sua linha de raciocínio não passa de uma reminiscência daquele tempo em que os fanáticos do anticomunismo, sempre à procura de conspiradores debaixo da cama, promoveram um expurgo devastador para livrar o Departamento de Estado dos diplomatas acusados de perder a China. (Como se a China — ou o Brasil, no episódio de agora — fosse uma propriedade dos EUA).

Na sua indignação patriótica, esse nostálgico do maccartismo condena a política de defesa dos direitos humanos como "amadorística intromissão nos assuntos dos outros". Sem entrar no mérito — ou nos tropeços — da tal política, cujo caráter enganoso se revela precisamente quando deixa de alcançar algumas *nações amigas* como Irã, Formosa, Coréia do Sul ou Filipinas (ao contrário do que diz o discurso: "berramos acusações contra as nações amigas e as sussurramos contra os comunistas"), é possível detetar o cinismo do autor ao apontar como exemplo o mesmo Henry Kissinger cuja escalada intervencionista só encontra paralelo no período do big stick.

Longe da timidez ou do amadorismo de hoje, Kissinger não se sentia nem um pouco constrangido à frente de seu melancólico Comitê 40 ao ordenar a derrubada ou a desestabilização de um governo constitucional e democrático como o do Presidente Salvador Allende no Chile. A intromissão **profissional** do Embaixador Lincoln Gordon ao comandar de seu gabinete no Rio a operação Brother Sam — contra outro governo constitucional e democrático — também não chega a perturbar a consciência do Deputado McDonald, para quem na certa, deve ser igualmente legítimo o desembarque dos fuzileiros americanos no ano seguinte, em São Domingos, contra 17 comunistas que o Presidente Johnson jurava haver em território dominicano.

Aos olhos do congressista da Georgia, a intromissão só é abominável quando em favor dos direitos humanos. Ao se referir aos casos dos americanos Frederick Morris, Thomas Capuano e Laurence Rosebaugh, ele põe em dúvida não só a versão de que os três sofreram atrocidades em dependências policiais mas a própria condição religiosa das vítimas. Sobre Morris, diz que "era ou fingia ser pastor"; sobre os outros dois, garante com igual leviandade que "jamais se determinou se eram realmente padres."

MacDonald não explica se recolheu essas dúvidas em artigos do colunista Adirson de Barros ou nos próprios relatórios da polícia. Mas oferece uma pista nesse sentido ao acusar as três vítimas de se intrometerem nos assuntos políticos do Brasil, associando-se "com conhecidos *subversivos*". Como não se dá ao trabalho de citar os tais subversivos, é perfeitamente lícito concluir que se refere ao Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Camara, cujo nome a censura do regime tentou durante tanto tempo apagar à força da imprensa brasileira. (Os episódios de Morris, Capuano e Rosebaugh, como a ligação dos três com o Arcebispo, estão relatados no livro **Dom Hélder**, que acaba de ser publicado pelo jornalista Marcos de Castro).

Finalmente, uma conclusão inescapável: com todo o apreço que se queira ter pelas virtudes cívicas do parlamentar da Georgia, parece evidente que a causa das duas autoridades brasileiras citadas teria merecido defesa mais convincente se a tarefa tivesse ficado a cargo de alguém menos comprometido com o pior tipo de obscurantismo extremista da política americana. **Argemiro Ferreira — Rio de Janeiro.**

N. da R. — Pela participação do Deputado Larry DeDonald no episódio, pareceu suficiente identificá-lo como "democrata da Geórgia". McDonald não fez um discurso, como o leitor apressadamente concluiu, tendo-se limitado a fazer transcrever nos anais do Congresso um artigo publicado em Executive Government. **O autor do artigo é Stephen G. Saltzman, responsável, portanto, pelos conceitos que o leitor atribui ao democrata da Geórgia. —**

Novacap em São Paulo

Diante dos erros cometidos durante a construção de Brasília, é oportuno lembrá-los quando se cogita da construção de uma nova Capital para São Paulo.

O falecido Israel Pinheiro foi, verdadeiramente, o idealizador da construção de nova Capital para o Brasil. Naquele tempo, nem se falava ainda em candidatura de Juscelino Kubitschek. Apenas Israel Pinheiro contava que saísse de Minas o sucessor do Presidente Dutra. Mas Cristiano Machado acabou derrotado por Getúlio Vargas. Quando chegou a vez de Juscelino, o perseverante Israel voltou à ofensiva e ficou à frente dos trabalhos.

Deixou-se, no entanto, de aceitar a melhor indicação de local, no Planalto, que era a Chapada dos Veadeiros. Dizem que a nova Capital ficaria, assim, mais perto de Salvador do que de Belo Horizonte. O certo é que se construiu a Capital no terreno mais impróprio. Houve despesas fantásticas.

Tanto dinheiro teve de ser consumido na construção que a terça parte deste, na opinião de muitos, daria para solucionar todos os problemas do Nordeste. Até a Rodovia Belo Horizonte—Brasília, que de João Pinheiro deveria tomar o rumo de Unaí, teve de ficar mais longa, via Paracatu, por conveniências político-partidárias. Tudo isso foi "crime contra a nacionalidade", na expressão de Eugenio Gudin. **Juvencio Lobo. Rio de Janeiro.**

EUA-BRASIL

UM CONFRONTO INSTITUCIONAL

Ismael do Prado

Já em ocasiões anteriores, tive oportunidade de salientar que, desde os princípios do século, os melhores observadores patrícios da realidade política e social brasileira têm criticado as malfadadas tentativas de adaptar, a essa realidade, instituições importadas da Inglaterra, da França ou dos Estados Unidos. Alguns estrangeiros defenderam posições de equivalente ceticismo. Entre estes, cabe apontar o nome de Samuel Huntington, da Universidade de Harvard, onde dirige o Departamento de Governo.

Os argumentos de Huntington quanto à inadaptabilidade dos modelos políticos norte-americanos à América Latina são tão convincentes — sobretudo em virtude da atualidade e de seu não comprometimento ideológico — que me me permito, neste artigo, certa extensão em torno da matéria.

Depois de explicar que as velhas instituições inglesas foram transmitidas aos Estados Unidos no momento da Independência, ali encontrando uma nova sociedade bastante homogênea, sem estratificações sociais consideráveis mas, ao contrário, muito bem equilibrada observa o professor que, na maioria dos países da Ásia, África e América Latina (e o Brasil pode ser incluído sem susto), a modernização enfrenta obstáculos de tremendas proporções: as diferenças entre ricos e pobres, entre uma elite de educação moderna e massas tradicionais, entre os fortes e os fracos — contrastes que constituem o destino comum das *agradável uniformidade* de so de transformação. Tal situação opõe-se marcadamente à *agradáveis uniformidade* de classe existente na América de 1776.

Como na Europa de então, nossos contrastes só podem ser sobrepujados pela criação de uma autoridade poderosa e fortemente centralizada. Os Estados Unidos nunca sentiram necessidade de construir uma tal autoridade, a fim de modernizar-se. Consequentemente, sua experiência pouco tem a oferecer-nos no processo de modernização. Foi Alexis de Tocqueville, até hoje o mais sábio de todos os estudiosos das instituições americanas, quem acentou haver a América "chegado a um estado democrático sem necessidade de suportar uma revolução democrática", já que "nasceu igual sem ter que ser tornar igualitária". Assim também, a sociedade americana nasceu moderna, sem requerer um Governo poderoso para forçá-la a isso.

Critica Huntington, a meu ver com muita propriedade, a falsa concepção de que a Revolução americana iniciou uma "reação em cadeia" que produziu a Revolução francesa e a Revolução russa. Na verdade, a Revolução americana representou, principalmente, uma guerra de independência. Foi uma simples luta de liberação de pioneiros contra a Mãe pátria britanica. Não ocorreu, na década de 1775-1785, qualquer espécie de revolução social nas Treze Colônias rebeldes. Não houve mesmo uma revolução política, no verdadeiro sentido da palavra, mas apenas uma adaptação de velhas instituições inglesas às condições de novas de uma nação independente.

A América, de qualquer forma, constitui uma nova sociedade que se desprendeu da inglesa com a mesma cultura e educação. Era, porem, um **velho** Estado, o Estado inglês transplantado. Era o reino do tempo dos Tudors. Isso o distingue fundamentalmente das novas nações em processo de modernização.

A experiência da América Latina é quase que diametralmente oposta. Ao tempo da independência, nosso continente herdava e mantinha uma estrutura social essencialmente feudal. Com exceção do Brasil (até 1889), tentaram os países latino-americanos superimpor a essa estrutura instituições republicanas copiadas dos Estados Unidos e da França revolucionário. Ora, tais instituições não têm sentido algum numa sociedade feudal. Os esforços prematuros em favor de Republicanismo deixaram a América Latina com Governos fracos que, até o século XX, careciam de autoridade e poder para modernizar suas respectivas sociedades. Governos liberais, pluralísticos e democráticos, afirma Huntington com surpreendente coragem, só servem para perpetuar estruturas sociais antiquadas. Assim, na América Latina, um conflito inerente existe entre os objetivos políticos do Estado — eleições, democracia, Governo representativo, pluralismo partidário, constitucionalismo — e os objetivos sociais — modernização, educação, reforma, industrialização, bem-estar social, distribuição mais justa da fortuna, desenvolvimento de uma classe média. Na experiência norte-americana esses objetivos nunca entraram em conflito. Na América do Sul, com frequência, chocam-se frontalmente. O poder necessário para efetuar mudanças fundamentais só pode ser encontrado através de revoluções violentas, como ocorreu no México e em Cuba. A questão seria saber se esses países terão outros caminhos, que não o da revolução violenta, para gerar o poder político necessário à modernização.

Com relação a tais observações de Huntington, vale observar preliminarmente que, na América Latina, podemos destacar os exemplos da Argentina e o Uruguai, como nações de estrutura social bastante homogênea e igualitária as quais, no entanto, estão enfrentando problemas de autoridade política de suma gravidade. Além disso, Huntington não parece levar em conta a desigualdade fundamental entre negros e brancos na América, criando um problema de integração racial inexistente na América Latina. Esses dois casos enfraquecem seu arrazoado.

O Brasil está realizando uma revolução pelo alto que, aparentemente, desperta imensa curiosidade nos professores americanos, tanto assim, que amiúde nos visitam. Podemos acrescentar que, no caso especial do Brasil, se o examinarmos à luz da sua tese, verificaremos que, durante o Império e a República Velha, uma certa estabilidade política foi obtida, graças precisamente à imitação apenas superficial das instituições americanas, britânicas ou francesas. O Governo mantinha-se oligárquico, para governar uma sociedade fortemente estratificada. Depois do fracasso da experiência de 1930-64, o que estamos hoje procurando é, precisamente, esse "outro caminho" aventado pelo professor de Harvard.

Os pesquisadores americanos, com algumas exceções, inclusive a meritória do próprio Huntington, adotam uma posição francamente crítica e farisáica, a respeito da *moralidade* democrática dos regimes nos países mal-chamados do Terceiro Mundo.

Há uma forte dose de hipocrisia nessa postura. E' verdade que a Constituição americana proclama, como solene grandiloquência, ser uma verdade evidente por si mesma que todos os homens foram criados iguais e que possuem certos direitos inalienáveis, entre os quais o da liberdade e o de "procura da felicidade". Ora, um outro professor americano, Joseph Cropsey, observa, corretamente, que essa mesma Constituição e todo o sistema americano foram concebidos com o propósito específico de manter intocáveis certas desigualdades naturais ou institucionais. A liberdade americana implica a idéia de que as desigualdades não podem ser abolidas pelo Governo. Donde a curiosa postura dos conservadores sulistas, de tendências racistas, que condenam o crescimento do Estado (federal), em contraste com os liberais que, paradoxalmente, desejam maior intervenção estatal. Porque a verdade é que o sistema americano cria e fortalece desigualdades muito pouco democráticas, como por exemplo as de fortuna e de cor. Os Estados Unidos (é ainda o professor Cropsey quem fala), estão livres da mancha de mal intencionado igualitarismo, porque "o ensinamento democrático da Declaração (de Independência) e da Constituição nada contém que possa afligir a consciência da riqueza e do poder legalmente obtidos e empregados".

A Revolução americana nada tinha de socialmente revolucionária. Huntington acentua que ela não enfrentou o problema de obsorção, na sociemodernização, nem tampouco o poblema de absorção, na sociedade industrial, de uma população cultural e racialmente heterogênea, ou subdesenvolvida.

Mas como explicar, então, a crítica que certos catedráticos americanos nos fazem, profligando as desigualdades sociais e econômicas, indiscutivelmente sérias (para não dizer vergonhosas) que existem em nosso país, sem levar em consideração que as mesmas desigualdades persistem na rica e poderosa América? Porque, afinal de contas, a existência de miséria e ignorancia entre os **hillbillies** brancos das Carolinas ou entre os negros das favelas de Harlem ou Watts, ou entre os **chincanos** da Califórnia, é muito menos justificável no país que se vangloria de ser o mais democrático e o mais rico do mundo, do que num que ainda se confessa no estágio inicial do esforço de desenvolvimento.

É fácil criticar as restrições a certas franquias democráticas num país socialmente tão complexo como o Brasil quando, nos Estados Unidos, foram necessários 200 anos (e o processo ainda não está terminado!) para que od ireito de voto fosse concedido aos negros do Sul, em condições de igualdade como os brancos. A condição igualitária dos homens — solene princípio que não foi inventado pelos Constitucionalistas de 1776, mas pelo Cristianismo — não é, ao que parece, tão "evidente por si mesma" para uma parte ponderável da população americana que continua a ter marcantes preconceitos sociais, raciais e religiosos.

Como observa Roger Fontaine, o "imperialismo democrático" seria uma contradição em si mesmo. A maioria dos países da pátria americanos estava perfeitamente consciente dos perigos de espalhar seus princípios pelo mundo. Thomas Jefferson duvidava que o republicanismo fosse possível em sociedades que ele descrevia como conspurcadas pelas "cadeias do clero e a glória fascinante da hierarquia e da fortuna". John Adams, ainda mais pessimista, achava que os sul-americanos "eram os mais ignorantes, os mais beatos, os mais supersticiosos de todos os católicos romanos da cristandade". Com total ignorancia das condições existentes, por exemplo, no Brasil, onde foi no clero, justamente, que se recrutaram alguns dos líderes dos movimentos liberais, John Adams nos acusava de manter o aparelho da Inquisição. E concluía que as chances de governos livres entre tais povos eram tão absurdas quanto "o estabelecimento de democracia entre os pássaros, os animais e os peixes"...

Mas há um outro aspecto que é necessário destacar e me parece de importancia fundamental: não se pode isolar o fenômeno político. Não se pode estudá-lo, na ausência de um contexto histórico e cultural. É por ignorar essa imposição que os estadistas afro-asiáticos (e sul-americanos) que pretenderam transplantar a democracia Ocidental para seus respectivos países recém-independizados, quase que invariavelmente fracassaram.

Porque o fato é que a democracia se impôs e evoluiu, na América de 1776, porque social e culturalmente, os *pioneers* das Treze Colônias não se diferenciavam, de maneira alguma, dos ingleses do Reino Unido. Na África e na Ásia de hoje, juntamente com um processo de organização política, está ocorrendo um imenso, um gigantesco e decisivo processo de aculturação. Combinar esse processo com a experimentação democrática, como se a *democracia* de modelo ocidental (parlamentarista à inglesa ou presidencialista à americana) fosse a condição secreta do desenvolvimento econômico e tecnológico é a maior, a mais trágica das ilusões. Que condições existem, em países que há duas ou três gerações ainda viviam em regime tribal, para o gozo das liberdades democráticas? Que esperanças pode haver de criar democracia nas Savanas de Idi Amin Dada? Quando, em casos anteriores famosos, como o da Rússia de Pedro o Grande, o Japão de Meiji, ou a Turquia de Ataturk, violentas revoluções culturais ocorreram com a absorção da civilização ocidental, os heróis reformadores tiveram muito cuidado, não só em não alterar as bases da autoridade tradicional, mas em reforçá-las. Isto está ocorrendo, de modo paralelo, nas novas nações independentes. Não se deve pois estranhar que ditaduras militares pipoquem por toda a parte nem que o marxismo-leninismo ofereça uma tentação quase irresistível para grande parte da humanidade oriental. Um executivo ditatorial, às vezes mesmo tirânico, representa a solução mais adequada para essas novas nações enfrentarem, simultaneamente, o triplo desafio da modernização, da adaptação à civilização tecnológica-industrial do Ocidente e da organização política independente.

Este processo de aculturação processa-se também no Brasil, de modo peculiar. Porque o que estamos fazendo, em nosso país, é fundir numa nação tropical de língua portuguesa e cultura latina, levas de índios de africanos, de árabes, de japoneses e de imigrantes europeus. O processo de fusão é tal que permite a convivência democrática e tolerante — e mesmo excepcionalmente cordial — de homens das mais diversas origens raciais, religiosas e sociais.

É um processo, entretanto, que decididamente não permite a adaptação, às nossas condições, de instituições políticas concebidas para sociedades socialmente homogêneas de protestantes brancos e puritanos.

Com tais ressalvas, a tese de Huntington é válida entre nós.

Momento

Nanismo

Para provar que os anões são capazes de levar uma vida normal, 350 "pessoas de tamanho pequeno" se reuniram no inverno passado em Baltimore, EUA. Um dos seus objetivos é desenvolver as pesquisas sobre o nanismo que se vêm realizando desde a década de 60 na Moore Clinic da Universidade Johns Hopkins. Procura-se decifrar os mistérios da acondroplasia — uma mutação genética e a forma mais comum de nanismo (uma criança em 40 mil) — para a qual ainda não existe remédio. Enquanto não se chega a isso, ajuda-se os anões a escaparem de eventuais complicações de ordem ortopédica, auditiva e dentária. O Dr. George Sack, especialista de Moore Clinic, afirma que um diagnóstico preciso é muito importante para que os pais conheçam os riscos de terem outros filhos anões.

Chave do tamanho

Para os raros anões cuja condição se deve a uma deficiência da glandula pituitária, a ciência já descobriu remédio: um hormônio de crescimento extraido das glandulas pituitárias de pessoas normais, o qual permite a um anão jovem atingir tamanho razoável. Para a maior parte dos anões, o grande problema é se afirmar no mundo dos grandes, inclusive encontrar um emprego viável numa sociedade onde maior é frequentemente associado a melhor. Mas as pessoas de "tamanho pequeno", muitas vezes classificadas como "deficientes" já se movimentam nos EUA para conseguir a aplicação de uma lei federal votada em 1977, assegurando a não discriminação no emprego de pessoas deficientes. "É um começo" diz Gerald Rasa, presidente do "Little Club of America" (LPA), associação que já conta com três mil membros.

Proteção

Um sofisticado dispositivo fabricado pela Norton Co., da Califórnia, poderá de agora em diante proteger músicos e fãs do *rock* contra alguns efeitos danosos do som muito alto. Como se sabe, alguns sucessos populares atingem niveis de mais de 120 decibéis — volume que pode causar danos irreversiveis à audição. O Sonic II Noise Filters permite às pessoas ouvirem sons, ritmos e tons normais, ao mesmo tempo que filtra barulhos de alta frequência, possivelmente prejudiciais, acima de 90 decibéis. Os filtros, que são colocados nos ouvidos, têm uma camara interior na qual um diafragma de borracha de silicone de alta precisão vibra em reação a sons de alta frequência. Esse diafragma absorve a energia sonora que representa perigo para o ouvido interno, mas não interfere nos sons mais baixos, inofensivos.

Antiterror

Na luta contra o terrorismo, mais um passo acaba de ser dado com o auxilio da eletrônica. E' o Kidnap Recovery System, radiotransmissores em forma de canetas, relógios, maços de cigarro, ligados a uma cadeia de socorro. Os objetos podem ser usados discretamente, e, em caso de sequestro, enviam sinais de pedido de socorro. Além disso, o sistema também inclui um dispositivo, acionado pelo sinal do transmissor, que faz soar um alarme para notificar a policia ou os aparelhos de segurança em caso de emergência. Para completar, vários receptores detetores de direção ajudam a localizar a vitima, mantendo as equipes de busca informadas sobre a distancia e ponto de onde o transmissor está emitindo o sinal. A criação é da Communications Control Systems, Ltd, de Nova York.

Cartaz gigante

Duas novidades vêm da Europa. A primeira são calculadoras que, além de contar, sabem ler. Realmente a MSI France está anunciando a comercialização de um calculadora portátil que pode recolher informações codificadas. Esse novo aparelho possui uma memória que pode registrar até 48 mil palavras diferentes. Um lápis especial ligado a esse novo sistema eletrônico permite ler dados codificados sobre documentos, (etiquetas, fichas, envelopes) à velocidade de 75cm por segundo. A segunda novidade é um cartaz luminoso de 11m x 4m, com 26 mil 600 lampadas elétricas comandadas por um minicomputador, criado pela Omega Electronic, da Suiça. São múltiplas as aplicações desse cartaz gigantesco, pois o sistema é capaz de registrar 16 tons cinza diferentes (do branco ao preto). Assim podem ser reproduzidos textos, imagens de TV, etc. A Arábia Saudita encomendou nove sistemas desse tipo.

SOCIEDADE DEMOCRÁTICA E ENSINO JURÍDICO

Vicente Barretto

O primeiro problema que se coloca na análise das relações entre a crise do direito e o ensino de direito consiste na determinação das condições culturais em que se processam. Vivemos dominados pela crença nas potencialidades infinitas da ciência e na superioridade do conhecimento cientifico. Toda atividade intelectual necessita ser caracterizada como cientifica nos termos em que a cultura moderna define a ciência. Passamos neste momento por uma transformação na mentalidade dos nossos juristas e professores de direito, que procuram desesperadamente modernizar-se, vale dizer, entender o direito como sendo objeto do estudo cientifico, i. e., de um conjunto de conhecimentos adquiridos através do emprego do método cientifico. Esta preocupação com a caracterização de um método cientifico no estudo do fenômeno juridico exerceu papel preponderante na crise do ensino do direito.

Partiu-se da constatação de que somente a ciência é capaz de analisar corretamente a realidade, e sendo a verdade identificada com a realidade, o conhecimento cientifico é o único caminho para a verdade, no caso do direito para a justiça. Esta concepção da ciência, no entanto, reduz-se à simplificação da variedade dos meios de conhecimento. Trata-se de identificar a ciência com um tipo de método cientifico, aquele utilizado pelas ciências fisicas e naturais. Dentro desta ótica as ciências humanas, sociais e econômicas somente passaram a ser consideradas verdadeiramente cientificas quando puderem expressar-se através de números, estatisticas, curvas, etc. Nessas condições cabe perguntar se o direito existe como ciência e se cabe ensiná-lo como tal? E' verdade que os juristas romanos referiam-se ao direito como sendo uma *scientia*; o sentido, porém, desta palavra nada tem a ver com o sentido moderno da ciência.

Neste ponto encontramo-nos em um momento crucial de desenvolvimento da crise do Direito. E' precisamente na identificação do fenômeno juridico com um objeto suscetivel de ser analisado pelos métodos da ciência moderna, que se exaure progressivamente a própria natureza do direito e o seu papel. Abstraimo-nos do fato de que a norma juridica resulta de uma opção valorativa, sendo a escolha entre múltiplas soluções possiveis, não dirivando da natureza das coisas, mas da vontade e da decisão do homem a partir de julgamentos de valor estabelecidos não por métodos cientificos, mas em função de uma escala de valores, não quantificáveis e logicamente determináveis.

■ ■ ■

O Direito para qualificar-se cientificamente deixou de ser abordado como uma ordem normativa identificada com ideais e valores irredutiveis a dados empiricos. A tendência moderna de alguns juristas consiste nesta despreocupação pelos aspectos normativos da ordem juridica a constatação de que o direito deve ser analisado como um fato social bruto. Em virtude desta identificação a norma juridica passou a ser vista como estando em constante choque com a realidade, tornou-se familiar a afirmação de que o Direito encontra-se defasado em relação à vida social, econômica e politica. Assim considera-se, não somente porque as sociedades contemporaneas têm relações politicas, econômicas e sociais extremamente mais complexas, exigindo novos estatutos legais, mas porque se encontra subjacente à crença de que o fato social é o determinante do comportamento humano. Esta crença exprime-se no quadro do Direito de três modos distintos.

Primeiro, em caso de conflito entre o fato e a norma, tende-se a dar razão ao fato. O predominio do fato constitui uma reação ao idealismo dogmático do século XIX, i. e., a crença de que a regra de direito tinha uma finalidade de si mesma, pouco importando o fato social, se era aplicada ou os conflitos provocados por ela. Encontramo-nos, atualmente, no outro extremo. A regra de direito perde progressivamente a sua importancia, sendo que o fato social ocupa o seu lugar. Ora o fato social (como é estudado nas Ciências Sociais) é um dado bruto e absoluto. Isto significa que a regra de direito tende a ficar reduzida à categoria de seguidora da evolução da sociedade. Ocorre a substituição do valor absoluto da norma pelo valor absoluto do fato. A ilusão de que o fato *per se* não expressa valor, encobre a crença de que o fato social tem um valor absoluto, determinado pela simples razão de sua existência. Daí a fácil conclusão de que devemos acompanhar a História, conformando-nos com os acontecimentos, deixando que forças não controladas moldem o destino humano. Aceitar aquilo que alguns cientistas sociais e juristas chamam de "Sentido da História" significa, em outras palavras, proclamar a nossa incompetência em dar uma nova forma ao dado social, modificando-o e, assim, reformulando a sociedade. A decisão juridica será feita em função de dados econômicos, sociológicos, etc, e não tendo como ponto de referências os valores implicitos no ordenamento juridico.

O primado do fato social sobre o Direito expressa-se na questão básica colocada pelos estudantes: "Tendo em vista a crença generalizada de que o Direito consiste numa técnica, para que serve estudar matérias teóricas e de formação"? O ensino de Direito procura, ao dizer-se modernizador, preparar o estudante para funções especificas, técnicas e profissionais. Os cursos de Direito estão sendo transformados em escolas técnicas e por essa razão ensinamos um conjunto de métodos de interpretação sem, no entanto, darmos ao estudante uma concepção critica do que é o Direito. Não ensinamos ao estudante um modo de pensar o fenômeno juridico, mas uma técnica para lidar com um conjunto de normas, que por sua própria natureza irão chocar-se com o fato social.

Verificamos que o problema do ensino do Direito encontra-se no fato de que o sistema de ensino não se encontra adaptado à natureza do objeto do ensino, em virtude da propria crise na concepção do Direito. Os métodos de ensino tradicionais enfatizam o dogmatismo do fenômeno juridico; a influência sociológica fez com que o fato social preponderasse sobre o enfoque normativo. Coloca-se, porém, uma questão básica e que se refere à propria diferença do Direito diante dos demais fatos sociais. A norma juridica sendo entendida exclusivamente como fato, em nome de que ela poderá exercer o papel de ordenadora do comportamento social? A força, também, é um fato, e, dentro deste raciocinio, tão legitima como o Direito para reger a sociedade. Esta tendência tem sua origem na escola do Direito positivo, que foi levada aos extremos sob o peso da sociedade moderna.

No contexto das ciências humanas, interpreta-se o direito como tendo uma outra caracteristica: o ordenamento juridico constitui uma imagem ideal da sociedade. As normas juridicas consubstanciam os ideais do grupo social. A análise factual permitiria desta forma distinguir as intenções, de uma sociedade como vêm expressas na imagistica grupal. Este estudo sociológico é extremamente interessante, pois permite determinar o que o grupo pensa de si mesmo. O direito não pretende ser uma imagem ou um ideal e, portanto, é falso considerá-lo como um padrão para a sociedade.

Existe uma terceira posição que procura caracterizar o direito como o reflexo daquilo que existe. Neste sentido o direito terá a função de *expressar* a realidade social, dando-lhe uma certa *eficácia* e uma certa *estabilidade*. O direito será então o modo de preservar a realidade econômica, sociológica, etc. A modificação da realidade deverá, necessariamente, acarretar a mudança da lei, e neste sentido, o direito ainda que tenha uma existência autônoma terá uma função dependente de fatores externos, visando a manutenção do *status quo*. Esta posição tem consequências lógicas extremamente radicais: desde que as circunstancias sejam modificadas, alteram-se as disposições juridicas. O fato objetivo, i. e., as novas circunstancias predominam sobre a vontade das partes. A regra modifica-se para acompanhar a realidade. Chegamos ao grande paradoxo: o direito instrumento de regulamentação da atividade social do homem não é feito pelo homem, mas pelas circunstancias que lhe determinam o caráter. Neste sentido, os tratados serão simples folhas de papel que poderão ser rasgadas ao cabor dos acontecimentos. Este terceiro modo de considerar o direito não concide com a conceituação de direito, que existe na sociedade humana.

■ ■ ■

O ensino do Direito, portanto, encontra-se desorientado em virtude dessas posições em relação ao conceito e função da norma juridica na sociedade. Observa-se que as três posições anteriores referidas (que poderemos chamar de sociológica, idealista e realista) descaracterizam a ordem juridica. O problema consiste em verificar o que é o direito e, tendo em vista sua particularidade, perguntar-se sobre a possibilidade de aplicação dos métodos cientificos ao seu estudo.

O estudo da Sociologia, Economia, Ciência Politica e História torna-se necessário para a compreensão da norma juridica, mas não esgotam o campo da investigação.

Jacques Ellul examinando o nosso problema define com precisão os termos da questão:"... (o Direito) aparece como o testemunho de que homem pretende diferenciar-se do dado social, do fato bruto constatado pela Sociologia, e que pretende dominá-lo e organizá-lo: neste ponto e em virtude do caráter convencional e artificial do direito somos obrigados a reconhecer uma dimensão diferente da dos fatos a que pretendemos ligá-lo. Desta forma introduzimos uma grandeza que escapa à mensuração sociológica e das ciências exatas. Chegamos ao ponto onde devemos perguntar se, o direito sendo um fenômeno especifico, diferente do simples fato social, em uma relação mais complexa que não aquela encontrada habitualmente na economia, etc., este Direito é objeto do método de observação e do método de ensino que predominam atualmente? Podemos considerar o direito como um fato, um fenômeno e observá-lo segundo os métodos cientificos? Podemos ensiná-lo a partir dos fatos e em vista de uma simples prática?" A realidade social como ela nos é apresentada pela ciência social não nos explica o que é o direito, logo o seu ensino não poderá ser desenvolvido tentando-se assimilar uma técnica própria de outras ciências. Trata-se, no fundo, de recordar um lugar comum, que em vista da crescente tendência tecnoburocrática em substituir os órgãos legislativos clássicos por "diktats" tecnicistas, encontra-se esquecido: o direito é uma disciplina normativa.

Todos estamos de acordo com essa afirmação. Nota-se, porém, que é uma concordancia meramente teórica, pois não discutimos a contradição entre o caráter normativo e a aceitação implicita de que o Direito não pode ser um entrave aos fatos sociais e econômicos. Proclamar o caráter normativo não é o suficiente — e milhares de livros têm sido escritos sobre o assunto — trata-se de tirar as consequências lógicas desta caracteristica básica do ordenamento juridico e relacioná-las com o ensino do Direito.

Mais uma vez é necessário enfatizar a importancia do entendimento do Direito dentro da sociedade. Para isto é necessário estudar a relação do Direito com o fato, examinar as origens em dada sociedade das normas juridicas, da sua validez, da concepção de ordem justa feita pela sociedade e sua relação com o ordenamento juridico, o jogo das forças e interesses econômicos, etc. Daí ser fundamental a compreensão do funcionamento da sociedade como nos descreve a moderna ciência social, politica e econômica, a fim de que se dimensione o fenômeno juridico dentro de suas raizes.

Fizemos referência acima ao fato de que aceitar o Direito como ordem normativa implica em tirarmos todas as consequências lógicas desta afirmação. A primeira dessas consequências é a de que o conflito entre a norma e a realidade deve ser resolvido em favor da norma pois esta existe, precisamente, para modificar a realidade. O Direito somente pode ser concebido e estudado na medida em que os situamos acima do fato social. Assim, por exemplo, o fato de que a violência urbana no mundo moderno aumentou assustadoramente não significa que as normas penais que punem os diferentes atos delituosos devam, necessariamente, serem abolidas para conformar-se com a realidade. Esta proibição evidentemente vincula-se a uma concepção global da sociedade, que expressa os seus valores sociais, morais e religiosos.

Outro fator, principalmente nos paises subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, do choque entre o ordenamento juridico e a realidade reside na origem da norma juridica. Por ser um instrumento de equilibrio e ordenação da sociedade para atingir fins comuns, a norma de Direito deve ser elaborada pela própria sociedade. No Brasil, por exemplo, o ordenamento juridico em nome das necessidades do desenvolvimento, vem sendo montado — para sermos mais precisos desmontado — por sucessivos golpes legiferantes da tecno-burocracia, que se amparou da máquina estatal. A concepção básica que a tecno-burocracia tem do Direito é a de que consiste em um instrumento formalizador de fatos e relações sociais. Aceita-se o Direito como uma técnica de comando da sociedade; desde que a norma impeça a realização da vontade burocrática substitui-se a norma antiga pela norma nova. E' o império do casuismo legislativo, que ocorre exatamente porque o Direito foi-se descaracterizando em seu conteúdo e reduzido a simples sombra da história.

A crise do ensino do Direito no Brasil está, portanto, vinculada à crise do Direito e à crise da democracia. E' a ilegitimidade da lei o elemento essencial no fracasso do Direito. A ordem juridica supõe escolha de valores pela sociedade; a escolha de valores supõe a livre discussão de como a sociedade quer ser governada e quais as finalidades a que se propõe. Tudo isto supõe um regime democrático, no qual a norma juridica reflita valores a serem preservados e atingidos.

■ ■ ■

Essa mentalidade tecnicista, peculiar ao poder burocrático e sempre pronta a transformar em leis a vontade burocrática, descaracterizou a ordem juridica e infiltrou-se no ensino do Direito. A reforma do ensino juridico realizada em 1972 tinha como pressuposto a necessidade de substituir o bacharel tradicional, verborrágico, com muitas citações, por um advogado prático, voltado para o desenvolvimento. Ao examinarmos o curriculo minimo, exigido pelo Conselho Federal de Educação, constatamos a preocupação em concentrar o ensino nas disciplinas chamadas profissionalizantes.

A filosofia que informa a reforma reflete a perplexidade entre conceituações conflitantes da natureza do Direito e seu papel na sociedade. O elenco de disciplinas estudadas, em virtude da falta de uma orientação que obedecesse à natureza do assunto, faz com que o Direito apareça para o aluno como uma série de dados sem vinculação. O ordenamento juridico, na melhor das hipóteses, é apreendido em suas partes, e o estudante termina por não ter uma concepção global, critica e analitica do que ocorre. A simplificação tradicional de que a cátedra de Direito Civil, dada pela grandiloquência dos grandes mestres, constituia o núcleo do curso, foi substituida pela simplificação moderna de que o Direito de empresa, dado casuisticamente, habilitará o bacharel contemporaneo a recuperar o seu lugar na sociedade. A crise do ensino do Direito reside, em última análise, no fato de que não ensinamos Direito, mas um conjunto de técnicas de interpretação legal, que nada têm a ver com o fenômeno juridico.

Vicente Barreto é professor da Faculdade de Direito Cândido Mendes — Ipanema e da PUC/Rio. Este texto foi extraido de trabalho apresentado na 1a. Conferência Regional da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção RJ.

SEGURANÇA DE QUEM?

Fábio Konder Comparato

NO momento em que se instalou o primeiro Estado de Segurança Nacional na América Latina, em abril de 1964, certamente nenhum observador foi capaz de descobrir a profunda transformação da vida política dos povos latino-americanos que se punha assim em marcha. Agora, 14 anos após, mais seis Estados do continente aderiram ao modelo brasileiro: Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Peru e Uruguai. Terá sido a observação desse fato que conduziu o então Presidente Nixon a dizer que para onde tender o Brasil tenderá inelutavelmente toda a América Latina?

Seja com for, paira no ar, mesmo entre os admiradores e executantes da política de segurança nacional no Brasil, um vago sentimento de que há algo de mais complexo e envolvente, em todas as tarefas que uns louvam e outros põem em prática, do que a simples aparência indica. Quase todos têm intuição de que o sentido e alcance dessa política escapa, em grande parte, ao entendimento dos homens públicos.

O livro recente de Joseph Comblin —*Le Pouvoir Militaire en Amérique Latine — L'Idéologie de la Sécurité Nationale* — vem trazer a explicação clara e completa da questão. A doutrina da segurança nacional, como ideologia política, é aí exposta em suas origens históricas e seus desdobramentos recentes, como nenhum outro politicólogo antes dele soube fazer. A sua leitura é, pois, indispensável a todos quantos queiram ignorar um pouco menos a realidade que nos envolve e domina.

Desde que surgiu a consciência crítica da mentalidade e da cultura latino-americanas, uma verdade sempre foi admitida com causa julgada: a de que os nossos povos têm aversão às ideologias e mesmo às simples idéias, vivendo da importação do pensamento alheio. Daí se conclui, com certa ligeireza, que os famosos Estados ideocráticos, do tipo comunista, jamais medrariam entre nós. Ora, se a primeira assertiva continua válida até hoje, a conclusão que dela se extraiu pode ser francamente abandonada. A partir de 1959, com a revolução castrista em Cuba, e a partir de 1964 com o golpe de Estado militar no Brasil, a América Latina passou a contar com bons exemplos de estados ideocráticos, em que toda a política é orientada em função do desdobramanto lógico de uma ideologia oni-explicativa.

Que a doutrina da segurança nacional seja uma ideologia, tal qual o marxismo-leninismo, é sem dúvida uma asserção que suscita protestos indignados dos chefes militares, acostumados a pôr em guarda a nação, em suas ordens do dia contra a infiltração de ideologias alienígenas. E, no entanto, trata-se efetivamente não só de uma ideologia mas, o que é pior, de uma importação ideológica. Comblin mostra as suas origens, desde a proto-história, anterior à Segunda Guerra Mundial, até o seu nascimento, depois dela.

Na origem remota, encontramos algumas idéias sobre as relações determinantes entre os fatores geográficos e a formação dos Estados, muito caras aos espíritos germanicos. É a chamada Geopolítica, à qual os generais Golbery do Couto e Silva, no Brasil, e Augusto Pinochet, no Chile, se consagraram *ex-professo*. Fundamentalmente, parte-se da idéia pressuposta de que o bem supremo é o Poder, e que este só se desenvolve quando assentado em dados geográficos fundamentais, entre os quais a extensão territorial. É nesse caldo de cultura, aliás, que medrou a célebre teoria do "espaço vital" (*Lebensraum*), cuja aplicação por obra de Hitler deixou triste memória na História.

A idolatria do poder e da potência é uma constante na ideologia da segurança nacional. A atual tese do Brasil-potência, prontamente ingurgitada pelos nossos políticos, diplomatas e jornalistas, é um simples precipitado dessa reação ideologica.

Ainda na origem remota da doutrina, encontramos o rescaldo da guerra européia de 1914-1918, verdadeiro divisor de águas entre a história moderna e a contemporanea. A primeira grande guerra deste século veio demonstrar que o fato militar está indissoluvelmente ligado a todo um contexto socioeconômico e que a guerra atual tende a ser totalitária, com a mobilização de todo o povo no seu desenvolvimento, sem distinção entre civis e militares. O teórico, por excelência, dessa realidade é o Marechal alemão Ludendorff, que os nossos militares citam profusamente. Extraindo da derrota alemã em 1918 a falaciosa conclusão de que o exército fora traído pelos políticos — mito que alimentou toda a propaganda nazista nos anos 20 — Ludendorff afirmava que, diante da guerra moderna, necessariamente totalitária, todas as tarefas políticas, ou seja, o Estado inteiro — e não apenas as operações bélicas — deve doravante ser submetido ao Comandante-em-Chefe das Forças Armadas. Ou seja, exatamente o oposto do que dizia Clemenceau, em sua conhecida "boutade," como reflexão amarga sobre a assombrosa incompetência militar na guerra européia de 1914 a 1918 (sobre o assunto, antes trágico do que cômico, ler-se-á com interesse o livro de Norman F. Dixon, *On the Psychology of Military Incompetence*).

Comblin deixou de lembrar, nesse contexto, até que ponto a economia industrial moderna está ligada ao militarismo. E' sabido que a organização da mão-de-obra para o trabalho em cadeia encontrou seu ponto de apoio histórico no enquadramento disciplinar e na divisão de tarefas no seio das forças armadas. As primeiras grandes fábricas verdadeiramente modernas foram manufaturas de armas, como as criadas por Colbert na França e por Gustavo Adolfo na Suécia, em meados do século XVII, antes mesmo que o ferro se tornasse uma das principais matérias-primas industriais.

Ainda aí, a guerra de 1914-18 foi revolucionária. O movimento socialista, até então estreitamente ligado ao pacifismo, adere com a revolução russa a tese da planificação econômica e do centralismo estatal, de cunho nitidamente militarista. Em 1932, às vésperas da aventura nazista, Ernest Junger mostrou, em brilhante ensaio (*Die totale Mobilmachung*), como a economia dirigida era simples transposição, em tempo de paz, das técnicas de mobilização popular para a guerra.

Poder-se-ia, no entanto, limitar essa visão marcial aos períodos de guerra declarada, ou de preparação bélica, que a concepção clássica sempre considerou como uma exceção ao estado de paz. Afinal, a normalidade é a paz e não a guerra, o que implica — como assentou a teoria clássica no século XIX — o estado de direito no plano interno, a ação diplomática e o respeito à soberania alheia no plano internacional.

E' aí que a *guerra-fria*, a partir de 1945, veio alterar fundamentalmente os dados da questão. O confronto com o império comunista, substancialmente fortalecido após a Segunda Guerra Mundial, levou os norte-americanos a uma reavaliação de suas concepções políticas. O que, sobretudo, impressionou militares e diplomatas — homens afeitos a considerar o poder como única realidade no plano político — foi a longevidade e mesmo a aparente indestrutibilidade dos Estados comunistas. Abandonadas, rapidamente, as antigas ilusões sobre a inviabilidade de uma economia coletivista e as esperanças de revolta popular contra o Partido Comunista no Poder, que alimentaram as cogitações de vários círculos no Ocidente até a Segunda Guerra Mundial, restava a realidade insuprimível: o bloco soviético saíra política e até economicamente fortalecido da formidável refrega.

Qual a razão fundamental desse resultado? Para a ingenuidade norte-americana, a explicação se situava no único ponto em que o Estado comunista se revelava superior, face à carência do Estado capitalista: a ideologia. Só mesmo esta, segundo imaginaram os estrategistas ianques da *guerra* fria, seria capaz de explicar não só o monolitismo do bloco soviético, como também a capacidade de penetração do comunismo nos demais países. Cumpria pois, elaborar quanto antes uma contra-ideologia, capaz de fazer face ao desafio comunista. Essa contra-ideologia, excogitada nas academias militares da América do Norte, foi exatamente a doutrina da segurança nacional.

Trata-se, na verdade, de uma espécie de inversão do ideário comunista, na letra e no espírito. Assim como, para o marxismo, a realidade social básica é a luta de classes (releia-se a frase inicial do primeiro capítulo do *Manifesto Comunista*), para os ideólogos da segurança nacional essa realidade é a guerra permanente. Da mesma forma que, na visão política marxista, as forças reacionárias, lideradas pela classe burguesa, constituem o inimigo comum, assim também a doutrina da segurança nacional designa um inimigo comum a combater que são as forças subversivas lideradas pelo Partido Comunista. O herói da história chama-se Classe Operária, no romance marxista; na novela da segurança nacional, a heroína desamparada a salvar é a nação. Nessa luta ou guerra permanente, aos combatentes se oferece sempre um paraíso, como recompensa última: a sociedade comunista para uns, a democracia para os outros. Mas enquanto perdurar a campanha — cuja duração é indefinida — o Estado deve, curiosamente, se apresentar como o oposto do ideal futuro: é a Ditadura do Proletariado ou o Estado de Segurança Nacional, um e outro gerados por uma Revolução, palavra sagrada que designa a inauguração de uma nova vida, da vida que precede a visão beatífica do céu, uma espécie de purgatório terrestre, em que os culpados — que são sempre os *outros* — devem padecer a justa expiação pelos seus pecados, até que a sociedade inteira seja purificada do Mal.

Empreguei propositadamente o vocabulario da dogmática cristã. Hoje, com efeito, já se sabe que a perversão das religiões de conversão do mundo — como o cristianismo ou o islamismo — conduz ao mais requintado totalitarismo ideológico. As consequências desse grotesco ideário desenrolam-se sob os nossos olhos.

Se a realidade fundamental da sociedade é o estado de guerra permanente, o sentimento dominante é o de temor e insegurança, como sublinha o General Golbery do Couto e Silva. Buscando para essa visão um embassamento filosófico, ele remonta, naturalmente, a Hobbes, com a sua concepção do *homo homini lupus*. Se assim é, torna-se inelutável aceitar a inversão da formula famosa de Clausewitz: a política nada mais é do que a continuação da guerra por outros meios. Os nossos homens públicos civis podem ainda cultivar a ilusão — tanto do lado do Governo, quanto do da Oposição — de que mantêm uma certa autonomia de manobra no cenário político. Na verdade, eles são, e não podem deixar de ser, pela força incoercível das coisas, meros agentes ou personagens de uma estratégia bélica, que deve ser formulada e comandada por quem de direito: os chefes militares.

Por outro lado, cedendo a uma verdadeira alienação cultural, os homens de Governo nos satélites soviéticos e norte-americanos aceitaram, sem reações, a famosa tese da bipolaridade do mundo atual entre bloco comunista e bloco capitalista, com o consectário do inevitável alinhamenot de todos os outros povos nos interesses bélicos de russos e norte-americanos. Mesmo após Bandoeng, e a tomada de consciência do abismo crescente entre povos desenvolvidos e subdesenvolvidos, bom número de líderes políticos asiáticos, africanos e latino-americanos ainda preferiu manter o pacto de vassalagem com uma das duas grandes potências.

A noção de "inimigo objetivo" (os "inocentes úteis" da década de 50) é praticamente esclarecida, nesse contexto. Se a nação está em guerra, aquele que ousa romper a união sagrada, criticando o Governo, contestando o regime, ou mesmo negando a realidade da guerra, ou é inimigo ou faz o jogo dele.

A doutrina da segurança nacional havia chegado até aí, quando, no final da década de 50, a *guerra-fria* passou a ser aos poucos substituída pela *guerra revolucionária*. Na Ásia e na África, o Ocidente rico enfrentava, doravante, o desafio das lutas de descolonização.

E' neste passo que surge a contribuição francesa para a formação da doutrina da segurança nacional. Os coronéis franceses, escalados pelo desastre de Dien-Bien-Phu, em 1954, viram-se, a partir de 1957, diante da rebelião generalizada na Argélia. Formados na velha escola cartesiana das idéias claras e das análises precisas, logo perceberam o que os norte-americanos tardariam muito a compreender: nesse tipo de revolta, as armas clássicas são de pouca valia; se é a população inteira ou a sua grande maioria que se recusa a colaborar com o Estado colonialista, a guerra clássica conduziria, logicamente, ao extermínio da população sob o pretexto de salvá-la... Tudo se decide, pois, no plano das idéias, antes da eclosão da guerrilha generalizada. As principais ações do Estado consistem na descoberta do inimigo, antes que este possa difundir as suas idéias, e também na contradifusão de idéias anti-subversivas no seio da população. Daí a extraordinária importancia, nas Forças Armadas, dos serviços de informações e de ação psicológica. São eles — muito mais do que as armas clássicas — que podem fazer abortar as guerrilhas e impedir a revolta popular. Compreende-se, pois, que a elite militar seja normalmente encaminhada para os serviços de informações e que os oficiais dessa nova *arma* sejam mais rapidamente promovidos que seus companheiros de oficialato nas armas clássicas.

Nesse tipo de guerra subversiva ou revolucionária, frisaram os coronéis franceses, é preciso pôr previamente fora de combate todos os simpatizantes possíveis da subversão onde quer que se encontrem, sobretudo nas instituições difusoras de idéias (escolas, universidades, igrejas) ou naquelas suscetíveis de enquadrar a população contra o Estado (sindicatos, associações) Passou-se, assim, da noção de **inimigo objetivo** à de **inimigo eventual**. Todos os que não podem demonstrar, cabalmente, que não são subversivos, são inimigos em potencial. Se eles não subvertem agora, poderão fazê-lo amanhã. É preciso vigiá-los e neutralizá-los. A rigor, ninguém está imune ao vírus subversivo. Por isso mesmo, todo o povo deve ser mobilizado e posto em guarda. Contra quem? Contra ele próprio, inimigo em potencial de si mesmo. A situação é absurdamente orwelliana.

Nessa descoberta do **inimigo eventual**, todos os meios são válidos para a obtenção de informações. A tortura faz parte, naturalmente, das regras do jogo. Para os espíritos mais suscetíveis, sobretudo nos meios considerados **moralizadores**, convém sublinhar o fato de que o que está em jogo é a sobrevivência da nação, e que a tortura, ao permitir a descoberta de **terroristas**, é um meio de legítima defesa. "Quantas vidas humanas não salvarei, torturando este Viet?" — perguntava um coronel francês na Indochina.

A ação psicológica, é, também, de capital importancia. Nenhum Estado de Segurança Nacional sério pode dispensar a censura ideológica nos meios de difusão de massa e nos centros de ensino. A esperança de eliminação da censura, sem mudança de regime, é uma aspiração totalmente irrealista. Mas não basta a censura que, afinal, é mera ação psicológica negativa. É ainda preciso "conquistar a mente do povo", como dizem os agentes da segurança nacional; o que significa bombardear a população com uma propaganda ideológica intensiva. Neste passo, os nossos chefes de serviços de relações públicas governamentais procuram seguir — com relativo êxito, é verdade — o prestigioso modelo comunista. Ainda aí, o fascínio pelos métodos do adversário.

Os americanos aceitaram, rapidamente, esse aperfeiçoamento da teoria, tanto mais que, a partir de 1959, a comunização do Estado cubano, após vitoriosa guerra de guerrilhas, punha-lhes o problema praticamente na soleira da porta. Superando a política da "beira do abismo", cara a John Foster Dulles, os ideólogos de Tio Sam apresentaram uma outra explicação para a bipolaridade da *guerra fria*. Doravante, proclamaram, é preciso distinguir entre guerra nuclear e guerra convencional. Quanto à primeira, o diálogo Washington-Moscou chegou a um entendimento, no sentido da neutralização recíproca e do impedimento à difusão da arma atômica entre outras mãos. Mas no chamado "terceiro mundo", o campo é de livre concorrência: Moscou procura solapar as bases da economia ocidental, fomentando revoluções, e os Estados Unidos têm a missão de salvar o Ocidente, opondo-se a essas revoluções por todos os meios, salvo a guerra atômica.

E' desta época que data a grande alteração na estratégia do sistema militar interamericano, comandado pelos Estados Unidos. Até a década de 60, essa estratégia baseava-se na hipótese de um eventual ataque soviético contra algum país do continente. Os pactos militares funcionavam no sentido da formação dos oficiais latino-americanos para a guerra convencional e também (*business as usual*) da venda de material bélico americano (geralmente obsoleto, refugo da Segunda Guerra Mundial) para os países ao Sul do Rio Grande.

A administração Kennedy, absorvendo a teoria da guerra revolucionaria, decidiu formar os militares latino-americanos a defenderem seus países respectivos contra a ameaça da subversão do tipo castrista. E como as idéias de *guerra permanente* ou *guerra total* ainda persistiam no espírito dos ideólogos do Pentágono e do *National Security Council*, reconheceu-se que a única forma segura de defesa nacional, em tais circunstancias, consistia na tomada do poder pelos militares, que passariam a comandar (no sentido próprio e castrense) toda a atividade política.

Em 1961, uma grande transformação ocorreu na Usarsa (U.S. Army School of The Americas), situada em Fort Gullick, na Zona do Canal de Panamá. Ela se tornou o principal centro de treinamento intensivo de oficiais militares latino-americanos, com base na doutrina da segurança nacional, agora com vistas à tomada do Poder, pelos alunos, nos seus países de origem. Comblin refere que, até hoje, essa escola formou 33 mil 147 militares latino-americanos. Em outubro de 1973, os dirigentes da Usarsa declaravam, com satisfação, que 170 diplomados da escola eram Chefes de Estado, ministros, comandantes-em-chefe das Forças Armadas ou diretores de Serviços Nacionais de informação na America Latina. Em outras academias militares norte-americanas, segundo estatísticas oficiais, 71 mil 651 militares latino-americanos estagiaram até 1975.

Um último elemento foi incorporado à doutrina de segurança nacional, quando o movimento de tomada do Poder pelos militares na América Latina já estava em andamento. Em discurso pronunciado em Montreal em 18 de maio de 1966, Robert McNamara, então chefe do Departamento de Defesa norte-americano, sustentou que não há segurança política sem desenvolvimento econômico. "A segurança é desenvolvimento, e sem desenvolvimento não há segurança. Um país subdesenvolvido e que não se desenvolve não atingirá nunca um nível qualquer de segurança, pela boa razão de que não pode despojar seus cidadãos da natureza humana". Tais idéias foram depois expostas por McNamara em seu livro *A Essência da Segurança*, publicado em 1968. Até então, os ideólogos da segurança nacional viam com suspeição as idéias desenvolvimentistas, seja porque identificadas com governos considerados frívolos e corruptos, como os de Frondizi na Argentina e de Juscelino no Brasil; seja porque suscetíveis de aproveitamento por intelectuais acusados de esquerdismo, como Celso Furtado; seja, ainda, porque coincidentes com a ofensiva política do Kremlin de superação do capitalismo por meios pacíficos, na época de Kruchev. Mas agora que o próprio porta-voz dos Estados Unidos se havia pronunciado no mesmo sentido, todas as suspeitas se dissiparam. Naqueles saudosos tempos, *Washington locuta est, causa finita*.

A idéia foi rapidamente aproveitada no único Estado de segurança nacional que existia na época, neste continente. O tema da aula inaugural dos cursos da Escola Superior de Guerra em 1967, no Brasil, proferido pelo então Presidente Castelo Branco, foi Segurança e Desenvolvimento. E' sabido que esse binômio se tornou o lema de todos os programas de governo entre nós, a partir de então.

Por aí se vê como a importação foi total no plano das idéias. Ora, no campo das instituições ela não foi menos extensa. Assim, desde a primeira fase da **guerra fria**, em 1947, o National Security Act criou, nos Estados Unidos, o Conselho de Segurança Nacional, a CIA e o Conselho dos Chefes de Estado-Maior (Joint-Chiefs of Staff). Em todos os Estados de segurança nacional da América Latina, a começar pelo Brasil, o tradicional poder presidencial se assenta no tripé do Conselho de Segurança Nacional, do Serviço Nacional de Informações e do Estado-Maior das Forças Armadas. En todos eles, criaram-se mesmo antes da tomada do Poder pelos militares, Escolas Superiores de Guerra nos moldes do National War College, de Washington.

A doutrina da segurança nacional, nos Estados Unidos, propugnava o fortalecimento do Poder Executivo, na pessoa do Presidente, e a substituição da tradicional política de **disclosure** pelos hábitos de segredo, porque o país estava em guerra permanente. Esse impulso atingiu o seu paroxismo sob a presidência de Nixon, com as consequências que todos sabem.

Já a partir de Kennedy, no entanto, a Casa Branca viu-se ocupada por jovens intelectuais, assessores do Presidente, que formaram desde logo a barreira tecno-estrutural às ingerências "políticas". Tendo dos homens um conhecimento puramente abstrato e, por que não dizer, infantil, esses doutores universitários inebriaram-se cedo pelo exercício do poder, tanto mais que o seu acesso à cúpula governamental foi direto, sem a passagem pelo exame eleitoral.

Na América Latina, esse novo aspecto da teoria da segurança nacional veio reforçar ainda mais o inveterano abuso de poder presidencial. O caudilhismo transmudou-se em militarismo tecnocrático.

O assalto montado pelos protagonistas da segurança nacional, nos Estados Unidos, foi rude. Durante vários anos, a partir de 1947, (a "época canalha" — "scoundrel time", como a denominou Lilian Hellman), eles ditaram a lei e dominaram sem contraste. O famoso House on Un-American Activities Committee, onde pontificava o jovem deputado Richard Nixon, difamou milhares de cidadãos, acusando-os de comunistas, compeliu grande número de "testemunhas amistosas" ("friendly witnesses") a denunciar caluniosamente parentes e amigos em troca do "perdão", jogou na prisão dezenas de "testemunhas não-amistosas" e arruinou a vida de muitas outras, num ambiente de histeria coletiva. Na Camara Alta, o Senador Joseph Mc Carthy desanuviava-se dos vapores etílicos num paroxismo acusatório, que acabou em manifesta paranoia: o General George Marshall era um protetor de traidores, as Forças Armadas eram desleais... Enquanto isso, o Departamento de Estado era expurgado segundo uma lista negra publicada pelo seu próprio chefe, sob os aplausos de Truman. Vistos de saída do país eram sistematicamente negados sob razões ideológicas, com base em acusações da imprensa marron.

Na verdade, os Estados Unidos resistiram ao assalto da ideologia da segurança nacional e permaneceram um Estado democrático, porque o povo norte-americano tinha uma antiga e consildada formação de vida autônoma. A sociedade civil sobreviveu à loucura estatal, porque era saudável e forte.

Na América Latina, ao contrário, a doutrina da segurança nacional encontrou um organismo minado, onde pôde crescer e se desenvolver à vontade. A tradicional caquexia de nossa sociedade civil, debilitada pela incultura, pela miséria, pelo centralismo estatal, pela inexistência de real vivência democrática, entregou-nos praticamente sem reações à nova dominação. Comblin mostra como, mesmo no seio das Forças Armadas, os ideólogos da segurança nacional constituíam uma minoria, por ocasião da tomada do Poder: fato notório, por exemplo, no caso brasileiro. Mas o despreparo da maioria dos oficiais levou-os a aceitar, com mínimas resistências, uma estratégia absurda, inspirada por uma falsa ciência militar, em vista de uma guerra inexistente.

Por isso mesmo, ao fechar o livro de Comblin, o leitor brasileiro sente a irresistível tentação de ceticismo, que é uma forma de calmo desespero. Como sair desse calabouço 'a segurança nacional? Aí está a magna tarefa para todos os intelectuais de boa vontade deste país. É preciso suficiente lucidez, para nal" ou "revolução libertária". São necesimediata — do tipo "fórmula constitucioperceber que a solução não é fácil nem sárias muita paciência e grande obstinação para se consagrar à penosa tarefa de suscitar no povo a consciência crítica, única e verdadeira vacina contra as infecções ideológicas. Em uma palavra, impõe-se doravante a *educação popular*, como verdadeira missão nacional.

A salvação não é para amanhã.

Fábio Konder Comparato é professor titular da Faculdade de Direito da USP.

JORNAL DO BRASIL • Não pode ser vendida separadamente Ano 3 — Nº 132

Revista do Domingo

Um número cada vez maior de jovens está freqüentando cursos de iniciação artística, pensando em tornar se astro do palco ou da TV da noite para o dia. O ator Sérgio Brito condena os que estimulam essa fantasia

SER ARTISTA
Um sonho bem explorado

As pessoas que trabalham no que gostam sempre oferecem os melhores serviços. É o que acontece com a gente, aqui na Vasp. Nossa equipe, não importa a função, está fazendo exatamente o que sempre quis, exatamente o que gosta de fazer. E, com isso, quem voa Vasp só pode ficar satisfeito. Porque sabe que está voando com gente que dá muita importância ao que faz. E, mais do que isso, está voando com gente que gosta de verdade do que faz. E, por falar em Vasp, já está voando o mais moderno e confortável jato em vôo no Brasil: o novo Boeing Super 200, exclusivo da Vasp.

VASP

Onde você voa com quem gosta.

Aqui na Vasp, a gente dá muita importância ao que faz. Principalmente porque gosta.

RIO 29-10-78 • ANO 3 — Nº 132

Revista de Domingo
JORNAL DO BRASIL

CAPA
Foto de Evandro Teixeira

IVC
A Revista do Domingo figura no IVC através do Jornal do Brasil. Consulte as "Notas Explanatórias".

DOIS PONTOS

TEATRO NÃO SE APRENDE PELO CORREIO

O prazer de tantos por estar num palco é aproveitado por uns poucos para ensinar como atingir a fascinante carreira de ator. Há uma proliferação de postulantes à carreira e de mercadores prontos a comercializar esse desejo. A crescente procura aos inúmeros cursos de formação teatral que se espalham por aí com a mesma irresponsabilidade com que se abrem e fecham armazéns de secos e molhados é explicada pelo fascínio exercido pela televisão. A pequena tela que envolve os jovens no grande sonho de participar da festa imaginária da popularidade e da fama nada tem a ver com a profissão teatral. A expectativa se restringe aos aspectos externos da atividade, às capas das revistas, ao nome em destaque nos letreiros das novelas, o que é habilmente explorado pelos responsáveis pela maioria dos cursos, que prometem a fama antes do trabalho, que acenam com o fascínio antes da técnica. Mas o teatro está distante dessa imagem idílica, alienante.
Com as restrições que a atividade sofre no país, que variam da censura às pressões econômicas, não se admite que os novos profissionais ingressem no teatro desconhecendo a realidade cultural em que vivem, ignorando a técnica mais rudimentar de voz e corpo, e que estejam enganados sobre as condições em que seu trabalho será exercido. E consciência profissional não se adquire em apostilas, muito menos em aulas de improvisação catártica ou através de atores que, na falta de ocupação, se transfiguram em professores.
Com a regulamentação da profissão de ator — atualmente em processo de tramitação no Congresso — haverá necessidade de documento legal que prove ser o candidato portador de registro profissional concedido por escola oficialmente reconhecida. E no Rio, apenas o Centro de Artes da FEFIERJ pode fornecer diploma oficial. Os outros cursos — todos de caráter complementar — não têm condições de prometer diplomas, todos sem valor legal. Há cursos de alto nível que não procuram enganar os seus alunos, já que anunciam tão-somente formação técnica ou então o aproveitamento em eventuais espetáculos. Maria Clara Machado com seus cursos no Tablado, Sérgio Brito no Teatro do Senai e agora no Teatro dos Quatro, Amir Haddad na Comunidade e, atualmente, em Niterói e a Escola de Teatro Martins Pena são exemplos de cursos que não criam falsas esperanças, que estão fundamentados por uma visão cultural do teatro e avalizados por profissionais com excelentes currículos. Esse grupo de professores sabe que em teatro não se engana, pode-se errar, mas não criar ilusões.
É lamentável constatar que a maioria dos alunos oriundos desses cursos desqualificados se considera capaz de competir no mercado profissional, mas logo percebe que não será tão fácil quanto lhe foi insinuado. Resta àqueles que insistirem a opção de trabalho pessimamente remunerado em produções infantis mambembes ou como insones extras em novelas de televisão. Triste destino para quem desejou as capas das revistas. Ser ator é estar se questionando permanentemente, refazendo a sua carreira a cada nova montagem, aprender com os mais jovens e descobrir as razões por que se está no palco. Fernanda Montenegro, a magnífica atriz e profissional do teatro brasileiro, da solidez de uma prática teatral irrepreensível lembra: "A profissão de ator é uma definitiva opção de vida. O ator, qualquer que seja, acredita nessa opção que fez um dia, e isto sem nenhum romantismo. O artista, como qualquer profissional, tem a sua missão, a de viver o seu tempo da melhor maneira possível."

Macksen Luiz

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S.A.

DOIS ENREDOS

● No domingo, dia 15.10.78, fui à sessão vesperal do Teatro Ginástico para assistir à peça de Chico Buarque de Holanda **A Ópera do Malandro.** Raramente vi um enredo se desenrolar no palco e ser reproduzido com tanta fidelidade na platéia. A desordem entre os espectadores foi total nos primeiros 45 minutos e por duas vezes foi preciso interromper a fala dos atores, pois ninguém se entendia do lado de cá do palco.

Ao contrário da expectativa, o espetáculo começou pontualmente às 17 horas, sem que a direção do teatro levasse em consideração que apenas 60% dos lugares estavam ocupados e que o restante público ainda estava brigando para comprar ingresso. Ora, a entrada de apenas 30-40 pessoas numa sala, de uma só vez, já causa rebuliço, quanto mais no escuro e com o espetáculo iniciado. Foi aí que entrou em ação o **lanterna**. Era idéia dele arrumar o teatro, àquela altura da situação, remanejando os espectadores que estivessem sentados em lugares errados e procurando assento para os demais.

Em vez de agir discretamente, tratando de ajeitar os retardatários da melhor maneira possível até o final do primeiro ato, ele passou a interpelar em voz alta os espectadores sentados e quase a exigir que mostrassem suas identidades para comprovar a **legalidade** de seus lugares. Se isso não bastasse, ainda solicitou a ajuda do segundo **lanterna**. A confusão só terminou quando uma espectadora se recusou a sair do seu lugar, obrigando os atores a suspender o espetáculo e a cerrar as cortinas por cinco minutos, até que tudo se acalmasse.

É triste ver tanta ignorância junta. Nos teatros, em terras civilizadas, os espectadores não podem entrar na sala uma vez iniciado o espetáculo. Aqui, a ganância dos produtores obriga os atores a se apresentarem em dois espetáculos num só dia, cuja duração é de mais de três horas (cada um), ao que se alia a total falta de conhecimento e habilidade dos empregados auxiliares.

A ida a um teatro no Rio de Janeiro está se tornando um assunto grotesco e de mau gosto. Inverte-se inclusive a ordem das coisas, pois os espectadores pontuais são punidos, enquanto os retardatários se acham no direito de exigir lugares que perderam após se apagarem as luzes. **Yvonne Stern — Rio de Janeiro.**

CORRESPONDÊNCIA

● Dirijo-me a esse Jornal para fazer o seguinte pedido: quero trocar selos e postais com jovens brasileiros, como também iniciar uma sincera amizade. **Silvia Beatriz Ufrutia — Saavedra 3768, Olavaeria, Buenos Aires (Argentina).**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo legível e endereço que permita confirmação prévia.

Maria Helena Dutra

Melhorou

● O Jornal Nacional, Rede Globo, melhorou bastante. Principalmente se comparado às suas apresentações durante os anos de 76 e 77 quando o nascimento de porquinhos e o enterro de cachorros faziam parte de seu noticiário internacional e local. Hoje — é impossível deixar de registrar — há muito mais informação e bem menos embromação. Já chegou, inclusive, a anunciar "dentro de um minuto, notícias políticas". E apresentou-as. Algumas até oposicionistas. Um espanto. Mas já é possível assistir a edições perfeitas como aquelas dedicadas às eleições no Vaticano.

Outro destaque para o jornalismo da Rede Globo foi o fato de apenas o canal 4, do Rio de Janeiro, colocar direto no ar a comunicação de Petrônio Portella, presidindo o Colégio Eleitoral brasileiro, de que já tínhamos Presidente. Enquanto as outras emissoras transmitiam desenhos, circo e o **tape** de antiga entrevista, a Globo de imediato nos fez contemplar o momento histórico. E, logo em seguida, a irretocável entrevista com o General Figueiredo querendo fechar o paletó de quem é contra a abertura. Obra-prima. Também apenas ela exibiu direto a primeira bênção, **urbi et orbi**, de João Paulo II. Um desempenho elogiável.

Piorou

● Despertou muitas esperanças e teve, realmente, bons momentos. Mas o **Jornal da Bandeirantes**, TV Guanabara, piorou muito e acabou se perdendo pela pobreza técnica e brigas internas. Estas, em 13 meses, provocaram na redação carioca do informativo o maior rodízio de profissionais que já aconteceu no telejornalismo por aqui.

Um recorde em tudo desabonador às propaladas intenções da emissora de realizar um corajoso noticiário. A última crise, acontecida no final de setembro passado, provocou uma carta de Carlos Alberto Oliveira, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, à direção da TV Bandeirantes do Rio pedindo explicações sobre demissões em massa e férias sem aviso prévio. Até agora o ofício não foi respondido. O mais recente grupo demitido também não mereceu melhor sorte. Afirmam inclusive que "o drama é longo, mas a narrativa breve". São apenas sucessões de demissões, desde os primeiros meses de criação da emissora, em que jamais as causas foram suficientemente explicadas, ou mesmo sequer explicadas. A última foi um verdadeiro vendaval. Do chefe do Departamento de Telejornalismo até a secretaria de redação, passando pelos editores, repórteres e apuradores.

Quando a situação chega a este nível, convenhamos, deixa de pertencer à economia interna da estação para virar notícia. Principalmente se completa um quadro que desde o início foi crítico. O primeiro editor-chefe da parte carioca do telejornalismo da Bandeirantes — Silvio Julio Nassar, prestigiado profissional vindo da Globo — pediu demissão do cargo após seis meses de trabalho. Seus substitutos, Peri Costa e Newton Rodrigues, duraram menos ainda. Ao completar o primeiro mês de trabalho foram demitidos pela direção. Em seguida, 13 profissionais, entre editores, repórteres e cinegrafistas, tiveram o mesmo destino. Em junho deste ano assumiu Julio Hungria, editor-chefe, e várias contratações e remanejamentos foram realizados para tornar o informativo possível.

Menos de três meses depois, tudo se repete. Além de Julio foram despedidos mais quatro profissionais e três foram colocados em férias forçadas. Atualmente, um grupo de São Paulo é interinamente responsável pela esfacelada parte carioca no telejornal da estação. Sem nenhuma audiência, repercussão ou importância.

A BRIGA CONTINUA

DELON OU BELMONDO ?

Em seus novos filmes, Delon enfrentará uma terceira guerra mundial, nuclear, e Belmondo será um tira *quixotesco em luta contra o crime organizado*

Quem é o ator mais popular do cinema francês: Alain Delon ou Jean-Paul Belmondo? A disputa entre eles continua, e agora ambos se preparam para rodar filmes bem diferentes. Belmondo conseguiu belo êxito com *Peur sur la Ville*, sob a direção de Henri Verneuil.

Ele agora se dispõe a representar outro tipo de policial numa película dirigida por Georges Lautner, veterano como Henri Verneuil.

Convertido em inspetor e pai de 16 anos, Belmondo aparecerá como um agente que está a ponto de entrar em combate com moinhos de vento, prendendo bandidos cujas relações lhes permitem sair da cadeia assim que são presos. Lautner, com quem Belmondo trabalha pela primeira vez, não disse se pretende tocar em algum tema real ou atual na França, mas o certo é que seu filme *Flic ou Voyou*, recorda alguns acontecimentos registrados no Sul do país, onde organizações clandestinas aparentadas à Máfia têm suas mais sólidas bases.

O inspetor Belmondo chegará à conclusão de que a única maneira de combater certos intocáveis é empregar a provocação sem escrúpulos. Por enquanto, não se sabe quem contracenará com ele, nem para quando está previsto o início das filmagens.

Por sua vez, Alain Delon, outro eterno galã que tem a particularidade de arriscar-se também financeiramente com a produção de muitos dos seus filmes, acaba de anunciar um novo projeto. O tema é uma terceira guerra mundial, e desta vez nuclear. Como pano de fundo, o amor entre uma mulher e um homem, símbolo de esperança, na sua opinião. Em recentes declarações, Delon mostrou-se um pouco preocupado, dizendo que já não é possível fazer filmes de qualidade, que custam muito dinheiro (falava da situação do cinema na Europa) e que rendem pouco nas bilheterias.

Isso, porém, não impede que financie sua guerra nuclear. E mais, deu a impressão de que não se incomoda de perder dinheiro, desde que possa filmar o que quer ●

PASSAREDO É PARA FICAR.

Terrenos para você morar e investir numa fazenda de verdade sem sair da cidade.

FAZENDA PASSAREDO

*É bom viver num lugar assim, com todo o conforto que sua família se acostumou a encontrar.
Terrenos — grandes terrenos — de 600 a 1.000 m², com toda a infra-estrutura pronta, ruas asfaltadas, meios-fios, luz, galeria de águas pluviais, água potável e telefones, para você construir ou investir.
Passaredo não é apenas um lugar para passar finais de semana, férias ou feriados, mas para morar, para viver.
Em Passaredo, você encontrará um Centro Comunitário, que será entregue totalmente pronto e equipado pelos Incorporadores, com: sede social, em estilo rústico, composta de varandas, salões de festas, de jogos, sinuca, ping-pong e sauna finlandesa; quadras de tênis, basquete, vôlei e futebol de salão; piscinas para adultos e crianças, com deck e bar e churrascaria.
Venha para Passaredo.
Passaredo é para ficar.*

Terrenos totalmente planos e arborizados, de 600 a 1.000 m².

FAZENDA PASSAREDO
Nº 4501
ESTR. DO RIO GRANDE
ESTR. DO TINDIBA
RUA APIACÁS
R. BACURIS
PRAÇA DA TAQUARA
AVENIDA NELSON CARDOSO
CASCADURA
ESTR. RODRIGUES CALDAS
ESTR. DOS BANDEIRANTES
R. ANDRÉ ROCHA
ESTR. DO TINDIBA
FREGUESIA
BARRA
VIA 11

Condições:
60 meses para pagar.
Preço fixo, sem juros.

Sinal:	***84.000,***
Mensalidades:	***5.100,***

Incorporação Urbanização e Construção

ECIA
IRMÃOS ARAUJO
ENGENHARIA, COMERCIO LTDA

Planejamento e Vendas

SERGIO DOURADO
EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

Atendimento no local, Estrada do Rio Grande, 4501 - Jacarepaguá, das 8 às 22 h, inclusive domingos.

Vida de fazenda dentro da cidade.
Jacarepaguá — a 3 minutos da Praça da Taquara.

Associados à ADEMI

VIAGEM AO TOPO DO MUNDO

NOS HIMALAIAS, UM CALEIDOSCÓPIO DE CORES, CHEIROS E SONS

Texto e fotos de
Romualdo R. da S. Pereira

Cá estamos, em vários sentidos, vivendo na plenitude do século XXI, e é exatamente essa a sensação que tenho quando cruzo o Atlântico a bordo do Concorde. Dessa vez, porém, o contraste era infinitamente maior, pois eu sabia que voltava atrás no tempo, pelo menos uns 10 séculos. Voava para a Idade Média, como era, como ainda é, e isso hoje. Após a conexão seguinte, em Paris, e mais 12 horas de vôo, chegaria a um ponto onde a civilização parou, e parou para ficar — os montes Himalaias.

O vale de Kathmandu, no platô nepalês, que antecede os contrafortes dos Himalaias, permaneceu isolado do mundo até 1950, por sua posição geográfica e por contingências políticas. Apesar do turismo, ainda apresenta, em várias cidades (Kathmandu é apenas a maior delas), antigas Capitais de antigos reinados, características inteiramente autênticas e únicas.

Andando pela parte antiga de Kathmandu, entrei por acaso no pátio de um pequeno palácio, de aparência muito antiga. Os tijolos da fachada eram um arco-íris de cores absorvidas de mil chuvas, poeiras e musgos, com aquela pátina de antiguidade. Na janela do segundo andar, vi uma menina incrivelmente bonita, olhos maquilados de negro e rosto pintado de cores vivas, como uma boneca. Jóias, pedrarias, colares, penteado, tudo falava mais de um sonho que de uma realidade.

Apontei instintivamente a teleobjetiva, a menina deu um grito, abriu-se uma porta no pátio e apareceu uma espécie de guarda, aos berros, dizendo em péssimo inglês que era proibido fazer fotos. Eu tinha entrado, sem o saber, no monastério onde mora a Kumali, a deusa viva. Aquela menina vive uma existência fantástica.

A deusa viva é escolhida entre crianças de quatro a cinco anos, de origem muito humilde, camponesa ou filha de ferreiros. Além de beleza, deve ter um corpo imaculado. Se o horóscopo for favorável, submetem-na a uma prova de coragem. Ela deve ficar trancada num quarto escuro, sem chorar, cercada de cabeças de búfalos recém-decepadas. Se a garota é aceita pelos sacerdotes, deixa a casa de seus pais e o mundo dos humanos para se tornar a representação viva da deusa Kali. Vai morar no monastério, onde a reverenciam como uma divindade. Não caminha — é carregada.

A menina não pode mais falar, todos têm de se calar em sua presença. Ela aprende gestos de princesa. As roupas luxuosas e as jóias são trocadas todos os dias. Carregam-na em triunfo, num carro aberto, em todas as procissões. Chegada a puberdade, com a primeira gota de sangue, a primeira mácula — no dizer dos religiosos — perde a divindade. A ex-Kumali é devolvida à família, e os sacerdotes iniciam a busca de outra.

E triste é a volta da ex-princesa a uma família humilde, onde mal há o que comer. Essa criança estragada

O Everest, branco-azulado, sempre fumegando, cenário místico do Sadhou, um dos loucos de Deus, asceta mendicante em busca da purificação

Cena de rua, em Kathmandu. O corante vermelho é usado como sinal de reverência na religião hinduísta

Os homens sagrados, ascetas, característicos da profunda religiosidade do Nepal, mosaico de etnias composto de 12 raças que falam 34 idiomas

pelas pompas e luxos, que mal sabe andar, morrerá na pobreza e na solidão. Na solidão dos celibatários, pois a ex-Kumali provavelmente ficará para sempre virgem — nenhum homem terá a coragem de se candidatar, pois a tradição afirma que ele morrerá um mês após a primeira união com ela.

O Nepal apresenta hoje características de incrível individualidade, pois fica quase inteiramente encerrado entre os montes Himalaias, a mais alta cadeia de montanhas da Terra. Nenhuma outra tem picos com mais de 7 mil metros de altura. Nos Himalaias há mais de 100. Destes, 14 ultrapassam os 8 mil metros. Oito dos mais elevados estão dentro do Nepal.

Do ponto-de-vista geológico, os Himalaias são a cadeia de montanhas mais jovem do mundo, muito mais recente que os Andes ou os Alpes. São tão recentes, na verdade, que ainda estão em formação. O Everest cresce a uma média anual de 7,5 a 1C cm, o que significa um metro a cada 10 anos. Até pouco tempo atrás, sua altura, medida pelos ingleses no século passado, era de 8 mil 500 m acima do nível do mar. Pesquisas recentes indicaram que sua altura oficial, hoje, é de 8 mil 840m. Dentro de 20 anos, no final da década de 90, essa altura será provavelmente corrigida para 8 mil 850m.

O nome ocidental Everest foi dado pelos oficiais ingleses da Trigonometrical Survey, em 1849, chefiada por Sir John Everest. Os picos eram designados por números romanos. O Everest era o XV, e quando se constatou ser o mais alto do mundo foi batizado com o nome do chefe da expedição. O segundo pico mais alto do mundo, com 8 mil 611m, fica em Karakorun, perto de Kashmir, na Índia, e ainda tem o número críptico de K2, designação provisória dada pela expedição inglesa de Montgomery, em 1857. O nome tibetano do Everest, Chomolongma, significa "deusa mãe do país". A conotação é mística, assim como os de todos os Himalaias, que têm interpretações de fundo religioso para os habitantes da região, os sherpas, de origem tibetana.

Partindo-se de Kathmandu, chega-se à cadeia do Everest de duas formas — quatro semanas de caminhada ou cerca de 45 minutos de avião. Eu optei pela segunda e aluguei um monomotor turboélice tipo Stol (*short take off or landing* — curta decolagem ou aterrissagem) para descer numa faixa de terra diminuta, situada na vertente de um dos contrafortes do Everest, a 4 mil 700m, num local chamado Mingbo.

Após meia hora de vôo, já sobrevoávamos, a 5 mil 500m, o Solo-Khumbu. A aterrissagem foi rápida, e o avião não chegou a correr 200m antes de deter-se. Ao saltar, o que me causou o primeiro impacto foi a luminosidade da atmosfera. Embora estivéssemos a tal altura, a pouquíssima distância elevavam-se o Taboche (6 mil 357m) e o Ama-Dablan (6 mil 856m). Após uma boa caminhada, já avistávamos o Everest, emoldurado pelo Nupse (7 mil 879m) e o Lhotse (8 mil 501m).

Os carregadores sherpas ocupavam-se de toda a bagagem, e para

facilitar as coisas aluguei um *yak*, espécie de búfalo tibetano, para transportar minha mulher. O espetáculo transcende qualquer tentativa de descrição com palavras. À noite, a temperatura caiu para 15 graus abaixo de zero. Em volta do fogo, tentávamos criar um pouco de calor, e começaram as tradicionais histórias sobre o *Yeti*, o abominável homem das neves, figura lendária do folclore sherpa. Eles acreditam realmente nesse ser mitológico, apesar de nenhum poder afirmar tê-lo encontrado. São sempre casos do tipo "a sobrinha de meu vizinho, há muitos anos. . ."

A hora do dia em que o Everest aparece mais bonito é ao alvorecer. O cenário em torno ainda está bastante escuro, quase noite, devido à ausência de luz refletida, pois o ar muito rarefeito e puro não tem luminosidade, por estar envolto nas sombras das montanhas. O topo do Everest começa a incendiar-se aos poucos, sob o impacto direto dos raios solares. A cor é a princípio rosa-escuro, e gradualmente vai passando para o amarelo-claro, até assumir afinal um branco-azulado.

Do topo, eleva-se uma formação de nebulosidade que parece fumaça branca saindo de uma chaminé. Este fenômeno, nesta região, só ocorre no Everest, como coroando a mais alta das montanhas. É causado pela condensação de correntes de ar que se chocam com a face da montanha e são desviadas para a região atmosférica ao nível do topo, onde a temperatura é de menos 30 graus centígrados. O Everest parece estar sempre fumegando.

Visitei a aldeia chamada Namche-Bazar, a mais importante da região sherpa. Fica na beira de um precipício, na meia-encosta de uma montanha. É difícil acreditar que o povo possa criar uma civilização própria habitando em condições tão rudes. Temperaturas extremas, total isolamento, praticamente nenhum solo arável. Eles sempre viveram da troca do *solo* comprado no Tibet e transportado em caravanas, em lombo de *yak*, para os vales inferiores, onde o trocam por víveres. Mas, hoje, a principal fonte de renda desse povo é o auxílio prestado às expedições de alpinistas que convergem para aqui do mundo inteiro. Os sherpas transportam cargas enormes nas costas, a maioria das vezes descalços, e quase não recorrem ao oxigênio em garrafas para chegar a alturas elevadas (de até 8 mil metros).

Encontrei a expedição austríaca de Reinhold Messener e Peter Habeler, que tentavam conquistar o Everest sem o auxílio de oxigênio engarrafado, o que finalmente conseguiram em maio. Infelizmente, não levaram nenhum guia sherpa na arremetida final, ao contrário de Sir Edmund Hillary, que conquistou pela primeira vez o pico junto com o sherpa Tenzing, em maio de 1953.

Conversei com vários sherpas sobre a falta de oxigênio acima de 8 mil metros, e a opinião generalizada é de que qualquer guia sherpa poderia facilmente atingir o cume sem recorrer às garrafas, desde que houvesse uma aclimatação gradual em acampamen-

tos, a partir dos 7 mil metros. A expedição austríaca confirmou esta opinião.

A volta a Kathmandu ainda nos reservava algumas emoções. Na manhã em que o avião devia chegar, as condições atmosféricas tornaram-se ruins, com muito vento e nuvens, o que nos fez ficar cinco horas esperando pela aterrissagem do *Pilatus*, que afinal chegou ao meio-dia. Se não chegasse, a alternativa seria duas semanas de caminhada (montanha abaixo é mais rápido, naturalmente).

Da paisagem ártica dos Himalaias para o vale de Kathmandu, a mudança é radical. Outra vez contato com o verde, temperatura amena, sol bonito, ar respirável. A atmosfera rarefeita nas alturas acabou por prejudicar um pouco minha saúde, de modo que resolvi descansar um pouco em Kathmandu antes de prosseguir para a cadeia do Annapurna.

Clóvis Corrêa de Souza, um amigo brasileiro que morou muitos anos em Darjeeling, praticando ioga e estudando a sabedoria oriental, tinha-me dado o endereço de alguns sábios tibetanos que viviam no Nepal. Esses homens, herdeiros das tradições e culturas tântricas, praticam as formas mais avançadas e sutis de meditação, também conhecidas como Raja-Yoga. Em Bodnath, pequena aldeia a cerca de meia hora de Kathmandu, num monastério tibetano, encontrei homens de incrível saber e bondade.

Pema Wangyal Rimpochê e Khentse Rimpochê impressionaram-me pela paz de espírito que transmitem, juntamente como uma enorme energia vital. Foram horas maravilhosas, que confirmaram tudo que eu já tinha lido sobre o conhecimento e a bondade desses sábios, que dedicam a vida a estudar e a desenvolver a mente. São pessoas que, através do estudo e da meditação, desenvolvem uma técnica de colocação mental, digamos de *polarização* das energias da mente, bem como a prática de uma norma de aceitação e gozo dos mínimos detalhes que a vida nos oferece. Dessa maneira, atingem um nível de felicidade e realização pessoal que seria impossível de alcançar pelos métodos existenciais do Ocidente.

Passar uma temporada no vale de Kathmandu é como viver dentro de uma caixa de surpresas, cada dia um novo espetáculo. Como por exemplo o do pequeno guia, um menino de 10 anos, que nos propôs mostrar a cidade de Patan. Depois de passarmos todo o dia andando por entre templos budistas, palácios em ruínas, pagodes antigos, o menino contando, ou talvez inventando, a história de cada monumento, num inglês arrevesado, mas cheio de encanto e sorrisos, chegou a hora das despedidas e também do pagamento. Ao receber as cinco rúpias, o garoto pediu que esperássemos um pouco e saiu correndo. Voltou pouco tempo depois com um pequeno anel de presente para minha mulher.

Já no carro, pedimos ao motorista que parasse numa barraca que vendia jóias, e perguntei quanto custava aquele anel. A resposta, cinco rúpias, traduz melhor que um livro a maravilhosa mentalidade desse povo. Ou então as bandeirolas com orações impressas, que eles penduram em mastros de bambu ao lado dos templos budistas. Perguntei o significado de tantas orações ao vento, e um jovem budista respondeu que, no dia em que a última gota de chuva tiver dissolvido a última gota de tinta em que a oração foi escrita, a humanidade estará mais próxima da "iluminação".

Pokhara, a segunda cidade do Nepal em importância, só tem uma rua (embora essa rua tenha mais de cinco quilômetros). Fica a menos de uma hora de avião de Kathmandu, num planalto a 800m do nível do mar. Em frente a ela, a cerca de 20 km em linha reta, está a cadeia de Annapurna, com seus picos de mais de 8 mil metros. O contraste é violento, talvez único no mundo. De um lado, uma aldeia tropical, com bananeiras, coqueiros, laranjeiras, e, a poucos quilômetros, uma imensa parede de mais de 7 mil metros coberta de gelo eterno.

A montagem de nossa mini-caravana foi rápida — apenas três cavalos e um guia sherpa. Deixamos Pokhara ao nascer do Sol, seguindo a antiqüíssima trilha das caravanas, que atravessa o Nepal, vinda do Tibet, em direção à Índia. O movimento era intenso, caravanas de *yaks* transportando sal do platô tibetano e do reino de Mustang. Outras caravanas de jumentos conduziam cereais e mantimentos diversos para os altiplanos do Norte.

O clima e a paisagem, bem tropicais, eram de Sol fortíssimo. A trilha de caravanas subia gargantas bastante elevadas para depois descer mais de 1 mil metros e seguir ao lado de riachos no fundo dos vales. Ao subir, tínhamos de desmontar e seguir a pé, para não forçar os cavalos. Após um dia de marcha, chegamos a Naudanda, no topo de uma pequena montanha e em frente ao Machapuchare, a montanha mais imponente que já vi, um pouco parecida, na forma, ao Matterhorn, na Suíça, porém 3 mil metros mais alta e infinitamente mais imponente.

Minha intenção inicial era seguir pelo leito do rio Kali Gandaki, que corre entre o Annapurna e o Dhaulagiri (8 mil 167 m), formando um *canyon* muito mais profundo que o Grand Canyon no Colorado, até atingir o reino de Mustang, já no planalto tibetano. Infelizmente, esse caminho estava fechado, devido a problemas na fronteira com o Tibet, controlada por soldados da China Popular.

Retornamos a Pokhara, margeando o lago de Phewa Tal, imponente, de água cristalina refletindo o grandioso círculo de montanhas da cadeia do Annapurna. Poucos ocidentais visitaram o reino de Mustang, politicamente pertencente ao território do Nepal, mas geograficamente encravado no Tibet. O Governo central de Kathmandu garante autonomia ao Mustang, reconhecendo o poder do rei e proibindo apenas que ele exerça atividades políticas fora de suas fronteiras. No futuro próximo, com mais tempo para preparar um *amaciamento* diplomático do Governo de Kathmandu, pretendo ir a Mustang (são 15 dias de caminhada, o único acesso possível), onde há verdadeiros tesouros da cultura tibetana e do budismo tântrico, ainda inteiramente preservados por um total isolamento em relação ao resto do mundo.

A despedida de Kathmandu foi melancólica. Ofereci um jantar aos amigos que nos tinham cativado. A surpresa foi a vinda de Pema Ripomchê, que abandonou por algumas horas o imenso monastério tibetano, onde é alto dignitário, para dar até logo aos novos amigos, de uma amizade que já se havia tornado eterna. Qual a imagem final dessa aglomeração de diferentes culturas, verdadeiro mosaico de etnias, composta de 12 raças, que falam 34 idiomas ou dialetos diferentes?

Para mim, se se pudesse definir com palavras uma única impressão final, eu diria que é algo como um gigantesco caleidoscópio de cores, cheiros, sons, todos jogando ao mesmo tempo com milhões de variações, harmonizando-se para criar uma sensação pulsante de vida. ●

Vendedores de tankas, *antigas pinturas tibetanas, em Durbar*

Janela do quarto onde mora a deusa viva *Kumali, menina virgem. Ao lado, Durbar, a praça principal de Kathmandu, a maior cidade do misterioso Nepal*

Pashupatinath, silenciosa, sóbria, cidade sagrada onde se cremam os mortos, e a entrada de cores exuberantes do antigo palácio de Hanuman Dhoka

Ilustres budistas — o sorridente Pena Wangyal Rimpochê e o filósofo Khentse Rimpochê, um gigante de 2.20m de altura, o maior dignitário do monastério de Bodnath

Cilêa Gropillo
Foto de Gabriel Carvalho

UM JANTAR DAS ARÁBIAS

Um almoço ou jantar árabe nunca tem hora de começar e muito menos de terminar. O certo é colocar todos os pratos de uma só vez na mesa e deixar que cada convidado se sirva à vontade, passando de um prato para outro, voltando ao primeiro, mastigando umas amêndoas salgadas ou sementes de girassol entre a salada e a carne, temperando os pratos salgados com *filfol* (pimenta árabe) e *zata* que dão um saborzinho muito especial à comida.

Convidado para uma reunião em casa de árabes, ninguém deve estranhar a falta de pressa em retirar a mesa para servir o cafezinho, que isso não é hábito comum ao povo. A conversa vai se estender por horas a fio, sempre em volta da mesa, sem nenhuma seqüência para servir os diferentes pratos. Conversa puxa conversa, o papo pode começar de manhã e só terminar à noite, com todos sentados em macios almofadões enquanto o *narguilé* (espécie de cachimbo comunitário) passa de boca em boca. Alguém pode começar uma dança dolente ao som de alaúde, mas isso vai depender muito do tipo de festa e da disposição dos convidados.

Fazer tudo como manda o figurino árabe é bastante interessante mas pode ser cansativo, por exemplo, ficar por muito tempo recostado em almofadas. Nesse caso, é bom que se saiba que agora os tempos são outros e não será nada feio preterir a almofada por uma cadeira tradicional ou pedir talheres para comer, deixando para os nativos e os aficionados pela tradição o uso das mãos para levar a comida à boca.

Malvina Hauch, autora do livro *Delícia da Comida Árabe*, Editora Cátedra, foi criada no meio de todas essas tradições. A mãe libanesa ensinou-lhe a cozinhar com receitas que recebera da avó. Malvina se aperfeiçoou, superou a mãe e passou a ser reconhecida pelos amigos como uma das perpetuadoras da cozinha árabe. Sua mesa era e é disputada por muitos e, para que suas delícias não se percam em folhas amarelecidas de cadernos, Malvina resolveu lançar um livro que será ao mesmo tempo uma herança de tradição para os filhos e um guia para aqueles que desejam se aventurar pela milenar e saborosa cozinha árabe.

Produção de Sheila Santos
Objetos de Darlan Antiguidades
(R. Toneleros, 244).

AUAMET (DOCE)

Massa: Duas xícaras (chá) de leite frio, duas xícaras (chá) de água morna, quatro xícaras de farinha de trigo peneirada, dois tabletes de fermento fresco e uma pitada de sal.

Ponha a farinha numa tigela com sal. Junte o leite. Desmanche o fermento na água morna e junte a farinha de trigo aos poucos. Bata bem. A massa deve ficar como a massa de panquecas, ligeiramente grossa e lisa, abrindo em bolhas. Deixe descansar em prato coberto por três horas, dentro do forno frio. A massa cresce um pouco. A seguir despeje óleo numa panela e deixe esquentar bem. Com uma colher vá pingando pequenas porções de massa no óleo quente, até formar bolinhas coradinhas. Retire as bolinhas da panela e coloque em uma tigela funda. Na hora de servir jogue a calda quente sobre as bolinhas, já no prato que vai para a mesa.

Calda: Três copos de açúcar, dois copos de água, uma colher (sopa) de água de flor de laranjeira, caldo de um limão.

Leve ao fogo o açúcar e a água. Deixe ferver até engrossar e ficar em ponto de fio. Acrescente o limão e a água de flor de laranjeira. Sirva em seguida.

EMJADRA (ARROZ COM LENTILHA)

Dois copos de lentilha, uma cebola grande, um copo e meio de arroz, uma xícara (café) de óleo, uma colher (chá) de sal.

Lave a lentilha e ponha para cozinhar em um litro de água. Quando estiver cozida, acrescente o arroz lavado. Refogue com a cebola picada e o sal. Assim que levantar fervura, baixe o fogo para que o arroz cozinhe e fique soltinho.

À parte toste uma cebola cortada em rodelas e enfeite a travessa com ela. Sirva fria com salada árabe ou coalhada.

HOMUS BI TAHINE (GRÃO-DE-BICO COM MOLHO DE GERGELIM)

Um copo de grão-de-bico, três colheres (sopa) de molho de gergelim, dois dentes de alho socado, caldo de dois limões, cheiro verde e cebolinha.

Coloque o grão-de-bico de molho na véspera. No dia seguinte leve ao fogo até amolecer. Separe uma xícara de café do grão inteiro para enfeitar o prato. Bata o grão-de-bico, o molho, o alho e o limão no liquidificador, até ficar cremoso. Se ficar muito grosso acrescente um pouco de água.

Despeje em uma travessa de louça e enfeite com os grãos que ficaram reservados e mais o cheiro verde e a cebola picada. Regue com azeite e sirva com pão árabe.

LABINE (COALHADA)

Ferva o leite (um, dois ou três litros) e deixe amornar. Acrescente uma xícara (café) do fermento base para coalhada. Misture e bata bem. Ponha em uma vasilha de louça ou alumínio. Tampe e deixe de lado por seis ou oito horas (o forno apagado e frio é um lugar ideal). Depois desse tempo a coalhada estará dura e poderá ser comida com sal ou açúcar, ou ainda ser saboreada como coalhada *seca*. A coalhada seca é feita colocando-se a coalhada já pronta dentro de um saco de morim fino, já temperada com sal. O saco deve ser colocado pendurado para escorrer todo o líquido. Depois de quatro ou cinco horas retire a coalhada do saco, acrescente azeite e coma com pão, como sanduíche.

QUIBE NEIE (QUIBE CRU)

Um quilo de alcatra, chã ou patinho, uma colher (café) de sal, meia colher (café) de pimenta, meia colher (café) de canela, uma cebola pequena, um punhado de hortelã, dois copos bem cheios de trigo fino.

Limpe a carne, retirando os nervos e a gordura. Passe na máquina de moer carne com a cebola e a hortelã, usando a peça fina. Lave o trigo e coloque de molho por 15 minutos. Esprema bem antes de misturar com a carne, o sal, a pimenta e a canela. Torne a passar na máquina mais duas vezes.

Coloque a massa numa travessa e enfeite com hortelã e cebola crua. Sirva com o seguinte picadinho: 200 g de carne moída, uma cebola pequena picada, uma pitada de sal, pimenta e canela e duas colheres (sopa) de óleo ou manteiga. Refogue tudo e ponha por cima do quibe cru. Coloque também alguns pinhões cozidos. Come-se com pão árabe. ●

Alice no País de Lewis Carrol

Numa tarde de verão na Inglaterra, passeando de barco num rio, um obscuro professor de Matemática contou uma maravilhosa história a uma menininha.

Célia Haddon

Há 100 anos, um grupo de damas e cavalheiros vitorianos, hóspedes num castelo na ilha de Skye, partiu em visita a Quirang, um belo local famoso por suas formas rochosas. O grupo viajou de carruagem e lancha a vapor, e pelo menos uma das damas levou consigo seu caderno de desenho. Essa inocente excursão ficou esquecida até três anos atrás, quando um modesto livro de lembranças apareceu numa casa de Gloucestershire. No livro, havia um diário manuscrito de umas férias familiares em Skye. A autora, que ilustrara suas anotações com desenhos a bico-de-pena, era uma certa Srta Liddell — mais conhecida hoje como Alice, a heroína original de *Alice no País das Maravilhas*.

Alice Pleasance Liddell era uma das cinco filhas do deão do Christ Church, um dos mais grã-finos colégios de Oxford. Ela tornou-se uma moça culta e encantadora, mas sua importância está na amizade de infância que fez com um obscuro professor de matemática chamado Charles Lutewidge Dodgson. Num dia de verão de 1862, Dodgson e um amigo levaram Alice, então com 10 anos, e duas irmãs num passeio de barco pelo rio Godstowe acima. Enquanto passeavam, Dodgson contou uma história. "Numa desesperada tentativa de descobrir uma nova linha de histórias de fada", fez sua heroína (que tinha o nome da garotinha no barco) "descer por uma toca de coelho, sem a mínima idéia do que ia acontecer depois".

Alice casou-se com um fidalgo do campo, teve três filhos, dois dos quais morreram na Primeira Guerra Mundial, e aos 80 anos visitou a América

Ao voltarem para o Christ Church, Alice perguntou: "Oh, *Mr* Dodgson, eu gostaria que o Sr escrevesse as aventuras de Alice para mim". Graças à sua sugestão, ele o fez, e publicou-as depois como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll — talvez o mais famoso livro infantil do mundo. Embora os estudiosos tenham explorado a vida de Lewis Carroll exaustivamente, pouca atenção se deu à sua heroína. Alice e Dodgson separaram-se depois daquele

Um raro retrato de Alice, aos sete anos, caracterizada como uma pequena mendiga. Ela também foi fotografada por Lewis Carroll, então professor

passeio de barco numa tarde de verão. Certa vez ele a encontrou na quadra do colégio e informou que ela "mudara bastante, e dificilmente para melhor". Aos 13 anos, Alice Liddell tornava-se mocinha, e o Rev. Charles Dodgson preferia menininhas.

Mas havia também outros motivos — que ficam claros no diário agora vindo à luz. Os Liddell estavam mais alto, na escala social, do que Dodgson. O Deão Liddell era sobrinho de Lorde Ravensworth e capelão do Príncipe Albert. Suas filhas (como mostra o diário) tinham sido educadas com muita consciência de classe. Talvez devido a isto, o relacionamento com Dodgson não era particularmente acentuado. A neta de Alice, Mary St. Clair, embora soubesse da ligação quando criança, não sabia exatamente que anotações a família poderia ter. "Quando meu pai morreu, em 1955" — ela escreveu — "eu na verdade não sabia muita coisa. Alguns negociantes apareceram e compraram um bocado de coisas. Mas eu guardei as caixas com as cartas da família".

Só há três anos, porém, Mary St Clair, aos 46 anos, mulher de um fazendeiro de Gloucestershire, começou a arrumar e examinar as cartas. Não havia nenhuma de Dodgson para a menina Alice. (Uma das versões diz que a mãe de Alice, a Sra Liddell, desaprovava o professor e não deixou a filha guardar as cartas.) Mas lá estava o encantador diário das férias da família Liddell em Skye. Alice Liddell tinha 26 anos quando ilustrou e escreveu o diário. (O Deão Liddell, a Sra Liddell e a irmã Rhoda ocasionalmente ajudaram.) Não há referências ao Sr. Dodgson, pois Alice e ele não mantinham contato em 1878.

O diário começa a 2 de setembro, na ilha de Wight, de onde a família Liddell está para iniciar sua viagem à Escócia. "À espera do almoço às 12h15m" — são as palavras de abertura. "Enquanto isso, despedimo-nos de Suas Majestades da Dinamarca e da Princesa Thyra, por cima dos arbustos do jardim". Aos 26 anos, Alice aprendera a tratar com familiaridade a realeza. Isso fora previsto pelo inteligente Dodgson. "Ouvindo um barulho de muitos passos, Alice voltou-se, ávida por ver a Rainha".

Em *Alice no País do Espelho*, Humpty Dumpty se gaba. "Dê uma

BÚZIOS, PORTO BELLO.

FVF

ESTE É O SEU LUGAR.

Búzios, hoje com infra-estrutura dos tempos modernos e estrada de acesso em fase de pavimentação, aproxima o lazer de você.

PORTO BELLO, numa das praias mais cobiçadas da região, MANGUINHOS, está pronto e ao seu alcance com terrenos de 600 m² a partir de Cr$ 216.000,00 em 36 meses sem rajuste.

Propriedade
MARINO / SCORPIOS

Vendas
Terral

No Rio - Av. Graça Aranha 145, grupo 408 - Tels.: 242-1559 e 242-9329.
Em Búzios - Estr. da Armação, Manguinhos - Tel.: 809
Corretores no local

VITRINE NITERÓI

tel.: 710-3770 - Niterói, ou (PBX) 243-0862 - Rio.

Poitiers
PARA HOMENS
COM "STATUS"
Rua Almirante Tefé, 594 L/5
Tel.: 719-4095
NITERÓI

UM ACONTECIMENTO NA MODA FEMININA
Rua Alm. Teffé, 594-lj. 2; tel.: 718-8027. Niterói.

Belvest
ROUPAS
A LOJA DOS HOMENS CLASSE "A"

O homem começa na roupa, na elegância, no charme com que ele se veste.
MODELOS EXCLUSIVOS
Rua Cel. Gomes Machado, 67, tel.: 719-6146 - Niterói

Gustave Vanden Eynde
PINTURAS E RETRATOS
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
das 9 às 20 h.
Rua Lopes Trovão, 134 - loja 110 - Edifício Center V.

Lempert
MODAS
A Moda em Forma
Artigos para jovens e senhoras, inclusive grande variedade em lingerie e artigos de ginástica e ballet. Tamanhos 40 a 46 e também 48 a 54.
Centro: R. Visc. de Uruguai, 376 - tel.: 722-7146.
Icaraí: R. Cel. Moreira César, 150 lj. 101
Galeria Serra Dourada.

Chez Gigi
BOUTIQUE
MULHER DE VERÃO
Modelos exclusivos para jovens ou senhoras sempre jovens.
Rua Cel. Moreira Cesar, 150 — loja 112 — Galeria Serra Dourada. Icaraí.

MODA JOVEM FEMININA
Greenwich Village
Boutique
Greenwich Village
Rua Moreira Cesar, 150 - Loja 102
GALERIA SERRA DOURADA - ICARAÍ

RAPHAELA
presentes
Artigos de presentes nacionais e importados: cerâmicas, porcelanas, prataria, cristais, objetos de adorno e listas de noivas,
R. Coronel Moreira César, 211-lj. 133,
Galeria do Cinema 1 - Icaraí.

Scuba
DIVERS
BOA VIAGEM AO FUNDO DO MAR
★Exclusividade nos equipamentos nacionais e importados.
★Equipamentos náuticos, caça submarina e artigos de pesca.
★Laser e hobie-cat.
★Manutenção em geral.
R. Cel. Moreira César, 165 — lj. 115
Galeria Sainte Etiènne. Icaraí.

marrakesh
MODA FEMININA
CRÉDITO IMEDIATO
4 vezes, sem juros
RUA GAVIÃO PEIXOTO, 71 - LOJA 4
ICARAI - NITEROI

VITRINE RIO

Informações sobre esta seção: 243-0862.

MÓVEIS
TIPO AUSTRÍACO
Rua Haddock Lobo, 73 e 104
Tels.: 248-2528 e 284-8197

ARMÁRIOS PERSONALIZADOS
MODULADOS EMBUTIDOS
Portas maciças. Venezianas em treliça.

CAMISARIA NOVO MUNDO
Artigos masculinos em todos os tamanhos. Completa seção de cama, mesa e banho. Av. Passos, 83/89 - Tels.: 224-7369 e 221-6723.

CHILDREN'S SHOP
Especializada em enxovais p/ recém-nascidos e roupas de batizado. Moda infantil. Presentes e Decoração p/ crianças. Lgo. do Machado, 29 lj. 20; tel.: 285-4369.

PLANTA VIVA — plantas e objetos decorativos. Rua Visc. de Pirajá, 330 — loja 203.

VERÃO
BILLI-BALLO

BILLI BALLO - Atacado: Av. Copacabana, 647 - s/lj. 202.
Varejo: R. Visc. de Pirajá, 476 B. Av. Copacabana, 647 - s/lj. 202. Av. Copacabana, 680, S S-F.

Estrefossimbolia

Um problema de aprendizado quase nunca diagnosticado

● *Se uma criança, ou adolescente, tem problemas de aprendizado, isto não significa, necessariamente, que sofra algum tipo de retardamento ou não se sinta suficientemente motivado para os estudos. Pode simplesmente sofrer de um mal pouco conhecido, mas responsável por muitos julgamentos errados da capacidade de aprender do estudante — a estrefossimbolia. Dois médicos da Bahia explicam o que é a perturbação, como identificá-la e tratá-la.*

Estrefossimbolia, ou dominância cerebral mista, é uma desordem encontrada de vez em quando em crianças que têm dificuldade de aprendizagem escolar. O defeito básico é a falta de dominância de um hemisfério cerebral sobre outro. Estas crianças tendem a perceber e escrever letras, palavras e frases como se fossem refletidas num espelho — assim os médicos A. H. Chapman e Djalma Vieira da Silva, do Hospital Afrânio Peixoto, em Vitória da Conquista, Bahia, iniciam seu artigo sobre essa pouco conhecida perturbação, no *Jornal Brasileiro de Medicina*. O Dr Chapman é consultor técnico do hospital e professor visitante da Fundação de Saúde Mental de Kansas City, Missouri, Estados Unidos. O Dr Vieira da Silva é diretor de Serviços Clínicos do Hospital Afrânio Peixoto.

Eles explicam que, num ambulatório dedicado exclusivamente a problemas psiquiátricos de crianças e adolescentes, 2% dos clientes apresentam estrefossimbolia. Segundo eles, os testes para o diagnóstico são muito simples quando a perturbação é marcante. Quando os sintomas são leves, no entanto, é preciso observar a criança quando ela está lendo, escrevendo ou soletrando em voz alta, desenhando, chutando ou atirando uma bola. O estrefossimbólico pode, por exemplo, usar colher e garfo com a mão direita, mas escrever e desenhar com a esquerda. Às vezes apresenta a mesma variação nos pés e nos olhos. Talvez chute uma bola com o pé direito, mas empurre brinquedos na calçaca com o esquerdo. Olha no microscópio com o olho esquerdo, mas usa o direito para olhar num caleidoscópio.

O estrefossimbólico tem dificuldade para distingüir entre as letras *b* e *d*, e *p* e *q*. Quando lê ou escreve, troca essas letras de maneira inconsciente e desorganizada. Tende, também, a inverter palavras curtas, dizendo, por exemplo, *ale* em vez de *ela* e *ue* em vez de *eu*. Geralmente o pediatra ou clínico geral pode fazer diagnose usando três testes simples. No primeiro deles, o médico coloca um espelho na mão da criança, segurando um livro de forma a que as páginas sejam refletidas. O estrefossimbólico poderá ler facilmente o material no espelho. No segundo, coloca uma folha de papel carbono na mesa, com o lado carbonado para cima, e sobre ela outra folha de papel em branco. Escreve três ou quatro frases no papel branco, fazendo com que se imprimam invertidas no verso. Também, no caso, um estrefossimbólico poderá ler mais facilmente do que uma criança normal.

O terceiro teste destina-se às crianças que não sabem ler. O médico coloca em frente à criança uma folha de papel com desenhos simples — um pássaro, uma casa e uma pessoa de perfil, por exemplo. Instrui em seguida a criança para copiar os desenhos em outra folha de papel. Os estrefossimbólicos terão tendência a invertê-los.

O tratamento da estrefossimbolia exige professores especialmente treinados para trabalhar com as crianças. Com um ano de instrução especial, a maioria poderá voltar às aulas comuns na escola.

boa olhada em mim. Eu sou alguém que falou com um rei, sim, senhora". Os nomes sucedem-se a torto e a direito no diário da família Liddell. Da ilha de Wight, chegam a Londres, de vapor e trem. "Jantamos no King's Cross Hotel e partimos num vagão bondosamente encomendado para nós por Lord Colville, às 8h30m, no Expresso Escocês, em direção a Inverness". A viagem de Cowes a Dunvegan durou três dias inteiros e estava de acordo com uma rica família vitoriana.

De Inverness, a família tomou o vapor para Portree, em Skye. O único hotel estava lotado, devido aos jogos locais. Havia "uma multidão um tanto alarmante... em redor da porta da frente". Os Liddell seguiram para o castelo de Dunvegan, onde se hospedaram com amigos. No todo, iam ser umas férias cheias de aventuras. Os Liddell tinham um interesse especial pela Escócia, pois a irmã mais velha de Alice, Lorina, casara-se com um escocês e morava num lugar chamado Pitlour. Na verdade, a última anotação do diário, a 20 de setembro, registra um jantar ali.

Faziam-se excursões a partir do palácio sempre que o tempo permitia; mas a viagem para Quirang é que foi o ponto alto. Quando nada, houve um "incidente cômico" a caminho. Alice dedica algum espaço a isto. "O Sr Rory McLeod caminhava pela extensa Grishinish Hill e contava histórias às senhoras na carruagem, quando descobriu de repente que sua caixa de fósforos se inflamara no bolso e percebeu que sua perna estava ficando desagradavelmente quente. . . Tirou a roupa, jogou-a no chão e começou a dançar em cima dela como um lunático".

Pouco depois, há uma mostra de confidência vitoriana. "As senhoras aproveitaram essa oportunidade para entrar num exemplar de *cottage* de Highland e encontraram uma velha, galinhas, gatos e cães (geralmente uma vaca faz parte da criação) vivendo num quartinho com chão de terra batida, uma janelinha de cerca de 30cm quadrados e a fogueira no meio, com a fumaça saindo por onde podia, entre a palha do teto". O tom frio continua, quando Alice descreve a inundação do ano anterior. "A casa do Capitão Fraser foi arrastada para o lago, com um velho que teimosamente se recusou a mudar-se e que naturalmente se afogou. Nosso grupo viu os restos ainda visíveis da tragédia".

No final, uma dramática tempestade no mar — fim de uma aventura vitoriana

À medida que o grupo continuava a caminho de Quirang, as pessoas na carruagem "disputaram muitos jogos de *Soldados*". É apenas um dos muitos jogos registrados por Alice Liddell. Durante as férias em Skye, eles cantaram e tocaram Gilbert e Sullivan no piano da sala de fumar do castelo, entregaram-se ao uíste, bilhar e Dumb Crambo. Uma noite, pouco antes da expedição, "o jantar permitiu a Alice e Rhoda espantarem o grupo com alguns truques simples e a Sir Stafford começar um jogo terrivelmente difícil de ilustrar um provérbio, desenhado, de um personagem histórico, e evento, cada um também desenhado".

O fim das férias — jantar com a irmã mais velha, Lorina. O diário de Alice era ilustrado com desenhos feitos por ela mesma, revelando seu talento

Aí estão os equivalentes na vida real da Quadrilha da Lagosta, das histórias da carochinha e dos trocadilhos de Humpty Dumpty. "Alice. . . sempre se interessava muito pelos problemas de comida e bebida", Lewis Carroll escrevera todos aqueles anos antes. Mesmo já adulta, ela mantinha o hábito. As refeições são quase sempre registradas no diário, embora, infelizmente, não as comidas. Talvez não fosse digno de uma senhora. As cestas acompanhavam o grupo em todas as expedições, com (presume-se) criados para carregá-las.

Os desenhos do almoço e da chegada a Quirang são encantadores. Alice Liddell tomara lições de desenho com Ruskin, amigo de seu pai e, como Dodgson, homem mais chegado a menininhas do que a moças. Mas as palavras do diário são um tanto chãs. "Depois do almoço, partimos, e, após uma difícil subida, chegamos ao maravilhoso rochedo. As vistas, entre as íngremes encostas, do vale lá embaixo eram lindas".

A ausência de excitação na prosa não é notável. Alice Liddell era talentosa — pintava, cantava e até esculpia. Mas permanecia antes de mais nada uma senhorita. "Ela fazia o tipo de coisas que a gente faz quando tem criados para cuidar da gente", diz Anne Clarke, cuja biografia de Carroll será publicada no próximo ano. "Escrever diários era uma coisa chique. Creio que Alice Liddell tipificava a essência da mulher vitoriana".

Dois anos após as férias em Skye, Alice casou-se com Reginald Hargreaves, um fidalgo de Hampshire que estivera no Christ Church. Teve três filhos, dois dos quais morreram na Primeira Guerra Mundial. Com exceção de uma viagem, já na casa dos 80 anos, à América, ela contentou-se em levar a vida normal de uma senhora bem educada. Seu diário daquela excursão 100 anos atrás encerra-se com uma nota incomumente dramática. Na viagem de volta, na lancha a vapor, "só pudemos navegar a meia velocidade, e a chuva caía, além de vento de ondas estarem contra nós. Mr Jarvis a certa altura duvidou de que prosseguíssemos, mas felizmente prosseguimos, e após uma agonia de medo de mamãe, e Lorde Fortesque, que não via nada, ouvia muito pouco e repetia as ordens de comando em sua maioria erradas, desembarcamos em segurança nas rochas de Grishinish, muito molhadas, mortas de frio, mas muito contentes por estarmos novamente ali.

"Uma xícara de chá reconfortou os cansados viajantes, e o percurso até Dunvegan, apesar da chuva e do vento, foi muito animado, e a acolhida bondosa, quase amorosa, que esperava o grupo no castelo valeu muito mais que a fadiga ou os desconfortos sofridos por nosso grupo no grande dia da visita a Quirang".

Era um final adequadamente vitoriano para o dia. Como a Duquesa dissera à Alice ficcional: "Tudo tem uma moral, o negócio é descobri-la" ●

NOVOS PRODUTOS/NOVOS PROCESSOS

Para as crianças, bolhas de armar

● Bloquinhos de madeira, jogos de construção e *kits* para armar vão receber agora um novo companheiro no quarto das crianças, o Capsela. Quarenta e sete veículos movidos por um pequeno motor elétrico podem ser armados com o Capsela, uma série de *bolhas* de plástico que encaixam umas nas outras e acomodam engrenagens, motores e controles. Os modelos vão de um carro de bombeiros antigo até um guindaste extremamente complexo. O Capsela tem ainda funções educacionais: uma vez que as bolhas são transparentes, a criança pode ver como as engenhocas funcionam. Criado em Tóquio, no Japão, pela Mitsubishi, o Capsela é apresentado em três versões. Os preços vão de 15 dólares (Cr$ 300) a 35 (Cr$ 700).

Multando sem usar as mãos

● A Kustom Electronics Inc., de Kansas, está lançando um novo sistema de comunicação com o público que pode ajudar os guardas de trânsito ou os policiais encarregados de controlar grandes multidões. O Audiopack, que substitui o megafone, é uma combinação microfone-amplificador que pode ser preso ao corpo por correias. Ligado a um microfone preso no capacete, o sistema de projeção sonora multidirecional é totalmente portátil e deixa as mãos livres. O aparelho funciona com uma bateria recarregável e tem outra característica útil: um gravador acoplado que registra todos os sons e pode ser utilizado no tribunal como prova. Preço: 329 dólares (cerca de Cr$ 6 mil 600)

Faça de sua sala uma discoteca

● Qualquer restaurante, *night club* ou até mesmo sala de jantar pode ser rapidamente convertido numa discoteca graças a um novo assoalho portátil lançado pela Crown Industries Inc., de Nova Jérsei. A plataforma, chamada Star Dust, consiste numa série de peças de plástico encaixáveis com um sistema de iluminação acoplado. Como um tapete, o Star Dust pode ser enrolado depois da festa. Na hora de usar, basta desenrolá-lo e ligar na tomada. Lâmpadas miniatura no interior dos módulos acendem e apagam rapidamente, produzindo um efeito semelhante ao de ondas. Podem também ser ligadas ao amplificador para pulsar ao ritmo da música. Preço: cerca de 10 dólares (Cr$ 200) por pé quadrado.

Sólida e barata, a nova casa de palha

● Um novo processo que está sendo estudado pela Rolf Hesch, da Alemanha, poderá lançar a palha como substituto das aparas de madeira na fabricação de painéis de revestimento de tipo semelhante aos de Eucatex. Os painéis de palha oferecem rigidez, propriedades isolantes e são muito mais baratos. O fabricante diz que podem ser utilizados também na construção de casas pré-fabricadas. Além disso, proporcionam uma fonte de lucro extra para os fazendeiros, que poderão vender a palha, normalmente jogada fora, como matéria-prima.

Ponha 100 watts no tanque, por favor

● Finalmente parece que alguém conseguiu. Na International Electric Vehicle Expo, em Filadélfia, a Electric Auto Corp., de Hato Rey, Porto Rico, apresentou o protótipo de um carro elétrico que, segundo os fabricantes, oferece desempenho e conforto semelhantes aos dos automóveis movidos a gasolina. Ao contrário da maioria dos carros elétricos lançados

até agora — mal-equipados, de péssimo aspecto, baixa velocidade e raio de ação restrito — o Silver Volt é uma *perua* para cinco passageiros capaz de desenvolver mais de 110 quilômetros horários na estrada e viajar 160 quilômetros com uma só carga. Além disso, tem janelas elétricas, ar condicionado, direção assistida e servofreio.

Uma bateria de chumbo e cobalto é a chave dos bons resultados obtidos. A recarga pode ser feita à noite, numa tomada comum, ou em menos de uma hora quando a bateria é acoplada a um aparelho especial que poderá ser distribuído aos postos de gasolina. A companhia planeja construir mais 300 protótipos e testá-los durante todo o ano que vem. A produção em série está prevista para 1980. Há planos também para a fabricação de um modelo de luxo, uma limusine que poderá ser construída sob encomenda e possui uma série de equipamentos, como um computador que informa o motorista do que está acontecendo com o carro de *viva voz*. Preços: 14 mil 500 dólares (cerca de Cr$ 390 mil) e 120 mil dólares (Cr$ 2 milhões 400 mil) para a *perua* e a limusine, respectivamente.

Um cavalo de rodas que não come alfafa

● Há 20 anos, Günther Bals acompanhava sua namorada nos fins de semana para ver os *shows* eqüestres de sua cidade. Lá, para afastar o tédio, dedicava-se a analisar os movimentos mecânicos dos cavalos. Eventualmente transferia-os para o papel. Hoje, a brincadeira transformou-se no protótipo de uma bicicleta que pode ser montada como um cavalo.

Em vez dos pedais convencionais, a bicicleta de Bals possui um par de estribos que o *cavaleiro* bombeia com os dois pés. O quadro da bicicleta é preso à roda traseira por meio de molas bem macias e oscila para baixo e para cima como o lombo de um cavalo. A energia resultante dos movimentos é transferida para a roda por meio de um sistema convencional de engrenagens e corrente. Assim, *sacudindo-se*, como se estivesse na sela de um cavalo a trote, o cavaleiro-ciclista pode atingir uma velocidade de quase 70 quilômetros por hora. Segundo Bals, o seu veículo tem a vantagem extra de proporcionar um bom exercício, pois envolve a utilização de maior número de músculos do que os movimentados numa bicicleta convencional. O veículo será lançado comercialmente no ano que vem pela HerculesWerke GmbH, de Nuremberg. Nome da máquina: Victoria Cavallo.

De repente, virou moda ser ator. Um número cada vez maior de jovens procura a maneira mais rápida de atingir o sucesso representando. Mais do que no teatro, é na televisão que se centralizam todos os sonhos e fantasias de um mundo dourado, construído inteiramente na cabeça dos candidatos. Seja ao vivo ou por correspondência, os cursinhos livres de teatro *encontram aí um grande poder de sedução, e desse chamariz não abrem mão para se expandir e sobreviver*

AS ILUSÕES DO ESTRELATO

UMA PROFISSÃO MARAVILHOSA AO ALCANCE DE QUALQUER INGÊNUO

Jalusa Barcellos
Fotos de Evandro Teixeira

"Estude por correspondência uma profissão maravilhosa, que vai mudar sua vida e trazer altos ganhos em filmes, novelas, teatro e *shows*". Premiado internacionalmente, como afirma mais adiante o anúncio, "o diretor de cinema e teatro" Daniel Tivé é um dos criadores desses novos cursinhos, que, toda semana ou de 15 em 15 dias, fazem sua propaganda em revistas especializadas ou infantis. No caso desse curso, que é paulista, além da repentina mudança de vida, o Sr Tivé promete aos interessados, como forma de aprendizado, uma vasta teoria e "exercícios práticos ilustrados com fotos".

A mudança de vida e a suprema esperança de que através desses ensinamentos o candidato estará cada vez mais próximo das câmaras são argumentos definitivos. Esta, pelo menos, é a opinião do ator, e também diretor de curso, Jayme Barcelos, que, apesar de seus esforços — "com 30 anos de profissão e quase meio século de vida não vou iludir ninguém, dizendo que a profissão de ator é fácil" — admite que em 1977 chegou a ter 1 mil alunos em função de um convênio com a TV Globo.

— Chegamos, no ano passado, a ter esse número excessivo de alunos, em função, evidentemente, da existência desse convênio. Foi um erro de nossa parte aceitar esta quantidade de inscrições, pois não tínhamos estrutura e começaram a surgir professores de menor gabarito. E o convênio só prometia que a emissora ofereceria oportunidades efetivas aos 10 primeiros colocados na finalíssima. Infelizmente, nem isso aconteceu. A seleção, através de um grupo de jurados indicados pela direção da TV Globo e mais o pessoal da revista *Amiga* e do jornal *O Globo*, foi realizada em abril deste ano. Mas nenhum dos elementos escolhidos foi aproveitado.

Jayme Barcelos não admite, no entanto, insinuações de que seu curso seja uma espécie de trampolim de acesso às novelas de televisão. E, muito menos, que a sua propaganda seja dirigida neste sentido, como está no anúncio semanal publicado na revista *Amiga*: "Se você quer ser ator ou atriz de novelas, eis aqui a oportunidade". Seu argumento é de que foi de forma acidental que alguns de seus ex-alunos ingressaram na TV Globo:

— Trata-se de gente que eu levei, apresentei, a quem tentei *dar uma força*. Ou, então, de pessoas de quem os que estavam julgando gostaram e levaram. Acontecem casos como o da Glória Pires, que, por vivermos num mercado aberto, logo depois de sair daqui conseguiu uma boa posição.

Glória Pires (a Marisa da novela

Nos* cursos livres, *onde o programa curricular não pode ser chamado de severo, muitos jovens alimentam a fantasia de chegar rápido às novelas da televisão

Dancin'Days) encabeça, ao lado de Cristiane Torloni, Sílvia Salgado, Suzana Queiroz, Ricardo Wanick, Rejane Machado, Sônia Regina e Cláudio Fontes, entre outros, uma lista de nomes que "se lançaram no meio artístico". Mas não vê ligação entre o curso e sua rápida ascensão profissional. Até porque, como afirma, tudo o que lhe foi ensinado já tinha aprendido em casa com seu pai, o humorista Antônio Carlos.

— Fui fazer o curso porque meu pai me aconselhou, mas naquela época, também por causa de meu pai, já fazia televisão. Foi ele quem me apresentou a Guta (encarregada do elenco da emissora) e foi ainda graças a ele que fiz o teste para *Dancin'Days*. O curso, mesmo, só foi *legal* por dois aspectos: porque conheci muita gente e porque os professores eram muito bons. Isto não quer dizer que não venha a fazer escola de teatro. Até tenho vontade. O problema é tempo. Também, teatro me dá medo. É uma coisa imediata, cara a cara com o público. Basta que você abra a boca e as pessoas já estão sentindo tudo. Em teatro, há de se ter um preparo muito maior.

Esse preparo, essa necessidade de aprimoramento técnico e artístico, é uma das principais aspirações do Decano do Centro de Artes da FEFIERJ, Pernambuco de Oliveira, que se diz em franca batalha pela regulamentação e legalização dos cursos oferecidos pela instituição. Pelos próprios problemas que enfrenta, ele considera muito difícil o reconhecimento, pelo Conselho Federal de Educação, das estruturas particulares. Pernambuco salienta o aspecto inflacionário do mercado de trabalho, gerado por algumas dessas instituições privadas.

— Como Decano do Centro de Artes, não me cabe julgar instituições particulares. O que me interessa é aprimorar o nosso centro. Como homem de teatro, porém, considero perigosa essa proliferação de cursos, pois mesmo não sendo reconhecidos oficialmente alguns deles põem no mercado novos contingentes de despreparados profissionais. Infelizmente, o teatro virou moda. Existe um grande número de jovens iludido com esse brilho aparente. Sempre advirto os alunos para as dificuldades do mercado. Damos, inclusive, a maior ênfase ao curso de Educação Artística, para que o aluno tenha a alternativa da licenciatura, tanto de primeiro como de segundo graus.

Por serem *cursos livres*, as instituições particulares não apresentam um programa curricular tão severo como o da FEFIERJ e o da EAD, de São Paulo, as duas únicas escolas consideradas oficiais. Além das peculiaridades de cada estrutura, seus objetivos são também bastante diversificados. No caso do Curso Jayme Barcelos, por exemplo, os propósitos da instituição, segundo explicação do próprio ator, estão bem longe do que "muita gente imagina".

— As pessoas pensam que os nossos cursos só formam atores e atrizes, como afirmou há pouco o diretor da FEFIERJ. Mas 60% dos que nos procuram não o fazem para concluir um curso de iniciação de atores, e sim por problemas de comunicação. Tenho quase certeza de que muitos vêm a mando de seus psicanalistas. E me emociona o fato de saber que as nossas aulas estão trazendo uma melhora psicológica aos alunos. É comum termos alunos de outras profissões, como advogados, médicos e até mesmo psicólogos. São pessoas que nos procuram não só para comunicar-se melhor como também para uma *arrumação de cuca*.

Já o diretor e ator Leonardo Alves, que há sete anos tem um curso de iniciação de atores, assegura que a sua instituição não aceita alunos que venham fazer teatro a conselho de analistas:

— Aqui, não completamos a análise de ninguém, assim como não alimentamos ilusões de pessoas menos esclarecidas. Se sou procurado por uma empregada doméstica — e esse é um caso muito freqüente — sugiro que ela aplique os Cr$ 600 mensais na conclusão do seu curso primário ou de segundo ciclo. Já tivemos profissionais liberais em busca, no teatro, de uma abertura maior nas suas profissões. Nesses casos, damos aulas particulares. Aqui, só aceitamos aqueles candidatos que demonstram algum talento e têm, no mínimo, o segundo grau completo.

Alguns profissionais de teatro donos de cursos se confessam muito preocupados com o fato de os candidatos verem nos cursinhos a maneira mais rápida de chegar às novelas da televisão. Maria Clara Machado e Maria Pompeu, por exemplo, contam histórias muito semelhantes a esse respeito. Afirmam ser incontável o número de cartas que recebem dos mais diferentes pontos do país pedindo ingresso em seus cursos e ao mesmo tempo manifestando o desejo de participar "de uma novela da Globo". Maria Pompeu revela que no seu caso o número de cartas tende a crescer quando ela está participando de uma novela na TV.

— Durante muitos anos, só dei aula de expressão corporal. Ano passado, quando inaugurei a Oficina Emepê, os pedidos de inscrição foram tantos que montei um curso de iniciação de atores. Minha primeira decepção foi ver que a maioria dos alunos trazia a expectativa de que, estando eu no elenco de uma novela, poderia inseri-los rapidamente no contexto global. Estimuladas pela televisão e por essas revistas especializadas, que fazem da vida do ator uma maravilha, as pessoas vivem alimentando fantasias. Recebi uma

carta de Manaus, de um jovem de 15 anos, que me pedia para fazer o curso e vir morar na minha casa, pois só assim ele poderia realizar o maior sonho de sua vida: contracenar com Lucélia Santos.

Maria Clara Machado também conta histórias parecidas:

— Tenho meu curso há 20 anos e ele se baseia exclusivamente numa improvisação livre, tentando formar gente para o teatro através do conhecimento do teatro. Não há tempo determinado, não há diploma, não existem promessas de trabalho. Se montamos espetáculos no Tablado é para estimular as pessoas, quando há um bom grupo que apresentou excelente rendimento. Mas, de uns tempos para cá, os pedidos são os mais incríveis. Uma garota de 13 anos, do Estado do Rio, escreveu pedindo um cantinho para morar, dizendo que era loura e bonita e que faria qualquer serviço como pagamento, inclusive varrer o chão.

A experiência do ator, diretor e empresário Sérgio Brito, que inaugurou há pouco um Curso para Iniciantes, é um pouco diferente. Em vez de cartas, ele — como vários outros atores, garante — é freqüentemente abordado por jovens postados diante dos portões da TV Globo, pedindo aos profissionais: "Nós fizemos um curso; queremos que nos ensinem como se consegue um emprego".

Para Sérgio, é inqualificável o procedimento das pessoas que estimulam essas fantasias nos jovens:

— Um curso e sua propaganda devem ser modestos. Esses cursos devem declarar sempre que são apenas um preparo para uma escola, independente de que se aprovem ou não os métodos dessa escola. No nosso curso, que é gratuito, aliás, pois somos patrocinados por uma empresa comercial, a proposta é dar apenas uma informação cultural e teórica de como é o teatro feito hoje em dia. E nada mais.

O curso de Jayme Barcelos oferece bolsas, nas quais ele vê uma oportunidade aberta a pessoas humildes:

— O elemento faz a inscrição através do cupom impresso na revista que publica o anúncio e, de acordo com a sua classificação no teste, ganha uma bolsa total ou parcial. Se o teste for excelente, ele tem direito a uma bolsa de Cr$ 700, valor da mensalidade. A todos cobramos apenas a matrícula, Cr$ 250. O curso tem a duração de oito meses, com três provas no decorrer deste período. De acordo com o resultado dessas provas, o aluno entra ou não na finalíssima. É nessa fase que vem gente de fora, profissionais de teatro, cinema, imprensa e televisão, que funcionam como um estímulo aos alunos. Este ano, como não temos mais o convênio com a Globo, a nossa instituição — Sociedade Artistas Unidos — irá produzir um espetáculo profissional.

Essa afirmação de que através dos cursinhos se facilita o acesso das camadas mais pobres à atividade artística é discutida no entanto pelo ator João Ângelo Labanca. Membro da diretoria do Sindicato de Atores e Técnicos do Rio de Janeiro, atuando justamente na área de avaliação de cursos, Labanca diz que isso é uma utopia. Quase todos os cursinhos — garante — são pagos, e muito bem pagos. Embora não aceite a existência de apenas duas escolas oficiais no país — "poderiam ser reabilitados os cursos já existentes em escolas e faculdades das mais diferentes Capitais" — Labanca faz uma advertência quanto ao aspecto financeiro das instituições particulares:

— O Artigo 6 da Deliberação nº 20 (19.08.76) diz que os cursos livres estão sujeitos, por determinação do Conselho Federal de Educação, ao controle de preços dos serviços que ministram, sendo-lhes vedado promover concursos de bolsas, com taxas pagas ou outras formas de auferir receitas paralelas, conforme estabelece o Parecer nº 4 819/75 do Conselho Federal de Educação.

E Labanca explica ainda:

— Quando o Sindicato assume, na defesa da classe, uma posição contrária a esses cursinhos, não quer dizer que queremos tolher a livre iniciativa. Não desejamos é que esses cursos consigam o reconhecimento oficial, pois se sabe que não dispõem de mão-de-obra especializada, de programa curricular e muitas vezes nem mesmo de um espaço adequado. Com a regulamentação, conseguiremos esclarecer um pouco mais as coisas, pois o mesmo Artigo 6, que define a natureza dos cursos livres, distinguindo-os dos cursos credenciados e do ensino regular, torna nulos, para o exercício legal, os diplomas ou certificados que aqueles cursos venham a expedir.

O sonho de contracenar com os grandes astros da TV custa algumas centenas de cruzeiros por mês, preço das aulas nem sempre dadas por pessoal especializado e freqüentemente ouvidas em espaço inadequado.

Em vista dessas restrições, alguns cursos começam a tomar algumas providências para obter os seus registros. Jayme Barcelos, consciente da impossibilidade do aluno se sindicalizar com o seu diploma, já iniciou contatos para a resolução do problema:

— Estamos tentando a profissionalização e o reconhecimento dos sindicatos, através do Conselho Nacional de Mão-de-Obra, que registra e regulamenta os cursos. Com a profissionalização, pretendemos estender o curso para dois anos e oferecer um novo currículo capaz de dar ao elemento condições de também lecionar no primeiro grau. É bom que as pessoas saibam que se aprende muito mais lecionando do que interpretando.

Leonardo Alves é outro diretor que está buscando o reconhecimento de seu curso, mas de forma diferente. Depois de já haver feito várias solicitações ao MEC, está pensando em transformar o curso em uma faculdade particular que seguiria à risca o currículo oficial. Mesmo sem estar muito convencido da idéia ("acho que teoria demais desfavorece quem busca a arte como uma coisa livre"), Leonardo considera importante transformar sua escola:

— É fundamental que as pessoas de talento tenham verdadeiras oportunidades profissionais.

Na opinião do professor, ator e diretor de teatro Amir Hadad, atual diretor da Oficina de Interpretação da Escola Martins Pena, a discussão não seria bem essa. Em vez de se transformar cursos ou escolas em faculdades particulares, sua sugestão é a de que se discutam ideologicamente o teatro e seu ensino. E mais ainda: que se analise a ação predatória dos cursinhos, especialmente daqueles que funcionam por correspondência. Quer também que se questione a orientação educacional do MEC. A seu ver, ela não coloca o teatro diante de sua realidade:

— Em princípio, não sou contra os cursinhos livres, pois só neles há a possibilidade de discutir a prática do ator e até mesmo a prática do ensino. Esta é a minha posição quanto à filosofia educacional e é o que a gente está tentando fazer na Escola Martins Pena. No momento, estamos querendo estender o curso de um para dois anos, a fim de podermos obter maior rendimento. Lá, recebemos gente de todos os cantos e, por isso mesmo, procuramos caminhar em busca de um entendimento que nos permita encontrar uma forma de expressão. Acredito que esse tipo de curso

auxilie a necessidade de uma discussão da prática teatral. Temos de ver se o que se está ensinando tem a ver com a realidade, pois as alternativas são melancólicas: de um lado, os cursinhos para a televisão, que é como deveriam ser chamados, e do outro a escola oficial, feita para uma elite que já chega pronta, na medida em que há uma identidade entre os seus objetivos e os da própria escola.

Na opinião de Labanca, porém, por mais que se questionem o ensino e sua prática, um aspecto permanece inquestionável: "Esse verdadeiro descalabro que são os cursinhos por correspondência". Munido de uma pasta onde estão vários recortes de anúncios, o ator afirma estar sendo estudada uma forma de combater "essa prostituição". A lei, segundo Labanca, permite que o Sindicato representativo forneça ao indivíduo que deseja exercer a profissão um atestado de capacitação profissional.

— Isso quer dizer que não vamos vedar a atividade profissional àqueles que demonstrarem ter talento. O que se tem de impedir é a proliferação dessas atividades, altamente rendosas e sem nenhum conteúdo informativo, educacional, prático ou artístico.

A este respeito, Jayme Barcelos parece haver encontrado uma solução intermediária, "pois é impossível trazer todas as pessoas ao Rio":

— Temos sido acusados de fazer curso por correspondência, o que não corresponde à realidade. Através do cupom da revista *Amiga*, o aluno manda pedir uma, duas ou as três apostilhas juntas, ao valor de Cr$ 220 cada fascículo. Com este material, ele se prepara em casa para um teste no Rio. Se for aprovado, permanece cursando a nossa escola, com direito a bolsa total e mais uma ajuda de custo de dois salários mínimos mensais. Isto é o que pretendemos, mas às vezes acontecem coisas que nos superam. Como em Brasília, onde os alunos se reuniram, formaram um grupo e nos pediram um professor a cada 30 dias. É isso que considero fundamental. Ao mesmo tempo em que se abre possibilidade de informação, está-se permitindo a participação cultural dessas pessoas nos seus locais de origem. Atualmente, temos clientes até em Rondônia! ●

A VOZ DA EXPERIÊNCIA E O SONHO DA INICIAÇÃO

A proliferação desses cursinhos é um fenômeno que, aparentemente, envolve o teatro, mas que na verdade nada tem a ver com ele. É um fenômeno que está acontecendo a partir da indústria da televisão que, como qualquer indústria, precisa rapidamente de uma mão-de-obra barata e despreparada para as possíveis reivindicações trabalhistas. O artesanato teatral está, evidentemente, muito longe disso, pois necessita de uma boa escola e de um longo aprendizado prático. (Fernanda Montenegro — atriz de teatro e cinema)

● — *Ainda estamos, como dizia Paulo Pontes, na fase da cooptação dos melhores. A frase usada pelo aparato cultural já estabelecido é a seguinte: "Quem é bom já nasce feito." Ou seja: "Se você é bom, o sucesso* pinta." *E, aí, esses cursinhos caem como uma luva. Comprar feito continua sendo muito mais cômodo e menos conflitivo na cabeça dos futuros Robert Redford, Travolta e Cuoco da vida. Um liquidificador no frigir dos ovos, acaba saindo mais barato.* (Luiz Carlos Moraes — aluno do Centro de Artes da FEFIERJ — Curso de Direção)

● — *Estes cursinhos são apenas uma das facetas do exercício da violência empresarial, onde se juntam a manutenção, a segurança da exploração e a* picaretagem *particular de determinados indivíduos. A instalação dessas* portinhas *ou de cursinhos por correspondência visa, exclusivamente, a arrancar os parcos recursos de pessoas menos favorecidas, tripudiando sobre sua boa-fé. A finalidade desses cursos é atender o interesse das grandes empresas, que é o de marginalizar cada vez mais os que têm um nível razoável de consciência profissional, substituindo-os por pessoas cuja única motivação é um ilusório sonho de estrelato e de popularidade.* (Jorge Ramos — presidente da Associação dos Atores e membro da diretoria do Sindicato dos Artistas e Técnicos)

● — *Considero esses cursos apenas uma iniciação. Tanto que vou tentar a FEFIERJ no próximo ano. Acho que esse tipo de cursinho deveria ser dado nos próprios teatros e, principalmente, nos subúrbios. Mas de uma forma gratuita. Aqui, acho que funciona muito na base da pronta entrega, visando evidentemente à televisão.* (Jadi Arnaldo de Freitas, 22 anos — aluno do Curso Jayme Barcelos)

● — *Não há hipótese de ser favorável a cursos dessa natureza, especialmente esses por correspondência. Acredito que, após a regulamentação, esses cursos não possam mais existir da maneira que vêm atuando e que, no mínimo, essas pessoas que saem de lá deixem de ser empregadas, automaticamente.* (Otávio Augusto — ator de cinema, teatro e televisão)

● — *Ele falou que* tem *oportunidades na Globo, mas eu sei que tudo é uma questão de sorte. Principalmente agora, com esse reconhecimento, que vai fazer com que todo mundo vá para teatro. Agora vai virar emprego, mesmo. Quem quiser fazer teatro por arte não tem mais vez.* (Heloisa Lopes Figueiredo — aluna do Curso Jayme Barcelos)

O GRANDE DESBUN

Martins Pena visto por Brecht no olho da câmara de Braz Chediak e Antônio Pedro

Vivian Wyler
Foto de Paulo Bonder

Um filme de épocas — fios elétricos se misturam com liteiras carregadas por escravos, ao som de trote de cavalos. Teatralmente, os gestos muito largos, a maquilagem carregadíssima, cores fortes como roxo, vermelho. Os atores vivem personagens herdeiras do melhor da Commedia dell'Arte:

O velho e rabugento Pantaleone, sempre à espreita de uma oportunidade para seduzir a empregada da casa. A viúva verde-mofo, devido à excessiva reclusão. O soldado Pacífico, fanfarrão mas cheio de boas intenções. A ama-de-leite, opulenta, simplória, a única que realmente gosta da criança, filha da viúva e centro da ação. E finalmente o sacristão, aquisição mais recente da dramaturgia mundial, olhos fundos, capa negra, fortes inclinações para o vampirismo.

Todo mundo empenhado num movimentado e confuso *cherchez-la-femme*, ou, no caso da viúva, *cherchez-l'homme*. Nome do filme? *O Grande Desbun*, baseado numa peça de Martins Pena, *Desgraças de Uma Criança*, e dirigido por Braz Chediak e Antônio Pedro, autor da versão da obra que em 1973 arrebatou o prêmio Molière de teatro.

Pronto para estrear na primeira semana de novembro, no Rio de Janeiro, *O Grande Desbun* é, segundo seus autores, acima de tudo um filme original, em termos do cinema brasileiro. Começando pelo fato de ser dirigido por duas pessoas, passando pela interpretação dos atores, livre, solta, criativa — resultado de um trabalho de conjunto geralmente associado ao teatro, jamais aproveitado no cinema — e culminando no resultado final: uma comédia explodida, rasgada, de narrativa simples, aqui e ali pontuada de números musicais (criados por John Neschling e Aylton Escobar), que misturam ópera e tango, citações de Chaplin, de Oscarito, dos bons tempos de Gordo e do Magro. Um caminho novo para a comédia nacional? Na opinião de Antônio Pedro, sim.

— O subtítulo do filme diz muito do que ele é: *O Grande Desbun* ou *Pecaram pelo Exagero*. É uma comédia exagerada, e por isso mesmo popular, num país em que o povo fala alto, gesticula muito, não toma chá das cinco, mas convive com uma luz forte que incide, chapada, sobre todas as coisas. A comédia brasileira de hoje tem dois caminhos. Num deles, o Carvana está entrando firme: a comédia de costumes, de época, onde até a loucura parte do real, as situações são insólitas, as pessoas agem naturalmente dentro delas. O outro caminho é o que nós estamos buscando: a comédia que pega a situação natural e a amplia, faz a crítica a partir daí, um pouco como no surrealismo, onde o detalhe é ampliado para passar a significar outra coisa. Só que, em nosso caso, o significado é o mesmo. Nosso filme tem um certo tom circense, de arte, em que os recursos cênicos, de acústica, obrigam ao uso de máscaras e à interpretação hiperbólica. Mas pede emprestado também elementos do desenho animado, da piada dentro da piada, do tipo de trapalhice explorada por Mack Sennett em seus filmes. O ator fala diretamente para a câmara, aparteia, comenta a ação. Existe a música, como forma de comentário também. De repente, as luzes dos refletores se acendem, à vista do público, e Tessy Callado, que interpreta a viúva Ritinha, canta uma ária, falando da sua vida de mulher casada que apanhava do marido. O sacristão, interpretado por Ney Latorraca, e o soldado (eu) têm um duelo que acaba se transformando em dueto. E há quartetos, trios. Um pouco como em Brecht, em quem, aliás, o filme é muito calcado. Uma espécie de Brecht com pimenta.

Ney Latorraca, Tessy Callado, o próprio Antônio Pedro, Jotta Barroso, Guilherme Pontes, Lafayette Galvão: os atores. E, no meio deles, no papel de ama-de-leite Madalena (Marília Pêra), a única de interpretação mais naturalista, mais crítica, como questionando o que acontece à sua

"É uma comédia exagerada, e por isso popular, num país em que o povo fala alto, gesticula muito e não toma chá das cinco"

volta. Dengosa, lenta nos gestos, sem máscara, Madalena poderia representar a mulher brasileira por excelência.

— Para os diretores, *O Grande Desbun* constitui uma experiência diferente. Para os atores, foge em quase tudo ao que estão habituados a fazer em matéria de cinema. Pela primeira vez, efetuaram-se exaustivos ensaios, opiniões foram dadas e aproveitadas, a câmara não fêz mais do que registrar seqüências já preparadas anteriormente, interrompendo de vez em quando, por uma questão de ritmo. É essa, pelo menos, a opinião de Ney Latorraca, em sua sexta experiência cinematográfica. E a de Tessy Callado:

— Muitas coisas contribuíram para tornar nosso trabalho mais agradável, solto. Primeiro, a liberdade de criar, sem a imposição rígida de atitudes, pelos diretores. Depois, o que eu considero um dos pontos mais importantes, o fato de o filme não ter compromisso com nenhuma época. Assim, durante as filmagens, não havia aquele problema de esconder isso, "olha o fio elétrico", "cuidado com o relógio", "o avião". Esse tipo de clima de *esconde-esconde* deixa a gente tenso, colocado num ponto determinado, onde o ângulo é perfeito para a câmara, mas onde não podemos nem nos mexer. E aí quase sempre tem alguém para dizer "fique natural", como se isso fosse possível.

A trama de *O Grande Desbun* é simples. Moram numa mesma casa Ritinha, viúva (Tessy Callado), seu pai (Lafayette Galvão), a criança (interpretada alternadamente por uma boneca e pela filha de Antônio Pedro, Ana Madalena, de oito anos) e a ama-de-leite, que acabou de perder seu filho (Marília Pêra). Ritinha tem um romance com o sacristão Manuel Igrejas (Ney Latorraca), Madalena tem como amante o soldado Pacífico (Antônio Pedro). A ação passa-se numa noite de Natal, quando Ritinha e o pai saem para ir à Missa do Galo. Logo depois, chega o soldado Pacífico, que concorda em ficar tomando conta da criança, enquanto Madalena também vai à Missa. Para convencer a criança, que não pára de chorar, Pacífico se veste de mulher. É nesse momento que Manuel Igrejas chega para ver sua amada e encontra quem supõe ser Madalena. Pouco depois, voltam Ritinha e Abel (o pai) e instala-se a confusão, que tem seu ponto alto quando, na casa toda às escuras, todo mundo começa a perseguir todo mundo, enquanto a criança é passada de mão em mão, jogada, usada até como arma, para bater em Abel, pelo sacristão.

— O texto de Martins Pena, cheio de calores e rubores, poderia ser levado de uma maneira ingênua, tipo Comédie Française — explica Antônio Pedro. — Preferimos, no entanto, levar a coisa mais para o lado erótico contido no texto, sem no entanto trair o original.

Mas tão calcado no teatro, o filme não correria o risco de ser considerado excessivamente teatral (no mau sentido do termo)?

— Não. O teatral é muito uma questão de *parti pris*. Pode-se pegar uma peça realista, montá-la de maneira naturalista, o gesto e a inflexão naturais: estaríamos próximos então de uma linguagem que se convencionou chamar de cinematográfica. Por outro lado, no cinema podemos ampliar o gesto, e aí seremos considerados teatrais. Ora, o realismo não é a linguagem intrinsecamente cinematográfica. É somente uma das opções. Os personagens dos filmes de Gláuber Rocha se caracterizam pela largueza de gestos, e no entanto os filmes dele são dos mais cinematográficos que já vi. Fellini é um cineasta que usa as duas linguagens concomitantemente, a natural e, digamos, a teatral, como contraposição à natural. O que acontece, simplesmente, é que certas histórias devem ser contadas através da apresentação do real, pois é a que mais define o que se quer contar, e outras são mais bem contadas através da extrapolação do real, como é o caso da nossa.

A fotografia de *O Grande Desbun* é de Hélio Silva. A sonoplastia, exagerada como todo o resto, imitando sons de desenho animado, é de Geraldo José. ●

CRUZADAS

Carlos da Silva

HORIZONTAIS — 1. característica popular; feição; 3. não fazer mal a; respeitar; 8. enzima existente em muitos vegetais; 10. livrar das penas do Inferno; 12. carne do lombo do boi, entre a pá e o cachaço; 14. acúmulo patológico de líquido proveniente do sangue; 15. o refugo social; 16. a origem dos seres; 17. a minha pessoa; 18. substância orgânica extraída do espermacete; 21. polvilho; 23. ato de dar, doação; 24. abrandar, suavizar; 25. fazer prece; 26. faz em pedaços; 27. quaisquer embarcações; 29. preleções; 30. homem sanguinário.

VERTICAIS — 1. aquela que sofre de carência; 2. pança; 3. fruto da pereira; 4. sufixo feminino da terminação ão; 5. costumar; 6. em que há pecado; 7. recordado; 9. certa variedade de algodão; 11. publicar; 13. eliminar, suprimir; 19. defensor dedicado; 20. liberdade; 21. viver, existir; 22. timbre de voz; 28. pessoa exímia.

CONTINUEX

Deve ser encontrado um sinônimo para cada pedida numerada e com tantas sílabas quantas forem as quadrículas, preenchendo-as até chegar a palavra seguinte. A última sílaba de cada termo começa o imediato e assim sucessivamente.

1. relativo a cremação; 2. procedente; proveniente; 3. amansar; civilizar; 4. relativa ao cárcere; 5. ajustada ao molde; adaptada; 6. prejuízo; destruição; 7. parecido com novela; 8. ponderações sobre um fato; análises; 9. beijo de paz e amizade; 10. dividir um terreno em lotes para fins de construção; 11. da Arcádia, região da Grécia; 12. fato que a lei declara punível; 13. que é adepto do tomismo; 14. peça lisa de madeira; 15. amedrontar; perder o ânimo; 16. pequena lança; 17. mulher que vende doces; 18. cadeia de juízos logicamente articulados; 19. muito boa; excelente; 20. axiomas; sentenças morais; 21. carnificina.

CHARADÍSSIMO

CHARADAS APOCOPADAS
(supressão da última sílaba na primeira chave)

1. CRIMINOSO é aquele que comete qualquer FALTA. 3-2
2. AQUELE QUE ACHA que a vida
   Não é luta renhida
   Que é pura fantasia,
   Quando sente a verdade
   DESCOBRE a realidade
   Encontra a hipocrisia. 3-2
3. PESSOA MALTRAPILHA não entra em ORGIA carnavalesca. 3-2
4. Em TERRA DOS MOUROS, que estouro aquela linda SARRACENA. 3-2
5. INDIVÍDUO MUITO GORDO
   No amor muito azarento
   Acha que a culpa de tudo
   É ser demais GORDURENTO. 3-2
6. Deve doer mais uma CHICOTADA do que uma pancada com SARRAFO. 3-2

DOMINÓ PROVÉRBIO

As pedras do dominó foram misturadas. As que têm a parte inferior em branco indicam que a letra de cima é a última de uma palavra; as que têm a parte superior em branco indicam que se trata de letra única e as sem letras separam os termos da frase. O jogo começa com a pedra marcada na parte superior e termina com a assinalada na parte inferior. Após a junção das pedras corretamente ler-se-á um provérbio bem conhecido.

	D	S	T
	E	A	O
P	C		P
A	A		E
E		F	
M		E	
D	R		E
E	R		S
E		R	U
I		O	

BRIDGE

Lizzie Murtinho

CARTEIO (XIX)

Antes de continuarmos com jogadas que podem enganar os atacantes, vamos deixar uma coisa bem clara: Bridge é um jogo de probabilidades.

Se você começar a achar que o adversário quer enganá-lo, vai entregar vaza em cima de vaza — sem razão nenhuma.

Quando o adversário der uma jogada bonita e você for enganado, o melhor a fazer é dar parabéns.

Ajxx
□
KQx

Você é o carteador e antes de entrar num cruzado, tem que fazer 3 vazas deste naipe. Ponha-se na posição de Este:

Ajxx
□ xx

O carteador bateu o K, jogou pequena para o A e em seguida puxou pequena do morto. Você corta? Se cortar pode entregar o jogo. Você tem que achar qual a melhor chance de derrubar, mas nunca cortar *apenas* porque acha que o carteador está dando o golpe.

♠ AKx
♥ Jxxx
□
♠ QJ10xx
♥ AKQ

O trunfo é espadas e você não tem outras entradas. Você quer bater suas copas e estar no morto depois da 3ª vaza de trunfo para fazer o J de copas. Qual a melhor jogada?

XADREZ

INTERINO

As brancas jogam e dão mate em dois lances (L. I. Loshinski e V. I. Tchepizhni, 1º prêmio das Olimpíadas de 1960)

Chama-se Maia Chiburdanidze, tem apenas 17 anos e é a nova campeã mundial de xadrez. Ao fim de 15 partidas disputadas na cidade de Pitsunda, URSS, Maia conseguiu, de forma brilhante, interromper o longo reinado de Nona Gaprindashvili, uma espécie de Botvinnik de saias. Embora o título permaneça dentro das fronteiras soviéticas (o que aliás ocorre desde que foi instituído, em 1927), a vitória de Maia não deixa de ser um sopro de renovação para o xadrez feminino. Nona, campeã desde 1962, defendera o título com êxito em quatro oportunidades. Maia, porém, demonstrou ser mais imaginativa e ousada do que sua adversária de 47 anos. A partida que se segue é um exemplo. Foi a quarta da série. Nela, a campeã foi inexoravelmente derrotada pelo relógio.

Nona Gaprindashvili x Maia Chiburdanidze
Abertura Reti

1. C3BR C3BR 2. P3CR P4D 3. P4B P3B 4. B2C PxP 5. P4TD P3CR 6. C3T D4D 7. O-O C3T 8. C1R D4TR 9. CxP B6T 10. C3B BxB 11. RxB B2C 12. P3D O-O 13. P3T D4D 14. B2D TR1D 15. D2B TD1B 16. B3B P4B 17. TD1D P3T 18. D3C P3C 19. P4R D3R 20. C4T C5CD 21. BxC(5) PxB 22. TR1R C2D 23. D2B C4B 24. P3C P3T 25. C3B P4CD 26. PxP PxP 27. C3R C5T 28. D2T C6B 29. D5T CxT 30. TxC DxPC 31. DxP(4) T7B 32. D7C T(7)xP 33. TxT TxT 34. C5D TxC E as brancas são derrotadas pelo tempo.

Léxicos usados: *Fernando; Pequeno; Melhoramentos; Aurélio* e *Casanovas*.
Correspondência e remessa de livros e revistas charadísticas para: Rua das Palmeiras, 57 apt. 4 — Botafogo CEP 22.270

As soluções estão na pág. 36.

Salvo na cozinha e nos banheiros, não há um metro quadrado livre nas paredes da residência do Embaixador Jaime de Barros. Sua coleção de mais de uma centena de telas e esculturas, tapeçaria, prata e opalina à primeira vista oprime o visitante, tal é a densidade de ocupação das superfícies. É que o apartamento da Rua Miguel Lemos não foi propriamente decorado, mas sim *habitado* por objetos "apenas aparentemente inanimados" que o ex-diplomata criteriosamente adquiriu ao longo de sua vida.

COLEÇÃO JAIME DE BARROS

O MUSEU PARTICULAR DO EMBAIXADOR

NU DORSO DE MULHER, Derain (c. 1925), óleo

As pinceladas sensuais, os tons surdos, as paisagens ricas em atmosfera, a pintura clássica, enfim, são predominantes na coleção, sem lugar para o acadêmico, as telas abstracionistas e o vanguardismo dos últimos 20 anos

Heloisa Castello Branco
Fotos de Evandro Teixeira

O rigor foi tal, que a coleção de pintura resultante mereceu esta observação de Jacques Lassaigne, atual diretor do Museu de Arte Moderna de Paris: "Na sua coleção não há um só erro." E Jaime de Barros observa com satisfação: "Fico contente de ver que outras pessoas perceberam o meu objetivo." Sem possuir a maior, a mais cara ou a mais importante coleção do que quer que seja em pintura, Jaime de Barros não se considera tanto um colecionador — obcecado pela peça exata, exclusiva — mas sim um amador, apaixonado pela arte, "pelas coisas belas", como diz ele mesmo. Isto não impede que em sua coleção se encontrem peças raras, como quadros de Utrillo, de Van Dongen e de Vlaminck.

Sua coleção é única porque é sua. Formada "sem *parti pris* sem preconceito", como ele mesmo diz. Um critério-chave na escolha das peças: a qualidade. E uma característica principal resultou do que reuniu: "É a pintura clássica que dá unidade à coleção." Por pintura clássica ele entende distinguir "a pintura tradicional, sólida, bem construída da pintura acadêmica, que é superficial, amaneirada e de gosto artístico duvidoso". Aqui não tem lugar portanto qualquer tela abstracionista, surrealista e muito menos estão representadas as tendências de vanguarda dos últimos 20 anos, pois "entrariam em conflito com o espírito da coleção", onde predominam as pinceladas sensuais, os tons surdos, as paisagens ricas em atmosfera. *La belle peinture*, da chamada Escola de Paris, sobretudo Van Dongen, Vlaminck, Manet, Utrillo, De Pisis, Marie Laurencin, Derain, Rodin, Lurçat, Duty, Vieira da Silva, Rousseau, Renoir.

Circunstâncias favoráveis permitiram-lhe comprar do melhor. À frente do Consulado brasileiro em Paris imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, Jaime de Barros e sua esposa, Marina, conviveram com os artistas plásticos, *marchands* e museólogos que movimentavam o principal centro de artes do mundo naquele momento. Mais importante ainda: este mercado, desativado pela guerra, estava em drástica baixa. "Os turistas estavam longe, as galerias desertas, havia poucos compradores e a moeda era desvalorizada. O momento era realmente vantajoso", conta o Embaixador.

Foi então que se formaram as grandes coleções norte-americanas, das quais algumas deram origem a importantes museus como o de impressionistas em Chicago e a National Gallery em Washington. Foi também então que muitos brasileiros puderam ver pela primeira vez os grandes originais, conhecidos no Brasil através de reproduções. Jaime de Barros inclusive. Junto com ele, em Paris, naquela época, estavam Cândido Portinari, Iberê Camargo, Frank Schaeffer, Sérgio Camargo, Israel e Antônio Pedrosa, Heitor Villa-Lobos, Arnaldo Estrela, Oriano de Almeida, Hietor e Janete Alimonda, Eros

Chateau de St. Quen, Utrillo (c. 1929), guache

Largo do Boticário, Helena Vieira da Silva (c. 1939), aquarela

La Danse des Carpeaux, Van Dongen (1947), óleo

Festival de Outono de Paris

BARYSHNIKOV

A Estrela Máxima

Heloisa Castello Branco

Já na entrada do teatro dos Champs Elysées, proliferavam as estrelas da mundanidade, da política, das artes, das indústrias, desfilando em grande estilo entre o pipocar dos *flashes* e das câmaras de cinema, sobre o tapete vermelho e separadas por um cordão de isolamento da multidão vinda especialmente para vê-los em carne e osso. Lá estavam Margaret ex-Trudeau, madame ex-Sukarno, os eternos Serge Gainsbourg e Jane Birkin, Carmen e Tony Mayrink Veiga, Sylvia Amélia de Waldener, Gunther Sachs e Curd Jurgens, os Patiño, M. e Mme Junot, Ira de Furstenberg, Olympia de Rotschild, Pierre Cardin, os Ministros Jean-Pierre Soisson e Lionel Stoleru — todos vindos para o *grand gala* de abertura do Festival de Outono de Paris.

O chamariz para tanta movimentação não foi certamente o lançamento do primeiro perfume do italiano Valentino, que também participou da produção do espetáculo do respeitável Balé de Marselha, mas Mikhail Baryshnikov — a grande estrela saída do Balé de Kirov para o American Ballet Theatre e que hoje trabalha sob a orientação do coreógrafo Balanchine para um Ocidente estupefato com seus recursos. E, com efeito, o brilho da noite — que arriscava sem dúvida ser ofuscado pelo lusco-fusco da platéia — repousou inteiramente no desempenho magnético de Baryshnikov.

Baryshnikov: sucesso em Paris

Se o corpo de baile e a coreografia eram medíocres mesmo, ou se foram organizados de modo a valorizar a presença do artista convidado para protagonizar o espetáculo, caberá aos especialistas decidir. O certo é que, em cena, Baryshnikov, sozinho, polarizou as atenções, reteve os fôlegos, dominou a sala, tudo isso não apenas por sua bela figura, mas com momentos de pura dança. Ele como que desaparece por detrás do personagem que movimenta, expressivo e virtuoso a um só tempo, mas sobretudo atravessado por uma vitalidade que certamente não é a cotidiana. Capaz das piruetas mais inacreditáveis, mas sem se limitar à acrobacia, Baryshnikov também é ator, e em seu número — rápido e preciso — concorrem cada músculo, cada detalhe de seu corpo, num prodígio de controle e exatidão. Até a cabeleira dança.

Ao lado de mais uma dançarina convidada, Jacqueline Rayet, da Ópera de Paris, Maikhail Baryshnikov estará à frente do Balé de Marselha interpretando Hermann, um jovem e ambicioso jogador da Rússia tzarista às voltas com uma certa marquesa — a Dama de Espadas — que tem em mãos as três cartas que lhe farão ganhador em qualquer jogo.

La Dame de Pique, o balé, foi montado a partir do texto original de Alexandre Pouchkine, escrito em 1833. Baryshnikov e Roland Petit trabalharam juntos na transcrição do texto para o palco, dando seqüência a um projeto esboçado ainda em 1972, quando os dois se encontraram pela primeira vez. A música é a original de Tchaikovski — também ela composta a partir de *La Dame de Pique*, de Poutchkine — mas com as vozes suprimidas e adaptadas para acompanhar o balé por Laurent Petitgirard. Os cenários são de André Beaurepaire — telão pintado com imensas cartas de baralho cinza, envolvendo os três cantos do palco — figurinos de Jacques Schmidt, que de hábito desenha para a ópera e que desta vez compôs trajes de caimento simples, saídos do chamado estilo império (napoleônico) em tons de bege, gelo, lilás e, para o herói, branco. Tudo até o final do mês, quando se apresentará sobre o prestigioso palco do teatro dos Champs Elysées, ainda no quadro do Festival de Paris, uma estrela não menos brilhante: Rudolf Nureyev. ●

Les Meules, Vlaminck (1945), óleo

O Menino do Estilingue, Portinari (1950), óleo

Paisagem Cearense, Antônio Bandeira (1940), óleo; abaixo, O Minotauro, Rodin (1906)

Volúsia, Edson Motta, Rui Campello entre outros muitos, além de Antônio Bandeira, o primeiro pintor brasileiro bolsista em Paris, autodidata recém-descoberto no Ceará pelo Adido Cultural da França no Brasil. Todos estes tinham no Consulado e na residência do Cônsul um centro de encontro e de discussão. Além disso, era lá que muitos podiam encontrar feijão-preto, cafezinho e banho quente, numa época em que até metrô era racionado.

"Os estrangeiros começavam a chegar de volta a Paris como aves expulsas pela tempestade", recorda o Embaixador, "havia uma retomada da vida parisiense, uma euforia que vinha de fora para dentro, pois os franceses, recém-saídos da ocupação alemã, estavam ainda um tanto deprimidos".

Este era o caso de Kees Van Dongen, holandês radicado em Paris que se tornou célebre entre a mundanidade local pelos seus retratos marcadamente críticos com colares imensos, diamantes e sóis luminosos de figuras da sociedade parisiense.

O alto preço do seguro — são peças insubstituíveis — impede que a coleção participe em exposições. Até hoje, no Brasil, não houve um só pedido

Amigo do Cônsul brasileiro, com quem costumava caminhar ao final das tardes pelo Champs-Élysées, compartilhando seu entusiasmo pela cidade. Já Maurice Vlaminck — também de origem flamenga mas nascido na França e de cultura e espírito completamente franceses — outro amigo da época morava afastado de Paris por mais de 100 quilômetros, detestando a vida mundana da Capital. Com ele Jaime de Barros almoçava e passava tardes conversando sobre pintura e literatura.

Conhecendo ainda Utrillo e Derain, Jaime de Barros os procurava em seus *ateliers* quando se interessava por determinada tela. Eventualmente procurava as galerias e os leilões para a compra. Quando admirava um quadro, o Embaixador discutia longamente com o pintor, depois deixava de vê-lo durante uns dias, antes de decidir-se a levar a peça. Se a tela de seu interesse estivesse nas galerias, visitava as vitrinas cada vez que podia desviar seu caminho na cidade. Se o preço fosse demasiado alto, visitava a vitrina assim mesmo, para se certificar de que ela ainda estava lá. E não raro acabava comprando à prestação.

Não agia da mesma forma quando se interessava por um quadro de Portinari, por exemplo. Amigos ao longo de toda a vida, Jaime de Barros procurava mesmo não se manifestar quando gostava de uma tela, para evitar que o pintor, impulsivo, a oferecesse de presente. Ao lado das telas de Henrique Cavalheiro, Eliseu Visconti, Antônio Bandeira, Manuel Santiago, Georgina de Albuquerque, Frank Schaeffer, Israel Pedrosa, Garcia Bento, Ado Malagoli, Hogo Adamo, Osvaldo Teixeira e Rui Campello, os 14 quadros de Cândido Portinari formam a ala brasileira desta coleção que teve início no Rio de Janeiro há mais de 40 anos. Nesta época Jaime de Barros já estava ligado a vários artistas, escrevendo sobre pintura e animando exposições no Palace Hotel, onde a Associação dos Artistas Brasileiros tinha salão permanente. "Há 50 anos já havia atividade artística no Brasil", conta Jaime de Barros, "o Rio era menor, por isso ficava mais fácil promover a reunião de artistas e público. Cada exposição era ao mesmo tempo um evento artístico e social. Todo mundo estava lá".

Acompanhando regularmente as novas exposições e o movimento do mercado internacional de arte, Jaime de Barros encerrou as suas compras há 18 anos, desde que voltou a Paris em férias, enquanto era delegado substituto do Brasil junto à ONU. Mas foi em Nova Iorque que sua coleção pôde ser vista por um público maior pela primeira — e única — vez, por iniciativa de um grupo beneficente de senhoras americanas. Elas organizavam visitas às residências que abrigassem coleções de porte, encarregando-se do seguro das obras e da segurança da visita e cobrando um ingresso pelo percurso. Aqui no Brasil, nunca recebeu um pedido de participação em exposições. Ele entende por que: "O maior problema é o do seguro que fica muito caro e que além disso jamais pagaria a coleção. São peças insubstituíveis." ●

Página de Serviço

ESTE É UM PRÁTICO GUIA SEMANAL QUE TRAZ PRODUTOS E SERVIÇOS QUE VOCÊ E SUA CASA PODEM ESTAR PRECISANDO

CONSULTE-O SEMPRE. VAI AJUDAR VOCÊ A RESOLVER OS PROBLEMAS DOMÉSTICOS DO SEU DIA-DIA.

INCLUSÕES PELOS TELS.: 242-6952 242-8345

ACADEMIAS DE BALLET

MALUCE BALLET STUDIO
257-3205. Av. Copacabana, 895

ACADEMIAS DE GINÁSTICA

ACADEMIA ADONIS
269-1993. Jose dos Reis, 572
ACADEMIA RODNEY
Ginast. Fem. Masc. Taekwondo
235-7670. Av. Copacabana, 861
GESTETICA-CLIN. DE GINASTICA MEDICA P/GESTANTES
256-8062. 235-7001
Av. N.S. Copacabana, 895
GIN-RITMICA E PLACEMENT
274-2213 - 322-1305
GINA'S STUDIO G. MODERNA
265-4891. L. do Machado, 29
HENRIQUE IBEAS JAZZ
287-0098. Farme Amoedo, 76
LEE-TAEKWON-DO CLUBE
MESTRE LEE E MESTRE KIM
394-5284. Campo Grande
286-4293. Botafogo
STUDIO 5 - GINÁSTICA - JAZZ
Rita Ludolf, 24 - COB-Leblon
YOGA CAIO MIRANDA
255-4788. Av. Copacabana, 807

ADMINISTRADORAS

ADMINISTRAÇÃO DE IMOVEIS PALMARES LTDA.
242-2847. Graça Aranha, 226
288-5149. Conde Bonfim, 406-B
ADRIATICA LTDA.
252-0135. E. Veiga, 35
AUXILIADORA PREDIAL S.A.
242-6060. Trav. Ouvidor, 32
EKASA S.A.
263-1749. 7 de Setembro, 98
ELLMANNO IMOVEIS LTDA.
252-8886. Av. Rio Branco, 185
GVI - ADM. DE IMOVEIS LTDA.
242-5863 - 222-5912 - 227-8953
J. M. ADMINISTRA. IMÓVEIS
222-1557 - 242-1152
N. ABSALÃO
Especialista na Leopoldina
260-7323. Av. Nova Iorque, 71
RAL - RIO ADMINISTRADORA
237-7707 - 257-5616. Av. Cop., 380

ADVOGADOS

DR. ANTÔNIO J.C. GRILLO
242-5757. Av. 13 de Maio, 47

ADVOGADOS - CAUSAS COMERCIAIS

ESCRITÓRIO MORAES PINTO
221-7114. Evar. da Veiga, 35

ADVOGADOS - DIREITO DE FAMÍLIA

COTRIM NETO & ADV. ASS.
242-4700. Graça Aranha, 226
DRA. CLEUZA VELOSO E ASS.
266-4716 - 257-9291 - 256-2460

ALFAIATES

ALDINO ESTILISTA
252-9551. Gonçalves Dias, 84
AMADEU DA SILVA
392-9382. Av. N. Cardoso, 390-D
ATELIER OSVALD
255-5831. B. Ribeiro, 774-708
AYRTON ALFAIATE
235-0675. Copacabana, 420 SL

AQUECEDORES - CONSERTO

ADELINO - GAZISTA
237-5660. Copacabana
TECVAL - SERVIÇO TÉCNICO COSMOPOLITA E JUNKERS
Venda - Conserto - Instalação
230-6908 - 280-8298

AR CONDICIONADO - CONSERTO

ARGEMAQ-AR COND/GELAD.
237-5042. Dias da Rocha, 27
BRAZ AR CONDIC/GELADEIRA
222-7396. Glória
GUANABARA SERVIÇOS
228-9099 - 248-2299. Tijuca
HIDRO ELÉTRICA I. SILVA
229-3390. A. Cordeiro, 492 fds.
TELEMAQ
280-6349 - 230-8337

ASSISTÊNCIA A EXCEPCIONAIS

CENTRO DE ESTIMULAÇÃO
284-2709. Copacabana, 1072

AUTOMÓVEIS - SOCORRO

SANTOS - SOCORRO DIA NOITE
284-9094 - 264-9031

BEBIDAS DISTRIBUIDORES

ADEGA RIO VOUGA LTDA.
A Domicílio Coca-Cola, Prod. Antarctica - Águas Minerais
226-3417 - 226-3588

BICICLETAS

LOJAS META BICICLETAS
224-0708 - 224-9054.
Buenos Aires, 190

BOMBAS-CONSERTO

ELETRICA TEMPERMAR LTDA.
Enrolamentos - Manutenções
234-8366. Av. Suburbana, 191

BOMBEIROS HIDRÁULICOS

CHUVEIRO DE BOTAFOGO
226-1085. V. da Pátria, 46
R. BARROS DESENTUPIMENTO
246-3362. M. Abrantes, 226
SOUZA ELETRICISTA
294-1748. Ataul. Paiva, 1174

BORRACHEIROS

BORRACHEIRO LARANJEIRAS
Pneus - Eletricista - Baterias
285-1039. Laranjeiras, 430

BOUTIQUES

CONCORD TUDO P/NOIVAS
247-6377. V. Pirajá, 540 L/214

BOX PARA BANHEIROS

BLINDEX - VIDRAL
221-2351. Alfândega, 98
BOX DE VIDROS TEMPERADOS
Fumê, Bronze, Verde, Transp.
268-9911 - 288-8796

BUFFET

BUFFET ANADOCE
268-1273. Sá Vianna, 148

CABELEIREIROS

CABELEIREIRO ROUDY
Alis. a oleo S/ Danif. Cabelos
235-0279/5148. Av. Copa, 542
CAMPOS - CAB. UNISSEX
275-6698. P. Izabel, 7 LJ 13
DIERGI CABELEIREIROS
252-3225. F. Roosevelt, 23
HELENA TINTURISTA
266-0415. Gavea
INSTITUTO CABELO LANE
Queda Cabelo-Seborreia - etc.
232-4574. Pç. 15 Novembro, 38-A
JOAQUIM CABELEIREIRO
226-1694. S. Clemente, 12-B
LA ROSE CABELEIREIROS
222-0138. Fco. Serrador, 2 SL
LABELLE CABELEIREIROS
267-0348. V. Piraja, 22 SL 201
MAINA CABELEIREIRO
245-0001. P. do Flamengo, 224
MIRELLA CABELEIREIROS
Haddock Lobo, 437-D. Tijuca
SALÃO ITAHY
222-7338. Graça Aranha, 145

CAMAS HOSPITALARES-ALUGUEL

ALCE-EQUIP. P/ENFERMOS
257-3462/0956. Sta. Clara, 50

CAMISEIROS

DARLY-CAMISAS SOB MEDIDA
232-4438. Av. Rio Branco, 120

CHAVEIROS

FERREIRINHA RIO SUBER
294-1298. Dias Ferreira, 45

CINE-FOTO

KLICK COLOR FILMES
Revelação e Cópias em 48 horas
248-7993. Conde Bonfim, 232

CLÍNICAS DE ACIDENTADOS

DR. HERVÉ MACHADO
DR. JOSÉ L. DE FREITAS
DR. JOEMIO DIAS
Res. 38-5221 - 56-6656 - 47-4479
257-5604 - 255-6296
235-5624. Av. Atlântica, 3.308

CORTE COSTURA-CURSOS

MODELISTA ADELAIDE
237-0562. Copacabana

CORTINAS

CARMEN MENNA BARRETO - CORTINAS ARTÍSTICAS E PERSONALIZADAS
Em Tear-Crochet-Couro-Tecido-Pintura à Mão Livre
397-8867. Barra da Tijuca
FÁBRICA DE ROLÔ-PAINÉIS
232-0084. Arist. Lobo, 100
LUNAR PAINÉIS E ROLÔS
224-8689
OSTROWER ROLÔS-PAINÉIS
266-3068. M. Abrantes, 178-D

CRECHES

CRECHE COLEGUINHA
205-4949. Alegrete, 33 Lar

DATILOGRAFIA-SERVIÇOS

ELIETE-MARIA
226-4255. Botafogo

DECORAÇÃO DA CASA

CARMEN MENNA BARRETO
397-8867-Barra da Tijuca
SOLEMAR DECORAÇÃO GERAL
253-1776 - 223-1378

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO

CONSULTORIA TÉCNICA
201-4047. Cachambi, 206-B
IMUNILAR IMUNIZAÇÕES
226-9577 - 226-8233

DENTISTAS

AURIZETE ALVES M. MENDES
396-3404. Estr. Galeão, 1470
CLÁUDIO CORREA - CRO: 4083
287-3173 - 267-5393
Alm. Pereira Guimarães, 72

DESPACHANTES

C.A.CARVALHO-DESPACHANTE
243-3908 - 223-5302. Centro
ESCRIT. LIRIO MENDONÇA
233-1874. Mayrink Veiga, 32

DOCES E SALGADINHOS - ENCOMENDAS

ALEMAR - DIST. DE DOCES
245-6747. Sen. Vergueiro, 218
DOÇURA NOVO RIO LTDA.
Doces, Salg. Chocol. e Balas
221-2501. Av. Passos, 63

ELETRICISTAS

TUDO AZUL
256-0045. Paula Freita, 31-B

ELETRODOMÉSTICOS - CONSERTO

AJAX-MÁQ. COST. CONSERTO
235-6975 - 255-2498. Copa
CONS. MÁQUINA DE COSTURA
235-3150. Siq. Campos, 143 L. 78
CONSERVADORA D/MÁQUINAS
Conserta-se Máq. de Lavar Brastemp e Frigidaire
294-3147 - 294-3197. Leblon

EMPALHADORES

EMPALHADOR FERNANDO
284-0485 - 234-1233

EMPREGADAS DOMÉSTICAS - AGÊNCIAS

AG. EMPREGADORA CRISELA
390-8940. Dom. Lopes, 642
AGÊNCIA GIRASSOL
257-2011. B. Ribeiro, 391
AGÊNCIA SIMPÁTICA
Arrum., Cop., Babás, Cozinheiras Mensalistas e Diaristas
222-3660. Evaristo Veiga, 35
CIDADE - EMPR. DOMÉSTICOS
236-5693. Santa Clara, 50
DOMÉSTICAS - AG. "PROLAR"
255-7744/45. Dom: 235-7579

ENCOMENDAS

ENCOMENDAÇO
Encomendas P/Todo o País
243-8995. Santo Cristo, 224

ENFERMEIROS

ASPE-ASSIST. PART. ENFERMOS
257-3462/0956. Sta. Clara, 50
ELINAZA - ACOMPANHANTES
231-1012 - 205-7085

ESCADAS

ESCADAS CARACOL TUPIARA
791-4543. Quint. Bocaiuva, 119

ESPORTES E ARTIGOS PARA JOGOS

SUPERBALL E KING SPORT
CENTRO-TIJUCA-COPACABANA
243-6373/1907 - 255-0425 -
232-6120 - 223-6387 - 222-8738

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

ALUMÍNIO TECNO-ALU
270-0399. Brás de Pina, 291
SQUEMA - ESQ. DE ALUMÍNIO
266-5570. M. Fontenelli, 41-C

ESTOFADORES

CANDICE - ESTOFADOS
Faço Novos: Estofados e Cortinas Orç. S/Compromisso
275-8294 - 235-6712. Copa
CASA EGA ESTOF. EM GERAL
Móvel - Parede - Carro - Lancha
280-4663. Braga, 20
COLCHOARIA COLOMBO
248-2430 - 208-4849.
C. Bonfim, 262
COLCHÕES FIRMATON
Orçamento sem Compromisso
266-0641 - 248-4811 - 289-1991
DOMITEX DECORAÇÕES LTDA.
208-2948. B. Mesquita, 605-C
GOULART DECORAÇÕES LTDA.
Estofados - Capas - Cortinas - Estofados Novos - Rapidez e Garantia - Orçam. S/Compr.
228-8388. Arist. Lobo, 196-E
JADER C. MOREIRA
Móveis Estofados - Cortinas Colchas - Matlassê - Colchões Decorações - Orç. S/Comprom.
281-1228

JOIVAN DECORAÇÕES
287-0790. V. Pirajá, 318 ss 7

MARCOS REFORMA ESTOFADOS
258-0472. Vila Isabel

MONTEARTE DECORAÇÕES
232-8625. Catumbi, 116 Fundos

NELMAN REFORMA ESTOFADOS
238-6546 - 258-1201

RICARDO REFOR. ESTOFADOS
258-5038 - Tijuca

FARMÁCIAS E DROGARIAS

DROGA SIX
247-2580/7562. J. Castilho, 57

DROGARIA KOSMOS
238-1133. 28 de Setembro, 344

DROGARIA SAENS PEÑA
Entregas à Domicílio
284-5548. Conde Bonfim, 297-B

FARM. HOMEOPÁTICA AYMORÉ
221-0573. 7 de Setembro, 219

FARMÁCIA CARLOS SILVA
Capac. P/Atend. Casas Saúde
286-7898. São J. Batista, 14

FARMÁCIA GLICÉRIO
265-9735/8153 - 205-1949

FARMÁCIA MARINO
238-6423. Largo da Usina

FARMÁCIA PIAUÍ
255-7445. Barata Ribeiro, 646
274-7322. Av. A. Paiva, 1283-A

HOMEOPATIA STUART
248-8885. Haddock Lobo, 71

FESTAS INFANTIS - ORGANIZAÇÃO

PLIM-PLIM MÁGICO DO PAPEL
257-7276

FLORES - LOJAS

VITAL FLORES NATURAIS
288-1968. Uruguai, 268-A

FLORICULTURAS

ANDRÉ - DECORADOR
Clubes, Igrejas, Sinagogas, etc.
V/ Flores - Baixo Custo
391-9174 - 351-8615

CHÁCARA HUMAITÁ - PLANTAS E JARDINS
Terra Vegetal Preparada
226-9959/7482. Humaitá, 250
Av. das Américas, 14439

SANTIAGO DECORAÇÕES EM FLORES NATURAIS
Decorações Igrejas, Clubes, Sinagogas, etc. Demonstrações em Slides e Filmes.
268-1717 - 238-6771
Barão de Mesquita, 778

TROPIFLORA - PLANTAS
310-1221 - 310-1395. Grota Funda, 1000 - I. de Guaratiba

FOTÓGRAFOS

KLEBER GUIMARÃES
225-7240 - FFC. 268-1012 - TTC

SIQUEIRA STUDIO
222-3467. Ed. Av. Central, ss 133

SOM, FOTO ESPORTE
223-3746. Uruguaiana, 212

GELADEIRAS-CONSERTO

REFRIG. ESTÁCIO DE SÁ
284-7348. 28 de Setembro, 182

TECVAL SERVIÇOS E PEÇAS
230-6908 - 280-8248

GELO

DEPÓSITO GELO AVEIRENSE
Entregas à Domicílio
226-0011. Cap. Salomão, 14/16

GRADES PROTETORAS

GRADES MONVIC
342-3839. Estrada Jpa., 6461

SECADORES CONTINENTAL
226-7484. Real Grandeza, 160

GRAFÓLOGOS

PSICODIAGNÓSTICOS GRAF. E PERÍCIAS GRAFOTÉCNICAS
222-7299. Almte. Alex., 1281

IMPERMEABILIZAÇÕES

CINAR CONSTRUÇÕES
228-8797 / 5724. P. Gabizo, 35

IMPRESSOS DE LUXO

SR - CONVITES - CASAMENTO
280-4795 - 280-2945

JARDINS - ART. E ORNAMENTOS

HILÉIA PAISAGISMO ECOLOGIA
222-4771 - 224-7526

PAN GRAMA TERRA ADUBADA
331-6453 - 331-8477

JOALHEIROS

SÓ-ALIANÇAS
Edgard Romero, 81 Sl. 203

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

LABORATÓRIO BRONSTEIN
283-4447 - 236-7805

LAVANDERIAS

DM-TAPEÇARIA
Tapetes Lavagem no Local
Estofados e Cortinas
226-8442

EVARISTO'S - TAPETES - LOCAL
201-4469. Riachuelo

HOTÉIS E SIMILARES S.A.
288-7996 - Maxwell, 80
286-0697 - S. Clemente, 265

LAVA - CORTINAS E TAPETES
Especialista - Orç. S/Comp.
227-3480. Ipanema

LAVANDERIA CRECI
Lavamos Tapetes no Local
281-9338. Méier

LAVANDERIA GUANABARA
Forrações Lavagem no Local
Lavagem: Cortinas - Tapetes
226-1634/5019. Passagem, 110

LAVANDERIA JOVEM
Forrações Lavagem no Local
Cortinas Lavagem e Reforma
284-5193 - 248-9414

LEITURA DINÂMICA - CURSOS

EXECUTIVE COURSES
242-9139. Tv. Ouvidor, 21

MÁQUINAS DE LAVAR - CONSERTO

GUANABARA SERVIÇOS BRASTEMP E BENDIX
254-2725 - 248-2299
228-9099. Aristides Lobo, 53

SERATEL-SERVIÇO ESPECIALIZADO-BRASTEMP/BENDIX
264-3198 - 228-8186

TECVAL - BRASTEMP/BENDIX
230-6908 - 280-8248

MÉDICOS - ALERGIA

DR. JORGE D. BARBAS - 23046
284-6988. Conde Bonfim, 232

MÉDICOS - CIRURGIA PLÁSTICA

DR. DJALMA L. MENDONÇA
237-1784. N. S. Copa. 819

MÉDICOS - ENDOCRINOLOGIA - OBESIDADE - DIABETES

DR. JORGE BASTOS GARCIA
267-8606. Ipanema
391-1287 - 351-6492. Irajá

MÉDICOS - ORTOPEDIA

CLÍN. DR. MICHEL GLASBERG
236-6667. B. Ribeiro, 774

MÉDICOS - OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA

DR. MAURO LINS E SILVA
285-3433 - 225-1584

MÉDICOS - SEXOLOGIA

DR. ORESTES CRUZ - 988.2
DR. ARMINDO FALCÃO - 8227
Urologia - Distúrbios Sexuais
221-4100 - 224-7999
Pres. Vargas, 633

MÉDICOS - UROLOGIA

DR. MOISÉS FISCH
242-6845. Rio Branco, 156

MENSAGEIROS DOMICILIARES

TOC-TENHA
274-9898 - 274-4747

METAIS SANITÁRIOS

CASA MONTES CRUZ
Metais, Banheiras e Pisos
232-2220. Frei Caneca, 107/9

MOLDURAS

ARTEFACT MOLDURAS
224-3601. Gen Caldwell, 216

JOÁ MOLDURAS
Bambu - Cortiça - Mont. Poster
274-8249. Dias Ferreira, 242

MÓVEIS

MONTMARTRE PIONEIRO MÓVEIS COLONIAIS
1.000 Modelos em 3.000 m²
246-1591 - 246-0923
390-5570. São Clemente, 72
Cândido Benício, 503

MÓVEIS DE VIME

CANA ÍNDIA-VIME-JUNCO
Fabr. Própria - Modelos Excl.
232-0084. Arist. Lobo, 100

MUDANÇAS

A LUSITANA S/A.
284-9991. Av. Brasil, 2332

AIRMAR - TRANSPORTES LTDA
232-8964 - 262-0147

MUDANÇAS CENTRO-SUL S/A.
269-0542

MUDANÇAS TIJUCA
248-9053. Haddock Lobo, 409-B

OBRAS E REFORMAS-IMÓVEIS

MARCAP LTDA. - REFORMAS
224-8541. Sen. Dantas, 117

SANITAS ENGENHARIA
222-1123. Marrecas, 36

SERRARIA SANTA LÚCIA
229-2331 - 289-3294

PAPEL DE PAREDE

CARVALHO COSTA REVESTIM
236-4589. Santa Clara, 33

MEIRY DECORAÇÕES
236-3995. 256-3788. Cop., 1072

SÓ PEDRAS DECORAÇÕES
287-0807. A. M. Franco, 170-F

PERSIANAS

PERSIANAS COLUMBIA
264-9062. Dona Maria, 29

PERSIANAS PAN AMERICAN
244-1077. Frei Caneca, 101

PERSIANAS PREDILETA
236-2744 - 257-2021 - 256-5849

PRESIDENTE VERTICAIS/HOR.
232-2150 - Gal. Caldwell, 259

PERSIANAS-CONSERTO

FRANCO REFORMAS E NOVAS
252-5693

PISOS

CLAIR DECORAÇÕES
287-0888. Visc. Pirajá, 82

PLACA - PAVIFLEX - REVIFLEX
246-5138. 226-4998. 286-1393.

PLASTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS

LEME-CÓPIAS BAZAR SAMPAIO
275-3048. G. Sampaio, 610-B

PORTAS P/GARAGEM

PORTAS DE ELEVAÇÃO ZEUS
771-8118. Rodov. W. Luiz, Km-1

PRODUTOS P/LIMPEZA

JUQUINHA
270-1093. Pç. das Nações, 292

PRODUTOS VETERINÁRIOS

VETERINÁRIA FÁTIMA
Prod. Agro.Pecuários
252-4744. do Riachuelo, 145

XAMON-PROD. P/PEQUENOS ANIMAIS E P/JARDINAGEM
253-6774. Miguel Couto, 104

PRONTO-SOCORRO

EMERGÊNCIA DENTÁRIA
267-5393 - 287-3173
Alm. P. Guimarães, 72

PSICODRAMA

DR. RONALD DE CARVALHO F.
286-9324. Real Grandeza, 182/5A

RÁDIO - CONSERTO

ELETRÔNICA TRANS-CORDER
242-1334. Trav. Ouvidor, 36

RAIOS X - CONSULTÓRIOS

ABREUGRAFIA DR. CARVALHO
P/o Mesmo Dia Radiografias
224-4635. Av. Alm. Barroso, 91

RECURSOS HUMANOS-AGÊNCIAS

COAC S.A. REC. HUMANOS
Servs. Perm. e Temporários
233-2599. Av. Rio Branco, 39
390-7156 PBX. Est. Portela, 29

CORTESIA PREST. SERVIÇOS
Servs. Perm. e Temporários
Av. Rio Branco, 156 SL 537

REFRIGERAÇÃO - CONSERTO

OFICINA FUAD
242-7934 BIP 246-4180/B3A

RESTAURANTES

CALDEIRÃO SOLARIUM BAR
Gal. Venâncio Flores, 171

CHEZ MANOLO REST. E BAR
396-4080. I. Governador

RESTAURANTE VEGETARIANO
224-9515, Alfândega, 112

REVESTIMENTOS

COLTAP - PAPEL DE PAREDE
232-9316. Relação, 55 SL 416

DECOR-PAPEL DE PAREDE
257-7694. Barata Ribeiro, 48

FELIPE MARMORARIA
238-5504. Teod. da Silva, 525

THIAGO PEDRAS DECORATIVAS
Atendemos a todo o Brasil
390-1522 - 390-3217 - 390-9670

SAUNAS

LINA SAUNA
234-2609 - 228-2550

SEGUROS

CYLCAR SEGUROS
224-5283. Carmo, 6

"SILK SCREEN"

SERITÉCNICA MATERIAIS SERIGRÁFICOS
284-3196. C. S. Cristóvão, 120
237-2979. Sta. Clara, 75 LJ 508

SOM - ALUGUEL

OSCAR - SOM/LUZ P/FESTAS
246-4180. BIP 625

SOM - EQUIPAMENTOS

NUCIO STUDIOS
246-8953. Vol. da Pátria, 170

SEC. ELETRÔNICA/VIDEO K7
283-4250 - 222-8649

TAPETES-LIMPEZA

DM-TAPEÇARIA
226-8442

LAVE-TAPE
224-3400 - 224-1005

TELEVISÃO - CONSERTO

AJAX-CONS.TV SHARP SANYO
235-6975 - 255-2498. Copa

VITAL FONTOURA ELETRON.
396-1404. Ilha Governador

TOLDOS E COBERTURAS

TOLDOS VOLPINI
390-8710. Cons. Galvão, 58

TRANSPORTES URBANOS

MARABÁ TRANSP. EM KOMBIS
261-8997 - 771-1881

TURISMO-AGÊNCIAS

GUANATUR PASSAGENS
255-1271. Dias da Rocha, 16

VIDRACEIROS

AEROPLEX
Vidros para Automóveis
255-4625. Barata Ribeiro, 266

BLINDEX - SUPER VIDRO
228-2265 - 264-8807

CASA CARVALHO GONÇALVES FABRICA MOLDURA/ESPELHO
Venda Atacado e Varejo
222-5592 - 232-7658
232-9958 - Constituição, 13

CASA ROCHA - FÁBRICA DE ESPELHOS
230-9085. Av. Automóvel Clube, 3875

VIDRAÇARIA BRAGANÇA
247-1702. G. Carneiro, 131-B

VIDRAÇARIA ESTRELA
238-1746 - 28 Setembro, 391

VIPLAMOL-VIDROS/MOLDURAS
288-0708. Uruguai, 349 A/B

VIGILÂNCIA

SASIL SEGURANÇA
232-0790 - 255-5861 256-9634

SBIL-SEG. BANC. INDUSTRIAL
283-0812. Gomes Freire, 181

HORÓSCOPO

Semana de 29 de outubro a 4 de novembro

Jean Perrier

ÁRIES

(21/3 a 20/4). Planeta: Marte

Vida diária — Melhoria em todos os domínios. Uma nova tarefa lhe será confiada. Tome iniciativas e você poderá obter uma promoção. **Sentimentos** — Sua vida afetiva será muito calma. Cuidado, pois você enfrentará mal a solidão. Harmonia com Virgem e Sagitário. **Pessoal** — Cuidado com suas palavras. **Saúde** — Beba água mineral. **Nº** — 2; **Cor** — Amarelo; **Dia** — Segunda-feira.

TOURO

(21/4 a 21/5). Planeta: Vênus

Vida diária — Você obterá sucesso somente com a sua dedicação, pois Júpiter não favorece seu céu astral. Não hesite em seguir as suas idéias. **Sentimentos** — Com Vênus no seu signo, uma amizade tomará um lugar importante na sua vida. Harmonia com Balança e Capricórnio. **Pessoal** — Não seja susceptível. **Saúde** — Tenha uma alimentação leve. **Nº** — 8; **Cor** — Vermelho; **Dia** — Sábado.

GÊMEOS

(22/5 a 21/6). Planeta: Mercúrio

Vida diária — Você não deve assumir compromissos, pois a conjuntura atual não é favorável. Prudência também no plano profissional. Não assine documentos. **Sentimentos** — A sua beleza será realçada. Você conseguirá conquistar a pessoa amada. Harmonia com Leão e Capricórnio. **Pessoal** — Certas palavras são irreparáveis. **Saúde** — Boa. **Nº** — 2; **Cor** — Amarelo; **Dia** — Segunda-feira.

CÂNCER

(22/6 a 22/7). Planeta: Lua

Vida diária — Você conseguirá realizar seus projetos. É o momento certo de preparar seu futuro. Não ouça os conselhos de certas pessoas. **Sentimentos** — O seu amor por uma pessoa se tornará intenso com a influência de Vênus. Harmonia com Balança e Touro. **Pessoal** — Você terá a simpatia de seus amigos. **Saúde** — Pratique esporte. **Nº** — 7; **Cor** — Rosa; **Dia** — Quinta-feira.

LEÃO

(23/7 a 23/8). Planeta: Sol

Vida diária — Cuidado com a sua inquietação. Você precisa reagir. Com Júpiter em oposição evite as especulações. **Sentimentos** — Vênus em quadratura poderá perturbar seriamente a sua vida afetiva. Saiba manter o equilíbrio. Harmonia com Áries e Câncer. **Pessoal** — Organize-se. **Saúde** — Não faça esforços. **Nº** — 3; **Cor** — Branco; **Dia** — Quarta-feira.

VIRGEM

(24/8 a 23/9). Planeta: Mercúrio

Vida diária — Vênus favorecerá seus interesses. Isto é uma indicação de sorte inegável. Resolva os problemas em suspenso. **Sentimentos** — Você irá provavelmente apaixonar-se por uma pessoa de seu trabalho. Harmonia com Áries e Escorpião. **Pessoal** — Dê conselhos a um amigo. **Saúde** — Cuidado com seus pés. **Nº** — 5; **Cor** — Amarelo; **Dia** — Domingo.

BALANÇA

(24/9 a 23/10). Planeta: Vênus

Vida diária — Antes de tomar uma decisão que comprometa o seu futuro, reúna todos os dados e pese bem os riscos. **Sentimentos** — Dê mais valor à amizade das pessoas que conhece há bastante tempo. Harmonia com Touro e Peixes. **Pessoal** — Organize-se melhor para realizar o que deseja. **Saúde** — Evite cansar-se. **Nº** — 6; **Cor** — Vermelho; **Dia** — Terça-feira.

ESCORPIÃO

(24/10 a 22/11). Marte e Plutão

Vida diária — Aja sem vacilar, você terá muita sorte. Você deverá ser prudente apenas no setor financeiro. **Sentimentos** — Você poderá sofrer uma desilusão com relação a uma pessoa que conheceu durante uma viagem. Harmonia com Câncer e Áries. **Pessoal** — Não cometa os erros passados. **Saúde** — Excelente forma física. **Nº** — 8; **Cor** — Amarelo; **Dia** — Quinta-feira.

SAGITÁRIO

(23/11 a 21/12). Planeta: Júpiter

Vida diária — A atual conjuntura não é benéfica. Seja muito prudente nas suas palavras. Domínio financeiro melhor influenciado. **Sentimentos** — A felicidade está mais perto de você do que imagina. Não se distraia. Harmonia com Aquário e Câncer. **Pessoal** — Tenha a coragem de dar a sua opinião. **Saúde** — Pode começar uma dieta. **Nº** — 5; **Cor** — Marrom; **Dia** — Domingo.

CAPRICÓRNIO

(22/12 a 20/1). Planeta: Saturno

Vida diária — Você pode contar com melhores condições de trabalho que virão recompensar os seus esforços. **Sentimentos** — Fim de uma ligação banal que dará lugar a um verdadeiro amor. Harmonia com Virgem e Aquário. **Pessoal** — Não se deixe influenciar pelas palavras que poderão lhe ser ditas. **Saúde** — Massagens benéficas. **Nº** — 9; **Cor** — Roxo; **Dia** — Sexta-feira.

AQUÁRIO

(21/1 a 18/2). Urano e Saturno

Vida diária — Júpiter favorecerá as transações imobiliárias. Reconhecimento no plano profissional. Estudos e contratos favorecidos. **Sentimentos** — Vênus continua em quadratura. Espere mais um pouco para assumir um compromisso. Harmonia com Gêmeos e Câncer. **Pessoal** — Se alguém lhe pedir ajuda, não recuse. **Saúde** — Controle suas emoções. **Nº** — 8; **Cor** — Azul; **Dia** — Segunda-feira.

PEIXES

(19/2 a 20/3). Netuno e Júpiter

Vida diária — Você encontrará novamente o seu dinamismo e conseguirá se impor no meio profissional. Não hesite em tomar iniciativas. **Sentimentos** — Os astros durante esta semana reforçarão o seu relacionamento com a pessoa amada, apesar das brigas que poderão surgir. Harmonia com Balança e Sagitário. **Pessoal** — Modere sua ambição. **Saúde** — Excelente. **Nº** — 6; **Cor** — Cinza; **Dia** — Quarta-feira.

SOLUÇÕES

CRUZADAS

HORIZONTAIS — cor; poupar; urease; remir; acem; edema; rale; ci; mim; etal; amido; dada; elnir; orar; atora; igaras; aulas; lobo.
VERTICAIS — carecedora; rume; pera; oa; usar; pecaminoso; rememorado; rim; editar; elidir; adail; larga; alar; metal; as.

CONTINUEX

1. crematório; 2. oriundo; 3. domesticar; 4. carcerária; 5. amoldada; 6. dano; 7. novelesco; 8. comentários; 9. ósculo; 10. lotear; 11. árcade; 12. delito; 13. tomista; 14. tábua; 15. acovardar; 16. dardo; 17. doceira; 18. raciocínio; 19. ótima; 20. máximas; 21. massacre.

CHARADÍSSIMO

Charadas Apocopadas: 1. culpado/culpa; 2. achador/acha; 3. farrapo/farra; 4. mourama/moura; 5. gordote/gordo; 6. ripada/ripa.

DOMINÓ PROVÉRBIO

Em casa de ferreiro, espeto de pau.

XADREZ

D6R

DISCOS

Alberto Carlos de Carvalho

Clube da Esquina 2: uma festa nostálgica para encerrar um ciclo

Mílton Nascimento, Rock *e Discoteca encerrando o mês*

● No setor nacional, outubro foi o mês de lançamento dos LPs de Mílton Nascimento e Gal Costa, como novembro será o de Chico Buarque e Maria Betânia. Mas enquanto *Água Viva*, irrepreensível em todos os aspectos, mostrou Gal Costa aperfeiçoada como intérprete e cantando um repertório de qualidade muito bem ajustado a um momento de sua carreira, o álbum duplo *Clube da Esquina 2*, de Mílton Nascimento, chegou a entristecer muitos seguidores de seu trabalho.

A expectativa criada por uma abstinência de dois anos sem novas gravações de Mílton Nascimento talvez tenha contribuído para o desapontamento e a má impressão que as primeiras audições de seu novo álbum causaram. Quem sabe até os dois discos, justamente por reunirem muita música, não serviram para aumentar a indigestão de quem estava tanto tempo em jejum? Em todo caso, ninguém precisa chegar ao extremo de revender o *Clube da Esquina 2* no dia seguinte da aquisição, e pela metade do preço, como fez um fanático e indignado admirador de Mílton.

O disco cresce e amadurece com o tempo, mas para evitar uma despesa de Cr$ 340, o dissabor de uma frustração e a conseqüente lamentação, é bom saber que nem todo o repertório do álbum é constituído por canções ao nível de *Maria Maria*. Algumas músicas fracas, que soam como corpo estranho ao projeto, além de dois ou três arranjos estranhos, tornam o *Clube da Esquina 2* bem arrastado e monótono. O som — excessivamente metálico e malmixado — também não é bom e ainda ocorreram muitos deslizes nas vocalizações, principalmente na faixa *Canción Por La Unidad de Latino America*, que Mílton e Chico Buarque cantam desencontrados e atravessando o ritmo o tempo todo. Mas tudo isso até que está bem coerente com o clima do álbum. Um clima de festa, onde a tônica foi um reencontro de amigos com muita descontração. Só que uma festa nostálgica e, ao mesmo tempo, de despedida, como aquelas de formatura, parecendo encerrar um ciclo de Mílton Nascimento. Justamente o ciclo do clube fechado e apegado às influências do eixo Goiás-Minas Gerais, esgotado pelos seus próprios sócios compositores, que, neste álbum, cuidaram de fazer uma espécie de liquidação final.

Nos lançamentos internacionais, foram editados muitos números do gênero discoteca, que são encontrados principalmente nos LPs de montagem reunindo diversos intérpretes. Quem estiver procurando especificamente uma música, se ela não estiver disponível, em compacto simples, poderá encontrá-la em mais de um LP com repertórios diferentes e, assim, ficar com a combinação de músicas que mais agradar. Nesse caso, é recomendável revirar as preteleiras das lojas e ouvir disco por disco. E apesar destes LPs diversos garantirem o mês de qualquer lojista, também foi lançada uma grande variedade de discos que se encaixam no que rotulamos rigidamente de *rock*.

● O cantor/compositor Neil Young, por exemplo, reapareceu com ótimo disco, *Comes a Time*, no qual, em 10 faixas curtas, demonstra ter readquirido a força e a qualidade de suas melhores criações registradas no final dos anos 60. Por outro lado, Carole King não conseguiu superar o artificialismo de suas últimas gravações e, indecisa entre baladas romanticas, *country* e discoteca, lançou o disco mais fraco de sua carreira: *Welcome Home*. Nele não existe sequer uma música para ser transformada em sucesso em compacto simples. Também sem nenhum sucesso de execução imediato, ainda na leva dos compositores/intérpretes, está o LP *Exitable Boy* do sarcástico poeta/vocalista Warren Zevon. O disco, entretanto, é muito bom.

Os apreciadores do *rock* introspectivo podem encontrar momentos de contemplação ouvindo o novo LP do Alan Parsons Project, *Pyramid*. Tecladista, guitarrista, compositor e engenheiro de som de alguns discos de Paul McCartney, Hollies, Beatles e Pink Floyd, Alan Parsons emprega toda sua técnica de estúdio em mais um LP conceitual — desta vez discorrendo em torno de piramides — num trabalho inferior e sem o mesmo impacto de seu disco anterior, *I Robot*. Em todo caso, o LP é a única alternativa neste gênero. Já os adeptos do *rock* pesado têm mais opções. Poderão escolher entre o *punk* do grupo Television com o LP *Adventure*, o *rock* elétrico monocórdico ao estilo Status Quo representado pelo disco *Power Age* do conjunto AC/DC e o que seria a continuação da música do Free e, consequentemente, do conjunto Bad Company, com os números do LP *Double Vision* do grupo Foreigner.

Neste disco, a reaparição de Neil Young em seus melhores momentos

FICHA:

Club da Esquina 2/ Mílton Nascimento (Odeon 422831); *Água Viva*/Gal Costa (Phonogram 6349.394); *Comes a Time*/Neil Young (WEA 34.019); *Welcome Home*/Carole King (Capitol 064.85495); *Excitable Boy*/Warren Zevon (WEA 32.023); *Pyramid*/The Alan Parsons Project (Odeon 60792); *Adventure*/Television (WEA 32.024); *Power Age*/AC/DC (WEA 30.071); *Double Vision*/Foreigner (WEA 30.070)

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

FUTEBOL NA TERRA DOS PRÍNCIPES

Os príncipes decidiram que não bastava importar dois ou três jogadores e um ou dois técnicos brasileiros. O futebol brasileiro não era só isto. Também precisavam de um preparador físico. Contrataram um preparador físico. Que mais? Massagista. No país dos príncipes existiam massagistas. Bons massagistas. Mas não como os brasileiros. O massagista brasileiro que os príncipes importaram, por indicação do preparador físico, sabia tudo. Fricção antes e depois do jogo. O que fazer em caso de distensão, luxação, entorse, hematoma e câimbra. Defumação do vestiário antes da entrada dos jogadores. Benzedura de botina e bola. Contas, velas, ossos cruzados, farofa. Na chegada à terra dos príncipes, o massagista inspecionou o material com que ia trabalhar. Tudo perfeito. A sua maleta de primeiros socorros era melhor equipada do que muitos hospitais no Brasil. O massagista perguntou aos príncipes:

— Majestades, e sapo?

— Como?

— Sapo. Aqui se consegue sapo?

Não se conseguia. Sapo vive em lugar úmido, e na terra dos príncipes não havia lugar úmido. A água na terra dos príncipes era importada da Europa. Vinha em avião-pipa. Mas por que o massagista queria sapo?

— Não trabalho sem sapo. Antes do jogo abro a barriga do sapo, tiro os olhos do sapo, dou um banho de cachaça e arruda nos olhos do sapo, boto os olhos dentro da barriga e costuro a barriga. Depois enterro dentro da goleira. Dá azar para o goleiro adversário.

— E quando é o nosso goleiro que joga na goleira do sapo?

— Aí dá sorte.

Os príncipes ficaram muito impressionados. A meta dos príncipes era conquistar o campeonato mundial de futebol antes do fim do século. Deram ordens para importar sapos, cachaça e arruda do Brasil. Mas havia um problema. Os campos de futebol na terra dos príncipes eram de grama artificial. Não dava para enterrar coisa alguma. O massagista decidiu que o futebol na terra dos príncipes não tinha muito futuro. Era primitivo demais. Como é que os jogadores iam pegar um talo de grama artificial para se benzer com ele na entrada em campo? Como ia ganhar 50 mil dólares por mês, fora o carro e a casa, o massagista ficou. Mas não garantia nada. Os príncipes sonhavam em ver o maior estádio da sua terra transformado num Maracanã. Tudo devia ser como no futebol brasileiro. O que mais estava faltando? O técnico disse que sentia falta de dirigentes brasileiros no vestiário. Sabe como é, para dar ambiente. Os príncipes concordaram em importar dirigentes brasileiros. Eles não precisariam fazer nada. Só freqüentarem os vestiários depois dos jogos e darem entrevistas para as rádios. Ninguém na terra dos príncipes ia entender o que eles diziam para as rádios. Felizmente. O importante era o ambiente. Antes de embarcarem para o Brasil para comprar meia dúzia de dirigentes — e 17 estátuas de São Jorge que o massagista

Ilustração de Liberati

encomendara — os príncipes prepararam uma lista de tudo que precisariam levar, de uma vez só, para que o futebol na sua terra fosse idêntico ao do Brasil e, um dia, campeão do mundo. Dinheiro era o que não faltava. Na terra dos príncipes os mendigos davam esmola para os turistas. As pessoas, em vez de água, tinham petróleo no joelho. Dinheiro não era problema.

Hospedados no Méridien, do Rio, os príncipes começavam a entrevistar os pretendentes. Tinham colocado anúncios nos jornais. Primeiro, os dirigentes. Eles tinham que segurar um microfone fictício e simularem uma entrevista de vestiário. Ganhariam pontos por erros de concordância, incoerência e falta de controle emocional. Os que dissessem mais bobagens seriam contratados por um ano. Segundo os príncipes, se ficassem mais de um ano poderiam aprender a língua da sua terra e suas entrevistas acabariam agravando a situação no Oriente Médio. Os príncipes também ouviram técnicos em administração da CBD. Precisavam de um dirigente para a federação de futebol da sua terra e queriam o mais brasileiro de todos. Contrataram o que apresentou um plano para um campeonato anual de integração da África e da Ásia com jogos às quartas e domingos e a duração de sete anos cada campeonato.

Os príncipes também queriam contratar torcedores brasileiros. Depois que saiu o anúncio no jornal, com o salário em dólares, a frente do Méridien encheu com uma multidão de torcedores com suas faixas e bandeiras, houve tumulto e vieram os PM. Da janela do seu quarto no hotel os príncipes puderam escolher à vontade:

— Vamos levar aquele grupo ali, aqueles 20 que estão brigando, a charanga da esquerda e, sim, aqueles quatro PMs que estão batendo em todo o mundo. E três vendedores da Kibon.

Quatro ou cinco aviões fretados levariam os contratados para a terra dos príncipes, apesar de alguns desistirem ao saber que na terra dos príncipes a bebida era proibida, a gente caminhava, caminhava pela praia e nunca chegava ao oceano Atlântico e quem passasse a mão em mulher perdia o contrato, e a mão. Junto com os dirigentes foram algumas figuras que ninguém sabia para o que serviam, porque em toda delegação de futebol brasileiro há sempre algumas figuras que ninguém sabe para o que servem, e estes tinham sido contratados para o papel.

Foi nesta altura da fantasia que eu entrei em cena. Acossei os príncipes no Galeão, na hora do embarque, e perguntei se na terra deles tinha cronistas. Os príncipes se entreolharam. Cronistas? O que era isto. Foi difícil explicar, mas fiz o possível. Não, não havia cronistas na terra deles. Me apresentei. Não era especializado em futebol, mas, que diabo, também chutava. Já tinha começado a ditar meus termos para o contrato — 500 mil por mês, fins de semana em Londres com um quarto permanente no Connaught de Mayfair, casa com piscina, dois Rolls-Royce para o caso de um ficar com o cinzeiro cheio — quando notei que os príncipes estavam recém se dando conta que eu era, por Alá, da imprensa! Se afastaram rapidamente, dizendo:

— Não, não. Imprensa não. Os dirigentes nos disseram que a imprensa é que atrapalha o futebol brasileiro. Imprensa nós não precisamos!

ANGRA

Um espetáculo de domingo a domingo. Reserve seu lugar.

Já pensou você aqui?
É fácil. Basta pegar a BR 101 e chegar no km 111, em Angra dos Reis.
Aí você encontra o Condomínio Caieirinha, na fazenda Itanema.
Um lugar fechado para quem quer assistir em paz a natureza.
Com porteiro na entrada para tomar conta do que é seu.
Lotes a partir de 2 mil metros quadrados com um mínimo de 25 metros de frente. Estrada pavimentada em todo loteamento e instalação de água e luz.
Venha para Angra. O primeiro ato só começa quando você ocupar o seu lugar.

[illegible] PARA O MAR • A PARTIR DE Cr$ 13.000,00 MENSAIS
[illegible]MENTO EM ATÉ 36 MESES

VENDAS: Terral AVENIDA GRAÇA ARANHA, 145 - GR. 408 - TELS.: 242-1559 E 242-9329
INFORMAÇÕES NO LOCAL: RIO-SANTOS, KM 111 - FAZENDA ITANEMA

ITANEMA
ANGRA DOS REIS

Saiu um Telefunken pra viagem.

Denison

© AEG - Telefunken do Brasil S.A.

TELEFUNKEN PALcolor

14:00 h - Lá vai o PALcolor 14 para a cozinha dar a receita do jantar.
O PALcolor 14 (36 cm) é o Telefunken portátil, que tem boa imagem em todo lugar: sua dupla antena telescópica cuida disso.
17:00 h - Lá vai o PALcolor 14 para o quarto das crianças. Dizem que a sessão de desenhos vai ser muito animada.
Também, com o cinescópio Black-Matrix IN LINE, o PALcolor 14 tem imagem, brilho e cores mais perfeitos. Sob qualquer tipo e condição de iluminação.
20:00 h - Lá vai o PALcolor 14 para a sala. Está começando a novela.
O PALcolor 14 nem liga por funcionar o dia inteiro. Ele é totalmente transistorizado, possui o maior número de circuitos integrados, que duram mais e gastam menos energia.
23:00 h - Lá vai o PALcolor 14 para o quarto do casal. Papai e mamãe gostam de ver filmes com as mesmas cores que têm no cinema. Por isso, escolheram PALcolor 14 - um aparelho com novo desenho, avançado e discreto, fabricado pela

TELE FUN KEN

empresa que inventou o sistema PAL de transmissão em cores, adotado no Brasil: o melhor.
7:00 h da manhã seguinte - Lá vai o PALcolor 14 com a família toda para a praia.
Saiu um Telefunken pra viagem.
O PALcolor 14 possui Controle Automático de Ganho, sistema que permite boa recepção em toda parte. Mesmo em locais com sinal fraco.

PALcolor 14

TELEFUNKEN

inventou o sistema PAL - faz o melhor televisor

CADERNO DE QUADRINHOS
Nº 136 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 29 de outubro de 1978 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS
Charlie Brown e sua patota
POR SCHULZ

PERNA-LONGA

...E A PARTIR DE HOJE SEREI O MAIOR VENDEDOR DESTE MUNDO!
CALE A BOCA E VÁ ANDANDO! TEMPO É DINHEIRO!
ROSCAS
CACHORRO QUENTE
SEREI UMA ESPÉCIE DE LENDA EM MINHA PRÓPRIA ÉPOCA!
E EU VOS IMPLORO, AMÁVEIS CIDADÃOS! EXPERIMENTAI O SABOR DESTAS INEXCEDÍVEIS SALSICHAS!
AQUI!

DEPRESSA! ESTOU COM FOME!
LAMENTO, AMIGO, MAS ESTE MUNICIADOR RECUSA-SE A FORNECER O MARAVILHOSO KETCHUP!
RALPH HEIMDAHL
AL STOFFEL
TALVEZ, COM UM POUCO MAIS DE PRESSÃO...

EEEPA!!
SINTO MUITO, COMPANHEIRO!
SPLA-AT
FLUUT
8/27
EI! QUE HOUVE COM SEU OLHO, FRAJOLA!
REABASTEÇA-ME COM ESSAS SUAS SABOROSAS LINDEZAS... E DEIXE MINHA VIDA EM PAZ!
CACHORRO QUENTE

CEBOLINHA

MAURICIO

SORVETE

SORVETE

289

PIPOCA

PIPOCA

MAÇÃ DO AMOR

MAÇÃ DO AMOR

ALGODÃO DOCE

FIM

WALT DISNEY MICKEY

MICKEY, MEU PRESENTE PARA O CHIQUINHO CHEGOU?

OOOBA!

ACABA DE CHEGAR, MINIE!

RAPAZ! UM PRESENTE DE ANIVERSÁRIO DE TIA MINIE!

PUXA... UMA MALETA IGUAL À DE UM MÉDICO DE VERDADE!

MÉDICO MIRIM

TEM TUDO... ATÉ UM ESTOJO DE PRIMEIROS SOCORROS E UM ESTETOSCÓPIO!

E UM LIVRO DE INSTRUÇÕES! QUANDO ACABAR DE LER ISTO, PODEREI CUIDAR DE QUALQUER CASO!

PRIMEIROS SOCORROS

7-9

BEM, AQUI VAI O DR. CHIQUINHO!

PRIMEIROS SOCORROS

MINIE... DA PRÓXIMA VEZ, DÊ-LHE UMA BOLA DE FUTEBOL, SIM?...

Vida de Passarinho®
CAULOS.
017
UM, DOIS, TRES, QUATRO...
© CAULOS
CONTINUA CONTANDO "VAGALUMES," JOÃO-DE-BARRO?
VOCÊ NÃO ACHA QUE TALVEZ ESTEJA PRECISANDO DE NOVOS ÓCULOS?
QUE NADA SABIÁ, ESTOU ENXERGANDO MUITO BEM.
OLHA AÍ...
UM SUPER VAGALUME!

Zezé e Cia

de MORT WALKER
e DIK BROWNE

APOSTO QUE SERIA CAPAZ DE CHUTAR UMA BOLA A UM QUILÔMETRO DE DISTÂNCIA!

SE EU CONSEGUISSE LEVANTÁ-LA NO AR...

POSSO SAIR PARA JOGAR BOLA, MAMÃE?

ESTÁ CHOVENDO, ENTENDA, DITTO.

EU SEI...

ADORO A CHUVA.

MAS VOCÊ FICARÁ TODO MOLHADO E CHEIO DE LAMA.

MAS É DIVERTIDO.

ALÉM DISSO, A BOLA FICA ESCORREGADIA, NÃO É MESMO?

TAMBÉM É DIVERTIDO.

DEPOIS, VOCÊ PODE FICAR GRIPADO E TERÁ DE FALTAR A ESCOLA, NÃO SENHOR!

MAS...

NÃO, NÃO PODE IR JOGAR BOLA.

ISSO **TAMBÉM** É DIVERTIDO...

DIK BROWNE
7-23

FÊMUR

HECTOR SAPIA

OUTRA VEZ DORMINDO? NÃO SE ESQUEÇA QUE ESTÁ AQUI PARA DIVERTIR OS LEITORES!

SE TIVEREM UM POUCO DE PACIÊNCIA, TERMINO O SONHO QUE INTERROMPI... E DEPOIS EU CONTO.

ZZZ ZZZZ ZZ

Z

VOVÓ, VOVÓ, ACORDA!

QUE HISTÓRIA VAI ME CONTAR HOJE?

UMA QUE MINHA MÃE CONTAVA QUANDO EU ERA PEQUENA, PARA ME FAZER DORMIR.

SAPIA

219

KID FAROFA de Tom K. Ryan

ESPERO QUE CACEM MUITOS BÚFALOS, MONTES DE ALCES E...

...E UM PERDIZ QUALQUER, EMPOLEIRADO NUMA PEREIRA!!

FRANK e ERNEST

HUM! VAI TER DE ABANDONAR O GOLFE POR ALGUM TEMPO, SEU POTE!

E NADA DE GOLFE NESTAS PRÓXIMAS SEMANAS, SEU ALFREDO!

POR FAVOR, NÃO JOGUE MAIS GOLFE, SEU DUDU!

REPOUSO, SEU MARTINS! QUANTO MAIS LONGE DOS CAMPOS DE GOLFE, MELHOR!

TUDO LEGAL, ERNIE! VAMOS ANDANDO!

TEREMOS OS CAMPOS DE GOLFE, SÓ PRA NÓS, NESTES PRÓXIMOS FINS-DE-SEMANAS!

ARCA dos BICHOS de Addison

NÃO QUERO IR HOJE, QUERIDA.

VAMOS, ESTÁ DECIDIDO!

ESSE SMOKING ESTÁ APERTADO!

QUEM MANDOU ENGORDAR?

ONDE ESTÁ A MINHA GRAVATA?

NO ARMÁRIO...

ISSO É UM VESTIDO OU UMA TENDA DE CIRCO?

CALE-SE, NARIZ DE TOMATE!

NÃO CONSIGO DAR O NÓ.

DEIXE COMIGO, IDIOTA!

7-30 Addison

DETESTO ESTAS COISAS...!

VOCÊ NUNCA GOSTA DE NADA QUE EU GOSTE.

FELIZ ANIVERSÁRIO... É DIFÍCIL CRER QUE INICIAMOS NOSSOS TRABALHOS HÁ APENAS TRÊS ANOS...!

CONSELHEIRO

CAPÍTULO IV

HORÁCIO

MAURICIO

TEM TODO MEU APOIO, VIU?
PRAZER EM VÊ-LO DE VOLTA!
TCHAU!

VOCÊS AINDA AGUENTAM UM POUQUINHO SEM MAMADEIRA, NÉ?

NÃO SAIAM DAÍ, QUE EU VOU BUSCAR ALGUMA COISA PRA VOCÊS COMEREM!

NÃO PRECISA MAIS, *"PAPAI"* HORÁCIO!
!

COMO VÊ, SEM MAMADEIRA NEM NADA, JÁ ESTAMOS BEM CRESCIDINHOS!

!
SOMOS DE UMA RAÇA QUE SE ALIMENTA DE CARINHO, DE ATENÇÃO, DE AMOR! E VOCÊ NOS DEU UMA SUPERALIMENTAÇÃO!

701

AGORA ESTAMOS PRONTOS PRA VOAR EM DIREÇÃO AOS NOSSOS PAIS! ADEUS, HORÁCIO!

... E MAIS UMA COISA... INSISTA EM COMPARTILHAR SUA VIDA COM SEUS AMIGOS! ALGUÉM AINDA IRÁ ACEITÁ-LO COM SUAS... *LEMBRANÇAS!*

AGORA VEJO!
HÁ PEQUENAS SEMENTES, AQUI NA FLOR!
SERÁ QUE SE EU PLANTÁ-LAS?...

FIM

O Mago de Id

Brant parker e Johnny hart

PREPARE OS HERDEIROS PARA A LEITURA DO TESTAMENTO!

QUANDO EU CONTAR ATÉ TRÊS, COMECEM A FUNGAR!

POR QUE TANTA DEMORA?
TEMOS MAIS O QUE FAZER!
TÔ OCUPADO!
VAMOS LOGO COM ISSO!!

SEU TIO JORGE QUERIA QUE O SEU TESTAMENTO FOSSE DIVIDIDO IGUALMENTE ENTRE OS SENHORES!
AH! O VELHO JORGE!
GRANDE SUJEITO!
QUE BELO HOMEM!

RIP RIP TEAR

AQUI ESTÁ SUA PARTE...
...A SUA...
...E A SUA!

O CIRCO LAMBE-LAMBE

Daniel Azulay

RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
E AÍ, COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?

VAMOS AMPLIAR O PIPAROTI?

BASTA SEGUIR OS NÚMEROS.

CORTE

COM UM PEDAÇO DE ESPIRAL DE CADERNO VELHO, DUAS ROLHAS, PALITOS DE FÓSFORO E PAPEL VOCÊ PODE CONSTRUIR ESTE PORQUINHO.

LINDÃO, NÉ?... VEJA COMO É FÁCIL! RECORTE AS PARTES DO ÍNDIO E AS DO CAVALO E MONTE-AS NOS LUGARES PONTILHADOS! USE LINHA DE NOVELO PARA AS RÉDEAS!

MAS O QUE É QUE O TRISTINHO ESTÁ FAZENDO AÍ? VAMOS UNIR OS PONTOS E VER NO QUE É QUE ELE SE METEU!

O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO, PITA?

IH, QUE LEGAL! AH! AH! AH!

DEIXEM EU VER!

CUIDADO!!

RASG!

A-ACEITA DUAS ENTRADAS PARA O CIRCO?